

BOX DIGITAL

AMOR &
LIVROS

AMOR & GELATO

AMOR & SORTE

AMOR & AZEITOMAS

JENNA EVANS WELCH



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

Copyright © 2021 by Jenna Evans Welch

ARTE DE BOX

Larissa Fernandez e Leticia Fernandez, com elementos das artes de Karina Granda e Antonio Rhoden

E-ISBN

978-65-5560-310-1

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 Facebook [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 Tik Tok [@intrinseca](https://www.tiktok.com/@intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Créditos do box](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

AMOR & GELATO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Agradecimentos

AMOR & SORTE

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Prólogo

Wild Atlantic Way

Falésias de Moher

Burren

Península de Dingle

Parque Nacional de Killarney

Pedra Blarney

Cobh

Anel de Fadas Secreto

Amor & sorte

Epílogo

Agradecimentos

AMOR & AZEITONAS

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

intrínseca

AMOR & GELATO



∞ JENNA EVANS WELCH ∞

AMOR & GELATO

Jenna Evans Welch

Tradução de Joana Faro



Copyright © 2016 by Jenna Evans Welch

Publicado originalmente pela Simon Pulse, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division.

TÍTULO ORIGINAL

Love & Gelato

PREPARAÇÃO

Cristiane Pacanowski

Isis Batista Pinto

REVISÃO

Marina Góes

Laís Curvão

ARTE DE CAPA

Karina Granda

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para David,
Por ser minha história de amor*



Prólogo



VOCÊ JÁ TEVE dias ruins, não é? Sabe aqueles em que o alarme não toca, o pão praticamente pega fogo na torradeira e você lembra tarde demais que todas as suas roupas estão encharcadas, esquecidas na máquina de lavar? Aí você entra correndo na escola, quinze minutos atrasada, *rezando* para ninguém notar que seu cabelo está igual ao da noiva do Frankenstein, mas bem na hora em que senta no seu lugar, o professor berra um "Atrasada hoje, Lina?" e todo mundo olha para você.

Aposto que você já teve dias assim. Todos nós temos. Mas e quanto aos dias péssimos? Aqueles tão tensos e horríveis que trituram as coisas de que você gosta só pelo prazer de cuspi-las na sua cara?

O dia em que minha mãe me contou sobre Howard se encaixa perfeitamente na categoria dos *péssimos*, mas, na época, isso era a menor das minhas preocupações.

Eu tinha começado o segundo ano do ensino médio duas semanas antes e estava voltando com minha mãe de uma consulta médica dela. O silêncio reinava dentro do carro, exceto pelo comercial no rádio com as vozes de dois imitadores do Arnold Schwarzenegger, e, embora fosse um dia quente, minhas pernas estavam arrepiadas. Naquela manhã, eu havia chegado em segundo lugar na minha primeira maratona estudantil e não conseguia acreditar em como aquilo se tornara insignificante.

Minha mãe desligou o rádio.

— Como está se sentindo, Lina?

Sua voz estava calma, mas quando olhei para ela comecei a chorar de novo. Ela estava muito pálida e magra. Como eu não tinha notado que ela emagrecera *tanto*?

— Não sei — respondi, tentando manter a voz calma. — Acho que estou em choque.

Ela assentiu, parando no sinal. O sol fazia de tudo para nos ofuscar, e eu olhei diretamente para ele, mesmo com os olhos ardendo. *Este é o dia em que tudo vai mudar*, pensei. *De agora em diante, haverá o antes e o depois de hoje*.

Minha mãe pigarreou e se empertigou como se tivesse algo importante a me dizer.

— Lina, já contei sobre a vez em que me desafiaram a nadar num chafariz?

Eu me virei para ela.

— O quê?

— Lembra que contei que passei um ano estudando em Florença? Eu tinha saído para tirar fotos com um pessoal da minha turma, e o dia estava tão quente que achei que fosse derreter. Um amigo meu, Howard, me desafiou a entrar num chafariz.

Não se esqueçam de que tínhamos acabado de receber a pior notícia do mundo. *A pior*.

— ... Eu assustei um grupo de turistas alemães. Eles estavam posando para uma foto, e quando saí da água um deles perdeu o equilíbrio e quase caiu no chafariz comigo. Eles ficaram furiosos, então Howard gritou que eu estava me afogando e pulou na minha direção.

Ela olhou para mim e deu um sorrisinho.

— Hã... mãe? É engraçado e tal, mas por que você está me contando isso agora?

— Eu só queria falar do Howard. Ele era muito divertido.

O sinal abriu, e ela pisou no acelerador.
O quê?, pensei. O quê? O quê? O quê?

* * *

A princípio, achei que a história do chafariz fosse um mecanismo de defesa, como se talvez ela achasse que falar sobre um velho amigo pudesse nos fazer esquecer aqueles dois blocos de concreto que pendiam sobre nossa cabeça. *Inoperável. Incurável.* Mas então ela me contou outra história. E mais uma depois dessa. E chegou ao ponto em que ela começava a falar e, depois de três palavras, eu sabia que ia mencionar o tal de Howard. E quando finalmente me contou o porquê de todas aquelas histórias sobre o amigo, bem... Digamos apenas que a ignorância é uma bênção.

— Lina, eu quero que você vá para a Itália.

Estávamos no meio de novembro, e eu havia me sentado diante da cama de hospital dela com uma pilha de revistas velhas de beleza que roubara da sala de espera. Eu tinha passado os últimos dez minutos fazendo um quiz chamado "Numa escala de frio a fervente: quão sexy você é?", e fiz sete pontos num total de dez.

— Itália? — perguntei, meio distraída.

A pessoa que fizera o quiz antes de mim gabaritou, e eu estava tentando descobrir como isso era possível.

— Falei que quero que você vá morar na Itália. Depois.

Aquilo chamou minha atenção. Para começar, eu não acreditava no *depois*. Sim, o câncer da minha mãe estava progredindo exatamente do jeito que os médicos explicaram que aconteceria, mas eles não sabiam de tudo. Naquela manhã mesmo, eu tinha salvado nos meus favoritos uma matéria sobre uma mulher que

subira o Monte Kilimanjaro depois de vencer um câncer. E tem outra coisa: *Itália*?

— Mas por quê? — perguntei, sem ser grosseira.

Era importante não contrariar minha mãe. Evitar estresse ajuda na recuperação.

— Quero que você fique com o Howard. O ano que passei na Itália significou muito para mim, e quero que você viva a mesma experiência.

Olhei o botão para chamar as enfermeiras. *Ficar com Howard na Itália? Será que tinham dado morfina demais a ela?*

— Lina, olhe para mim. — Ela usou seu tom autoritário que dizia “Mocinha, eu sou sua mãe”.

— Howard? O cara de quem você não para de falar?

— Sim. Ele é o melhor homem que já conheci. Vai mantê-la a salvo.

— A salvo *de quê?*

Eu olhei para ela, e de repente comecei a ficar ofegante. Minha mãe estava falando sério. Será que tinha algum saco de papel por ali?

Ela balançou a cabeça, com os olhos brilhando.

— Vai ser... difícil. Não precisamos falar disso agora, mas queria que você ouvisse de mim mesma sobre essa decisão. Você vai precisar de alguém. Depois. E acho que ele é a melhor pessoa.

— Mãe, isso nem faz sentido. Por que eu iria morar com um desconhecido?

Eu me levantei e comecei a vasculhar as gavetas na mesinha de cabeceira dela. Devia ter um saco de papel em *algum lugar*.

— Lina, sente-se.

— Mas, mãe...

— Sente-se. Você vai ficar bem. Você vai conseguir. Sua vida vai seguir em frente e vai ser maravilhosa.

— Não. *Você* vai conseguir. Às vezes as pessoas se recuperam.

— Lina, Howard é um amigo maravilhoso. Você vai amá-lo.

— Duvido. E se ele é um amigo tão bom assim, por que nunca o conheci?

Desisti de encontrar um saco, então me joguei de novo na cadeira e coloquei a cabeça entre os joelhos.

Ela se sentou com dificuldade, depois estendeu a mão, tocando as minhas costas.

— As coisas eram meio complicadas entre nós, mas ele quer conhecê-la. E disse que adoraria que você ficasse com ele. Prometa que vai tentar. Pelo menos por alguns meses.

Bateram à porta. Nós duas erguemos o rosto e vimos uma enfermeira com um uniforme azul-bebê.

— Só vim checar como vocês estão — disse ela, cantarolando.

Ou estava ignorando ou não percebeu minha expressão.

Numa Escala de Tranquilo a Tenso, o quarto estava mais ou menos 100 para 10.

— Bom dia. Eu estava dizendo à minha filha que ela deve ir para a Itália.

— Itália — repetiu a enfermeira, com um suspiro. — Passei minha lua de mel lá. Gelato, a Torre de Pisa, as gôndolas de Veneza... Você vai adorar.

Minha mãe abriu um sorriso triunfante para mim.

— Mãe, *não*. Eu não vou pra Itália de jeito nenhum.

— Mas, querida, você precisa ir — insistiu a enfermeira. — Vai ser uma experiência única.

No fim das contas, a enfermeira estava certa sobre uma coisa: eu precisava ir. Mas ninguém me deu nenhuma pista do que eu

encontraria quando chegasse lá.



Capítulo 1



A CASA SE destacava ao longe como um farol num mar de lápides. *Não é possível que aquela fosse a casa dele!* Provavelmente, só estávamos seguindo algum costume italiano. *Sempre dê uma passada no cemitério com os recém-chegados. Para dar uma noção da cultura local.* É, só podia ser isso.

Entrelacei os dedos no colo e meu estômago gelou conforme nos aproximávamos da casa. Era como ver o tubarão saindo das profundezas do oceano e vindo na minha direção. *Taaan tan.* Só que eu não estava num filme. Aquilo era real. E me esperava a uma curva de distância. *Não entra em pânico. Não pode ser. Sua mãe não teria mandado você morar num cemitério. Ela teria avisado. Ela teria...*

Ele ligou a seta, e eu perdi o fôlego. *Ela simplesmente não me contou.*

— Você está bem?

Howard, a quem eu talvez devesse chamar de pai, me olhava com uma expressão preocupada. Provavelmente porque eu tinha acabado de soltar um chiado.

— É aqui que você...? — Fiquei sem palavras, então tive que apontar.

— Bem, é, sim. — Ele hesitou por um instante, depois apontou para a janela. — Lina, você não sabia? Sobre tudo isso?

“Tudo isso” não chegava nem perto de descrever o imenso cemitério iluminado pelo luar.

— Minha avó disse que eu ficaria na propriedade de um americano. Ela contou que você administra um memorial da Segunda Guerra. Eu não achei que...

O pânico escorria sobre mim como calda quente. Além disso, eu não conseguia concluir uma única frase. *Respira, Lina. Você já sobreviveu ao pior. Pode sobreviver a isto também.*

Ele apontou para a extremidade do terreno.

— O memorial é aquele prédio lá, mas no resto da propriedade ficam os túmulos dos soldados americanos mortos na Itália durante a guerra.

— Mas esta não é sua *casa* de verdade, é? É só seu local de trabalho.

Em vez de responder, ele parou na entrada e senti minha última esperança se apagar junto com os faróis do carro. Não era apenas uma casa. Era um *lar*. Gerânios vermelhos ladeavam o caminho da entrada, e um balanço rangia na varanda, como se alguém tivesse acabado de se levantar. Tirando as cruzes que cobriam os gramados ao redor, era uma casa normal num bairro como outro qualquer. Só que não era um bairro como outro qualquer. E não parecia que aquelas cruzes saíam dali. Nunca.

— Eles preferem que um administrador fique aqui em tempo integral, por isso construíram esta casa nos anos 1960. — Howard tirou a chave da ignição, depois tamborilou os dedos no volante, nervoso. — Sinto muito, Lina. Achei que você soubesse. Não posso nem imaginar o que está se passando pela sua cabeça agora.

— É um cemitério. — Minha voz estava fraca como chá aguado.

Ele se virou para mim sem me olhar nos olhos.

— Eu sei. E a última coisa de que você precisa é um lembrete de tudo pelo que passou este ano. Mas acho que vai acabar gostando. É bem tranquilo e tem uma história muito interessante. Sua mãe

amava este lugar. E depois de passar quase dezessete anos aqui, não consigo me imaginar morando em nenhum outro.

A voz dele era esperançosa, mas eu afundei no banco, com um monte de perguntas surgindo na cabeça. *Se ela amava tanto este lugar, por que nunca me falou dele? Por que nunca me falou de você até ficar doente? E, por tudo o que é mais sagrado, por que ela se esqueceu deste pequeno detalhe: contar que você é meu PAI?*

Howard absorveu meu silêncio por um instante, depois abriu a porta do carro.

— Vamos entrar. Deixa que eu pego sua mala.

Com seu um metro e noventa e cinco de altura, ele contornou a traseira do carro, e eu me estiquei para a frente para observá-lo pelo retrovisor. Quem preencheria as lacunas fora minha avó. *Ele é seu pai; é por isso que sua mãe quis que você fosse morar lá.* Eu deveria ter imaginado, mas a verdadeira identidade do bom e velho Howard era algo que minha mãe deveria pelo menos ter *mencionado*.

Howard fechou o porta-malas, e eu me recompus e comecei a mexer na mochila, ganhando mais alguns segundos. *Coloca essa cabeça pra funcionar, Lina. Você está sozinha em outro país, um verdadeiro gigante acabou de assumir que é seu pai e sua nova casa poderia ser o cenário de um filme de apocalipse zumbi. Faz alguma coisa.*

Mas o quê? A não ser que eu arrancasse as chaves do carro das mãos do Howard, não conseguia pensar em nenhum jeito de escapar daquela casa. Finalmente, soltei o cinto de segurança e o segui até lá.

* * *

A casa era rigorosamente normal, como se para compensar a localização. Howard deixou minha mala ao lado da porta e fomos para a sala, onde havia duas poltronas e um sofá de couro. Vários pôsteres de viagem antigos estavam pendurados nas paredes, e o lugar inteiro cheirava a alho e cebola, mas de um jeito bom, é claro.

— Bem-vinda ao lar — disse Howard, acendendo a luz. Um novo pânico me atingiu em cheio, e ele estremeceu ao ver minha expressão. — Quer dizer, bem-vinda à Itália. Estou muito feliz por você estar aqui.

— Howard.

— Oi, Sonia.

Uma mulher alta com postura de gazela entrou na sala. Ela devia ser alguns anos mais velha que Howard, tinha a pele cor de café e ostentava várias pulseiras douradas nos braços. Estava deslumbrante. E também surpresa.

— Lina — disse ela, enunciando meu nome cuidadosamente. — Você chegou. Como foram os voos?

Fiquei um pouco sem jeito. Será que ninguém ia fazer a gentileza de nos apresentar?

— Bons. Mas o último foi muito longo.

— Estamos muito felizes por você estar aqui.

Ela sorriu para mim, e um silêncio pesado se instalou.

Finalmente, eu dei um passo à frente.

— Então... você é a esposa do Howard?

Howard e Sonia se entreolharam e quase tiveram um ataque de riso.

Lina Emerson, gênio da comédia.

Howard só conseguiu parar de rir alguns segundos depois.

— Lina, esta é Sonia. Ela é a superintendente-assistente do cemitério. E trabalha aqui há mais tempo do que eu.

— Só alguns meses a mais — explicou Sonia, enxugando os olhos. — Howard sempre me faz parecer um dinossauro. Minha casa também fica nesta propriedade, um pouco mais perto do memorial.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Só nós dois. Agora nós três — respondeu ele.

— E uns quatro mil soldados — acrescentou Sonia, sorrindo.

Ela estreitou os olhos para Howard, e eu olhei para trás bem a tempo de vê-lo passar o indicador freneticamente sobre a garganta. Comunicação não verbal. Ótimo.

O sorriso da Sonia desapareceu.

— Lina, você está com fome? Eu fiz lasanha.

Então era *daí* que vinha o cheiro.

— Estou morrendo de fome — admiti.

E não estava exagerando.

— Que bom. Lasanha com pão de alho cheio de alho é minha especialidade.

— Boa! — exclamou Howard, dando um soco no ar, exageradamente triunfante. — Nada como ser mimado por Sonia.

— É uma noite especial, então achei que deveria caprichar. Lina, acho que você vai querer lavar as mãos, certo? Vou pôr a mesa, nos encontre na sala de jantar.

Howard apontou para o outro lado da sala.

— O banheiro fica ali.

Eu assenti, depois coloquei a mochila na poltrona mais próxima e praticamente fugi para o banheiro. O cômodo era minúsculo, mal tinha espaço para um vaso sanitário e uma pia. Deixei a água ficar o mais quente que consegui aguentar e esfreguei as mãos com um pedaço de sabonete que estava na borda da pia, para me livrar de qualquer vestígio da viagem.

Enquanto me lavava, tive um vislumbre de mim mesma no espelho e soltei um gemido. Eu parecia alguém que foi arrastada por três fusos horários. O que, para ser sincera, tinha de fato acontecido. Além das olheiras, minha pele, em geral bronzeada, estava pálida e amarelada. Meu *cabelo* enfim tinha conseguido desafiar as leis da física. Molhei as mãos e tentei domar os cachos, mas isso só serviu para deixá-los ainda mais desganhados. Acabei desistindo. E daí que eu estava parecendo um porco-espinho que tinha acabado de tomar Red Bull? Pais devem aceitar os filhos como eles são, não é?

Do lado de fora do banheiro, uma música começou a tocar e a chama que era meu nervosismo se transformou numa fogueira. Será que eu precisava mesmo jantar? Talvez pudesse me esconder em algum quarto enquanto caía a ficha daquela coisa toda de cemitério. Ou não. Mas meu estômago roncou em protesto e aiii... Sim, eu precisava mesmo jantar.

— Aí está ela — disse Howard, levantando-se.

A mesa estava posta com uma toalha xadrez vermelha, e um rock das antigas, que eu já tinha ouvido em algum lugar, tocava num iPod perto da entrada da sala. Eu me sentei, num lugar diante deles, e Howard fez o mesmo.

— Espero que você esteja com fome. Sonia cozinha muito bem. Acho que essa é a verdadeira vocação dela.

Agora que não estávamos mais sozinhos, ele parecia muito mais relaxado.

Sonia sorriu.

— Nem pensar. O meu destino era morar no memorial.

— Está com uma cara boa. — E com “boa” eu queria dizer *deliciosa*.

Havia uma travessa fumegante de lasanha ao lado de uma cesta de fatias grossas de pão de alho e uma tigela de salada cheia de tomates e alfaces crocantes. Precisei de toda a minha força de vontade para não atacar a comida.

Sonia cortou a lasanha e colocou um grande pedaço com queijo escorrendo no meio do meu prato.

— Fique à vontade para se servir de pão e salada. *Buon appetito*.

— *Buon appetito* — repetiu Howard.

— *Buon appe...* sei lá o quê — murmurei.

Assim que todos foram servidos, peguei o garfo e comecei a devorar a lasanha. Eu sabia que devia estar parecendo um animal selvagem, mas depois de um dia inteiro à base de comida de avião, não consegui me controlar. As refeições do voo pareciam vir em porções *miniaturas*. Quando finalmente fiz uma pausa para respirar, Sonia e Howard estavam me olhando, e ele parecia ligeiramente horrorizado.

— Então, Lina, o que você gosta de fazer? — perguntou Sonia.

Eu peguei um guardanapo.

— Além de assustar as pessoas com meus modos à mesa?

Howard soltou uma risadinha.

— Sua avó me contou que você adora correr. Ela disse que você faz uma média de sessenta e cinco quilômetros por semana e que pretende praticar corrida na faculdade.

— Bem, isso explica o apetite. — Sonia fez menção de me servir mais um pedaço e eu ergui o prato, agradecida. — Você corre na escola?

— Corria. Eu era da equipe principal, mas perdi a vaga depois que descobrimos.

Os dois ficaram me olhando sem dizer nada.

— ... depois que descobrimos o câncer. Os treinos me tomavam muito tempo, e eu não queria ficar saindo sempre da cidade e coisas do tipo.

Howard assentiu.

— Acho o cemitério um ótimo lugar para uma corredora. Tem muito espaço e ruas planas. Eu costumava correr aqui, antes de ficar gordo e preguiçoso.

Sonia revirou os olhos.

— Ah, por favor. Você não conseguiria ficar gordo nem se tentasse. — Ela empurrou a cesta de pão de alho na minha direção. — Você sabia que eu e sua mãe éramos amigas? Ela era encantadora. Muito talentosa e alegre.

Não, ela também não me contou isso. Será que eu tinha sido vítima de um elaborado esquema de sequestro? Será que sequestradores me dariam dois pedaços da melhor lasanha que eu já tinha comido na vida? E se eu implorasse, será que me passariam a receita?

Howard pigarreou, e isso me fez voltar a prestar atenção na conversa.

— Desculpem. Humm, não. Ela nunca falou de você.

Sonia assentiu, com o rosto indecifrável, e Howard olhou para ela, depois para mim.

— Você deve estar exausta. Quer ligar para alguém? Eu mandei uma mensagem para sua avó quando você chegou, mas fique à vontade para ligar para ela. Tenho um plano de chamadas internacionais no celular.

— Posso ligar para a Addie?

— É aquela amiga com quem você estava morando?

— É. Mas eu trouxe o laptop. Em vez de ligar, posso fazer um FaceTime.

— Talvez não funcione hoje. A tecnologia aqui na Itália não é das melhores, e nossa conexão de internet ficou lenta o dia inteiro. Chamei alguém para dar uma olhada amanhã, mas nesse meio-tempo você pode usar meu celular.

— Obrigada.

Ele se levantou da mesa.

— Alguém quer vinho?

— Sim, por favor — disse Sonia.

— Lina?

— Humm... eu meio que ainda não tenho idade pra beber.

Ele sorriu.

— Na Itália não tem idade mínima para beber, então acho que aqui é meio diferente, mas fique à vontade.

— Bem, fica pra próxima.

— Já volto. — Ele foi até a cozinha.

A sala ficou em silêncio por uns dez segundos, depois Sonia pousou o garfo no prato.

— Estou muito feliz por você estar aqui, Lina. E quero que saiba que, se precisar de qualquer coisa, é só gritar. Literalmente.

— Obrigada.

Fixei o olhar num ponto logo acima do ombro esquerdo dela. Adultos sempre se esforçavam demais comigo. Eles achavam que se fossem muito legais conseguiriam compensar a perda da minha mãe. Isso era fofo e horrível ao mesmo tempo.

Sonia se virou para a cozinha e baixou a voz.

— Você se incomodaria de passar na minha casa amanhã? Quero lhe dar uma coisa.

— O quê?

— Falamos disso lá. Aproveite esta noite para se ambientar.

Eu me limitei a balançar a cabeça. Ia me ambientar o mínimo possível. Não ia nem desfazer a mala.

* * *

Depois do jantar, Howard fez questão de carregar minhas coisas para o segundo andar.

— Espero que goste do seu quarto. Tem umas semanas que pinte e redecorei, e acho que ficou bem bonito. Mantenho a maioria das janelas abertas no verão, assim fica mais fresco, mas pode fechar quando quiser. — Ele deixou minha mala perto da porta, e falava rápido, como se tivesse passado a tarde inteira ensaiando seu discurso de boas-vindas.

— O banheiro é do outro lado do corredor, e coloquei um sabonete novo e xampu lá. Avise se precisar de mais alguma coisa que compro amanhã, está bem?

— Ok.

— E, como falei, a internet anda bem irregular, mas se resolver tentar, o wi-fi é "cemitério americano".

Claro.

— E qual é a senha?

— Muro dos desaparecidos. Tudo junto.

— Muro dos desaparecidos — repeti. — O que isso significa?

— É uma parte do memorial. São várias placas de pedra com uma lista de nomes dos soldados cujos corpos nunca foram encontrados. Posso lhe mostrar amanhã se você quiser.

Nããã, obrigada.

— Bem, estou bem cansada, então... — Eu me aproximei da porta.

Entendendo a indireta, ele me entregou o celular e um pedaço de papel.

— Anotei as instruções para ligar para os Estados Unidos. Você precisa colocar o código do país e o código de área. Avise se tiver algum problema.

— Obrigada. — Coloquei o papel no bolso.

— Boa noite, Lina.

— Boa noite.

Ele deu as costas e saiu pelo corredor, e eu arrastei minha mala para dentro, sentindo os ombros relaxarem de alívio por finalmente estar sozinha. *Bem, você está mesmo aqui*, pensei, *você e seus quatro mil novos amigos*. Havia uma chave na porta, e fiquei satisfeita ao ouvir o clique quando a tranquei. Então me virei devagar, me preparando para o que quer que Howard quisesse dizer com “bem bonito”, mas meu coração quase parou de bater, porque *nossa...*

O quarto era perfeito. Uma luz suave emanava do lindo abajur dourado na mesa de cabeceira, e a cama, cheia de almofadas, parecia ser do século passado. Uma escrivaninha e uma cômoda pintadas ficavam uma de cada lado do quarto, e havia um grande espelho oval pendurado na parede ao lado da porta. Vários porta-retratos vazios ocupavam a mesa de cabeceira e a cômoda, como se esperando que eu os preenchesse.

Fiquei ali observando tudo por um minuto. Era tão *eu*. Como era possível alguém que nem me conhecia ter montado o quarto dos meus sonhos? Talvez nem tudo estivesse perdido...

E então uma rajada de vento soprou para dentro do quarto, chamando minha atenção para a grande janela aberta. Eu tinha ignorado minha própria regra: *Se parecer bom demais para ser verdade, provavelmente é mentira*. Fui até lá e espiei pela janela. As

lápides brilhavam sob o luar como dentes num sorriso sombrio e estranhamente silencioso. Nenhuma beleza poderia compensar uma vista como aquela.

Saí da janela e tirei o papel do bolso. Era hora de começar a planejar minha fuga.



Capítulo 2



SADIE DANES PODE até ser uma das piores pessoas do planeta, mas sempre ocupará um lugar especial no meu coração. Afinal de contas, devo a ela minha melhor amiga.

Eu estava começando o sétimo ano. Addie tinha acabado de se mudar de Los Angeles para Seattle, e um dia, depois da aula de educação física, ouviu Sadie comentar que algumas meninas da turma não precisavam usar sutiã. Só que, na boa... estávamos no sétimo ano... Só um por cento da sala precisava usar sutiã. E eu, no caso, precisava *menos* ainda, então todo mundo sabia que ela estava falando mim. Tudo o que fiz foi ignorar Sadie (em outras palavras, enfiei minha cabeça pré-adolescente no armário, piscando para conter as lágrimas), já Addie empurrou a garota na saída do vestiário. Desde então, ela nunca mais parou de me defender.

— Sai. Pode ser a Lina. — A voz da Addie estava distante, como se ela estivesse segurando o celular afastado do rosto. — Alô?

— Addie, sou eu.

— Lina! IAN, SAI DE PERTO DE MIM.

Ouvi gritos abafados e depois o que pareceu uma briga de facas entre ela e o irmão. Addie tinha três irmãos mais velhos, mas não tinha nada de irmãzinha mais nova mimada. Na verdade, eles pareciam mais ter feito um pacto para tratá-la como um garoto. Isso explicava muito sobre a personalidade dela.

— Desculpa — disse ela quando finalmente voltou a falar comigo. — O Ian é um idiota. Passaram com o carro por cima do celular dele e agora meus pais querem que a gente divida o meu. Não me

interessa o que aconteceu. Não vou dar meu número para os amigos trogloditas dele.

— Ah, qual é, eles não são *tão* ruins assim.

— Nem vem. Você sabe que são. Hoje de manhã peguei um deles comendo o nosso cereal. Ele tinha despejado uma caixa inteira numa tigela e estava comendo com uma concha de sopa. Acho que o Ian nem estava em casa.

Eu sorri e fechei os olhos por um instante. Se Addie fosse uma super-heroína, seu poder seria a capacidade de fazer sua melhor amiga se sentir normal. Nas primeiras semanas sombrias depois do enterro, era ela quem me tirava de casa para correr e insistia que eu fizesse coisas como comer e tomar banho. Aquele tipo de amiga que a gente sabe que não merece.

— Espera um pouco. Por que estamos perdendo tempo falando dos amigos do Ian? Você já deve ter conhecido o Howard.

Abri os olhos.

— Meu pai, você quer dizer?

— Eu me recuso a chamar de seu pai. Nem sabíamos que ele existia até dois meses atrás.

— Menos até.

— Lina, estou morrendo de curiosidade. Como ele é?

Olhei para a porta do quarto. Ainda dava para ouvir a música lá de baixo, mas mesmo assim baixei a voz.

— Digamos apenas que preciso sair daqui. Imediatamente.

— Como assim? Ele é bizarro?

— Não. Na verdade, ele até que é legal. É, tipo, alto que nem um jogador da NBA, o que me surpreende. Mas essa não é a parte ruim.

— Respirei fundo. Addie precisava daquela pausa dramática. — Ele é administrador de um cemitério. Ou seja, eu tenho que morar num cemitério.

— O QUÊ?

Eu já estava segurando o celular a uns bons dez centímetros da orelha, esperando sua reação.

— Você está morando num *cemitério*? Ele é *coveiro ou coisa do tipo*? — Ela sussurrou a última parte.

— Acho que não enterram mais ninguém aqui. Todos os túmulos são da Segunda Guerra Mundial.

— Como se isso melhorasse as coisas! Lina, precisamos tirar você daí. Não é justo. Primeiro você perde a mãe, e agora tem que se mudar pro outro lado do mundo e morar com um cara que de repente diz ser seu pai? E a casa dele é num *cemitério*? Fala sério, isso já passou dos limites.

Eu me sentei à escrivaninha, virando a cadeira de costas para a janela.

— Juro, se eu imaginasse no que estava me metendo, teria resistido mais ainda. Este lugar é *estranho*. Tem lápides por todo lado, e parece que estamos muito longe da civilização. No caminho até aqui vi algumas casas pela estrada, mas fora isso parece que ao redor do cemitério não tem nada além de mato.

— Não acredito. Vou buscar você. Quanto custa uma passagem de avião? Mais de trezentos dólares? Porque é tudo o que eu tenho depois do nosso probleminha com o hidrante.

— Você nem bateu com tanta força!

— Diz isso pro mecânico. Pelo visto, ele teve que trocar o para-choque inteiro. E a culpa é toda sua. Se você não estivesse dançando que nem uma louca, provavelmente eu não teria sido obrigada a dançar também.

Eu sorri e cruzei as pernas na cadeira.

— Se você não consegue se controlar quando toca um clássico da Britney no rádio *não* é culpa minha. Mas você precisa de ajuda pra

pagar? Meus avós estão tomando conta do meu dinheiro, mas tenho mesada.

— Não, claro que não. Você vai precisar do dinheiro pra ir embora da Itália. E acho mesmo que meus pais vão adorar se você voltar a morar aqui. Minha mãe acha você uma boa influência. Ela ficou um mês comentando que você coloca os pratos na lava-louças.

— Pois é, *sou* extraordinária.

— Não me diga. Tudo bem, vou conversar com eles em breve. Só preciso esperar minha mãe se acalmar. Ela está cuidando de um evento beneficente de futebol americano pro Ian, mas parece que está organizando um baile de debutantes. Sério, ela está *superestressada*. Surtou completamente ontem à noite porque nenhum de nós comeu o macarrão gratinado que ela fez.

— Poxa, eu gosto do macarrão gratinado dela. Aquele com atum, né?

— Eca, duvido. Você devia ter acabado de correr cento e cinquenta quilômetros e estar morrendo de fome quando comeu. Sem falar que você não recusa comida nenhuma.

— Isso é verdade — admiti. — Mas, Addie, não se esquece de que é minha avó quem precisamos convencer. Ela está adorando que eu more aqui.

— O que não faz o menor sentido. Por que ela mandou você pro outro lado do mundo para ficar com um desconhecido? Ela nem conhece o cara.

— Acho que ela não sabia mais o que fazer. A caminho do aeroporto ela me disse que estava pensando em ir morar com meu avô num lar pra idosos. Cuidar dele está sendo pesado pra ela.

— E é por isso que você deve morar com *a gente*. — Addie bufou.
— Não esquenta. Deixa comigo. Vou levar a vó Rachele pra comprar

aquelas balas de caramelo que os velhinhos gostam e aproveito pra falar que a casa dos Bennet é a melhor opção pra você.

— Obrigada, Addie.

Ambas paramos de falar, e o som dos insetos e da música do Howard preencheu o breve silêncio entre nós. Eu queria entrar pelo celular e voltar para Seattle. Como ia sobreviver sem minha melhor amiga?

— Por que você está tão quieta? O Coveiro está aí?

— Estou no meu quarto, mas tenho a sensação de que o som se propaga nesta casa. Não sei se ele consegue me ouvir ou não.

— Que ótimo. Então você não pode nem falar com privacidade. Seria melhor criarmos um código pra eu saber se você está bem. Diga “azulão” se estiver sendo mantida como refém.

— Azulão? Não deveria ser uma palavra mais comum?

— Droga. Agora fiquei confusa. Você disse a palavra, mas não sei se estava falando sério. Você está ou não sendo mantida como refém?

— Não, Addie. Não estou sendo mantida como refém. — Eu suspirei. — Talvez eu seja refém apenas da promessa que fiz pra minha mãe.

— É, mas será que as promessas valem mesmo se forem feitas com base numa mentira? Sem querer ofender, mas sua mãe não foi exatamente honesta sobre por que queria que você fosse para a Itália.

— Eu sei. — Respirei fundo. — Espero que haja um motivo pra isso.

— Talvez.

Eu me virei para trás e olhei pela janela. A lua tocava a copa escura das árvores, e se eu não soubesse onde estava, teria achado a vista deslumbrante.

— Preciso desligar. Estou usando o celular dele e devo ter gastado uma fortuna.

— Tudo bem. Liga de novo assim que puder. E, sério, não se preocupa. Tiraremos você daí logo logo.

— Obrigada, Addie. Espero conseguir falar com você pelo FaceTime amanhã.

— Vou esperar ao lado do computador. Como as pessoas se despedem na Itália? “Chou”? “Chau”?

— Não faço a menor ideia.

— Mentirosa. Era você que sempre falava em viajar pelo mundo.

— Eles cumprimentam e se despedem com “ciao”.

— Eu sabia. *Ciao*, Lina.

— *Ciao*.

Nossa ligação terminou e coloquei o celular na escrivaninha, sentindo um nó na garganta. Eu já estava com saudade dela.

— Lina?

Howard! Quase caí da cadeira. Será que ele estava escutando a conversa?

Eu me levantei às pressas e abri uma fresta da porta. Howard estava parado no corredor segurando várias toalhas brancas dobradas, empilhadas como um bolo de casamento.

— Espero não ter interrompido — disse rapidamente. — Só lembrei que precisava lhe entregar isto.

Eu observei seu rosto, mas estava inexpressivo como água parada. Ao que parecia, o parentesco não significava nada. Eu não sabia se ele tinha ouvido minha conversa com Addie.

Hesitei por um segundo, depois abri a porta um pouco mais e peguei as toalhas.

— Obrigada. E aqui está seu celular. — Eu o peguei na escrivaninha e entreguei a ele.

— Então... o que você acha?

Eu enrubesci.

— Sobre...?

— Sobre seu quarto.

— Ah. Ficou ótimo. Lindo.

Um grande sorriso de alívio se abriu no rosto dele. Sem dúvida era o primeiro sorriso genuíno da noite, e ele pareceu uns cinquenta quilos mais leve. Além disso, seu sorriso era meio assimétrico.

— Que bom. — Ele se apoiou no batente da porta. — Sei que meu gosto não é dos melhores, mas queria que ficasse bonito. Uma amiga me ajudou a pintar a escrivaninha e a cômoda, e Sonia e eu encontramos o espelho numa feira de antiguidades.

Putz. Comecei a imaginar Howard passeando pela Itália à procura de objetos que achava que eu ia gostar. Por que o interesse repentino? Até onde eu sabia, ele nunca tinha enviado nem um cartão de aniversário.

— Não precisava ter se incomodado.

— Não foi incômodo nenhum. Sério.

Ele sorriu outra vez, e houve um momento de silêncio longo e desconfortável. A noite inteira parecera um encontro às cegas com alguém com quem eu não tinha nada em comum. Não, era ainda pior. Porque nós *tínhamos* algo em comum. Só não estávamos tocando no assunto. *Quando vamos tocar nesse assunto?*

Tomara que nunca.

Howard balançou a cabeça.

— Bem, boa noite, Lina.

— Boa noite.

Seus passos desapareceram pelo corredor e eu tranquei novamente a porta. Minhas dezenove horas de viagem tinham me

atingido bem no meio da testa, e eu estava com uma dor de cabeça insana. Já era hora de aquele dia terminar.

Coloquei as toalhas em cima da cômoda, tirei os sapatos e pulei na cama, jogando as almofadas para todos os lados. *Finalmente*. O colchão era tão macio quanto parecia, e os lençóis tinham um cheiro maravilhoso, o mesmo cheiro de quando minha mãe pendurava os nossos na corda para secar. Eu me enfiei embaixo das cobertas e desliguei o abajur.

Uma gargalhada veio lá de baixo. A música continuava alta e, ou eles estavam lavando pratos ou jogando uma partida barulhenta de críquete na sala. Mas não importa. Depois do dia que tive, eu poderia dormir em qualquer lugar.

Eu havia acabado de cair naquela fase nebulosa, apenas ligeiramente adormecida, quando a voz do Howard me trouxe de volta à consciência.

— Ela é muito quieta.

Meus olhos se abriram de repente.

— É compreensível, considerando as circunstâncias — disse Sonia.

Não movi um músculo. Ao que parecia, Howard não achava que o som viajasse pelas janelas abertas.

Ele baixou a voz.

— Claro. Foi meio que uma surpresa. Hadley era tão...

— Cheia de vida? Era mesmo, mas Lina pode surpreender você. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se ela acabasse demonstrando um pouco do vigor da mãe.

Ele soltou uma risada baixa.

— Vigor. É uma definição interessante.

— Dê um tempinho a ela.

— Claro. Obrigado outra vez pelo jantar... Estava delicioso.

— O prazer foi todo meu. Estou planejando ficar no centro de visitantes amanhã de manhã. Você vai estar no escritório?

— Só vou dar uma passada. Queria sair cedo para levar Lina à cidade.

— Ótima ideia. Boa noite, chefe.

Os passos da Sonia ressoaram no cascalho da entrada para carros, e logo depois a porta da frente se abriu e se fechou de novo.

Eu me obriguei a fechar os olhos, mas parecia que tinha refrigerante correndo por minhas veias. O que Howard esperava? Que eu ficasse radiante por me mudar para a casa de alguém que não conhecia? Que ficasse animada por morar num cemitério? Ninguém sabia que eu não queria ir para a Itália. Eu só concordei quando minha avó apelou para “Você prometeu à sua mãe”.

E por que ele tinha que dizer que eu era “quieta”? Eu *detestava* ser chamada assim. As pessoas sempre diziam isso como se fosse algum tipo de deficiência, como se só porque eu não contava minha vida toda logo de cara eu fosse antipática e arrogante. Minha mãe me entendia. “Você pode até demorar para se soltar, mas quando se solta emana alegria.”

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu me virei, enfiando o rosto no travesseiro. Já fazia mais de seis meses, e às vezes eu conseguia passar horas fingindo que estava bem sem ela, mas isso nunca durava muito. No fim das contas, a realidade era tão dura e implacável quanto aquele hidrante no qual eu e Addie tínhamos batido.

E eu teria que passar o resto da vida sem ela. Teria mesmo.



Capítulo 3



— OLHE, AQUELA JANELA está aberta. Deve ter alguém por ali.

A voz estava praticamente no meu ouvido, e me sentei de repente. Onde eu estava? Ah, sim. No cemitério. Só que agora a luz do sol tinha invadido o lugar, e dentro do quarto fazia um calor de oitocentos e noventa graus, mais ou menos.

— Não acha que deveria ter placas informando para onde ir? — Era a voz de uma mulher, com um sotaque tão forte quanto molho barbecue.

Um homem respondeu:

— Gloria, isto aqui parece uma residência. Acho que não deveríamos estar bisbilhotando...

— Iuu-huuu! Olá? Tem alguém em casa?

Tirei as cobertas e saí da cama, tropeçando em um monte de almofadas. Eu nem havia trocado de roupa antes de dormir. Estava tão cansada que nem sequer cogitei colocar o pijama.

— Ol-ááá — gorjeou outra vez a mulher. — Tem alguém aí?

Fiz um coque para não assustar ninguém, depois fui até a janela e vi duas pessoas que combinavam *perfeitamente* com suas vozes. A mulher tinha um cabelo vermelho-bombeiro e vestia uma bermuda de cintura alta, e o homem usava chapéu de pescaria e carregava uma câmera enorme pendurada no pescoço. Eles estavam até de pochete. Segurei uma risadinha. Uma vez, eu e Addie ganhamos um concurso de fantasias vestidas como Turistas Cafonas. Aqueles dois poderiam ter sido nossa inspiração.

— Olá-á — disse lentamente a Turista Cafona da Vida Real. Ela apontou para mim. — Você fala inglês?

— Eu também sou americana.

— Graças aos céus! Estamos procurando Howard Mercer, o superintendente. Onde podemos encontrá-lo?

— Não sei. Eu sou... nova aqui.

A vista chamou minha atenção e olhei para cima. As árvores do lado de fora da minha janela eram de um verde denso e aveludado, e o céu talvez fosse o mais azul que eu já tinha visto. Mesmo assim, eu continuava num cemitério. Repito: continuava. Em. Um. Cemitério.

A Turista Cafona olhou para o homem, depois outra vez para mim, colocando as mãos na cintura como quem diz: "Você não vai se livrar de mim assim tão fácil."

— Vou ver se ele está em casa.

— Ah, isso aí — disse ela. — Vamos esperar lá na frente.

Abri a mala e vesti uma regata e um short de corrida, encontrei meus tênis e descii. O térreo era bem pequeno e, fora o quarto do Howard, o único cômodo que eu não tinha visto era o escritório. Bati na porta só por precaução antes de entrar. As paredes eram cobertas por discos dos Beatles e fotos emolduradas. Parei para observar uma do Howard junto com algumas pessoas jogando baldes de água num elefante enorme e lindo. Ele estava de bermuda cargo e chapéu de safári e parecia o astro de algum programa de aventuras na natureza. *Howard dá banho em animais selvagens*. Era óbvio que ele não tinha passado os últimos dezesseis anos sentado com saudade da minha mãe e de mim.

Desculpem, Turistas Cafonas. Nem sinal do Howard.

Fui até a entrada, pronta para dizer aos Cafonas que não podia ajudá-los, mas quando entrei na sala, dei um pulo como se tivesse

pisado num fio desencapado. A mulher não apenas estava me esperando na frente, como tinha imprensado o rosto na janela e me olhava como um inseto enorme.

— Aqui. Aqui! — murmurou ela, apontando para a porta da frente.

— Você só pode estar brincando.

Coloquei a mão no peito. Meu coração batia um milhão de vezes por minuto. Eu imaginava que a vida num cemitério fosse muito mais... morta. *Ba dum tss!* Minha primeira piada oficial de cemitério. E o primeiro revirar de olhos oficial por causa da própria piada de cemitério.

Abri a porta e a mulher recuou alguns passos.

— Desculpe, querida. Assustei você? Parecia que seus olhos iam saltar.

Ela usava uma daquelas etiquetas de identificação. OLÁ, MEU NOME É GLORIA.

— Eu não esperava que você estivesse... olhando aqui pra dentro.
— Balancei a cabeça. — Sinto muito, mas Howard não está. Ele comentou que tem um escritório por aqui. Talvez vocês possam procurar lá.

Gloria assentiu.

— Aham. Aham. Bem, o problema é o seguinte, florzinha. Daqui a apenas três horas o ônibus vai voltar para nos pegar, e queremos conhecer tudo. Acho que não temos tempo para ficar andando por aí à procura do sr. Mercer.

— Vocês foram ao centro de visitantes? A mulher que trabalha lá deve saber onde ele está.

— Eu falei que devíamos ter feito isso — disse o homem. — Isto aqui é uma *residência*.

— Qual é o centro de visitantes? — perguntou Gloria. — Era aquele prédio perto da entrada?

— Desculpe, eu não sei mesmo.

Talvez porque na noite anterior eu estivesse apavorada demais para notar qualquer coisa além do exército de lápides me encarando.

A mulher ergueu uma das sobancelhas.

— Olha, detesto incomodá-la, *querida*, mas tenho certeza de que você conhece este lugar melhor que um casal de turistas do Alabama.

— Para ser sincera, não.

— O quê?

Eu suspirei, lançando mais um olhar esperançoso para dentro de casa, mas o lugar estava silencioso como um túmulo. (*Credo!* Segunda piada de cemitério.) Parecia que eu ia ter que entrar de cabeça naquela coisa toda de morar num memorial. Então fui para a varanda e fechei a porta.

— Eu realmente não sei onde ficam as coisas por aqui, mas vou tentar ajudar.

Gloria abriu um sorriso extasiado.

— *Gratziei*.

Desci a escada, e os dois me seguiram.

— Cuidam muito bem deste lugar — observou Gloria. — Muito bem.

Ela estava certa. Os gramados eram tão verdes que pareciam pintados com tinta spray, e em praticamente todos os cantos havia um arranjo com as bandeiras italiana e americana cercadas de flores que pareciam saídas de *O mágico de Oz*. As lápides eram brancas e reluzentes, um pouco menos sinistras durante o dia. Mas não me entenda mal: elas continuavam sendo sinistras.

— Vamos por aqui. — Fui em direção à rua pela qual Howard e eu tínhamos chegado.

Gloria me cutucou com o cotovelo.

— Eu e Hank nos conhecemos num cruzeiro.

Ah, não. Gloria ia me contar a história deles? Dei uma olhada rápida para ela, que abriu um sorriso simpático. Claro que ia.

— Ele tinha acabado de perder a esposa, Anna Maria. Ela era uma boa mulher, mas muito peculiar na forma de manter a casa... Uma daquelas pessoas que forram toda a mobília com plástico. Meu marido, Clint, tinha morrido alguns anos antes, então era por isso que eu e Hank estávamos no cruzeiro para solteiros. A comida era ótima... Montanhas de camarão e sorvete à vontade. Você se lembra daquele camarão, Hank?

Ele não parecia estar ouvindo. Eu apertei o passo, e Gloria fez o mesmo.

— Havia um monte de velhos tarados no barco, uns caras nojentos, mas por sorte eu e Hank fomos colocados na mesma mesa no jantar. O navio nem tinha atracado e ele já tinha me pedido em casamento de tão decidido que estava. Nós nos casamos apenas dois meses depois. Eu já estava instalada na casa dele, obviamente, mas apressamos as coisas porque não queríamos ficar, sabe... — Ela fez uma pausa, me olhando como se eu entendesse tudo.

— O quê? — perguntei, hesitante.

— Vivendo em pecado — disse ela, baixinho.

Olhei em volta, desesperada. Eu precisava encontrar Howard ou algum lugar para vomitar. Talvez os dois.

— A primeira coisa que fiz foi arrancar todo o plástico da mobília. Não dá para viver com o traseiro colado na droga do sofá. Não é, Hank?

O homem emitiu um som gutural.

— Esta viagem é como uma segunda lua de mel para nós. Passei a vida inteira querendo visitar a Itália, e consegui realizar meu sonho. Você é muito sortuda por morar aqui.

Muito!, pensei.

Fizemos uma curva e demos de cara com um pequeno prédio. Ficava ao lado da entrada principal e nele havia uma placa gigantesca dizendo VISITANTES, REGISTREM-SE AQUI. Fácil de confundir COM VISITANTES, ENCONTREM A CASA MAIS PRÓXIMA E GRITEM PARA QUEM ESTIVER LÁ DENTRO.

— Acho que é aqui — falei.

— Eu falei! — exclamou Hank para Gloria.

— Você não falou nada. — Gloria bufou. — Só ficou me seguindo que nem um vira-lata.

Eu praticamente corri para a entrada do prédio, mas antes que conseguisse tocar a maçaneta, Howard abriu a porta e saiu. Ele usava bermuda e chinelo, como se planejasse pegar um voo para o Taiti mais tarde.

— Lina. Não achei que você já estivesse acordada.

— Estes dois foram procurar você na casa.

Gloria deu um passo à frente.

— Sr. Mercer? Somos os Jorgansen, de Mobile, Alabama. Você deve se lembrar do e-mail que mandei. Somos aqueles que queriam um tour particular *especial* pelo cemitério. Sabe, meu marido, Hank, tem verdadeiro amor pela história da Segunda Guerra Mundial. Conte a eles, Hank.

— Verdadeiro amor — repetiu Hank.

Howard assentiu atenciosamente, mas os cantos de sua boca se curvaram.

— Bem, só existe um tour, mas tenho certeza de que Sonia ficaria feliz em guiá-los por aqui. Por que não entram para que ela comece?

Gloria bateu palmas.

— Sr. Mercer, estou vendo que você também é do Sul. De onde? Do Tennessee?

— Da Carolina do Sul.

— Foi o que eu quis dizer. Carolina do Sul. E quem é esta linda jovem que veio em nosso auxílio? Sua filha?

Ele não disse nem fez nada por um nanossegundo. Mas foi o suficiente para que eu percebesse.

— Sim. Esta é Lina.

E nos conhecemos ontem à noite.

Gloria balançou a cabeça.

— Deus me perdoe. Acho que nunca vi um pai e uma filha tão diferentes. Mas às vezes é assim. Eu puxei este cabelo vermelho da minha tia-avó materna. Às vezes os genes simplesmente pulam algumas gerações.

Tanto eu quanto Howard olhamos para ela com ceticismo. Aquele cabelo vermelho não podia ter vindo de nenhum outro lugar que não uma caixa de tinta, mas tínhamos que admirar seu empenho.

Ela estreitou os olhos para mim, depois se virou para Howard.

— Sua esposa é italiana? — Ela pronunciou “italhana”.

— A mãe dela é americana. Lina se parece muito com ela.

Lancei um olhar grato a ele. Falar no presente complicava menos as coisas, mas então me lembrei do que Howard falou para Sonia na varanda, e me virei, recolhendo minha gratidão.

Gloria colocou as mãos na cintura.

— Bem, Lina, você se encaixa muito bem aqui, não é? Veja só esses olhos escuros e todo esse cabelo deslumbrante. Aposto que todo mundo pensa que você é da região.

— Eu não sou daqui. Só estou visitando.

Hank finalmente recuperou a voz.

— Gloria, vamos andando. Se continuarmos nessa conversa, não vamos conseguir ver o maldito cemitério.

— Tudo bem, tudo *bem*. Não precisa falar assim comigo. Vamos, Hank. — Ela nos lançou um olhar conspiratório, como se o marido fosse um irmão mais novo com quem todos nós estivéssemos sendo forçados a andar, e depois abriu a porta. — Vocês dois tenham um bom-dia, está bem? *Arrivedente!*

— Nossa — disse Howard quando a porta se fechou.

— Pois é.

Cruzei os braços.

— Desculpe por isso. As pessoas não costumam ir até a casa. E em geral são um pouco menos... — Ele hesitou, como se achasse que podia pensar numa palavra educada para descrever os Jorgansen, mas se limitou a balançar a cabeça. — Parece que você ia sair para correr.

Olhei para minhas roupas. Era um hábito tão forte me vestir daquela forma que nem tinha reparado.

— Normalmente é a primeira coisa que faço.

— Como falei, fique à vontade para correr pelo cemitério, mas se quiser sair e explorar, é só atravessar aqueles portões. Só existe uma estrada, então acho que você não vai se perder.

A porta do centro de visitantes se abriu e Gloria enfiou a cabeça para fora.

— Sr. Mercer? Esta *mulher* aqui está dizendo que o tour só dura meia hora. Eu solicitei especificamente duas horas ou mais.

— Já estou indo aí. — Ele olhou para mim. — Boa corrida.

Quando Howard se afastou, impulsivamente dei um passo à frente para poder ver os reflexos de nós dois na porta de vidro. Gloria podia ser ridícula, mas não tivera receio de dizer o óbvio. Howard tinha mais de um metro e oitenta, cabelo louro-avermelhado

e olhos azuis. Eu era morena e tinha que comprar todas as minhas roupas na seção infantil. Às vezes os genes pulam algumas gerações.

Não é mesmo?

* * *

Saí pelos portões da frente e comecei a correr, cruzando o estacionamento de visitantes. Para que lado ir? Não importava. Eu só precisava me afastar do cemitério por um tempo. *Esquerda. Não, direita.*

A estrada que passava pelo memorial tinha apenas duas pistas, e me mantive na faixa de grama lateral, acelerando cada vez mais. Em geral, eu corria até esquecer os pensamentos que me perturbavam, mas aquele era muito difícil de tirar da cabeça. *Por que eu não me pareço em nada com Howard?*

Devia ser uma daquelas coisas sem explicação, quer dizer, muita gente não se parece em nada com os pais. Addie era a única loura da família, e eu conhecia um garoto que, quando estava no sexto ano, já era mais alto que o pai e a mãe. Mesmo assim. Será que eu e Howard não deveríamos ser pelo menos um *pouquinho* parecidos?

Continuei olhando para o chão. *Você vai se adaptar bem rápido. Ele é um sujeito muito legal.* Eram palavras da minha avó, que até onde eu sabia não conhecia Howard. Pelo menos não pessoalmente.

Um enorme ônibus azul passou em alta velocidade, lançando uma rajada de ar quente no meu rosto, e quando olhei para cima, perdi o fôlego. *Que droga é...?* Eu estava correndo pelo cenário do cardápio de um restaurante italiano? Era tão *idílico*. A estrada era ladeada por árvores e serpenteava levemente entre casas e prédios rústicos, pintados em cores suaves. Colinas em vários tons surgiam ao longe

e havia vinhedos de verdade atrás de metade das casas. Então *aquela* era a Itália da qual as pessoas falavam. Dava para entender por que o lugar encantava tanta gente.

Outro veículo apareceu correndo atrás de mim, buzinando alto e me arrancando do meu momento de admiração da beleza italiana. Eu me afastei da rua e me virei para olhar para trás. Era um carrinho vermelho que parecia estar se esforçando muito para parecer mais caro do que na verdade era e que diminuiu a velocidade quando se aproximou de mim. O motorista e o passageiro tinham cabelo escuro e uns vinte e poucos anos. Quando nos encaramos, o motorista sorriu e começou a buzinar outra vez.

— *Ei, calma.* Eu nem estou no seu caminho — murmurei.

Então ele pisou no freio com força, como se tivesse conseguido me ouvir, depois parou bem no meio da estrada. O outro cara, talvez um ou dois anos mais velho, abriu a janela do banco de trás com um grande sorriso no rosto.

— *Ciao, bella! Cosa fai stasera?*

Balancei a cabeça e voltei a correr, mas o motorista avançou alguns metros, parando ao meu lado na estrada.

Que ótimo. Depois de quatro anos de corrida, eu conhecia muito bem aquele tipo de cara. Não sei quem disse a eles que “sair para correr sozinha” era um código para “quero ouvir cantadas”. Eu tinha aprendido que falar “não estou interessada” não bastava. Eles simplesmente achavam que eu estava me fazendo de difícil.

Atravessei a estrada e me virei na direção do cemitério, parando um segundo para apertar os cadarços. Depois, respirei fundo e ouvi o tiro imaginário de uma pistola dando a largada. *Corre!*

Eles soltaram um grito de surpresa.

— *Dove vai?*

Nem olhei para trás. Com a motivação certa, eu conseguia correr mais rápido que qualquer um, mesmo homens italianos em latas-velhas vermelhas. Eu até escalaria uma cerca se fosse preciso.

Quando cheguei ao cemitério, os caras tinham passado por mim mais duas vezes e depois desistiram, e eu tinha quase certeza de que até minhas pálpebras estavam suando. Howard e Sonia, de costas para o portão, se viraram depressa quando me ouviram, provavelmente porque eu parecia um lobisomem asmático.

— Você voltou rápido. Está tudo bem? — perguntou Howard.

— Eu... fui... perseguida.

— Por quem?

— Um carro... cheio de caras.

— Ah, eles só devem ter se apaixonado — disse Sonia.

— Calma aí. Um carro cheio de caras *perseguiu* você? Como eles eram?

Howard contraiu o maxilar e olhou para a estrada como se estivesse pensando em ir até lá com um taco de beisebol ou coisa do tipo. Aquilo meio que compensou o “Ela é muito quieta” da noite anterior.

Balancei a cabeça, enfim recuperando o fôlego.

— Não foi nada de mais. Da próxima vez, fico dentro do cemitério.

— Ou pode correr atrás do cemitério — sugeriu Sonia. — Há um portão que dá para os fundos do terreno. Deve ser ótimo se exercitar naquelas colinas, e a paisagem é linda. Além disso, não haveria carros para persegui-la.

Howard ainda parecia furioso, então mudei de assunto.

— Onde estão os Jorgansen?

Sonia sorriu.

— Houve um pequeno... conflito. Eles optaram por fazer o tour sozinhos. — Ela apontou para o outro lado do cemitério, onde Gloria caminhava com Hank por uma fileira de lápides. — Seu pai estava me dizendo que quer levá-la para jantar em Florença hoje à noite.

Howard assentiu, finalmente relaxando o rosto.

— Achei que podíamos ver o Duomo e depois comer uma pizza.

Será que eu deveria saber o que era aquilo? Fiquei meio sem jeito. Se eu dissesse sim, estaria concordando com o que sem dúvida seria um jantar constrangedor só com Howard. Se dissesse não, provavelmente ficaria presa ali no mesmo cenário. Pelo menos daquele jeito eu teria oportunidade de ver a cidade. E o Duomo. Seja lá o que isso fosse.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Ele parecia animado, como se eu tivesse falado que queria *muito* ir. — Assim vamos ter a chance de conversar. Sobre as coisas.

Eu me contraí. Será que eu não merecia uma espécie de prazo de carência antes de ter que lidar com qualquer que fosse a grande explicação que Howard me reservara? Só estar ali já era demais para mim.

Eu me virei para limpar o suor da testa, torcendo para que não percebessem como eu estava contrariada.

— Vou voltar pra casa.

Comecei a me afastar, mas Sonia correu atrás de mim.

— Você se importaria de passar lá em casa antes? Tenho uma coisa que era da sua mãe e eu gostaria de lhe entregar.

Dei um passo para o lado, colocando mais uns quinze centímetros entre nós.

— Desculpa, mas preciso muito tomar um banho. Pode ficar pra outra hora?

— Ah. — Ela franziu as sobrancelhas. — Claro. Avise quando tiver um minuto. Na verdade, eu poderia...

— Obrigada. A gente se vê.

Comecei num trote, sentindo o olhar da Sonia em mim quando me virei de costas. Eu não queria ser grosseira, mas também não queria *de jeito nenhum* o que ela tinha para me entregar. As pessoas estavam sempre me dando coisas que haviam pertencido a minha mãe, sobretudo fotos, e eu nunca sabia o que fazer com elas. Eram como lembranças da minha vida anterior.

Olhei para o cemitério e suspirei. Eu não precisava de mais nenhum lembrete de que as coisas tinham mudado.



Capítulo 4



ASSIM QUE ENTREI, fui direto para a cozinha. Achei que se eu perguntasse, Howard faria o discurso *mi casa, su casa*, provavelmente em italiano, então em vez de perguntar, ataquei a geladeira.

As duas primeiras prateleiras estavam cheias de coisas como azeitonas e mostardas gourmet, que dão um sabor a mais, mas não são a comida em si, então olhei as gavetas, finalmente encontrando um pote que parecia iogurte de coco e um pão massudo. Fiquei arrasada por não encontrar nenhuma sobra da lasanha.

Depois de devorar metade do pão e quase lambe o fundo do pote de iogurte (de longe o melhor que já tinha tomado), vasculhei os armários até encontrar uma caixa de granola cujo rótulo dizia CIOCCOLATO. Bingo. Eu identificava a palavra chocolate em qualquer língua.

Comi uma tigela enorme de granola, depois limpei a cozinha como se fosse a cena de um crime. *E agora?* Bem, em Seattle, eu provavelmente estaria me arrumando para ir à piscina com Addie ou talvez pegando a bicicleta na garagem e exigindo que fôssemos tomar um daqueles milk-shakes triplos de chocolate que praticamente me mantinham em pé. Mas ali? Eu não tinha nem internet.

— Banho — falei, em voz alta.

Era algo para fazer. E, além disso, eu estava mesmo precisando.

Subi, peguei a pilha de toalhas no meu quarto e fui para o banheiro. Era muito limpo, como se Howard o esfregasse toda

semana com água sanitária. Talvez fosse por isso que ele e minha mãe não tinham dado certo. Ela era incrivelmente bagunceira. Uma vez encontrei na mesa dela um pote de macarrão tão velho que tinha ficado azul. *Azul.*

Fechei a cortina do box, mas não tinha a menor ideia do que fazer em seguida. O chuveiro era pequeno e parecia frágil, e sob ele havia duas torneiras com as letras C e F.

— Calor e frio? Congelante e fervente?

Eu liguei o F e deixei a água jorrar por alguns instantes, mas quando coloquei a mão sob o jato, estava gelada. *Ok. Talvez o C?*

Exatamente o mesmo resultado, ou meio grau mais quente. Soltei um gemido. Será que aquele probleminha com a tecnologia aqui na Itália incluía chuveiros gélidos? E que escolha eu tinha? Depois de viajar um dia inteiro e de fazer um dos treinos de velocidade mais difíceis da minha vida, eu *precisava* muito tomar um banho.

— Quando em Roma... — Trinqueei os dentes e entrei. — Frio! Frio! Ahh!

Peguei um frasco de alguma coisa na borda da banheira e esfreguei no cabelo e no corpo, enxaguando e saindo de lá o mais depressa possível. Depois peguei a pilha inteira de toalhas e comecei a me enrolar como uma múmia.

Bateram à porta e eu congelei. De novo.

— Quem é?

— Sou eu, Sonia. Você está... bem aí dentro?

Fiz uma careta.

— Hum, estou. Só tive uns problemas com a água. Não tem água quente aqui?

— Tem, só que demora um pouco. Na minha casa, às vezes preciso deixar o chuveiro ligado por uns bons dez minutos antes de ficar numa temperatura boa. C significa “*caldo*”, ou seja, “quente”.

Balancei a cabeça.

— Bom saber.

— Olhe, desculpe incomodá-la de novo, mas eu só queria dizer que deixei o diário na sua cama.

Fiquei paralisada. O *diário*? Espera, eu devia ter ouvido mal. Talvez ela só tivesse dito “o aquário”. Um aquário seria um presente muito gentil. E se eu fosse dar um aquário para alguém, sem dúvida o colocaria na...

— Lina... Está me ouvindo? Eu trouxe o diário que...

— Só um minuto — gritei.

Tudo bem, ela claramente dissera “diário”, mas não significava que era algum diário em especial. As pessoas dão diários para as outras o tempo todo. Eu me enxuguei e me vesti depressa. Quando abri a porta, Sonia estava no corredor segurando um vaso com flores.

— Você me deu um diário *novo*? — perguntei, esperançosa.

— Bem, na verdade é velho. É um caderno que pertencia a sua mãe.

Eu me apoiei no batente da porta.

— Está falando de um caderno grande de couro cheio de fotos e coisas escritas?

— Sim. Exatamente ele. — Ela franziu a testa. — Você já viu antes?

Ignorei a pergunta.

— Achei que você só ia me dar uma das fotos dela ou coisa do tipo.

— Na verdade, eu tenho uma foto, mas está pendurada na parede do quarto de hóspedes e não quero me desfazer dela. É um close do Muro dos desaparecidos. É linda. Você deveria passar lá para ver.

Ao que parecia, o Muro dos desaparecidos era muito importante por ali.

— Por que você ficou com um dos diários dela?

Minha pergunta soou como um interrogatório policial, mas ela apenas assentiu.

— Ela o enviou para o cemitério em setembro. Não havia nenhum bilhete, e o pacote não estava endereçado a ninguém, mas quando o abri, reconheci na hora. Quando morava no cemitério, ela levava aquele diário para todo canto.

Morava no cemitério?

— Enfim, pensei em entregar para o seu pai, mas sua mãe sempre foi uma espécie de tabu. Sempre que eu tocava no nome dela, ele ficava...

— O quê?

Ela suspirou.

— Foi difícil para ele quando ela foi embora. Muito difícil. E mesmo depois de todos esses anos, eu tive medo de trazer o assunto à tona. Enfim, enrolei por uns dias e depois seu pai me contou o plano de você vir para cá. Foi quando entendi por que sua mãe tinha enviado o diário.

Ela me lançou um olhar esquisito e de repente percebi que tinha me aproximado lentamente. Estávamos a apenas quinze centímetros uma da outra. Ops. Recuei às pressas, e perguntas começaram a sair da minha boca.

— Minha mãe morou no cemitério? Por quanto tempo?

— Não muito. Acho que por um mês mais ou menos. Foi logo depois que seu pai arrumou o emprego. Ele mal tinha se mudado para esta casa.

— Então eles estavam, tipo, *juntos* pra valer? Não foi um lance de uma noite entre amigos ou coisa do tipo? — Essa era a teoria da

Addie.

Sonia estremeceu.

— Humm... não. Acho que não foi... isso. Eles pareciam muito apaixonados. Seu pai a adorava.

— Então por que ela foi embora? Porque estava grávida? Howard não estava pronto pra ser pai?

— Não. Howard teria sido um ótimo pai... Eu achava... — Ela ergueu as mãos. — Espere um minuto. Não conversaram com você sobre o que aconteceu? Sua mãe não contou?

Eu baixei a cabeça.

— Não sei de nada. Só soube que Howard era meu pai depois que minha mãe morreu.

Que ótimo. Agora eu ia chorar. Perder minha mãe tinha me transformado numa torneira humana. Do tipo comum com quente/frio.

— Ah, Lina. Eu não sabia. Sinto muito. Achei que tivessem conversado com você sobre o que aconteceu. Para ser sincera, nem *eu* sei o que deu errado. Parece que o relacionamento deles terminou muito de repente e seu pai nunca mais quis falar sobre o assunto.

— Ele já tinha falado de mim? Antes?

Ela balançou a cabeça e seus longos brincos pendentes oscilaram de um lado para outro.

— Não. Eu fiquei muito surpresa quando soube da sua vinda, mas você precisa mesmo falar com Howard. Tenho certeza de que ele vai responder a todas as suas perguntas. E talvez o diário também responda. — Ela me entregou um vaso de flores. — Fui à cidade hoje de manhã e seu pai pediu que eu comprasse isto para você. Ele disse que estavam faltando flores no seu quarto, e que violetas eram as preferidas da sua mãe.

Eu o peguei das mãos dela e o avalei com atenção. As flores eram bem roxas e exalavam um cheiro suave. Eu tinha noventa por cento de certeza de que minha mãe não sentia nada de especial por violetas.

— Prefere que eu fique com o diário por um tempo? Pelo que parece, é muita informação de uma vez para você assimilar. Talvez você devesse conversar com seu pai antes.

Eu balancei a cabeça. A princípio devagar, e depois com mais ímpeto.

— Não, quero ficar com o diário.

Tecnicamente, era mentira. Eu tinha encaixotado os outros diários da minha mãe havia meses, quando vi que não conseguiria ler aquilo tudo sem desmoronar, mas aquele eu tinha que ler. Minha mãe o enviara para mim.

Pisquei algumas vezes, depois abri meu sorriso de “está tudo sob controle” para Sonia, que me olhava com a expressão de uma pobre coitada presa num corredor com uma adolescente emocionalmente instável. E era exatamente isso que estava acontecendo.

Eu pigarreei.

— Vai ser legal. Saber o que ela fez enquanto esteve na Itália.

A expressão da Sonia se amenizou.

— Sim, pois é. Tenho certeza de que foi por isso que ela o enviou. Você vai vivenciar Florença exatamente como ela, e talvez seja uma bela conexão.

— É, talvez.

Se eu conseguisse passar da primeira página sem desmoronar.

— Lina, é maravilhoso ter você aqui. E passe na minha casa quando quiser para ver a foto da sua mãe. — Ela foi até o patamar da escada e olhou para trás. — As violetas devem estar precisando de um pouco de água, mas aviso que é melhor regar por baixo. É só

encher um prato de água e colocar o vaso dentro. Assim você não exagera.

— Obrigada, Sonia. E eu, humm... Desculpa por todas aquelas perguntas.

— Eu entendo. Eu adorava sua mãe. Ela era muito especial.

— É. Era mesmo. — Hesitei. — Você se importaria de não mencionar essa conversa pro Howard? Não quero que ele pense que estou... humm... zangada com ele ou coisa assim.

Nem quero instigar qualquer conversa constrangedora que não seja estritamente necessária.

Ela assentiu.

— Minha boca é um túmulo. Só prometa que vai conversar com Howard. Ele é um cara ótimo, e tenho certeza de que vai esclarecer qualquer dúvida que você tiver.

— Ok.

Desviei o olhar e houve longos segundos de silêncio.

— Tenha um bom-dia, Lina.

Ela desceu a escada e saiu pela porta da frente, mas fiquei ali parada olhando para a porta do quarto. Estava quase piscando como uma advertência: hora de entrar em pânico.

É apenas um dos diários dela. Você consegue. Você consegue. Enfim, comecei a atravessar o corredor, mas no último instante me desviei para a escada, tombando perigosamente o vaso com as violetas.

Segundo Sonia, as flores estavam sedentas. Eu tinha que cuidar delas primeiro. Desci a escada correndo, depois olhei duas vezes os armários antes de encontrar um prato raso e grande o suficiente para o vaso.

— Pronto, meninas.

Enchi o prato com dois centímetros de água da pia (F) e coloquei o vaso sobre ele. Minhas violetas não pareciam muito interessadas em ter companhia, mas me sentei à mesa da cozinha e fiquei olhando para elas assim mesmo.

Eu não estava enrolando. Imagina.



Capítulo 5



ESCREVER DIÁRIOS ERA meio que um hábito da minha mãe. Bem, muitas coisas eram meio que um hábito dela, que também gostava de hot yoga, food trucks e reality shows horríveis, e certa vez desenvolveu um interesse repentino por fazer cosméticos em casa. Passamos basicamente um mês inteiro com o rosto lambuzado de óleo de coco e purê de abacate.

Mas os diários... eram uma constante. Algumas vezes por ano ela gastava uma grana na nossa livraria preferida no centro de Seattle com um daqueles cadernos grossos para desenho. Depois, passava meses preenchendo-o com sua vida: fotos, textos, listas de compras, ideias para sessões de fotos, sachês de ketchup velhos... tudo o que você pudesse imaginar.

E o estranho era o seguinte: ela deixava outras pessoas lerem. E mais estranho ainda era que todos adoravam. Talvez porque os diários fossem criativos e hilários, e depois que se lia um, a pessoa sentia que tinha acabado de fazer uma viagem pelo País das Maravilhas.

Fui para o quarto e fiquei parada ao pé da cama. Sonia deixara o diário bem no meio do travesseiro, como se temesse que eu não fosse percebê-lo, e ele afundava o colchão como se fosse uma pilha de tijolos.

— Pronta? — falei, em voz alta.

Eu não estava nada pronta, mas mesmo assim me aproximei e segurei o caderno. A capa era de couro macio, e havia uma grande

flor-de-lis dourada no centro. Não parecia nem um pouco com os diários que tínhamos em casa.

Respirei fundo e o abri, meio que esperando uma chuva de confetes, mas apenas panfletos e canhotos de tíquetes caíram no chão, e senti um cheiro meio bolorento. Catei todos os papéis e comecei a folheá-lo, ignorando o texto e me concentrando nas fotos.

Lá estava minha mãe na entrada de uma igreja antiga com a câmara pendurada no ombro. E depois ela sorrindo diante de uma enorme tigela de macarrão. E então... *Howard*. Eu quase deixei o diário cair. Certo, *claro* que ele estaria no diário dela. Eu não tinha surgido do nada, mas mesmo assim. Minha mente resistia com todas as forças a pensar nos dois juntos.

Analisei a imagem. Sim, sem dúvida era ele. Mais jovem, com o cabelo mais longo (aquilo no braço era uma *tatuagem?*), mas sem dúvida era Howard. Ele e minha mãe estavam sentados em degraus de pedra, e ela estava de cabelo curto, batom estilo filme antigo e cara de apaixonada.

Eu afundei na cama. Por que ela mesma não tinha me contado sua história com Howard? Será que achou que o diário faria isso melhor? Teve medo de que eu não estivesse pronta para ouvir?

Hesitei por um instante, depois enfiei o diário na gaveta da mesa de cabeceira e a fechei com um baque alto. Bem, eu não estava pronta.

Ainda não.

* * *

O alarme de um carro disparou em algum lugar do cemitério, e o som reverberou na minha cabeça. *Esta dor de cabeça é um oferecimento de Jet Lag & Estresse. Obrigada, Itália.*

Eu me virei e olhei para o relógio na parede. Eram três da tarde. O que me deixava com uma quantidade absurda de tempo livre.

Saí da cama devagar, fui até a mala e fiz uma tentativa desanimada de organizar as coisas: camisas do lado direito, calças do lado esquerdo, pijamas ali... Eu tinha colocado as roupas ali dentro de qualquer jeito, e a mala estava uma bagunça. Por fim, decidi colocar algumas fotos minhas com minha mãe nos retratos vazios do quarto, depois amarrei os tênis e fui para a varanda.

Não sabia aonde ir, então me sentei no balanço, onde fiquei por um tempo. Dali eu tinha uma boa vista do memorial. Um prédio longo e baixo, com um trecho de inscrições gravadas que eu podia apostar que era o Muro dos desaparecidos. Na frente dele, havia uma coluna alta com a estátua de um anjo segurando uma braçada de galhos de oliveira. Dois homens tiravam fotos diante dela, e um deles acenou para mim ao me ver.

Acenei também, mas me levantei e fui até a cerca dos fundos. Não estava disposta a lidar com outra situação como a dos Jorgansen.

Foi fácil encontrar o portão dos fundos e, quando saí, percebi que Sonia não estava brincando: a colina atrás do cemitério era *íngreme*. Pela segunda vez naquele dia, o suor escorreu pelas minhas costas, mas me forcei a continuar correndo. *Eu vou conquistar você, colina*. Finalmente, cheguei ao topo, com as pernas e os pulmões ardendo. Estava quase desmaiando quando ouvi um barulho e levantei o rosto. Eu não estava sozinha.

Havia um garoto brincando com uma bola de futebol. Tinha minha idade, talvez um pouco mais velho, e devia fazer uns três meses que não cortava o cabelo. Ele usava um short e uma camiseta de uniforme de futebol e fazia embaixadinhas, cantando baixo em

italiano o que quer que estivesse tocando em seus fones de ouvido. Hesitei. Será que conseguiria sair dali sem que ele me visse? Talvez se eu desse uma cambalhota e fugisse rolando?

Ele olhou na minha direção e nos encaramos. *Que maravilha.* Agora eu teria que seguir em frente ou ficar parecendo uma maluca. Assenti para ele e continuei depressa pela trilha, como se estivesse atrasada para uma reunião ou coisa do tipo. Totalmente natural. Devia ser bem normal pessoas correndo para compromissos importantes no topo de colinas italianas.

Ele tirou os fones, deixando escapar a música alta.

— Oi, você está perdida? O albergue Bella Vita fica logo à frente.

Eu parei.

— Você fala inglês?

— Só um pouquinho — respondeu ele, com um sotaque italiano exagerado.

— Você é americano?

— Mais ou menos.

Eu o avaliei. Ele falava como americano, mas parecia tão italiano quanto um prato de almôndegas. Altura mediana, pele morena e um nariz característico. O que fazia ali? Mas, pensando bem, o que *eu* fazia ali? Até onde pude notar, a região rural da Toscana estava lotada de adolescentes americanos.

Ele cruzou os braços e franziu a testa. Estava me imitando. Que grosseria.

Fiquei sem graça.

— Como assim “mais ou menos americano”?

— Minha mãe é americana, mas eu morei aqui a maior parte da vida. De onde você é?

— Seattle, mas vou passar o verão aqui.

— É mesmo? Onde?

Apontei na direção da casa.

— No cemitério?

— É. Howard, meu pai, é o administrador. Acabei de chegar.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Que sinistro.

— Na verdade, não é. É mais um memorial. Todos os túmulos são da Segunda Guerra, então não acontece nenhum enterro. — Por que eu estava defendendo o cemitério? Aquele lugar era sinistro, sim.

O garoto assentiu e recolocou os fones nos ouvidos.

Era minha deixa.

— Foi um prazer conhecê-lo, ítalo-americano misterioso. A gente se vê por aí.

— Meu nome é Lorenzo.

Fiquei vermelha. Pelo que parecia, Lorenzo tinha uma audição supersônica.

— Foi um prazer conhecê-lo, Lo-ren... — Tentei repetir o nome dele, mas empaquei na segunda sílaba. Ele enrolara o R de um jeito que minha língua se recusava a fazer. — Desculpa, não consigo pronunciar direito.

— Não tem problema. Seja como for, me chamam de "Ren". — Ele sorriu. — "Ítalo-americano misterioso" também funciona.

Aii.

— Desculpa.

— E quanto a você? Atende por "Carolina" ou também tem um apelido?

Por um segundo achei que fosse um sonho. Um sonho estranho. Ninguém além da minha mãe e dos meus professores no primeiro dia de aula me chamava pelo meu nome completo.

— Como você sabe meu nome? — perguntei, devagar.

Quem *era* aquele cara?

— Eu estudo na EAIF. Seu pai apareceu lá para perguntar sobre matrículas. As fofocas voam.

— O que é EAIF?

— A Escola Americana Internacional de Florença.

Soltei o ar.

— Ah, sim. A escola de ensino médio.

A escola que eu teoricamente frequentaria se decidisse ficar depois do verão. *Muito* teoricamente. Como se nem existisse no âmbito das possibilidades.

— Na verdade, vai do jardim de infância até o ensino médio, e as nossas turmas são bem pequenas. No ano passado éramos apenas dezoito, por isso novos alunos dão o que falar. A gente vem comentando sobre você desde janeiro. Virou meio que uma lenda. Um cara, Marco, até já falou que vai formar dupla com você na aula de biologia. Ele repetiu no projeto final e ficou tentando culpar você.

— Isso é bem esquisito.

— Eu achei que você seria completamente diferente.

— Por quê?

— Você é bem baixinha. E parece italiana.

— Então como soube que devia falar inglês comigo?

— Por causa das suas roupas.

Olhei para baixo. Legging e uma camiseta amarela. Eu não estava vestida de Estátua da Liberdade nem nada do tipo.

— O que minha roupa tem de tão americano?

— Cores fortes. Tênis de corrida... — Ele fez um gesto de desdém. — Daqui a um ou dois meses você vai entender perfeitamente. Muita gente daqui não vai a lugar nenhum se não estiver usando alguma peça da Gucci.

— Mas você não está usando Gucci ou sei lá o quê, não é? Está de uniforme de futebol.

Ele balançou a cabeça.

— Isso não se aplica a uniformes de futebol, que são a coisa mais italiana que existe. Além disso, eu *sou* italiano. Então tudo fica naturalmente elegante em mim.

Eu não sabia se ele estava brincando ou não.

— Você não deveria ter entrado na EAIF em fevereiro?

— Decidi terminar o ano letivo em Seattle.

Ele tirou o celular do bolso de trás.

— Posso tirar uma foto sua?

— Pra quê?

— Pra provar que você existe.

Respondi “não” justo na hora em que ele clicou.

— Desculpa, Carolina — disse ele, parecendo nem um pouco arrependido. — Você deveria falar mais alto.

— Em inglês meu nome soa como “Carolaina”, mas todo mundo me chama de “Lina”.

— Carolaina Carolina. Gostei. É bem italiano.

Ren recolocou os fones, lançou a bola no ar e voltou a jogar. Ele precisava muito de aulas de etiqueta. Eu me virei para ir embora, mas ele me deteve de novo.

— Ei, quer conhecer minha mãe? Ela fica desesperada querendo a companhia de americanos.

— Não, obrigada. Preciso voltar logo e encontrar Howard. Ele vai me levar para jantar em Florença.

— A que horas?

— Não sei.

— A maioria dos restaurantes não abre antes das sete. Prometo que não vamos demorar muito.

Eu me virei para o cemitério, mas a ideia de encarar Howard e o diário me fez estremecer.

— É longe?

— Não, é bem ali. — Ele apontou vagamente para um amontoado de árvores. — Vai ser legal. E juro que não sou um serial killer.

Fiz uma careta.

— Eu não estava achando nada disso. Até você falar.

— Sou magro demais para ser um serial killer. E odeio sangue.

— Eca.

Voltei a olhar para o cemitério, avaliando minhas opções. Ler um diário emocionalmente desafiador? Visitar a mãe de um potencial serial killer sem o menor traquejo social? As duas eram horríveis.

— Tudo bem, vamos.

— Legal.

Ren colocou a bola de futebol debaixo do braço e fomos para o outro lado da colina. Ele era mais alto que eu, e andávamos rápido.

— Quando foi mesmo que você chegou?

— Ontem à noite.

— Então deve estar quase morrendo com o jet lag, não é?

— Na verdade, eu dormi bem ontem, mas, sim. Parece que estou embaixo d'água. Sem falar na dor de cabeça, que deve ser a pior da minha vida.

— Espera só até hoje à noite. A segunda noite é sempre pior. Lá pelas três da manhã você vai estar totalmente acordada e vai ter que inventar alguma coisa estranha pra fazer. Uma vez, eu subi numa árvore.

— Por quê?

— Meu laptop estava quebrado e eu só conseguia pensar em jogar paciência, mas sou horrível nesse jogo.

— Eu jogo paciência muito bem.

— Eu subo em árvores muito bem, mas não acredito em você. Só é bom em paciência quem rouba.

— Não, eu sou boa sem roubar. As pessoas pararam de jogar cartas comigo quando eu estava no segundo ano, então aprendi a jogar paciência. Num dia bom, consigo terminar o jogo em uns seis minutos.

— Por que as pessoas pararam de jogar com você?

— Porque eu sempre ganhava.

Ele parou de andar, abrindo um grande sorriso.

— Quer dizer que você é muito competitiva?

— Eu não falei isso. Só disse que sempre ganho.

— Aham. Então você não joga nada desde os sete anos?

— Só Paciência.

— Nada de buraco? Uno? Pôquer?

— Nada.

— Interessante. Olha, aquela lá é minha casa. Aposto corrida com você até o portão. — E começou a correr.

— Ei! — Saí atrás dele, aumentando o passo até alcançá-lo e ultrapassá-lo, e não diminuí a velocidade até chegar ao portão. Eu me virei, triunfante. — Ganhei!

Ele estava parado a alguns metros de mim, ainda com aquele sorriso idiota no rosto.

— É verdade. Você não é nem um pouco competitiva.

Fechei a cara.

— Cala a boca.

— Devíamos jogar buraco mais tarde.

— Não.

— Mahjong? Bridge?

— Você é idoso, por acaso?

Ele riu.

— Pode pensar o que quiser, Carolina. E, por falar nisso, essa não é minha casa. É aquela. — Ele apontou para uma entrada ao longe.

— Mas não vou apostar corrida até lá. Você está certa... você ganharia.

— Eu avisei.

Continuamos andando. Só que agora eu só me sentia idiota.

— Então, qual é a do seu pai? — perguntou Ren. — Ele sempre foi o administrador do cemitério, né?

— Aham, ele disse que faz dezessete anos. Minha mãe morreu, então foi por isso que vim morar com ele. — *Ah!* Mentalmente, tapei a boca com a mão. *Lina, para de falar.* Mencionar a morte da minha mãe era garantia de criar constrangimento com gente da minha idade. Adultos sentiam compaixão. Adolescentes ficavam desconfortáveis.

Ele olhou para mim com o cabelo caindo nos olhos.

— Como sua mãe morreu?

— Câncer no pâncreas.

— Ela passou muito tempo doente?

— Não. Morreu quatro meses depois que descobrimos.

— Nossa. Sinto muito.

— Obrigada.

Ficamos quietos por um tempo antes de Ren voltar a falar.

— Acho esse diálogo tão estranho. Um diz “sinto muito”, o outro agradece.

Eu já tinha pensado exatamente a mesma coisa umas cem vezes.

— Também acho, mas é o que as pessoas costumam dizer mesmo, já percebi.

— Então, como é?

— O quê?

— Perder a mãe.

Parei de andar. Não só era a primeira vez que alguém me fazia aquela pergunta, como também parecia que ele queria mesmo

saber. Por um segundo, pensei em dizer que era como ser uma ilha, que eu podia estar numa sala cheia de gente e ainda assim me sentiria sozinha, com um oceano de tristeza tentando chegar até mim por todas as direções, mas me segurei a tempo. Mesmo quando perguntam, as pessoas não querem ouvir suas metáforas esquisitas para o luto. Então, dei de ombros.

— É horrível.

— Imagino. Sinto muito.

— Obrigada. — Sorri. — Ei, olha o diálogo de novo.

— Sinto muito.

— Obrigada.

Paramos diante de portões rebuscados, e eu o ajudei a empurrá-los, causando um rangido alto.

— Você não estava brincando. Sua casa é muito perto do cemitério — falei.

— Eu sei. Sempre achei estranho morar tão perto de cemitério. Mas aí conheci uma pessoa que mora *dentro* do cemitério.

— Eu não podia deixar você ganhar. Faz parte da minha natureza competitiva.

Ele riu.

— Vem.

Subimos pela entrada estreita ladeada de árvores, e quando chegamos ao topo, ele estendeu os braços.

— Ta-dá. *Casa mia*.

Parei de andar.

— Você *mora* aqui?

Ele balançou a cabeça com tristeza.

— Infelizmente. Pode rir. Não vou me ofender.

— Não vou rir. Até que é... interessante. — Mas aí soltei um leve ronco e o olhar que Ren me lançou mandou minha compostura pelos

ares.

— Vai em frente. Pode se soltar, mas as pessoas que moram em cemitérios não deveriam atirar pedras, ou seja lá qual for o ditado.

Enfim consegui parar de rir por tempo suficiente para recuperar o fôlego.

— Desculpa. Eu não deveria estar rindo. É que não esperava.

Voltamos a olhar a casa, e Ren soltou um suspiro cansado enquanto eu me esforçava para não ser grosseira outra vez. De manhã, eu achava que morava no lugar mais estranho possível, mas algumas horas depois conheci alguém que morava numa *casa de biscoito de gengibre*. E não estou falando de uma casa levemente inspirada numa casa de biscoito de gengibre: parecia que a gente podia quebrar algumas telhas e mergulhar num copo de leite. O lugar tinha dois andares com parede de pedra e um telhado de palha com detalhes intrincados como confeito de glacê. O quintal era cheio de flores em tons pastel, e havia pequenos limoeiros plantados em vasos azul-cobalto ao redor da casa. A maioria das janelas do térreo era de vidro colorido com desenhos espiralados de balas de hortelã, e havia uma bengala doce gigantesca entalhada na porta da frente. Em outras palavras, imagine a casa mais ridícula que puder e depois acrescente um monte de pirulitos à fachada.

— Qual é a história dessa casa?

Ren balançou a cabeça de novo.

— Sempre tem uma história, não é mesmo? Um cara excêntrico do interior de Nova York construiu isso aqui depois de fazer fortuna com a receita de *fudge* da avó. Ele se autointitulava o Barão dos Doces.

— Então o cara construiu uma casa de biscoito em tamanho real?

— Isso mesmo. Foi um presente pra nova esposa. Acho que ela era uns trinta anos mais nova do que ele, mas acabou se

apaixonando por outro, um cara que conheceu num festival da trufa em Piemonte. Depois que foi abandonado pela mulher, o Barão vendeu a casa. Por acaso, meus pais estavam procurando, e claro que uma casa de doces é exatamente o tipo de esquisitice que conquistaria os dois.

— Vocês tiveram que expulsar alguma bruxa canibal daqui?

Ele me olhou confuso.

— Sabe... a bruxa de João e Maria.

— Ah. — Ele riu. — Não, ela ainda nos visita nos feriados mais importantes. Você está falando da minha avó, não é?

— Vou contar a ela que você disse isso.

— Boa sorte. Ela não entende uma palavra de inglês. E toda vez que vem visitar, convenientemente minha mãe esquece como se fala italiano.

— De onde sua mãe é?

— Do Texas. Sempre passamos o verão nos Estados Unidos com a família dela, mas este ano meu pai estava enrolado no trabalho.

— Então é por isso que você tem esse sotaque tão americano?

— É. Todo verão finjo que sou de lá.

— E dá certo?

Ele sorriu.

— Em geral, sim. Você achou que eu fosse americano, não é?

— Só depois que você começou a falar.

— Mas é isso que conta, não é verdade?

— Acho que sim.

Ele me levou até a porta da frente, e nós entramos.

— Bem-vinda à Villa Caramella. "*Caramella*" significa "doce".

— Nossa... livros.

O interior era o pior pesadelo de um bibliotecário. A sala inteira era coberta de estantes que iam do chão ao teto, e centenas (talvez

milhares) de livros estavam bagunçados nas prateleiras.

— Meus pais adoram ler — explicou Ren. — E, além disso, queremos nos preparar pro caso de um dia haver uma revolta dos robôs e precisarmos nos esconder. Muitos livros significam muito papel pra queimar na fogueira.

— Inteligente.

— Vem comigo, ela deve estar no estúdio.

Atravessamos as pilhas de livros e passamos por uma porta dupla que dava para um jardim de inverno. O chão estava coberto de lona e havia uma mesa antiga cheia de tubos de tinta e ladrilhos de cerâmica.

— Mãe?

Uma versão feminina do Ren encolhia-se numa espreguiçadeira com o cabelo sujo de tinta amarela. Ela parecia ter uns vinte anos. Talvez trinta.

— Mãe. — Ren se abaixou e sacudiu o ombro dela. — *Mamma*. Ela tem um sono meio pesado, mas olha... — Aproximando-se do rosto da mãe, ele sussurrou: — Eu acabei de ver o Bono em Tavarnuzze.

Os olhos dela se abriram e a mulher deu um pulo. Ren começou a rir.

— Lorenzo Ferrara! Não *faça* isso.

— Carolina, esta é minha mãe, Odette. Ela era groupie do U2. Passou um tempão seguindo a banda no começo dos anos 1990 durante a turnê pela Europa. Está na cara que ainda sente uma coisa muito forte por eles.

— Vou mostrar uma coisa forte. — Ela pegou seus óculos e os colocou no rosto, olhando-me de cima a baixo. — Ah, Lorenzo, onde você a encontrou?

— Acabamos de nos conhecer na colina atrás do cemitério. Ele vai passar o verão lá com o pai.

— Você é uma de nós!

— Americana?

— Expatriada.

“Refém” era a palavra que descrevia melhor, mas não era o tipo de coisa que se diz a alguém que acabamos de conhecer.

— Espera um minuto. — Ela se inclinou para a frente. — Eu soube que você estava vindo. Você é a filha do Howard Mercer?

— Sim. Lina.

— O nome dela é Carolina — acrescentou Ren.

— Pode me chamar só de Lina.

— Bem, graças a Deus, Lina... Precisamos de mais americanos por aqui. De preferência, *vivos* — disse ela, fazendo um gesto de desdém na direção do cemitério. — É um prazer conhecê-la. Já aprendeu alguma coisa de italiano?

— Eu decorei umas cinco frases no voo para cá.

— Quais? — perguntou Ren.

— Não vou dizer na frente de vocês. Provavelmente vou parecer idiota.

Ele deu de ombros.

— *Che peccato*.

Odette fez uma careta.

— Prometa que nunca vai usar nenhuma dessas frases aqui em casa. Neste verão, estou fingindo não estar na Itália.

Ren sorriu.

— E como está se saindo? Sabe, com seu marido e seus filhos italianos? — perguntou, zombando.

Ela ignorou a gracinha do filho.

— Vou pegar alguma coisa para beber. Fiquem à vontade. — A mãe do Ren apertou meu ombro e saiu da sala.

Ele me olhou.

— Eu falei que ela ficaria feliz de conhecer você.

— Ela realmente detesta a Itália?

— De jeito nenhum. Ela está zangada porque não pudemos passar este verão no Texas, mas todo ano é a mesma coisa. Vamos pra lá e ela passa três meses reclamando da comida horrível e das pessoas que andam de pijama em público.

— Quem usa pijama em público?

— Muita gente. Pode acreditar em mim. É uma epidemia.

Eu apontei para a mesa.

— Ela é artista?

— É. Pinta cerâmica, basicamente cenas da Toscana. Tem um cara em Florença que vende as peças na loja dele, e os turistas pagam, tipo, trilhões de dólares por elas. Provavelmente teriam um ataque histérico se descobrissem que são feitas por uma americana.

Ele me deu um ladrilho com a pintura de um chalé amarelo aninhado entre duas colinas.

— Que lindo.

— Você deveria ver o segundo andar. Minha mãe está substituindo ladrilhos comuns de uma parede inteira pelos dela.

Eu coloquei o ladrilho de volta na mesa.

— E você, tem algum talento?

— Eu? Não. Na verdade, não.

— Nem eu, mas minha mãe também era artista. Fotógrafa.

— Legal. Tirava retratos de família ou coisas assim?

— Não. Basicamente fotografias artísticas. O trabalho dela era exibido em galerias e vernissages. Ela também dava aulas em faculdades.

— Legal. Qual era o nome dela?

— Hadley Emerson.

Odette reapareceu com duas latas de Fanta laranja e uma embalagem aberta de cookies.

— Aqui, pegue um pouco. Ren come um pacote desses por dia. Você vai adorar.

Aceitei um. Era uma espécie de sanduíche de biscoito com baunilha de um lado e chocolate do outro. Um Oreo italiano. Dei uma mordida e um coral de anjos começou a cantar. Será que a comida italiana tinha algum tempero de fadas que a deixava muito melhor do que qualquer coisa feita pelos americanos?

— Oferece outro — disse Ren. — Se não ela vai comer o próprio braço.

— Ei... — falei, mas Odette me entregou o restante dos cookies e acabei ocupada demais devorando tudo para me defender direito.

Ela sorriu.

— Adoro garotas que gostam de comer. Bem, onde estávamos? Ah... Eu não me apresentei, não é? Sinceramente, este lugar está me transformando numa selvagem. Meu nome é Odette Ferrara. É como "Ferrari", mas com *a*. É um prazer conhecê-la. — Limpei a mão antes de cumprimentá-la. — Podemos falar de ar-condicionado? E restaurantes drive-thru? São as duas coisas das quais estou sentindo mais falta neste verão.

— Você nem deixa a gente comer essas porcarias quando estamos nos Estados Unidos — retrucou Ren.

— Isso não quer dizer que *eu* não coma. E de que lado você está afinal de contas? Do meu ou do Signore?

— Sem comentários.

— Quem é Signore? — perguntei.

— Meu pai. Não sei como esses dois acabaram juntos. Sabe aqueles vídeos de relacionamentos estranhos entre animais, em que um urso e um pato se tornam melhores amigos? Pois é, eles são mais ou menos assim.

Odette soltou uma risada.

— Ah, por favor, não somos *tão* diferentes assim. Mas agora eu fiquei curiosa. Nesse cenário, você me consideraria o urso ou o pato?

— Não vou entrar nessa.

Ela se virou para mim.

— Então, o que você achou do meu Ren?

Comi mais um e entreguei o restante dos cookies a Ren, que estava com um olhar de “meu precioso”.

— Ele é... muito simpático.

— E bonito também, não é?

— *Mãe.*

Senti minhas bochechas corarem um pouco. Ren *era* fofo, mas de um jeito que não se nota a princípio. Ele tinha olhos castanhos bem escuros com cílios incrivelmente longos, e quando sorria era possível ver um pequeno vão entre os dentes da frente. Mas, enfim, aquilo também não era o tipo de coisa que se dissesse a alguém que acabamos de conhecer.

Odette acenou para mim.

— Bem, estamos muito felizes por tê-la na cidade. Tenho certeza de que Ren estava tendo o verão mais entediante da vida dele. Hoje de manhã falei que ele devia sair mais.

— Qual é, mãe. Até parece que eu passo o dia inteiro em casa sem fazer nada.

— Eu só sei que depois que certa *ragazza* saiu da cidade, você perdeu o interesse de sair.

— Eu saio quando tenho vontade. Mimi não tem nada a ver com isso.

— Quem é Mimi? — perguntei.

— Uma garota de quem ele gosta — respondeu Odette, num sussurro fingido.

— Mããããe — resmungou Ren. — Eu não tenho nove anos.

Um celular começou a tocar, e Odette tirou papéis e materiais de arte de cima da mesa.

— Onde será que...? *Pronto?*

Uma menininha apareceu à porta com uma calcinha de babados e sapatos pretos de festa.

— Eu fiz cocô!

Odette ergueu os polegares para ela e entrou na casa, falando ao celular num italiano rápido.

Ren soltou um gemido.

— Ai, Gabriella... Que vergonha. Volta pro banheiro. Temos visita, não está vendo?

Ela o ignorou e se virou para mim.

— *Tu chi sei?*

— Ela não fala italiano — disse Ren. — Ela é americana.

— *Anch'io!* Você é namorada do Lorenzo? — perguntou a menina.

— Não. Saí pra fazer uma caminhada e acabamos de nos conhecer. Meu nome é Lina.

Ela me avaliou por um instante.

— Você tem cara de *principessa*. Parece a Rapunzel por causa do seu pelo louco.

— É *cabelo*, não pelo, Gabriella — corrigiu Ren. — E não é legal dizer que o cabelo de alguém é louco.

— Meu pelo é louco mesmo.

— Quer ver meu *criceto*? — Gabriella se aproximou correndo e pegou minha mão. — Venha, *principessa*. Você vai gostar muito dele. O cabelo dele é muito macio.

— Claro.

Ren colocou a mão no ombro dela.

— Carolina, não. E, Gabriella, ela não quer ir. Ela precisa ir embora daqui a pouco.

— Eu não me incomodo. Gosto de crianças.

— Não, é sério, pode acreditar em mim. Ir até o quarto dela é como entrar numa dobra no tempo. Quando você menos esperar, vai ter passado cinco horas brincando de Barbie e estará sendo chamada de princesa Purpurina.

— *Non è vero*, Lorenzo. Você é muito malvado!

Ren respondeu em italiano. Gabriella me lançou um olhar magoado e saiu correndo para o quarto, batendo a porta ao entrar.

— O que é *criceto*?

— Acho que vocês chamam de hamster. Um bichinho irritante que corre numa roda.

— É isso mesmo. Hamster. Ela é fofa.

— Ela é fofa às vezes. Você tem irmãos?

— Não, mas sempre trabalhava como babá para uma família do meu prédio. Eles tinham trigêmeos de cinco anos.

— Nossa.

— Sempre que a mãe deles saía, dizia: “É só mantê-los vivos. Não se preocupe com mais nada.”

— Então você os amarrava ou algo assim?

— Não. Na primeira vez eu lutei com eles, mas depois eles passaram a me amar. Além disso, eu sempre chegava com os bolsos cheios de balas.

No funeral da minha mãe, um dos garotos perguntou por onde eu andava e o irmão disse: “A mãe dela vai dormir por muito tempo. É por isso que ela não pode mais brincar com a gente.” Senti um nó na garganta quando me lembrei disso.

— Preciso ir. Howard deve estar se perguntando aonde eu fui. — falei.

— Sim, claro. — Voltamos pela sala, e Ren parou na porta. — Ei, quer ir a uma festa amanhã?

— Humm...

Desviei o olhar, depois me abaixei depressa para amarrar meus cadarços. *É só uma festa. Aquilo que adolescentes normais frequentam, sabe?* Depois de perder minha mãe, os eventos sociais tinham começado a parecer uma excursão ao Monte Everest. Além disso, eu andava falando muito sozinha nos últimos tempos.

— Vou ter que perguntar para o Howard — falei, enfim, me levantando.

— Tudo bem. Posso buscar você de scooter. Lá pelas oito?

— Talvez. Eu ligo se puder ir. — Estendi a mão para a maçaneta.

— Espera. Você precisa do meu número.

Ren pegou uma caneta numa mesa ali perto, depois segurou minha mão e escreveu seu número depressa. Seu hálito era quente, e quando ele terminou, segurou minha mão por um segundo a mais.

Ah.

Ele me olhou e sorriu.

— *Ciao*, Carolina. Vejo você amanhã.

— Talvez.

Saí da casa e fui embora sem olhar para trás. Tive medo de que ele visse o sorriso radiante estampado no meu rosto.



Capítulo 6



AQUELA COISA DE Ren segurar minha mão me deu um friozinho na barriga, mas bastaram dois minutos no carro com Howard para tudo voltar ao normal. Era tudo muito *constrangedor*.

Ele estava com grandes marcas de pente no cabelo recém-lavado e usava uma calça social e uma camisa melhorzinha. Eu não tinha recebido o memorando para me vestir bem, por isso continuava de camiseta e tênis.

— Pronta?

— Pronta.

— Bom, então vamos para Florença. Aposto que você vai adorar a cidade.

Ele colocou um CD (quem ainda ouve CDs?) e “You Shook Me All Night Long” do AC/DC começou a tocar no carro. Sabe, tipo a trilha sonora oficial do “Ignore o primeiro passeio nada à vontade entre pai e filha”.

Segundo Howard, a cidade ficava a apenas onze quilômetros, mas levamos meia hora para chegar lá. A estrada estava lotada de scooters e automóveis, e todo prédio pelo qual passávamos parecia velho. Apesar do clima estranho no carro, a animação dentro de mim começou a aumentar como vapor se acumulando numa panela de pressão. Talvez as circunstâncias não fossem ideais, mas eu estava em *Florença*. Que incrível!

Quando chegamos à cidade, Howard entrou numa rua estreita de mão única e estacionou do jeito mais impressionante que eu já tinha

visto. Tipo, ele teria sido um ótimo professor de direção se não gostasse tanto de administrar um cemitério.

— Desculpa pela viagem longa — disse ele. — O trânsito estava horrível hoje.

— Não é culpa sua.

Eu praticamente estava com o nariz grudado na janela. A rua era de pedras quadradas entremeadas e com calçadas estreitas. Prédios altos em tons pastel se espremiavam, e todas as janelas tinham lindas venezianas verdes. Uma bicicleta passou correndo na calçada, praticamente arrancando o retrovisor do carro.

Howard olhou para mim.

— Quer ir pelo caminho pitoresco? Ver um pouco da cidade?

— Quero!

Tirei o cinto de segurança e pulei do carro. Ainda fazia calor do lado fora, e a cidade tinha um leve fedor de lixo quente, mas tudo era tão interessante que não vi o menor problema. Howard começou a andar pela calçada e eu o segui.

Eu me sentia num filme italiano. A rua era cheia de lojas de roupas e pequenos cafés e restaurantes, e as pessoas gritavam umas com as outras das janelas e dos carros. Quando chegamos mais ou menos na metade da rua, uma buzina discreta tocou e todos abriram caminho para uma família inteira amontoada numa scooter. Havia até um varal com roupas penduradas entre dois prédios, com um vestido vermelho balançando no meio. Parecia que a qualquer instante um diretor ia aparecer e gritar: “Corta!”

— Lá está.

Viramos uma esquina e Howard apontou para um prédio alto no fim da rua.

— Lá está o quê?

— Aquele é o Duomo. A catedral de Florença.

Duomo. Parecia a nave mãe. Todo mundo estava entrando lá, e quanto mais nos aproximávamos, mais devagar tínhamos que andar. Enfim, chegamos ao centro de um grande espaço aberto e olhei para cima, vendo o enorme prédio meio iluminado pelo pôr do sol.

— Uau. É mesmo...

Enorme? Lindo? Impressionante? Era tudo isso e muito mais. A catedral ocupava uma área equivalente a vários quarteirões, e as paredes eram cobertas de entalhes detalhados em mármore cor-de-rosa, verde e branco. Era cem vezes mais bonita, impressionante e *grandiosa* do que qualquer outro prédio que eu já tinha visto. Além disso, eu nunca havia usado a palavra “grandiosa” na vida. Nunca precisei até então.

— Na verdade, o nome da catedral é Santa Maria del Fiore, mas todo mundo a chama apenas de Duomo.

— Por causa do teto abobadado?

Um dos lados do prédio era coberto por um imenso telhado circular laranja-avermelhado.

— Não, mas boa sacada. “Duomo” significa “catedral”, mas como a sonoridade remete à “domo”, muita gente se confunde. Ela levou quase cento e cinquenta anos para ser construída, e foi o maior domo do mundo até o surgimento da tecnologia moderna. Assim que eu tiver uma tarde livre, subiremos ao topo.

— O que é aquilo? — Apontei para um prédio octogonal, bem menor, na frente do Duomo.

Tinha portas altas, douradas e com entalhes, e vários turistas tiravam fotos diante dele.

— O batistério. Aquelas portas se chamam Portões do Paraíso e são uma das obras de arte mais famosas da cidade. Foram feitas por Ghiberti, que demorou vinte e sete anos para concluir o trabalho.

Também vou levar você lá. — Ele apontou para uma rua logo depois do batistério. — O restaurante é bem ali.

Atravessei o grande espaço aberto (a *piazza*, segundo Howard), e ele segurou a porta do restaurante para mim. Um homem com a gravata enfiada no avental, parado atrás de uma bancada, olhou para nós e se empertigou um pouco. Howard era uns sessenta centímetros mais alto que ele.

— E esta noite, quantos são? — perguntou o homem numa voz anasalada.

— *Possiamo avere una tavola per due?*

O homem assentiu e chamou um garçom que passava.

— *Buona sera* — disse o garçom.

— *Buona sera. Possiamo stare seduti vicino alla cucina?*

— *Certo.*

Então, pelo visto, meu pai falava italiano. E com fluência. Até enrolava o “r” como Ren. Tentei não ficar olhando para ele quando seguimos nosso garçom até a mesa. Eu realmente não sabia nada sobre Howard. Isso era muito estranho.

— Adivinha por que gosto daqui? — perguntou Howard quando nos sentamos.

Olhei em volta. As mesas eram cobertas com toalhas de papel baratas e havia uma cozinha aberta com um forno a lenha aceso. “Lucy in the Sky with Diamonds” tocava ao fundo.

Ele apontou para o teto.

— Aqui toca Beatles o dia todo, todo dia, então encontro duas das minhas coisas preferidas: pizza e Paul McCartney.

— Ah, sim. Eu vi os discos emoldurados no seu escritório.

Engoli em seco. Agora ele ia achar que eu estava bisbilhotando. O que foi mais ou menos o que eu fiz mesmo.

Ele apenas sorriu.

— Minha irmã mandou todos eles de presente há alguns anos. Ela tem dois filhos, um de dez e outro de doze anos. Eles moram em Denver e, de dois em dois anos, passam o verão aqui comigo.

Será que *e/es* sabiam de mim?

Howard deve ter pensado algo semelhante, porque houve um momento de silêncio, e depois nós dois ficamos totalmente concentrados no cardápio.

— O que você quer pedir? Eu sempre como a pizza de *prosciutto*, mas tudo aqui é bom. Podemos pedir alguns aperitivos ou...

— Que tal uma pizza simples? De muçarela.

Simples e rápido. Eu queria voltar a caminhar por Florença e preferia que aquele jantar acabasse o quanto antes.

— Então você deveria pedir a marguerita. É bem básica. Só molho de tomate, muçarela e manjericão.

— Parece boa.

— Você vai adorar a comida daqui. A pizza italiana é completamente diferente da que se come nos Estados Unidos.

Eu abaixei o cardápio.

— Por quê?

— É bem fina e eles servem uma pizza grande só para você. E a muçarela é fresca... — Ele suspirou. — Não tem nada que se compare.

Howard estava mesmo com um olhar sonhador. Será que eu herdei dele minha paixão por comida? Hesitei. Talvez *fosse* uma boa ideia conhecê-lo ao menos um pouco. Afinal de contas, ele era meu pai.

— Então... de onde você é?

— Eu cresci numa cidadezinha da Carolina do Sul chamada Due West. Dá pra acreditar? Fica a uns duzentos e cinquenta quilômetros de Adrienne.

— Foi em Due West que você rearranjou todas as barreiras de trânsito e causou um engarrafamento?

Ele me olhou, surpreso.

— Sua mãe contou isso?

— Sim. Ela contou um monte de histórias sobre você.

Ele deu uma risada.

— Em Due West não havia muito o que fazer, e infelizmente obriguei a cidade inteira a pagar por isso. Que outras histórias ela contou?

— Ela disse que você jogava hóquei, e que mesmo tendo um temperamento calmo se metia em brigas no ringue.

— Aqui está a prova. — Ele virou a cabeça e passou os dedos por uma cicatriz que desaparecia sob o maxilar. — Esta é de um dos meus últimos jogos. Eu não conseguia me controlar. O que mais?

— Você e minha mãe foram a Roma, o dono de um restaurante achou que você era um jogador de basquete famoso e vocês comeram de graça.

— Eu tinha me esquecido disso! O melhor cordeiro que já comi. E só precisei tirar fotos com o pessoal que trabalhava na cozinha.

O garçom se aproximou e anotou os pedidos, depois nos serviu água com gás. Tomei um grande gole e estremeci. Será que só eu achava que água com gás parecia o mesmo que beber faíscas líquidas?

Howard cruzou os braços.

— Desculpe por dizer o óbvio, mas é inacreditável o quanto você se parece com Hadley. As pessoas diziam isso sempre?

— Diziam. Às vezes achavam que éramos irmãs.

— Não fico nem um pouco surpreso. Até suas mãos são iguais às dela.

Meus cotovelos estavam apoiados na mesa, e minhas mãos, cruzadas. De repente, Howard chegou para a frente alguns centímetros, como se tivesse sido fisgado por um anzol.

Estava olhando para meu anel.

Eu me ajeitei, desconfortável.

— Humm, você está bem?

— O anel dela.

Ele estendeu a mão e quase o tocou. Seus dedos praticamente encostaram nos meus. Era uma antiguidade, um anel fino de ouro com um entalhe de arabescos. Minha mãe o usara até ficar magra demais para mantê-lo no dedo. E desde então eu passei a usar.

— Ela contou que fui eu que dei?

— Não. — Puxei a mão para o colo, sentindo o rosto corar. Minha mãe tinha me contado *alguma coisa*? — Era tipo um anel de noivado ou coisa do tipo?

— Não. Só um presente.

Outro longo silêncio se instalou entre nós, e nesse momento demonstrei um interesse inédito pela decoração do restaurante. Pelas paredes havia fotos autografadas do que deviam ser grandes celebridades italianas, além de vários aventais. "Yellow Submarine" tocava ao fundo. Minhas bochechas ferviam como uma panela de molho de tomate.

Howard balançou a cabeça.

— Então, deixou algum namorado esperando por você nos Estados Unidos?

— Não.

— Sorte sua. Vai ter muito tempo para partir corações quando for mais velha. — Ele hesitou. — Hoje de manhã eu estava pensando que é melhor ligar para a escola internacional e ver se alguém do

seu ano vai ficar para o verão. Talvez seja uma boa maneira de ver se você se anima a estudar aqui.

Concordei de um jeito evasivo, tentando não me comprometer, e fiquei subitamente muito interessada na foto de uma mulher usando uma tiara com uma faixa pendurada no ombro. Miss Ravióli 2015?

— Eu queria dizer que, se um dia você precisar de alguém para conversar, alguém além de mim e da Sonia, claro, tenho uma amiga que mora na cidade. Ela é assistente social e fala inglês muito bem. Ela me disse que ficaria feliz em se encontrar com você se precisar, sabe...

Ótimo. Outra psicóloga. A que havia conversado comigo nos Estados Unidos tinha basicamente dito uhum-uhum, uhum-uhum e perguntado “Como você se sente em relação a isso?” até eu achar que minhas orelhas fossem derreter. A resposta era sempre “Péssima”. Eu me sentia *péssima* sem minha mãe. A psicóloga dissera que as coisas iam começar a melhorar aos poucos, mas até o momento ela estava errada.

Comecei a rasgar as pontas do guardanapo, sem olhar para o anel.

— Você está se sentindo... à vontade aqui?

Hesitei.

— Estou.

— Sabe, se precisar de alguma coisa, é só pedir.

— Estou bem.

Minha resposta foi seca, mas Howard apenas assentiu. Depois do que pareceram dez horas, enfim o garçom chegou e colocou duas pizzas fumegantes diante de nós. Eram do tamanho de um prato grande e tinham um cheiro maravilhoso. Comi um pedaço.

Todo o constrangimento evaporou na mesma hora. Era o poder da pizza.

— Acho que minha boca explodiu — falei.

Ou pelo menos foi isso o que tentei dizer. Saiu mais parecido com “nhaboquexplodiu”.

— O quê? — Howard ergueu o rosto.

Comi outro pedaço.

— Isto. É. Maravilhoso. — Ele tinha razão.

Aquela pizza fazia parte de um universo completamente diferente de tudo que eu já tinha vivido.

— Eu avisei, Lina. A Itália é o lugar perfeito para uma corredora esfomeada.

Ele sorriu para mim e continuamos a comer avidamente. No momento estava tocando “Ticket to Ride”, que tornava qualquer conversa desnecessária.

— Você deve estar curiosa para saber onde eu estive esse tempo todo.

Eu congelei, com a boca cheia de pizza e um pedaço da borda na mão. *Ele está perguntando o que eu acho que está perguntando?* Aquele não podia ser o grande momento de revelação; ninguém conta ao filho por que não esteve presente na vida dele enquanto a pessoa está se entupindo de pizza.

Olhei para ele. Howard tinha colocado o garfo e a faca na mesa e estava inclinado para a frente, com uma expressão séria. *Ah, não.*

Engoli o que estava na minha boca.

— Humm, não. Eu não estava curiosa.

Mentira com M maiúsculo. Enfiei a borda da pizza na boca, mas não senti o gosto.

— Sua mãe contou muita coisa sobre nosso relacionamento?

Fiz que não.

— Não. Só, humm, histórias engraçadas.

— Entendi. Bom, a verdade é que eu não sabia sobre você.

De repente, o restaurante inteiro pareceu ficar em silêncio. Menos os Beatles. “The girl that’s driving me mad, is going awaaaayyyy...”, cantavam eles.

Engoli em seco. Nunca sequer tinha *cogitado* essa possibilidade.

— Por quê?

— As coisas eram... complicadas entre nós.

Complicadas. Minha mãe dissera exatamente a mesma coisa.

— Ela entrou em contato comigo mais ou menos na mesma época em que começou a fazer os exames. Sabia que estava doente, só não sabia o que era, mas acho que tinha um pressentimento. Enfim, quero que você saiba que eu teria sido presente. Se soubesse. É que... — Ele estendeu as mãos por cima da mesa. — Tudo o que eu quero é uma chance. Não estou esperando nenhum milagre. Sei que é difícil. Sua avó me contou que você não queria vir, e eu entendo. Só quero que entenda que agradeço muito por ter esta chance de conhecer você.

Ele olhou nos meus olhos, e de repente desejei de todo o coração poder evaporar como a fumaça que ainda saía da minha pizza. Afastei a cadeira da mesa.

— Eu... eu preciso ir ao banheiro.

Saí às pressas do salão, mal conseguindo entrar no banheiro antes que as lágrimas começassem a rolar.

Estar ali era horrível. Antes daquele dia, eu sabia exatamente quem minha mãe era, e com certeza não era aquela mulher que amava violetas, enviava diários misteriosos para a filha ou se esquecia de dizer ao cara com quem se relacionara: “Ah, você não vai acreditar, temos uma filha!”

Levei todos os três minutos de “Here Comes the Sun” para me recompor, respirando fundo, e quando enfim abri a porta, Howard ainda estava sentado à mesa com os ombros curvados. Eu o

observei por um instante e senti a raiva me cobrir como uma leve camada de queijo parmesão.

Minha mãe nos mantivera afastados por dezesseis anos. Por que estávamos juntos agora?



Capítulo 7



NAQUELA NOITE, NÃO consegui dormir.

O quarto do Howard também ficava no segundo andar e as tábuas do piso rangiam quando ele andava pelo corredor. *Eu não sabia sobre você.* Por quê?

O relógio da parede do quarto fazia um tique-taque irritante. Eu não tinha percebido na noite anterior, mas de repente o barulho se tornou insuportável. Coloquei um travesseiro sobre a cabeça, mas não adiantou e, além disso, fiquei meio sufocada. Uma brisa soprava pela janela e as violetas balançavam como rockeiros batendo cabelo num show.

Ok. Tudo bem. Acendi o abajur e tirei o anel do dedo para analisá-lo. Embora não visse Howard havia dezesseis anos, minha mãe usara o anel que ele lhe dera. Todo santo dia.

Mas por quê? Será que eles foram mesmo apaixonados, como Sonia dissera? E se fossem, o que os separou?

Antes que eu perdesse a calma, abri a gaveta da mesa de cabeceira e peguei o diário.

Abri na primeira página.

Eu tomei a decisão errada.

Um calafrio percorreu minha espinha. Minha mãe tinha escrito com canetinha preta grossa, e as palavras se espalhavam pela parte interna da capa como uma fileira de aranhas. Será que aquela

mensagem era para mim? Uma espécie de prenúncio do que eu estava prestes a ler?

Criei coragem e virei a página. É agora ou nunca.



22 DE MAIO

Pergunta: Imediatamente após sua reunião com os funcionários da secretaria de matrículas da Universidade de Washington (logo depois de avisar ao funcionário que você não vai começar a faculdade de enfermagem no outono), você:

- A. Vai para casa e conta aos seus pais.
- B. Tem um ataque de pânico e volta correndo para a sala alegando um lapso temporário de sanidade.
- C. Sai para comprar um diário.

Resposta: C.

Sim, no fim das contas, você vai contar aos seus pais. E também tem consciência de que marcou a reunião para o último horário da secretaria de propósito. Mas assim que a poeira baixar, tenho certeza de que você vai se lembrar de todos os motivos que teve para fazer o que fez. É hora de entrar na livraria mais próxima e gastar todo o seu dinheiro num diário novo e sofisticado, porque por mais assustador que este momento seja, também é o momento em que sua vida (sua vida de verdade) começa.

Diário, agora é oficial. Há uma hora e vinte e seis minutos deixei de ser uma futura estudante de enfermagem. Em vez disso, em apenas três semanas vou arrumar minhas coisas (ou seja, tudo o que minha mãe não destruiu quando ficou sabendo da notícia) e embarcar num avião para a Itália (ITÁLIA!), para fazer o que sempre quis (FOTOGRAFIA!) na Academia de Belas-Artes de Florença (ABAF!).

Só preciso pensar num jeito de dar a notícia aos meus pais. A melhor das minhas ideias envolve fazer uma ligação anônima de algum lugar da Antártida.

23 DE MAIO

Bom, contei. E foi ainda pior do que eu esperava. Para um observador incauto, a Grande Explosão Familiar teria parecido algo assim:

Eu: Mãe, pai, preciso contar uma coisa.

Mãe: Ah, meu Deus. Hadley, você está grávida?

Pai: Rachelle, ela não tem nem namorado.

Eu: Pai, obrigada por me lembrar disso. E, mãe, não sei por que a primeira coisa em que você pensou foi gravidez. [Pigarreia] Quero falar com vocês sobre uma decisão recente que tomei para a minha vida. [Palavras tiradas diretamente de um livro chamado Comunicação inteligente: Como falar para que os outros concordem.]

Mãe: Ah, meu Deus. Hadley, você é lésbica?

Pai: Rachelle, ela não tem nem namorada.

Eu: [Abandonando todas as tentativas de ter uma conversa civilizada.] NÃO. O que estou tentando dizer é que não vou mais fazer faculdade de enfermagem. Acabei de ser aceita numa escola de artes em Florença, na Itália, e vou passar seis meses lá estudando fotografia. E... o curso começa em três semanas.

Mãe/Pai: [Silêncio prolongado envolvendo duas bocas abertas como de dois peixes.]

Eu: Então...

Mãe/Pai: [Continuam boquiabertos]

Eu: Será que vocês poderiam dizer alguma coisa, por favor?

Pai: [Com a voz quase sumindo] Mas, Hadley, você não tem nem uma câmera decente.

Mãe: [Recuperando a voz]
COMO ASSIM VOCÊ NÃO VAI FAZER FACULDADE DE ENFERMAGEM...

[Os cachorros do vizinho começam a uivar.]

Vou poupar você do sermão que tive que ouvir, mas basicamente se resume ao seguinte: estou desperdiçando minha vida. Jogando no lixo meu tempo, minha bolsa de estudos e o dinheiro deles, conquistado a duras penas, para passar seis meses frívolos num país onde as mulheres nem sequer depilam as axilas. (Essa última informação foi uma contribuição da minha mãe. Não sei se é verdade.)

Expliquei que vou pagar tudo. Agradei a contribuição deles para a minha educação. Garanti que vou manter minha rotina de depilação. E depois subi para o meu quarto e chorei por pelo menos uma hora porque estou APAVORADA. Mas que escolha eu tenho? No segundo em que recebi aquela carta de aceitação soube que queria aquilo mais do que qualquer outra coisa que já quis na vida. Eu vou, porque é mais assustador não ir!



Fechei o diário. Uma verdadeira tempestade castigava meu rosto, e as palavras se juntavam numa grande massa embaçada. Era por *isso* que eu não conseguia ler os diários dela. Eles me davam a sensação de estar ouvindo minha mãe falar ao celular com uma amiga, mas então eu erguia os olhos da página e ela não estava ali...

Se controla. Esfreguei os olhos com raiva. Ela havia me mandado aquele diário por algum motivo, e eu precisava descobrir qual era.



13 DE JUNHO

É meio agourento viajar no dia treze, mas aqui estou eu. Depois de uma despedida para lá de gélida por parte da minha mãe, meu pai me deixou no aeroporto. Olá, mundo desconhecido.

20 DE JUNHO

ESTOU AQUI. Eu poderia escrever cinquenta páginas sobre minha primeira semana em Florença, mas basta dizer que

estou aqui. A Academia de Belas-Artes de Florença é exatamente o que eu imaginava: pequena, atravancada e cheia de gente talentosa. Meu apartamento fica bem em cima de uma padaria barulhenta e meu colchão parece de papelão, mas quem se importa quando a cidade mais deslumbrante do mundo está bem diante da janela?

Minha colega de quarto se chama Francesca, e ela veio do norte da Itália para estudar fotografia de moda. Só usa preto, passa do italiano para o francês e o inglês no meio das frases sem nem perceber e está fumando como uma chaminé na nossa janela desde o instante em que chegou. Adoro ela.

23 DE JUNHO

Primeiro dia livre na Itália. Eu estava ansiosa para passar uma manhã preguiçosa comendo um pote de Nutella com pão da padaria aqui de baixo, mas Francesca tinha outros planos. Quando saí do quarto, ela falou para eu me vestir, depois passou a meia hora seguinte discutindo animadamente com alguém no celular enquanto eu a esperava. Quando enfim desligou, disse que eu precisava trocar o sapato. "Nada de sandálias. Já passa das onze da manhã." Ela me fez trocar outras duas vezes. ("Nada de jeans escuros depois de abril." "Nunca combine os sapatos com a bolsa.") Foi cansativo.

Finalmente, saímos e Francesca começou a me contar a versão resumida da história da cidade. "Florença é o berço da Renascença. Você sabe o que é a Renascença, não sabe?" Garanti a ela que todo mundo sabe o que é a Renascença, mas ela me explicou mesmo assim. "Um terço da população

morreu durante a epidemia de peste bubônica nos anos 1300, e depois a Europa passou por um renascimento cultural. De repente, houve uma explosão de arte. E tudo começou aqui antes de se espalhar para o resto da Europa. Pintura, escultura, arquitetura... Aqui era a capital artística do mundo. Florença foi uma das cidades mais ricas da história..." e ela falou, falou e falou muito.

Ela entrava e saía das ruas, sem nem sequer olhar para trás por um segundo para ter certeza de que eu estava acompanhando, quando de repente eu o vi. O DUOMO. O intrincado, colorido e gótico Duomo. Fiquei completamente arrebatada, mas mesmo que não tivesse ficado, ele teria me tirado o fôlego.

Francesca apagou o cigarro, me levou para a entrada lateral do Duomo e me disse que íamos até o topo. E fomos mesmo. Quatrocentos e sessenta e três degraus de pedra, e Francesca subiu as escadas como se houvesse molas em seus saltos-agulha. Quando enfim chegamos, eu não conseguia parar de tirar fotos. Florença parece um labirinto tingido de laranja, com torres e prédios sobressaindo-se aqui e ali, mas nada tão alto quanto o Duomo. Havia colinas verdes ao longe, e o céu era de um tom perfeito de azul. Francesca só parou de falar quando viu como eu estava maravilhada. Ela nem ficou zangada quando abri os braços, sentindo o vento e saboreando uma sensação nova, a liberdade. Antes de descermos, dei um abraço apertado nela, que me afastou e disse: "Chega, chega. Você chegou aqui sozinha. Eu só a trouxe para ver o Duomo. Agora vamos às compras. Nunca vi

uma calça jeans mais triste. Sério, Hadley, ela me dá vontade de chorar.”



— Não acredito — sussurrei para mim mesma.

Qual era a chance de eu ler aquela passagem do diário no mesmo dia em que *eu* tinha visto o Duomo pela primeira vez? Passei os dedos pelas palavras, imaginando minha mãe, com vinte e poucos anos, correndo para acompanhar a tirânica e ágil Francesca. Será que em parte fora por isso que ela enviara o diário? Para vivenciarmos Florença juntas?

Marquei a página e apaguei a luz, sentindo um aperto no peito. Sim, ouvir a voz dela era o equivalente emocional à água entrando num navio avariado, mas também era bom. Ela *amava* Florença. Talvez ler seu diário fosse como ver a cidade ao lado dela.

Eu só tinha que ir aos poucos.



Capítulo 8



PRECISO CONTAR A Addie sobre o diário. Na manhã seguinte, desci a escada ainda de pijama. Ren estava totalmente equivocado sobre o jet lag. Depois de ter lido o início do diário, eu o enfiara sob as cobertas comigo e dormira treze horas seguidas. Acordei me sentindo um beija-flor descansado.

Pouco antes de eu escapar para o quarto, Howard dissera que ia deixar o celular comigo, e fiquei ridiculamente grata por não ter que pedir. Se a volta para casa na noite anterior fosse um livro, o título seria algo como “A viagem mais longa, silenciosa e infeliz de todos os tempos”, e eu não estava nem um pouco ansiosa para ler a continuação. Quanto menos interação, melhor.

De volta ao quarto, fechei a porta e liguei o celular. Primeiro o código do país? O código de área? Onde estavam minhas instruções? Depois de três tentativas, finalmente começou a chamar. Ian atendeu.

— Alô?

— Oi, Ian. É a Lina.

Um videogame berrava ao fundo.

— Sabe... aquela que morou com vocês por cinco meses?

— Ah, sim. Oi, Lina. Onde você está mesmo? Na França?

— Na Itália. Addie está aí?

— Não. Não sei onde ela está.

— Não são tipo duas da manhã aí?

— São. Acho que ela foi dormir na casa de alguém. Agora dividimos o celular.

— Estou sabendo. Pode avisar que eu liguei?

— Claro. Não coma caracóis.

Clique.

Soltei um gemido. Pelo histórico de Ian, minha mensagem tinha menos de zero por cento de chance de chegar a Addie. E eu precisava *muito* falar com ela, sobre o diário, sobre o que Howard me contara, sobre... tudo. Andei pelo quarto como o gato com TOC da minha avó. Não me sentia pronta para voltar ao diário, mas também não podia ficar parada pensando *de jeito nenhum*. Vesti a roupa de corrida depressa e saí.

— Oi, Lina. Dormiu bem?

Eu me sobressaltei. Howard estava sentado no balanço da varanda com olheiras e uma pilha de papéis no colo. Era uma emboscada.

— Sim. Acabei de acordar. — Apoiei o pé no corrimão e me concentrei total e completamente nos meus cadarços.

— Ah, quem me dera voltar a ser adolescente. Acho que nunca acordei cedo antes dos trinta. — Ele parou de se balançar e meio que soltou a seguinte frase, de repente: — Como você está se sentindo em relação ao que conversamos ontem à noite? Fiquei pensando se eu não poderia ter contado aquilo de um jeito melhor.

— Não estou zangada — falei, depressa.

— Gostaria muito de conversar mais com você sobre sua mãe e eu. Ela não lhe contou algumas coisas que...

Tirei o pé do corrimão como se fosse uma dançarina.

— Vamos deixar pra outra hora? Eu quero começar minha corrida.

— *E saber primeiro a versão da minha mãe.*

Howard hesitou.

— Tudo bem, claro. — Ele tentou fazer contato visual comigo. — Vamos fazer isso no seu tempo. É só me dizer quando estiver

pronta.

Desci a escada correndo.

— Ligaram para o centro de visitantes procurando por você hoje de manhã.

Eu me virei.

— Era Addie? — *Por favor, que seja Addie.*

— Não, foi uma chamada local. O nome dele era estranho. Red? Rem? Um americano. Disse que conheceu você ontem durante sua corrida.

Foi como se tivessem jogado um punhado de confete em cima de mim. *Ele ligou?*

— Ren. É apelido de "Lorenzo".

— Faz sentido. Ren disse que você ia a uma festa com ele hoje à noite.

— Ah, é. Talvez eu vá.

Toda aquela história de Howard/diário tinha feito meu cérebro esquecer do resto. Será que eu tinha coragem mesmo de ir?

Howard franziu a testa.

— Bem, quem é ele?

— Ren mora aqui perto. A mãe dele é americana, e ele estuda na escola internacional. Acho que tem a minha idade.

Percebi uma animação no rosto dele.

— Que ótimo. Só que... Ah, não.

— O que foi?

— Eu comecei a fazer um monte de perguntas a ele porque achei que era um dos caras que tinha perseguido você. Acho que posso ter assustado o rapaz.

— Eu conheci Ren atrás do cemitério. Ele estava jogando futebol na colina.

— Poxa, preciso pedir desculpas. Por acaso você sabe o sobrenome dele?

— Ferrari ou coisa parecida? A família mora numa casa que parece feita de doces.

Ele riu.

— Não precisa dizer mais nada. Os Ferrara. Que sorte você ter esbarrado com o garoto. Eu não sabia que o filho deles tinha sua idade, se soubesse teria tentado apresentá-los antes. A festa é com seus outros colegas de turma?

— Possíveis colegas de turma — corrigi depressa. — Não sei se quero ir.

O sorriso dele só ficou ainda maior, como se não tivesse me ouvido.

— Ren pediu para avisar que ele só vai conseguir chegar aqui às oito e meia. O jantar vai estar pronto antes para você não ter que comer correndo. E deveríamos arrumar um celular para você... assim seus amigos não precisarão ligar para o centro de visitantes.

— Obrigada, mas acho que seria um exagero. Eu só conheço uma pessoa.

— Depois desta noite, vai conhecer mais. E enquanto isso pode passar meu número para as pessoas não precisarem ligar para o telefone do cemitério. Ah, e uma boa notícia. Nossa conexão com a internet finalmente foi consertada, então o FaceTime deve estar funcionando muito bem. — Ele colocou os papéis na varanda. — Preciso ir para o centro de visitantes, mas vejo você mais tarde. Aproveite a corrida. — Ele se virou e entrou em casa, assoviando baixinho.

Eu o olhei com desconfiança. Será que *Howard* era a decisão errada da minha mãe? E quanto à festa? Será que eu queria mesmo encontrar um monte de desconhecidos?

* * *

— O que acha desta? — Eu me aproximei do laptop e dei uma voltinha para Addie ver minha roupa.

Ela se aproximou, e seu rosto preencheu a tela. Tinha acabado de acordar e estava parecendo uma vampira loura com aquele delineador todo borrado.

— Humm. Quer que eu seja legal ou sincera?

— As duas coisas, pode ser?

— Não. Parece que essa camisa passou três dias amassada no fundo de uma mala.

— E passou mesmo.

— Exatamente. Eu voto na saia preta e branca. Suas pernas são lindas e acho que aquela saia é a única coisa que você tem que não é horrível.

— E de quem é a culpa? Foi você que me convenceu a fazer maratona de *America's Next Top Model* em vez de lavar as roupas.

— Olha, tudo é uma questão de prioridade. Qualquer dia desses vou crescer dois metros e entro naquele programa. — Ela soltou um suspiro dramático, tentando tirar um pouco da maquiagem dos olhos. — Não acredito que você vai a uma *festa*. Na *Itália*. E eu aqui. Aposto que minha noite vai acabar na casa do Dylan de novo.

— Você gosta de ir lá.

— Não gosto nada. A galera só fica sentada falando das coisas que a gente poderia fazer, mas ninguém toma uma decisão, e acaba todo mundo jogando totó a noite inteira.

— Veja pelo lado bom. Ele tem aquele freezer no porão cheio de burritos e churros. São deliciosos.

— Ah, tem razão. Comer churros industrializados é muito melhor do que ir a uma festa na Itália.

Peguei o laptop e me joguei na cama, apoiando-o na barriga.

— Só que eu não gosto de festas, lembra?

— Não diz isso. Você gostava.

— E aí minha mãe ficou doente e ninguém mais sabia o que dizer pra mim.

Addie contraiu os lábios.

— Eu acho sinceramente que parte disso é imaginação sua. As pessoas só não querem dizer nada errado, sabe? E você tem que admitir que acaba se fechando.

— Como assim? Eu não me fecho pra ninguém.

— Humm, e Jake?

— Que Jake?

— Jake Harrison. O jogador de lacrosse veterano e gato. Ele passou tipo uns dois meses tentando convidar você pra sair.

— Ele não me convidou pra sair.

— Porque você evitava o garoto.

— Addie, eu mal conseguia passar meia hora sem pensar na minha mãe e chorar. Acha que ele ia se interessar por alguém assim?

Ela franziu a testa.

— Desculpa. Eu sei que tem sido difícil, mas acho que agora você está pronta. Na verdade, vou até fazer uma profecia: hoje à noite você vai conhecer o cara mais gato da Itália e se apaixonar por ele. Só não cai de amores a ponto de não querer voltar pra casa, ok? Os últimos três dias já foram os mais longos da minha vida.

— Da minha também. Então, vou com a saia preta e branca?

— Isso. Você vai me agradecer depois. E me liga assim que chegar em casa. Quero conversar mais sobre o diário. Acho que vou contratar uma equipe de filmagem pra começar a seguir você. Sua vida daria um programa de TV sensacional.

* * *

— Lina! O jantar está pronto.

Eu me olhei no espelho. Tinha recusado o conselho da Addie e colocado minha calça jeans preferida. E estava nervosa demais para comer.

Existe uma primeira vez para tudo.

— Você me ouviu?! — gritou Howard.

— Estou indo!

Coloquei um pouco de gloss e ajeitei o cabelo uma última vez. Eu tinha passado uns bons quarenta e cinco minutos fazendo chapinha, mas pelo menos tinha ficado com um cabelo apresentável. Não que isso garantisse alguma coisa. Se alguém o olhasse com uma cara estranha, ele retomaria sua loucura natural em meio segundo. “Você é meio parecida com a Medusa”, dissera Addie uma vez, o que foi muito útil.

Howard me encontrou ao pé da escada e me entregou uma tigela enorme de macarrão. Dava para notar que ele estava se esforçando para deixar as coisas menos tensas, e até aquele momento estava funcionando.

— Você está bonita.

— Obrigada.

— Desculpe por demorar tanto para preparar o jantar. Tivemos um problema com a manutenção. Achei que ia passar a noite inteira trabalhando.

— Tudo bem. — Eu coloquei a tigela na mesa. — E obrigada pelo jantar, mas estou sem fome.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Sem fome? Quantos quilômetros você correu hoje?

— Onze.

— Você está bem?

— Acho que estou meio nervosa.

— Eu entendo. Conhecer gente nova às vezes é estressante, mas eles vão amar você.

BIIP! Olhamos pela janela e vimos Ren vindo pela estrada numa scooter vermelha brilhante. Meu estômago se contraiu. *Por que eu tinha aceitado ir?* Será que ainda dava tempo de desistir?

— Aquele é o filho dos Ferrara?

— É.

— Está chegando antes da hora. Ele não vai levar você de scooter, vai?

— Acho que sim.

Lancei um olhar esperançoso a Howard. Talvez ele dissesse que eu não podia ir! Isso resolveria tudo. Mas será que caras que haviam acabado de se descobrir pais podiam dizer o que os filhos tinham ou não permissão de fazer?

Howard atravessou a sala a passos largos e abriu a porta.

— Lorenzo?

Corri atrás dele.

— Oi, Howard. Oi, Lina. — Ren vestia calça jeans e tênis que pareciam caros. Ele estacionou a scooter e subiu a escada com a mão estendida para Howard. — É um prazer conhecer você.

— O prazer é todo meu. Sinto muito pela confusão no telefone hoje. Achei que fosse outra pessoa.

— Tudo bem. Que bom que você não vai mais me perseguir com uma serra elétrica.

Nossa, Howard estava mesmo levando aquele novo papel a sério.

— Está pronta, Lina? — perguntou Ren.

— Humm, acho que sim. Howard? — Olhei para ele, esperançosa. Ele observava a scooter do Ren com uma expressão severa.

— Já faz tempo que você pilota?

— Desde os quatorze anos. Sou um motorista muito cauteloso.

— Você trouxe um capacete para ela?

— Claro.

Howard assentiu devagar.

— Tudo bem. Dirija com cuidado. Principalmente na volta. — Ele me indicou com a cabeça. — *È nervosa. Stalle vicino.*

— *Si, certo.*

— Humm, com licença. O que vocês falaram? — perguntei.

— Papo de homem — respondeu Ren. — Vamos. Estamos perdendo a festa.

Howard me entregou seu celular e uma nota de vinte euros.

— Leve isto só por precaução. O número do cemitério está aí. Se eu não atender, Sonia atende. A que horas vocês vão voltar?

— Não sei — respondi.

— Posso trazê-la na hora que você quiser — disse Ren.

— Então uma hora.

Eu olhei para Howard. *Uma da manhã?* Ele queria muito que eu fizesse amigos.

Ele se sentou no balanço da varanda, e eu fui com Ren até a scooter, onde ele me entregou um capacete que estava guardado no compartimento sob o banco.

— Pronta? — perguntou Ren.

— Pronta.

Subi na traseira meio sem jeito, e de repente eu e Ren estávamos percorrendo a estrada com o ar frio batendo no nosso rosto. Segurei a cintura do Ren com força, sorrindo feito uma idiota. Era como andar numa poltrona motorizada, super-rápida e bastante confortável. Olhei para trás e vi Howard nos observando da varanda.

— Por que você o chama de “Howard”? — gritou Ren, por causa do barulho da scooter.

— Do que mais eu o chamaria?

— “Pai”?

— De jeito nenhum. Eu não o conheço há tanto tempo assim.

— Não?

— É que... É uma longa história. — E mudei logo de assunto. — Onde é a festa?

Ele hesitou e ligou a seta na estrada principal, depois virou na direção oposta a Florença.

— Na casa da minha amiga Elena. Sempre vamos para lá porque a casa dela é a maior de todas. A mãe é descendente dos Médici, e a família tem uma *villa* gigantesca. A gente sempre percebe que Elena está bêbada quando ela começa a dizer que, em outras épocas, todo mundo teria sido súdito dela.

— Quem são os Médici?

— Uma família florentina muito poderosa. Foram eles que basicamente fundaram o Renascimento.

De repente, imaginei uma adolescente vestindo uma toga.

— Eu estou bem-vestida para a ocasião?

— O quê?

Repeti a pergunta.

Ele desacelerou por causa de um sinal vermelho, depois se virou para me olhar.

— Você está linda. Estamos usando a mesma coisa.

— É, mas você está...

— O quê?

— Mais estiloso.

Ele inclinou a cabeça para trás, e nossos capacetes bateram.

— Obrigado.



Capítulo 9



O PERCURSO ATÉ a casa de elena levou uma eternidade. Uma e-ter-ni-da-de. Quando Ren ligou a seta indicando que ia sair da estrada principal, minhas pernas estavam ficando dormentes.

— Estamos quase chegando.

— Até que enfim. Achei que iríamos até a França.

— A França não fica nessa direção. Se segura.

Ele acelerou e entramos numa rua longa e arborizada. Onde estávamos? Eu não via uma única casa ou prédio havia mais de dez minutos.

— Espera um pouquinho. Três... dois...

Fizemos uma curva e eu explodi.

— *O quê?*

— Uma loucura, não é?

— Isso é uma casa? Alguém mora em algum lugar normal por aqui?

— Como assim? Você não conhece ninguém que mora numa casa de doces nos Estados Unidos?

A *villa* da Elena era um palácio. A casa tinha vários andares e era enorme, gigantesca como um museu, com torres que se erguiam de cada um dos lados de uma grande porta em arco. Comecei a contar todas as janelas, mas desisti. O lugar era grande demais.

Ren desacelerou, contornando um grande chafariz circular que ficava no meio de uma entrada para carros do tamanho de uma quadra de tênis. Então saiu do asfalto para estacionar ao lado de

várias outras scooters. Minha boca estava seca como o Saara. Comer churros no porão da casa do Dylan tinha muito mais a ver comigo.

— Você está bem? — perguntou Ren, me encarando.

Assenti do jeito menos convincente do mundo, em seguida passamos por uma parede de cercas vivas esculpidas até chegar a uma porta. Fiquei olhando a construção e imaginando que a qualquer momento os habitantes furiosos do vilarejo chegariam com tochas e aríetes. Eu estava prestes a vomitar.

Ele me cutucou.

— Tem certeza de que está bem?

— Ótima. — Respirei fundo. — Então... quantas pessoas moram aqui?

— Três. Elena, a mãe dela e a irmã mais velha, quando volta do colégio interno. Elena me contou que nunca entrou em alguns cômodos, e às vezes ela e a mãe passam dias sem se ver. Há um sistema de interfone pra não precisarem atravessar a casa toda pra se falar.

— Sério?

— Sim, estou falando sério. Eu nunca nem vi a mãe dela. Algumas teorias dizem que ela não existe. Além disso, este lugar é mal-assombrado. Elena vê fantasmas praticamente uma vez por dia.

Ele apertou com força a campainha de bronze, que emitiu um som alto.

— Você acredita? Em fantasmas?

Ren deu de ombros.

— Elena acredita. Toda noite ela passa pelo fantasma da tataravó Alessandra na escada.

Fantasmas nunca tinham feito sentido para mim. Quando minha mãe se foi, ela simplesmente *parou de existir*. Eu daria tudo para que não fosse assim.

De repente, uma batida alta me fez soltar um grito. Eu tropecei para trás e Ren me segurou.

— Relaxa. É só a porta. Demora um tempão pra destrancar.

Depois do que pareceram dez minutos, a porta se abriu devagar, e eu dei um passo para trás, meio que esperando ser recebida pela tataravó Alessandra, mas uma adolescente com roupas modernas apareceu. Ela era curvilínea, tinha um piercing de brilhante no nariz e cabelo cheio e preto.

— *Ciao, Lorenzo!* — Ela abraçou Ren e encostou a bochecha na dele, fazendo um som de beijo. — *Dove sei stato? Mi sei mancato.*

— *Ciao, Elena. Mi sei mancata anche tu.* — Ren deu um passo para trás e apontou para mim. — Adivinha quem é esta?

Ela mudou do italiano para o inglês com a mesma velocidade que Ren.

— Quem? Fala logo.

— Carolina.

A garota ficou de boca aberta.

— *Você é a Carolina?*

— Sou, mas pode me chamar de Lina.

— *Non è possibile!* Venha!

Ela pegou minha mão e me puxou para dentro, fechando a porta com um chute. O saguão parecia um cenário do Scooby-Doo. A iluminação era fraca e vinha de algumas arandelas. Tapeçarias e pinturas, que davam um ar antigo ao lugar, cobriam cada centímetro da parede, e, espere aí... Aquilo era *uma armadura*? Elena estava olhando para mim.

— Sua casa é muito...

— Sim, sim. Bizarra. Assombrada, assustadora. Eu sei. Agora vem cá. — Ela me deu o braço e me arrastou pelo saguão. — Eles vão ficar muito surpresos. Espera só.

No fim do corredor, ela abriu uma porta dupla e me fez entrar. A sala era muito mais moderna, com um sofá de couro em L, uma TV de tela plana enorme e uma mesa de totó. Ah, tinha umas vinte pessoas. Mais ou menos. E todas olhavam para mim como se eu fosse algum bicho que fugiu do zoológico.

Engoli em seco.

— Humm, oi, gente.

Elena ergueu minha mão, triunfante.

— *Vi presento, Carolina. Ragazzi*, ela existe!

A sala explodiu em aplausos, e de repente todos me cercaram.

— Você está aqui. Você está aqui de verdade! — Um garoto alto com sotaque francês dava tapinhas animados no meu braço. — Olivier. Bem-vinda.

— Ganhei a aposta! Disseram que você nunca ia aparecer.

— Antes tarde do que nunca.

— *Che bella sorpresa!*

— Eu sou Valentina.

— Livi.

— Marcello.

Metade deles estendeu a mão para um high-five. Será que achavam que eu era um holograma?

Eu cambaleei para trás.

— É um prazer... conhecer todos vocês.

— Gente, sai de cima dela! — Ren empurrou algumas pessoas para trás. — Vocês estão agindo como se nunca tivessem visto ninguém novo.

— Nunca vimos — retrucou um garoto de aparelho.

Então começaram a me fazer várias perguntas.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Você vai pra EAIF?

— Por que não entrou na escola ano passado?

— Aquele altão é seu pai?

Dei outro passo para trás.

— Humm... O que eu respondo primeiro?

Todos riram.

— Onde você mora? Em Florença? — perguntou uma garota ruiva que estourava uma bola enorme de chiclete ao meu lado.

Pelo sotaque, ela parecia ser de Nova Jersey ou algo assim.

— Moro mais ou menos perto do Ren.

— Ela mora no cemitério americano.

Olhei para ele. *Assim você vai me fazer parecer uma esquisitona.*

Ele me deu um tapinha no braço.

— Relaxa. Todo mundo aqui mora em lugares estranhos.

Todos começaram a falar.

— Minha família está alugando um castelo medieval em Chianti.

— Nós moramos numa fazenda.

— O William mora no consulado americano. Lembram quando a irmã dele passou por cima do pé de um dignitário estrangeiro com o patinete?

Um garoto italiano com cabelo na altura do ombro deu um passo à frente.

— *Ragazzi*, ela vai achar a gente um bando de esquisitos. Desculpa por todas essas perguntas.

— Tudo bem — falei.

— Não, nós somos esquisitos mesmo. Nunca conhecemos gente nova. Estamos cheios da cara uns dos outros — disse uma garota que parecia hispânica.

De repente, alguém me abraçou e me ergueu.

— Ei!

— Marco! Calma, cara! — gritou Ren.

— Senta! — disse a garota de chiclete.

Seria Marco um rottweiler? Eu me soltei e me virei. Era um cara musculoso de cabelo preto e curto.

— Ren, me apresenta. Agora — urrou ele.

— Lina, este é o Marco. Agora esquece que você o conheceu. Pode acreditar em mim, vai ser melhor pra você.

Ele sorriu.

— Você está aqui mesmo! Eu sabia que viria. Sempre soube.

— Espera um instante. Você é minha dupla na aula de biologia?

— Sou!

Ele deu um soquinho no ar e depois me abraçou de novo.

— Não consigo respirar — falei, ofegante.

— Solta ela — mandou Ren.

Marco afrouxou os braços, balançando a cabeça, tímido.

— Desculpa. Em geral eu não sou assim.

— É, sim — retrucou a garota de cabelo preto.

— Não, é culpa dessa cerveja. — Ele me mostrou a lata. — Não sei quem comprou, mas é nojenta. Tem um gosto de mictório, sabe?

— Na verdade, não.

— Não tem problema, eu ofereceria um gole, mas acabei de dizer que tem gosto de xixi. Aliás, você é muito bonita. Tipo, muito mais bonita do que eu imaginava.

— Hum... Obrigada?

— Ei! Margo! Quem é seu papa? — Ele se virou e saiu correndo.

— Nossa — falei.

Ren balançou a cabeça.

— Desculpa. Eu queria poder dizer que isso aconteceu porque ele está bêbado, mas na verdade quando está sóbrio ele é pior.

— Muito, muito pior — disse um garoto baixinho de óculos.

— Aí está você. — Uma voz fria atravessou o barulho, e eu me virei, ficando cara a cara com uma garota extraordinariamente linda.

Ela era alta e magra, com grandes olhos azuis e um cabelo quase branco de tão louro. Seu olhar me perfurou.

— Oi, Mimi. Você voltou, bem-vinda. — De repente, a voz do Ren baixou tipo três oitavas.

— Eu estava com medo de que você não viesse hoje — disse ela, com um sotaque... sueco? Norueguês? Algum lugar onde todo mundo tinha pele linda e cabelo sedoso e controlado?

— Todo mundo disse que você não tem aparecido muito.

— Estou aqui agora.

— Que bom. Senti saudade de você. — Ela ergueu o queixo para mim, ainda com os olhos fixos no Ren. — Quem é essa?

— Carolina. Acabou de se mudar pra cá.

— Oi. O pessoal me chama de Lina.

Ela desviou o olhar para mim por um décimo de segundo, depois se inclinou para perto do Ren e sussurrou alguma coisa:

— *Si, certo.* — Ele olhou para mim. — Mas... Mais tarde. Preciso de uns minutos.

Ela se afastou, e foi como se o grupo inteiro voltasse a respirar.

— Rainha do gelo — sussurrou alguém.

— Ela é deslumbrante — falei para Ren.

— Sério? Eu não tinha percebido.

Ele sorriu como se alguém tivesse lhe oferecido um suprimento vitalício de balas. Estava na cara que eu tinha interpretado mal o momento em que ele segurara minha mão na casa de doces. Se Mimi era o parâmetro de beleza dele, já era para mim.

— Ei, vem aqui. Quero mostrar uma coisa.

— Ok. Então... Até daqui a pouco? — falei para os outros.

— *Ciao, ciao* — disse um deles.

Ren já estava no meio da sala.

— Para onde estamos indo?

— É surpresa. Vem. — Ele segurou a porta para mim. — Primeiro as damas.

Entrei pelo corredor escuro, e Ren fechou a porta. Estávamos diante de uma escadaria enorme.

— Ai, não. É aqui que a tataravó da Elena aparece?

— Não, é na outra ala. Vem. Quero mostrar o jardim.

Ele começou a subir a escada, mas fiquei para trás.

— Humm, Ren? Aí em cima é assustador.

— É mesmo. Anda.

Eu me virei para a porta. Escada assustadora ou adolescentes estrangeiros exageradamente simpáticos? Achei melhor apostar no Ren. Corri atrás dele, e meus passos ecoaram no teto alto. No topo da escada, ele abriu uma porta alta e estreita, e eu passei depois dele com relutância.

— Este lugar é incrível — murmurei.

A sala era lotada de móveis, como se a mobília de dez cômodos tivesse sido reunida num único lugar, e tudo estava coberto com lençóis grossos e empoeirados. Havia até uma lareira gigantesca vigiada pelo retrato de um homem sério usando chapéu de penas.

— É sério isso? — Apontei para o retrato.

— Com certeza.

— Isso é coisa de casa mal-assombrada. Parece que vai se mexer se eu virar de costas.

Ren sorriu.

— E isso vindo de alguém que mora num cemitério.

— Acho que dois dias não configura "morar".

— Aqui. — Ele foi até as portas de vidro e soltou o trinco, depois as abriu para a sacada. — Era pra mostrar os jardins, mas na

verdade o que eu queria mesmo era que você se livrasse um pouco da multidão enlouquecida.

— É, eles ficaram meio agitados ao me conhecer.

— Muitos de nós estudam juntos desde o ensino fundamental, então ficamos loucos pra conhecer gente nova. Acho que deveríamos aprender a nos fazer de difíceis.

— Ei, as cercas vivas formam um labirinto.

Eu me inclinei sobre a sacada. As cercas vivas que ladeavam a porta da frente na verdade faziam parte de um desenho entremeadado com estátuas e bancos antigos.

— Legal, não é? Tem um jardineiro muito velho que passou metade da vida podando essas plantas.

— Acho que dá pra se perder lá dentro.

— Dá, sim. Uma vez, Marco saiu andando e levamos umas três horas pra encontrá-lo. Tivemos que subir aqui com um refletor. Ele estava dormindo em cima dos sapatos.

— Por quê?

— Não faço ideia. Quer ouvir algo realmente assustador?

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não.

— A irmã mais velha da Elena, Manuela, se recusa a morar aqui porque desde pequena ela vê um de seus antepassados pela casa. A parte sinistra é que o fantasma aparece sempre com a mesma idade que Manuela.

— Não é de estranhar que ela esteja no colégio interno. — Eu me inclinei sobre o parapeito. — Este lugar está me fazendo adorar minha casa-cemitério.

— Contando histórias de fantasmas?

Levei um susto e quase caí lá embaixo.

— Lina! Você parece a Incrível Garota Assustada — disse Ren.

— Desculpa, gente. Não quis assustar vocês. — Um garoto se sentou num dos sofás e esticou os braços para cima.

— Oi, Thomas. Espionando?

— Estou com dor de cabeça. Só estava tentando fugir um pouco do barulho. Quem é esta com você?

Ele se levantou e se aproximou de nós preguiçosamente.

Ai, meu... Até esqueci o que ia dizer, porque *ninguém é tão lindo assim!*

Thomas era alto e magro, com cabelo castanho-escuro e sobrancelhas grossas, e tinha aquela coisa do maxilar pronunciado da qual eu já ouvira falar, mas nunca tinha visto. E a *boca*. Praticamente acabou com qualquer chance que eu tinha de dizer alguma coisa.

— Lina. — Ren estava com uma das sobrancelhas erguida.

Droga. Será que tinham me perguntado alguma coisa?

— Desculpa, o que você disse?

O garoto sorriu.

— Só falei que meu nome é Thomas. E imagino que você seja a misteriosa Carolina. — Ele tinha sotaque britânico.

Sotaque. Britânico.

— Sou. É um prazer conhecer você. Pode me chamar de Lina.

Apertei a mão dele, fazendo o máximo de esforço para ficar de pé. Ao que tudo indicava “pernas bambas” era uma condição real.

— Americana?

— Sim. Seattle. E você?

— De todo canto. Eu moro aqui há dois anos.

A porta se abriu, e Elena e Mimi entraram.

— *Ragazzi, dai*. Minha mãe vai *surtar* se descobrir que vocês estão aqui em cima. Eu tomei um sermão de quarenta e cinco

minutos depois da última festa. Algum *idiota* deixou um pedaço de pizza num aparador de duzentos anos. Vamos descer, *per favore!*

— Desculpa, El — disseram Thomas e Ren em uníssono.

— Eu só estava mostrando o jardim pra Lina — explicou Ren. — E Thomas queria tirar um cochilo.

— Quem dorme numa festa? Sua sorte é parecer um deus, porque você é *veramente strano*. Sério, Thomas.

Parecer um deus. Eu dei outra olhada para Thomas. Sim. Eu poderia tranquilamente imaginá-lo relaxando no Monte Olimpo.

Mimi deu o braço a Ren e todo mundo saiu da sala, menos eu e Thomas. Será que era imaginação minha ou ele também estava olhando para mim?

Thomas cruzou os braços.

— Alguns de nós fizeram uma aposta pra saber se você ia mesmo aparecer um dia. Pelo visto vou perder vinte euros.

— Eu deveria ter me mudado pra cá antes, mas decidi terminar o ano letivo em Seattle.

— Certo, mas mesmo assim você me deve vinte euros.

— Não devo nada. Na próxima, você deveria ter um pouco mais de fé em mim.

Ele sorriu, erguendo uma das sobrancelhas.

— Vou deixar passar desta vez.

Meus ossos tinham mais ou menos a consistência de geleia de morango. Eu tinha certeza de que ele estava me dando mole.

— Ouvi dizer que você mora num cemitério.

— Meu pai é administrador do cemitério americano de Florença. Vim passar o verão com ele.

— O verão inteiro?

— É.

Um sorriso lento se abriu no rosto dele. Eu também estava sorrindo.

— Thomas! — gritou Elena, à porta.

— Desculpa.

E nós dois saímos com ela.

* * *

Então ser normal é assim. Quer dizer, mais ou menos normal.

— O primeiro show a que você foi na vida.

A maioria das pessoas tinha ido para a piscina, e Thomas e eu estávamos sentados com os pés mergulhados na parte funda. A água azul cintilava, e ou as estrelas tinham descido até nós ou havia vagalumes por todo lado.

— Jimmy Buffett.

— Sério? O cara do Margaritaville?

— Fico surpresa por você saber quem é. E, sim, foi basicamente um mar de blusas havaianas. Minha mãe me levou.

Nós nos abaixamos quando jogaram água na nossa direção. Metade dos convidados estava meio embriagada e mergulhando numa brincadeira agitada, e Marco era sempre... Bem, Marco. Foi muito mais engraçado do que deveria.

— Ok, filme preferido.

— Você vai rir de mim.

— Não vou, não, prometo.

— Tudo bem. *Dirty Dancing*.

— *Dirty Dancing...* — Ele deixou a cabeça tombar para trás. — Ah, sim. Aquele filme horrível dos anos oitenta em que o Patrick Swayze era professor de dança.

Tive que jogar água nele.

- Não é horrível. E como você sabe tanto sobre o filme, afinal?
- Duas irmãs mais velhas.

Ele se aproximou de mim até nossos corpos se tocarem do ombro ao quadril. Foi como levar um choque.

— Então você é corredora, nasceu numa das cidades mais legais dos Estados Unidos, tem um gosto horrível pra cinema, já desmaiou esquiando e nunca experimentou sushi.

- Nem escalada — acrescentei.
- Nem escalada.

Addie, você estava totalmente certa. Alegre, bati os pés na água, dando outra olhada para Thomas. A visão iria me atormentar para sempre. Quem diria que caras tão bonitos *existiam*? E, por falar nisso, ele tinha acabado de colocar o braço em cima dos meus ombros. Como se não fosse nada de mais.

— Então por que se mudou pra cá? — perguntou.

— Eu vim ficar com meu pai. Ele é, humm... meio novo na minha vida.

— Peguei você.

Com um *estrondo* repentino, Ren saiu correndo da escuridão atrás de nós.

— Lina, é meia-noite e meia!

— Já?

Tirei os pés da água, e Thomas baixou o braço. Eu me levantei com relutância.

— Precisamos ir. Ele vai me matar! Ele vai me *matar*.

Ren levou as mãos ao peito e caiu na grama.

— Não vai nada — falei.

— Quem vai matar você? — perguntou Thomas.

— O pai da Lina. Na primeira vez que nos falamos, ele disse que tinha uma bala com meu nome riscado nela.

— Não disse nada. — Olhei para ele. — Espera aí. Ele disse isso?

— Praticamente. — Ren ficou de joelhos e se levantou. — Vamos. Precisamos ir agora.

— Seu cabelo está cheio de grama — avisei.

Ele balançou a cabeça como um cachorro, fazendo a grama voar para todo lado.

— Eu estava rolando na colina.

— Uma colina sueca? — perguntou Thomas.

— Não perguntei a nacionalidade dela.

Soltei um gemido.

— É mesmo meia-noite e meia? Talvez possamos ficar mais uns vinte minutos?

Ren ergueu as mãos.

— Lina. Você não liga se eu morrer?

— Claro que ligo. Só não queria ter que ir embora.

Thomas também se levantou, depois me abraçou, apoiando o queixo no meu ombro.

— Mas, Lina, está muito cedo. Eu vou ficar muito entediado sem você. Seu pai não deixa você ficar até mais tarde?

Ren ergueu uma das sobrancelhas.

— Estou vendo que as coisas *progrediram* nas últimas horas.

Eu não conseguia tirar o sorriso do rosto e virei para o lado para Ren não ver.

— Desculpa, Thomas. Preciso mesmo ir.

Ele soltou uma bufada.

— Tudo bem. Então vamos ter que sair de novo outro dia.

— *Ciao, tutti* — gritou Ren para o grupo. — Preciso levar Lina em casa. Ela tem hora pra chegar.

Houve um coro de "*Ciao, Lina*".

— *Ciao!* — gritei em resposta.

— Espera! — Marco saiu da piscina. — E a iniciação? Lina precisa passar por ela.

— Que iniciação? — perguntei.

— Ela tem que andar na prancha.

Ren soltou um gemido.

— Marco, que idiotice. Paramos de fazer isso tipo... no sétimo ano.

— Ei, vocês *me* obrigaram a fazer, e foi no ano passado — protestou Olivier. — Além disso, era inverno. Eu quase congelei.

— Sim, ela precisa fazer — concordou outra garota. — É a tradição.

— Ela está de calça jeans — retrucou Elena. — *È troppo* cruel.

— Não importa! Regras são regras!

Thomas se aproximou, ficando ao meu lado.

— Se você pular, eu também pulo.

Corta para a imagem mental do Thomas todo molhado.

Eu me virei para Ren.

— Quanto você vai me odiar se tiver que me levar pra casa toda molhada?

— Não tanto quanto você vai odiar a si mesma.

Tirei as sandálias e fui até o trampolim.

— A garota nova vai mesmo! — gritou Marco.

O grupo inteiro começou a aplaudir alto quando subi no trampolim, depois fiz uma reverência. *Essa sou eu?* Tarde demais para perguntar. Corri pelo trampolim, pulei e me encolhi na bola de canhão mais perfeita do mundo.

Naquele breve momento eu me senti viva, muito mais do que durante todo o ano anterior. Talvez durante toda a minha vida.



Capítulo 10



ENTÃO, TALVEZ ANDAR de scooter encharcada não tivesse sido a melhor ideia. Eu estava tremendo quando paramos na frente de casa. Além disso, a piscina tinha reativado a loucura natural do meu cabelo e, quando tirei o capacete, ele se transformou numa nuvem fofa ao redor da minha cabeça.

— Você está tremendo de frio ou de medo?

— De frio. Ren, fala sério. Estamos uma hora atrasados. O que ele vai fazer?

A porta se abriu de repente e Howard apareceu, uma enorme silhueta contra a luz.

Ren também começou a tremer.

— Quer que eu entre com você? — sussurrou Ren.

Fiz que não.

— Obrigada pela carona. Eu me diverti muito.

— Eu também. Vejo você amanhã. Boa sorte.

Fui até a porta com a calça grudada nas pernas.

— Desculpa o atraso. Perdemos a noção do tempo.

Howard estreitou os olhos para mim.

— Seu cabelo está molhado?

— Eles me fizeram andar na prancha.

— Na prancha?

— É o ritual de iniciação. Eu pulei na piscina.

Um leve sorriso cintilou sob sua expressão séria.

— Então a noite foi um sucesso.

— Foi.

— Fico feliz. — Ele olhou por cima de mim. — Boa noite, Ren.

— Boa noite, senhor... pai da Carolina.

Ren virou a scooter e foi embora, espalhando cascalho.

— Olá, olá — disse uma mulher quando entrei em casa com Howard.

Sonia e mais quatro pessoas estavam sentadas nos sofás, segurando taças de vinho. Jazz tocava ao fundo e todo mundo parecia meio alto. Pelo visto, Howard também estava dando uma festa. Ao estilo cemitério. Talvez mais tarde todos tivessem que mergulhar em piscininhas diante do memorial.

— Pessoal, esta é Lina — disse Sonia. — Lina, esse é o pessoal.

— Oi.

— *Che bella*. Você é uma beldade — ronronou uma mulher mais velha com óculos de gatinho.

Howard sorriu.

— Ela não é linda?

— Somos velhos amigos do seu pai — disse um dos homens num inglês vagaroso. — Nós o conhecemos desde seus dias loucos de garanhão. Ah, quantas histórias poderíamos contar.

— É — concordou o cara ao lado dele. — Howard não estava brigando com você por ter chegado tarde, não é? Porque talvez eu devesse lembrar a vez em que viajamos de mochilão pela Hungria e ele...

— Chega — disse Howard, às pressas. — Lina deu um pulinho na piscina, então tenho certeza de que ela quer subir e trocar de roupa.

— Que pena — falou Óculos de Gatinho.

— Boa noite — falei.

— Boa noite — responderam todos em coro.

Subi a escada. Estava *congelando*.

— Ela é a filha da fotógrafa? — perguntou a moça dos óculos de gatinho.

Eu parei.

— Sim. Ela é filha da Hadley. — Silêncio.

E... sua também, não é? Esperei que ele esclarecesse, mas alguém mudou de assunto.

Como *assim*?

* * *

Liguei para Addie no FaceTime assim que vesti uma roupa seca.

— Está pronta pra dizer “Eu avisei”?

— Estou *sempre* pronta pra falar “Eu avisei”. Ai, meu Deus! Como foi? Incrível? — Ela começou a pular na cama.

Eu abaixei o volume do computador.

— Sim. In-crí-vel.

— Por favor, diz que conheceu o italiano mais gato de todos os tempos.

— Conheci, mas ele não é italiano. É inglês.

Ela soltou um gritinho.

— Melhor ainda! Ele tem redes sociais? Preciso investigar a vida dele.

— Não sei. Não perguntei.

— Vou pesquisar. Qual é o nome dele?

— Thomas Heath.

— Até o nome é atraente. — Addie ficou quieta por um minuto enquanto digitava o nome dele. — Thomas... Heath... Florença... — Ela ficou sem ar. — MINHA NOSSA SENHORA DA TENTAÇÃO. Ele tem o cabelo mais bonito que eu já vi. O garoto parece um modelo. Talvez um modelo de cueca.

— Não é?

— Já viu esse deus sem camisa? Você precisa dar uma olhada nessas fotos do perfil dele. Não consigo parar de ver. Ah, que ótimo. Agora você nunca mais vai voltar pra Seattle. Por que voltaria quando *Thomas Heath* está...

— Addie, calma! Ele pode ser um deus grego que não vai fazer diferença. Eu não vou ficar aqui.

— Como assim não vai fazer diferença? Você pode ter um casinho de verão, não é? E, uau! Quer dizer, sério, *uau!* O cara é lindo. Qual é o nome do seu outro amigo?

— Ren, mas o nome completo é Lorenzo Ferrara.

— É, você vai ter que soletrar pra mim.

— A mãe dele disse que é igual a Ferrari, só que com *a*.

— Ferrari com *a*... — Ela mordeu o lábio e digitou no teclado. — Cabelo cacheado? Joga futebol?

— É ele.

Ela sorriu para mim.

— Bem, Lina, você acertou dois alvos. Ren é muito fofo. Então, se não der certo com o Modelo de Cueca, você ainda estará bem servida.

— Não, Ren está fora de questão. Eu conheci a namorada dele hoje. Ela parece a Sadie Danes, só que sueca. E com alguns ajustes no Photoshop.

— Ah, fala sério. Você tentou fugir?

— Com certeza. Ela não ficou nada feliz quando viu que Ren tinha levado uma garota nova.

Addie suspirou, se recostando no travesseiro.

— Vou passar o resto do verão acompanhando sua vida na Itália. E eu sei que a coisa do cemitério é estranha, mas agora apoio cem

por cento sua estadia aí. Você precisa ficar pelo menos mais um pouco. Faz isso por mim. Por favor!

— Vamos ver. Como está o Matt?

— Ainda não entendeu que estou interessada. Mas quem se importa com ele? Numa escala de um a dez, quão estranho seria se eu imprimisse o perfil do Thomas e emoldurasse?

Eu ri.

— Muito estranho. Até pra você.

— E se eu fizer um calendário do Thomas? “Doze Meses de Beleza Britânica”. Acha que consegue tirar mais fotos dele sem camisa? Talvez você pudesse derramar suco nele na próxima vez que se encontrarem.

— Nem pensar.

Ela suspirou de novo.

— Você está certa. Seria muito estranho. Então, como está o diário?

— Vou ler mais um pouco agora. — Hesitei. — Ontem à noite foi meio difícil, mas também foi bom. Ela adorava este lugar.

— E você também vai adorar. E eu também. Indiretamente.

Balancei a cabeça.

— Veremos.

— Ok, volta pro diário. Quero saber qual foi a decisão errada dela. Esse suspense está me matando.

— Boa noite, Addie.

— Bom dia, Lina.



2 DE JULHO

Florença é exatamente como achei que seria, e completamente diferente. É mágica: o chão de pedras, os prédios antigos, as pontes. Mas também é suja. Você pode estar andando pela rua mais encantadora que já viu na vida e de repente sentir o cheiro de esgoto a céu aberto ou pisar em algo nojento. A cidade encanta, depois traz você de volta à realidade. Nunca estive num lugar onde quisesse registrar tudo. Passo muito tempo fotografando coisas que parecem existir somente aqui na Itália: roupas penduradas em vielas, gerânios vermelhos em latas velhas de molho de tomate, mas no geral tento capturar as pessoas. Os italianos são muito expressivos; nem é preciso tentar adivinhar o que estão sentindo.

Hoje vi o pôr do sol na Ponte Vecchio. Acho que posso dizer que enfim achei o meu lugar. Simplesmente não consigo acreditar que tive que vir até o outro lado do mundo para encontrá-lo.

9 DE JULHO

Francesca me introduziu oficialmente em seu grupo de amigos. Todos também fizeram o último semestre na ABAF, e são inteligentes e hilários, e me pergunto secretamente se estão sendo seguidos por câmeras de um reality show. Como é possível tanta gente interessante junta no mesmo lugar? Eis o elenco:

Howard: O perfeito cavalheiro sulista (Francesca o chama de gigante sulista), bonito, gentil e o tipo de cara que iria para a guerra por você. Ele faz parte de um grupo

de pesquisa sobre a história de Florença, e quando não está dando aulas está assistindo às aulas.

Finn: Aspirante a Ernest Hemingway de Martha's Vineyard. Ele finge que a barba densa e o gosto por golas altas são obra do acaso, mas todos sabemos que ele passa metade de seu tempo lendo *O sol também se levanta*.

Adrienne: É francesa e talvez seja a pessoa mais bonita que já vi na vida real. Ela é muito quieta e incrivelmente talentosa.

Simone e Alessio: Juntei os dois porque estão SEMPRE juntos. Eles cresceram juntos perto de Roma e estão sempre aos socos, normalmente porque nenhum dos dois jamais namorou uma garota pela qual o outro não se apaixonasse na mesma hora.

E, enfim...

Eu: Entediante. Americana aspirante a fotógrafa que está tonta desde o instante em que seu avião aterrissou em Florença.

O apartamento que divido com Francesca se tornou o ponto de encontro oficial. Todos nos aglomeramos na sacada minúscula e temos longas discussões sobre coisas como velocidade do obturador e exposição. Não é o paraíso?

20 DE JULHO

Pelo visto, não dá para aprender italiano por osmose, por mais que você durma com *Italiano para leigos* aberto sobre o rosto.

Francesca disse que aprender uma língua é a coisa mais fácil do mundo, mas falou isso enquanto fumava, estudava abertura do diafragma e fazia um pesto caseiro, então talvez não entenda muito bem o significado da palavra "fácil". Eu me inscrevi no curso de italiano para iniciantes do instituto. As aulas são à noite três vezes por semana. Finn e Howard também estão no curso. Os dois estão bem mais adiantados que eu, mas fico feliz por ter a companhia deles.

23 DE AGOSTO

Faz mais de um mês que não escrevo, mas por um bom motivo. Tenho certeza de que não será nenhuma surpresa quando disser que me A-P-A-I-X-O-N-E-I. Que clichê! Mas, sério, mude-se para Florença, coma algumas garfadas de massa, depois passeie ao crepúsculo e simplesmente TENTE não se apaixonar pelo cara por quem você está babando desde o primeiro dia! Provavelmente você não vai conseguir. Eu amo estar apaixonada na Itália, mas verdade seja dita: eu me apaixonaria por X em qualquer lugar. Ele é bonito, inteligente, charmoso e tudo o que sempre sonhei. Também estamos mantendo as coisas em segredo, o que, para ser sincera, o torna ainda mais atraente. (Sim, X. Eu duvido que alguém vá ler meu diário, mas vou me referir a ele assim só por precaução.)



O QUÊ? Deixei o caderno cair no meu colo. Só tinha levado três páginas para Howard ter passado de "cavalheiro sulista" certinho a

amante secreto X. Pelo visto, eu não estava dando crédito suficiente a ele.

Peguei meu laptop e fiz outra chamada de FaceTime. Addie atendeu na hora. Seu cabelo estava enrolado numa toalha e ela segurava um waffle mordido.

— E aí?

— Eles tiveram que manter o relacionamento em segredo — falei, baixinho.

Pelo que eu podia ouvir, os convidados do Howard ainda estavam se cumprimentando lá fora, na varanda, com tapinhas nas costas e falando “Vamos repetir isto em breve”.

— Howard e sua mãe?

— É. Ela escreveu que eles eram do mesmo grupo de amigos, e de repente começa a chamá-lo de X porque tem medo que alguém pegue seu diário e descubra que eles estão namorando em segredo.

— Que escândalo! — exclamou Addie, alegre. — Por que eles tinham que manter segredo? Ele era da máfia ou coisa do tipo?

— Ainda não sei.

— Liga de novo assim que descobrir. Droga. Eu não vou estar aqui! O Ian vai me levar à concessionária. Finalmente vou pegar meu carro de volta.

— Que boa notícia.

— Nem me fala. Ontem à noite ele me fez dobrar toda a roupa lavada nojenta dele antes de me levar na casa do Dylan. Me liga amanhã?

— Com certeza.



9 DE SETEMBRO

Agora que comecei a escrever minha storia d'amore, posso contar como foi desde o começo. Na verdade, X foi uma das primeiras pessoas que conheci ao chegar em Florença. Ele deu uma das palestras de abertura do semestre, e depois eu simplesmente não consegui parar de pensar nele. Claro que ele é talentoso, e tem aquele tipo de beleza que faz você gaguejar mesmo ao dizer "oi" e "tchau", mas havia algo a mais; ele tinha uma complexidade que me fez querer entendê-lo.

Por sorte conseguíamos passar bastante tempo juntos dentro e fora da sala de aula. Só que nunca estávamos sozinhos. Nunca. Ou Francesca estava sentada no canto tagarelando ao celular, ou Simone e Alessio pediam opinião em alguma nova discussão ridícula, e nossas conversas pareciam nunca ir muito longe. Eu tinha uma grande dúvida na cabeça. ELE ESTÁ OU NÃO INTERESSADO? Em certos dias, eu tinha certeza de que sim, e em outros, nem tanto. Talvez eu só estivesse imaginando coisas.

Mesmo assim, sempre o pegava me olhando durante a aula, e toda vez que conversávamos havia algo entre nós que eu não podia ignorar. Isso durou semanas. E então, finalmente, quando achei que estava imaginando a coisa toda, eu o vi na Space. Francesca chamava o lugar de boate oficial da ABAF, mas ele nunca tinha ido conosco. Eu havia saído para tomar um pouco de ar, e quando entrei de novo, lá estava ele, encostado na parede. Sozinho.

Eu sabia que era minha chance, mas quando comecei a me aproximar, percebi que não sabia o que dizer. "Oi. Espero não parecer louca, mas você notou que nós dois temos uma química estranha?" Por sorte, nem tive que abrir a boca. Assim que me viu, ele estendeu a mão e segurou meu pulso. "Hadley", disse. E pelo jeito que ele falou... eu soube que não estava imaginando coisas.

15 DE SETEMBRO

Encontrei X nos Jardins de Boboli para ficarmos um pouco sozinhos. É um parque do século XVI que parece um oásis no meio da cidade. Cheio de obras arquitetônicas, chafarizes e espaço suficiente para fazer qualquer um esquecer que está numa cidade. Nós dois levamos nossas câmeras, e depois de fotografarmos tudo o que queríamos, nos sentamos debaixo de uma árvore e conversamos. Ele sabe muito sobre arte. E história. E literatura. (E sobre tudo. Mesmo.) O parque fechou às sete e meia, mas quando me levantei para guardar as coisas, ele me puxou e nos beijamos até o guarda nos mandar ir embora.

20 DE SETEMBRO

A única parte difícil de estar apaixonada por X é não contar a ninguém. Eu sei que a escola não gostaria que namorássemos, mas é difícil manter algo assim em segredo. É uma tortura passar metade do dia a três metros um do outro sem poder tocar nele.

Eu não tenho nenhum talento para guardar segredos, e todo mundo parece saber que estou apaixonada. Parte disso é

logística. Na maioria das noites, nos encontramos tarde, e eu não volto para casa antes das três ou quatro da manhã. Eu disse à Francesca que estou treinando minha fotografia noturna, mas ela se limitou a revirar os olhos e dizer que sabe tudo sobre "fotografia noturna". Parte de mim se pergunta se todo mundo está só fingindo não saber o que está acontecendo. Será que são assim tão burros? Nosso relacionamento está acontecendo bem debaixo do nariz deles!

9 DE OUTUBRO

X e eu estamos começando a ficar muito criativos na hora de achar lugares para os encontros. Sabíamos que todos os outros ficariam em casa estudando esta noite, então fomos à Space (aquela de antes) e depois de dançarmos até cansar, perambulamos pela cidade. X disse que tinha uma surpresa para mim e nos embrenhamos pelas ruas escuras até eu sentir o cheiro de algo maravilhoso, uma mistura de açúcar, manteiga e algo mais. Êxtase?

Enfim, viramos uma esquina e vimos um grupo de pessoas reunidas ao redor de uma porta iluminada. Era uma padaria secreta, o que é raro. Basicamente, os padeiros trabalhavam durante a noite para preparar sobremesas para restaurantes, e embora fosse ilegal, eles vendiam doces recém-saídos do forno por alguns euros.

Só algumas pessoas bem-informadas sabem disso, mas estas, bem... Digamos apenas que correm o risco de se tornarem notívagas.

Todo mundo na fila estava muito quieto e nervoso, e quando chegou nossa vez, X comprou um *cornetto* recheado com chocolate, um tipo de croissant, e dois *cannolis*. Então nos sentamos no meio-fio e devoramos tudo. Quando cheguei em casa, Francesca, Finn e Simone estavam esparramados nos pequenos sofás, e todos ficaram implicando comigo, perguntando que fotos noturnas eram essas que eu havia tirado. Eu queria poder contar a eles.



Uau.

Para começo de conversa, quero ir a essa padaria secreta. Eu nem sabia o que era um *cornetto* ou um *cannolis*, e estava praticamente babando nas páginas. Mas, acima de tudo, para que tanto segredo?

Folhee outra vez os registros anteriores no diário. Será que as escolas tinham mesmo uma política contra o relacionamento entre alunos e professores-assistentes? Eu entenderia que fosse uma regra para professores de verdade, mas assistentes de pesquisa? E minha mãe estava *arrebatada*. Como era possível alguém tão apaixonada ir embora e manter a filha deles em segredo por dezesseis anos?

Marquei a página do diário e fui até a janela. A noite estava maravilhosa. Nuvens passavam sobre a lua como navios-fantasma, e agora que os amigos do Howard tinham ido embora, tudo estava calmo e silencioso.

De repente, um vulto chamou minha atenção, e eu gelei. O que era *aquilo*? Eu me debrucei na janela, com o coração martelando no peito. Um borrão branco se movia em direção à casa. Parecia uma

pessoa, mas estava passando rápido demais, como um... Estreitei os olhos. Aquele era *Howard*? De skate?

— O que você está fazendo? — sussurrei.

Ele deu um impulso forte com o pé e passou rapidamente pela entrada de carros, como uma foca deslizando para o mar. Como se fosse algo que fizesse sempre.

Eu tinha que conhecer melhor aquele cara.



Capítulo 11



— LINA, ESTÁ ACORDADA? Telefone para você.

Howard bateu na porta aberta do quarto, e eu enfiei o diário embaixo da cama. Eu estava relendo os trechos da noite anterior. E enrolando. Porque, sim, queria saber o que tinha acontecido, mas também queria prolongar a parte feliz. Mais ou menos como aquela vez em que parei *Titanic* na metade e fiz Addie assistir à primeira parte de novo.

— Quem é?

— Ren. Tenho que comprar um celular para você. Fique com o meu por enquanto. Vou usar o fixo.

— Obrigada.

Eu me levantei e fui até ele, que estava completamente acordado e não tinha nada a ver com o X do diário. Nenhum sinal de seu sombrio passeio noturno. Ou de práticas suspeitas de namoro.

Ele me entregou o celular.

— Você poderia dizer ao Ren que ele não precisa ter medo de mim, por favor? O garoto quebrou o recorde mundial de quantas vezes se falou “senhor” numa única conversa.

— Posso, mas acho que não vai fazer diferença. Você realmente deixou ele assustado naquela primeira ligação.

— Eu tive um bom motivo. — Ele sorriu. — Vejo você um pouco mais tarde? Devo sair do trabalho lá pelas cinco.

— Ok.

Encostei o celular no ouvido e Howard foi para o corredor. *Ciao, misterioso X.*

— Oi, Ren.

— *Ciao*, Lina. Que bom que você está viva.

Eu me inclinei casualmente porta afora e observei Howard descer a escada. Ele e minha mãe haviam se agarrado num parque público? Não é o tipo de coisa que uma filha quer saber sobre os pais. E o que tinha sido tão especial no jeito que ele dissera o nome dela quando ficaram juntos pela primeira vez na Space? Parecia uma cena brega de uma daquelas novelas que a mãe da Addie não admitia que via.

— Você está aí? — perguntou Ren.

— Sim, desculpa. Estou meio distraída.

Fechei a porta do quarto e me sentei na cama.

— Então, ele não ficou zangado?

— Não. Ele estava dando uma festa e acho que nem percebeu que nos atrasamos.

— *Fortunato*. Você já foi correr?

— Não. Ia sair agora. Quer ir também?

— Já estou a caminho. Me encontra no portão do cemitério.

Troquei de roupa e corri para encontrá-lo. Ren estava com uma camiseta laranja chamativa e corria sem sair do lugar como um velho. Como sempre, seu cabelo caía nos olhos e ele estava vermelho e suado da corrida.

— Como *essa* roupa não tem cara de americana? — perguntei, puxando a camisa dele.

— Não tem cara de americana quando está num italiano.

— Metade italiano — corrigi.

— Metade é o suficiente. Pode acreditar em mim.

Começamos a correr pela estrada.

— Então, sua mãe ganhou o Prêmio LensCulture... — comentou Ren.

Olhei para ele.

— Como você sabe?

— Existe uma coisa chamada internet. É muito útil.

— Ah, sim. Eu lembro vagamente que isso existia antes de morar na Itália.

Eu havia tentado fazer uma chamada pelo FaceTime com Addie umas dez vezes naquela manhã para contar a ela as novidades sobre a leitura da noite, mas só aparecera a mensagem NO SERVIZIO. Pelo menos agora podia usar o celular do Howard sempre que quisesse.

— Encontrei um monte de matérias sobre ela. Você não me contou que sua mãe era tão famosa.

— O LensCulture deu uma alavancada na carreira dela. Foi quando ela começou a trabalhar só com fotografia.

— Eu gostei da foto. Nunca tinha visto nada parecido. Como era mesmo o nome? *Apagado?*

Ele me ultrapassou, depois abraçou o próprio corpo, olhando por cima de um dos ombros. Minha mãe fotografara uma mulher que tinha acabado de remover um nome tatuado no ombro.

Eu ri.

— Nada mau.

Ele voltou a correr ao meu lado.

— Também vi autorretratos que ela fez quando estava doente. São bem intensos. Vi você em alguns deles.

Mantive os olhos grudados na estrada.

— Não gosto de ver esses.

— Compreensível.

Chegamos a um trecho em que havia um declive e imediatamente acelerei. Ren fez o mesmo.

— Então... pretende sair com seus amigos de novo em breve? — perguntei.

— Está falando do Thomas?

Eu enrubesci.

— E... dos outros.

Minha prioridade era descobrir o que havia acontecido entre minha mãe e Howard, mas isso não significava que eu tinha que desperdiçar minha chance com Thomas, não é?

— É Marco, não é? Você está louca pra ver ele de novo, certo?

Eu ri outra vez.

— Talvez.

— Thomas não pegou o seu número?

— Eu nem tenho celular. Você sempre liga pro cemitério, lembra?

Além disso, ele não tinha pedido. Provavelmente porque havia se lembrado do seu relógio caro *depois* de pular comigo na piscina.

— Também já liguei pro celular do seu pai. Mesmo que estivesse apavorado.

— Como conseguiu o número?

— Sonia me deu, mas levei tipo uma hora pra tomar coragem de ligar.

Suspirei.

— Ren, você precisa esquecer aquela primeira conversa ruim com Howard. Ele é um cara muito legal. Não vai machucar você por ser simpático comigo.

— Um ogro já gritou com você por algo que não fez? Não é tão fácil esquecer.

— Ogro? — Eu ri.

— As pessoas não são tão altas aqui. Aposto que ele atrai todos os olhares quando chega em algum lugar.

— É bem provável.

O menor caminhão do mundo passou por nós, buzinando várias vezes. Ren acenou.

— Ei, quer ir à cidade comigo hoje à noite? Podíamos tomar sorvete ou só passear, ou algo assim. Talvez lá pelas oito e meia?

— A Modelo Sueca não vai ficar chateada?

Eu estava só brincando, mas ele me olhou com uma cara séria.

— Acho que não.

* * *

Quando Ren chegou para me buscar, Howard e eu estávamos terminando de jantar. Ele tinha preparado macarrão com tomate e muçarela frescos, e eu passara a refeição inteira olhando para ele como uma louca. *X é bonito, inteligente, charmoso.* Menos quando você engravida dele? Aí de repente ele passa a ser tão terrível que você foge para o outro lado do mundo para evitá-lo por dezesseis anos? Eu pegara o diário três vezes naquela tarde, e todas as vezes o largara. Era difícil demais.

— Está tudo bem? — perguntou Howard.

— Sim. É que eu estava... pensando.

Desde que tínhamos combinado *não* falar da minha mãe, as coisas estavam um pouco melhores. Na verdade, era muito fácil conviver com ele. Howard era uma mistura de hippie e nerd que sabe tudo de história.

Enfiei o garfo na massa outra vez.

— Está muito bom.

— Bem, o mérito não é do chef. É muito difícil fazer besteira tendo ingredientes tão bons. Então, o que acha de sairmos amanhã? Posso tirar o dia todo de folga, e teremos bastante tempo para turistar.

— Tudo bem.

— Para onde você e Ren vão hoje?

— Ele só disse que queria ir à cidade.

— Lina? — A cabeça do Ren apareceu na porta da cozinha.

— Falando nele...

— Desculpe pelo atraso. — Ele viu Howard e se assustou. — E eu deveria ter batido, senhor.

Howard sorriu.

— Oi, Ren. Quer jantar? Eu fiz *pasta con pomodori e mozzarella*.

— *Buonissimo*. Mas não, obrigado. Eu já comi. Minha mãe tentou reproduzir um prato do KFC e fez uma panela enorme de purê que basicamente se transformou em cola. Ainda estou tentando digerir.

— Ecaaa.

Howard riu.

— Já passei por isso. Às vezes a gente simplesmente precisa de KFC — comentou, então pegou o prato e entrou na cozinha.

Ren se sentou ao meu lado, pegou um fio de macarrão do meu prato e perguntou:

— Então, aonde vamos hoje?

— Como vou saber? Você que é de Florença.

— É, mas tenho a sensação de que você não passou muito tempo na cidade. Tem alguma coisa que esteja louca pra ver?

— Não tem tipo uma torre inclinada ou coisa assim?

— Linaaa. Isso fica em Pisa.

— Relaxa, estou brincando, mas, na verdade, tem uma coisa que eu quero ver. Vamos lá em cima comigo um segundo. — Eu levei meu prato para a cozinha, e Ren me seguiu até o quarto.

— Este é mesmo seu quarto? — perguntou ele quando entramos.

— É. Por quê?

— Você não tirou nada da mala? Isto aqui está meio vazio. — Ele abriu uma das gavetas vazias da cômoda, depois a fechou devagar.

— Todas as minhas coisas estão aqui. — Eu aponte para a mala. Qualquer um que olhasse acharia que ela havia explodido, as roupas estavam espalhadas em cima dela.

— Você não vai ficar aqui um tempo?

— Só o verão.

— São, tipo, dois meses.

— Espero que seja menos. — Lancei um olhar para a porta aberta.

Ai. Será que era imaginação ou minha voz tinha reverberado pelo cemitério inteiro?

— Acho que não dá pra ele ouvir.

— Espero que não.

Eu atravessei o quarto, depois me ajoelhei para pegar o diário embaixo da cama e comecei a folheá-lo.

— Eu li sobre um lugar... Ponte Véchio?

— *Ponte Vecchio?* — Ele me olhou com uma cara de dúvida. — Você está brincando, não é?

— Eu sei que falei errado.

— Bem, falou, quer dizer, você assassinou o nome. Mas você *nunca* foi lá? Há quanto tempo está em Florença?

— Desde terça à noite.

— Isso significa que deveria ter visto a Ponte Vecchio na quarta de manhã. Vai se arrumar. Estamos saindo.

Olhei minha roupa.

— Eu já estou pronta.

— Desculpa. Foi modo de dizer. Pega sua bolsa ou seja lá o que for. Estamos indo. Você precisa conhecer. Está na minha lista de dez lugares preferidos no mundo.

— Está aberta? São quase nove horas.

Ele soltou um gemido.

— Sim, está aberta. Vamos.

Peguei o dinheiro que Howard tinha me dado na noite anterior e enfiei o diário na bolsa. Ren já estava no meio da escada quando fui atrás, mas ao chegar lá embaixo ele parou de repente, e eu dei um encontrão nele.

Howard estava sentado no sofá, com o laptop apoiado nos joelhos.

— Aonde vocês dois estão indo com tanta pressa?

— Lina ainda não foi à Ponte Vecchio. Vou levar. — Ren pigarreou. — Com sua permissão, senhor.

— Permissão concedida. É uma ótima ideia. Lina, você vai adorar.

— Obrigada. Espero que sim.

Fomos até a porta.

— Estou de olho em você, Ren — disse Howard no instante em que Ren saiu para a varanda.

Ren não se virou, mas se empertigou como se tivesse tomado um choque na coluna. Howard me olhou e piscou.

Ótimo. Agora Ren nunca mais ia relaxar.

A noite estava quente, e Florença parecia duas vezes mais cheia do que quando eu fui com Howard. Ir de scooter era um pouco mais rápido porque podíamos passar entre os carros no engarrafamento, mas mesmo assim levamos um bom tempo. Não que eu me importasse. Andar de scooter era muito divertido, e o ar frio que soprava parecia ser minha recompensa por sobreviver a um dia tão longo e quente. Quando Ren estacionou, a lua já surgira redonda e pesada como um tomate maduro, e eu me senti como se tivesse dado um mergulho longo e refrescante.

— Por que está tão cheio hoje? — perguntei, entregando o capacete para ele guardar embaixo do banco.

— É verão. As pessoas gostam de sair. E os turistas chegam em bando. São verdadeiras manadas!

— Ren, você é meio estranho.

— Já me falaram isso.

— O que essa ponte tem exatamente?

— “Ponte Vecchio” significa “Ponte Velha”. Ela fica sobre o rio Arno. Vem, é por aqui.

Fiz o possível para acompanhá-lo enquanto ele abria caminho para atravessar a rua, e logo chegamos a uma calçada larga junto ao rio. O Arno se estendia escuro e misterioso, e as margens eram iluminadas como uma passarela, com fios de luzes cintilantes que desapareciam em ambas as direções.

Eu me permiti um segundo para absorver tudo aquilo.

— Ren... é lindo. Não acredito que as pessoas possam morar aqui de verdade.

— Como você mora?

Eu o olhei e ele estava sorrindo. Dã.

— Bem, é, acho que sim.

— É só esperar. Depois de ver isso você vai querer ficar aqui pra sempre.

As pessoas que passavam por ali empurravam umas às outras, então Ren me deu o braço e fomos até o rio, pulando por cima de um cara de cabelo comprido sentado de costas para a água. Ele tocava um violão velho e cantava “Imagine” com um forte sotaque.

— Meu pai tem um livro que ensina letras de música em inglês pra italianos. Acho que vou emprestar para aquele cara ali — brincou Ren.

— Ah, mas pelo menos ele transmite o sentimento certo. Está cantando com muita nostalgia.

O ponto em que meu braço tinha ficado colado ao do Ren estava esquentando, mas antes que eu pudesse pensar nisso, ele se afastou e colocou as mãos nos meus ombros.

— Pronta pra engolir seu chiclete?

— O quê?

— Pronta pra ver a Ponte Vecchio?

— Claro. É por isso que estamos aqui, não é?

Ele se virou e apontou.

— Por ali.

A calçada havia nos levado a uma pequena ponte para pedestres. Era pavimentada com asfalto, e vários turistas se aglomeravam em volta de panos e cobertores sobre os quais bolsas e óculos escuros falsos estavam à venda. *Nada* interessante.

— É aqui? — perguntei, tentando não demonstrar muito que estava decepcionada.

Talvez fosse mais legal durante o pôr do sol.

Ren soltou uma gargalhada.

— Não. Não é *esta* ponte. Pode acreditar em mim, você vai saber quando colocar os olhos nela.

Fomos até o centro da ponte, e um homem negro se colocou diante do seu cobertor cheio de mercadorias.

— Meu jovem, quer bolsa bonita Prada para namorada? Quinhentos euros na loja, mas dez euros para você. Faz ela sentir amor de verdade.

— Não, obrigado — disse Ren.

Eu o cutuquei.

— Não sei, não, Ren. Parece um ótimo negócio. Dez euros pelo amor verdadeiro?

Ele sorriu, parando no meio da ponte.

— Você não viu, não é?

— Vi o qu... ah.

Corri para o guarda-corpo. Estendida sobre o rio, a uns quatrocentos metros de nós, havia uma ponte que parecia ter sido construída por fadas. Três arcos de pedra erguiam-se graciosamente da água, e toda a extensão era coberta por uma fileira flutuante de prédios coloridos debruçados sobre o rio. Havia três arcos menores abertos no centro, e tudo emanava uma luz dourada na escuridão, iluminado pelo próprio reflexo na água.

Chiclete oficialmente engolido.

Ren sorria para mim.

— Uau! Nem sei o que dizer.

— Não é? Vem. — Ele olhou para a direita, depois para a esquerda, e pulou o guarda-corpo da ponte como num salto com vara.

— Ren!

Eu me debrucei, com a certeza de que o veria nadando cachorrinho em direção à Ponte Vecchio, mas acabei cara a cara com ele. Ren estava agachado numa borda protuberante do tamanho de uma mesa que pendia sobre a água e parecia ridiculamente satisfeito consigo mesmo.

— Eu estava esperando ouvir você caindo na água.

— Eu sei. Agora vem. Só toma cuidado pra ninguém ver.

Dei uma olhada para trás, mas todo mundo estava envolvido demais com as Prada falsificadas para prestar atenção em mim. Subi no parapeito e pulei ao lado dele.

— Isso é permitido?

— De jeito nenhum, mas daqui se tem a melhor vista.

— É incrível.

Por algum motivo, o barulho das pessoas lá de cima não chegava até nós, e juro que a Ponte Vecchio estava ainda mais brilhante e régia. Tive uma sensação solene e perplexa. Como a de ir à igreja. Só que eu queria ficar ali pelo resto da vida.

— Então, o que acha?

— Ela me faz lembrar de uma vez em que eu e minha mãe fomos a uma reserva de papoulas na Califórnia. Todas as flores se abrem ao mesmo tempo, e planejamos nossa visita para chegar na hora certa. Foi mágico.

— Como isso aqui?

— É.

Ele chegou para trás, parando a meu lado, e encostamos a cabeça na parede, apenas admirando. *Enfim achei o meu lugar*. Era como se minha mãe estivesse acenando para mim do outro lado do rio. Se eu forçasse a vista, quase podia vê-la. Meus olhos ficaram um pouco embaçados, transformando as luzes da Ponte Vecchio em grandes halos dourados, e tive que passar uns trinta segundos fingindo que um cisco misterioso do Arno tinha caído no meu olho.

Pela primeira vez, Ren ficou em completo silêncio, e quando o acesso de choro passou, olhei para ele.

— Então, por que se chama “Ponte velha”? Não é tudo velho por aqui?

— É a única ponte que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial, e é muito, muito velha, até pros padrões italianos. Tipo, medieval. Aquelas coisas que parecem casas eram açougues. Eles abriam as janelas e jogavam todo o sangue e as entranhas no rio.

— Não acredito. — Olhei de novo para as janelas. A maioria tinha venezianas verdes e todas já estavam fechadas. — São lindas demais pra isso. O que são agora?

— Joalherias luxuosíssimas. E está vendo aquelas janelas espaçadas no topo da ponte?

Eu assenti.

— Sim.

— Aquilo é uma passarela. Chama-se Corredor Vasariano e era usada pelos Médici como forma de se deslocar por Florença sem precisar andar pela cidade.

— A família da Elena.

— *Esattamente*. Assim não precisavam se misturar conosco, a ralé. Quem expulsou todos os açougueiros foi Cosimo Médici. Ele queria dar mais prestígio à ponte. — Ren olhou para mim. — Então, que livro era aquele que você estava lendo? O que estava debaixo da sua cama.

Você confia nele. As palavras abriram caminho na minha cabeça antes que eu ao menos tivesse a chance de questionar. E daí que eu só conhecia Ren havia dois dias? Eu sentia que podia confiar de verdade nele.

Tirei o diário da bolsa.

— É o diário da minha mãe. Ela estava morando em Florença quando engravidou de mim, e escreveu neste diário sobre essa época. Ela o enviou para o cemitério antes de morrer.

Ele olhou para o caderno, depois para mim.

— Caramba. Isso é muito *pesado*.

Pesado. Exatamente. Eu abri na primeira página, olhando de novo as palavras agourentas.

— Comecei a ler um dia depois que cheguei. Estou tentando entender o que aconteceu entre Howard e ela.

— Como assim?

Eu hesitei. Seria possível resumir toda aquela história complicada em algumas frases?

— Ela conheceu Howard quando estava estudando aqui, e depois que ficou grávida foi embora da Itália e nunca contou a ele sobre mim.

— Sério?

— Quando ela ficou doente, começou a me falar muito dele, e depois me fez prometer que viria morar aqui por um tempo. Só que não me contou o que tinha dado errado entre eles, e acho que me deixou este diário pra que eu descobrisse.

Eu me virei e olhei nos olhos do Ren.

— Então, ontem à noite, quando você disse que não conhecia Howard muito bem, não estava exagerando.

— É. Eu oficialmente o conheço há... — Conte nos dedos. — Quatro dias.

— Não acredito! — Ele balançou a cabeça, incrédulo, e seus cachos balançaram. — Então me deixe entender bem. Você é uma americana morando em Florença... Não, morando num *cemitério*... com um pai que acabou de descobrir que tem? Você é ainda mais estranha que eu.

— Ei!

Ele bateu com o ombro no meu.

— Não, não falei no mau sentido. Só quis dizer que nós dois somos meio diferentes.

— Por que você é diferente?

— Eu sou metade americano, metade italiano. Quando estou na Itália, me sinto americano demais, e quando estou nos Estados Unidos, me sinto italiano demais. Além disso, sou mais velho que todo mundo da minha turma.

— Quantos anos você tem?

— Dezessete. Minha família morou no Texas por alguns anos quando eu era bem pequeno, e quando voltamos eu não falava

italiano muito bem. Já era meio velho em relação aos outros alunos do meu ano da escola, e acharam melhor eu entrar na turma anterior pra alcançar os outros. Meus pais acabaram me matriculando na escola americana alguns anos depois, mas a direção não permitiu que eu pulasse um ano.

— Quando você faz dezoito?

— Em março. — Ele me olhou. — Mas então, você só vai passar o verão mesmo?

— É. Howard e minha avó querem que eu fique mais tempo, mas obviamente a situação é muito estranha. Eu mal o conheço.

— Mas talvez acabe conhecendo melhor. Tirando a serra elétrica, eu até que gosto dele.

Eu dei de ombros.

— É que é muito bizarro. Se minha mãe não tivesse ficado doente, eu provavelmente não saberia nada sobre ele. Ela sempre me disse que tinha engravidado muito jovem e decidido que era melhor me criar sozinha.

— Até agora.

— Até agora — repeti.

— Onde você vai morar quando sair de Florença?

— Com minha amiga Addie, eu espero. Fiquei com a família dela até terminar o segundo ano, e ela vai perguntar aos pais se também posso morar lá no ano que vem.

Ele olhou para o diário.

— Então, o que você está lendo aí?

— Bem, até agora sei que eles tinham que manter o relacionamento em segredo. Ele era professor-assistente na escola que ela frequentava, e acho que a direção não teria gostado. E ela levava esse segredo muito a sério. Tipo, depois que começaram a

namorar, ela parou de escrever o nome dele porque tinha medo de que alguém lesse o diário e descobrisse. Ela só o chama de "X".

Ele balançou a cabeça.

— Sério? Bem, a resposta pra sua pergunta deve ser essa. A maioria dos romances secretos parece ter prazo de validade.

— Talvez, mas quando cheguei aqui, Sonia disse que minha mãe morou um tempo com Howard no cemitério, então não era exatamente secreto. E disse que um dia minha mãe simplesmente foi embora, sem nem sequer se despedir dela.

— Nossa. Deve ter acontecido alguma coisa. Alguma coisa séria.

— Tipo... uma gravidez?

— Ah. Acho que isso seria importante. — Ele mordeu o lábio, pensativo. — Agora você me deixou curioso. Me mantém atualizado, está bem?

— Claro.

— Então ela adorava a Ponte Vecchio? Sobre quais outros lugares ela escreveu?

Peguei o diário das mãos dele e comecei a folheá-lo.

— Ela fala algumas vezes de uma boate, a Space.

— Space Electronic? — Ele riu. — Não acredito. Eu fui lá há umas duas semanas. Elena adora aquele lugar. Ela conhece um dos DJs, então conseguimos entrar de graça. O que mais?

— O Duomo, os Jardins de Boboli... Ele também a levou a uma padaria secreta. Você sabe onde fica?

— Uma padaria secreta?

Entreguei o diário a ele.

— Lê isso aqui.

Ele passou os olhos pela página em que minha mãe conta sobre a padaria.

— Nunca ouvi falar disso, mas deve ser incrível. Pena que ela não anotou o endereço, eu adoraria comer um *cornetto* fresco.

O celular do Ren começou a tocar, ele o tirou do bolso e hesitou por um instante, depois apertou SILENCIAR. Na mesma hora, voltou a tocar e ele apertou SILENCIAR outra vez.

— Quem é?

— Ninguém.

Ele enfiou o celular no bolso, mas consegui ver o nome na tela.

Mimi.

— Ei, quer tomar um gelato?

Franzi a testa.

— O que é isso?

Ele soltou um gemido.

— Gelato. Sorvete italiano. A melhor coisa que vai acontecer na sua vida. O que você ficou *fazendo* desde que chegou?

— Indo pra lá e pra cá com você.

— E está me dizendo que só tenho um verão... — Ele balançou a cabeça, depois se levantou. — Vem, Lina. Temos muitas coisas pra fazer.



Capítulo 12



ENTÃO... GELATO ITALIANO. Imagine a delícia que é um sorvete de casquinha comum, multiplique por um milhão, depois arremate com pó de chifres de unicórnio. Ren me fez parar depois de tomar a quarta bola. Eu provavelmente teria continuado para sempre.

Quando cheguei, Howard estava assistindo a um filme antigo do James Bond com os pés descalços apoiados na mesinha de centro. Havia um balde de pipoca gigantesco ao lado dele.

— O filme acabou de começar... quer assistir?

Olhei para a tela. O James Bond das antigas nadava em direção a um prédio usando um disfarce que era basicamente um pato empalhado preso a um capacete. Em geral, eu adorava filmes antigos cafonas, mas naquela noite tinha outras coisas em mente.

— Não, obrigada. Vou descansar. — *E espero conseguir respostas.*



9 DE NOVEMBRO

Esta foi a melhor noite da minha vida, e devo isso a uma estátua.

Eu e X estávamos na Piazza della Signoria olhando a estátua de Giambologna chamada *O rapto das sabinas*. Fiquei muito confusa porque em inglês chamam de "*The Rape of the Sabine*

Women”, e na imagem não fica claro o que está acontecendo. São três figuras: um homem segurando uma mulher no ar e um segundo homem agachado no chão olhando para ela. É evidente que a cena é angustiante, mas os três são muito graciosos, harmoniosos até.

Eu disse a X que achava que a mulher parecia estar sendo erguida, não violentada, e claro que ele conhecia a história. Quando Roma foi fundada, os homens perceberam que havia algo muito importante faltando em sua civilização: mulheres. Mas onde as encontrariam? As únicas mulheres que viviam a uma distância relativamente pequena pertenciam a uma tribo vizinha chamada sabinos, e quando os romanos foram pedir permissão para se casarem com algumas das filhas daquelas famílias, ouviram um retumbante não. Então, numa atitude tipicamente romana, eles convidaram os sabinos para uma festa e, no meio da noite, dominaram os homens e arrastaram as mulheres desesperadas para sua cidade. Enfim, os sabinos conseguiram invadir Roma, mas àquela altura, era tarde demais. As mulheres não queriam ser resgatadas. Tinham se apaixonado por seus captores e, no fim das contas, chegaram à conclusão de que a vida em Roma era ótima. A palavra em latim *raptio* se parece com *rape*, que quer dizer estupro, mas na verdade significa “rpto”. Só então entendi que o título da obra em inglês foi uma tradução equivocada.

Já estava tarde, e falei para X que precisava ir para casa, mas de repente ele se virou para mim e disse que me amava. Ele disse isso de um jeito casual, como se não fosse a primeira

vez, e eu levei um instante para assimilar as palavras. Então o fiz repeti-las. Ele me AMA. Pode me raptar. Eu me rendo.

10 DE NOVEMBRO

Fui para a aula hoje de manhã depois de dormir umas duas horas. X chegou tarde, e embora eu soubesse que devia ter dormido ainda menos que eu, ele estava perfeito. Quebrou nossa regra de agir como simples amigos na escola e me abriu um enorme sorriso. Todos viram. Eu queria poder pausar esse momento e viver nele para sempre.

17 DE NOVEMBRO

Às vezes parece que meu tempo é dividido em duas categorias: o tempo com X e o tempo esperando para estar com X. Desde aquela noite na Piazza della Signoria, as coisas andam instáveis entre nós. Em certos dias, nos damos muito bem, e em outros, ele age como se eu realmente *fosse* apenas uma amiga. Ultimamente ele tem tomado cuidado demais para manter o segredo. Seria tão ruim assim se todo mundo soubesse? Acho que ficariam felizes por nós.

21 DE NOVEMBRO

Quando vim para a Itália, em junho, seis meses pareciam uma eternidade. Agora parece que estão escorregando por entre meus dedos. Só tenho mais um mês! O diretor da escola, o Signore Petrucione, disse que adoraria que eu ficasse por mais um semestre, e eu faria de tudo para ter um pouco mais de tempo para estudar e ficar com X, mas e o dinheiro? E meus pais? Será que ficariam arrasados? Toda vez que nos falamos,

eles tocam no assunto da faculdade de enfermagem, e dá para perceber o quanto estão decepcionados.

Quando cheguei da aula hoje, havia uma carta deles. Eles tinham incluído dois avisos da universidade dizendo que se eu não voltar para o semestre seguinte, vou perder minha vaga. Só passei os olhos pelas correspondências, depois as enfiar no armário. Eu só queria que isso terminasse.



Ops. Primeiros sinais de problemas. Como aqueles minitremores sentidos antes de um terremoto. Como se chamam? Abalos? Sem dúvida eu os sentia naquelas páginas. Ele disse que a amava, mas não a deixava contar aos amigos sobre o relacionamento? Por que ele teimava tanto em manter o segredo? Minha mãe não parecia nem um pouco preocupada com isso.

Eu me recostei na cama e cobri os olhos com o braço. O jovem Howard parecia muito inconstante. Será que tinha usado toda aquela história de segredo como desculpa para não se comprometer de verdade? Será que ela gostava muito mais dele do que ele dela? Aquilo era deprimente *demais*. Coitada da minha mãe. Mas então como aquilo se encaixava no que Sonia dissera sobre Howard ser louco por ela?

Olhei a foto na mesa de cabeceira. Não conseguia parar de pensar no que sentira na Ponte Vecchio. Depois que minha mãe morreu, muita gente me disse que ela estaria sempre perto de mim, mas eu nunca senti isso. Até aquela noite. Eu me revirei na cama e peguei o celular do Howard na cômoda.

— *Pronto?* — Ren estava com uma voz grogue.

— Desculpa, você está dormindo?

— Não mais. Vi o número do Howard no meu celular e tive um ataque de pânico.

Eu sorri.

— Howard deixou o celular dele comigo. Ele disse que posso usá-lo até a segunda ordem. Então tenho uma pergunta pra você.

— Quer saber se vou levá-la à Space?

Levei um susto.

— Humm... é. Como sabia que eu ia perguntar isso?

— Tive um pressentimento. E já me adiantei. Mandeí uma mensagem pra Elena quando cheguei em casa. Ela acha que aquele amigo DJ vai trabalhar lá essa semana, o que significa que vamos entrar de graça. Quer ir amanhã? Posso ver se mais gente da escola também quer ir.

Sim.

— Ren, seria perfeito. E obrigada de novo por me levar à Ponte Vecchio.

— E por apresentar você ao amor da sua vida? Acho que você bateu o novo recorde mundial da maior quantidade de gelato devorada de uma só vez.

— Quero tentar bater outro recorde amanhã. Qual foi aquele último sabor? O que tinha pedaços de chocolate?

— *Stracciatella.*

— Esse vai ser o nome da minha filha.

— Sorte a dela.



6 DE DEZEMBRO

Recebi um e-mail da faculdade de enfermagem declarando que minha matrícula foi oficialmente cancelada. Tentei solicitar uma prorrogação depois de receber aquelas cartas dos meus pais, mas, para ser sincera, não me esforcei muito. Meus pais estão zangados, mas eu só sinto alívio. Agora não há nada me atrapalhando. Quando contei a notícia a X, ele pareceu surpreso. Acho que não sabia que eu tinha tanta vontade de ficar.

8 DE DEZEMBRO

Ótima notícia! A escola se dispôs a me deixar ficar mais um semestre pagando a metade da mensalidade. Petrucione disse que eu sou uma das alunas mais promissoras que já passaram por aqui (!!) e que ele e o restante do corpo docente acham que outro semestre de estudos vai ajudar muito na minha futura carreira. FUTURA CARREIRA. Como se fosse uma certeza! Mal posso esperar para contar a X. Eu quase contei pelo telefone, mas decidi esperar e falar pessoalmente. Só vamos conseguir nos encontrar amanhã à noite. Espero que eu aguente até lá.

9 DE DEZEMBRO

Contei para X. Acho que a notícia o pegou de surpresa, porque por um segundo ele só ficou me olhando. Depois me levantou no colo e me girou. Estou muito feliz.

27 DE DEZEMBRO

X foi para casa passar as festas de fim de ano, e Francesca me salvou do que seria o Natal mais longo e triste da história ao

me convidar para ir a Paris e ficar no apartamento vago do amigo dela.

Paris é o sonho de qualquer fotógrafo. Quando não estávamos ao ar livre tirando fotos, ficávamos na sacada do apartamento enroladas em cobertores e comendo caixas gigantescas de chocolate que dizíamos ter comprado para nossas famílias. Na véspera de Natal, convenci Francesca a ir ao ringue de patinação da Torre Eiffel, e, embora ela tenha ficado sentada na lateral reclamando do frio, eu patinei por mais de uma hora, tonta com a magia daquilo tudo.

O único lado ruim foi a saudade que senti de X. Francesca falou dele algumas vezes, e precisei de toda a minha força de vontade para não contar a ela o que está acontecendo entre nós. É como se estivéssemos levando uma vida dupla: somos amigos em público e namorados em particular. Detestei passar o Natal longe dele. E também estou preocupada. Como nosso relacionamento vai progredir se não podemos nem contar a ninguém que estamos juntos? Será que consigo sobreviver a mais seis meses de sigilo?

20 DE JANEIRO

As aulas voltaram com tudo, e agora que a empolgação inicial por ficar mais um semestre passou, estou presa à realidade, que significa calcular e recalcular. Toda noite pego meu caderno e experimento cenários diferentes. Quanto tempo na Itália meu dinheiro vai durar se eu fizer menos aulas? E se eu só comer espaguete com molho de tomate? E se eu conseguir um financiamento estudantil? (Dedos cruzados.) Todas as

respostas são bastante incertas. Até posso ficar, mas vai ser apertado.

4 DE FEVEREIRO

O financiamento enfim saiu hoje. UFA. Fiz um jantar de comemoração. O tempo estava perfeito (frio e sem chuva), e a comida, divina. Até Simone e Alessio se comportaram bem: só tiveram uma discussão (o que é um recorde), e foi sobre quem comeria o último pedaço da caprese. Finn acabou não voltando para o semestre. Ele estava em dúvida e, no último instante, decidiu aceitar uma vaga de professor na Universidade do Maine. Francesca colocou um exemplar de *O velho e o mar* na cadeira onde ele sempre se sentava, então pelo menos nosso amigo estava aqui de alma. Senti aquela velha estranheza de sempre porque o pessoal ainda não sabia sobre X e eu, mas estou começando a aceitar. Ele não parece se importar, e as coisas são como são. Acho que estão fora do meu controle.

15 DE MARÇO

Aconteceu uma coisa estranha esta noite.

Adrienne não tem andado muito conosco neste semestre. Ela passa a maior parte das noites em casa e ultimamente parece nos evitar até nas aulas, então hoje alguns de nós a emboscamos em seu apartamento e a levamos para jantar. Depois, todo mundo foi lá para casa, mas quando chegamos ao prédio, ela ficou para trás. Finalmente fui procurá-la, e quando saí do apartamento, a vi na escada, conversando ao celular e soluçando como se seu coração tivesse sido partido

ao meio. Tentei sair de fininho, mas as tábuas do piso rangeram, e quando ela me viu, me lançou um olhar que congelou até minhas entranhas. Ela foi embora sem se despedir.

20 DE MARÇO

Tive muito azar e acabei formando dupla com Adrienne para o trabalho "Andando por Florença". E eu digo "muito azar" porque as coisas têm andando muito desconfortáveis desde aquela noite.

Minha ideia para o projeto era ir até o Arno fotografar pescadores, mas Adrienne disse que já tinha o tema perfeito em mente. Ela falou de um jeito que não dava a menor abertura para discussão, então simplesmente peguei a câmera e fui com ela. Tentei perguntar se ela estava bem, mas ela deixou claro que não queria falar sobre aquela noite. Nem sobre mais nada. Enfim, desisti de tentar conversar e a segui pela cidade.

Andamos rápido em silêncio por uns dez minutos e então ela virou numa ruazinha e entrou numa pequena loja de suvenires. Havia dois homens de meia-idade sentados num canto jogando cartas e, quando a viram, assentiram para ela, que foi direto para os fundos da loja. Atrás da caixa registradora, havia uma porta com uma cortina de contas, e do outro lado ficava um quatinho com uma cozinha pequena e uma cama de solteiro. Uma mulher de vestido florido estava sentada diante de uma TV em preto e branco e, quando nos viu, ergueu a mão e disse: "Aspetta. Cinque minuti."

(Tradução: "Esperem. Cinco minutos." Viu? Estou aprendendo um pouco de italiano.)

Enquanto eu tentava descobrir o que estávamos fazendo ali, Adrienne pegou sua câmera e começou a tirar fotos do cômodo e da mulher, que não parecia notar. Enfim, Adrienne se voltou para mim e disse num inglês lento: "Esta é a Anna. Ela é médium. Os filhos dela são donos da loja ali na frente, e durante o dia ela joga tarô. Ninguém mais vai tirar fotos de uma médium de Florença. É um tema sem igual."

Tive que admitir que ela estava certa. Era sem igual. E o cenário não poderia ser mais interessante: um quartinho dos fundos decrépito, a cortina de contas, a fumaça do cigarro de Anna espiralando para o teto. Então peguei a câmera e também comecei a tirar fotos. Por fim, o programa terminou e a mulher se levantou para desligar a TV, indo devagar até uma mesa que ficava encostada na parede e gesticulando para nos sentarmos. Depois de nos apertarmos ao redor da mesa, ela pegou um baralho e começou a virar as cartas uma a uma, murmurando para si mesma em italiano. Adrienne largou a câmera e fez absoluto silêncio. Depois de alguns minutos, Anna olhou para nós e disse com um forte sotaque: "Uma de vocês vai encontrar o amor. As duas vão sofrer."

Fiquei meio perplexa. Não sabia que ela ia jogar tarô para nós. Minha reação não foi nada comparada à da Adrienne. Ela ficou arrasada. Depois que recuperou a compostura, começou a disparar perguntas em italiano até Anna se irritar e cortá-la.

No final, Adrienne pagou e fomos embora. Ela não me dirigiu uma única palavra na volta.

23 DE MARÇO

Todos nós fomos a uma palestra na Galeria Uffizi. Howard se ofereceu para me levar em casa, e acabei contando sobre Adrienne e a médium. Ele passou vários minutos sem dizer nada. Então começou a andar mais rápido e perguntou se podia me mostrar uma coisa. Fomos até a Piazza del Duomo, e quando chegamos lá, ele me levou para o lado esquerdo da catedral e falou para eu olhar para cima. O sol tinha começado a se pôr e a sombra do Duomo cobria metade da *piazza*. Eu não sabia o que estava procurando; só conseguia ver as lindas paredes detalhadas, mas ele continuou tentando me fazer ver alguma coisa. Finalmente, pegou meu dedo e o guiou, de forma que acabei apontando para algo que se projetava da parede da catedral. "Ali", disse ele. E então eu vi: bem no meio de todos aqueles lindos entalhes e estátuas de santos, havia a escultura de uma cabeça de touro. Sua boca estava aberta e ele olhava para baixo como se observasse alguma coisa.

Ele contou que há duas histórias sobre a cabeça do touro. A primeira é que esses animais foram fundamentais para a construção do Duomo, e o touro foi acrescentado como forma de homenageá-los. A outra história tem um ar mais italiano.

Durante a construção do Duomo, um padeiro montou uma banca perto do canteiro de obras, e ele e sua mulher vendiam pão para os pedreiros e operários. A mulher do padeiro e um dos mestres de obra acabaram se conhecendo e se

apaixonando, e quando o padeiro descobriu o caso, os levou para o tribunal, onde foram humilhados e sentenciados a passar a vida longe um do outro. Para se vingar, o mestre de obras esculpiu um touro e o colocou no Duomo, num ponto em que a escultura encarasse o padeiro em sua banca como um lembrete constante de que sua mulher amava outro homem.

Eu amo todo esse conhecimento que ele tem sobre Florença, e isso sem dúvida me distraiu do episódio com Adrienne, mas agora estou me perguntando sobre o momento em que ele resolveu me contar aquela história. Será que ele estava tentando me dizer alguma coisa?



Howard. Seu nome praticamente brilhava no papel. Por que daquela vez ela não se referiu a ele como X? Será que fora um deslize, ou eles estavam a ponto de tornar o relacionamento público? E havia alguma conexão entre Adrienne e o momento em que Howard contara a história?

Eu me levantei e fui até a janela. Ainda estava quente lá fora, quase abafado, e a lua banhava o cemitério como um refletor. Empurrei as violetas para o lado e me inclinei para a frente, apoiando os cotovelos no parapeito. Era estranho, mas em menos de uma semana as lápides já não me incomodavam tanto. Eram como pessoas pelas quais passamos na rua e mal notamos. Como um barulho de fundo.

Dois faróis apareceram acima das copas das árvores e observei o carro descer a estrada sinuosa. Por que Adrienne tinha levado minha

mãe a uma leitura mediúnica da vida amorosa delas? Seria possível que ela também estivesse interessada em Howard? Talvez fosse com ele que ela estivesse falando na escada.

Suspirei. Até então, o diário não estava esclarecendo nada. Só confundia ainda mais as coisas.



Capítulo 13



— EU QUERO LHE mostrar tantos lugares em Florença que é difícil saber por onde começar.

Olhei para ele. Eu e Howard estávamos outra vez a caminho da cidade, e era muito difícil decidir o que eu sentia por ele. Talvez por ele estar ouvindo “Sweet Emotion”, do Aerosmith, no volume máximo com todas as janelas abertas e às vezes improvisar uma bateria no volante fosse muito complicado pensar nele como o misterioso destruidor de corações X. Além disso, ele cantava muito mal.

Eu me apoiei na porta, deixando meus olhos se fecharem só por um segundo. Tinha ficado acordada até muito tarde pensando em Howard e na minha mãe, e depois um grupo incrivelmente exuberante, uma espécie de escoteiros italianos, atravessara o cemitério fazendo uma algazarra ao raiar do dia. Eu tinha dormido uns quatro minutos.

— Podemos começar de novo pelo Duomo? Podíamos ir até o topo e você veria a cidade inteira de uma só vez.

— Claro.

Abri os olhos. E se falasse do padeiro e do touro? Será que ele se lembraria?

— Achei que você ia convidar Ren também.

— Eu não sabia se podia.

— Ele é sempre bem-vindo.

— Mas ele morre de medo de você.

O que era ridículo. Eu lhe lancei um rápido olhar. Apesar de seu passado duvidoso, Howard parecia estar tentando imitar um perfeito pai dos anos 1950. Rosto recém-barbeado, camiseta branca limpa, sorriso cativante.

Todos os itens batiam.

Ele acelerou para ultrapassar um caminhão.

— Eu não deveria ter implicado com ele ontem à noite. Dá para ver que é um bom menino, e acho ótimo você sair com alguém em quem confio.

— É. — Eu me ajeitei no banco, me lembrando de repente do nosso telefonema da noite anterior. — Ele também me convidou pra ir a um lugar hoje à noite.

— Onde?

Hesitei.

— Uma, humm, boate. Um monte de gente da festa vai estar lá.

— Para alguém que está aqui há menos de uma semana, você tem uma vida social bem agitada. Parece que todos os nossos programas terão que ser diurnos. — Ele sorriu. — Fico muito feliz por você estar conhecendo os alunos da escola. Liguei para a diretora poucos dias antes de você chegar e ela disse que seria um prazer lhe mostrar o lugar. Talvez Ren possa ir também. Tenho certeza de que ele pode responder a qualquer pergunta que você tenha.

— Não precisa — falei, depressa.

— Bem, talvez em outro momento. Não precisa ser agora.

Fizemos um retorno, e ele parou diante de uma fileira de lojas.

— Onde estamos?

— Loja de celulares. Você precisa de um só seu.

— Preciso?

Ele sorriu.

— Precisa. Estou sentindo falta de falar com as pessoas. Vamos.

As vitrines estavam cobertas de poeira e, quando entramos, um velhinho que parecia ser um personagem de contos de fadas ergueu o rosto do livro que estava lendo.

— Signore Mercer? — perguntou ele.

— *Si.*

O velhinho pulou com agilidade de seu banco e começou a vasculhar a prateleira que ficava atrás da mesa. Finalmente, entregou uma caixa a Howard.

— *Prego.*

— *Grazie.* — Howard lhe entregou um cartão de crédito, depois me deu a caixa. — Eu pedi que eles configurassem tudo, então está pronto para ser usado.

— Obrigada, Howard.

Tirei o celular da caixa e o olhei com alegria. Agora eu tinha meu próprio número para dar a Thomas. Caso ele pedisse. *Por favor, que ele esteja na Space hoje. E, por favor, que ele peça meu número.* Porque, sinceramente? Mesmo com todo o drama dos meus pais, eu não conseguia parar de pensar nele.

* * *

Howard estacionou na mesma área em que paramos na noite em que fomos à pizzaria, e quando chegamos ao Duomo ele soltou um gemido.

— A fila está maior que o normal. Parece até que estão distribuindo Ferraris lá em cima.

Olhei para a fila que ia até o Duomo. Tinha uns dez mil turistas suados e metade deles parecia estar à beira de um colapso nervoso. Ergui o rosto para olhar o prédio, mas não havia nem sinal do touro.

Provavelmente eu não conseguiria achá-lo sozinho. Ele se virou para mim.

— O que acha de tomarmos um gelato antes, para ver se a fila diminui um pouco?

— Você conhece algum lugar que tenha de *stracciatella*?

— Qualquer *gelateria* que se preze tem *stracciatella*. Quando você experimentou?

— Ontem à noite com Ren.

— Achei mesmo que você estava diferente. É uma experiência que transforma a vida de qualquer um, não é? Bem, vamos comprar uma casquinha e começar o dia direito. Depois enfrentaremos a fila.

— Acho ótimo.

— Meu lugar preferido é meio longe. Você se importa de andar?

— Não.

Levamos quinze minutos para chegar à *gelateria*. A loja era mais ou menos do tamanho do carro do Howard, e embora ainda estivesse no horário do café da manhã, o lugar estava lotado de gente devorando alegremente o que, conforme aprendi no dia anterior, era a substância mais deliciosa da face da Terra. Todos pareciam extasiados.

— Nossa, faz sucesso — falei para Howard.

— Esta *gelateria* é a melhor. Sério.

— *Buon giorno*.

Uma mulher com um corpo em forma de pera acenou para nós de trás do balcão e eu me aproximei. Aquela loja tinha muitas opções. Havia montanhas enormes de gelato colorido com pedacinhos de frutas ou espirais de chocolate em recipientes de metal, e todas pareciam ter a capacidade de melhorar meu dia em novecentos por cento. Chocolate, frutas, nozes, pistache... Como escolher?

Howard apareceu ao meu lado.

— Você se importa se eu escolher para você? Prometo que compro outro se não gostar.

Isso resolvia o problema.

— Claro, provavelmente não existem sabores ruins de gelato, não é?

— Sim. Acho que até um gelato sabor terra ficaria bom.

— Eca.

Ele olhou para a mulher.

— *Un cono con bacio, per favore.*

— *Certo.*

Ela pegou uma casquinha no balcão e fez um montinho alto com um gelato que parecia ser de chocolate, depois entregou a Howard, que por sua vez entregou para mim.

— Não é sabor terra, é?

— Não. Experimente.

Dei uma lambida. Denso e cremoso. Parecia seda, só que em forma de gelato.

— Hum. Chocolate com... nozes?

— Chocolate com avelãs. O nome é *bacio*. Também conhecido como o sabor preferido da sua mãe. Acho que viemos aqui umas cem vezes.

Antes que eu conseguisse detê-lo, meu coração despencou até os pés, deixando um imenso buraco no meu peito. Era incrível como às vezes eu seguia em frente, me sentia bem, e de repente... *Bam*, sentia tanta saudade dela que até minhas unhas doíam.

Olhei para minha casquinha com os olhos ardendo.

— Obrigada, Howard.

— De nada.

Ele pediu outra, depois fomos para a rua, e eu respirei fundo. Ouvir Howard falar da minha mãe tinha me desanimado, mas era verão em Florença, e eu estava tomando um gelato sabor *bacio*. Ela não ia querer que eu ficasse triste.

Howard me olhou com atenção.

— Queria mostrar uma coisa no Mercato Nuovo. Já ouviu falar do chafariz *porcellino*?

— Não, mas por acaso minha mãe nadou nele?

Ele riu.

— Não. Foi em outro. Ela contou do turista alemão?

— Sim.

— Acho que nunca ri tanto na vida. Vamos lá qualquer dia desses, mas não vou deixar você entrar na água.

Mais à frente, na rua, o Mercato Nuovo estava mais para um aglomerado de lojas para turistas ao ar livre: muitas barraquinhas de suvenires, como camisetas com frases engraçadas:

SOU ITALIANO, NÃO CONSIGO FICAR CALMO.

NÃO ESTOU GRITANDO, SOU ITALIANO.

E minha favorita:

PODE APOSTAR SUAS ALMÔNDEGAS QUE SOU ITALIANO.

Eu queria parar e ver se conseguia encontrar algo ridículo para enviar a Addie, mas Howard passou direto pelo mercado e me levou até onde um círculo de pessoas se reunia em volta da estátua de um javali de bronze cuspidor água. O bicho tinha presas e um focinho longo, dourado e brilhante, como se estivesse gasto.

— “*Porcellino*” significa “javeli”?

— Sim. Esta é a Fontana del Porcellino. Na verdade, é só uma reprodução da original, mas existe desde o século XVII. Diz a lenda que se você esfregar o nariz dele, terá a garantia de voltar a Florença. Quer tentar?

— Claro.

Esperei até que uma moça com um filho pequeno se afastasse e fui até lá, usando a mão que não segurava o gelato para esfregar bem o nariz do javali. E então fiquei ali parada. O javali me encarava com seus olhinhos redondos e os molares assustadores, e não precisei perguntar para saber que minha mãe tinha estado bem ali, molhando as pernas com aquela água nojenta e torcendo com todo o coração para ficar em Florença para sempre. E veja o que aconteceu. Ela nunca tinha voltado nem para *visitar*, e nunca mais voltaria.

Eu me virei e olhei para Howard. Ele me observava com uma expressão triste e feliz ao mesmo tempo, como se estivesse pensando a mesma coisa e de repente também não conseguisse mais sentir o gosto do seu gelato.

Será que devo perguntar a ele?

Não. Eu queria saber por ela.

* * *

Nada melhorou lá no Duomo. Na verdade, a fila aumentara ainda mais, e crianças pequenas choravam por todo lado. Além disso, como Florença decidira que todos podíamos aguentar um pouco mais de calor, maquiagem, filtro solar e toda a esperança de se refrescar escorriam pelo rosto das pessoas.

— A gente devia ter ficado em casaaaaaa — chorou o garotinho atrás de nós.

— *Fa CALDO* — disse a mulher a nossa frente.

Caldo. Eu reconhecia aquela palavra.

Howard me encarou. Ambos estávamos muito silenciosos desde o *porcellino*, mas era mais um silêncio triste que constrangedor.

— Prometo que vai valer a pena. Mais dez minutos, no máximo.

Assenti e voltei a tentar ignorar toda a tristeza que se revirava no meu estômago. Por que Howard e minha mãe não tiveram um final feliz? Ela merecia muito. E, para ser sincera, ele também.

Enfim foi chegando a nossa vez de entrar. As pedras do Duomo tinham a capacidade milagrosa de gerar ar frio, e quando entramos foi difícil resistir à vontade de me deitar no chão de pedra e chorar de alegria. Então vi de relance a escada de pedra para a qual todos se dirigiam e senti vontade de chorar por um motivo bem diferente. Minha mãe dissera que havia muitos degraus, mas omitira o pequeno detalhe de que era bem estreita. Estreita como um túnel feito por uma toupeira.

Fiquei nervosa.

— Você está bem?

Não. Assenti.

A fila entrava devagar pela escada, mas, quando cheguei à base, meus pés pararam de se mover. Tipo, *pararam*. Simplesmente se recusaram a subir.

Howard se virou e olhou para mim. Ele precisava se curvar um pouco para entrar na escada.

— Você não tem claustrofobia, tem?

Fiz que não. É que eu nunca tinha enfrentado a possibilidade de me espremer num tubo de pedra com um bando de turistas suados.

As pessoas atrás de mim começavam a se aglomerar, e um homem murmurou alguma coisa. Minha mãe dissera que a vista era incrível. Forcei meu pé a subir o degrau. Uma escada tão estreita

assim não seria perigosa em caso de incêndio? E se houvesse um terremoto? Ei, moça atrás de mim aspirando spray nasal, será que você poderia me dar um pouco mais de *espaço*?

— Lina, eu não contei toda a história do *porcellino*.

Olhei para ele. Howard tinha descido até o degrau acima do meu e me olhava de um jeito encorajador. Ele estava tentando me distrair.

Boa jogada, Howard. Boa jogada.

— Então conta.

Olhei a escada outra vez, me concentrando em respirar e começando a subir. Ouvi gente aplaudindo atrás de mim.

— Muito tempo atrás havia um casal que não podia ter filhos. Eles passaram anos tentando, e o marido culpava a esposa. Certo dia, depois de uma briga, a mulher ficou na janela chorando e um grupo de javalis passou correndo. Os animais haviam acabado de ter filhotes, e a mulher falou que gostaria de poder ter um filho, assim como os javalis. Uma fada por acaso estava ouvindo e decidiu conceder a ela o desejo. Alguns dias depois, a mulher descobriu que estava grávida. Quando deu à luz, ela e o marido ficaram chocados porque o bebê nasceu parecendo mais um javali do que um humano. Só que o casal ficou tão feliz por ter um filho que o amou mesmo assim.

— Essa história não parece ser verdade — disse a mulher atrás de mim.

Eu estremeci. Mais quatrocentos degraus?



Capítulo 14



A SUBIDA VALEU muito a pena. A vista de Florença era tão deslumbrante quanto minha mãe descrevera, um mar de telhados vermelhos sob um céu azul imaculado e suaves colinas verdes envolvendo tudo como num abraço apertado e feliz. Ficamos lá em cima fritando por meia hora enquanto Howard apontava todos os prédios importantes da cidade, e eu criava coragem para *descer* a escada, o que acabou sendo mais fácil. Depois paramos para almoçar num café e saí de Florença com uma sensação estranha. Independentemente do que estava lendo no diário, eu meio que *gostava* do Howard. Seria uma traição?

A scooter do Ren chegou pouco depois das nove.

— Ren chegou! — avisou Howard do andar de baixo.

— Pode dizer a ele que ainda estou me arrumando? Sem assustá-lo.

— Vou fazer o possível.

Eu me olhei no espelho. Assim que cheguei em casa descobri como usar a máquina de lavar arcaica do Howard, depois pendurei um monte de coisas para secar na varanda. Por sorte, ainda estava um forno lá fora, então minhas roupas secaram logo. Era o fim das camisetas amarrotadas. Se Thomas ia estar lá, eu queria ficar maravilhosa. Não importava o que meu cabelo teimasse em fazer. Eu tinha tentado usar a chapinha de novo, mas os cachos estavam especialmente rebeldes e não se abalaram por ela. Pelo menos estavam quase verticais.

Por favor, por favor, por favor, que ele esteja lá. Dei uma voltinha. Estava com um vestido curto de malha que minha mãe comprara num brechó fazia mais de um ano. Era lindo e eu nunca havia tido oportunidade de usá-lo. Até aquele momento.

— Você está elegante hoje, Ren — disse Howard de um jeito assustador lá embaixo.

Soltei um gemido. Ren respondeu, mas não consegui ouvir o restante da conversa, com exceção de uns “sim, senhor”.

Depois de alguns minutos, bateram à porta do quarto.

— Lina.

— Só um minuto.

Terminei de passar rímel, depois me olhei no espelho uma última vez. Havia séculos que eu não demorava tanto tempo me arrumando. É melhor você estar lá hoje, Thomas Heath. Abri a porta. Ren estava com o cabelo molhado, como se tivesse acabado de tomar banho, e usava uma camiseta verde-oliva que realçava seus olhos.

— Oi, Lina. Você... — Ele se calou. — Uau!

— Uau o quê?

Minhas bochechas enrubesceram.

— Você está tão...

— Tão o quê?

— *Bellissima*. Gostei do vestido.

— Obrigada.

— Você deveria usar vestido mais vezes. Suas pernas são muito...

Fiquei vermelha que nem um pimentão.

— Ok, é melhor você parar de falar das minhas pernas. E de olhar pra mim!

— Desculpa.

Ele olhou uma última vez, depois se virou para o canto, como se estivesse de castigo.

— Gosto mais quando seu cabelo está cacheado.

— Ah é?

— É. Ontem à noite achei você diferente.

— Ah. — Minhas bochechas *queimavam*.

Ele pigarreou.

— Então... como está o diário? Eles já estragaram tudo?

— Shh!

— Howard acabou de sair pra ver uma coisa no centro de visitantes. Não vai ouvir.

— Ah, bom. — Eu o puxei para dentro do quarto e fechei a porta.

— E, não. O relacionamento ainda é secreto e parece meio instável, mas ainda estou na parte boa. É bem meloso.

— Você se incomoda que eu leia?

— O diário?

— É. Talvez eu possa ajudar a entender o que deu errado. E poderia descobrir mais lugares em Florença aonde levar você.

Hesitei por três décimos de segundo. Aquela oferta era *boa* demais para recusar.

— Tudo bem, mas tem que prometer, *prometer* que não vai contar pro Howard. Quero terminar de ler antes de conversar com ele.

— Prometo. A Space só abre às dez. Posso começar agora?

— Boa ideia. — Peguei o diário na mesa de cabeceira. — Tem textos e muitas fotos, então vai ser bem rápido. Eu marquei a página em que parei, então você também deve parar quando chegar nela. — Eu me virei e ele estava olhando para minhas pernas de novo. — Ren!

— Desculpa.

Fui até ele, abrindo o diário.
— Olha o que ela escreveu na primeira página.
Ele soltou um assobio baixo.
— “Eu tomei a decisão errada”?
— É.
— Que sinistro.
— Acho que ela escreveu isso como uma mensagem pra mim.
Ele foi passando as páginas.
— Devo levar mais ou menos meia hora pra terminar. Costumo ler bem rápido.
— Que bom. Então... por acaso você sabe quem vai à Space com a gente?
— Está perguntando se Thomas vai estar lá?
— E, humm, outras pessoas também.
— Não sei. Só sei que Elena mandou mensagem pra todo mundo.
— Ele ergueu o rosto para mim. — E acho que Mimi vai.
— Ótimo.
Houve um silêncio, e nós dois desviamos o olhar no mesmo segundo.
— Então... vou esperar na varanda.
Peguei meu laptop e saí correndo do quarto. Eu meio que também não estava conseguindo parar de olhar para ele.
Estranho.

* * *

Ren me encontrou na varanda. Eu esperava que os deuses italianos da internet sorrissem para mim e eu conseguisse ler meus e-mails e ver um vídeo de gatinho ou coisa do tipo no YouTube, mas não tive

essa sorte. Então estava deitada no balanço, dando impulso no guarda-corpo de vez em quando para me manter em movimento.

— Sua mãe me lembra você.

Eu me sentei.

— Como assim?

— Ela é engraçada. E corajosa. É legal ter assumido um risco tão grande, largando a faculdade de enfermagem e tudo mais. E as fotos dela são muito boas. Embora só estivesse começando, dá pra ver que ela seria inovadora.

— Você viu os retratos das mulheres italianas?

— Vi. São legais. E você é muito parecida com ela.

— Obrigada.

Ele se sentou ao meu lado.

— São nove e meia. Pronta pra Space?

— Pronta.

— Falei pro Howard que buzinaría quando estivéssemos de saída. Tivemos uma boa conversa mais cedo. Acho que fizemos algum progresso.

— Eu falei pra ele ser legal com você.

— Era por isso que ele não parava de sorrir pra mim? Aquilo me deixou um pouco apavorado.

REGRAS DA LINA PARA ANDAR DE SCOOTER:

1. Nunca esteja encharcada.
2. Nunca ande de saia curta.
3. Tente prestar atenção aos sinais de trânsito. Senão, toda vez que o motorista acelerar você vai bater nele, e vai ser constrangedor ter que se desvencilhar e você ainda vai ficar com medo de ele achar que foi de propósito.

4. Se por acaso não estiver obedecendo à regra número dois, tome o cuidado de não fazer contato visual com motoristas do sexo masculino, ou então vão buzinar bastante animadinhos quando sua saia esvoaçar.

Ren dobrou numa rua de mão única, depois estacionou ao lado de um prédio de dois andares com uma longa fila de gente virando a esquina.

— É aqui.

A música pulsava pelas janelas. Meu estômago virou duas cambalhotas.

— É tipo uma *boate* de verdade?

— É.

— Eu vou ter que *dançar*?

— Ren! — Elena tentava atravessar a rua na nossa direção, mas seus saltos não tornavam a tarefa nada fácil. Ela parecia um Frankenstein mancando. — Pietro colocou nossos nomes na lista. *Ciao, Lina!* Que bom ver você de novo. — Ela pressionou a bochecha contra a minha e fez um som de beijo. — Seu vestido é muito lindo.

— Obrigada. E agradeço também por nos colocar pra dentro. Eu queria muito conhecer a Space.

— Ah, sim. Ren falou que seus pais vinham aqui, não é? Eles não vieram hoje, vieram?

Eu ri.

— Não. Com certeza, não.

— Quem vem hoje? — perguntou Ren.

— Todo mundo disse que vem, mas vamos ver quem aparece. Não se preocupe, Lorenzo, tenho certeza de que uma certa pessoa vai vir. *Vieni, Lina.*

Ela me deu o braço e me puxou para o outro lado da rua, até o começo da fila. Elena gostava de me arrastar.

— *Dove vai?* — gritou um homem na fila quando passamos à frente dele.

Ela jogou o cabelo para o lado.

— Ignora. Somos muito mais importantes, então nem se preocupe com esse pessoal. *Ciao*, Franco!

Franco usava uma camiseta preta e seu torso era desproporcionalmente musculoso, como se nunca malhasse as pernas. Ele tirou a corda de veludo que bloqueava a porta e nos deixou entrar.

Entramos num corredor mal iluminado com grandes araras de roupa. Será que aquilo era uma chapelaria?

— Sigam em frente — disse Elena. — A festa é pra lá.

Continuei andando com os braços esticados para a frente, totalmente cega. Estava *muito* escuro. E barulhento. Enfim, saímos num ambiente retangular com um longo balcão de bar em um dos lados. Duas músicas diferentes tocavam ao mesmo tempo, uma em inglês e outra em italiano, e as pessoas cantavam uma terceira música num karaokê no fundo. Todo mundo estava ou calado ou gritando para ser ouvido.

— Lina, quer beber alguma coisa? — perguntou Elena, apontando para o bar.

Balancei a cabeça.

— Vamos esperar o pessoal aqui. Quando entrarmos na boate de verdade, vai ser impossível nos encontrarmos.

— Esta não é a boate? — perguntei.

Ela riu como se achasse que eu estava brincando.

— Não. Você vai ver.

Olhei em volta. Será que tinha sido *naquele* ambiente que Howard dissera o nome da minha mãe pela primeira vez? Eu meio que esperava vê-lo rindo encostado na parede, bem mais alto que todo mundo. Só que aquele lugar não tinha nada a ver com ele. Acho que nem o deixariam entrar ali de chinelo.

Ren me cutucou.

— Quer cantar no karaokê comigo? Podemos escolher algo em italiano, e posso fingir que também só falo inglês. Seria hilário. Que tal...

Então se calou porque Mimi e Marco se aproximavam de nós. Ela usava uma saia minúscula e uma trança. Não havia um único fio de cabelo fora do lugar. Olhei para Ren. Será que ele também gostava das pernas dela?

Ok, sim, gostava. Alguém precisava ensinar a ele a arte da discrição.

— Oi, gente — gritou Marco. Ele só falava aos berros. — Lina! — E veio até mim com os braços estendidos, mas eu me abaixei. — Rápida demais pra mim.

— Todas as vezes que a gente se encontrar você vai tentar me levantar?

— Vou. — Ele se virou e levantou Elena. — Pergunta só pra Elena.

— Marco, *basta!* Me coloca no chão ou vou jogar você para um bando de cães selvagens famintos.

— Essa é nova. — Marco sorriu para mim. — Ela é criativa nas ameaças.

Mimi gritava por causa da música.

— Ren, por que você não retornou minhas ligações? Eu não sabia se você viria hoje.

Não consegui ouvir a resposta, mas ela sorriu e começou a brincar com os botões da camisa dele, o que não deveria me incomodar, mas meio que incomodou. Mimi não precisava ficar naquela agarrção em público só porque gostava do Ren.

— Lina.

Eu me virei devagar. *Por favor, que seja...*

— Thomas!

Ele usava uma camiseta azul-marinho que dizia BANIDO DE AMSTERDÃ, e não sei como conseguia estar ainda mais bonito do que eu me lembrava. Se é que isso era possível. Eu me esqueci completamente da brincadeira da Mimi com os botões.

— Elena disse que você viria. Tentei ligar pro Ren...

— Oi, stalker.

De repente, Ren deu um encontrão nele, fazendo-o cambalear.

— Ren, tá maluco? — retrucou ele, se recompondo.

— Tinha umas dez chamadas suas perdidas no meu celular.

— E você só precisava atender uma.

Ren deu de ombros.

— Desculpa, cara. Eu ando ocupado.

Mimi se aproximou do Ren, me olhando como se nem imaginasse quem eu era.

— Oi, Mimi — falei.

— Ei. — Ela estreitou os olhos.

— Eu sou Lina. A gente se conheceu naquela noite na casa da Elena.

— Eu me lembro.

Elena se jogou no meio do nosso pequeno círculo em que pairava uma estranha tensão.

— *Ragazzi*, chega de conversa! Eu quero dançar.

— Você dança? — perguntou Thomas.

— Não.

— Nem eu. Podemos só ficar de bobeira, fazer um passeio pelo Arno ou coisa assim. Eu conheço um lugar legal que...

— Nem pensar! — Ren pegou minha mão. — Thomas, você não pode privá-la dessa experiência. Ela está na Space. Pra colocar a dança em dia.

— Eu não tenho muita dança pra botar em dia — protestei.

— Claro que tem. — Ele baixou a voz. — E foi aqui que tudo começou, não é?

Assenti, depois olhei para Thomas.

— É melhor eu ficar. Detestaria perder a chance de dar vexame na pista de dança.

— Na pior das hipóteses, você faz a coreografia de *Dirty Dancing*. Ninguém deixa Baby de lado, não é mesmo?

— Já disse... você sabe *demais* sobre esse filme.

— *Ragazzi!* — gritou Elena. — É sério, vamos!

Passamos com ela por uma porta estreita e Thomas apoiou uma das mãos nas minhas costas, causando todo tipo de sensação de êxtase. Logo todos começamos a subir uma rampa e entramos num grande ambiente. Por um segundo, não consegui ver nada sólido, tudo oscilava. Então as luzes de um refletor nos iluminaram e UAU!

O lugar era gigantesco, tinha um pé-direito com no mínimo seis metros de altura, e estava *lotado*, como se fosse um formigueiro, todo mundo usando roupas de grife. Havia várias plataformas pela pista, então algumas pessoas estavam um metro e meio mais altas que as outras. E todos dançavam. E não estou falando dos passinhos bobos que sempre dominavam os bailes de formatura da minha cidade. Eles dançavam *de verdade*. Todos se remexiam como se estivessem transando na pista.

Mãe, no que você me meteu?

— Bem-vinda à Space! — gritou Ren no meu ouvido. — Eu nunca a vi tão cheia. Deve ser porque é temporada de férias e a cidade está cheia de turistas.

— Gente, vem comigo! — Marco estendeu os braços para a frente como se fosse mergulhar e começou a atravessar a multidão, seguido por todos nós.

— *Ciao, bela* — sussurrou um homem no meu ouvido.

Afastei a cabeça depressa. Todo mundo em que eu esbarrava estava suado. O lugar era meio nojento.

Finalmente, encontramos um pequeno espaço vazio no meio da pista e todo mundo começou a dançar. Na mesma hora. Será que ninguém mais precisava de um aquecimento antes de entrar no clima?

Minhas mãos começaram a transpirar. Era hora de ter um papo encorajador comigo mesma. *Lina, você é uma mulher autoconfiante e vai conseguir. Por que não experimenta a versão sexy das dancinhas que aprendeu quando era pequena. Mas não fique aí parada. Você está ridícula.* Então cometi o erro fatal de olhar para Mimi, o que tornou tudo um milhão de vezes pior. Ela estava com os braços para cima, parecendo maravilhosa. Maravilhosa do tipo descolada-sexy-europeia. Eu queria me enfiar num buraco.

— Você consegue — gritou Ren, erguendo o polegar para mim.

Estremeci. *Ok, começa a se mexer. Talvez dê para imitar Elena. Oscilar para a frente e para trás. Mexer os quadris. Fingir que não se sente uma completa idiota.* Olhei para Thomas. Ele fazia um passinho sem jeito de um lado para o outro que meio que me fez querer sumir porque *ele era fofo demais.* E também não sabia dançar. Talvez mais tarde eu saísse para dar um passeio com ele por Florença.

Então aconteceu uma coisa louca. A música estava tão alta que esmurrava e chacoalhava meus ossos e dentes e todo mundo estava se divertindo *tanto* que, de repente, comecei a dançar. Tipo, dançar mesmo. E a me divertir de verdade. Bem, talvez não tanto quanto Ren, que se esfregava com Mimi, mas *mesmo assim*. O DJ aproximou o microfone da boca, gritou algo em italiano e todos aplaudiram, erguendo os drinques.

— Ele é meu amigo! É *mio amico!* — gritou Elena.

— Lina, você está arrasando! — gritou Ren.

Mimi balançava os quadris loucamente, de um jeito que parecia exigir uma concentração intensa, mas quando ouviu Ren, ela ergueu o rosto, me lançando o olhar mais frio que alguém já me lançou.

Eu estava começando a desconfiar que ela não gostava de mim.

Thomas me cutucou com o ombro.

— Já estive num lugar como este?

— Não.

— É estranho, nos Estados Unidos só dá pra entrar numa boate dessas a partir dos vinte e um.

Estávamos tão perto que eu via as minúsculas gotas de suor no cabelo do Thomas. Até o *suor* dele era sexy. Eu era mesmo uma nojenta.

Ren se desvencilhou da Mimi e apareceu do meu outro lado.

— Está se divertindo? — Ele estava ofegante.

— Estou.

— Que bom. Já volto. — Mimi segurou a mão dele, e os dois desapareceram no meio da multidão.

Thomas fez uma careta.

— Ele é meio superprotetor com você, não é?

— É por causa do meu pai, que está sempre implicando com ele. Então Ren tem medo de que aconteça alguma coisa comigo e ele

tenha que se ver com meu pai.

— Não vai acontecer nada... você está comigo.

Meio brega, mas eu sorri. Feito uma idiota. Thomas tinha acabado com quase todo o meu controle sobre os músculos faciais.

Ele ergueu o queixo, olhando por cima da multidão.

— Lá está ele. Parece que está *conversando* com Mimi.

Fiquei na ponta dos pés, aproveitando a oportunidade para apoiar a mão no ombro do Thomas. Ren e Mimi tinham se encostado numa parede, e ela estava de braços cruzados e parecia zangada, mas talvez aquela fosse sua expressão normal.

— Então, os dois estão ficando, não é?

— É. O Ren gosta dela há uns dois anos. Parece que quem acredita sempre alcança, não é?

Assenti.

— É.

— Ei, preciso ligar pro meu pai, depois vou pegar uma bebida. Quer também? — perguntou Thomas.

— Quero, obrigada.

Ele abriu um daqueles sorrisos de derreter os ossos e desapareceu entre as pessoas.

— Lina, dança comigo! — Elena segurou minhas mãos e me girou. — O que está acontecendo entre você e Thomas? É *amore*?

Eu ri.

— Não sei. É a segunda vez que o vejo.

— É, mas ele gosta de você. Dá pra notar. Ele nunca se interessa por ninguém, e naquela noite, depois que você foi embora, ele me perguntou se eu tinha seu número.

— *Uh la la!* — exclamou Marco. — A garota nova e Thomas.

Elena revirou os olhos.

— Você parece uma criança.

— Ah, é? Uma criança consegue fazer isto? — Ele dobrou os cotovelos e começou a imitar um robô.

— Marco, *basta!* Você é horrível nisso.

— Quer que eu imite uma minhoca?

— Não!

A música ficou mais rápida, e logo nós três pulávamos de mãos dadas feito um bando de criancinhas. Não era de estranhar que minha mãe gostasse dali. Era muito divertido. Tirando o fato de que a temperatura não parava de subir. Será que havia ar-condicionado naquele lugar?

— Cadê o Thomas? — perguntou Elena.

Sua franja suada estava grudada na testa.

— Foi pegar uma bebida.

— Já faz um tempão. — Ela se abanou. — *Fa troppo caldo.* Estou derretendo.

De repente, o chão oscilou sob meus pés e eu tropecei.

Elena me pegou pelo braço.

— Está tudo bem?

— Só fiquei tonta. Está quente demais.

— O quê?

— Está quente. Demais.

— Eu também! — gritou Marco. — Eu sou demais!

— Preciso me sentar um pouco.

— Lina, ali tem uns sofás. — Ela apontou para onde Ren e Mimi estavam. — Quer que eu vá com você?

— Não precisa.

— Vou dizer a Thomas onde você está.

— Obrigada.

Fui para a lateral da boate. Os sofás pareciam o lugar perfeito para a propagação de alguma doença contagiosa, mas eu estava

desesperada. De repente, achei que fosse desmaiar.

Um cara esquelético tinha se deitado e ocupava quase todo o primeiro sofá. Ele usava correntes de ouro e óculos escuros enormes e estremecia de vez em quando, como se uma mosca tivesse pousado nele. Um homem mais velho fumava na outra ponta e, quando me viu, sorriu e disse algo em italiano.

— Desculpa, não entendo.

Passei por ele, abrindo caminho. Minha cabeça latejava junto com a música. Eu esperava que houvesse uma vaga em algum lugar. Senão, teria que fazer amizade com o aspirante a rapper desmaiado.

Ali tem um! Corri para o lugar vago, mas, no instante em que cheguei lá, parei, porque senti duas mãos na minha bunda. E não foi sem querer. Eu me virei. Era o cara velho do sofá. Seu cabelo era comprido e oleoso, e ele cheirava, entre outras coisas, a rato morto conservado em vodca. Ou, pelo menos, aquele era o cheiro que eu imaginava que um rato morto conservado em vodca teria.

— *Dove vai, bella?*

— Me deixa em paz.

Ele esticou o braço, passando os dedos pelo meu ombro, e eu me afastei.

— Não encosta em mim.

— *Perche? Non ti piaccio?*

Um de seus dentes da frente era cinza. E ele era bem mais velho do que eu tinha pensado a princípio. Tipo, dez anos mais velho que todo mundo que estava ali.

Esquece o sofá. Eu me virei para correr, mas ele pulou em cima de mim e agarrou meu braço. Com força.

— Para com isso! — Puxei o braço, mas ele o apertou mais. — Elena! Marco! — Eu nem conseguia mais enxergar. Onde estava Ren?

Tentei me soltar outra vez, mas o homem me segurou pela cintura e me puxou até minha pelve estar grudada na dele.

— Me. *Solta*.

Dar uma cabeçada? Joelhada na virilha? O que se deve fazer ao ser atacada? Ele sorriu, se esquivando de todos os meus movimentos desesperados.

Como eu ia sair daquela situação? Havia muita gente em volta, mas absolutamente ninguém prestava atenção.

— Socorro!

De repente, alguém segurou meus ombros, me puxando para trás, e o homem me soltou um pouco por tempo suficiente para eu me desprender. Era Mimi e parecia uma guerreira linda e furiosa.

— *Vai via, fai schifo* — gritou ela para o homem. — *Vai*.

Ele ergueu as mãos, depois sorriu e se afastou.

— Lina, por que você não gritou pra ele ir embora?

— Eu tentei. Ele não me soltava.

— Da próxima vez, tenta mais. Basta chamá-los de *stronzo* e empurrá-los. Eu tenho que fazer isso toda hora.

— *Stronzo?*

Meu corpo inteiro tremia. Parecia que eu tinha acabado de entrar numa lixeira. Aquilo tinha sido *repugnante*.

Ela cruzou os braços.

— O que está acontecendo entre você e Ren?

Tentei manter a mente focada.

— Desculpa, o quê? — Esfreguei os braços, tentando apagar a sensação do toque do Dente Cinza na minha pele.

— O que está acontecendo entre você e Lo-ren-zo? — Ela falou devagar, exagerando as palavras como se achasse que eu não conseguia entendê-la.

— Não sei do que você está falando. — Onde *e/e* estava?

Ela ficou me olhando por um instante.

— Você sabe que eu e Ren estamos juntos, não é? Ele só está andando com você porque sente pena por sua mãe ter morrido.

Talvez fosse a adrenalina restante do conflito com o Velho Bizarro, mas do nada eu falei a primeira coisa que me veio à mente.

— É por isso que ele estava ignorando suas ligações ontem à noite?

Ela arregalou os olhos e se aproximou de mim com uma expressão assassina.

— Ele estava em casa com a irmã mais nova.

— Não, ele estava na Ponte Vecchio comigo. — *Por favor, que eu tenha pronunciado direito.*

— Aí está você! — Thomas se enfiou entre nós com um refrigerante em cada mão. Ele deu uma olhada para Mimi e perdeu a animação. — Nossa. O que eu perdi?

— Cala a boca, Thomas.

Mimi se virou e se afastou a passos largos.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Não faço ideia.

— Lina! — Ren abria caminho até mim. — Aí está você. Quer ir embora? Está fazendo uns mil graus aqui dentro. Acho que o ar-condicionado deve estar quebrado.

Senti uma onda de alívio, mas de repente precisei segurar as lágrimas que pareciam vir de um lago fervente.

— Onde você *estava*?

— Procurando você. — Ren se aproximou. — Tudo bem?

— Quero ir embora. Agora.

— Também preciso ir — disse Thomas. — Vou sair com vocês.

Levamos o que pareceu uma hora para sair de lá, e quando enfim chegamos à calçada, respiramos o ar fresco como se tivéssemos

acabado de emergir do fundo do mar.

— Liberdade! — exclamou Thomas. — Parecia que estávamos sendo sufocados lentamente lá dentro.

Eu me encostei à parede e fechei os olhos. Nunca mais voltaria lá. Nunca.

Ren tocou meu braço.

— Lina, você está bem?

Eu fiz meio que sim, meio que não.

Bem? Eu ainda sentia aquele cheiro de rato em conserva.

— Então, o que achou da Space? O lugar perfeito para começar um relacionamento?

— Que relacionamento? — perguntou Thomas. — O meu e da Lina? — Ele me lançou um olhar cheio de significado, mas mal notei.

— Ele está falando dos meus pais. — Respirei fundo. — Um velho me atacou. Ele me agarrou e não soltava.

— Como assim? Na Space? — Ren se virou como se pudesse ver através das paredes. — Quando?

— Logo antes de você me encontrar. Mimi me salvou.

— Era *isso* que estava acontecendo — disse Thomas. — Você está bem? Que tarado!

— Você se machucou? — perguntou Ren.

— Não. Só foi horrível.

Ren estava furioso.

— Por que não gritou me chamando? Eu teria acabado com a raça dele.

— Eu não sabia onde você estava.

O celular do Thomas começou a tocar e ele soltou um gemido ao olhar a tela.

— Meu pai não para de ligar. Nossa família está na cidade e eu disse que não ia demorar muito. — Ele me olhou. — Mas não vou

embora sem pegar o seu número.

— Ah, claro. — Eu tinha treinado para aquilo, mas quando fui dizer meu número a ele, esqueci e tive que olhar no papel em que o anotara.

— Ótimo. Ligo pra você amanhã. — Ele me deu um abraço apertado, depois um tapinha no ombro do Ren. — A gente se vê.

— Até mais.

Ren se virou para observar Thomas se afastando, e eu aproveitei a oportunidade para enxugar os olhos. Meu rímel tinha se espalhado pelo rosto inteiro.

— Que camisa idiota a dele, não acha? — comentou ele.

— O quê?

— Banido de Amsterdã. Ninguém é banido de Amsterdã. Até parece.

— Não tenho como saber.

— Sinto muito pelo que aconteceu lá dentro. Eu não devia ter deixado você sozinha. — Ele me olhou com mais atenção. — Espera um pouco. Você está chorando?

— Não.

Uma lágrima gigantesca rolou pelo meu rosto. E depois outra.

— Ah, não. — Ele colocou as mãos nos meus ombros e olhou nos meus olhos. — Sinto muito. Muito mesmo. Nunca mais vamos voltar lá.

— Desculpa. Estou me sentindo uma idiota. Aquele cara era muito nojento. — Mas não era só por isso que eu estava chorando. Respirei fundo. — Ren, por que você contou pra Mimi que minha mãe morreu?

Ele arregalou os olhos.

— Não sei. Simplesmente saiu. Ela estava perguntando por que você tinha se mudado pra cá e eu contei. Por quê? Ela disse alguma

coisa?

— Sabe, não precisa sentir pena de mim. Eu não preciso que você leia o diário e me leve aos lugares. Posso me virar sozinha. Entendo que você tem sua vida.

— Ei, o quê? Eu não tenho pena de você. Quer dizer, é triste você ter perdido sua mãe e tudo, mas eu saio com você porque gosto. Você é... diferente.

— Diferente?

— Tipo, o que a gente conversou ontem à noite. Nós somos parecidos, sabe?

Enxuguei o rosto com o braço. Porque aquilo ia ajudar muito a não espalhar ainda mais o rímel borrado, sabe?

— Jura?

— Sim, juro. De onde você tirou isso?

— Mimi...

Eu me calei. Aquilo importava? Ela era só uma garota ciumenta. E toda vez que Ren a via, agia como se tivesse ganhado na loteria.

— Mimi o quê?

— Deixa pra lá. Podemos ir até a Piazza della Signoria? Quero ver aquela estátua.



Capítulo 15



FICAMOS QUIETOS DURANTE o percurso de scooter até a *piazza*. Já passava das onze horas e a cidade estava diferente. Meio vazia. Assim como eu, depois de abrir um berreiro vergonhoso na saída da boate. Ren parou no meio-fio e nós descemos.

— É aqui?

— É aqui. Piazza della Signoria.

Ele me olhava como se eu fosse uma caixa de louça frágil, mas eu *ainda* estava coberta de muco, então talvez fosse justificável.

Entrei pela *piazza*. Um dos lados era tomado por um prédio grande que parecia uma fortaleza com uma torre de relógio, e diante dele havia um chafariz com a estátua de um homem cercado por figuras menores. Algumas pessoas andavam por ali, mas o lugar estava quase vazio.

— Que prédio é aquele? — perguntei.

— O Palazzo Vecchio.

— Alguma coisa velha... Palácio velho?

— *Esattamente*. Você está ficando boa nisso.

— Eu sei. Reconheci a palavra “velho”. Agora sou praticamente fluente.

Sorrimos um para o outro. Meus olhos eram como balões cheios de água, mas pelo menos eu não estava mais fungando. Tinha sorte por Ren não ter me abandonado no ponto de táxi mais próximo.

— E então, o que foi mesmo que aconteceu aqui? — perguntou Ren.

— Foi a primeira vez que Howard disse que amava minha mãe. Eles estavam olhando uma estátua. Acho que tem algo a ver com sabina.

— Ah, sim. *O rapto das sabinas*. Acho que fica numa área coberta.

Atravessamos a *piazza*, vendo várias outras estátuas pelo caminho, depois passamos sob uma entrada em arco e chegamos a um grande pátio repleto de esculturas.

Eu a reconheci na hora.

— Ali está ela.

A obra era feita de mármore branco e ficava sobre um pedestal, com três figuras entrelaçadas numa coluna alta. Eu a contornei devagar. Minha mãe estava certa. Ninguém parecia *feliz*, mas todos estavam ligados uns aos outros e se complementavam. Também estavam nus, e músculos e tendões saltavam na escultura. Giambologna não brincava em serviço.

Ren apontou.

— Repara só como a mulher está olhando para o outro homem. Ela não queria ir. E aquele cara no chão está apavorado.

— É. — Cruzei os braços, observando a estátua. — É só impressão minha ou aqui é um lugar estranho para Howard dizer que amava minha mãe?

— Talvez tenha sido espontâneo. Ele se deixou levar pelo luar ou algo assim.

— Mas ele estava estudando história da arte e acabara de contar a ela o episódio retratado pela escultura. Eu ficaria surpresa se não tivesse algum tipo de significado pra ele.

Ren hesitou.

— Por falar em Howard... preciso contar uma coisa.

— O quê?

Ele respirou fundo.

— Eu meio que perguntei sobre a padaria secreta.

Eu me virei de repente.

— Ren! Você falou do diário pra ele?

— Não, claro que não. — Ele tirou o cabelo dos olhos, evitando meu olhar. — Foi quando você estava se arrumando. Inventei que minha mãe tinha encontrado uma padaria secreta quando se mudou pra cá, e depois perguntei se ele sabia onde ficava. Disse que eu ia levar você lá de surpresa hoje, depois da Space.

Ele então me fitou com aqueles olhos grandes e expressivos, e eu suspirei. Era como tentar ficar zangada com um filhote de foca.

— Ele falou onde era?

— Não. Essa é a parte estranha. Ele disse que nunca foi a um lugar assim.

— O quê? E você a descreveu pra ele? — perguntei, de olhos arregalados.

— Sim. Tentei ser vago pra ele não perceber que eu estava me referindo ao encontro com sua mãe, mas ele agiu como se não fizesse a menor ideia.

— Então ele não se lembra de levá-la lá?

Ele balançou a cabeça.

— Não, foi mais que isso. Foi como se nunca tivesse ouvido falar das padarias secretas de Florença.

— *O quê?* Não é o tipo de coisa que alguém esquece.

— Também acho.

— Será que ele estava mentindo?

— Talvez. Mas por que mentiria? — Ele balançou a cabeça de novo. — Passei as últimas horas tentando pensar por que ele se esqueceria da padaria, mas até agora não cheguei a nenhuma

conclusão. Sem querer ofender, mas a história dos seus pais é meio misteriosa.

Eu me encostei em uma das colunas, e fui escorregando para o chão, até meu corpo fazer um baque.

— Eu que o diga. Por que acha que estou lendo o diário?

Ele se sentou ao meu lado, depois se aproximou até nossos braços se tocarem.

— Sinto muito.

Suspirei.

— Não tem problema. E você está certo. Tem *alguma coisa* estranha. Sempre achei isso.

— Talvez você devesse perguntar a ele outra coisa do diário. Tipo um teste.

— Por exemplo, sobre *O rapto das sabinas*? — Olhamos para a escultura.

— É. Repara em como ele vai agir quando você perguntar sobre isso.

— Boa ideia. — Eu olhei para o chão. E foi a minha vez de hesitar. — Então... preciso me desculpar por uma coisa que fiz.

— O quê?

— Na Space, eu e Mimi tivemos uma... discussão, e falei que você estava ignorando as ligações dela quando estávamos na Ponte Vecchio.

Ele arregalou os olhos.

— *Cavolo*. Acho que foi por isso que ela me chamou de *disgraziato* e foi embora.

— É. Quer dizer, não tenho certeza do que significa *disgraziato*, mas desculpa. Thomas me falou que você gosta dela há muito tempo, e espero não ter estragado tudo.

— Vou ligar pra ela quando chegar em casa. Vai ficar tudo bem.

Parecia que ele estava tentando convencer a si mesmo. Respirei fundo.

— Ei, olha, se não puder mais sair comigo por aí, vou entender. Pelo visto, isso está complicando as coisas pra você.

— Não. É uma complicação boa. — Ele pegou o celular. — São quase onze e meia. Vamos voltar pro cemitério?

— É. É melhor eu voltar pro diário.

— E pro homem misterioso.

* * *

Quando cheguei em casa, o Homem Misterioso estava, por incrível que pareça, tirando uma forma de muffins do forno.

— Você está cozinhando?

— Estou.

— Já é quase meia-noite.

— Sou especialista em desastres culinários na madrugada. Além disso, achei que você podia querer comer alguma coisa quando chegasse, e meus muffins de blueberry são lendários. E por “lendários” quero dizer “comestíveis”. Sente-se.

Foi uma ordem. Puxei uma cadeira e me sentei.

— Então, aonde vocês foram hoje?

— Na Space. É uma boate perto do Arno — disparei, após hesitar por um instante.

Ele riu.

— Esse lugar ainda existe?

Ufa. Pelo menos da Space ele se lembrava.

— Sim. Já foi lá?

— Muitas vezes. Sua mãe também ia.

Eu me inclinei para a frente.

— Então vocês, tipo... iam juntos?

— Muitas vezes. Normalmente a gente ia quando deveria estar estudando. Não sei como está agora, mas era o lugar ideal para estudantes estrangeiros. Muitos americanos frequentavam.

Ele serviu alguns muffins num prato e puxou uma cadeira.

— A Space é meio nojenta. Não gostei muito de lá.

— Também nunca gostei muito. De boates. Não sou de dançar.

Então eu devia agradecer a ele por minha falta de talento para a dança.

Parti um muffin ao meio. O vapor subiu para o meu rosto. É agora ou nunca.

— Então, Howard, tenho uma pergunta. Você sabe muito sobre história da arte, não é?

— Sei. — Ele sorriu. — Está aí uma coisa sobre a qual sei bastante. Você sabe que eu dava aula de história da arte quando conheci sua mãe, não sabe?

— Sei. — Olhei outra vez para meu muffin e respirei fundo. — Bom, eu e Ren fizemos um passeio depois da Space, e paramos numa *piazza*. Piazza della Signoria? Enfim, havia uma estátua interessante lá, mas não sabíamos a história.

— Humm. — Ele se levantou e pegou o pote de manteiga na bancada, depois se sentou outra vez. — Tem muitas estátuas lá. Você sabe quem foi o escultor?

— Não. Ficava numa galeria ao ar livre. Tipo com um pátio coberto, onde qualquer um pode simplesmente entrar.

— Ah, sim. Loggia dei Lanzi. Vejamos... lá ficam os leões dos Médici, e o Cellini... Como era a escultura?

— Se bem me lembro, eram dois homens e uma mulher. — Prendi a respiração.

— Uma mulher sendo carregada?

Assenti.

Ele sorriu.

— *O rapto das sabinas*. Essa é muito interessante, porque o artista, Giambologna, nem pensava nela como uma verdadeira obra de arte. Só a fez como uma demonstração artística de que era possível incorporar três figuras numa única escultura. Ele nem se deu ao trabalho de nomeá-la, e no final acabou se tornando seu trabalho mais conhecido.

Ok. Interessante, mas nada a ver com a história que ele contou para minha mãe. Tentei de novo.

— Você sabe se minha mãe chegou a vê-la?

Ele inclinou a cabeça.

— Não sei. Não me lembro de ter conversado com ela sobre Giambologna. Por quê? Ela comentou sobre isso?

Não me lembro. Seu rosto estava imaculado como um pote novinho de Nutella. Ficou claro que Howard não estava mentindo, mas seria possível ter esquecido? Será que ele sofreu algum traumatismo craniano ou tinha algum bloqueio mental que o impedia de lembrar detalhes de seu relacionamento com minha mãe?

De repente, fiquei com uma pulga atrás da orelha. E se ele *não estivesse* esquecendo? Ou negando? E se...? Eu me levantei, esmagando o muffin com a mão.

— Preciso subir.

Saí correndo da sala antes que ele conseguisse perguntar por quê.

* * *

As palavras da minha mãe rodopiavam pela minha mente enquanto eu subia a escada: *Sim, X. Eu duvido que alguém vá ler meu diário,*

mas vou me referir a ele assim só por precaução.

Logo que entrei no quarto, tranquei a porta e procurei o diário. Acendi o abajur e comecei a folhear as páginas.



Howard: O perfeito cavalheiro sulista (Francesca o chama de gigante sulista), bonito, gentil e o tipo de cara que iria para a guerra por você.

Eu amo estar apaixonada na Itália, mas verdade seja dita: eu me apaixonaria por X em qualquer lugar.

Howard se ofereceu para me levar em casa, e acabei contando sobre Adrienne e a médium.



— Não acredito — murmurei.

Existia um motivo para Howard não saber da padaria secreta ou da importância da estátua de Giambologna, e para minha mãe ter se distraído e o chamado pelo nome verdadeiro.

Ele não era X.

* * *

— Addie, atende, atende! — sussurrei.

— Oi, aqui é Addie! É só deixar uma mensagem que eu...

— Aiii!

Joguei o celular na cama e comecei a andar de um lado para outro. Onde ela *estava*? Fui até a janela e fiquei ali parada. Minha mãe tinha se apaixonado por alguém que não era Howard. Ela teve um caso apaixonado e arrebatador, mas acabou grávida *de outra pessoa*. Do Howard. Será que *essa* tinha sido a decisão errada? Ficar grávida do Howard quando na verdade amava outra pessoa? Foi por isso que fugiu da Itália?

Eu me joguei na cadeira, mas me levantei de novo. Ren atenderia! Pulei na cama, pegando meu celular entre as cobertas e ligando para ele.

Ele atendeu no segundo toque.

— Lina?

— Oi. Olha, eu fiz o que você sugeriu. Perguntei da estátua pra ele.

— E o que ele disse?

— Ele sabia tudo sobre ela, a história e tal, mas depois perguntei se minha mãe alguma vez chegou a ver a estátua, e Howard disse que não se lembrava de já ter conversado sobre isso com ela.

— Qual é a dele? Ou tem a pior memória do mundo ou...

— Ou nunca esteve lá — interrompi, impaciente.

— O quê?

— Ren, pensa bem. Talvez ele não conheça a padaria secreta nem saiba da confissão de amor na estátua das sabinas porque *ele não é o X*.

— Ah.

— Certo?

— Ahhh. Bom... *sim*. Ok, conta tudo.

— Acho que foi mais ou menos assim: minha mãe se mudou pra Itália e fez um monte de amigos, entre eles Howard. Aí, depois de uns meses, ela se apaixonou por esse tal de X. Alguma coisa

aconteceu, talvez eles brigassem demais ou rolasse muita pressão porque a escola devia ter regras sobre namoros, e eles terminaram. Então minha mãe foi se consolar com um gentil cavalheiro sulista, que provavelmente sempre gostou dela. Ela tentou, mas não conseguiu tirar X da cabeça. Então, um dia descobriu que estava grávida e entrou em pânico, porque ia ter um filho com alguém que não amava.

— Faz todo o sentido!

— Eu sei. E isso explicaria por que ficamos afastadas dele durante todos esses anos. Digo, ele é um cara legal, e a julgar por todas as histórias que ela contou, sem dúvida era um bom amigo, mas não dá pra *fingir* que ama alguém. Seria doloroso demais.

— Coitado do Howard, logo ele, tão ameaçador — suspirou Ren.

— E foi por isso que ela escreveu “Eu tomei a decisão errada”. Talvez esse tenha sido seu maior arrependimento. Ela teve uma filha com alguém que não amava.

— Só que você é essa filha. Acha mesmo que ela teria escrito isso na primeira página do diário?

— Ah. Provavelmente não. — Eu me sentei. — Mas, Ren, é triste demais! Quer dizer, pelo jeito que Howard fala, dá pra ver que ele amava minha mãe. E ela me contou várias histórias de como os dois se divertiam juntos. Só que isso não era suficiente... Ela amava outro!

— É como aquela música antiga “Love Stinks”.

— Nunca ouvi falar.

— Não? Toca em um monte de filmes. Fala de quando você se apaixona por alguém e essa pessoa está apaixonada por outro. É um grande ciclo complicado em que ninguém fica com quem quer.

— Nossa, que deprimente.

— Nem me fala. — Ren hesitou. — Você vai contar pro Howard que sabe? Sobre X?

— Não. Quer dizer, tenho certeza de que em algum momento vamos falar disso, mas só quando eu terminar de ler o diário. Preciso ter certeza de que minha teoria está certa.



5 DE ABRIL

Outra noite de drama. Simone arranhou entradas para uma boate nova perto da Piazza Santa Maria Novella e o nosso grupo, mais alguns outros alunos, se encontrou lá por volta das onze. Fiquei até tarde trabalhando no estúdio, então apareci sozinha, e quando cheguei lá, as duas primeiras pessoas que vi foram Adrienne e Howard. Eles estavam na lateral do prédio. Adrienne estava encostada na parede e Howard se inclinava sobre ela, dizendo alguma coisa baixinho. A cena era tão íntima que por um instante não entendi nada. Nunca tinha visto os dois nem sequer conversando sozinhos. O que estava acontecendo?

Entrei na boate sem que eles me vissem e encontrei o restante do grupo, depois os dois entraram separados, como se nada tivesse acontecido. Então as coisas ficaram muito esquisitas. Em certo ponto da noite, Adrienne chamou Alessio de mentiroso, dizendo que ele tinha quebrado a promessa de ir com ela a uma exposição, e por algum motivo isso irritou Howard. Ele disse que ela era a última pessoa do mundo que podia chamar alguém de mentiroso e, que se tivesse alguma dignidade, contaria a verdade. Adrienne revidou dizendo que

aquilo não era da conta dele. Depois Simone se meteu e falou para os dois se acalmarem.

Acho que não sou só eu que tenho segredos.

19 DE ABRIL

X está fora da cidade há uma semana, mas volta amanhã. AMANHÃ. Eu não consigo pensar em outra coisa. Depois da aula, eu disse à Francesca que preciso encontrar o vestido. Aquele vestido incrível que faz qualquer um se apaixonar por você, sabe? (Ou, no meu caso, me deixa maravilhosa para o momento em que vou contar minha grande novidade.)

Francesca era a pessoa perfeita a quem eu poderia pedir para me acompanhar, porque quando o assunto é fazer compras, ela tem a paciência de uma santa. Levamos cinco horas, mas finalmente o encontramos. É um vestido leve, off-white, muito feminino, com um decote em forma de coração que bate acima do joelho. Francesca até me convenceu a cortar o cabelo. Quem diria que cortar alguns centímetros de cabelo inútil poderia valorizar as maçãs do rosto?

E quer saber qual é a grande novidade? Esta semana, Petrucione perguntou se eu estaria interessada em passar o mês de agosto aqui para ajudar no próximo semestre. Vou receber por isso e meu visto de estudante vai ser prorrogado, o que significa que ficarei até o final do verão!

20 DE ABRIL

Acordei cedo, animadíssima para ver X, mas havia uma mensagem no meu celular. Ele decidiu ficar mais tempo na conferência e só vai chegar na segunda. Foi quando tive a brilhante ideia: vou surpreendê-lo em Roma! Mesmo que ele passe o dia inteiro em seminários, pelo menos vamos estar na mesma cidade. Não me importo de turistar o dia inteiro. Os trens expressos levam só uma hora e meia até lá, então, se eu pegar o das quatro da tarde hoje, já estarei no hotel quando X chegar. Mal posso esperar para ver a cara dele!

21 DE ABRIL

Esta é a terceira tentativa de me sentar para escrever o que aconteceu em Roma. Não acredito que estou escrevendo isso, mas ACABOU.

Não consegui encontrar a conferência de X na internet, então, quando cheguei, liguei para o celular dele e disse que estava na estação de trem com uma ótima notícia. Nesse momento, começaram a anunciar alguma coisa pelos alto-falantes da estação, e quando tudo ficou em silêncio novamente, percebi que havia algo errado. Ele me disse para esperar ali.

Meia hora depois, ele entrou correndo na estação, e ficou bem claro que tinha alguma coisa errada. Perguntei se ele queria se sentar num dos cafés da estação, e pelos vinte minutos seguintes o ouvi falar. Resumo da ópera: ele acha que o trabalho dele ficou estagnado, que precisa de um novo espaço criativo e decidiu sair da escola e procurar outro emprego em Roma. Ah, e a gente terminou.

Tudo acabado.

Fiquei ali sentada com as palavras rodopiando à minha volta. Foi como se minha mente não conseguisse processar o que estava acontecendo. Então entendi tudo. Era o fim. Ele estava terminando comigo.

De repente, não consegui mais ouvir nenhuma desculpa, só a verdade nua e crua. Eu tinha passado nove meses mentindo para meus amigos. Havia me afastado da minha família. Mudara completamente minha vida para ficar perto dele, e o namoro não tinha tanta importância assim para ele. Cheguei a cogitar que seria possível fazê-lo mudar de ideia... Pensei em dizer que eu tinha encontrado um jeito de ficar em Florença por mais tempo, mas mesmo naquele breve instante de negação, eu sabia que era inútil. Quando uma pessoa desiste de um relacionamento, não há nada que você possa fazer para segurá-la.

X ainda estava falando quando me levantei. Eu me despedi dele com uma voz normal, como se não tivesse acabado de ser estilhaçada em um milhão de pedaços, depois fui até o balcão e comprei uma passagem de volta no trem seguinte. Não fiquei em Roma nem uma hora. Nem tive a chance de usar meu vestido.

22 DE ABRIL

Hoje acordei achando que estava num pesadelo, mas assim como nos últimos dias, a realidade esperou que eu me situasse só para me derrubar de novo. Chorei até pegar no

sono. Meus olhos ficaram tão inchados que precisei deixar um pano molhado sobre eles por um tempo para ficar mais apresentável para ir à aula. Eu tinha passado o fim de semana inteiro me apegando a um fiapo de esperança de que X estaria na aula hoje, mas é claro que não estava. Será que acabou mesmo? Nunca senti tanta dor. Nunca.

25 DE ABRIL

No fim das contas, Francesca sempre soube. Ontem à noite, depois do jantar, ela me abraçou e disse que X não valia a pena, e que nunca valera. Fiquei muito surpresa. Todo mundo sabia?

2 DE MAIO

Hoje de manhã Petrucione anunciou que X tinha deixado o cargo. Senti um alívio enorme, não por ele ter ido embora oficialmente, mas porque alguém disse o nome dele. Não contei a ninguém sobre o relacionamento, então agora não posso compartilhar meu sofrimento. Me sinto muito sozinha. Conversar com Francesca não ajuda. Se toco no nome de X, ela fala mal dele e acabo me sentindo pior. Florença é o lugar perfeito para se apaixonar, o que significa que é o pior lugar do mundo para ficar de coração partido. Em certos dias, só quero ir para casa. Será que devo passar o verão aqui?



— Mãe — sussurrei.

A tristeza dela se espalhava pelo diário como uma tinta que até então não havia secado. Destroçaram seu coração numa estação de

trem em Roma e ela nunca nem sequer *mencionou* isso para mim. Como era possível? Eu conhecia aquela mulher?

Dei outra olhada nos últimos relatos do diário. Sem dúvida, X foi um idiota. O que mais me dava ódio era ele ter dito que precisava de um "novo espaço criativo". Que papo é esse? E era *horrível* ela não ter percebido que ele queria terminar, ainda mais porque, para quem via de fora, era muito óbvio que o relacionamento não iria a lugar nenhum. Ler aquelas últimas frases foi como assistir a um acidente de trem em câmera lenta.

E também havia Howard. Passei o dedo sobre a parte que falava dele e de Adrienne. Claro que ele também fazia algo por baixo dos panos. Será que ele e Adrienne estavam namorando e terminaram pouco depois da minha mãe e X? Será que meus pais estavam interessados em outras pessoas e meio que acabaram ficando juntos? Por isso que não tinha durado? E o que havia de tão especial em X, afinal?

Eu queria continuar lendo, mas minhas pálpebras estavam se fechando. Enfim, desisti, colocando o diário na mesa de cabeceira e apagando a luz.



Capítulo 16



— PRECISO DA SUA ajuda.

Eu havia acordado com uma ideia brilhante e, embora tivesse esperado até uma hora socialmente aceitável, praticamente precisei arrancar Ren da cama. Acabamos sentados na varanda da casa de doces, e ele parecia só trinta por cento acordado.

— Não podia esperar?

Ele estava com uma calça preta de moletom e uma camiseta desbotada e, como sempre, ficava tirando o cabelo do rosto toda hora. Devia ser só a luz da manhã, mas ele estava bonito. Tipo, mais ninguém no mundo ficaria tão bonito com aquele cabelo desgrenhado e aquela cara de sono.

— O que foi?

Ele me pegou no flagra, e eu desviei o olhar depressa.

— Nada. Só preciso da sua ajuda com uma última coisa.

— Olha, você sabe que estou bastante interessado em desvendar esse mistério por trás da história do Howard e da Hadley, mas posso dormir antes?

— Não! Ren, por que você está tão cansado?

— Fiquei no telefone com Mimi até umas três da manhã.

De repente, o sol pareceu forte demais.

— Ela ficou mesmo com raiva? Por causa do que eu disse ontem à noite?

— Sim. Ficou. — Ele suspirou. — Mas não vamos falar disso. Você precisa de ajuda pra quê?

— Você poderia me dar uma carona até a ABAF?

— A escola onde sua mãe estudou?

— É. Eu liguei pra lá hoje de manhã. Eles se mudaram pra outro lugar há alguns anos, mas quero ver se consigo alguma informação sobre Francesca.

— Francesca, a fiscal da moda?

— Acho que é minha melhor chance de encontrar o X. Afinal, ela sabia sobre eles o tempo todo.

— Ei, calma. Vamos procurar o X? Por quê?

— Porque minha mãe teve toda uma vida que eu desconhecia. E porque eu quero saber o que esse cara tinha de tão especial a ponto de ela não conseguir esquecer e que fez com que ela magoasse Howard.

— Mas, Lina, isso ainda é só uma teoria, né? E se não tiver sido por isso que ela foi embora da Itália?

Soltei um gemido.

— Qual é, Ren... Você não quer saber quem é o misterioso X? Ele terminou com a minha mãe de um jeito horrível. Aquilo acabou com ela. Só quero saber o que ele tinha de mais. Acho que me ajudaria a entender tudo um pouco melhor.

— Humm. — Ele bocejou e encostou a cabeça no meu ombro.

— E então, vai me ajudar?

— Claro que sim. Quando você quer ir?

— O mais rápido possível.

A pele do Ren era quente, e ele tinha aquele cheiro de menininho que acabou de acordar.

— Nossa, você está tão cheirosa — disse ele, repetindo meus pensamentos.

— Não estou, não. Corri nove quilômetros e meio hoje de manhã e ainda não tomei banho.

— Está cheirosa mesmo assim.

Pelo que parecia, eu ainda sentia aquele friozinho na barriga. E o friozinho estava mais gelado do que nunca. Eu me afastei correndo.

* * *

Não. Pense. No. Ren.

Corri o mais rápido que pude até o cemitério. Eu tinha muito em que pensar e não precisava complicar as coisas com uma paixonite idiota por um dos melhores amigos que já tivera. Além disso, ele namorava uma top model sueca com crises de agressividade. E não podemos esquecer que eu havia acabado de dar meu número para o cara mais bonito que já conheci.

Quando cheguei em casa, meu coração quase saiu pela boca. Howard estava sentado no balanço da varanda com uma caneca de café e uma cara de *bom moço*. Era cosmicamente injusto que ele tivesse ficado sozinho num cemitério com seus muffins horríveis e sua música antiga. Aquilo me dava vontade de comprar balões ou algo do tipo para ele.

— Bom dia, Lina.

— Bom dia.

Howard me olhou de um jeito estranho. Talvez porque eu estivesse olhando para ele como se ele fosse um passarinho ferido.

— Eu estava na casa do Ren — falei.

— Vocês têm planos pra hoje?

— É, ele vem me buscar daqui a pouco.

— Para quê?

— Humm, acho que só vamos almoçar.

Será que devo convidá-lo? Espera aí. Nós não vamos almoçar.

— Legal. Bom, eu estava pensando que, se vocês dois quiserem, podíamos ver um filme hoje à noite. Uma das cidades vizinhas tem

um cinema ao ar livre que passa filmes na língua original, e esta semana estão exibindo um dos meus favoritos.

— Ótima ideia!

Vibrei. Para virar líder de torcida, eu só precisava de pompons e um megafone. *Calminha aí. Não foi ontem que partiram o coração dele.*

Ele me lançou um olhar questionador.

— Que bom que você gostou da ideia. Vou convidar Sonia também.

— Claro.

Entrei correndo e, quando olhei para trás, a pena que senti foi tanta que quase transbordou por meus olhos. Ele amava minha mãe. Era pedir demais que ela retribuísse esse amor?

* * *

— Você disse “Piazzale Michelangelo”, não foi? — gritou Ren pra mim.

— Isso. Disseram para estacionar lá e depois seguir pro sul.

— Ok, é logo ali.

Tinha sido uma viagem rápida de scooter, e eu tomara todo o cuidado para me sentar alguns centímetros afastada, de modo que nossas pernas não se tocassem nem nada do tipo. Pelo menos não toda hora.

— Alguém vai nos receber na ABAF, não vai? — perguntou ele.

— Vai. Eu não expliquei por que estávamos indo, mas disseram que uma pessoa do setor de matrículas estaria na secretaria.

Ele entrou atrás de uma fila de ônibus, e um deles era tão grande que devia fazer bico como navio de cruzeiro. A Piazzale Michelangelo

era um redemoinho de turistas. Todos pareciam estar decididos a fazer valer o que tinham gastado.

— Por que tem tanta gente aqui?

— Daqui se tem a melhor vista da cidade. Assim que esse ônibus sair da nossa frente, você vai ver.

O ônibus desacelerou, e Ren o ultrapassou. De repente estávamos diante de uma vista panorâmica de Florença, incluindo a Ponte Vecchio, o Palazzo Vecchio e o Duomo. Tive orgulho de mim mesma. Cinco dias depois de chegar, já reconhecia metade da cidade.

Ren saiu da rua e parou numa vaga mais ou menos do tamanho da minha mala e nos esprememos para sair.

— Pra onde vamos?

Eu entreguei o endereço a ele.

— A mulher da escola falou que é fácil achar.

Só que não. Passamos os trinta minutos seguintes perambulando de um lado para outro pelas mesmas ruas porque todo mundo a quem perguntávamos nos dava instruções completamente diferentes.

— Primeira regra ao lidar com italianos — resmungou Ren. — Eles adoram indicar o caminho. Ainda mais se não tiverem a menor ideia do que estão falando.

Comecei a perceber que Ren só agia como italiano quando estava a fim.

— E gesticulam muito — acrescentei. — Achei que aquele último cara estava orientando o pouso de um avião. Ou talvez guiando uma orquestra.

— Você sabe como fazer um italiano parar de falar, não é?

— Como?

— É só amarrar os braços dele.

— É aqui!

Parei de andar, e Ren esbarrou em mim. Já tínhamos passado por aquele prédio pelo menos cinco vezes, mas só naquele momento notei a minúscula placa dourada acima da porta: ABAF.

— Eles acham que as pessoas vão ler a placa de binóculos?

— Você está mal-humorado.

— Desculpa.

Apertei o botão do interfone e depois de uma campainha alta ouvi a voz de uma mulher.

— *Pronto?*

Ren se aproximou.

— *Buon giorno. Abbiamo un appuntamento.*

— *Prego. Terzo piano.* — A porta se destrancou.

Ren olhou para mim.

— Terceiro andar. Vamos ver quem chega primeiro.

Um empurrou o outro, depois saímos correndo escada acima, chegando a uma grande recepção iluminada. Uma mulher com um vestido justo cor de lavanda deu um pulo atrás da mesa, assustada.

— *Buon giorno.*

— *Buon giorno* — respondi.

Ela olhou para meus tênis e começou a falar inglês.

— Você ligou para falar de uma reunião com o nosso setor de matrículas?

— Eu ganhei — sussurrou Ren.

— Não ganhou, nada. — Recuperei o fôlego e dei um passo à frente. — Oi. Sim, liguei, mas na verdade queria fazer algumas perguntas sobre uma ex-aluna.

— Como é?

— Minha mãe estudou aqui há uns dezessete anos, e estou tentando encontrar uma de suas antigas colegas de turma.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Bem, não podemos dar nenhuma informação pessoal.

— Eu só precisava saber o sobrenome dela.

— Como eu falei, não posso ajudá-la.

Aff.

— E quanto ao Signore Petrucione? Ele poderia nos ajudar? — perguntou Ren.

— Signore Petrucione? — Ela cruzou os braços. — Você sabe quem é ele?

Assenti.

— Ele era o diretor quando minha mãe estudava aqui.

Ela nos encarou por um instante, depois se virou e saiu de fininho da sala.

— Nossa. A alegria dela é contagiante — comentou Ren. — Acha que ela vai voltar?

— Espero que sim.

Logo depois a mulher reapareceu, seguida por um senhor de aparência enérgica e muito elegante de terno e gravata e com cabelo branco arrepiado. Quando me viu, teve que olhar de novo.

— *Non è possibile!*

Olhei para Ren.

— Humm, oi. Signore Petrucione?

Ele estava perplexo.

— Sim. E você é...

— Lina. Minha mãe estudou aqui e...

— Você é a filha da Hadley.

— ... Sim.

— Achei que estava vendo coisas. — Ele atravessou a sala, estendendo a mão. — Que surpresa. Violetta, sabe quem é a mãe desta garota?

— Quem? — A mulher estava determinada a não se deixar impressionar.

— Hadley Emerson.

O queixo dela caiu.

— Ah.

— Lina, venha comigo. — Ele olhou para Ren. — E traga seu amigo.

Eu e Ren seguimos Petrucione por um corredor até um pequeno escritório abarrotado de fotos. Ele se sentou e, com um gesto, nos convidou a fazer o mesmo. Tive que tirar uma caixa de negativos da cadeira.

— Lina, sinto muito por sua mãe. Que tragédia. E não só por causa da contribuição dela para o mundo da arte. Ela também era uma pessoa maravilhosa.

— Eu agradeço.

— Quem é esse? — Ele apontou para Ren.

— É meu amigo Lorenzo.

— Prazer em conhecê-lo, Lorenzo.

— Igualmente.

Petrucione se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Que ótimo você estar visitando Florença. E que prazer recebê-la na ABAF. Violetta disse que você está pedindo informações sobre os colegas de turma da sua mãe.

Respirei fundo.

— Sim. Bem, tenho tentado descobrir um pouco sobre a época que ela passou na escola, e esperava entrar em contato com uma de suas antigas amigas.

— Claro. Quem?

— O nome dela é Francesca. Ela estudava fotogr...

— Francesca Bernardi. Essa foi outra que ficou bastante famosa. Saiu uma matéria sobre ela de página dupla na *Vogue Italia* na primavera passada. — Ele tamborilou dois dedos na própria cabeça. — Eu nunca esqueço um nome. Deixem-me pedir a Violetta que verifique nossos registros de ex-alunos. Já volto.

Petrucione saiu depressa do escritório, deixando a porta entreaberta.

— Quantos anos esse cara tem? — sussurrou Ren. — Sua mãe não disse que ele tinha uns duzentos anos? E isso foi naquela época.

— Sim, disse. Então acho que agora ele tem duzentos e dezessete.

— No mínimo. E ele é superativo. Acho melhor ele manear na quantidade de *espressos*.

— Será que devo perguntar sobre o X? Eles mantiveram segredo na escola, mas eu podia tentar descobrir se alguém abandonou o emprego no meio do segundo semestre da minha mãe aqui.

— Pergunta, sim.

Olhei para a parede, e a foto de uma velha olhando direto para a câmera chamou minha atenção. Fui até ela.

— Foi minha mãe que tirou essa foto.

— Sério? Como você sabe?

— Simplesmente sei.

Petrucione voltou saltitando para a sala.

— Ah, estou vendo que você encontrou a foto da sua mãe.

— Em geral eu consigo reconhecer o trabalho dela. — Pela dor que sinto no peito.

— Bem, sem dúvida é um trabalho singular. Hadley tinha um verdadeiro dom para retratos. — Ele me entregou um pedaço de papel, e voltamos a nos sentar. — Anotei o nome todo de Francesca

e o telefone da empresa dela. Tenho certeza de que ela ficará muito feliz em conversar com você.

— Obrigada. Isso vai ajudar muito.

— Não tem de quê. — Ele sorriu para mim.

Achei que íamos apenas pegar as informações e ir embora, mas de repente eu não queria mais sair dali.

— Como minha mãe era? Quando estava aqui?

Petrucione sorriu.

— Como um ponto de exclamação humano. Nunca tinha visto ninguém tão empolgada para fazer alguma coisa. Esta escola é muito seletiva, mas mesmo assim às vezes deixamos passar um perdido, sabe, alunos meio desinteressados, mas com um talento natural. Sua mãe não era uma dessas. Ela era muito talentosa. Talentosíssima, na verdade, mas isso era apenas parte da equação. É preciso ser talentoso e motivado. Acho que só pela motivação ela poderia ter sido bem-sucedida. — Ele sorriu. — Todos os alunos gostavam dela. Eu me lembro de que era muito popular. Certa vez ela me pregou uma peça. Tirou uma foto abstrata da Ponte Vecchio para um trabalho. Àquela altura, eu já tinha visto um bocado de fotos da Ponte Vecchio e avisara à turma que qualquer um que se atrevesse a usar aquela paisagem como inspiração seria reprovado na hora. Mas ela foi lá e usou, e claro que amei a foto, e só depois ela me disse que se tratava da ponte... — Ele soltou uma risadinha, balançando a cabeça.

Uma sensação quente e pegajosa borbulhou dentro de mim. Eu *amava* ouvir gente que realmente conhecia minha mãe falar dela. Era como segurar sua mão por um breve instante.

“X”, Ren fez com os lábios, sem ousar falar em voz alta.

— Ah. — Respirei fundo. — Sr. Petrucione? Tenho mais uma pergunta.

— *Prego.*

— Minha mãe mencionou que houve um... membro do corpo docente, professor ou algo assim, que deixou o cargo no meio do segundo semestre. Sabe quem pode ser?

O clima alegre do escritório evaporou com um *puf*. Petrucione fez uma cara enojada, como se alguém tivesse acabado de lhe oferecer cocô de cachorro para comer.

— Não. Não sei.

Eu e Ren nos entreolhamos.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Eu me ajeitei na cadeira.

— Ok. Bem, ele pode não ter ficado aqui por muito tempo. Acho que acabou aceitando um emprego em Roma e...

Ele se levantou, erguendo um dos braços para me interromper.

— Desculpe, mas muitos dos membros do nosso corpo docente vêm e vão. Eu não me lembro. — Ele assentiu para nós. — Foi um grande prazer conhecê-los. Se voltar à cidade um dia, por favor venha nos dar um alô. — A voz dele continuava gentil, mas ele claramente estava encerrando o assunto.

Sem dúvida não queria falar sobre aquilo.

Ele não ia revelar nada sobre X.

— Obrigada pela ajuda — falei, enfim, me levantando.

Quando eu e Ren passamos pela mesa de Violetta, ela se levantou às pressas e nos abriu um sorriso tão grande quanto o Arno.

— Foi uma *grande* honra conhecer você, e fico muito feliz por ter conseguido ajudar. Tenham um dia *maravilhoso*.

— ... Obrigada.

Assim que a porta de vidro se fechou atrás de nós, Ren ergueu uma das sobrancelhas.

— O que foi aquilo?



Capítulo 17



— PETRUCIONE COM CERTEZA sabia de quem estávamos falando. Você viu a cara que ele fez?

Ren assentiu.

— Impossível não ter reparado nisso. E cinco segundos antes ele tinha comentado que não esquece o nome de ninguém. Só não quis nos contar mesmo.

— Espero que a gente tenha mais sorte com Francesca. — Digitei o número dela e liguei. — Está chamando.

— *Pronto?* — Um homem atendeu.

— Humm, Francesca Bernardi?

Ele respondeu num italiano rápido.

— Humm, Francesca? — repeti.

Ele estalou a língua. Depois o celular voltou a chamar e uma mulher atendeu.

— *Pronto?* — Sua voz era baixa e rouca.

— Alô, Francesca?

— *Si?*

— Meu nome é Carolina. Você não me conhece, mas conheceu minha mãe, Hadley Emerson.

Silêncio. Fiz uma careta para Ren.

— O que foi? — perguntou ele num sussurro.

— Carolina — disse ela lentamente. — Que surpresa. Sim. Eu conheci sua mãe. Ela era uma grande amiga minha.

Meu coração acelerou.

— Estou tentando descobrir um pouco mais sobre os... estudos dela em Florença. Vocês dividiram apartamento, não é?

— Sim. E nunca existiu mulher mais desorganizada! Achei que eu ia acabar enterrada viva na bagunça dela.

— É... isso era mesmo um problema. Você se importaria de responder a algumas perguntas sobre a época que ela passou em Florença?

— Claro, posso responder, sim, mas por que quer me fazer essas perguntas? Há anos que não falo com ela.

— Bem... — Hesitei. Eu nunca sabia como dar essa notícia. Era como abrir uma represa. Impossível prever a reação das pessoas. — Ela morreu. Há pouco mais de seis meses.

Francesca arquejou.

— *Non ci posso credere.* Como?

— Câncer no pâncreas. Foi de uma hora para outra.

— Ah, pobrezinha. *Era troppo giovane, veramente.* Eu adoraria conversar sobre sua mãe. Depois de terminar o curso ela sumiu da face da Terra. Nenhum de nós conseguiu mais entrar em contato.

— Você...? — Fiz uma careta. — Isso pode parecer estranho, mas você lembra se ela estava namorando alguém?

— Ah, a vida amorosa de Hadley Emerson... Parecia uma novela. Sua mãe estava apaixonada, sim, e acho que metade de Florença caiu de amores por ela. Eu sempre soube quem era o homem certo para ela, todos nós sabíamos, mas aí apareceu aquele Matteo arruinando tudo.

— Matteo? — repeti, com a voz falhando.

Nem precisei insistir, Francesca soltou o nome de uma vez.

Ren ergueu o rosto de repente.

— Sim. O nosso professor — continuou Francesca.

— Professor — sussurrei para Ren.

Bom, aquilo explicava por que mantiveram o namoro em segredo.

— ... Ele bagunçou a cabeça dela. Fiquei furiosa por ter magoado minha amiga... — Ela se calou. — Parece que estou contando velhos segredos.

— Qual era o sobrenome do Matteo?

Ela hesitou.

— Acho que era Rossi. Sim, é isso mesmo, mas eu não deveria ter falado dele. Aquele homem foi uma perda de tempo para todo mundo, sobretudo para sua mãe. — Ela suspirou. — Todos queríamos salvá-la dele. Ele era charmoso. Muito bonito, mas controlador. Achava que podia encontrar um talento e se apossar dele. A demissão do Matteo foi um escândalo.

— Demissão? — *"Espaço criativo" uma ova.*

— Sim, mas são águas passadas. — A voz dela se animou. — Sabe quem seria uma ótima pessoa para conversar sobre isso? Howard Mercer. Ele era outro amigo nosso da faculdade, e hoje trabalha num cemitério pertinho de Florença. Era muito próximo da sua mãe. Quer o número dele?

— Não, não precisa — falei, depressa. — Então, Matteo Rossi. Alguma ideia de onde ele pode estar hoje em dia?

— Nenhuma. E prefiro assim. Mas quantos anos você tem, Carolina? Eu também tenho uma filha.

— Dezesesseis.

— *Dezesesseis?* Hadley era nova demais para ter uma filha da sua idade. Então, vejamos, isso significa que você nasceu em... — Ela se calou. — *Aspetta.* Dezesesseis anos?

— Humm, sim.

A voz dela ficou mais aguda.

— Carolina, você está me ligando porque...

— Preciso ir. Foi bom falar com você. — Desliguei correndo.

Ren estava apoiado em mim, com a orelha a poucos centímetros do celular. Ele deu um passo para trás.

— O que foi isso?

— Ela estava tentando descobrir quem é meu pai. Acho que talvez eles ainda se falem, e não quero que isso chegue ao Howard.

— Como ela disse que X se chama?

Abri um sorriso triunfante.

— Professor Matteo Rossi. Tenho certeza de que vamos encontrá-lo.

Ren e eu corremos até o cyber café mais próximo. Eu esperava encontrar um monte de cappuccinos descolados ou pelo menos uma vitrine cheia de muffins gigantescos polvilhados com açúcar, mas o lugar só tinha uma fileira de computadores antigos e um grupo de pessoas mal-encaradas esperando na fila para apagar spam da caixa de entrada. Que decepção.

— Tem certeza de que não quer usar o meu computador lá em casa? — sugeriu Ren, meio sem jeito.

— Não. Quero encontrar Matteo agora.

Meu celular apitou na bolsa.

Quer ir a uma festa amanhã à noite? É de uma garota que se formou no ano passado. Banda, bar, fogos de artifício...

— Thomas

Eu me preparei para sentir um friozinho ainda maior na barriga, mas nada aconteceu. Na verdade, achei até que esquentou alguns graus. Olhei furtivamente para Ren. *Lina, você precisa se controlar.* Por que hoje eu o estava achando tão bonito? Só porque ele era a única pessoa que eu conhecia disposta a embarcar comigo numa busca insensata pelo ex-namorado da minha mãe?

— Quem é? — perguntou Ren.

— Ninguém.

— Então, Lina... — A boca dele se curvou para baixo numa expressão preocupada e fofa. *Não, nada fofa.* — Está na cara que Petrucione não queria falar do Matteo, e Francesca pelo visto também não gosta muito dele. Acha mesmo uma boa ideia procurar esse cara? E se ele for um babaca?

— Ele com certeza era um babaca, mas, sim, quero conhecê-lo. Ele foi muito importante na vida da minha mãe, e ela devia querer que eu soubesse da existência dele, senão por que teria me enviado o diário? Sinto que encontrá-lo é um grande passo pra entender tudo.

Ele assentiu, ainda parecendo em dúvida.

— Ok, mas “Matteo Rossi” é um nome bem comum. É como procurar um Steve Smith nos Estados Unidos.

— Vamos encontrá-lo — falei, num tom confiante. — Pensa bem, já tivemos muita sorte hoje. Primeiro, encontramos a escola...

— Aquilo foi um milagre.

— ... E em segundo lugar, depois que chegamos lá, você se lembrou de mencionar Petrucione. Se não tivesse falado no nome dele, acho que Violetta teria nos colocado pra fora. — Do outro lado do café, uma mulher se levantou do computador. — Ei, olha! Acho que um deles vagou.

Corri em direção ao computador, seguida por Ren, e nos esprememos na cadeira.

— Quer que eu procure em sites italianos? — perguntou ele.

— Sim. A última coisa que sabemos é que ele se mudou pra Roma, então é provável que ainda esteja lá.

— O que devo procurar?

Tirei o diário da bolsa e comecei a folheá-lo.

— Matteo Rossi Academia de Belas-Artes de Florença? Matteo Rossi fotógrafo Roma? Junta tudo o que sabemos sobre ele.

Ren digitou tudo o que falei, e começou a deslizar o cursor pela tela, parando de vez em quando para ler. Também tentei ler, mas nenhuma das minhas cinco frases em italiano apareceu.

— Nada. Nada. Nada... Alguma coisa? Que tal isto?

— O quê?

Ele clicou num dos resultados da busca.

— Parece um anúncio. Em inglês.

JUNTE SEU DESEJO DE VIAJAR COM A PAIXÃO POR FOTOGRAFIA

Acompanhe o renomado fotógrafo e dono de galeria Matteo Rossi numa jornada por Roma que mudará sua forma de ver o mundo. Com as diversas oficinas de fotografia oferecidas ao longo do ano, Rossi transformará seu hobby em algo mais.

— Ren, você o encontrou! Só pode ser ele.

— Vamos olhar o site.

Ele clicou no link na parte inferior do anúncio, e o site carregou numa lentidão aflitiva.

— Aiii. Está demorando demais — reclamei.

Era como observar a era do gelo em câmera lenta.

— *Pazienza* — disse Ren.

O site enfim carregou. Era monocromático com um grande banner dourado na parte de cima com os dizeres **ITÁLIA ATRAVÉS DAS LENTES.**

Tirei o mouse da mão do Ren, e rolei a página para ler a enorme quantidade de texto. Todos os parágrafos eram escritos em inglês e italiano, e eram basicamente um monte de blá-blá-blá dizendo que

você seria insuportavelmente feliz se pagasse um dinheirão pela oportunidade de venerar Matteo. Não consegui acreditar que o cara era tão irritante.

Ren apontou para um link na parte de baixo.

— Página da biografia. Tenta essa.

Eu cliquei. E esperei. Outra era do gelo começou e terminou. Finalmente, uma foto em preto e branco do rosto do Matteo carregou e eu me aproximei para dar uma olhada.

E foi então que perdi o fôlego.



Capítulo 18



DE REPENTE, O cyber café parecia um dos suéteres de lã que minha tia-avó me mandava todo Natal. Quente. Áspero. Asfixiante.

Minhas mãos tremiam, mas consegui clicar na imagem para ampliá-la ainda mais. Pele morena. Olhos escuros. Cabelo cortado curtinho e depois quase melecado de tanto gel, porque do contrário ele teria que passar metade do dia tentando controlá-lo.

Eu sabia bem como era isso.

— Ai, meu Deus. Aimeudeusaimeudeusaimeudeus. Acho que vou vomitar. — Tentei me levantar, mas tudo girou. Ren me segurou e me puxou de volta para a cadeira.

— Lina, fica calma. Está tudo bem. — Era como se ele estivesse falando debaixo d'água. — Deve ser só uma coincidência. Quer dizer, você também se parece muito com sua mãe. Todo mundo fala isso.

— Ren, ela nunca disse que ele era meu pai.

— O quê?

Eu me virei.

— Minha mãe nunca falou que Howard era meu pai. O tempo todo falou dele como se fosse apenas o melhor amigo dela.

Ele arregalou os olhos.

— *Davvero?* Então por que você achou que era?

— Por causa da minha avó. Ela disse que Howard era meu pai e que minha mãe não tinha me contado porque queria que eu chegasse lá de coração aberto e desse uma chance pra ele. — Coloquei a mão no peito. Meu coração batia forte, quase quebrando

minhas costelas. — É claro que eu não tenho nada a ver com Howard, e Ren, *olha*.

Viramos para a tela outra vez.

— Preciso de uma explicação. Talvez... — Ele se calou.

Não havia o menor espaço para um “talvez”.

— E desde que cheguei aqui, as pessoas dizem que eu tenho cara de italiana. Você mesmo falou isso quando nos conhecemos na colina. Ah, meu Deus. Eu sou italiana. Eu sou *italiana!*

— Metade italiana. E, Lina, calma. Ser italiana também não é o fim do...

— Ren, você acha que ele sabe? Acha que Howard sabe?

Ele hesitou, olhando outra vez para a foto.

— Não sei. Deve saber, não é?

— Então por que está me apresentando pras pessoas como filha dele? Ah, não. — Eu me curvei, segurando as pernas. — Na noite em que fomos na casa da Elena, ele estava com convidados em casa e eu ouvi uma das pessoas perguntar se eu era filha “da fotógrafa”, e ele disse que sim, mas não que eu também era filha dele.

— Mas ele me disse que é seu pai. Naquela primeira vez que nos falamos. E Sonia diz o mesmo, não é?

— Ou os dois estão mentindo ou acreditam mesmo nisso. — Coloquei as mãos na cabeça. — Ren, e se só minha mãe soubesse? E se esse tiver sido o motivo pra ela ter enviado o diário? Pra eu saber a verdade mesmo que ninguém mais soubesse?

Ren fez uma careta.

— Ela faria isso? É tão...

Cruel? Insensível? Pode escolher.

Balancei a cabeça.

— Não sei mais. Desde que comecei a ler o diário, eu me pergunto se realmente a conhecia. — Olhei outra vez para a tela. —

Ontem à noite eu estava pensando que ela e Howard tinham que ficar juntos logo porque nasci em janeiro, mas acho que não estavam com pressa. Ela já devia estar grávida na época em que foi morar com ele.

— E agora?

Respirei fundo.

— Temos que ligar pro Matteo. Preciso conhecê-lo.

— Nossa, Lina, não acho que seja uma boa ideia. Por que não conversamos com Howard antes? Ou pelo menos terminamos de ler o diário?

— Ren, por favor! Acho que era isso que minha mãe queria que eu fizesse. E não vou conseguir encarar Howard assim. Não posso. Esse número na parte de baixo é do Matteo?

Peguei meu celular e tentei ligar, mas minhas mãos tremiam demais.

— Eu ligo. — Ele pegou o aparelho. — Ligo direto pro número da galeria?

— Sim. Vê se está aberta. E onde fica. Como vamos chegar lá? Podemos ir até Roma de scooter?

— Não, vamos de trem. Tem trens indo pra lá o dia inteiro.

Ele se inclinou para a frente, com o celular encostado no ouvido. Estava chamando.

* * *

Ren pilotou o mais rápido possível até a estação de trem, enquanto eu me segurava nele como um macaco lunático. Tínhamos visto os horários na internet e achamos um trem expresso que sairia em vinte e seis minutos. Chegamos em vinte e quatro.

— Conseguimos. Conseguimos — comemorei, ofegante.

Ren afundou num banco vazio.

— Eu... nunca... corri... tanto.

Pressionei os dedos contra as costelas. Sentia uma dor horrível na lateral do tórax.

— Quem... diria... que um trem... estaria saindo agora?

Ele levou um segundo para recuperar o fôlego.

— Eles saem o dia inteiro, mas esse aqui é expresso. E precisamos fazer tudo rápido porque meus pais vão me matar se descobrirem que estou levando você a Roma pra encontrar um desconhecido. E Howard vai me jogar num caldeirão de óleo fervente.

— Matteo não é um cara qualquer. E Howard... — Soltei um gemido. — Que horror. Foi rejeitado por minha mãe e agora também vai descobrir que não tem filha nenhuma.

Nesse instante, começaram a falar num volume ensurdecedor pelo sistema de comunicação, e nós dois tapamos os ouvidos enquanto um homem fazia um longo anúncio em italiano. Quando finalmente terminou, ouvimos um apito agudo e o trem saiu lentamente da estação. *Isto está acontecendo. Está mesmo acontecendo.*

— Você está levando o diário, não é? — perguntou Ren.

— Estou. — Eu o tirei da bolsa. — Vou ler no caminho. Quanto tempo até lá?

— Uma hora e meia. Lê rápido.

Ele fechou os olhos e apoiou os pés no banco à frente.

— Ren?

Ele abriu os olhos.

— Sim?

— Juro que normalmente eu sou um tédio.

— Duvido.



9 DE MAIO

O semestre está terminando. Simone e Alessio acabaram mais cedo. Eles conseguiram um emprego juntos num museu em Nápoles, e todos ficamos aliviados porque eles não vão se separar. Com quem brigariam? Adrienne também terminou antes, mas foi embora sem se despedir.

Agora só restaram três do nosso grupo, Francesca, Howard e eu. Passamos tanto tempo juntos que brincamos que ele deveria economizar dinheiro e vir morar conosco. As aulas terminaram, mas tecnicamente faltam duas semanas até entregarmos o projeto final, e já comecei a ajudar Petrucione.

Parece o fim de uma era. No ano passado, vivi alguns dos meus melhores momentos, mas também alguns dos piores. Não tive nenhuma notícia de X desde aquele dia na estação de trem, e agora que o pior já passou, fico me perguntando como nosso relacionamento pode ter significado tanto para mim e tão pouco para ele.

12 DE MAIO

Nas últimas semanas, eu e Howard alugamos um carro e temos arrastado Francesca para passeios pelas cidades nas colinas da Toscana. Nossos papéis são bem definidos: Howard dirige e cuida da música, eu leio um livro de viagens em voz alta e Francesca fica sentada no banco de trás reclamando.

Nós nos divertimos tanto, e eu fico muito feliz por tê-los por perto para me distrair. Às vezes até me esqueço de X por um tempo.

13 DE MAIO

Ofereceram a Francesca um emprego como assistente de um grande fotógrafo de moda em Roma. Se ela aceitar (e vai aceitar), começa em menos de um mês. Howard também tem feito entrevistas de emprego. Ele disse que vai fazer o que for preciso para ficar na Itália. Alguém precisa de um zelador com Ph.D. em história da arte? Sempre pensamos parecido com relação a Florença. Enquanto nossos amigos reclamavam dos turistas e dos preços, nós apontávamos para os vitrais coloridos e experimentávamos os sabores mais estranhos de gelato que encontrávamos.

Devo admitir que, apesar de ainda amar Florença com todo o coração, a cidade acabou se tornando um lugar triste para mim. Sempre que saio vejo lugares aonde fui com X, e é como se eu ouvisse ecos das nossas conversas. Passei horas me perguntando por que nosso relacionamento terminou tão de repente. Será que a direção da escola tinha descoberto? Ele havia conhecido outra pessoa? Mas é inútil pensar nisso. Eu poderia passar a vida inteira me fazendo essas perguntas.

14 DE MAIO

Só falta uma semana para terminar o prazo de entrega do meu projeto. Petrucione recomendou algumas escolas de arte para fazer retratos fotográficos e disse que, se eu conseguir aumentar meu portfólio, poderei escolher o curso que quiser.

Estou tentando ficar tão animada quanto deveria. Sinto que parte de mim já está pronta para a próxima fase, mas a outra deseja ficar nesta cidade para sempre.

15 DE MAIO

Howard deve estar cansado dos bolos que dou enquanto trabalho no meu portfólio, porque ele me surpreendeu quando eu estava saindo do estúdio e disse que ia me levar para conhecer o Cemitério e Memorial Americano de Florença. Ele tem trabalhado lá como voluntário nos últimos meses (acrescente a Segunda Guerra Mundial a sua longa lista de interesses), e há pouco tempo recomendaram que se candidatasse à vaga de superintendente fixo. O superintendente atual sofreu um derrame este mês, e eles estão com pressa para encontrar um substituto. Não consigo imaginar alguém mais perfeito para o cargo nem um lugar mais perfeito para Howard. Ele disse que é improvável e tentou demonstrar indiferença, mas deu para ver quanto ele quer esse emprego.

18 DE MAIO

O que tem de errado comigo? Tem dias em que sinto que estou seguindo em frente, e em outros fico tão triste e emotiva que é como se estivesse de novo na estação de trem em Roma. Trabalho até tarde na maioria das noites, mas mesmo que não trabalhe, não consigo dormir. Toda vez que fecho os olhos, penso em X. Sei que a esta altura eu já deveria ter superado, mas só queria ter uma última conversa. Num momento de fraqueza, liguei para ele, mas o número não

existe mais. Sei que é melhor assim, mas fiquei muito decepcionada.

20 DE MAIO

Howard conseguiu o emprego! Eu e Francesca o levamos à sua pizzaria preferida para comemorar, e quando voltamos para casa, ela subiu correndo, nos deixando parados lá fora. Eu já ia me despedir, mas ele começou a pigarrear e a balbuciar, e do nada me convidou para passar o restante do verão no cemitério. Ele fez parecer muito fácil: termine suas inscrições nas faculdades. Fique no quarto vago. Passe um pouco mais de tempo em Florença. Que convite! Aceitei antes mesmo que ele terminasse de falar.

22 DE MAIO

Hoje foi meu último dia oficial como estudante da ABAF. Planejo tirar o fim de semana de folga. Começo a auxiliar Petrucione na segunda-feira. Eu e Francesca passamos a tarde encaixotando as coisas do apartamento. Nunca achei que diria isso, mas vou sentir saudade do meu colchão fininho e duro e de todos os clientes barulhentos da padaria. Vivi tantas coisas boas aqui!

Francesca foi embora há uma hora. O estágio dela começa em duas semanas, mas antes ela vai viajar pelo país. Eu a ajudei a descer todas as nove malas, depois simplesmente nos abraçamos. Ela diz que nunca chora, mas quando nos afastamos seu delineador estava um pouquinho borrado. Espero que ela cumpra a promessa de visitar a mim e a Howard em breve.

24 DE MAIO

Bem, é oficial. Agora sou uma moradora do Cemitério e Memorial Americano de Florença. Todo o estresse de terminar o ano letivo deve ter me afetado, porque ontem eu estava tão exausta que mal consegui me levantar da cama. O superintendente anterior deixou o lugar mobiliado, então Howard pôde começar a trabalhar logo. O quarto extra é perfeito para mim, e Howard disse que não se incomoda se eu cobrir as paredes com fotos.

26 DE MAIO

O cemitério é deslumbrante, e embora eu devesse passar todo o meu tempo livre me inscrevendo nas faculdades, sempre aproveito alguns momentos para perambular por entre as lápides. O Muro dos desaparecidos é especialmente interessante. Como essas pessoas podiam estar vivas e de repente desaparecer? Hoje de manhã eu estava fotografando o muro e a superintendente-assistente, Sonia, se juntou a mim. Tivemos uma longa conversa. Ela é uma mulher maravilhosa, inteligente, como Howard, e muito dedicada ao trabalho aqui.

30 DE MAIO

Esta semana foi ótima. Depois de terminarmos o trabalho do dia, Howard e eu cozinhamos, assistimos a alguns filmes antigos e fizemos longas caminhadas, e tem sido perfeito. Às vezes Sonia se junta a nós, e jogamos cartas, vemos filmes ou só conversamos. Não sei explicar direito, mas durante anos senti que estava procurando alguma coisa, como se eu não estivesse no lugar certo, no entanto aqui, com Howard, essa sensação evaporou. Não sei se é a cidade, a tranquilidade do

cemitério ou o tempo livre para tirar fotos, mas nunca me senti tão à vontade. Este lugar tem mesmo algum poder de curar os males.

31 DE MAIO

Hoje de manhã mostrei a Petrucione algumas fotos que tirei no cemitério. Há um lugar no lado noroeste com uma vista perfeita da propriedade, e tenho tirado fotos ali em diferentes horários. É incrível ver a mudança da luz e da cor ao longo do dia.

Pode parecer óbvio, mas morar num cemitério me faz pensar na morte. Aqui há uma ordem que não existe na vida real, e acho isso estranhamente reconfortante. Talvez essa seja a beleza da morte. Nada mais é complicado. Tudo é fechado e definitivo.



Fechado e definitivo.

— Aiii — falei em voz alta.

Minha mãe estava completamente *errada*. Como algo pode ser definitivo quando você deixa pessoas para trás sem ter revelado seus segredos?

— O que foi? — perguntou Ren. — Alguma novidade?

— Ela foi morar com Howard no cemitério, mas os dois eram só amigos. Ela já devia estar grávida naquela época. — Balancei a cabeça. — Só pode ser do Matteo.

— Posso ler até essa parte?

Entreguei o diário a ele e me recostei, observando a paisagem passar pela janela. Estávamos atravessando uma região rural com muito verde e colinas dignas de um cartão-postal, e era tão lindo e pitoresco que tive vontade de gritar.

Por que minha mãe tinha me contado daquele jeito?



Capítulo 19



QUANDO O TREM parou, havia tanta adrenalina correndo pelas minhas veias que eu poderia fornecer energia para uma pequena ilha. Não que qualquer um dos outros passageiros se importasse com isso. Eles não estavam com a mínima pressa de guardar suas revistas e seus laptops, e fiquei presa no corredor, me balançando, nervosa.

Ren me cutucou com o ombro.

— Tem certeza de que quer fazer isto?

— Eu preciso.

Ele assentiu.

— Quando sairmos do trem, vamos direto pra calçada. Se conseguirmos ultrapassar a multidão, podemos pegar um táxi e chegar lá em dez minutos.

Dez minutos.

A fila enfim começou a andar e eu e Ren saímos correndo do trem. A estação tinha um pé-direito alto e era ainda mais cheia que a de Florença.

— Pra que lado? — perguntei.

Ele girou em torno de si mesmo.

— Acho que é... pra lá. Isso. Topa correr de novo?

— Vamos nessa.

Ele me levou pela mão até a saída, desviamos das pessoas como se estivéssemos num jogo de videogame. *Dez minutos. Dez minutos.* Minha vida estava prestes a mudar. *De novo.* O que tinha acontecido com os dias normais e entediantes?

Havia um monte de táxis esperando na rua ao lado do ponto, e eu e Ren entramos no primeiro. O motorista tinha um bigode enorme e estava com o perfume vencido.

Ren leu o endereço para ele.

— *Dieci minuti* — respondeu o taxista.

— Dez minutos. — Ren traduziu.

Respira. Respira. Respira. Ele ainda segurava minha mão.

* * *

Quer um conselho? A não ser que você não tenha escolha, por exemplo, caso esteja sendo perseguido por um bando de macacos raivosos ou tenha fugido para uma cidade estrangeira para encontrar seu pai misterioso, nunca, jamais entre num táxi em Roma. Jamais.

— Ren, acho que esse cara vai nos matar — sussurrei.

— Por quê? Só porque quase acabamos de bater de frente de novo? Ou porque ele não para de tentar arrumar briga com os outros motoristas?

— *Dove hai imparato a guidare?* — gritou o taxista para o carro ao lado.

Ele se inclinou para fora da janela e fez um gesto que eu nunca tinha visto, mas que entendi na hora.

— Acho que estou vendo toda a minha vida passar como um filme diante dos meus olhos — falei.

— E como é?

— Empolgante.

— A minha também, mas devo admitir que ficou muito mais empolgante há cinco dias, quando você esbarrou comigo na colina.

— Eu não esbarrei com você. Na verdade, estava tentando evitar você.

— Sério? Por quê?

— Achei que ia ser estranho. E foi.

Ele sorriu.

— E olha só pra gente agora. Vivendo juntos nossos últimos minutos.

O motorista passou por cima do meio-fio e colocou o carro em ponto morto antes de parar completamente. Ren e eu nos chocamos contra os bancos da frente.

— Ai! — Esfreguei o rosto. — Eu ainda tenho nariz?

— Tem, mas ele agora é achatado — disse Ren, agachado no carro como um pedaço de papel amassado.

— *Siamo arrivati* — anunciou o taxista num tom agradável. Ele nos olhou pelo retrovisor, depois apontou para o taxímetro. — *Diciassette euro*.

Tirei o dinheiro da bolsa e o entreguei a ele, depois saímos do carro. No segundo em que fechei a porta, o táxi voltou para o trânsito cantando pneus, fazendo pelo menos quatro carros frearem às pressas e contribuindo para o que basicamente era uma grande orquestra de buzinas.

— Esse cara não deveria ter carteira de motorista.

— Isso é bem comum. Na verdade, ele é um dos melhores taxistas que já peguei. Olha, ali está a galeria.

Eu me virei. Estávamos diante de um prédio de pedras cinzentas com letras douradas na porta.

ROSSI GALLERIA E SCUOLA DI FOTOGRAFIA

Rossi. Lina Rossi. Será que esse era meu verdadeiro nome? Droga. Tinha um R italiano. Eu não conseguiria nem pronunciá-lo corretamente.

— Vamos. — Antes que meu nervosismo levasse a melhor, fui até a porta e apertei o botão do interfone.

— *Prego* — disse uma voz masculina pelo fone.

— *Matteo?* — A porta foi destrancada com um clique alto.

Olhei para Ren.

— Está pronto?

— Quem se importa comigo? *Você* está pronta?

— Não.

Antes que eu pudesse pensar duas vezes, empurrei a porta e me vi num grande saguão circular. O ambiente tinha ladrilhos brilhantes e um lustre imenso com cerca de dez luzes penduradas, como tentáculos de uma água-viva. Um homem louro de camisa social e gravata estava sentado atrás de uma mesa prateada e curva. Ele era jovem e parecia americano. Claramente não era Matteo.

— *Buon giorno.* Inglês? — disse ele, num tom entediado.

— Sim. — Minha voz ecoou.

— Infelizmente, vocês perderam a aula. Começou há mais de meia hora.

Ren parou ao meu lado.

— Não viemos pra aula. Liguei há duas horas pra marcar uma reunião com Matteo. Meu nome é Lorenzo.

— Lorenzo Ferrara? — Ele nos avaliou por um instante. — Não pensei que vocês fossem tão novos. Infelizmente, o sr. Rossi está lá em cima dando aula. Os horários dele variam, e não posso prometer que terá tempo de falar com vocês depois.

— Bem, vamos esperar mesmo assim — falei, rapidamente.

Sr. Rossi. Até onde eu sabia, ele estava bem acima de mim.

— E qual é seu nome? — perguntou o homem.

— Lina... — Hesitei. Será que Matteo reconheceria meu sobrenome? — Meu nome é Lina Emerson.

Ren olhou para mim, mas simplesmente dei de ombros. O objetivo era contar ao Matteo quem eu era, certo?

— Tudo bem. Não posso prometer nada, mas vou avisar que vocês estão aqui.

O telefone começou a tocar alto e ele atendeu.

— *Buon giorno. Rossi Galleria e Scuola di Fotografia.*

— Vamos dar uma olhada por aqui — sugeri a Ren.

Eu estava muito nervosa. Talvez um passeio pela galeria distraísse minha mente do que estava para acontecer.

— Claro.

Passamos por uma porta em arco e entramos na primeira sala, que era toda de tijolinhos e tinha as quatro paredes cobertas por fotografias emolduradas. Uma foto grande chamou minha atenção. Era a imagem de um prédio antigo coberto de pichações numa cidade grande, como Nova York ou coisa do tipo, e numa das paredes estava escrito: O TEMPO NÃO EXISTE, RELÓGIOS, SIM. No canto direito havia uma grande assinatura rebuscada: M. ROSSI.

— É bem legal — disse Ren.

— É, minha mãe teria adorado o estilo dele.

Correção. Ela *adorava* o estilo dele. Minhas glândulas sudoríparas entraram em superprodução.

Ren seguiu em frente, e eu, na direção oposta. A maioria das fotografias era do Matteo, todas muito boas. Tipo, boas *de verdade*.

— Lina? Pode vir aqui um minuto? — A voz do Ren estava deliberadamente calma, como nas situações em que é preciso avisar que alguém está com uma aranha imensa nas costas sem causar pânico.

— O que foi? — Fui até ele na mesma hora. — O que é?

— Olha.

Levei um segundo para entender o que estava vendo, e depois quase tive um colapso. Era uma foto *minha*. Ou, pelo menos, das minhas costas, e eu até me lembrava de quando minha mãe tirou. Eu tinha cinco anos e fiz uma pilha de livros para subir e olhar pela janela o cachorro do vizinho. O bicho era do tamanho de um pônei e despertava em mim uma relação intensa de amor e medo. Eu estava com meu vestido preferido. Olhei a descrição. *Carolina*, por Hadley Emerson.

— Como ele conseguiu isso?

De repente, senti tudo girar.

— Ele sabe sobre mim. Não vai ser uma surpresa.

— Tem certeza de que não quer ir embora?

— Não sei. Acha que ele sempre esperou que eu aparecesse?

— Com licença. — Era o homem do saguão. Ele nos olhava como se desconfiasse que fôssemos enfiar uma das enormes fotos do Matteo na minha bolsa. — Vocês têm alguma dúvida?

Mais ou menos um milhão de dúvidas.

— Humm, sim... — Meu olhar desesperado percorreu a sala. — Todas as peças estão... à venda?

— Nem todas. Algumas fazem parte da coleção particular do sr. Rossi.

— Ele tem mais alguma coisa de Hadley Emerson? — Apontei para a foto.

— Humm. — Ele se aproximou e deu uma olhada na *Carolina*. — Posso verificar, mas acho que esta é a única. Você conhece o trabalho de Hadley Emerson?

— Humm, conheço. Mais ou menos.

— Vou olhar no sistema e já informo.

Ele saiu da sala e Ren ergueu as sobrancelhas.

— Ele não é muito observador, né?

— O que vou dizer para Matteo? Devo começar contando quem eu sou?

— Talvez você devesse esperar pra ver se ele a reconhece.

Uma porta se abriu no andar de cima e ouvimos um estrondo de vozes e passos. A aula tinha terminado. Minha respiração acelerou. Aquilo era um erro. Estava acontecendo rápido demais. E se ele não quisesse fazer parte da minha vida? E se quisesse? Ele seria tão horrível quanto o cara do diário?

Segurei o braço do Ren.

— Mudei de ideia. Não quero conhecê-lo. Você estava certo. Precisamos conversar com Howard antes. Pelo menos eu sei que minha mãe confiava nele.

— Tem certeza?

— Tenho. Vamos dar o fora daqui.

Saímos da sala correndo. Mais de dez pessoas atravessavam o saguão, mas as contornamos depressa e quando eu estava quase encostando na maçaneta, ouvir alguém dizer:

— Vocês dois. Esperem aí!

Eu e Ren congelamos. *Ah, não.* Parte de mim queria ir embora, mas outra parte ainda maior queria se virar. Então foi o que fiz. Lentamente.

Um homem de meia-idade estava no alto da escada. Usava uma camisa que parecia cara e calça social, e era mais baixo do que eu tinha imaginado, com uma barba e um bigode cuidadosamente aparados. Ele não tirava aqueles olhos escuros de mim.

— Vem, Lina, vamos embora — disse Ren.

— Carolina? Por favor, venha ao meu escritório.

— Não precisamos ir — sussurrou Ren. — Podemos ir embora. Agora.

Minha pulsação latejava nos ouvidos. Ele não só tinha me chamado de “Carolina”, como tinha pronunciado corretamente. Segurei a mão do Ren.

— Por favor, venha comigo.

Ele assentiu e lentamente fomos até a escada.



Capítulo 20



— POR FAVOR, SENTEM-SE. — Matteo tinha um tom de voz educado, com um leve sotaque.

Ele foi para trás de uma mesa em forma de meia-lua e apontou para duas cadeiras idênticas a ovos cozidos. Pensando bem, *tudo* no escritório dele parecia outra coisa. Um grande relógio em forma de roda dentada tiquetaqueava alto no canto, e o tapete lembrava um mapa do genoma humano ou coisa do tipo. A sala inteira tinha um aspecto moderno e coloridíssimo que não combinava com o homem diante de nós.

Inquieta, eu me sentei num dos ovos cozidos.

— O que posso fazer por vocês?

Ok. Conto logo? Por onde começo?

— Eu... — Cometi o erro de olhar de relance para Ren, e de repente minha garganta se fechou como se estivesse sendo enforcada.

Ele me olhou de um jeito preocupado.

Matteo inclinou a cabeça.

— Vocês dois falam inglês, certo? Benjamin disse que queriam conversar comigo. Imagino que estejam interessados em alguma informação sobre os cursos.

Ren olhou para minha expressão petrificada, depois tomou a palavra.

— Ah... sim. Informações sobre os cursos. Humm, você tem alguma aula para iniciantes?

— Claro. Dou vários cursos para principiantes ao longo do ano. O próximo começa em setembro, mas acho que as vagas já acabaram. Todas as informações estão disponíveis no meu site. — Ele se recostou. — Gostaria de entrar para a lista de espera?

— Sim, boa ideia.

— Tudo bem. Benjamim vai ajudá-los com isso.

Matteo olhou para mim, e de repente fiquei consciente de todas as minhas terminações nervosas. Ele estava fingindo que não sabia, ou não percebia? Eu me sentia diante de um espelho. Um espelho mais velho, do sexo masculino, mas mesmo assim um espelho. Ele olhou para o meu cabelo por alguns instantes.

— Você tem uma boa câmera para recomendar a um iniciante? — perguntou Ren.

— Sim. Prefiro as Nikons. Roma tem várias lojas boas de fotografia. Posso passar os contatos para vocês com todo o prazer.

— Ótimo.

Matteo assentiu, e houve um longo momento de silêncio.

Ren pigarreou.

— Então... elas devem ser bem caras.

— Existem câmeras de vários preços. — Ele cruzou os braços e olhou para o relógio de roda dentada. — Bem, se vocês me dão licença...

— Você coleciona muitas fotos de outros fotógrafos? — soltei.

Matteo e Ren olharam para mim.

— Não muitas, mas viajo bastante, então faço questão de visitar estúdios e galerias em todos os lugares que vou. Se encontro algo especialmente tocante, compro e exibo na galeria junto com meu trabalho e o dos alunos.

— E quanto à foto de Hadley Emerson? Onde a comprou?

— Aquela foi um presente.

— De quem?

— Da própria.

Ele me encarou. Como se me desafiasse.

Perdi completamente o fôlego.

Ele afastou a cadeira da mesa.

— Lorenzo, por que não vamos até a recepção e pedimos a Benjamin que coloque seu nome na lista de espera? Carolina, antes de você ir, eu gostaria de mostrar a outra foto da Hadley que tenho.

Eu me levantei da cadeira sem jeito, e Ren segurou meu braço.

— Por que ele não está reconhecendo você? — sussurrou.

— Ele está. Sabia meu nome verdadeiro e a pronúncia correta.

Todo mundo errava meu nome. A não ser que já o tivessem ouvido. Descemos com ele, meu coração quase saindo pela boca, e Matteo parou na recepção.

— Benjamin, você poderia ajudar Lorenzo a colocar o nome na lista de espera do próximo curso para iniciantes?

— Claro.

— Carolina, a foto está na sala ao lado. Lorenzo, vamos esperar você lá.

Nós nos entreolhamos. *Ok?*, murmurou ele.

Ok.

Ok, ok, ok.

— Por aqui.

Matteo foi para a sala ao lado, e eu o segui, com a mente confusa como uma TV com sinal ruim. O que estava acontecendo? Ele queria conversar em particular?

Ele foi até a parede mais distante e apontou para a foto de uma jovem com o rosto meio sombreado. Sem dúvida minha mãe.

— Está vendo?

— Sim. — Respirei fundo, mantendo os olhos na foto para criar coragem.

— Matteo, eu estou aqui porque sou...

— Eu sei quem você é.

Ergui o rosto depressa. Ele me olhava como se eu fosse um chiclete grudado na sola do seu sapato.

— Você é sua mãe de calça jeans e All Star. A verdadeira pergunta é: o que está fazendo aqui?

— O que estou... fazendo aqui? — Dei um passo para trás, tentando pegar o diário na bolsa. — Eu li sobre você no diário da minha mãe.

— E daí?

— Ela... estava apaixonada por você.

Ele soltou uma risada amarga.

— *Apixonada*. Ela era uma criança boba, que caiu de amores pelo instrutor. Não conhecia a vida fora daquela cidadezinha de onde veio e quando chegou aqui achou que sua vida viraria um conto de fadas. Mas, as fantasias da Hadley não importam, o que importa é que eu era professor dela, só isso. E seja lá o que estiver passando por sua cabeça agora, é melhor esquecer logo, Carolina. — Ele cuspiu meu nome como se fosse um pedaço de fruta podre.

Uma onda de calor se espalhou pelo meu corpo.

— Não foi *só isso*. Vocês namoraram. Você escondeu o relacionamento de todo mundo e depois terminou tudo quando ela veio visitá-lo em Roma.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não. Isso é mentira. Ela criou uma fantasia de que tínhamos um relacionamento e foi tão longe que chegou a acreditar em si mesma. — Os lábios dele se curvaram num sorriso horrível. — Sua mãe era desequilibrada. Uma mentirosa.

— Não era, não. — Minha voz ecoou pela sala. — Ela não fantasiou essas coisas. Não inventou o relacionamento de vocês.

— Ah, é mesmo? — Matteo ergueu a voz. — Pergunte a qualquer um que estava lá. Alguém nos viu juntos? Você já falou com alguém que tenha confirmado essa história?

— Francesca Bernardi.

Ele revirou os olhos.

— Francesca. Era a melhor amiga da sua mãe. Claro que acreditava nela, mas alguma vez ela nos viu juntos? Francesca tem algo mais em que se basear além do conto de fadas ridículo da sua mãe?

Será que tinha? Um carrossel de pensamentos começou a rodopiar pela minha cabeça. Francesca *parecia* ter certeza...

— Imaginei. Mas como você se deu ao trabalho de vir aqui, vou contar exatamente o que aconteceu. Sua mãe estava tendo dificuldades com o trabalho do curso e perguntou se eu poderia ajudá-la fora da escola. A princípio, fiquei contente em ajudar, mas depois ela começou a me ligar em horários estranhos. Durante a aula, ficava me encarando e deixava coisas na minha mesa para mim. Às vezes eram versos; outras, fotos dela mesma. — Ele balançou a cabeça. — A princípio, achei que era só uma paixonite, inofensiva, mas aquilo foi ficando mais intenso. Certa noite, Hadley foi até meu apartamento e disse que tinha se apaixonado por mim, que sua vida não teria sentido se não ficássemos juntos. Tentei ser gentil. Disse que, como professor, eu não poderia me relacionar com uma aluna. Disse que ela seria mais feliz com alguém da idade dela. Como aquele Howard Mercer.

Howard. Estremeci, mas Matteo não notou, ele estava com o olhar distante, como se visse a cena acontecer numa grande tela de TV.

— E foi aí que ela surtou. Começou a gritar, dizendo que iria procurar o diretor da escola para contar que eu tinha abusado dela. Eu falei que ninguém acreditaria. E então ela pegou um diário, imagino que seja esse aí mesmo, e me disse que estava tudo registrado. O que ela escreveu aí é uma fantasia, uma visão, do que ela queria que acontecesse entre nós. Ela disse que escreveria um final infeliz e mostraria para todo mundo como prova. No dia seguinte, tive uma conversa com o diretor, e concordamos que, embora eu não tivesse cometido nenhum erro, era melhor me demitir. Mais tarde, fiquei sabendo que ela começou a dormir com qualquer um que aparecesse. Imagino que você seja fruto disso. — Ele olhou no fundo dos meus olhos, e eu senti um calafrio. — Eu não queria nada com sua mãe e não quero nada com você.

— Você é um *mentiroso*. — Minha voz falhava. — E covarde. Olha pra mim. Eu sou a sua cara.

Ele balançou a cabeça lentamente, com um sorriso triste.

— Não, Carolina. Você é a cara *dela*. E do pobre homem que ela atraiu para uma de suas fantasias patéticas. — Num movimento rápido, ele deu um passo à frente, tirando o diário das minhas mãos.

— Ei! — Tentei recuperá-lo, mas ele se virou, me bloqueando com o ombro.

— Ah, sim. O famoso diário. — Começou a folheá-lo. — Parece que ela me chamava de X. Inteligente, não? “A única parte difícil de estar apaixonada por X é não contar a ninguém”... “Às vezes parece que meu tempo é dividido em duas categorias: o tempo com X e o tempo esperando para estar com X”... — Ele se virou, passando as páginas lentamente. — Carolina, você tem cara de ser uma garota inteligente. Pensa bem, isso parece real? Acha que sua mãe teve um relacionamento que conseguiu manter totalmente em segredo?

— Ela não inventou nada disso.

Matteo olhou para a primeira página do diário e mostrou para mim. “Eu tomei a decisão errada.”

— Está vendo? Mesmo em meio à loucura, ela sabia que forjar o diário era errado. Ela era muito talentosa, mas *folle*. Detesto dizer isso, Carolina, mas a ciência provou que as partes do cérebro responsáveis pela criatividade e pela loucura são as mesmas. Pelo menos você tem o conforto de saber que não foi culpa dela. Sua mãe era um gênio, mas a mente dela era fraca.

De repente, tudo ficou vermelho, de tanta raiva em ebulição. Sem pensar direito, parti para cima dele, arrancando o diário de suas mãos e correndo para o saguão.

— Lina? — Ren desviou o olhar da mesa. Ele segurava uma prancheta. — Você está bem?

Abri a porta e saí, seguida por Ren. Eu me virei e corri pela rua, com as pernas pesadas como sacos de areia. *A mente dela era fraca.*

Finalmente, Ren me alcançou, agarrando meu braço.

— Lina, o que aconteceu? O que aconteceu lá dentro?

Uma onda de enjoo me dominou e corri para a beira da calçada, com ânsia de vômito. Enfim, a sensação passou e me abaixei, sentindo o calçamento duro sob os joelhos.

Ren se ajoelhou ao meu lado.

— Lina, o que aconteceu?

Eu me virei, encostei o rosto no peito dele e de repente comecei a chorar. Não apenas chorar. Eu *soluçava*. Um choro explosivo e descontrolado. O peso dos últimos dez meses caíra sobre mim e eu não podia fazer nada.

Eu chorei, chorei e chorei. Lágrimas quentes e barulhentas escorriam, e eu não me importava que os outros vissem. O tipo de coisa que eu nunca tinha feito na frente de ninguém.

— Lina, está tudo bem — dizia Ren, me abraçando. — Vai ficar tudo bem.

Mas, não, não ia. Nunca mais. Minha mãe estava morta. E eu sentia tanta saudade dela que às vezes me perguntava como conseguia respirar. Howard não era meu pai. E Matteo... Não sei por quanto tempo chorei, mas finalmente senti ter chegado ao fundo do poço, e meus últimos soluços me fizeram estremecer.

Abri os olhos. Nós dois ainda estávamos ajoelhados no chão. Abracei Ren, enfiando o rosto no seu pescoço, a pele dele quente e pegajosa. Eu me afastei. Sua camisa tinha uma enorme mancha molhada, e ele estava aflito.

Ren não merecia ter que lidar com isso.

— Desculpa — falei com a voz rouca.

— O que aconteceu?

Enxuguei o rosto, depois o puxei e ficamos de pé.

— Matteo disse que minha mãe inventou tudo aquilo. Que era obcecada por ele e que escreveu um diário falso pra arruinar a vida dele na escola.

— *Che bastardo*. Nem é uma história tão boa assim. — Ele olhou para mim com mais atenção. — Espera. Você não acreditou nele, né?

Hesitei por um instante, depois balancei a cabeça com vigor, fazendo meu cabelo grudar nas bochechas.

— Não. No começo fiquei assustada, mas ela não era assim. Nunca teria magoado alguém que amava.

Ele soltou um suspiro.

— Você me deu um susto.

— Só não consigo acreditar que ela amava alguém como *e/e*. Ele é horrível. E Howard é tão... — Ergui o rosto.

O rosto do Ren estava a quinze centímetros do meu, e de repente nos encaramos e parei de pensar em Matteo e Howard.



Capítulo 21



NÃO FOI UM beijinho qualquer. Não foi aquele primeiro beijo sem jeito ou um selinho roubado no cinema pelo seu namoradinho da escola. Foi um beijo com direito a braços enrolados no pescoço, dedos entrelaçados no cabelo em meio a lágrimas salgadas e uma pergunta pairando no ar: por que não fizemos isso antes? Ren envolveu minha cintura e por cinco segundos tudo foi perfeito, mas depois...

Ele me afastou.

Ele.

Me.

Afastou.

Desejei que um buraco se abrisse no chão e me sugasse para dentro, naquele segundo.

Ele não conseguia olhar para mim.

Sério, por que o chão ainda não tinha me engolido?

— Ren... não sei o que aconteceu. — Ele tinha retribuído o beijo, não tinha? *Não tinha?*

Ele olhava para baixo.

— Não, não é isso. Tudo bem. Só acho que não é o momento certo, sabe?

MOMENTO. Meu rosto queimava. Ele não só tinha me afastado como estava sendo *legal* comigo. *Lina, dá um jeito nisso.* As palavras começaram a disparar da minha boca.

— Você está certo. Totalmente certo. Eu me deixei levar depois do que aconteceu lá... Fiquei muito emotiva, acho que acabei

confundindo as coisas e... — Fechei os olhos com força. — Somos só amigos. Eu sei disso. E nunca, jamais, jamais mesmo, pensei em você como algo além disso.

Será que conta como mentira se você estiver negando algo que só admitiu para si mesma há um minuto? Além disso, exagerei nos “jamais”, mas queria que ele acreditasse em mim.

Ren ergueu o rosto, me encarando com a expressão mais indecifrável do planeta. Então se distraiu de novo.

— Tudo bem. Não esquenta com isso.

* * *

Por que, por que, por que eu fiz aquilo? Eu me encostei numa das portas do táxi, Ren se sentou na outra, olhando pela janela como se estivesse tentando decorar as ruas ou algo do tipo. Tive a impressão de que ele seria capaz de se jogar pela janela a qualquer momento só para me evitar.

Eu não merecia uma segunda chance? Voltar vinte minutos no tempo, para o momento em que ainda não havia perdido a cabeça e beijado meu melhor amigo que tinha namorada e claramente *não me* queria? Até o instante em que eu ainda não havia notado quanto amava seu cabelo desganhado e seu senso de humor ou o fato de que, embora o conhecesse havia menos de uma semana, eu me sentia à vontade o bastante para dividir aquela história maluca com ele?

Ai, meu Deus. Eu estava tão apaixonada que chegava a doer.

Pressionei os dedos no peito. *Você conhece Ren há cinco dias. Não pode estar apaixonada por ele.* Muito racional.

E nem um pouco verdade.

Claro que eu estava apaixonada. Ren era autêntico e eu me sentia confortável para ser eu mesma quando estava com ele. Tudo isso seria perfeito se ele sentisse o mesmo, mas não era o caso. Olhei para Ren e uma onda de dor percorreu meu corpo. Será que ele nunca mais ia falar comigo?

O taxista nos olhava pelo retrovisor.

— *Tutto bene?*

— *Si* — respondeu Ren.

Enfim, o carro deu uma guinada para a estação de trem e Ren entregou ao motorista algumas notas, depois praticamente se jogou para fora do táxi. Infeliz, fui atrás dele.

Ainda tínhamos que voltar para Florença. Uma viagem de trem inteira, e depois, o percurso de scooter, e... *Ah, não*. Depois eu estaria no cemitério. Com Howard. Eu não podia me permitir pensar tão à frente, ou começaria a surtar.

Ren diminuiu o passo por um instante para que eu pudesse alcançá-lo.

— Nosso trem sai em quarenta e cinco minutos.

Quarenta e cinco minutos. Ou seja, uma eternidade.

— Quer se sentar?

Ele balançou a cabeça.

— Vou comprar algo pra comer. — *Sozinho*.

Ele não falou isso, mas nem precisava.

Assenti, apática, depois fui até as cadeiras mais próximas e me afundei numa delas. Qual era o meu *problema*? Primeiro, não dá para chorar em cima de uma pessoa e em seguida beijá-la. Em segundo lugar, não se beija um cara que tem namorada. Uma namorada deslumbrante. Mesmo que desconfie que ele também esteja a fim de você.

Será que eu entendi tudo tão errado assim? Ele estava sendo atencioso só porque eu era uma boa amiga? E todas aquelas vezes em que tinha segurado minha mão ou dito que gostava de mim porque eu era diferente? Não significaram nada?

E quanto a Matteo? Meu pai era, sem exagero, a pior pessoa que eu já conhecera. Eu tinha certeza de que minha mãe me mantivera longe dele de propósito, mas por que ela enviara todas as pistas para que eu o encontrasse?

Eu precisava me distrair. Tirei o diário da bolsa, mas, quando o abri, as palavras se moveram ligeiras pela página feito insetos. Eu não ia conseguir me concentrar enquanto estivesse me sentindo daquele jeito.

Dez excruciantes minutos depois, Ren apareceu com uma grande garrafa de água e um saco plástico para mim.

— Sanduíche. De *prosciutto*.

— O que é isso?

— Presunto fatiado bem fininho. Você vai adorar.

Enquanto ele se sentava ao meu lado, abri o sanduíche e dei uma mordida. Claro que amei, mas não era nada comparado ao que eu sentia por Ren.

E, sim. Eu tinha acabado de comparar o único cara por quem já me apaixonara a um sanduíche de presunto.

Ren se recostou na cadeira, esticando as pernas para a frente e cruzando os braços. Tentei encará-lo, mas ele estava concentrado nos próprios pés.

Finalmente, suspirei.

— Ren, não sei o que dizer. Desculpa por ter colocado você nessa situação. Não foi justo.

— Não se preocupa com isso.

— Eu sei que você tem namorada e...

— Lina, sério. Relaxa. Está tudo bem.

Não *parecia* estar nada bem, e eu sentia um ciclone bem no meio do peito. Também me recostei à cadeira e fechei os olhos, mandando mensagens telepáticas para ele. *Desculpa por ter arrastado você até Roma. Desculpa por ter te beijado. Desculpa por ter estragado tudo.*

* * *

Trinta e cinco minutos sem conversar.

Não, trinta e um, considerando aquela conversa horrível, e depois fui ao banheiro e fiquei uns dois minutos diante do espelho me odiando. Meus olhos estavam inchados. Eu *estava* acabada. Perdera Ren e estava prestes a perder Howard também. Não havia escolha. Eu precisava ter certeza de que Howard sabia que não era meu pai, por mais que eu quisesse que ele fosse.

— O trem chegou — avisou Ren, se levantando.

Ele foi até a plataforma e eu o segui. *Mais uma hora e meia.* Eu aguentaria, não é?

O trem estava cheio, e levamos um bom tempo para encontrar lugar. Finalmente achamos dois assentos vagos diante de uma senhora gordinha que colocara um monte de sacolas plásticas no espaço que nos separava. Um homem ocupou o lugar ao lado dela, e Ren assentiu para eles, ocupando o assento junto à janela e fechando os olhos de novo.

Tirei o diário da bolsa e o limpei na calça jeans, tentando me livrar de qualquer germe do Matteo que ainda estivesse ali. Estava

na hora de mergulhar outra vez na história. Eu precisava parar de pensar em Ren.



3 DE JUNHO

Esta noite, Howard me falou, com seu jeito delicado, que sempre soube de X. Aquilo fez eu me sentir ridícula. Eu achava que éramos muito sorrateiros, mas no final das contas todo mundo sabia. Eu me vi contando a ele sobre o relacionamento, até as partes ruins. E não eram poucas. O problema era que, quando as coisas iam bem com X, iam TÃO bem que eu me esquecia de todo o resto. Foi um grande alívio falar disso, e depois eu e Howard fomos para a varanda e conversamos sobre outras coisas até as estrelas aparecerem. Eu não me sentia tão tranquila assim havia muito tempo.

5 DE JUNHO

Hoje faço vinte e dois anos. Acordei sem nenhuma expectativa, mas Howard estava me esperando com um presente: um anel de ouro fininho que ele comprou numa loja de antiguidades em Florença há quase um ano. Ele disse que não sabia por que fizera isso; simplesmente tinha adorado o anel.

O que eu mais amo no anel é que ele tem uma história. O homem que o vendeu contou que pertencera a uma tia dele que se apaixonara por alguém, mas fora forçada pela família a ir para um convento. O homem que ela amava lhe dera o anel e ela o usou em segredo por toda a vida. Howard disse que o

vendedor inventou uma história para acrescentar mais valor à peça, mas é lindo e, por incrível que pareça, cabe perfeitamente no meu dedo. Eu estava exausta, então em vez de sair para jantar hoje, como tínhamos planejado, ficamos em casa para ver filmes antigos. Mal consegui terminar o primeiro.

6 DE JUNHO

Hoje à noite, eu e Howard estávamos sentados no balanço da varanda, e eu estava com os pés no colo dele. Então ele me fez uma pergunta: "Se você pudesse fotografar qualquer coisa no mundo, o que escolheria?" Antes que eu sequer conseguisse pensar no assunto, disparei "esperança". Eu sei, é brega, não é? Mas estou falando da esperança no sentido de tranquilidade, daqueles momentos em que você simplesmente sabe que vai dar tudo certo. É a descrição perfeita deste tempo que estou passando aqui. Parece que apertei o botão "soneca" e estou fazendo uma pausa antes de ter que encarar seja lá o que venha a seguir. Sei que meu período aqui está chegando ao fim lentamente, mas não quero que acabe.

7 DE JUNHO

Quero registrar cada minuto do que aconteceu hoje. Howard me acordou antes das cinco da manhã dizendo que queria me mostrar uma coisa. Meio dormindo e de pijama, caminhamos pela parte de trás do cemitério. Ainda estava cinza lá fora e pareceu que tínhamos andado por horas. Então vi aonde estávamos indo. À frente, ao longe, havia uma pequena torre redonda. Parecia antiga e ficava completamente isolada, como algo esperando para ser descoberto.

Quando chegamos lá, Howard me levou até a entrada. Havia uma pequena porta de madeira que devia ter sido posta ali para impedir invasões, mas tinha se quebrado com o tempo e as intempéries. Ele a tirou do caminho, e nós dois nos abaixamos para passar e subimos pela escada em espiral até o topo da torre. Subimos tanto que foi possível ver tudo a nossa volta — a copa das árvores do cemitério e a estrada que leva a Florença. Perguntei o que estávamos fazendo ali, e ele me disse para esperar. E foi o que fizemos. Ficamos ali em silêncio enquanto o sol nascia nos tons de rosa e dourado mais maravilhosos. Todos os campos foram inundados de cor. Senti uma dor repentina. Eu estivera cercada pelo frio e pela escuridão, mas de repente, bem devagar, não estava mais.

Depois que já tinha amanhecido completamente, eu me virei. Howard estava me observando, e foi como se de repente eu o visse pela primeira vez. Eu me aproximei dele e nos beijamos como se já tivéssemos feito isso um milhão de vezes. Como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Quando nos afastamos, não dissemos nada. Eu só peguei a mão dele e voltamos para casa.

8 DE JUNHO

Continuo pensando em como era estar com X. Quando eu tinha a atenção dele era como se um refletor brilhasse sobre mim e tudo no mundo estivesse certo. No instante em que ele desviava o olhar, no entanto, eu me sentia sozinha e com frio. Tentei encontrar o equivalente para “inconstante” em italiano, e o mais perto que cheguei foi “volubile”. Significa “desviar, rodopiar, retorcer”. Eu me sentia atraída por aquela sensação

de redemoinho que X provocava em mim, mas aquilo me deixava sem chão. Eu achava que queria fantasia e paixão, mas no fim das contas o que realmente quero é alguém que me acorde cedo para eu não perder o nascer do sol. O que realmente quero é Howard. E agora eu tenho.

10 DE JUNHO

Francesca veio nos fazer uma visita ontem. Talvez eu não esteja mais acostumada com ela, mas nas últimas três semanas ela conseguiu se transformar numa versão exagerada de si mesma. Seus saltos agulha estavam um pouco mais altos, suas roupas, ainda mais elegantes, e ela fumava uma quantidade recorde de cigarros.

Depois do jantar, ficamos conversando. Achei que eu e Howard estávamos escondendo muito bem essa coisa nova entre nós, mas assim que ele foi dormir, Francesca disse: "Então rolou." Tentei me fazer de desentendida, mas ela disse: "Por favor, Hadley. Não me trate como criança. Não sei por que você acha que precisa manter todos os seus relacionamentos em segredo. No segundo em que entrei aqui percebi que tinha acontecido alguma coisa entre vocês. Agora me conte os detalhes. Subito!"

Contei sobre as últimas semanas, sobre como tinham sido tranquilas e regeneradoras. E depois falei sobre a manhã na torre e de como tudo fora perfeito nos últimos dias. Quando terminei, ela soltou um suspiro dramático. "É como uma favola, Hadley. Um conto de fadas. Você se apaixonou de verdade. Mas e agora? O que vai fazer? Não vai voltar para os

Estados Unidos?” Claro que eu não tinha respostas. Havia deixado meu portfólio em várias faculdades e deveria receber um retorno da maioria delas no fim do verão. Ontem, por impulso, perguntei a Petrucione se ele consideraria me contratar como professora-assistente, mas ele me silenciou com um olhar e disse que eu era talentosa demais para perder mais tempo.

Foi quando Francesca me contou. A princípio, ela só disse: “Ele entrou em contato comigo.” Eu perguntei quem, mas pelo jeito que meu coração batia, sabia de quem ela estava falando. “Ele me encontrou trabalhando num set em Roma. Deu parabéns pelo meu estágio como pretexto, mas eu sabia o verdadeiro motivo. Ele queria encontrar você.” Por um instante, não consegui pensar em nada para dizer. (Ele estava tentando *me* encontrar?) “Ele disse que você mudou de número e que seu e-mail do instituto está inativo, agora que você saiu de lá.” Eu não imaginei que estivesse inacessível. Mais ou menos um milhão de pensamentos rodopiavam pela minha cabeça e Francesca me observava atentamente. “Eu não dei seu contato, mas peguei o dele. Hadley, eu acho que seria um erro, mas não quero brincar de Deus. Se você quiser, eu tenho o número novo dele... Ele disse que mudou de ideia. Que quer lhe dizer uma coisa.” Então ela me entregou um cartão de visitas. O nome dele estava gravado em letras grandes e seu novo telefone e e-mail estavam escritos como uma trilha de migalhas.

Naquela noite, eu mal consegui dormir, e não por estar em conflito, mas por ter muita certeza. X podia aparecer num

cavalo branco com uma dúzia de rosas e uma desculpa perfeita, e mesmo assim eu não o aceitaria. Eu quero Howard.



— Como está o diário?

Ergui o rosto. A expressão do Ren estava mais relaxada do que na estação, e do meu coração brotaram pequenas asas. *Estou perdoada?* Tentei encará-lo, mas ele desviou o olhar de novo.

— Está bom, e eu estava completamente errada sobre uma coisa.

— O quê?

— Howard não foi só um consolo. Ela se apaixonou por ele. — Virei o diário para mostrar a página a ele. — O que isso significa?

Depois do trecho contando sobre a visita de Francesca, havia uma página inteira rabiscada com as palavras "*sono incinta*".

— *Sono incinta*. Significa: "Estou grávida."

— Foi o que imaginei.

Olhei a página com tristeza. Sei que pensar isso seria aniquilar a mim mesma, mas quase desejei que ela não estivesse grávida. Seu conto de fadas tinha acabado de desmoronar.



Capítulo 22



11 DE JUNHO

Sono incinta. Sono incinta. Sono incinta. Será que eu me sentiria diferente se as palavras estivessem na minha língua? ESTOU GRÁVIDA. Pronto. Mal consigo pensar. Hoje vomitei o café da manhã, como aconteceu em todos os outros dias da última semana, e enquanto dava descarga, um pensamento horrível me ocorreu. Tentei tirá-lo da cabeça, mas... eu precisava saber. Minha menstruação sempre foi meio irregular, mas estava mais irregular do que o normal? Fui até a farmácia, mas esqueci meu dicionário inglês-italiano e tive que fazer uma pantomima horrível para explicar o que queria, e então corri para casa para fazer o teste e... deu positivo. Voltei para comprar mais dois testes. Positivo. E positivo.

Todos deram positivo.

13 DE JUNHO

Mal saí do quarto nos últimos dois dias. Francesca foi embora ontem, e agora toda vez que Howard bate à porta finjo estar dormindo. Sei que preciso sair daqui. Howard me ama. E eu o amo. Mas isso não importa mais, porque estou grávida de outra pessoa. Sei que preciso contar a X, mas tenho vontade de morrer quando penso nisso. O que ele vai dizer? Segundo Francesca, ele está procurando por mim, mas tenho certeza de que não está procurando por isso. E o momento não poderia

ser pior. É um sinal de que Matteo e eu temos que ficar juntos? Mas e quanto a este tempo com Howard? Há três dias escrevi que ele era o homem certo para mim. E agora isso.

Quero muito contar a Howard, mas o que dizer? Liguei para minha mãe e desliguei duas vezes. Eu começo a discar o telefone de Matteo, mas paro logo nos primeiros números. Estou me dando um prazo até amanhã à noite para decidir o que fazer. Não consigo nem pensar.

14 DE JUNHO

Liguei para Matteo. Ele está trabalhando em Veneza e vou encontrá-lo. Não posso contar por telefone.

15 DE JUNHO

Estou no trem. Howard fez questão de me dar uma carona até aqui, e embora eu não tenha contado por que estou indo, acho que ele sabe. Lágrimas desciam sem parar pelo meu rosto e a última coisa que ele disse foi: "Está tudo bem. Por favor, seja feliz."

Assim que o trem saiu, comecei a chorar tanto que todo mundo em volta olhou. Eu já repassei isso várias vezes na minha cabeça e tudo aponta para Matteo. Eu vou ter um filho dele. Preciso tirar Howard da cabeça. Eu escolhi Matteo. O destino escolheu Matteo. Nosso bebê escolheu Matteo. Tem que ser ele.

15 DE JUNHO – MAIS TARDE

Talvez Veneza seja o pior lugar do mundo para uma mulher grávida. Claro que é linda. Cento e dezessete ilhas interligadas por barcos e táxis aquáticos e aqueles gondoleiros de camiseta listrada conduzindo turistas por preços absurdos. A Cidade Flutuante. O cheiro é horrível, e a água batendo em tudo me dá a impressão de que posso cair a qualquer momento. Assim que o trem chegou, sequei as lágrimas e me forcei a comer um pedaço de *focaccia*. Faltava uma hora para eu e Matteo nos encontrarmos. Uma hora até ele saber. Eu li que Veneza está afundando, uns quatro centímetros a cada século. E se eu afundar junto com ela?

16 DE JUNHO

Marcamos um encontro na Piazza San Marco. Assim que me localizei, saí da estação de trem e fui direto para lá. Estava cedo, então fiquei andando e observando a Basílica de São Marcos. A construção é muito diferente do Duomo de Florença. Tem estilo bizantino, com muitos arcos e um mosaico chamativo na fachada. Parte da *piazza* estava inundada e havia turistas dobrando a calça e caminhando pela água.

Às cinco horas da tarde, percebi que não tínhamos combinado o ponto exato onde nos encontraríamos, então andei até o centro da *piazza*. Havia pombos por todos os lados e eu não parava de ver crianças. Um menininho com cabelo e olhos escuros passou correndo por mim, gritando alguma coisa, e meu primeiro pensamento foi: que inteligente, ele fala muito bem italiano. Será que meu filho vai falar uma língua que mal entendo?

Então vi Matteo. (Por que continuar a chamá-lo de X?) Ele vinha na minha direção. Vestia um terno e segurava o paletó numa das mãos e um buquê de rosas amarelas na outra. Eu só o observei por um instante, sentindo tudo o que aquele momento significava. Então, antes que pudesse dizer alguma coisa, ele me abraçou e afundou o rosto no meu cabelo. Ele só dizia, sem parar “que saudade, que saudade” e, ao sentir seus braços quentes e sólidos, fechei os olhos e soltei o ar pela primeira vez desde que descobri que estava grávida. Ele não é perfeito, mas é meu.

17 DE JUNHO

Ainda não contei a ele. Estou esperando tudo voltar a ser natural entre nós. Ele tem sido muito gentil comigo, e passamos a maior parte do tempo andando pelas ruas de Veneza. Ele alugou um pequeno apartamento com vista para um canal, e mais ou menos a cada meia hora um gondoleiro passa lá embaixo, em geral cantando para os passageiros. Matteo contou que viu que tinha cometido um erro no segundo em que meu trem saiu da estação em Roma. Disse que me via em todo lugar, e que certa vez seguiu uma mulher parecida comigo por meio quarteirão até perceber que não podia ser eu. Disse que não conseguia se concentrar e começou a passar horas estudando as fotos que tinha tirado quando estava comigo. Falou que eu inspirara alguns de seus melhores trabalhos.

Ele me convidou para ficar no apartamento com ele, mas fiz uma reserva num hotel barato. É administrado por uma senhora, e só tem três quartos, que compartilham o mesmo

banheiro. Há paninhos de renda cobrindo tudo e me sinto na casa de uma parente idosa. Faz mais de três dias que não tiro nenhuma foto, o que deve ser um recorde para mim. Minha mente está cheia demais. Amanhã vou contar sobre o bebê. Amanhã.

18 DE JUNHO

Preciso escrever isto. É horrível e brutal, mas foi o que aconteceu e não posso omitir.

Levei Matteo para jantar num restaurantezinho lindo perto do hotel. Ambiente à luz de velas e silencioso. Absolutamente tudo naquele momento estava perfeito, só que, quando chegou a hora de contar a ele, não consegui fazer com que as palavras saíssem. Quando chegou a conta, perguntei se ele queria ir para o hotel comigo.

Meu quarto estava bagunçado, com roupas e equipamentos de fotografia por todos os lados, mas pelo menos era tranquilo e reservado, e quando entramos, eu disse a ele para se sentar. Ele se sentou na cama e me puxou para que eu me sentasse a seu lado. Disse que estava pensando numa coisa havia muito tempo e achava que estava na hora de darmos o próximo passo.

Meu coração acelerou. Ele ia me pedir em casamento? Então olhei para minha mão e entrei em pânico. Eu ainda estava com o anel de Howard. Será que teria que tirar? É possível dizer sim para alguém mesmo usando o anel que ganhou de outra pessoa? Porém, em vez de me mostrar um diamante, Matteo

me explicou o que era basicamente um plano de negócios. Disse que estava cansado de não ganhar quase nada trabalhando para escolas e que queria começar algo só seu, fazendo retiros para fotógrafos de língua inglesa que quisessem passar um tempo na Itália. Ele já tem dois tours marcados e acha que eu seria o complemento perfeito. Eu poderia ajudar a organizar as viagens e acomodações, e quando tivesse um pouco mais de experiência, também ensinar fotografia. Então me abraçou e disse que tinha sido idiota de me perder de vista. Era hora de fazermos as coisas juntos.

Até aquele momento, eu não deixara que ele me beijasse, e assim que sua boca encostou na minha, só consegui pensar em Howard. Foi quando percebi que nunca daria certo com Matteo. Grávida ou não, eu amo Howard. É impossível ter um relacionamento amando outra pessoa. Então me afastei dele e falei as duas palavras que tinha ido dizer.

As palavras penderam pesadas no ar. E aí ele se levantou como se a cama tivesse queimado sua pele. “Como assim grávida? Como isso aconteceu? Nós terminamos há dois meses.” Expliquei que devia ter acontecido pouco antes de ele ir embora e que eu só descobrira no começo da semana.

Foi quando ele surtou. Começou a gritar, me chamar de mentirosa e dizer que era impossível aquele bebê ser dele. Disse que eu tinha engravidado de outro, provavelmente de Howard, e que agora estava tentando passar a responsabilidade para ele. Começou a pegar todas as minhas

coisas e jogar pelo quarto, minha câmera, fotos, roupas, tudo. Tentei acalmá-lo, mas ele jogou uma garrafa de vidro na parede e, quando se virou e olhou para mim, senti muito medo.

Então menti. Disse que ele estava certo, que o bebê não era dele, que era de Howard, e que eu nunca mais queria vê-lo. Falei o que achei que ele quisesse ouvir, mas aquilo o deixou ainda mais furioso. Ele disse que acabaria com nós dois e que Howard iria se arrepender de ter se aproximado de mim. Finalmente, ele me empurrou para passar, abriu a porta com um chute e foi embora.



O anel. A negação. A mentira.

Eu finalmente estava tendo uma visão clara da vida da minha mãe, como se até aquele momento tivesse olhado por uma janela embaçada e não percebesse. Eu não tinha *noção* de que ela passara por tanto sofrimento. Para ser franca, ela era muito alegre. Tipo a vez em que nosso vizinho de cima deixou a banheira aberta e, quando nosso apartamento inundou, estragando várias coisas, minha mãe se limitou a pegar um esfregão e começou a falar de como era maravilhoso estarmos nos livrando de algumas coisas para começar de novo.

Será que aquela postura otimista e grata com a qual eu crescera tinha sido apenas uma campanha de relações públicas bem elaborada? Será que minha mãe tinha medo de que eu descobrisse que a gravidez a forçara a desistir?

Fechei o diário. Tinha quase certeza de que, se continuasse lendo, teria outro colapso, e dessa vez achava que nem Ren conseguiria me acalmar. E, além do mais, era inútil continuar. Não importava o que minha mãe tinha feito depois: voltado a Florença de balão, escrito HADLEY AMA HOWARD em letras enormes na Piazza del Duomo, mandado um punhado de cartas do amor por todos aqueles pombos de Veneza — nada disso daria certo. Ponto final. Ela passaria o restante da vida a quase dez mil quilômetros de distância apenas com um fino anel de ouro para se lembrar do que tinha perdido.

Ah, com o anel e comigo. Também conhecida como o souvenir mais inconveniente do mundo.

Eu me recostei e fechei os olhos, sentindo os leves movimentos que o trem fazia de um lado para outro ao seguir pelos trilhos. Eu estava a uns cento e cinquenta quilômetros de um homem cuja vida seria virada de cabeça para baixo e a quinze centímetros de outro que não queria nada comigo.

Eu realmente queria estar em qualquer outro lugar.

* * *

Eram quatro da tarde quando nosso trem chegou a Florença. Ren tinha cochilado de novo e seu celular não parava de vibrar no banco ao seu lado, como se fosse um inseto gigantesco. Até que eu me inclinei e dei uma olhada. Mensagem da Mimi. *Ai*. Será que ele ia contar que eu o beijara? Se contasse, era melhor eu caprichar nos golpes de luta. Ia precisar.

Ren abriu os olhos.

— Chegamos?

— Chegamos. Seu celular estava tocando.

— Obrigado.

Ele leu as mensagens com o cabelo caindo nos olhos. Enquanto todos os outros recolhiam suas coisas, agarrei o diário. Aquele tinha sido um dos dias mais longos da minha vida, e eu me sentia num grande casulo de tristeza. Não acreditava que ainda tinha que voltar para o cemitério e contar a Howard o que sabia.

* * *

A viagem de volta ao cemitério foi silenciosa. Brutalmente silenciosa. Todos que ultrapassávamos pareciam estar no meio de uma conversa animada, o que tornava ainda mais doloroso o vazio entre nós dois. Eu estava arrasada, mas também furiosa. Sim, eu tinha feito besteira, mas isso significava que não podíamos mais ser amigos? E por que eu tinha que conhecer Matteo e perder Ren no mesmo dia? A maioria das pessoas tinha o luxo de passar pelos dramas da vida ao longo dos anos, então porque comigo estava sendo tudo de uma vez?

Quando finalmente paramos no cemitério, um grande grupo saía de um ônibus no estacionamento, e todos nos encararam como se fôssemos parte da atração. Howard saiu do centro de visitantes e acenou para nós.

Ao vê-lo, me senti congelar por dentro e depois quebrar em pedacinhos, mas consegui acenar também. E até sorrir. O que ele ia dizer?

— Pra casa? — perguntou Ren.

— Sim.

Segundos depois paramos na entrada da casa e ele desligou a scooter.

Desci da garupa e lhe entreguei meu capacete.

— Obrigada por me ajudar, Ren. Não foi ótimo, mas pelo menos agora eu tenho algumas respostas.

— Foi um prazer. — Em silêncio, trocamos um breve olhar e logo depois ele baixou os olhos, religando a scooter. — Espero que dê tudo certo com Howard. Vai ficar tudo bem. Ele gosta muito de você.

Seu tom de voz era de *despedida*, e senti um nó na garganta.

— Quer correr amanhã?

Ele não respondeu, e fez um círculo com a scooter, ficando de frente para a entrada e assentindo de leve para mim.

— *Ciao*, Lina.

E foi embora.



Capítulo 23



— ENTÃO, EXPLICA DE novo. Howard não é seu pai, mas acha que é?

— Sim, ou pelo menos eu *acho* que ele acha que é meu pai.

— Você *acha* que ele acha que é seu pai?

— Sim. Isso, ou ele está mentindo. Mas eu apostaria na primeira opção, porque em geral as pessoas não ficam animadas pra acolher adolescentes que mal conhecem, mesmo que tenham amado muito a mãe deles.

— Mas Howard não é seu pai? Então é esse tal de Matteo?

— *Sim.* — Eu me joguei na cama. Já estávamos tendo a mesma conversa havia vinte minutos. — Addie, não sei mais como explicar isso a você.

— Me dá um segundo. Essa história não é a história mais simples do mundo.

— Eu sei. Desculpa. — Cobri os olhos. — E ainda não contei a pior parte.

— Pior do que conhecer seu pai babaca?

— É. — Respirei fundo. — Eu beijei Ren.

— Você beijou Ren? Seu amigo?

— É.

— Ok... Bem, o que tem de ruim nisso?

— Ele não retribuiu o beijo.

— Não acredito. Por quê?

— Ele é comprometido, a gente tinha acabado de conhecer Matteo e eu estava no meio de um colapso nervoso, então foi tipo o

momento mais inconveniente pra perceber o que realmente sinto por ele. Eu meio que pulei em cima do garoto e ele... — Estremeci. — ... me afastou.

— Ele *afastou* você?

— É. E ainda estávamos em Roma, então tivemos que voltar de trem pra Florença e ele não abriu a boca durante todo o trajeto. Então, resumindo, estou completamente sozinha na Itália, preciso contar pro Howard que ele não é meu pai e agora não tenho nem um amigo.

— Ai, Lina. E pensar que há dez minutos eu tinha inveja de você.

— Addie suspirou. — E quanto ao tal Fulano? O modelo de cuecas?

— Thomas? — *Droga. A mensagem dele.* — Ele enviou uma mensagem mais cedo me chamando pra sair. Parece que vai ter uma superfesta de uma garota que se formou na escola.

— Você vai?

— Provavelmente, não. Quer dizer, não sei o que vai acontecer depois que eu contar pra Howard. Ele pode muito bem me mandar embora.

— Ele não vai mandar você embora. Isso é ridículo.

— Eu sei. — Suspirei. — Mas duvido que vá ficar contente. Digo, isso é muito estranho. Pra ser sincera, eu queria que ele fosse meu pai.

Palavras que nunca imaginei que diria.

Addie ficou quieta por um instante.

— Quando você vai contar?

— Não sei. Ele ainda está trabalhando, mas quer ir ao cinema hoje à noite. Se eu criar coragem, vou contar assim que ele chegar em casa.

Ela suspirou.

— Ok, o plano é o seguinte. Vou lá pra cima agora perguntar aos meus pais se você pode voltar a morar aqui. Não, vou *dizer* que você precisa vir morar aqui. E não se preocupa. Eles vão aceitar.

* * *

Passei a hora seguinte andando de um lado para outro no quarto. Peguei o diário algumas vezes para examinar as páginas que ainda não tinha lido, mas toda vez que tentava abri-lo acabava largando-o como se fosse uma batata quente. Tudo terminaria quando eu lesse o último texto que minha mãe escreveu. Eu nunca mais ouviria nada novo dela. E saberia exatamente o quanto tinha sofrido.

Toda hora eu ia até a janela para ver se Howard estava chegando, mas ele e o grupo de turistas atravessavam o terreno como lesmas. Será que precisavam parar em *todas* as estátuas? E por que aquele canto do cemitério era mais interessante do que esse? Quando terminassem de aprender sobre a Segunda Guerra Mundial, a Terceira já teria acabado. Finalmente, quando achei que não aguentaria esperar por Howard nem mais um segundo, ele conduziu o grupo de volta ao estacionamento do centro de visitantes e esperou que todos embarcassem no ônibus.

— Está pronta? — sussurrei para mim mesma.

Claro que não estava.

Howard entrou no centro de visitantes, e depois ele e Sonia saíram e começaram a andar em direção à casa.

Ah, não. Eu não podia conversar com ele na frente da Sonia. Teria que guardar aquela informação a noite toda? Quando eles chegaram à entrada, desci dois degraus de cada vez e os encontrei na varanda.

— Aí está você — disse Howard. — Como foi seu dia?

Horrível.

— Foi... ok.

Ele usava uma camisa social azul-clara com as mangas arregaçadas e seu nariz estava queimado de sol. Algo que nunca tinha me acontecido. Porque, afinal de contas, eu era *italiana*.

— Tentei ligar para seu celular mais cedo, mas você não atendeu. Se quisermos chegar a tempo para o filme, precisamos ir agora.

— Agora?

— Sim. Ren vai?

— Não. Ele... não pode ir. — Como eu ia sair daquela?

Sonia sorriu.

— Vão exibir um filme muito antigo hoje, um clássico com a Audrey Hepburn. Já ouviu falar de *A princesa e o plebeu*? Ele se passa em Roma.

— Não, nunca. — *E será que daria para todo mundo parar de falar de Roma?*

* * *

Em circunstâncias normais, acho que eu teria gostado de *A princesa e o plebeu*. É um filme em preto e branco sobre uma princesa europeia que viaja pelo mundo. Só que sua agenda e sua equipe eram rígidas demais, então certa noite, em Roma, ela sai escondida pela janela do quarto para se divertir. O único problema é que, por ter tomado um sedativo mais cedo naquela noite, a princesa acaba apagando no banco de um parque e um repórter americano a resgata. Eles exploram a cidade e se apaixonam, mas não acabam juntos, porque a vida dela é cercada de muitas exigências.

Eu sei. Deprimente.

Não prestei muita atenção porque não conseguia parar de olhar para Howard. Sua risada era alta e toda hora ele se aproximava para dizer os nomes dos lugares que Audrey e seu paquera estavam visitando. Até me comprou um saco gigantesco de doces, e, embora eu tenha comido tudo, mal senti o gosto. Acho que foram as duas horas mais longas da minha vida.

Na volta, Sonia insistiu para que eu me sentasse na frente.

— Então, o que achou do filme?

— Bonito, mas triste.

Howard olhou para Sonia.

— Você ainda vai se encontrar com Alberto hoje?

— Ai, vou.

— Por que ai?

— Você sabe por quê. Faz anos que jurei nunca mais ir a um encontro às cegas.

— Não pense nisso como um encontro às cegas. Pense que vai sair para beber com alguém que eu admiro muito.

— Se não fosse seu amigo, eu teria recusado. — Ela soltou um suspiro. — Mas, enfim, qual é a pior coisa que pode acontecer? Eu sempre disse que um encontro horrível em Florença é melhor do que um encontro bom em qualquer outro lugar.

De repente, percebi que não sabia absolutamente nada sobre ela.

— Sonia, como você veio parar em Florença?

— Vim passar férias de verão depois da faculdade e me apaixonei por uma pessoa. Não durou, mas eu acabei me estabelecendo aqui.

Soltei um gemido interno. Talvez essa fosse apenas parte da experiência de ir à Itália. Venha para a Itália. Apaixone-se. Veja tudo desmoronar. Os sites de viagem deveriam divulgar essas informações.

Sonia me encarou pelo espelho.

— Sabe, as pessoas vêm para a Itália por vários motivos, mas, quando ficam aqui, é só por dois.

— Quais?

— Amor e gelato.

— Amém — disse Howard.

Olhei pela janela e concentrei toda a minha atenção em impedir que as lágrimas escorressem dos meus olhos. Só gelato não bastaria. Eu também queria o amor.

Quando chegamos ao cemitério, Howard deixou Sonia em casa, depois deu a volta a caminho da nossa. Os faróis lançavam um brilho sinistro sobre as lápides, e a combinação de açúcar ingerido e nervosismo estava me deixando muito enjoada.

Enfim estávamos a sós. Era a hora de contar para ele. Respirei fundo. Começaria a falar em três... dois... dois... dois...

Howard quebrou o silêncio.

— Eu queria dizer outra vez quanto é importante para mim ter você aqui. Sei que não tem sido fácil, mas agradeço muito por você estar tentando, mesmo que seja só pelo verão. Eu acho você incrível. De verdade. Estou orgulhoso de você por embarcar nessa aventura e explorar Florença. Você é uma aventureira, igualzinha à sua mãe.

Então ele sorriu para mim, como se eu fosse a filha que ele sempre esperara ter, e o que restava da minha coragem derreteu como um cubo de gelo no calor.

Eu não podia contar a ele. Não naquela noite.

Talvez nunca.

Quando entramos, dei uma desculpa esfarrapada, dizendo que estava com dor de cabeça de novo, fui para o meu quarto e me joguei na cama. Nos últimos dias eu andava me jogando muito na

cama. Mas o que fazer? Eu não podia contar a Howard, mas também não podia *não* contar.

Seria assim tão ruim se eu só ficasse até o fim do verão e depois voltasse para casa sem contar? Mas e quando o Dia dos Pais chegasse e ele esperasse um cartão meu? Ou quando eu fosse me casar e ele achasse que deveria entrar comigo na igreja? E aí?

Meu celular começou a tocar, saltei da cama e atravessei o quarto em dois pulos. *Por favor, que seja Ren. Por favor, que seja Ren, por favor que seja...*

Thomas.

— Alô?

— Oi, Lina. Sou eu, Thomas.

— Oi.

Eu me vi de relance no espelho. Parecia um baiacu depois de um colapso nervoso.

— Recebeu minha mensagem?

— Sim. Desculpa não ter respondido. Hoje foi uma... loucura.

— Não tem problema. O que acha da festa? Quer ir comigo?

A voz dele soava tão descomplicada e britânica. E ele estava falando de uma *festa*. Quem se importa com festas num momento como esse? Passei a mão pelo cabelo.

— O que é exatamente?

— Aniversário de dezoito anos de uma das garotas que acabou de se formar. Ela mora numa casa muito legal, quase tão grande quanto a da Elena. Todo mundo vai estar lá.

"Todo mundo" tipo Ren e Mimi? Fechei os olhos.

— Obrigada pelo convite, mas acho que não vou poder.

— Ah, como assim? Você *precisa* comemorar comigo. Passei na prova de direção ontem, e meu pai falou que eu podia pegar a BMW

dele. Olha, seria uma pena se você perdesse essa festa. Os pais dela contrataram uma banda indie que eu já ouço há mais de um ano.

Apoiei o celular entre o ouvido e o ombro e esfreguei os olhos. Depois de tudo o que acontecera naquele dia, uma festa parecia ridiculamente normal. Além disso, era estranho sair com alguém estando apaixonada por outra pessoa. Mas o que fazer quando a pessoa em questão não quer nada com você? Pelo menos Thomas ainda *falava* comigo.

— Vou pensar.

Thomas suspirou.

— Tudo bem. Pode pensar. Eu passaria aí às nove. E é uma ocasião mais formal, então você precisa se arrumar. Prometo que você vai se divertir.

— Formal. Entendi. Ligo pra você amanhã.

Desligamos e joguei o celular na cama, depois fui até a janela e olhei lá para fora. Era uma noite clara e a lua piscava para mim como um olho gigante. Como se tivesse visto o desenrolar de toda aquela história complicada e agora estivesse rindo por último.

Lua idiota. Coloquei as duas mãos na janela e tentei fechar, quase me pendurando, mas ela nem se moveu.

Tudo bem.



Capítulo 24



NA MANHÃ SEGUINTE, acordei um pouco antes do amanhecer. Eu tinha apagado na cama sem nem trocar de roupa, e havia um prato de espaguete na cômoda, com o molho de tomate aglomerado em partículas oleosas. Parecia que Howard tinha levado o jantar para mim.

Uma luz cinzenta e nebulosa atravessava a janela, eu me levantei e fui até a mala sem fazer barulho, procurando por roupas de corrida limpas. Depois peguei o diário e andei em silêncio pela casa, saindo pelos fundos.

Fui até o portão. Àquela hora nem os passarinhos tinham despertado ainda, e o orvalho cobria tudo como uma grande e leve teia de aranha. Minha mãe estava certa. O cemitério ficava diferente dependendo da hora do dia. Antes do amanhecer ele era desbotado, como se o cinza tivesse se misturado ao restante das cores.

Saí do quintal e comecei a correr, passando pelo lugar em que conhecera Ren. *Esquece. O. Ren.* Era meu novo mantra. Talvez o imprimisse num adesivo de para-choque.

Tirei aquilo da cabeça e respirei fundo, dando passadas moderadas. O ar estava frio e tinha um cheiro puro, como o de sabão em pó com fragrância de "ar de montanha", e correr trazia um grande alívio. Pelo menos não era só minha mente que estava acelerada.

Um quilômetro. Depois dois. Eu seguia uma trilha estreita feita na grama por alguém que tornara aquela rota um hábito, mas não fazia ideia se o destino era o mesmo que o meu. Até onde eu sabia,

estava indo na direção errada. Talvez ela não existisse mais e então... BAM. A torre. Ela surgiu sobre a colina como um cogumelo selvagem. Parei de correr e fiquei olhando para a construção por um minuto. Era como encontrar algo mágico, como um pote de ouro ou uma casa de biscoito no meio da Toscana.

Nem pensar em casas de biscoito.

Comecei a correr de novo, sentindo meu coração acelerar ainda mais conforme me aproximava da silhueta escura. Era um cilindro perfeito, cinzento e antigo, com menos de dez metros. Parecia o tipo de lugar onde as pessoas se apaixonavam havia anos.

Corri direto até a base, depois coloquei a mão na parede, deslizando-a pela pedra enquanto rodeava a torre até a entrada. A porta de madeira que Howard tirara do caminho para minha mãe não existia mais, deixando um vão arqueado aberto, tão baixo que precisei me curvar para passar. O interior estava vazio, com exceção de algumas teias de aranha frouxas e uma pilha de folhas que deviam ter durado mais que a árvore da qual vieram. Uma escada em espiral em mau estado subia pelo centro da torre, deixando um fraco círculo de luz entrar no ambiente.

Respirei fundo e fui até ela, esperando que todas as minhas respostas estivessem lá em cima.

Tive que subir com cuidado; metade dos degraus parecia estar só esperando uma desculpa para desmoronar, e também precisar dar um pulo acrobático sobre o espaço onde um dia fora o último degrau, até que finalmente cheguei. O topo da torre era uma plataforma aberta, com a circunferência protegida por uma mureta de um metro. Fui até a beira. Ainda estava bastante escuro e cinzento ali, mas a vista era deslumbrante. Como num cartão-postal. À minha esquerda, fileiras de vinhas estendiam-se em finas cordas

prateadas. Ao redor delas, o campo fértil da Toscana, com uma ou outra casa isolada como navios em meio a um mar de colinas.

Suspirei. Não era de surpreender que aquele tivesse sido o lugar onde minha mãe finalmente notara Howard. Mesmo que ainda não tivesse se apaixonado por seu senso de humor e seu maravilhoso gosto por gelato, ela teria olhado a vista e se apaixonado perdidamente. Era o tipo de lugar que faria um estouro de boiada parecer romântico.

Coloquei o diário no chão e contornei a plataforma lentamente, observando cada centímetro. Queria *muito* encontrar algum sinal da minha mãe, uma pedra na qual tivessem arranhado H+H ou algumas páginas perdidas do diário que ela tivesse enterrado em algum lugar ou coisa assim, mas só encontrei duas aranhas que me lançaram um olhar sério e impassível de guardas reais britânicos.

Desisti da minha pequena caça ao tesouro e voltei para o centro da plataforma, envolvendo meu corpo com os braços. Eu precisava que uma pergunta fosse respondida, e tinha a sensação de que aquele era o melhor lugar para fazê-la.

— Mãe, por que você me mandou para a Itália? — Minha voz interrompeu a tranquilidade de tudo ao redor, mas fechei os olhos com força para ouvir.

Nada.

Tentei de novo.

— Por que me mandou ficar com Howard?

Nada ainda. Então o vento soprou mais forte e bateu na grama e nas árvores, e de repente toda a solidão e o vazio que eu carregava comigo cresceram tanto que me engoliram. Pressionei a palma das mãos contra os olhos, sentindo a dor percorrer todo o meu corpo. E se minha mãe, minha avó e a psicóloga estivessem erradas? E se eu fosse continuar sofrendo assim pelo resto da vida? E se a cada

segundo de cada dia eu sentisse menos o que tinha e mais o que perdera?

Eu desabei no chão, sentindo ondas grandes e irregulares de dor. Minha mãe me dissera várias vezes que minha vida seria maravilhosa. Que tinha orgulho de mim. Que queria estar presente, não só para os grandes momentos, mas para os mais simples. E aí disse que encontraria um jeito de ficar perto de mim. Mas ela continuava morta. E cada vez mais distante. Toda aquela perda se estendia diante de mim como um horizonte interminável, assustador e vazio. Eu estava percorrendo a Itália na tentativa de solucionar o mistério do diário, tentando entender tudo o que ela fizera, mas na verdade só estava procurando por ela. E não ia encontrá-la. Nunca mais.

— Eu não vou conseguir — falei em voz alta, cobrindo o rosto com as mãos. — Não posso ficar aqui sem você.

Foi quando levei um tapa. Bem, talvez não tenha sido bem um tapa, foi mais um empurrãozinho, mas de repente me levantei porque uma palavra abria caminho pela minha mente.

Olha.

Protegi os olhos com a mão. O sol nascia sobre as colinas, aquecendo as nuvens e incendiando-as em tons incríveis de cor-de-rosa e dourado. Tudo ao meu redor estava iluminado, lindo e, repentinamente, muito claro.

Eu não ia deixar de sentir saudades dela. Nunca. Dali em diante a vida seria assim, e por mais pesado que isso fosse, seria algo do qual eu jamais me livraria, mas não significava que eu não conseguiria me reerguer. Nem que não seria feliz. Eu ainda não conseguia imaginar muito bem, mas talvez chegasse um dia em que o buraco dentro de mim não doesse tanto e eu pudesse pensar nela, me lembrar dela, e ainda assim ficar tudo bem. Esse dia parecia a

anos-luz de distância, mas naquele momento eu estava numa torre no meio da Toscana, e o nascer do sol doía de tão lindo.

E isso era importante.

Peguei o diário. Estava na hora de terminar.



19 DE JUNHO

Every new beginning comes from some other beginning's end.

Eu tinha a letra dessa música escrita num pedaço de papel sobre minha mesa havia quase um ano, e só hoje fez sentido para mim. Todo novo começo vem de um fim. Passei a tarde inteira perambulando pelas ruas, pensando, e algumas coisas ficaram claras.

Primeiro, preciso ir embora da Itália. Em setembro passado, conheci uma americana que estava presa num casamento horrível porque a lei italiana diz que os filhos devem ficar com o pai. Duvido que Matteo vá querer algo com o bebê, mas não posso correr esse risco.

E, segundo, não posso contar a Howard o que sinto. Ele acha que já escolhi outra pessoa e precisa continuar pensando isso. Senão, vai deixar para trás a vida que planejou por uma chance de começar algo comigo. Eu quero muito isso, mas não o bastante para deixar que ele abra mão de seu sonho de viver e trabalhar em meio a tanta beleza. É o que ele merece.

Então é isso. Por amar Howard, preciso deixá-lo. E, para proteger meu bebê, tenho que afastá-la o máximo possível de

seu pai. (Sim, eu acho que é uma menina.)

Se eu pudesse voltar para um único momento, apenas um, eu retornaria à torre, com um mundo inteiro de possibilidades diante de mim. E embora meu coração doa mais do que jamais imaginei que fosse possível, eu não trocaria aquele nascer do sol nem este bebê por nada. Este é um novo capítulo. Minha vida. E vou recebê-lo de braços abertos. Qualquer outra coisa seria um desperdício.



Fim. O resto do diário estava em branco. Voltei devagar para a primeira página e li mais uma vez a primeira frase.

Eu tomei a decisão errada.

Sonia se enganou. Minha mãe não tinha enviado o diário ao cemitério para mim, e sim para Howard. Ela queria que ele soubesse o que realmente aconteceu, que ele soubesse que ela o amou esse tempo todo. E então, embora ela não pudesse voltar atrás e mudar a história deles, fizera o melhor que pôde.

Tinha me trazido até aqui.



Capítulo 25



EU PRATICAMENTE VOEI de volta para o cemitério. Estava muito nervosa, mas também me sentia mais leve. Não importava qual seria a reação do Howard, ia ficar tudo bem. E ele merecia ler a história da minha mãe. Naquele exato instante.

A luz do dia tinha transformado por completo o cemitério, dando brilho à atmosfera desbotada, e saí correndo, cortando caminho pelas lápides e ignorando a dor nas costelas. Eu precisava encontrar Howard antes que ele começasse a trabalhar.

Ele estava sentado na varanda com uma caneca de café e, quando me viu, se levantou, assustado.

— Você não está sendo perseguida de novo, não é?

Balancei a cabeça e parei, tentando recuperar o fôlego.

— Ah, que bom. — Ele voltou a se sentar. — Você sempre corre assim? Achei que gostava mais de corrida de longa distância.

Balancei a cabeça outra vez e respirei fundo.

— Howard, preciso perguntar uma coisa.

— O quê?

— Você sabe que não é meu pai?

Por alguns longos segundos, minhas palavras pairaram no ar entre nós como bolhas de sabão cintilantes. Então ele sorriu.

— Defina “pai”.

Minhas pernas cederam e fui cambaleando em direção à varanda.

— Ei, ei. Você está bem? — Ele estendeu a mão para me equilibrar.

— Só preciso me sentar. — Eu desabei no degrau da varanda ao lado dele. — E você sabe o que quero dizer com “pai”. Estou falando do homem que forneceu metade do meu DNA.

Ele esticou as pernas.

— Bem, nesse caso, não. Eu não sou seu pai, mas se usar outra definição, como “um homem que quer estar na sua vida e ajudar a criar você”, então, sim. Sou.

Soltei um gemido.

— Howard, isso é muito bonito e tal, mas explica melhor. Porque passei as últimas vinte e quatro horas muito confusa e com medo de magoar você, mas você sempre soube?

— Desculpe. Não imaginei que você sabia. — Ele me olhou por um instante, depois soltou um suspiro. — Tudo bem. Quer ouvir uma história?

— Quero.

Ele se acomodou, como se estivesse prestes a contar uma história pela milésima vez.

— Quando eu tinha vinte e cinco anos, conheci uma mulher que mudou tudo para mim. Ela era inteligente e alegre e sempre que eu estava com ela sentia que podia fazer qualquer coisa.

— Você está falando da minha mãe, não é?

— Me deixe terminar. Então, conheci essa mulher e me apaixonei perdidamente por ela. Eu nunca tinha sentido aquilo por ninguém, era como se eu sempre tivesse procurado por ela sem saber. Eu sabia que tinha que fazer tudo o que pudesse para que ela sentisse o mesmo, então comecei sendo seu amigo. Fiz uma aula de italiano que não precisava só para passar mais tempo com ela...

— O curso para iniciantes?

— Shh. Lina, escute. Fizemos italiano juntos, eu assistia às outras aulas dela, e até consegui entrar em seu círculo de amigos, mas

toda vez que tentava criar coragem para dizer o que sentia, eu virava uma gelatina.

— Gelatina? — falei, incrédula.

— Sim. Gelatina...

— Eu sei o que é gelatina!

Pelo visto ser um “cara legal” não significava ser também um “bom contador de histórias”.

— O que quero dizer é que eu gostava tanto dela que tremia de nervoso. E então descobri que era tarde demais. Enquanto eu ficava gaguejando, carregando os livros dela e fingindo que gostava de dançar, outro homem entrou em cena e a levou embora.

— Matteo Rossi.

Ele hesitou.

— Como sabe o nome dele?

— Depois eu conto.

Ele pareceu confuso.

— Enfim. Eu disse a mim mesmo que, se esse outro cara fosse gente boa, gostasse mesmo dela e a fizesse feliz, eu deixaria pra lá. Mas eu conhecia o Matteo. Infelizmente, sua mãe ficou cega por ele por um bom tempo. Até chegamos a ter um breve relacionamento, mas ela o escolheu. Você foi concebida assim, enquanto eles estavam juntos, mas quando ficou doente, sua mãe pediu que eu aparecesse. Então foi o que fiz. Porque eu a amava. — Ele me cutucou. — E até que estou começando a gostar de você.

Soltei outro gemido.

— Ok, bela história, mas você entendeu uma parte errado. E por que você e minha avó disseram que eu era sua filha?

— Agora percebo que foi um erro, e peço desculpas. Eu não planejava dizer isso a princípio. Sua avó e eu começamos a nos comunicar depois da morte da Hadley, e após algumas semanas,

percebi que ela presumia que eu era seu pai. Eu sabia a verdade, mas tive medo de que, se contasse, ela não deixasse mais você vir, e sua mãe tinha me feito prometer que a traria. Além disso, achei que seria melhor para você. Achei que, se acreditasse que eu era seu pai, seria mais provável que me desse uma chance.

— Só que eu me comportei de um jeito horrível.

— Não. Pela sua situação, você foi ótima.

— Mentiroso.

Ele sorriu.

— Acho que eu simplesmente não sabia mais o que fazer. Seu avô já estava passando por um momento difícil, e eu não sabia qual era a situação com a família da Addie. Tive medo de que você não tivesse para onde ir. Então, quando sua avó perguntou se podia contar que eu era seu pai, eu disse que sim. — Ele balançou a cabeça. — Eu planejava dizer a verdade mais cedo ou mais tarde, mas depois daquela noite na pizzaria achei melhor esperar você se acomodar antes. Só que você não parece do tipo que se acomoda. Eu deveria ter imaginado que você ia perceber.

— Você é tipo duas vezes mais alto que eu. E é louro. E não temos nada a ver um com o outro.

— Verdade. — Ele hesitou. — Então agora é minha vez. Há quanto tempo você sabe?

— Há um dia, mais ou menos.

— Como descobriu?

Eu peguei o diário na escada e entreguei a ele.

— Aqui.

— Seu diário?

— Não, é da minha mãe. É o diário que ela escreveu quando estava morando aqui.

— Esse é o diário *dela*? Eu notei que eram parecidos, mas achei que fosse só coincidência. — Ele o virou.

— Ela escreveu sobre todas as coisas que aconteceram entre ela e Matteo. Só que durante a maior parte ela o chamou de X. Então, a princípio achei que estava lendo sobre você, mas aí você não sabia sobre a padaria secreta.

— Espere um instante. A padaria secreta? O lugar sobre o qual Ren perguntou?

— É. Ele queria me surpreender e tentou descobrir onde era.

— Então Ren também sabe de tudo?

— Sabe. Na verdade, ele me ajudou a encontrar Matteo. — Eu desviei o olhar. — Nós, hum, o conhecemos.

Parece que ele se ergueu uns quinze centímetros no ar.

— Você o *conheceu*?

Mantive os olhos fixos no chão.

— Aham.

— Onde?

— Em Roma.

Ele estava me olhando como se eu tivesse acabado de dizer que era metade humana e metade avestruz.

— Quando você foi a Roma?

— Ontem.

— *Ontem*?

— É, pegamos o trem expresso. Primeiro Ren veio me buscar. Depois fomos à ABAF e eu liguei para Francesca...

— Francesca Bernardi? Como você sabia da existência dela?

— O diário. Ela me disse o sobrenome do Matteo, nós o encontramos na internet e fomos à galeria dele e foi... Bem, foi um desastre.

Howard estava boquiaberto.

— Por favor, diga que você está brincando.

Balancei a cabeça.

— Desculpa. Mas não estou.

Ele esfregou o queixo.

— Ok. Então vocês encontraram Matteo. E depois? Ele sabia quem você era?

— Ele inventou uma história, dizendo que minha mãe era louca e tinha forjado o diário. Foi ridículo. Quer dizer, nós somos idênticos, e ele ficou me dizendo que nunca teve nada com ela. Acabamos indo embora.

Howard bufou.

— Sua mãe me mataria. Eu aqui pensando que você e Ren só tinham saído para tomar gelato e dançar, mas você estava procurando seu pai em outra cidade?

— Sim, mas não vou mais fazer isso — falei, às pressas. — Foi a primeira e última vez. A não ser que você esteja escondendo mais alguma coisa de mim.

— Nada. Todas as minhas cartas estão na mesa.

— Ok, que bom.

— Mas onde conseguiu o diário? Você o encontrou depois que sua mãe faleceu?

— Não. Sonia me entregou.

— *Sonia?* Minha Sonia?

— É. Minha mãe o enviou pelo correio em setembro e, quando foi entregue, Sonia ficou com medo de que você ficasse triste, então o guardou por alguns dias. Só que aí você contou que eu viria morar aqui e ela presumiu que minha mãe tinha enviado o diário pra mim, mas não. Era para você.

Howard segurava o caderno com cuidado, como se fosse um passarinho que não queria deixar voar.

— Você deveria ler.

— Se importa se eu começar agora?

— Por favor.

Ele virou a capa lentamente, parando ao ver a primeira frase.

— Ah.

— É. Vou deixar você sozinho.



Capítulo 26



DUAS HORAS DEPOIS, Howard apareceu na porta do quarto segurando o diário.

— Terminei.

— Foi rápido.

— Quer se sentar na varanda de novo?

— Claro.

Desci a escada com ele e nos sentamos no balanço da varanda. Os olhos do Howard estavam vermelhos.

— Foi difícil ler tudo aquilo. Quer dizer, ela me contou algumas partes, mas eu não sabia a história inteira. Foram tantos mal-entendidos. Relações perdidas. — Ele olhou para o cemitério. — Sua mãe entendeu algumas coisas de um jeito errado. Para começar, eu não saía com Adrienne.

— Não?

— Não. Matteo é que saía.

Lancei um olhar vazio para ele.

— Sua mãe não era a única aluna com quem Matteo se envolveu.

— Aaaahh. — Outra peça do quebra-cabeça se encaixou. — Então foi por isso que você contou a história do touro e do padeiro pra ela? Estava tentando fazer com que ela prestasse mais atenção, porque estava levando um belo chifre do Matteo?

Ele fez uma careta.

— Foi, mas claro que não deu muito certo. Ela não fazia a menor ideia do que eu estava tentando dizer.

— É, foi muito misterioso. Você inventou aquela história?

— Não, a história existe mesmo. Acho muito improvável que seja verdade, mas é uma das lendas contadas na cidade. Adoro esse tipo de coisa. — Ele balançou a cabeça. — Enfim, eu sabia que sua mãe estava envolvida com Matteo. Ela guardava segredo porque temia que lhe causasse problemas na escola, mas *e/le* guardava segredo porque era um cretino. Eu sabia que ele tivera casos com algumas alunas e que, pelo que pude notar, não valia nada. Eu tinha minhas suspeitas, e um dia o peguei com Adrienne na boate. Naquela noite, quando sua mãe me viu com ela do lado de fora, eu estava tirando a história a limpo. Queria que Adrienne contasse tudo a sua mãe.

— Por que você não contou?

Ele balançou a cabeça.

— Só Hadley não percebia que eu estava apaixonado por ela, e ia parecer que era intriga minha. Além de tudo era quase certo que Matteo ia negar e que eu perderia a confiança da sua mãe. Depois que eles terminaram, não vi mais motivos para contar. Além disso, fui meio covarde. Foi culpa minha eles terem terminado.

— Por quê?

— Sua mãe estava se isolando e começou a fazer críticas muito duras a si mesma e ao próprio trabalho. Então, numa semana, quando Matteo viajou para uma conferência, liguei para ele e disse que se não ficasse longe dela, eu contaria à direção da escola sobre o envolvimento deles.

— E foi então que ele terminou com ela?

— Sim, mas contei à escola mesmo assim, e ele acabou sendo demitido. Hadley ficou tão arrasada que foi como se tivesse perdido toda a cor. Passei semanas me perguntando se tinha feito a coisa certa. — Ele empurrou o balanço. — Mas aí ela pareceu melhorar. Eu a convenci a passar o verão aqui comigo, e ficamos juntos por um tempo. E então a perdi de novo.

— Por minha causa.

Ele balançou a cabeça, apontando para o cemitério.

— Ela deveria ter me contado. Eu teria desistido disto aqui num piscar de olhos.

— Foi exatamente por isso que ela não contou.

— Eu sei. — Ele suspirou. — Eu só queria que ela tivesse me deixado tomar essa decisão. Um dia com Hadley valia mais que uma vida inteira na Itália.

— Eu sei.

Eu o analisei por um instante. Ele a amava. Amava *de verdade*. E sentia a falta dela havia mais tempo que eu. Isso me fazia querer abraçá-lo.

Desviei o olhar, piscando para conter as lágrimas. Eu esperava que minhas lágrimas secassem um dia. Eu poderia ser a garota propaganda da Kleenex ou coisa parecida.

— Você tentou pedir pra ela voltar?

— Não. Na minha cabeça, ela tinha escolhido Matteo. Se eu soubesse por que, teria sido outra história. Só anos depois descobri que eles não estavam juntos e há pouco tempo descobri sobre você. Eu me preocupava muito com ela, mas toda vez que pensava em entrar em contato, era como se algo me impedisse. Talvez orgulho.

— Ou talvez você só não quisesse se magoar de novo. Ela partiu seu coração.

Ele soltou uma risadinha.

— Partiu mesmo. E, claro, depois de um tempo eu consegui seguir em frente. Mas ter você aqui... Bem, tem sido como reviver aquela época.

Ficamos quietos por um instante. O sol já estava alto, luminoso e quente, e meu cabelo estava praticamente fritando.

Ele balançou a cabeça.

— Nunca imaginei que essa conversa seria assim, mas estou feliz pelo rumo que as coisas tomaram. E agora não precisamos nos preocupar com Matteo. Sua mãe teve o cuidado de mantê-la afastada dele, sobretudo depois que ficou famosa. Ela sempre quis trazer você para a Itália, mas tinha medo. Acho que agora que está com quase dezoito anos ela deve ter ficado mais tranquila em relação ao Matteo.

— Provavelmente ela não imaginou que eu o procuraria.

— Nunca. Acho que ela subestimou você. — Ele riu. — E eu também. Não acredito que você foi a Roma.

— Foi uma idiotice.

— Bem, isso está na cara, mas também foi muito corajoso.

— Ren foi comigo. Ele me ajudou muito. — Senti minha expressão entristecer. *Ren.*

— O que foi?

— Ren não está mais... falando comigo. Ficou chateado comigo.

Howard franziu a testa.

— Vocês brigaram?

— Mais ou menos.

— Não importa o que seja, tenho certeza de que vocês vão resolver. Ele gosta muito de você. Dá para notar.

— Talvez.

Ficamos ali sentados por um tempo, balançando para a frente e para trás, quando de repente um pensamento me ocorreu.

— Howard, você estava tentando me dizer alguma coisa quando contou aquela história esquisita sobre a mulher que deu à luz um javali?

Ele riu.

— O *porcellino*. É melhor eu parar de fazer isso. Parece que não funciona muito bem.

— Não.

— Tudo bem. Sim, eu estava tentando dizer uma coisa. Quando fomos ver a estátua, percebi que era o símbolo perfeito. Embora a nossa situação seja estranha, e sejamos meio diferentes, quero muito fazer parte da sua vida. Talvez não sejamos uma família comum, mas, se você quiser, serei sua família mesmo assim.

Olhei para ele e mil sentimentos tomaram conta de mim até eu ficar tão cheia quanto um balão. Minha mãe estava certa. Ninguém jamais chegaria perto de substituí-la, mas se eu tivesse que escolher uma pessoa no mundo, seria Howard. Ela só estava um pouco à minha frente.

— O que você me diz, Carolina?

Hesitei. Não queria tomar nenhuma decisão por impulso, mas sabia que, naquele dia, era o que parecia certo. E teria que ser o bastante.

— Ok. — Assenti. — Eu topo se você topar.

Ele abriu um de seus sorrisos tortos para mim, depois se recostou no balanço.

— Que bom. Bem, agora que esclarecemos isso, o que aconteceu com Ren?



Capítulo 27



HOWARD INSISTIU DIZENDO que eu não podia desistir. Se quisesse ir até o fim, precisava ter certeza de que não houvera nenhum problema sério de comunicação entre mim e Ren.

Foi assim mesmo que ele falou. Problema sério de comunicação.

Enfiei meus últimos farrapos de dignidade no fundo do armário e liguei para ele. Duas vezes. Minhas duas chamadas caíram direto na caixa postal e eu usei todas as minhas forças para não deixar uma mensagem.

Depois, Howard me ajudou a descobrir o número da casa dos Ferrara, então eu tentei de novo.

— *Ciao, Lina!* — cantarolou Odette.

Ficou claro que ela não tinha noção de como estavam as coisas entre a gente.

— Oi, Odette. Ren está em casa?

— Sim, só um instante. — Ela baixou o telefone. Depois houve alguns sons abafados. A voz dela finalmente voltou.

— Lina?

— Sim?

— Ren não pode falar agora.

Fiz uma careta.

— Será que você poderia perguntar uma coisa a ele por mim?

— O quê?

— Eu posso ir até aí? Preciso falar com ele.

Houve um momento de silêncio.

— Ren? Por que você está balançan... — Então ela deve ter colocado a mão sobre o fone, porque não consegui entender mais nada.

Foi humilhante demais. O que restara da minha dignidade ardeu até queimar.

Quando ela voltou a falar comigo, parecia confusa.

— Desculpe, Lina. Ele disse que está ocupado. Está se arrumando pra ir à festa da Valentina.

Eu me animei.

— Tem certeza de que ele vai? É da garota que se formou no ano passado, não é?

— Sim. Acho que é pra comemorar o aniversário de dezoito anos dela.

Pelo menos eu o veria cara a cara. Respirei fundo. Era melhor do que nada.

— Obrigada, Odette.

— Por nada.

Desliguei e enviei uma mensagem rápida a Thomas. Depois fui até o centro de visitantes. Eu precisava de um favor.

* * *

Quando entrei correndo no centro de visitantes, Howard e Sonia ergueram o rosto, assustados. Ambos estavam examinando uma pilha de papéis e Howard usava uns óculos de leitura minúsculos que nem um velhinho que o deixavam com cara de lenhador míope. Soltei uma risadinha.

Ele levou a mão ao peito.

— Lina! Um dia desses você acaba me fazendo sofrer um ataque do coração.

— Seus óculos são tão...

— Tão o quê?

Ele se levantou e comecei a rir de novo.

— É só... esquece. Olha, preciso de ajuda. Vou a uma festa hoje à noite e preciso estar linda. Acho que é minha melhor chance de recuperar Ren. Tenho que encontrar o vestido.

Ele tirou os óculos.

— Aquele vestido incrível que faz qualquer um se apaixonar por você?

— Sim! Exatamente. Como o que minha mãe teve. Só que espero usá-lo e que realmente funcione.

— O vestido? — perguntou Sonia, olhando de um para outro. — Desculpem, não estou entendendo.

Howard se virou para ela.

— Sonia, teremos que fechar o cemitério mais cedo. Encontrar um vestido novo deve ser fácil, mas *o vestido*? Vai levar algum tempo. — Howard piscou para mim. — E, por falar nisso, eu me lembro de ter visto o vestido da sua mãe. Acho que dei de cara com uma parede.

Sonia balançou a cabeça.

— Ainda estou meio confusa sobre o que vocês estão falando, mas você sabe que não podemos fechar o cemitério. É contra as regras.

— Tudo bem, não fechamos. Vamos abandoná-lo por algumas horas enquanto nós três fazemos uma viagem emergencial de compras a Florença.

Comecei a pular.

— Obrigada! Seria maravilhoso!

Sonia ainda não tinha se convencido.

— Howard, eu vou ficar aqui para o caso de algum visitante aparecer.

Ele balançou a cabeça.

— Não, você tem que vir com a gente. Sou completamente inútil quando o assunto são compras. Meu armário é como uma tumba. Precisamos de uma opinião feminina.

Ela estremeceu.

— Seu gosto é mesmo horroroso. Lembra quando fiz você jogar fora aquela calça de veludo cotelê? Estava crescendo *pelo* nela.

Juntei as mãos e pisquei os olhos, implorando.

— Por favor, Sonia. Eu nem sei onde ficam as lojas de vestidos, e vou precisar de toda a ajuda possível. Preciso ficar maravilhosa hoje à noite. Você me ajuda?

Ela olhou de mim para Howard, depois balançou a cabeça.

— Acho que vocês estão loucos, mas tudo bem. Vocês me pegam lá em casa?

— Sim!

Eu e Howard demos um high five, então esperei do lado de fora enquanto ele fechava o centro de visitantes e depois corremos até a casa.

A caminho de Florença, Howard e eu contamos a Sonia o nosso status de somos-parentes-mas-não-somos-parentes.

Ela ficou chocada.

— Estão me dizendo que vocês não são pai e filha?

— Tecnicamente, não — falei.

— E, Howard, você sempre soube?

— Sim.

Ela balançou a cabeça, depois começou a se abanar com a carteira.

— Só na Itália.

Howard olhou para ela.

— E, Sonia, no futuro, por favor, não entregue nenhuma das minhas correspondências a outra pessoa. Embora nesse caso acho que tenha funcionado bem.

— Juro por tudo que é mais sagrado. Nunca mais vou fazer nada parecido. — Ela se virou para mim. — A que horas Ren vem pegar você?

— Às nove, mas eu não vou com Ren. Vou com Thomas.

— Ah. Mas achei que você e Ren... — Ela se calou.

— Achou que eu e Ren o quê?

Howard olhou para Sonia, depois me encarou pelo retrovisor.

— Sabe quando dizemos que uma pessoa "está de coração aberto"? Bem, em italiano se diz "*avere il cuore in mano*". Você oferece seu coração na palma da mão. Toda vez que Ren olha para você, eu penso nessa expressão. Ele é louco por você.

— Não é, não.

Sonia entrou na conversa.

— Claro que é. E você não pode culpá-lo. Olhe só pra você. O coitado não consegue se controlar.

— Ele tem namorada.

— Tem? — perguntou Howard.

Assenti.

— Bem, o que você sente por ele?

Ambos olharam para mim, e eu consegui ficar quieta por três segundos antes de explodir como um vulcão.

— Tudo bem. Eu estou apaixonada por Ren. Estou completamente apaixonada por ele. Além da Addie, ele é a única pessoa que faz com que eu me sinta normal, e é superengraçado, estranho e tem um espaço entre os dentes da frente que eu amo. Só que nada disso importa, porque ele tem namorada, e ontem eu devo

ter sofrido um lapso momentâneo de sanidade, porque dei um beijo nele e ele surtou. Além disso, a namorada dele parece que saiu da capa de uma revista de moda e sempre que Ren *me vê*, eu estou suando ou chorando. Então agora vou me arrumar para a festa na esperança de chamar a atenção dele o suficiente pra ele ao menos falar comigo. Quem sabe assim eu tenho ao menos uma oportunidade de dizer o que sinto e tentar salvar no mínimo a nossa amizade. Então pronto. É *isso* o que eu sinto por Ren.

Tanto Howard quanto Sonia pareciam perplexos.

Eu me recostei no banco.

— É por isso que preciso do vestido perfeito.

Ficamos em silêncio por um segundo, então Sonia se virou para Howard.

— Temos limite de orçamento?

— Não.

— Então vire à esquerda. Sei aonde precisamos ir.

* * *

Howard nos levou direto para uma loja de vestidos perto do centro da cidade, e depois de deixarmos o carro, nós três corremos três quarteirões do estacionamento até a loja. Quando entramos de repente, a mulher atrás do balcão ergueu o rosto, assustada.

— *Cos'è successo?*

— *Stiamo cercando il vestito più bello nel mondo.* — Ele se virou para mim. — Ela quer *o vestido*.

A mulher nos avaliou por um instante, depois bateu palmas.

— Adalina! Sara! *Venite qui.*

Duas moças vieram dos fundos da loja, e depois de ter a mesma conversa com Howard, pegaram suas fitas métricas e começaram a

medir minha cintura, minha bunda, meu busto e... sim. Foi bem constrangedor.

Finalmente, elas começaram a pegar vestidos por toda a loja, depois me empurraram para um provador e me enfiaram lá dentro com os vestidos. Tirei a roupa de corrida e vesti o primeiro. Era um rosa algodão-doce e me lembrava da vez que eu vomitara numa roda-gigante. O segundo era um amarelo coberto de penas e tinha uma semelhança suspeita com a fantasia do personagem Garibaldo, de Vila Sésamo. O terceiro não era horrível, mas as alças eram tão grandes que sobravam quase três centímetros nos meus ombros, e a festa era naquela noite, então não dava tempo de ajustar. Eu me olhei no espelho, muito séria. *Não entra em pânico*. Mas meu cabelo entrou mesmo assim. Ou talvez fosse o normal dele.

— Como está aí? — perguntou Sonia, lá de fora.

— Nada ainda.

— Experimente este.

Ela jogou outro por cima da porta. Branco e armado. Fiquei igual a um marshmallow a caminho de um casamento.

— Ah, não — resmunguei. — Esses aqui não servem. E se eu não conseguir encontrar nenhum?

— Eu trouxe você aqui por um bom motivo. Vou ver se a filha mais velha da vendedora está aqui. Ela é uma fada madrinha para escolher vestidos. Já volto.

Eu me aproximei do espelho e me olhei de novo. Eu estava imperdoável, pior ainda, ridícula. Ren jamais voltaria para mim se eu estivesse parecendo uma guloseima que tinha sido assada na fogueira de um acampamento de escoteiras.

— Lina?

Sonia bateu na porta, que então se abriu e ela e outra mulher entraram.

A mulher tinha uns quarenta anos e um coque preso com um lápis. Ela parecia levar a profissão muito a sério. Com um gesto, mandou que eu desse uma voltinha.

— Não. *Tutto sbagliato*.

— *D'accordo* — disse Sonia. — Ela disse que esse está errado.

— Pode pedir a ela para achar um certo?

— Não se preocupe. Ela tem talento para isso. Deixa com ela.

A mulher deu um passo à frente e segurou meu queixo. Em seguida virou meu rosto de um lado para o outro, analisando meus traços, depois deu um passo para trás e me mandou dar outra volta. Enfim, assentiu e ergueu uma das mãos.

— *Ho il vestito perfetto*. Espere.

Quando ela voltou, segurava um vestido nude-rosado com renda bordada em todo o torso e uma saia curta e solta. Eu segurei aquela peça diante de mim.

— Este? — perguntei.

— Sim. Este — disse ela, decidida.

E saiu do provador, fechando a porta.

Tirei o vestido de marshmallow e vesti o novo. O tecido era macio e sedoso e deslizou com facilidade sobre o peito e os quadris, parando no ponto exato.

Nem tive que me olhar no espelho para saber que era o certo.

* * *

Quando Thomas chegou no carro do pai, uma BMW prateada conversível, eu tinha conseguido me transformar por completo. Sonia me ajudara a arrumar o cabelo, deixando os cachos suaves e com menos cara de Medusa, também me emprestou sapatos altos e brinquinhos de diamante. Eu tinha passado maquiagem e perfume e

ensaiado meu discurso para Ren várias vezes. *Ren, preciso dizer uma coisa.* Quando me olhei no espelho, quase não acreditei. Eu parecia muito italiana.

— Ele chegou! — gritou Howard lá de baixo.

— Estou indo!

Respirei fundo para me acalmar, depois cambaleei escada abaixo. Os saltos da Sonia eram deslumbrantes, mas *muito* altos. Por um milagre, cheguei ao primeiro andar sem executar nenhum movimento involuntário de ginástica artística, e quando ergui o rosto, Howard me observava com os olhos cheios d'água.

— Você está linda. Não quero saber como é a namorada do Ren. Ela não tem a menor chance.

— Isso seria bom, mas se ele voltar a falar comigo já ficarei feliz.

— Aposto que ele vai escolher você.

Bateram à porta e Howard atravessou a sala para abrir.

— Olá. Thomas?

— Sim. Prazer em conhecê-lo.

Fui até a porta batendo os saltos.

— Uau! Lina, você está... — O queixo do Thomas caiu, mas aí ele percebeu que Howard o olhava como se ele fosse um cervo durante a temporada de caça, e pigarreou às pressas. — Desculpa. Que vestido lindo. Você está muito bonita.

— Você também.

Terno cinza bem ajustado. Cabelo desgrenhado de propósito. Eu praticamente consegui ouvir Addie entrando em combustão espontânea.

— Pronta pra ir? — perguntou ele.

— Pronta. — Eu me aproximei do Howard e o abracei. — Até que horas posso ficar na festa?

— Até a hora que quiser. Bem, dentro do limite razoável. — Ele piscou para mim. — Vai dar certo.

— Obrigada.

Fui com Thomas para o carro e ele abriu a porta para mim.

— Você está deslumbrante.

— Obrigada.

— O que seu pai quis dizer com “vai dar certo”?

— Humm, não sei.

Olhei para meu celular pela milionésima vez. Tinha passado a tarde inteira esperando que Ren ligasse. E durante a tarde inteira ele *não ligou*.

Thomas se sentou no banco do motorista e enfiou a chave na ignição.

— É um carro bonito, não é?

— Muito bonito.

— Meu pai também tem uma Lamborghini. Ele disse que se eu passar um ano sem receber nenhuma multa, vai me deixar usá-la.

— Pena que não é hoje.

— Concordo. — Ele saiu com cuidado da entrada para carros e seguiu pelo caminho. — Sabia que na Itália só dá pra tirar carteira depois dos dezoito anos? Acho que sou o único da escola que pode dirigir.

— Ren vai tirar a dele ano que vem.

— Mas ele ainda está no penúltimo ano.

— Ele faz dezoito em março.

— Ah.

Ele pegou a estrada e acelerou, deixando a música alta demais para conversar.

Tenho certeza de que percorrer a região rural italiana num carro de luxo conversível com um jovem britânico que parecia um agente

secreto deve ser uma experiência mágica, mas não para mim. Eu estava ocupada demais repassando mentalmente o que dizer ao Ren. E tentando afastar a mão do agente secreto.

— O pai da Valentina trabalha com o meu, só que o cargo dele é ainda mais alto. Já fui a várias festas na casa deles e são sempre uma loucura. Teve um ano em que deram um grande jantar japonês e havia mulheres deitadas sobre as mesas de comida. Você tinha que comer o sushi direto do corpo delas.

— Eca. Sério?

— É, foi incrível.

Ele colocou a mão no meu joelho, de novo, e fiz questão de mudar de posição para obrigá-lo a tirá-la de lá. De novo. Olhei para ele e suspirei. Qualquer outra garota trocaria todo o gelato de Florença por uma chance de estar sentada ali. Mas elas não eram eu. E não conheciam Ren.

Quando finalmente chegamos à festa, fiquei chocada. Não porque a casa parecesse o castelo do Drácula — claro que parecia! —, mas por causa da quantidade de gente. Carros e táxis disputavam espaço para entrar enquanto uma multidão de convidados extasiados ziguezagueava até a porta da frente. Levamos dez minutos e precisei descruzar e cruzar as pernas mais três vezes só para alcançarmos o manobrista.

Quando chegou a nossa vez, Thomas jogou as chaves para o cara e me ajudou a sair do carro como se ele fosse alguém importante. Um tapete vermelho cobria os grandes degraus de pedra que levavam à porta e um monte de gente entrava. Eu tinha ficado com um pouco de medo de estar arrumada demais, mas todo mundo parecia estar indo a uma *première* de festival de cinema. Sem dúvida era uma ocasião para o vestido.

— Este lugar é muito maior do que eu tinha imaginado — falei, segurando o braço do Thomas antes que perdesse o equilíbrio na escada.

— Eu avisei. Vai ser incrível.

— Todos os seus amigos moram em casas como esta?

— Só os que dão festas.

A entrada tinha uma longa escadaria curvada e um lustre extravagante feito de vidro colorido. Um homem com uma grande pilha de papéis nos parou.

— Nome, por favor. — Seu sotaque era tão forte quanto seus bíceps.

— Thomas Heath. — Ele se virou e sorriu para mim. — E minha acompanhante.

O homem folheou os papéis, marcando o nome do Thomas.

— *Benvenuti*.

— Tudo bem se eu checar sua lista rapidinho? — perguntei. — Queria saber se meu amigo está aqui.

— Não. — Ele franziu a testa para mim, cobrindo a lista com a mão. — É *privato*.

Eu não estava numa festa no Pentágono nem nada do tipo.

— Eu só preciso dar uma olhada...

— Vamos.

Thomas segurou minha mão e me puxou para longe da lista e para dentro da casa. Todo mundo se espremia numa sala enorme e rebuscada demais, com pé-direito alto e mais uns cinco lustres. Tivemos que abrir caminho para entrar, tropeçando em todos os vestidos chiques e esbarrando nos homens que suavam de paletó.

Toda a mobília havia sido afastada para os cantos da sala, e um palco improvisado fora montado num dos cantos. Já havia um monte de instrumentos em cima dele, mas nas caixas de som tocava

música num volume que poderia matar passarinhos. Estava *tão* lotado! Como encontrar o Ren?

— Lina! Thomas! — Elena saiu da multidão e agarrou meu braço. Ela estava com um vestido cinza curto e um rabo de cavalo alto. — Uau, Lina, você está *bella*. Essa cor ficou ótima em você.

— Obrigada, Elena. Você viu Ren?

— Ren? Não. Nem sei se ele vem. Acho que Mimi o mataria.

— Por quê?

Thomas começou a rir.

— Gente, olhem. Lá está Selma.

Ele apontou para uma mulher alta de meia-idade que tinha subido no palco e mexia nos fios. Ela usava uma tiara e um minivestido rosa-shocking, que dava a sensação de que a qualquer momento seus peitos pulariam para fora.

— Uiii — disse Elena, balançando a cabeça. — É a mãe da Valentina. Ela foi modelo nos anos 1990 e exhibe fotos sexy dela mesma pela casa. Acho que eu preferiria morrer a ver minha mãe com um decote desses todos os dias.

— Sua mãe com um decote *biônico* desses — acrescentou Thomas. — É melhor tentarmos arrumar um bom lugar perto da banda. Valentina disse que vão começar a tocar às dez.

Elena balançou a cabeça.

— Estou esperando Marco.

— Marco, hein?

Elena franziu a testa para ele.

— *Dai*. É que eu disse que esperaria. Não significa nada.

— Aham.

— Elena, se você vir Ren, pode dizer que preciso muito falar com ele? — pedi.

— Claro, sem problemas. — Ela olhou para Thomas e depois se aproximou. — Uau! Thomas está *incredibile*. — Ela pronunciou do jeito italiano. — Bela escolha. Ele é *troppo sexy*. Tenho certeza de que todas as garotas que já esbarraram com ele tentaram conquistá-lo. Você foi a felizarda. Que pena que Ren terminou com Mimi por sua causa, mas entendo perfeitamente por que você está aqui com Thomas.

Oitocentos pontos de exclamação surgiram na minha cabeça.

— Ren terminou com Mimi? Quando? Hoje?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não sei. Talvez tenha sido ontem, mas Mimi disse que está feliz. Sem querer ofender, mas Ren é muito estranho às vezes. Ele sempre diz tudo o que vem à cabeça.

— É, mas é isso que é legal nele.

Ela deu uma olhada para Thomas.

— É, talvez. Vejo vocês mais tarde. Vou lá pra frente.

— Tchau. Diga a Ren onde estou se você o vir, ok?

— Você está bem? — perguntou Thomas depois que Elena foi embora.

— Estou, claro.

Talvez melhor do que bem. Ren tinha terminado com Mimi por *minha* causa? Então o que fora tudo aquilo em Roma? Minha missão de encontrar Ren tinha se tornado ainda mais urgente.

— Vamos pegar uma bebida e ir para perto do palco — sugeriu Thomas.

— Claro.

As duas horas seguintes se passaram inacreditavelmente devagar. A banda era espanhola, e a cada duas músicas o baterista se empolgava e jogava as baquetas para a plateia, de onde tinham que ser resgatadas antes da música seguinte.

Thomas sumia toda hora para buscar mais bebidas e Ren ainda *não tinha aparecido*. Onde ele estava? E se ele *não* estivesse na festa? Será que toda aquela coisa de encontrar o vestido na verdade era uma maldição? Se fosse, eu preferia ter ido de roupa de corrida.

Finalmente, pedi licença.

— Thomas, vou ao banheiro. Já volto.

Ele fez um sinal de ok distraído e eu abri caminho pela multidão, dando uma olhada na festa. Pelo que pude ver, Ren não estava no salão principal. Nem na escada da frente nem na entrada. Onde ele tinha se enfiado? Então decidi ir mesmo ao banheiro, mas havia uma fila enorme, e eu não parava de esticar o pescoço para procurar.

Quando chegou minha vez, tranquei a porta ao entrar, depois me olhei no espelho e suspirei. Meu vestido ainda era lindo, mas eu estava suada e sabia que meu cabelo tramava um motim. Fiz um rabo de cavalo, depois verifiquei meu celular de novo. Nada. Onde ele estava?

Thomas estava me esperando na porta do banheiro.

— Aí está você. Precisamos correr. Todo mundo tem que ir lá pra fora. É uma grande surpresa.

Desisti dos sapatos, tirando-os e carregando-os enquanto seguíamos a multidão em direção às portas dos fundos. Quando saímos, tomei um susto. O jardim era do tamanho de um campo de futebol americano, e havia vários cobertores brancos com as bordas iluminadas por pequenas velas. Toda aquela cena era enjoativamente romântica. Metade das pessoas ali se deixaria levar e começaria a declarar seu amor eterno umas pelas outras.

— Thomas, você não viu Ren enquanto eu estava no banheiro, viu?

— Não, não, não. — Ele parou no pé da escada, colocando as mãos nos meus ombros. — Vamos fazer um pacto. Chega de falar

do Ren. Eu só quero falar de você. — Ele sorriu. — E de mim. Vamos.

Ele me puxou, e eu tropecei um pouco enquanto atravessávamos o gramado.

— Aonde estamos indo?

— Já falei, é surpresa.

Andamos até um cobertor vazio no limite do jardim e Thomas se sentou, afrouxando a gravata e tirando o paletó. Sua camisa e seu cabelo estavam amarrotados e desejei pela milésima vez que Addie estivesse ali para aproveitar toda aquela beleza. O que eu estava fazendo era um desperdício.

— Agora, deita aqui — disse ele.

— O quê?

— Deita. — Ele deu um tapinha no cobertor.

— Thomas...

— Relaxa. Não vou fazer nada. Deita aqui só um segundo. Prometo que vou ficar bem aqui.

Eu olhei para ele por um momento, depois me deitei no cobertor, ajeitando o vestido à minha volta.

— E agora?

— Fecha os olhos. Vou dizer quando deve abri-los.

Olhei para ele e soltei o ar, sem fechar completamente os olhos. Ele precisava ser tão gato? Aquilo estava complicando muito a minha vida.

Ele começou a contar devagar.

— Vinte... dezenove... dezoito... — Quando chegou ao “um”, eu estava deitada ali havia meio século, e abri os olhos sob o som de um aplauso coletivo no gramado.

A nossa volta, erguiam-se lanternas brancas de papel iluminadas por velas. Havia *centenas* delas.

Thomas sorriu ao ver minha expressão perplexa.

— Valentina me falou que eles iam fazer isso. Legal, não é?

— Muito legal.

Observamos em silêncio por um tempo, as lanternas rodopiavam em direção às estrelas como graciosas águas-vivas. A noite estava linda e mágica e *aiiii...* Eu estava tão triste que poderia até chorar. Ali estava eu, na *Itália*, testemunhando uma cena saída de um conto de fadas, e só conseguia pensar em Ren. Será que eu ia ficar igual a Howard? Com o coração partido para sempre? Eu teria que comprar um skate e começar a fazer muffins de blueberry no meio da noite?

— Eu disse que você ia gostar. Também vão soltar fogos mais tarde.

Thomas se apoiou em um dos cotovelos, aproximando o rosto do meu. Lanternas se refletiam em seus olhos, e por um segundo esqueci por que não estava a fim dele. Então me lembrei.

— Thomas, preciso dizer uma coisa.

— Shh. Você pode dizer depois.

Antes que eu pudesse reagir, ele rolou para cima de mim, pressionando a boca contra a minha e me imprensando no chão. Por um segundo, foi como o Natal, meu aniversário e as férias de verão ao mesmo tempo, aquilo estava *errado*. Eu me contorci para me livrar dele e me sentei.

— Thomas, não posso fazer isso.

— Por quê?

Ele também se sentou, com uma expressão confusa. Devia ser a primeira vez que alguém o rejeitava. Coitadinho.

Balancei a cabeça.

— Você é incrível. E lindo. Mas simplesmente não posso.

— Por causa do Ren?

— É.

— Por que veio comigo se gosta dele?

— Desculpa. Foi horrível da minha parte. E eu deveria ter falado antes.

Ele se levantou e pegou o paletó, limpando a grama que grudara na calça.

— Por sorte, seu namoradinho está bem ali.

— O quê?

Eu me virei. Ren estava a poucos metros de distância, de costas pra mim. Eu me levantei às pressas.

— A gente se vê — disse Thomas.

— Thomas, desculpa mesmo! — gritei, mas ele já estava voltando para a casa.

Eu respirei fundo, peguei os sapatos e meio que corri até Ren. Ele vestia um terno azul-marinho e parecia que alguém precisara segurá-lo para cortar seu cabelo.

Toquei suas costas.

— Ren?

Ele se virou e senti os cacos do meu coração partido virarem pó. Ele estava tão lindo! Mas *tão* lindo!

— Oi. — Nem mesmo um leve tom de surpresa.

— Eu estava torcendo muito pra encontrar você aqui. Podemos conversar?

De repente, Mimi surgiu do meio de um grupo de garotas perto dali. Ela usava um vestido preto justo com fendas nas costelas e delineador preto. Parecia um tigre. Eu nunca vira nada tão aterrorizante.

Ela deu o braço ao Ren.

— Oi, Lina. Como está Thomas?

— Ele está bem — falei, em voz baixa.

— Ren, vamos voltar lá pra dentro. Acho que a banda vai recomeçar.

— Ren, posso falar com você um minuto? — pedi.

Ele estava com o olhar distante.

— Estou meio ocupado.

— Por favor! Vai levar só um minuto. Só preciso falar uma coisa com você.

— Ele está ocupado — disse Mimi, apertando o braço do Ren com mais força.

Ele olhou para a mão dela, depois para mim.

— Ok. Um minuto.

— Sério, Ren? — reclamou Mimi.

— Só vai levar um segundo. Já volto.

Ela se virou e saiu rebolando. A garota sabia rebolar.

— O que foi? — perguntou Ren calmamente.

— Podemos andar um pouco?

Quando chegamos a um canto do jardim, as lanternas já haviam se tornado pequenos pontos no céu, e eu tinha cem por cento de certeza de que Ren não havia esquecido o que acontecera em Roma. Ele ia se arrastando atrás de mim como um robô bem-vestido e eu me sentia cada vez pior. Será que ia dar certo?

O jardim tinha vários níveis, e descemos alguns degraus, passando por um casal que dava uns amassos encostado numa árvore e um grupo de garotos cavalgando bastões de críquete como se fossem jôqueis. Com certeza daríamos boas gargalhadas ao ver aquelas cenas. Quer dizer, se estivéssemos numa boa.

Chegamos a um banco de pedra branca, e Ren se sentou. Eu me sentei ao lado dele.

— Que festa incrível — falei.

Ele apenas deu de ombros.

Bem, ele não ia facilitar as coisas para mim.

— Acho que vou falar logo. — Minha voz estava falhando. — Eu nunca conheci ninguém como você, Ren. Você é inteligente, engraçado e muito fácil de conviver, e é a única pessoa que conheci depois da morte da minha mãe com quem sinto que não preciso agir de um jeito artificial. E eu sinto muito, *muito mesmo*, pelo que aconteceu em Roma. Aquele beijo não foi justo porque você tem namorada... ou *tinha* namorada... — Eu olhei para ele, esperando um esclarecimento, mas ele não disse nada. — Enfim. Até aquele momento, eu não sabia o que sentia, mas deveria ter falado, em vez de ter pulado em cima de você. Bom, o que estou tentando dizer é que gosto muito de você. Muito, mas se não sentir o mesmo por mim, tudo bem, porque você é muito importante pra mim, e espero que a gente ainda possa ser amigo.

De repente, uma segunda rodada de aplausos começou no gramado e houve um chiado seguido pelo estouro de fogos de artifício vermelhos explodindo no céu.

Teria sido o momento perfeito para Ren me tomar nos braços e declarar seu amor eterno.

Só que ele não fez isso.

Eu me ajeitei, desconfortável. Soltaram mais fogos de artifício, mas Ren nem olhou para cima.

— Seria muito bom se você dissesse alguma coisa.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei o que você quer que eu diga. Por que não me contou antes? E em Roma, por que disse que nunca tinha pensado em mim como mais que um amigo?

Droga. Eu não deveria ter falado aquilo.

— Acho que foi por orgulho. Estava na cara que você não queria me beijar, e eu fiquei morrendo de vergonha. Só estava tentando

consertar as coisas.

Ele ergueu o rosto.

— Bem, você está errada. Eu queria muito beijar você, mas parei porque tive medo de que você não quisesse fazer aquilo de verdade. Conhecer Matteo foi uma loucura, e eu não queria que acontecesse nada porque você estava passando por altos e baixos na sua vida emocional. E depois você disse que *não* queria ter me beijado.

— Mas eu queria. É isso o que eu estou...

Ele me interrompeu.

— Eu gostei da Mimi por muito tempo. Por uns dois anos. Eu pensava nela o tempo todo, e quando as coisas finalmente começaram a acontecer entre nós, me achei o cara mais sortudo do mundo. Só que aí conheci você e de repente comecei a evitar as ligações dela e tentar pensar em jeitos de te convencer a sair comigo. Então, na noite em que fomos à Space, eu liguei pra ela e terminei o namoro. Eu não sabia se ia dar certo entre a gente, mas queria muito ter uma chance.

Ele balançou a cabeça.

— Aí fomos a Roma. E tudo aquilo aconteceu. E hoje... — Ele se levantou. — Por que você acha que pode ficar dando em cima do Thomas e depois vir dizer que gosta de mim?

Um tipo completamente diferente de fogos de artifício explodiu na minha mente.

— Por que você acha que pode ficar dando em cima da Mimi e depois dizer que está a fim de mim? Era você quem tinha namorada esse tempo todo.

— Você está certa. *Tinha* namorada. Mas terminei. E não era eu que estava rolando no chão com outra pessoa. O que eu sou pra você? Seu plano B?

Eu me levantei de repente.

— Se você estava mesmo prestando atenção, deve ter notado que eu tirei Thomas de cima de mim e disse que gostava de você, mas esquece. Não me importo mais.

— Nem eu. Vou voltar pra festa. E é melhor você voltar pro seu acompanhante.

Ele se virou e foi embora.

— *Stronzo!* — gritei.

Um fogo de artifício em forma de coração explodiu acima da cabeça dele.



Capítulo 28



HOWARD LEVOU QUASE uma hora para encontrar a casa de Valentina. Primeiro porque eu não sabia quem ela era, e depois porque eu não encontrei ninguém que soubesse o endereço. Selma e seu decote biônico tinham desaparecido, e não consegui achar Elena, Marco ou qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Enfim, consegui fazer o cara da porta me dizer onde eu estava, mas ele não falava inglês muito bem e continuava protegendo a prancheta como se eu estivesse tentando enrolá-lo para entrar de penetra. No fim, entreguei meu celular a ele, que deu o endereço a Howard.

Quando o carro dele parou na entrada, toda a raiva se esvaíra de mim e eu estava animada como um macarrão mole. Eu me sentia amarrotada. Não, *esfarrapada*. E quando entrei no carro Howard nem me perguntou como tinha sido. Ele viu na minha cara.

Já em casa, joguei o vestido no chão, coloquei uma camiseta e uma calça de pijama e descii. Eu estava prestes a cair no choro, mas não suportava a ideia de chorar sozinha no quarto. De novo. Eu tinha cruzado o limite do patético.

— Tem gelato e chá — disse Howard quando entrei na cozinha. — O que você prefere?

— Gelato.

— Excelente escolha. Por que não vai se sentar na sala? Eu levo uma tigela para você.

— Obrigada.

Eu me sentei de pernas cruzadas no sofá, apoiando a cabeça na parede. Tinha passado a noite inteira procurando Ren, e ele me viu

justo no momento em que Thomas me beijara. Que azar. Será que o destino estava contra nós? E eu o tinha mesmo chamado de *stronzo*? Eu nem sabia o que aquilo significava.

Howard chegou com duas tigelas.

— Peguei dois sabores para você: morango e coco. Desculpe por não termos *stracciatella*. Dá pra ver que esse seria o sabor perfeito para uma noite como essa.

— Tudo bem.

Peguei a tigela, equilibrando-a no joelho.

— Noite difícil?

— Acho que não vai dar certo com Ren. — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Nem mesmo a amizade.

— A conversa de vocês não foi boa?

— Não. Na verdade, começamos a gritar um com o outro, e eu o xinguei em italiano. Ou pelo menos acho que era um xingamento.

— Qual foi?

— *Stronzo*.

Ele se sentou na poltrona diante de mim, assentindo gravemente.

— Podemos nos recuperar de um *stronzo*. E, lembre-se, ainda não acabou. Durante anos achei que as coisas estavam completamente terminadas com sua mãe, mas voltamos a nos falar antes de ela receber o diagnóstico.

— É mesmo?

— Sim. Ela me mandou um e-mail e nos correspondemos por quase um ano. Foi como se tivéssemos retomado bem do ponto onde tínhamos parado. Não conversávamos sobre nada pesado, eram só provocações divertidas.

— Vocês se encontraram?

— Não. Ela devia saber que, se eu a visse de novo, ia sequestrá-la. Sem nem perguntar nada.

— Como as sabinas. — Tentei tomar uma colherada de gelato, mas só o senti deslizar pela língua e larguei a colher na tigela. — Vocês dois basicamente têm a história mais triste que eu já conheci.

— Eu não diria isso. Houve muita coisa boa.

Suspirei.

— Então, como eu esqueço Ren?

— Sou a pior pessoa a quem você deve perguntar isso. Eu me apaixonei e nunca mais fui capaz de esquecer essa paixão. Mas, se quer saber, vale a pena. “Uma vida sem amor é como um ano sem verão.”

— Profundo, mas estou pronta para o verão terminar.

Ele sorriu.

— Dê tempo ao tempo. Vai ficar tudo bem.

* * *

Eu e Howard ficamos acordados até muito tarde. Quando olhei o celular, tinha uma mensagem de duas palavras da Addie (ELES TOPARAM!!!), e eu e Howard passamos mais de uma hora discutindo os prós e os contras de ficar em Florença. Ele até pegou um caderno pautado e fez duas colunas: MOTIVOS PARA FICAR e MOTIVOS PARA IR EMBORA. Eu não acrescentei Ren à lista porque não conseguia decidir em qual coluna ele se encaixava. Vê-lo todos os dias com o coração partido? Ou ficar com o coração partido e nunca mais vê-lo? As duas opções eram bem tristes.

Finalmente, fui para a cama, onde passei a noite me revirando. No fim das contas, existe uma razão para a expressão “cair de amores”. Porque quando isso acontece, quando acontece de verdade, é mesmo uma queda. Não há o que fazer, você simplesmente se joga de cabeça e torce para ter alguém para

segurá-lo. Senão, vai acabar se machucando feio. Pode acreditar em mim, eu sei.

Devo ter pegado no sono em algum momento, porque lá pelas quatro da manhã acordei em pânico. Alguma coisa tinha me *acertado*? Eu me levantei com o coração disparado. A janela tinha ficado escancarada como sempre, e um céu salpicado de estrelas cintilava sobre a copa das árvores do cemitério. A paisagem estava calma e imóvel como um lago. Nem uma única ondulação.

— Foi só um sonho — falei, com a voz supercalma e controlada.

A voz era a única parte de mim que não estava surtando pela possibilidade de algo frio ter encostado na minha perna.

Não que fizesse o menor sentido.

Balancei a cabeça, puxando as cobertas para voltar a dormir como uma pessoa racional, mas gritei e pulei uns quinze centímetros, porque havia moedas em todo canto. Tipo, *todo canto* mesmo.

Estavam espalhadas pela minha cama e pelo tapete, e algumas até haviam caído sobre o vestido, que continuava amarrotado no chão, largado no montinho de roupa mais triste do mundo. Corri para acender o abajur e me abaixei para olhar, tomando o cuidado de não tocar em nenhuma delas. Quase todas eram de um ou dois centavos, cor de cobre, mas algumas eram de vinte ou de cinquenta centavos. Havia até uma moeda de dois euros.

Estava chovendo dinheiro no meu quarto.

— O que está acontecendo? — falei, em voz alta.

Nesse momento, outra moeda voou pela janela aberta, me atingindo em cheio no rosto, o que me fez ficar na posição de proteção que eu tinha aprendido nas simulações para terremoto da escola. Mas quando me joguei no chão, eu não estava mais assustada. Sabia exatamente o que estava acontecendo.

Alguém estava jogando moedas pela minha janela. E isso só podia significar duas coisas: ou que um funcionário do governo italiano estava tentando me avisar que eu tinha ganhado na loteria ou que Ren estava tentando me acordar. De um jeito ou de outro, minha noite acabara de ficar muito melhor.

Eu me levantei e corri para a janela.

Ren estava a dois metros da minha casa, com o braço pronto para arremessar outra moeda.

— Cuidado!

Eu me joguei no chão outra vez.

— Desculpa.

Levantei devagar. O paletó e a gravata do Ren estavam largados na grama, e ele segurava um saco de papel branco na outra mão. Fiquei tão feliz por vê-lo que tive vontade de socá-lo.

Eu sei. Sentimentos conflitantes.

— Oi — disse ele.

— Oi.

Ficamos nos encarando. Parte de mim queria arremessar o vestido nele e outra parte queria soltar meu cabelo de Medusa para que Ren subisse por ele até o quarto. Acho que tudo ia depender do motivo que o levara até ali.

Ren também parecia enfrentar um conflito interno. Ele ficou lá embaixo por um instante, inquieto.

— Você se incomoda de descer?

Esperei exatamente nove décimos de segundo, depois passei uma das pernas sobre o parapeito e baixei o corpo devagar. Alguns dos tijolos eram irregulares, e eu os usei como apoio para descer pela parede da casa.

— Cuidado — sussurrou Ren, estendendo os braços para me pegar.

Tive que pular no final da descida e bati nele, que acabou caindo de forma constrangedora, e nos embolamos no chão. Nós dois nos levantamos depressa, e Ren deu um passo para trás, me olhando com uma expressão que eu não conseguia entender.

— Você podia ter usado a escada — disse ele.

— Escadas são para *stronzos*.

Ele abriu um sorriso.

— Você foi embora da festa.

— Fui.

De repente, uma luz se acendeu no quarto do Howard.

— Howard! — sussurrou Ren para mim.

Ren parecia um pé-grande que tinha sido surpreendido na floresta. Nunca superaria aquela primeira conversa entre ele e Howard.

— Vem.

Peguei a mão dele e corremos para a cerca dos fundos, tentando, sem sucesso, não tropeçar em cada obstáculo que encontrávamos. Eu esperava que nunca precisássemos levar uma vida de crimes, porque tinha certeza de que seríamos os piores fugitivos do mundo.

— Com certeza ele ouviu a gente — ofegou Ren quando chegamos ao muro.

— Acho que voltou a dormir. Olha. A luz do quarto está apagada de novo.

Mentirinha. O mais provável era que Howard tivesse entendido o que estava acontecendo, sem se incomodar com minha fuga em plena madrugada. Ele era mesmo o máximo. Eu me virei para olhar Ren, mas estava tão nervosa que não conseguia encará-lo. O mesmo parecia estar acontecendo com ele.

— Então, o que você queria falar comigo?

Ele chutou a grama.

— Eu, humm, não falei mais cedo, mas você estava maravilhosa hoje. Era sua versão do vestido, não era?

— Era. — Eu também baixei o rosto. — Mas acho que não funcionou.

— Não, funcionou sim. Pode acreditar. Sabe, lá... na festa. — Ele soltou um suspiro. — Fiquei morrendo de raiva quando vi você com Thomas.

Assenti, fazendo o máximo para ignorar a faísca de esperança no meu peito. *E...*

— Eu realmente preciso me desculpar. Fiquei muito triste em Roma quando você disse que nunca, jamais, jamais, jamais *mesmo*, tinha pensado em mim como nada além de um amigo...

— Eu só falei “jamais” duas vezes — protestei.

— Tudo bem. Nunca, *jamais, jamais mesmo*. Foi como levar um tapa na cara. E quando Thomas está envolvido, me comporto que nem um idiota. Ele é tipo um popstar britânico. Como competir?

Soltei um gemido.

— Popstar britânico?

— É. Mas o sotaque é falso. Na verdade, ele cresceu perto de Boston, e quando fica muito bêbado, esquece toda a pompa inglesa e fica parecendo um daqueles caras que vemos gritando nos jogos dos Red Sox com letras pintadas na barriga cheia de cerveja.

— Isso é horrível. — Respirei fundo. — Sinto muito por ter falado que nunca, jamais, jamais mesmo...

— Jamais — acrescentou Ren.

— ... jamais tinha pensado em você como nada além de um amigo. Não era verdade. — Pigarreei. — Jamais. Além disso, você não é um *stronzo*.

Ren abriu um sorrisinho esperançoso que na mesma hora me contagiou e me fez sorrir também.

— Onde você aprendeu essa palavra, afinal?

— Com Mimi.

Ele balançou a cabeça.

— Então você falou sério lá? Quando disse que não estava com Thomas?

Assenti.

— E você não está mais com Mimi?

— Não. Estou cem por cento solteiro.

— Humm — falei, e meu sorriso se abriu ainda mais.

Ficamos nos encarando por um bom tempo, e tenho certeza de que todas as quatro mil lápides se inclinaram para ouvir o que ia acontecer em seguida. Então... íamos só ficar ali parados nos *olhando*? E quanto àquela louca paixão italiana que estava rolando entre a gente?

Ele deu um passinho para a frente.

— Você terminou de ler o diário?

— Terminei.

— E aí?

Soltei um suspiro.

— Acho que eles eram perfeitos um pro outro, mas outras coisas atrapalharam. E Howard sempre soube que não era meu pai. Ele só queria muito fazer parte da minha vida.

— Howard é inteligente e ameaçador.

Ele me ofereceu o saco de papel branco que estava carregando todo aquele tempo.

— O que é isso?

— Um pedido oficial de desculpas. Depois que saí da festa, fui a Florença e comecei a dirigir sem rumo e perguntar às pessoas onde podia encontrar uma padaria secreta. Até que umas mulheres que

estavam saindo de uma boate me explicaram aonde ir. Fica na Via del Canto Rivolto. E é incrível.

Abri o saco e um maravilhoso cheiro quente e amanteigado subiu. Um doce em forma de semicírculo estava enrolado num papel branco.

— O que é isso?

— *Cornetto con Nutella*. Comprei dois, mas comi um no caminho. E depois usei o troco pra acordar você.

Fiz uma reverência e enfiei a mão dentro do saco, depois dei uma grande mordida no *cornetto*. Era quente, cremoso e tinha o sabor de tudo de mais perfeito que podia acontecer com uma pessoa. Verões na Itália. Primeiros amores. Chocolate. Dei outra mordida considerável.

— Ren?

— Sim?

— Da próxima vez, por favor, não coma o outro *cornetto*.

Ele riu.

— Eu nem sabia se você ia querer falar comigo, mas apostava que se trouxesse algo pra comer eu teria uma chance. Da próxima vez que deixar você sozinha no escuro como um completo idiota, vou comprar uma dúzia.

— Uma dúzia no mínimo. — Respirei fundo. Agora que tinha Nutella correndo nas minhas veias, eu me sentia invencível. — E só pra sua informação, eu estava falando sério na casa da Valentina. É de você que eu gosto. Talvez seja até amor.

— Talvez seja até amor, hein? Bem, isso é uma boa notícia, porque talvez eu também ame você.

Sorrimos um para o outro e uma sensação quente e maliciosa atravessou meu corpo. Vi que Ren estava sentindo a mesma coisa,

porque de repente estávamos tão próximos que eu conseguia contar os cílios dele. *Me beija, me beija, me beija.*

Ele estreitou os olhos.

— Acho que você está com o rosto sujo de Nutella.

Soltei um gemido.

— Ren, será que você pode me beijar de uma...

Mas não cheguei a terminar a frase, porque ele se aproximou e nos beijamos. Tipo, nos beijamos mesmo. E, no fim das contas, acho que passei a vida inteira esperando para ser beijada por Lorenzo Ferrara num cemitério americano no meio da Itália. Essa é a mais pura verdade.

Eventualmente nos afastamos. Sabe-se lá como, acabamos deitados de barriga para cima na grama e ficamos ali olhando as estrelas com aqueles sorrisos enormes, típicos das manhãs de Natal, sorrisos que deveriam ser cafonas, mas que na verdade eram só incríveis.

— Por favor, podemos contar este como o nosso primeiro beijo oficial?

— O primeiro de muitos — disse ele. — Mas, se não tiver problema pra você, eu não vou esquecer aquele de Roma também. Até eu ter interrompido tudo de forma tão brusca, aquele beijo foi basicamente a melhor coisa que já tinha me acontecido.

— Pra mim também — falei.

Ele ficou de lado, se apoiando num dos cotovelos.

— Então... Eu ando querendo perguntar uma coisa.

— O quê?

Ele tirou o cabelo dos olhos.

— Já pensou como seria ficar aqui na Itália? De vez? Agora que você tem um namorado e tal?

Namorado. As estrelas piscaram em êxtase.

Eu também me apoiei num dos cotovelos.

— Eu estava meio que pensando nisso mais cedo. Addie mandou uma mensagem dizendo que posso morar com ela e a família no próximo ano, e Howard e eu passamos um tempão conversando sobre isso.

— E?

Respirei fundo.

— Eu vou ficar, Lorenzo.

Ele ofegou.

— Você enrolou o *R*? Juro que você acabou de enrolar o *R*. Fala de novo.

Sorri.

— Lo-ren-zo. Eu sou metade italiana, não é? Preciso conseguir enrolar o *R*. E, qual é? Eu digo que vou ficar em Florença e você se anima só porque consigo pronunciar seu nome direito?

— Nunca me senti tão animado na vida.

Sorrimos um para o outro. Então me aproximei e o beijei de novo. Porque agora isso era uma coisa nossa.

— Então está me dizendo que não só gosta de mim, talvez até me ame, como também que vai ficar aqui de vez?

— Foi exatamente o que eu disse.

— Esta é oficialmente *la notte più bella della mia vita*.

— Tenho certeza de que eu concordaria com você se entendesse o que significa.

— Logo logo você vai estar falando italiano. — Ele entrelaçou os dedos nos meus. — Então agora que não vamos ficar perseguindo os ex-namorados da sua mãe, o que vamos fazer?

Eu dei de ombros.

— Nos apaixonar?

— Se for isso eu já queimei a largada. — Ele estendeu o indicador, encostando-o ao meu e formando um pequeno telhadinho.

— Ei, acabei de pensar numa coisa.

— No quê?

— Quando estamos juntos, formamos um italiano inteiro.

Sorri, olhando para nossos dedos e sentindo meu coração se encher de amor tão depressa que tive que fechar os olhos para conter as lágrimas.

Ele se aproximou de mim.

— Ei, o que foi? Você está chorando?

Balancei a cabeça, abrindo os olhos devagar e sorrindo para ele.

— Não, não é nada.

Mas era alguma coisa. Eu não queria estragar o momento explicando a Ren, mas de repente eu via aquele momento de fora e não queria que ele nunca, jamais (jamais) terminasse. Eu sujara meu rosto de Nutella, e meu primeiro amor verdadeiro estava deitado ao meu lado, e a qualquer minuto as estrelas desapareceriam para dar lugar a um novo dia, e pela primeira vez em muito tempo, eu mal podia esperar para ver o que esse dia traria.

E aquilo era importante.

Agradecimentos

Antes de *Amor & gelato*, eu tinha apenas uma vaga noção de quantas pessoas são necessárias para fazer um livro. No fim das contas, é muita gente. Montes. Pilhas. Bandos. Então aqui está minha melhor tentativa de representar esse número.

Meu primeiro agradecimento tem que ir para meus pais, e em especial para minha mãe, Keri DiSera Evans, por me dar a Itália. Aqueles dois anos ampliaram meu mundo enormemente e foram pura magia. Obrigada por nunca se conformar com o *status quo*. Você é minha heroína.

Obrigada a meu pai inspirador, Richard Paul Evans, que não apenas me levou ao abismo da carreira literária, como também me empurrou lá de cima. Só posso sonhar em escrever tantos livros ou tocar tantas vidas quanto você. Obrigada por não me deixar desistir. (Obrigada, obrigada, obrigada.) Estou fazendo de tudo para recompensá-lo com netos superengraçados.

Um obrigada especial a você, meu filho, Samuel Lawrence Welch. Recebi a notícia de que *Amor & gelato* seria um livro de verdade poucos minutos depois de você soprar a velinha do seu primeiro bolo de aniversário, e ainda não consigo acreditar que tenho a oportunidade de viver meus dois sonhos ao mesmo tempo. Obrigada por fazer com que eu arranjasse tempo para brincar de carrinho e ler livros bobos. E você está certo: lápis deveriam ser usados para desenhar trenzinhos, não para escrever finais. Eles podem esperar. (Agora, para o Sam adulto: você precisava de um sinal de que pode realizar seu maior e mais assustador sonho? Este é seu sinal. Vá em frente, Sammy Bean.)

Obrigada a minha eterna amiga/parente/fada madrinha Laurie Liss. Eu tive muita sorte de ter você na minha vida e me sinto ainda mais sortuda por tê-la como agente. Eu simplesmente não poderia amá-la mais do que já amo. Obrigada por acreditar em mim.

Obrigada, obrigada a todo mundo da Simon Pulse, e em especial a minhas brilhantes editoras Fiona Simpson e Nicole Ellul. Esta história não teria acontecido sem vocês. Obrigada por se animarem com Lina e Ren e me mostrarem o que estava e o que não estava dando certo (do jeito mais delicado possível) e por me ajudarem a encontrar minha voz. Sinceramente, não tenho como agradecer por me ajudarem a escrever um livro que amo. Então apenas obrigada.

Obrigada aos meus amigos da Escola Americana Internacional de Florença, em particular a Ioiana Luncheon, a garota de carne e osso que foi criada no cemitério americano de Florença. Obviamente pensei muito em você e nas suas corridas pelo cemitério ao longo dos anos. Obrigada pela ajuda com as traduções e a verificação dos fatos. Você foi maravilhosa. (E também peço desculpas ao atual administrador do cemitério americano de Florença. Fiquei um pouquinho empolgada demais com minha visita e não tive a intenção de causar problemas nem atrapalhar o jantar da sua família. Toda vez que penso nisso, sinto vontade de morrer.)

Um agradecimento de coração ao garoto de quatorze anos que me chamou para sair enquanto eu estava trabalhando no livro na Millcreek Library. Eu estava com dificuldade para escrever naquele dia e você mudou tudo. Além do mais, perdoo você por gritar "Ela é VEEELHA!" para seus amigos. Tenho certeza de que você não fez por mal.

Deixei o melhor para o final, obrigada a você, David Thomas Welch, meu marido. Você é extremamente talentoso, gentil e forte e me apoiou muito. Obrigada por acreditar que eu ia conseguir mesmo

quando eu não acreditava. Obrigada por todo o peso extra que carregou para me permitir realizar meu sonho. Obrigada por escutar todas as direções malucas que a história poderia ter tomado e por permitir que Lina e Ren morassem na nossa casa como se fossem pessoas de verdade. (E eles são, não é?) Mas, sobretudo, obrigada por me escolher. Em dezembro faz treze anos que sentei no seu carro e criei coragem para dizer: "Humm, oi. Você quer ficar mais um pouco?" Fico muito feliz por você ter aceitado.

AMOR & SORTE

intrínseca



∞ JENNA EVANS WELCH ∞

Autora de Amor & gelato



AMOR & SORTE

Jenna Evans Welch

Tradução de Flora Pinheiro



Copyright © 2018 by Jenna Evans Welch

Publicado originalmente nos Estados Unidos por Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL

Love & Luck

PREPARAÇÃO

Anna Beatriz Seilhe

Carolina Vaz

REVISÃO

Marcela Ramos

ARTE E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© 2018 by Karina Granda

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Nora Jane, que possui dois pés excepcionalmente corajosos e um sorriso com uma única covinha, que iluminou minha escuridão por mais de um ano. Este é para você, minha menininha.

Cara leitora de coração partido,

O que você imagina quando falamos de uma viagem pela Irlanda? Um monte de gente cantando e bebendo em um pub barulhento e mal iluminado? Passeios por castelos antigos cheios de musgo? Correr descalça por um campo de trevos de quatro folhas? Ou talvez a velha música de Johnny Cash sobre os quarenta tons de verde: "*green, green, forty shades of green.*"

Seja lá o que tiver imaginado, pobre alma apaixonada, posso afirmar que *você está enganada*. O que não quer dizer que você não vai acabar cantando "All for Me Grog" aos berros em uma pequena taverna em Dublin ou que não vai passar algumas tardes tropeçando por terrenos de castelos cheios de poças, mas sim que essa viagem vai ser, sem sombra de dúvida, *ainda melhor do que qualquer coisa que tenha imaginado*. Não acredita em mim? Pois espere só até estar na beirada das Falésias de Moher, os cabelos se embaraçando ao vento, o coração martelando como um tambor. Aí a gente conversa.

Sei que você passou por poucas e boas, sua manteiguinha derretida, então vou explicar melhor. Você está prestes a se apaixonar por um lugar que não só vai curar seu coração partido como também vai desafiá-la de todas as maneiras imagináveis. Abra sua mala, sua mente e, acima de tudo, este guia, pois não sou apenas uma especialista imbatível em Irlanda, também sou uma especialista

imbatível em corações partidos. Sou tipo uma guia dois em um. E não tente fingir que não precisa de mim. Nós duas sabemos que existem milhares de guias de viagem sobre a Irlanda, e ainda assim você escolheu este aqui.

Você veio ao lugar certo, docinho de coco. A Ilha Esmeralda pode não ser o único lugar do mundo para curar um coração partido, mas é o melhor.

Acredite.

P.S.: Recentemente, em uma tarde ensolarada no condado de Clare, na Irlanda, contei quarenta e sete tons de verde. E agora, Johnny Cash?

— Introdução de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição



Prólogo



ESTE É O PIOR VERÃO DE TODOS.

Foi com esse pensamento que caí. Não foi: *Estou caindo*. Não foi: *Acabei de empurrar meu irmão das Falésias de Moher*. Nem mesmo: *Minha tia vai me matar por estragar seu casamento*. Só: *Este é o pior verão de todos*.

Devo admitir que minha capacidade de raciocínio não estava uma maravilha. E, ao terminar de rolar pelo barranco, eu também não.

Quando parei, meu vestido de grife e eu tínhamos passado por pelo menos dez poças de lama, e eu estava em cima de algo fedorento. Mas as surpresinhas de vaca não eram a pior parte. Em algum ponto da descida, eu tinha batido em algo — com força — e meus pulmões estavam tentando lembrar o que deveriam fazer. *Respirem*, implorei a eles. *Respirem, não é difícil*.

Por fim, consegui respirar. Fechei os olhos, obrigando-me a diminuir o ritmo e a inspirar contando até cinco, como faço sempre que uma pancada me deixa sem fôlego, o que acontece com uma frequência muito maior comigo do que com outras pessoas.

Tenho o que meu técnico de futebol chama de “perfil agressivo”. Em outras palavras, sempre que enfrentamos uma escola com jogadoras que se parecem com Átila, o Huno, só que de rabo de cavalo, sei que vou permanecer em campo o jogo inteiro. Levar pancadas de tirar o fôlego é uma das minhas especialidades. Mas,

em geral, quando isso acontece, estou usando chuteiras e uniforme, não batom e salto alto.

Cadê o Ian? Rolei para o lado, procurando meu irmão. Como eu, ele estava caído de costas, o paletó azul-marinho meio aberto, a cabeça virada para a base da colina, na direção de todos os ônibus de turismo no estacionamento. Ao contrário de mim, ele não estava se mexendo.

Nem um músculo.

Não. Fiquei de joelhos na hora, o pânico deixando minha visão turva. Os saltos prenderam na bainha do vestido e tentei me soltar, com aquelas cenas de vídeos de primeiros socorros a que somos obrigados a assistir na escola passando pela minha cabeça. Era para começar com o boca a boca? Compressões torácicas? Por que eu não tinha prestado mais atenção na aula?

Estava prestes a me jogar em cima dele quando seus olhos de repente se abriram.

— Ian? — sussurrei.

— Uau — disse ele, em tom cansado, olhando para as nuvens enquanto balançava um braço, depois o outro.

Eu caí de volta no chão, aliviada, lágrimas brotando em meus olhos. Posso ter empurrado meu irmão do topo de um penhasco, mas não o matei. Isso tinha que valer de alguma coisa.

— Continuem andando, pessoal. Olhem para cima. — Fiquei imóvel. A voz tinha sotaque britânico e estava muito próxima. — Hag's Head fica um pouco mais adiante. Ah, vejam só, tem um casamento acontecendo lá em cima! Conseguem ver a linda noiva? E... Minha nossa. Acho que ela perdeu uma das madrinhas. Uma baixinha de lavanda. Olá! Você está bem? Caiu, foi?

Eu me virei na hora, o corpo tenso, pronta para explodir com quem tinha acabado de me chamar de “baixinha de lavanda”, mas o que vi me fez querer sumir. Ian e eu havíamos chegado muito mais perto da trilha do que eu tinha percebido, e uma guia de turismo usando um poncho vermelho-cereja e um chapéu de aba larga se aproximava de nós conduzindo um grupo de turistas encantados. Só que nenhum deles olhava para a paisagem deslumbrante ou para a linda noiva — que por acaso era minha tia Mel. Estavam olhando para *mim*. Todos os trinta.

Parecia que nunca tinham visto uma briga no meio de um casamento.

Aja com naturalidade.

Eu me endireitei, puxando a saia do vestido para baixo.

— Foi só um tombo! — falei em tom alegre. *Credo*. “Tombo” não fazia parte do meu vocabulário. E que voz feliz e robótica era aquela saindo da minha boca?

A guia de turismo apontou seu guarda-chuva para mim.

— Você acabou mesmo de rolar daquela colina tão alta?

— Parece que sim — respondi, mais uma vez em tom alegre. Não era bem o que eu gostaria de dizer. *Não, só resolvi deitar no esterco*.

Olhei para Ian. Ele parecia estar se fingindo de morto. Muito conveniente.

— Tem certeza de que está bem?

Dessa vez, expressei em minha voz uma boa dose de *por favor, vá embora agora*.

— Absoluta.

Funcionou. A guia fez cara feia e ergueu o guarda-chuva, enxotando o grupo, que, relutante, saiu se arrastando como uma

centopeia gigante. Pelo menos eu tinha conseguido me livrar deles.

— Você podia ter me ajudado — falei para o corpo inerte de Ian.

Ele não respondeu. Típico. Nos últimos tempos, tirando os momentos em que tentava me convencer a contar para os nossos pais o que tinha acontecido no verão, ele mal olhava para mim. Não que eu pudesse culpá-lo. Também mal conseguia olhar para mim mesma, e olha que tinha sido eu quem estragara tudo.

Uma gota de chuva pingou na minha bochecha. E mais outra. *Sério? Agora?* Lancei um olhar de reprovação para o céu e levantei o braço, tentando cobrir minha cabeça enquanto avaliava minhas alternativas. Além de procurar abrigo em uma das lojinhas de souvenir, que mais pareciam tocas de hobbits, minha opção era subir a colina e voltar para a festa de casamento e para minha mãe, cuja raiva já emanava pelo campo. E eu não estava nada ansiosa para enfrentá-la.

Escutei as ondas baterem com violência contra as falésias, e o vento trouxe alguns fragmentos das conversas no topo da colina, como tinha feito com os confetes de borboleta que tínhamos jogado alguns minutos antes.

Você viu?

O que houve?

Eles estão bem?

— Eu não estou bem! — gritei, mas o vento engoliu minhas palavras.

Já fazia uma semana e três dias que eu não estava nada bem, desde que Cubby Jones — o garoto com quem eu tinha ficado em segredo o verão inteiro, o garoto por quem eu havia sido apaixonada durante toda a adolescência — tinha decidido esmagar meu coração

até virar pó e depois soprá-lo em cima do time de futebol americano inteiro. O time do qual *Ian* fazia parte. Não era de admirar que ele não conseguisse nem olhar para mim.

Então, não. Eu não estava nada bem. E continuaria assim por muito, muito tempo.

Talvez para sempre.

Wild Atlantic Way

Sou eu de novo, docinho. Vim dar uma dica importantíssima para você que está nos estágios iniciais de planejamento da viagem. Leia com cuidado, porque é uma das poucas regras rígidas que vai encontrar por aqui. Está prestando atenção? Lá vai. *Ao visitar a Irlanda pela primeira vez, sob hipótese alguma comece sua viagem pela capital, Dublin.*

Sei que parece arbitrário. E sei que você acabou de ver uma promoção imperdível para Dublin naquele site de viagens que tem rondado como um urubu a semana toda, mas acredite em mim. Há muitas razões para seguir esse conselho, sendo a principal delas a seguinte:

Dublin é uma cidade *sedutora feito o diabo*.

Eu sei o que você vai fazer agora, coisinha linda. Vai tentar argumentar, dizendo que o diabo não é lá muito sedutor, ao que eu responderia que o inferno é um excelente lugar para conhecer pessoas interessantes. Fora que aqueles lagos de fogo seriam perfeitos para aquecer os músculos e eliminar o estresse.

Mas não vamos desviar do assunto.

Imagine que você é seu par de brincos favorito, aquele desaparecido desde as comemorações de Ano-Novo. Agora imagine que Dublin é um aspirador de pó. Se chegar perto demais dessa cidade, ela vai sugar você e não haverá esperança de escapar intacta. Estou soando um pouco dramática? Que bom. Usei metáforas demais? Ótimo. Porque Dublin é dramática e digna do uso excessivo de metáforas. É cheia de museus interessantes, estátuas com apelidos hilários e inapropriados e pubs com algumas das melhores músicas do mundo. Aonde quer que vá, você vai encontrar coisas para fazer, ver e provar.

E é aí que está o problema.

Muitos turistas vão para Dublin com planos de passar um ou dois dias e depois se dedicar ao restante da Irlanda. E muitos se veem, uma semana depois, dando sua nonagésima volta em Temple Bar, carregando dois globos de neve com leprechauns dentro e uma sacola cheia de camisetas que custaram o olho da cara — e nada mais.

Típico.

Minha recomendação enfática (ou seria uma ordem?) é começar pelo oeste, mais especificamente no Wild Atlantic Way. E, ainda mais especificamente, em Burren e nas Falésias de Moher. Em breve vamos falar mais sobre isso.

DEVER DE CASA: *Surpresa!* Enquanto desbravamos essa ilha selvagem, vou propor pequenas atividades pensadas para deixá-la

ainda mais encantada pela Irlanda e, com um passo de cada vez, tirá-la desse fundo do poço, onde está mergulhada em mágoa. A primeira atividade? Continuar lendo. É sério. É só continuar a leitura.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

— VOCÊS COMEÇARAM A BRIGAR NO MEIO DA *CERIMÔNIA*.

Quando minha mãe ficava chateada, sua voz baixava três oitavas e ela começava a dizer coisas óbvias.

Desviei os olhos dos milhares de tons de verde que passavam a toda pela janela do carro, respirando fundo para me manter calma. O tutu lamacento do vestido estava espalhado ao meu redor e meus olhos estavam tão inchados que eu mal conseguia mantê-los abertos. Não que eu pudesse reclamar: o olho do Ian parecia muito pior.

— Mãe, a cerimônia já tinha acabado, a gente...

— Lado errado, lado errado! — gritou Archie.

Minha mãe xingou, girando o volante bruscamente para desviar de um trator. Eu cravei minhas unhas no braço mais próximo, que por acaso pertencia ao meu irmão mais velho, Walter.

— Addie, para com isso! — reclamou ele, puxando o braço. — Você tinha prometido que não ia mais me arranhar inteiro.

— A gente quase bateu de frente com um trator gigante. Não fiz de propósito — retruquei, empurrando-o de leve para o lado.

Eu tinha passado as últimas setenta e duas horas espremida entre meus irmãos Walter e Archie, dois grandalhões, nos mais variados meios de transporte, e minha claustrofobia estava no nível nove. Se subisse mais um pouco eu ia acabar socando alguém. De novo.

— Mãe, não liga pra eles, você está indo muito bem. Passou pelo trator com uma folga de uns sete ou oito centímetros — comentou Archie, enfiando a mão por baixo do descanso de cabeça do banco do motorista para dar um tapinha encorajador no ombro dela. Então

estreitou os olhos azuis para mim e moveu os lábios sem fazer som:
Para de estressar ela.

Walter e eu reviramos os olhos um para o outro. O homem no balcão da locadora de carros do aeroporto tinha garantido que levaria uma hora, no máximo duas, para minha mãe se acostumar a dirigir na mão inglesa, mas, depois de mais de quarenta e oito horas, cada vez que a gente entrava no carro eu tinha a mesma sensação de quando andava nas montanhas-russas capengas das feiras itinerantes. *Vamos todos morrer.* Eu considerava aquele funcionário da locadora pessoalmente responsável por todos os danos emocionais e psicológicos com os quais eu sem dúvida voltaria para casa.

Ian, que sempre ficava enjoado em viagens de carro e por isso ganhava o direito de ir no banco da frente, foi o único que não se abalou. Ele abriu a janela, fazendo entrar uma rajada de ar frio com cheiro de esterco, balançando o joelho como sempre.

Há duas coisas importantes a se saber sobre Ian. A primeira: ele nunca para de se mexer. Nunca. É o mais baixo dos meus irmãos, só alguns centímetros mais alto que eu, mas ninguém percebe porque sua energia preenche qualquer cômodo em que ele esteja. E a segunda: Ian tem níveis de raiva. Nos níveis de um a oito, ele grita como todos nós. De nove para cima? Ele fica em silêncio. Como agora.

Eu me inclinei para a frente, tentando ver melhor seu olho roxo. Havia um risco de lama abaixo de sua orelha e alguns tufo de grama no cabelo. O olho estava mesmo muito feio. Por que será que tinha inchado tanto e tão rápido?

Ian tocou a pele sob o olho com delicadeza, como se estivesse se perguntando a mesma coisa.

— Briga? Ah, mãe. Foi só uma discussão. Duvido que alguém tenha visto.

A voz dele estava calma, quase entediada. Ele estava mesmo tentando convencê-la.

— A palavra *discussão* sugere que não houve violência. Eu vi vocês se socando. O que significa que era uma briga — acrescentou Walter, muito prestativo. — Além disso, é só ver o seu olho.

— *Parem* de olhar para o meu olho — resmungou Ian, saindo do seu estado zen.

Todos olharam para ele, incluindo minha mãe, que na mesma hora começou a pegar a contramão.

— Mãe! — gritou Archie.

— *Eu sei* — retrucou ela, irritada, dando uma guinada para a esquerda.

Eu machuquei mesmo o Ian. Meu coração quase sumiu no meu peito, mas não o deixei escapar. Não tinha espaço para culpa, porque eu já estava transbordando de remorso, vergonha e ódio de mim mesma. Além disso, Ian *merecia* aquele olho roxo. Ele não parava de falar sobre o Cubby — quase me atacando com aquele nome. Era como se meu irmão tivesse uma vareta com uma brasa na ponta e me queimasse com ela sempre que quisesse.

A voz de Ian surgiu em minha cabeça — o disco arranhado que eu estava ouvindo havia dez dias. *Você tem que contar para a nossa mãe antes que outra pessoa conte.*

Uma onda de ansiedade subiu pelas minhas pernas com uma sensação quente de formigamento, e me debrucei em Archie para

abrir a janela, deixando outra lufada de ar entrar. *Não pense no Cubby. Não pense na escola. Não pense, ponto.* Eu estava a mais de seis mil quilômetros e dez dias do início do meu segundo ano do ensino médio — não deveria gastar o pouco tempo que me restava pensando no desastre para o qual voltaria.

Olhei pela janela, decidida, tentando prestar atenção na paisagem. Casas e pousadas pontilhavam o cenário formando pequenos aglomerados charmosos, com fachadas muito brancas enfatizadas pelas portas coloridas. Varais carregados de roupas balançavam ao sabor da brisa úmida, e vacas e ovelhas pastavam tão perto das casas que estavam quase entrando nos quintais.

Eu ainda não conseguia acreditar que estava ali. Quando se imagina um casamento no exterior, ninguém pensa em um penhasco com ventos fortes e garoa constante na costa oeste da Irlanda, mas tinha sido justo esse lugar que minha tia escolhera. As Falésias de Moher. Aliás, o *h* de Moher é pronunciado quase como um *r*, como em *rajadas* de vento e chuva, sem falar na *razoável* subida montanha acima em um par de saltos bege. No entanto, apesar de meus irmãos quase terem precisado carregar os futuros sogros da minha tia nas costas e de todos termos ficado com lama até o tornozelo antes mesmo de os votos serem feitos, eu entendia completamente por que minha tia escolhera aquele lugar.

Para começar, a filmagem para a TV ficaria linda. A equipe que acompanhava a tia Mel — uns caras de vinte e poucos anos com barbas cultivadas com muito esmero — nos obrigara a fazer o cortejo do casamento duas vezes, andando ao redor dela enquanto o vento açoitava seu vestido *art déco* de uma maneira que poderia ter deixado minha tia parecendo um boneco de posto, mas lhe dera

uma aparência esbelta e serena. E depois que estávamos todos posicionados, a vista passara a ser o mais importante, pois era tão *grandiosa*. Campos de um verde suave terminavam de modo abrupto em penhascos escarpados que desciam até o mar, onde ondas se quebravam nas rochas gerando uma espuma encantadora.

As falésias eram antigas e românticas, além de completamente indiferentes ao fato de que eu tinha passado o verão inteiro arruinando minha própria vida. *Pisaram no seu coração na frente de todo mundo?*, perguntavam os penhascos. *Grande coisa. Olha só como eu quebro essa próxima onda em um milhão de pequenos diamantes.*

Por um tempo, a vista lá de cima varrera todos os meus pensamentos. Nada de câmeras, Cubby ou irmão zangado. Havia sido meu primeiro descanso mental em mais de dez dias. Até Ian sussurrar: *Quando você vai contar para a nossa mãe?* Então, toda a ansiedade acumulada no meu peito explodira. Por que ele não podia deixar aquilo pra lá?

Walter também abriu a janela, criando uma corrente de ar pelo banco de trás. Então soltou um suspiro feliz.

— Todo mundo viu a briga. As pessoas ficaram chocadas quando vocês rolaram colina abaixo. Aposto que pelo menos um dos caras da equipe de filmagem gravou a cena. E depois apareceram aqueles turistas. Eles conversaram com vocês, não foi?

Ian parou de balançar a perna e cerrou o punho com raiva. Ele se virou para Walter.

— Walt, *cala a boca.*

— Vocês todos... — começou a dizer minha mãe, mas então empalideceu. — Ah, não.

— O quê? O que foi? — Archie chegou o rosto mais para a frente, tentando enxergar pelo para-brisa. — Uma rotatória — disse ele, no mesmo tom que um cientista da NASA usaria para anunciar que um meteorito estava prestes a destruir a Terra.

Eu agarrei o braço dos meus irmãos. Walter apertou o cinto de segurança no peito. Archie voltou ao modo treinador e começou a dar instruções.

— O motorista fica do lado de dentro da rotatória. Dê a preferência antes de entrar, não quando estiver nela. Mantenha o foco e, faça o que fizer, *não pise no freio*. Você consegue, mãe.

Entramos na rotatória como se fosse um redemoinho infestado de tubarões. Todos nós prendemos a respiração, a não ser por minha mãe, que soltou uma torrente de palavrões, e Ian, que continuava com sua agitação de sempre. Quando finalmente saímos, houve um suspiro de alívio coletivo no banco de trás, além de um último palavrão vindo do assento do motorista.

— Muito bem, mãe. Se a gente se sair assim nas próximas rotatórias, vai dar tudo certo — tranquilizou Archie, soltando minhas garras do seu braço.

Walt se inclinou para a frente, também se desvencilhando de mim.

— Mãe, por favor, pare de xingar. Você é péssima nisso.

— Todo mundo sabe xingar — retrucou ela, trêmula.

— Você acabou de refutar essa teoria sozinha, meus parabéns — discordou Walt. — Existe uma ciência por trás disso. Algumas palavras combinam, outras não. Você não pode simplesmente jogar todas na mesma frase.

— Mas muito bem posso jogar *todos vocês* para fora do carro — respondeu ela.

— Viu só? Bem melhor, mãe — elogiou ele. — Acho que você deveria se limitar aos trocadilhos. Pelo menos fazem sentido.

— É uma questão de contexto. E respeito pela forma — acrescentou Ian, com a voz tranquila outra vez.

Apertei minha saia enlameada, confusa. Ian estava calmo-furioso ou calmo-*calmo*?

Archie olhou feio para todos nós.

— Ela pode usar a combinação de palavras que quiser, desde que a gente chegue vivo ao hotel. Mãe, lembre-se das suas meditações de negócios. *Vá para seu lugar de poder.*

— Ótimo — resmungou Ian. — Você invocou a Catarina.

— Não precisava mencionar o nome dela — acrescentei.

Minha mãe franziu a testa para nós. Treze meses antes, ela havia trocado as calças de ioga e camisetas largas por um guarda-roupa de corretora de imóveis e várias gravações de *Sinta o Negócio, Seja o Negócio*, de uma guru de imóveis chamada Catarina Hayford. E não podíamos nem rir muito, porque em apenas um ano ela havia superado noventa por cento dos corretores mais experientes, chegando até a figurar nos outdoors da imobiliária. Isso significava que, praticamente em qualquer lugar de Seattle, eu podia olhar para cima e vê-la sorrindo para mim, imperiosa. E ela andava tão ocupada nos últimos tempos que às vezes eu só a via assim mesmo.

— Por que gastei meu dinheiro pagando uma viagem para a Irlanda para vocês quatro? — perguntou minha mãe, a voz alta e irritada.

— Não foi com seu dinheiro — respondeu Walt. — Foi com o da tia Mel. Além disso, se não fosse pelo pequeno espetáculo de Addie e Ian, o casamento teria sido um tédio, mesmo com aquela paisagem. — Ele me cutucou. — Para mim, a melhor parte foi quando nossa irmãzinha revolveu empurrar o Ian do penhasco. Ela estava tão *decidida*! Foi que nem aquela cena de *A princesa prometida*, quando a Buttercup empurra o Westley, que sai rolando colina abaixo e diz: “Como... quiser...”

— Duas coisas — disse Ian, os longos cabelos roçando o ombro quando se virou para trás. Seu olhar passou direto por mim. — Primeiro: ótima referência, já que as Falésias de Moher foi onde filmaram as cenas dos Rochedos da Perdição. Segundo: você por acaso *viu* o que aconteceu?

Walter ficou boquiaberto.

— Por que ninguém me avisou disso antes? Você tem razão. A gente estava lá! Nos Rochedos da Perdição. Poderíamos ter encenado essa parte...

— *Cala a boca*. — Tentei deixar minha voz o mais ameaçadora possível. Quando Walter começava, era como um trem a diesel humano: barulhento e impossível de parar.

— Senão o quê? Você vai me empurrar de um penhasco?

— Estava mais para um soco — interveio Archie. — Ou quem sabe um gancho de direita. A técnica foi muito boa mesmo. Fiquei impressionado, Addie.

Ian se virou de novo, bem rápido, e dessa vez seu olho roxo me encarou.

— Ela não me empurrou do penhasco. Eu *escorreguei*.

— Aham, claro. — Walter riu. — Ótima maneira de salvar sua dignidade, campeão.

Meti os cotovelos na perna de Walter e Archie, mas eles seguraram meus braços, e tive que lutar para me libertar.

— A gente caiu pelo lado da colina, não pelo penhasco. Ninguém estava em perigo.

Walter balançou a cabeça.

— Foi pura sorte. A tia Mel nunca teria nos perdoado se você tivesse estragado o casamento dos sonhos dela cometendo *assassinato*. — Ele sussurrou a última palavra, igualzinho ao narrador de seu programa de TV favorito sobre crimes reais.

— Mas imagina só os índices de audiência do episódio do casamento se isso tivesse acontecido — brincou Archie. — A HGTV amaria você pra sempre. Talvez até fizessem um reality show só seu. Uma mistura de penetra de casamentos com matadora de aluguel.

— Parem com isso *agora*. — Minha mãe até ousou tirar uma das mãos do volante para massagear a têmpora direita. — Quer saber? Vou parar o carro.

— Mãe, o que você está fazendo? — gritei quando ela seguiu para o acostamento, uma fila gigantesca de carros começando a buzinar atrás de nós. Se eu tivesse que ficar espremida naquele carro por um minuto além do necessário, ia surtar. — Tem um monte de carro atrás da gente. O acostamento é minúsculo.

— Sim, Addie, eu sei. — Trêmula, ela parou o carro com um solavanco. — Mas isso não pode esperar.

— A briga nas falésias foi cem por cento culpa do Ian! — gritei, sem pensar, e meus três irmãos se viraram para me olhar ao mesmo tempo, horrorizados.

Eu havia acabado de quebrar a regra número um do código dos irmãos Bennett: nunca jogue a culpa no outro. Só que aquela história do Cubby estava em outro nível. Talvez as regras antigas não valessem mais.

O rosto de Ian se contraiu de raiva.

— Foi você quem...

— CHEGA! — A voz de minha mãe reverberou pelo carro como um gongo. — Não quero saber *quem* começou. Não estou nem aí se Addie lambuzou você de mel e depois o empurrou para dentro da caverna de um urso. Vocês já são quase adultos. E já estou cansada dessas brigas. Vocês rolaram por um barranco. No meio de um casamento.

Caverna de urso? Lambuzado de mel? Minha mãe tinha uma imaginação fértil. Walter começou a rir, mas ficou em silêncio quando ela se virou para ele. Então ela se concentrou em Ian.

— Só falta um ano para você entrar na faculdade. Se acha que vou aturar esse tipo de comportamento, está muito enganado. Addie, você tem dezesseis anos e o autocontrole de uma criança de dez.

— Ei! — comecei a reclamar, porém Archie deu uma cotovelada nas minhas costelas, fazendo com que eu me dobrasse de dor.

Foi minha salvação. Se eu tinha alguma chance de sobreviver àquela bronca, precisaria aprender a dominar a sutil arte de *ficar quieta*. E minha mãe estava certa. Como aquele "ei" demonstrava tão bem, eu tinha sérios problemas de impulsividade, o que me colocava em apuros com frequência.

— Vocês dois sempre foram tão próximos — prosseguiu minha mãe. — Os mais próximos dos quatro. Por alguns anos, cheguei a

pensar que não notavam a existência de mais ninguém. O que está acontecendo neste verão?

O carro ficou silencioso de repente. Horrivelmente silencioso. Exceto pelos limpadores de para-brisa, que escolheram aquele exato momento para ganhar vida. *Neste verão, neste verão, neste verão*, repetiam eles, espalhando água pelo vidro. O joelho de Ian passou a balançar mais devagar, e senti seu olhar em meu rosto.

Conte pra ela.

Ergui os olhos para meu irmão, enviando uma mensagem telepática tão insistente quanto a dele.

Não. Vou. Contar.

— Está bem. Não querem contar, então não contem. — Minha mãe deu um tapa no volante e todos nos encolhemos. — Se o pai de vocês estivesse aqui, os dois estariam no primeiro voo de volta para Seattle. Sabem muito bem disso.

Ian e eu pulamos de susto quase ao mesmo tempo.

— Mãe, não! Eu *preciso* ir para a Itália. Preciso ver a Lina! — exclamei.

A voz controlada de Ian preencheu o carro:

— Mãe, você deveria pensar melhor.

Ela jogou as mãos para o alto com impaciência, rebatendo nossas emoções com um dos movimentos característicos de quando jogava tênis.

— Não falei que vou fazer isso.

— Calma, Addie, credo — sussurrou Walter. — Você quase deu de cara no para-brisa.

Eu desabei de volta no assento, o pânico se esvaindo de minhas veias. A única coisa boa no casamento da tia Mel — além da

paisagem deslumbrante — tinha sido me trazer para a Europa, o continente que roubara minha melhor amiga no começo do verão.

Minha tia havia planejado uma viagem pós-casamento pela Irlanda para todos nós, mas eu conseguira convencer meus pais a me deixarem passar alguns dias na Itália com Lina. Eu não a via desde que ela tinha ido morar em Florença com o pai, Howard, noventa e dois dias antes, e cada um desses dias parecia durar uma vida inteira. Deixar de vê-la não era uma opção. Ainda mais agora, que ela muito provavelmente era a única amiga que me restava.

Ian se debruçou para a frente, aliviado, torcendo os cabelos compridos como um saca-rolhas. Sério, parecia que ele tinha deixado o cabelo crescer só para ter mais opções de tiques nervosos.

— Não pensem que se livraram dessa — continuou minha mãe. — Eu deveria mandar vocês para casa, mas já gastamos uma fortuna com as passagens para Florença, e se eu não ficar um tempo longe de vocês dois e suas brigas constantes, vou ter um treco.

Fui atingida por mais uma onda de raiva.

— Alguém pode me explicar *por que* Ian vai comigo para a Itália?

— Addie — alertou minha mãe, irritada.

Ian me encarou com olhos arregalados que diziam: *Cale a boca AGORA*.

Eu o encarei também. Apesar de eu realmente precisar *calar a boca AGORA*, era uma pergunta muito pertinente. Por que ele queria viajar comigo se não me suportava?

— Então, é o seguinte — recomeçou minha mãe, interrompendo nossa competição de olhares de ódio. — Amanhã de manhã, Archie, Walter e eu vamos seguir viagem pela Irlanda e vocês dois vão para

Florença — disse ela devagar, suas palavras se alinhando como uma fileira de dominós, e prendi a respiração, esperando que ela derrubasse a primeira peça.

Mas... ela não fez isso.

Depois de quase dez segundos de silêncio, perguntei com a voz esperançosa:

— É isso? Nós vamos e fim?

— Você vai simplesmente deixar os dois irem para a Itália? — perguntou Walter, parecendo tão incrédulo quanto eu. — Você não vai, sei lá, botá-los de castigo?

— Walter! — gritamos Ian e eu ao mesmo tempo.

Minha mãe se virou novamente, olhando primeiro para mim, depois para Ian, a coluna girando com perfeição. Pelo menos estava fazendo bom uso de suas aulas de ioga.

— Vocês vão para a Itália. Isso vai obrigar os dois a passarem um bom tempo juntos — disse ela, enfatizando a palavra *bom*. — Mas há uma condição.

Claro que havia.

— O quê? — perguntei, impaciente, puxando um grampo da parte de trás do meu penteado murcho. Se não fosse deixá-lo morrendo de raiva, eu o enfiaria no cabelo de Ian para que não caísse mais em seu rosto.

— Lá vamos nós — murmurou Ian, alto o suficiente para apenas eu ouvir.

Minha mãe fez uma pausa dramática, os olhos passando de um para outro.

— Vocês estão prestando atenção?

— Estamos — garanti, e o joelho de Ian saltou em resposta. Ele não conseguia ficar parado um segundo?

— Esta é a chance de vocês provarem para mim que sabem se comportar. Se eu ouvir um comentário negativo do pai da Lina, *um só que seja...* Se vocês brigarem, gritarem ou até mesmo olharem feio um pro outro... estão fora dos times.

Houve um momento de silêncio, então uma explosão de vozes.

— *O quê?!* — exclamou Archie.

— Caramba. — Walter balançou a cabeça. — Você está falando sério, mãe?

— Fora dos times? — perguntei na hora. — O meu futebol e o futebol americano do Ian?

Ela assentiu, um sorriso de satisfação se espalhando em seu rosto feito manteiga derretida. Estava orgulhosa de si mesma.

— É isso aí. Vão sair dos times de futebol e futebol americano. E não precisa nem serem os dois dando problema: se um de vocês arrumar confusão, o outro também vai ser punido. E nada de segundas chances. Se pisarem na bola uma vez, é o fim. Sem discussão.

Eu tinha achado que não havia mais espaço para pânico, mas ele se enfiou no meio de todos os outros sentimentos, transformando meu peito em um acordeão. Cheguei mais perto, apoiando a mão nos bancos da frente para me equilibrar.

— Mãe, você sabe que preciso jogar futebol esse ano. — Minha voz estava aguda e estridente, não tão persuasiva quanto eu pretendia. — Se os olheiros não me notarem, não vou entrar em um time de faculdade. Este é o ano mais importante. O meu *futuro* está em jogo.

— Então é melhor você não estragar tudo.

Os olhos de Ian encontraram os meus, e eu pude ver as palavras ricocheteando na sua cabeça. *Você já estragou tudo, Addie.*

Eu lancei um olhar cortante na direção dele.

— Mas...

— Isso só depende de você. E do Ian. Não vou voltar atrás.

Como se ela precisasse ter feito o último aviso. Meus pais nunca voltavam atrás em nada. Era uma das constantes da vida: a menor distância entre dois pontos é uma reta, vaca-preta sempre fica mais gostosa quando o sorvete está meio derretido, e meus pais *nunca* voltam atrás quando decidem um castigo.

Mas o futebol? Era a minha única chance de estudar em uma boa faculdade. Por mais que eu me empenhasse, minhas notas nunca eram grande coisa, então eu dependia do esporte para entrar em um curso de engenharia decente. Não era nada garantido, mas eu tinha que tentar.

Além disso, era o *futebol*. Fechei os olhos, imaginando o cheiro da grama, o ritmo complicado das meninas da equipe, o tempo parecendo voar — todas as outras preocupações sendo jogadas para fora do campo. Aquele era o meu lugar. O único lugar onde eu realmente me encaixava. E agora que Lina tinha se mudado e Ian me odiava, eu precisava estar no time mais do que nunca.

E não só pela Addie do futuro. Eu precisava do futebol para a Addie do presente. Se existia alguma chance de eu sobreviver à vida pós-Cubby, seria no campo.

Minha mãe inclinou a cabeça na direção de Ian, que parecia imitar uma marionete descontrolada.

— Ian, você está ouvindo?

— Estou — respondeu ele, a voz estranhamente resignada.

Sua linguagem corporal e a voz pareciam dizer *não me importo*, mas eu sabia que isso não podia ser verdade. O esporte era ainda mais importante para ele do que para mim. E ele era muito melhor do que eu.

— Então entendeu que se você *ou* Addie fizerem algo de errado você está fora do time? Sem segundas chances, sem discussão. Você sai e pronto.

— Entendi — disse ele, em tom indiferente.

Sua mão afundou no cabelo de novo, formando um nó.

Archie ergueu um dedo.

— Não estou querendo criticar sua sabedoria, mãe, mas isso parece um pouco duro demais. Um deles pisa na bola, e os *dois*...

— Não quero mais ouvir um pio sobre o assunto — interrompeu minha mãe.

— Peraí, como assim? — perguntei, assustada, finalmente registrando a segunda parte da condição. — Você está dizendo que, se Ian fizer alguma coisa, *eu* vou ser punida?

— Isso mesmo. E se você fizer alguma coisa errada, Ian será punido também. Pense nisso como um exercício de trabalho em equipe. Se um erra, os dois saem perdendo.

— Mas, mãe, eu não tenho nenhum controle sobre o que o Ian faz. Isso não é justo — lamentei.

— A vida não é justa — retrucou minha mãe, uma pontinha de alegria na voz. Meus pais amavam frases de efeito com a mesma intensidade que outras pessoas amam queijo ou bons vinhos.

E como Ian conseguia reagir com tanta *frieza*? Desde sua primeira partida de futebol americano, quando virou o jogo sozinho e depois

levou o time ao campeonato, o esporte tinha sido sua vida. Não só era o quarterback titular da escola, como também já havia sido sondado por duas faculdades diferentes sobre possíveis bolsas de estudo. Uma delas o procurara pouco antes do acampamento de futebol americano. Não era de se admirar que ele estivesse agindo como se não se importasse. Devia estar apavorado por dentro.

Você sabe o que Cubby anda fazendo? Ele está... Sem aviso, as palavras de Ian invadiram minha mente e precisei enterrá-las bem fundo antes que pudessem ganhar terreno. Eu não podia nem pensar no acampamento de futebol americano, a não ser que quisesse surtar de vez. E não podia surtar com a viagem para a Itália em jogo.

— Ótimo. Estamos entendidos — concluiu minha mãe diante do nosso silêncio. Ela se virou para a frente, pondo as mãos no volante na posição correta. — Hoje à noite vamos fazer o seguinte: quando chegarmos ao hotel, quero que todos arrumem as malas. Walter e Archie, o ônibus da excursão sai amanhã praticamente de madrugada, então vocês precisam estar prontos. Addie e Ian, vocês vão tomar banho e trocar de roupa, depois vão comigo até o quarto de sua tia para pedir desculpas e implorar perdão.

— Mãe... — resmunguei, mas ela ergueu a mão, impedindo que eu continuasse.

— Falei implorar? Quis dizer suplicar de joelhos. Depois, todos nós vamos para a festa de casamento, onde espero que se comportem como seres humanos civilizados ou, no mínimo, como macacos mais ou menos adestrados. Então, depois de dançarmos e comermos bolo ou qualquer outra coisa que minha irmã tenha em mente, vamos todos para a cama. Addie e Ian, sugiro que encontrem uma maneira

de fazer as pazes. Caso contrário, seus dias na Itália vão ser bem curtos. Ouvi dizer que o cemitério onde Lina mora é bem pequeno.

— Não, é gigante. — As palavras escaparam da minha boca.

— Addie — disparou Ian, sem mais um pingo de paciência. — Já. Chega.

— Eu só não entendo por que você...

— Addie! — gritaram todos no carro.

Eu me joguei de volta no banco, esbarrando nos ombros largos de meus irmãos.

Já chega. Se eu quisesse continuar a jogar futebol, teria que me manter focada em dois objetivos: não provocar a fúria de minha mãe e me dar bem com Ian.

Mordi o lábio, o cabelo despenteado de Ian no canto de minha visão. Quando foi que me dar bem com Ian tinha se tornado um *objetivo*?



Em qualquer outro momento de nossa vida, Ian me acompanhar na viagem para a Itália faria todo o sentido. Ele sempre foi meu parceiro de aventuras. Quando estávamos no ensino fundamental, Ian gostava de encontrar lugares estranhos na vizinhança para me surpreender. Uma vez, a gente tinha descoberto um galpão abandonado com várias revistinhas velhas. Em outra ocasião, ele havia me ajudado a subir em um enorme carvalho com várias iniciais riscadas no tronco.

Ian chamava essas pequenas aventuras de "excursões". A tradição continuara por anos a fio, e nossas carteiras de habilitação

apenas ampliaram as possibilidades. Três semanas antes, tínhamos feito outra.

— Está na hora de uma excursão, Addie.

Como sempre, Ian não se deu ao trabalho de bater à porta. Ele saiu entrando no meu quarto e pulou na minha cama depois de esbarrar em mim na escrivaninha.

— Sem chance. Aquele colega de trabalho da mamãe vai chegar em uma hora para o jantar — falei, fazendo a melhor imitação de nossa mãe. — Além disso, você está sujando meus lençóis.

Eu ainda não tinha me virado para ele, então esse comentário foi apenas um chute. Mas eu conhecia Ian. Em vez de tomar banho e trocar de roupa como um ser humano normal, ele quase sempre voltava direto para casa depois do treino. O estofamento do carro que dividíamos, sempre úmido de suor, era prova disso.

Escrevi minha última resposta e virei a página do caderno. Era um insulto profundo fazer aulas durante o verão, mas eu tinha passado raspando em biologia, e meus pais e eu decidimos que era uma boa ideia revisar a matéria.

Ian desabou na cama de um jeito dramático, fazendo as molas do colchão rangerem.

— Ela não vai ligar de a gente perder o jantar para ir à reunião superimportante do Comitê de Estudantes Atletas.

— CEA? — Eu me virei, e a cadeira girou também. — Por favor, não me diga que você me inscreveu nesse troço.

O CEA era a mais nova — e desesperada — tentativa de mudar a fama de nossa escola de ter os espectadores mais agressivos (leia-se: malvados) no estado.

Ian abriu o sorriso que era sua marca registrada, aquele que se espalhava pelo rosto inteiro e significava que algo empolgante estava prestes a acontecer.

— Não se preocupe. Eu não inscrevi você nesse troço. Mas, se nossa mãe perguntar, é para lá que estamos indo.

Larguei meu lápis na mesa.

— Sabe que eles vão obrigar você a participar, não sabe? A sra. Hampton disse que ia recrutar os atletas mais queridos da escola e juro que ela olhou com adoração para você ao dizer isso. — Coloquei a mão no peito e imitei o falsete dela. — Ian, sua estrela brilhante de perfeição. Salve-nos de nós mesmos!

Ele fez uma careta de nojo.

— Por favor, por favor, por favor, será que a gente pode não falar de futebol americano? Vou esperar no carro.

Ele se levantou de um pulo e saiu a passos barulhentos, deixando uma mancha de lama no meu lençol branco.

— Ian — resmunguei, olhando para a sujeira.

No entanto, peguei meu tênis debaixo da mesa e fui atrás dele. Ir atrás dele nunca me pareceu uma escolha — era como dormir ou escovar os dentes. Algo que eu fazia e pronto.

Falésias de Moher

Cada vez que um turista vai para a Irlanda e não visita as Falésias de Moher, uma *banshee* perde a voz. É isso mesmo, meu raio de sol, uma *banshee*. Afinal de contas, estamos na Irlanda, um lugar cheio de fantasmas estridentes. E como sua guia de turismo e amiga, é minha obrigação dizer que *nunca, jamais, em hipótese alguma*, alguém deve ir à Irlanda e não visitar as falésias. A viagem não faz sentido sem isso.

E eis o porquê: elas são lindas. De tirar o fôlego, aliás. Mas não daquele jeito suave e doce, como um pôr do sol ou um cordeirinho dando seus primeiros passos. Elas são lindas como uma tempestade — do tipo que enchem a gente de medo e admiração ao mesmo tempo. Você já ficou preso em um carro durante um temporal muito violento? As falésias são lindas desse jeito. São drama, raiva e paz, tudo misturado em uma combinação impressionante.

Estudei as falésias por anos antes de descobrir seu segredo — o que faz com que não sejam meramente pitorescas, mas sim algo capaz de transformar vidas: *são lindas porque são contraditórias*. Colinas suaves e cobertas de musgo transformam-se em rochedos escarpados aterradores. O mar revolto contrasta com o céu sereno. Os visitantes ficam parados em volta, tomados por uma mistura de reverência e euforia. Antes de conhecer as falésias, eu sabia que o

belo podia ser agradável e inspirador. Depois, soube que também podia ser severo e lúgubre.

Na verdade, as falésias são *iguaizinhas* a certo coração que conheço. Sabe qual? Um que já foi capaz de conter tanto uma alegria esmagadora quanto uma tristeza opressiva e, ainda assim, permanecer primorosamente belo?

Claro que você não ouviu isso de mim.

DEVER DE CASA: Que tal a gente descarregar um pouco dessa raiva, chuchu? Quero que você encontre algo para jogar longe. Uma pedra, um pombo irritante, o que quiser. Ponha um nome nesse objeto. Dê-lhe a identidade da coisa que mais incomoda você e a mande pelos ares. Às vezes, um pouco de raiva faz bem. Depois, quero que respire fundo uma vez. E mais outra. Viu como a respiração continua acontecendo? Viu como ela se regula sozinha?

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

— QUE VESTIDO LINDO, IRMÃZINHA. VIROU CORRETORA?

Desviei os olhos do meu livro, pretendendo fazer uma careta para Archie, mas na metade do caminho perdi as forças e a expressão acabou se tornando algo entre o desgosto e o desdém. Depois de um dia daqueles, não tinha sobrado qualquer impulso homicida em mim.

Archie, sendo Archie, interpretou minha passividade como um convite e se jogou com tudo no sofá, quase me fazendo derrubar o guia.

— Tá maluco? — reclamei, e fui tomada por um pânico repentino ao me dar conta de que estava lendo um livro com “corações partidos” no título.

O guia tinha praticamente pulado para os meus braços da prateleira da pequena biblioteca no canto do salão de festas do hotel. A biblioteca era conveniente por vários motivos. Não só fornecia uma boa visão de minha mãe ainda furiosa, como também tinha um aroma reconfortante de lavanda e poeira, além de estar cheia de livros interessantes que pareciam ter sido descartados por hóspedes ao longo dos anos. Em outras palavras, era o esconderijo perfeito.

Irlanda para corações partidos havia chamado minha atenção de cara, apesar de não ter uma aparência muito impressionante. A capa era decorada com trevos em forma de coração, e uma mancha de xícara de café cobria parte do título, que era longo demais. Mas a capa não importava, pois eu estava na Irlanda e tinha um coração partido. Era o livro perfeito para mim.

— O que você está lendo? — perguntou Archie enquanto eu tentava esconder o livro atrás das almofadas.

— *Uma casa na campina* — respondi, dizendo a primeira coisa que me veio à cabeça. Quando era criança, eu tinha demorado a aprender a ler, mas depois que comecei, li os volumes daquela série até se desintegrarem. — Além disso, você não deveria pular na mobília. Acho que este sofá é uma antiguidade.

— O hotel inteiro é uma antiguidade.

Ele gesticulou indicando o salão de festas, que tinha mais móveis antigos, candelabros brilhantes e peças de cristal do que eu já vira na vida.

Apesar de ser um local meio pretensioso para um casamento, Ross Manor sem dúvida tinha um ar de casa de campo encantada, graças ao gramado exuberante com roseiras de galhos retorcidos e os travesseiros confortáveis sob os quais brotavam, todas as noites antes de dormir, chocolates em embalagens douradas. Até mesmo os zeladores eram adoráveis — um casal de cabelos brancos com muitas rugas que sempre encurralava os convidados para oferecer chá e biscoitos. “Gnomos de jardim”, foi o apelido que Walter lhes deu. Combinava com eles.

— Nosso pai teria odiado muito este lugar, né? — perguntou Archie.

— Estou tão feliz que ele não esteja aqui.

No início do verão, quando a notícia do noivado de nossa tia assolou nossa casa como um enxame de abelhas muito caro, meu pai foi irredutível. *Sua irmã coleciona homens como outras pessoas colecionam copos de shot. Eu me recuso a ir para mais um*

casamento e passar uma semana inteira tentando encenar um conto de fadas.

Eu me inclinei para a frente, tentando ver o que minha mãe estava aprontando — checagem que eu vinha fazendo a cada quinze minutos. Naquele momento, ela andava pelo salão de festas, arrumando os arranjos de flores que, uma hora antes, tia Mel acusara aos gritos de estarem começando a “definhar até a morte”. Pelo visto não havia espaço para algumas flores murchas. Não quando os índices de audiência estavam em jogo.

Cinco anos antes, minha tia Mel havia criado um programa de decoração que passou a ser transmitido pela HGTV. Isso significava que em uma tarde qualquer eu podia me refestelar no sofá com um pacote de biscoito sabor morango e assistir a *Meia Hora com Mel*, onde ela ensinava aos telespectadores como transformar um velho palete em uma estante usando apenas uma chave de fenda e um esmalte velho. Ou pelo menos acho que era isso que ela fazia. Nunca consegui assistir a um programa até o fim.

Archie indicou tia Mel com a cabeça.

— Como acha que ela convenceu esse aí a se casar com ela?

— O Clark? — perguntei.

Nosso novo tio estava parado perto do bar, mantendo-se de pé com certa dificuldade. Desde que anunciaram o noivado, ele parecia aturdido, como se estivesse sendo carregado por uma correnteza forte demais. Como *sempre*. Os tios número um e dois tinham exibido essa mesma expressão. Certa vez, ouvi meu pai descrever a tia Mel como uma correnteza. Minha mãe ficou com raiva, e meu pai, coberto de razão. Minha mãe só ficava brava quando as pessoas diziam a verdade.

— Deve ter sido o dinheiro dela. E seu estilo “ecclético-moderno-descontraído” — completei, imitando a voz de tia Mel.

— Mas será que isso é suficiente? Nossa mãe disse que ela o obrigou a perder dez quilos.

— E a raspar o bigode — acrescentei.

— A sociedade deveria tê-lo obrigado a raspar aquele bigode. Parecia que ele tinha um rato molhado grudado na cara.

Eu ri, minha primeira risada sincera em dez dias, e saiu meio rouca, como uma porta que não era aberta havia muito tempo.

Archie deu um sorriso.

— É bom ouvir essa risada. Já fazia tempo. Você tem estado meio... deprimida.

Meu humor despencou de novo. Ele estava certo. Toda vez que eu me esquecia, mesmo que por um instante, como seria o próximo ano na escola, Cubby ressurgia, um peso em meus ombros, fazendo meu estado de espírito afundar. *Como pode ser tão burra?*

— Você e Ian se saíram bem suplicando de joelhos? — perguntou Archie.

Assenti, grata pela mudança de assunto.

— Eu, sim. Ian só ficou lá parado, fazendo cara feia.

Archie gemeu.

— Ou seja, sendo Ian.

— Exatamente.

Tinha sido que nem nas falésias com os turistas. Eu tentando me explicar enquanto Ian se fingia de morto. Pelo menos, dessa vez ele tinha ficado de pé.

— Falando nisso, cadê ele? — perguntou Archie.

Apontei com o queixo.

— Ali, ó. Sentado naquela cadeira que parece um trono.

Ian tinha adotado a mesma estratégia de sobrevivência que eu: encontrar uma peça de mobília antiga fora do caminho para passar o tempo e fingir que está em *qualquer* outro lugar. Só que ele havia passado a noite inteira mandando mensagens para alguém, com uma expressão que eu só poderia descrever como alegre.

— Ele está *sorrindo*? — perguntou Archie, incrédulo. — Depois de tudo que aconteceu hoje? Que esquisitão.

Mordi a língua, lutando contra o impulso de defendê-lo. Era assim que nossa família sempre se alinhara: Ian e Addie versus Walter e Archie. Às vezes formávamos outras alianças, mas as principais eram essas. Será que eu tinha estragado isso para sempre?

— Ele está sorrindo para o celular desde que saímos das falésias. Não sei com quem anda conversando, mas deve ser coisa boa.

— Provavelmente alguma garota — comentou Archie.

— Duvido.

Todas as garotas do universo eram apaixonadas pelo Ian, mas ele mal as notava, o que me deixava com a tarefa ingrata de afastar todas as pretendentes que achavam que se aproximar de sua irmã mais nova era o caminho para seu coração. Rá.

Archie puxou minha manga.

— Mas falando sério. Nesse vestido, você está parecendo a Miss Corretora de Imóveis.

Dessa vez, a cara feia veio sem esforço.

— Qual é, Archie? Você viu o que aconteceu com meu vestido lá nas falésias. Eu não tinha muitas opções. Tive que pegar um da nossa mãe.

— Ela não tinha nada com menos cara de... corretora?

— Você conhece mesmo ela?

— Só por alto. É aquela que vive gritando com a gente? De cabelo curto? Que de vez em quando aparece em outdoors?

Eu estremeci.

— A gente precisa convencê-la a não fazer isso este ano.

— Boa sorte. Aqueles outdoors estão pagando minha faculdade.

— O futebol americano está pagando sua faculdade. E a de Walt. E Ian provavelmente vai ser o primeiro estudante universitário na história a ganhar um salário para jogar. Sou a única que vai precisar daqueles outdoors para pagar a faculdade.

Eu não estava me fazendo de coitadinha. Era a mais pura verdade. Meus irmãos ficaram com todos os genes de *atletas naturais*, e só tinha me restado fazer o melhor possível com meus genes de *atleta esforçada*. Eu era boa, mas não era a craque do time. O que era péssimo quando havia santuários dedicados a seus irmãos no salão de atletismo.

A expressão de Archie se suavizou.

— Ei, não desista de jogar na faculdade ainda. Vi uma grande melhora na sua técnica ano passado. Você tem chance.

Dei de ombros. Não estava com cabeça para uma conversa motivacional.

— Isso se eu não estragar tudo com Ian.

— Claro que não vai. Você vai se divertir com a Lina, enquanto Ian... Sei lá. Vai ser o Ian.

Ser o Ian. Era quase um esporte olímpico radical. Música, futebol americano, escola — tudo vivido em uma intensidade maior do que o resto das pessoas.

— Você sabe *por que* ele quer ir para a Itália? Acho que o Ian não vai muito com a cara da Lina. Ela morou com a gente por seis meses e ele quase não conversou com ela. Será que é só para me torturar?

Ele deu de ombros.

— Lina? Ah, não tem motivo para ele não gostar dela. Ela é engraçada e meio diferente. Além disso, tem aquele cabelo maluco. Quando ela foi embora mesmo?

Eu ia dizer o número exato de dias, mas sabia que isso soaria neurótico.

— No início de junho.

— E ela vai ficar na Itália de vez?

Senti meus ombros desabarem.

— É. — Era quase como ser condenada à prisão perpétua. — Ela vai ficar por lá até o fim do ano letivo. O pai dela gosta muito de viajar, então eles vão para tudo que é canto. Em outubro ele vai levar Lina e o namorado dela para Paris.

Lina tinha um *namorado*. Outra coisa que havia mudado. No último ano, Lina passara por muitas mudanças, começando quando sua mãe, Hadley, foi diagnosticada com câncer de pâncreas. Uma dor conhecida tomou minha garganta, a que surgia sempre que eu pensava em Hadley. Ela era especial, sem dúvida — criativa, aventureira, caótica, e com o grau de proximidade perfeito para fazer a gente se sentir cuidada mas não sufocada.

Às vezes eu sentia como se tivesse perdido Hadley duas vezes — uma por mim e outra por Lina. Eu tinha ficado tão desesperada para tirar Lina do sofrimento no qual ela parecia estar afundando que eu mesma ficava quase doente de preocupação.

Mordi a parte de dentro da bochecha, resistindo à sensação de desamparo para voltar a prestar atenção em Archie e na viagem.

— Faria mais sentido Ian escolher visitar todos os pontos turísticos que vocês vão conhecer durante a semana. Vocês não vão ao castelo onde filmaram *Coração valente*?

Archie se aprumou, como eu sabia que faria. Todos os meus irmãos sabiam as falas desse filme de cor.

— Com certeza vamos conhecer o castelo de *Coração valente*. Walt trouxe até tinta para a gente interpretar algumas das cenas.

Ah, caramba. Tia Mel ia amar.

— Então, Ian ama esse filme. Ele costumava ver antes de ir dormir. Acho que ele vai para a Itália comigo só para me irritar.

— Talvez ele só queira passar um tempo com a irmã.

— Ah, claro, porque ele tem passado tanto tempo comigo neste verão.

Archie revirou os olhos, mas contra meu sarcasmo não havia argumentos. Ian passara a maior parte do verão trancado no quarto escrevendo redações de admissão para as faculdades e saindo de carro sem dizer aonde ia, sempre com a música no último volume. E então eu me envolvi com Cubby, e meu relacionamento com meu irmão ficou daquele jeito.

Sem falar no que havia acontecido no acampamento de futebol americano.

De repente, Archie me encarou, sério.

— Anda logo, Addie, desembucha.

Seu tom era sério, e meu coração disparou.

— Sobre o quê?

— Qual é o problema?

— Com... Ian? — perguntei, hesitante. *Por favor, tomara que ele não tenha ouvido.*

Archie balançou a cabeça. Senti meu coração ir parar na garganta, fazendo minha voz explodir com raiva.

— Bem, então não sei do que você está falando.

— Calma, maninha. Não é de mim que você está com raiva. — Ele me encarou de novo. — Eu ouvi o que o Ian falou. Antes de você empurrá-lo.

Minha respiração ficou entalada enquanto eu tentava lembrar exatamente o que Ian tinha dito. Que conclusões Archie podia tirar de uma única conversa aos sussurros?

— O que você ouviu?

— Você está com algum tipo de problema? O que Ian quer que você conte para nossos pais?

Archie não sabe o que aconteceu. Eu afundei no sofá, aliviada.

— Não estou com problemas.

Por enquanto era verdade. Contanto que a história não se espalhasse ainda mais, eu não estava em apuros. Humilhada e com o coração partido? Sim. Em apuros? Não. Era por isso que eu *não* ia contar para minha mãe.

Archie me estudou, a cabeça apoiada na mão.

— E aí? Isso tem a ver com algum cara? Imagino que seja alguém do time de Ian, para ele estar tão irritado.

Aquele tom era de *incredulidade*? Meu corpo ficou tenso.

— Por quê? Acha tão impossível assim um jogador de futebol americano popular gostar de alguém como eu? — retruquei com raiva.

— O quê? Claro que não. — Ele levantou as mãos, na defensiva, os olhos azuis arregalados. — Addie, não foi isso que eu falei. Por que você está tão estranha?

Porque meu coração dói. Porque, na verdade, é sim impossível alguém como Cubby gostar de alguém como eu. Mantive os olhos fixos no estofamento de veludo verde, roçando a unha do polegar em um rasgo no assento. Lágrimas ardiavam em meus olhos.

— Mamãe e Walt ouviram?

Ele balançou a cabeça.

— Ela estava negociando um contrato discretamente pelo celular, e Walt escondeu fones de ouvido embaixo do cabelo. Ele nem reparou que vocês tinham caído até todo mundo começar a surtar.

Pelo menos foi Archie quem ouviu, não Walter. Dos meus irmãos, Archie era o mais normal quando se tratava de guardar segredos. Ou seja, na maioria das vezes ele ficava de bico fechado. Os outros dois eram extremos. De um lado estava Ian. No segundo em que você contava qualquer coisa para ele, sua boca virava um túmulo — por isso eu não estava com medo de ele contar aos nossos pais sobre Cubby. Walt era exatamente o oposto. Toda vez que ele precisava guardar segredo, era como uma batata quente — era só uma questão de tempo até ele passar a informação para alguém, em geral a última pessoa que você queria que ficasse sabendo.

— Se esse cara sacaneou você, seria um prazer fazer uma visitinha antes de eu voltar para a faculdade. Talvez possa esperar ele pegar a estrada e me distrair ao volante? Dar ré sem olhar para trás? Só preciso de um nome. — O tom dele tinha passado de descontraído para intenso, o que era raro.

— *Não.* Archie, não quero que você atropеле ninguém — falei num tom decidido, caso a brincadeira tivesse um fundo de verdade.

— Tem certeza?

— Absoluta — afirmei, engolindo o choro. — Não é como se isso fosse resolver alguma coisa.

— Ah, mas resolveria. Ele ia parar de mexer com quem não deve. Eu agarrei seus ombros.

— Archibald Henry Bennett. Prometa que não vai fazer nada.

— Tem certeza?

— *Prometa.*

— Está bem. Eu prometo.

Mas que inferno. Irmãos. Era como ter um bando de cães de guarda que de vez em quando se voltam contra você. Essa conversa tinha me deixado exausta. O dia inteiro tinha me deixado exausta, na verdade.

— Bem, obrigada pela conversa, mas eu preciso ficar um pouco sozinha — falei, inclinando a cabeça em direção à porta de modo nada sutil.

Eu havia aprendido fazia muito tempo que sutilezas não levam a lugar algum quando se está lidando com garotos, pelo menos não com os da minha família. Quanto mais direta for, melhor.

Archie se levantou e me deu um tapinha desajeitado no ombro.

— Pode contar comigo, Addie.

— Obrigada.

Inclinei a cabeça para a porta mais agressivamente.

— Está bem, está bem. Já estou indo.

Ele foi embora, sua lista de tarefas imaginária iluminada em neon acima de sua cabeça. *Ajudar a irmã mais nova. Feito.*

* * *

Assim que Archie saiu do meu campo de visão, peguei o guia e acendi o abajur empoeirado ao lado da estante. Tentei me concentrar nas palavras, mas Ian acabava me distraíndo. Ele não se levantou da cadeira nem uma vez e estava concentrado em seu celular como se não existisse mais nada no mundo, o cabelo caído no rosto.

Logo depois do Natal, meu irmão tinha resolvido parar de cortar o cabelo e não mudou de ideia nem com as súplicas e ameaças da nossa mãe. Agora o cabelo estava quase nos ombros e era um lembrete constante de como a genética é injusta. Meus irmãos puxaram os cílios grossos da minha mãe e o cabelo escuro ondulado dela. O cabelo louro e fino da minha avó tinha pulado uma geração, ignorando meu pai, que saiu moreno, para cair bem em mim.

Todos tínhamos olhos azuis, mas, mesmo de longe, os de Ian pareciam mais azuis do que o normal, acentuados pelo hematoma ao redor do olho esquerdo, graças a mim. Aquele olho roxo parecia dolorido. E definitivo. O ponto final de uma frase longa e infeliz.

De repente, um sorriso se abriu no rosto dele, e meu peito foi tomado por sentimentos conflitantes. Porque a verdade é que o sorriso de Ian sempre era cem por cento genuíno. Ian não fingia nada por ninguém. Se alguém arrancasse uma risada dele, era porque tinha sido realmente engraçado. Se o deixasse irritado, era porque a pessoa estava sendo uma idiota completa.

Eu sou uma idiota completa.

O pânico borbulhou em meu peito e eu dei um pulo do sofá, enfiando o guia debaixo do braço. Precisava de ar fresco.

Imediatamente.

Esperei minha mãe se distrair conversando com a mãe do noivo para me afastar de fininho, colada à parede da pista de dança até chegar às portas e sair para o pátio.

Do lado de fora, parei para respirar o maravilhoso ar puro. Se estivesse escrevendo uma matéria sobre turismo na Irlanda, começaria falando do cheiro. É uma combinação de terra molhada de chuva e outra coisa, um aroma secreto. Como a pitada extra de noz-moscada na receita de rabanada que meu pai e eu tínhamos passado o fim de semana do Quatro de Julho aperfeiçoando.

E se meu pai descobrir?

Antes que minha mente pudesse se agarrar a esse pensamento, voltei a andar, descendo a escada e passando por uma fonte que transbordava com a água da chuva. Luzinhas cálidas e cintilantes ladeavam os caminhos do pátio, e as lâmpadas amarelas produziam um zumbido alegre nos pontos em que se sobrepunham. Poças d'água reluziam no chão de pedra, e o vento soprava, frio e perfeito. Como era possível eu me sentir tão péssima em um lugar tão lindo?

Cravei as unhas na palma das mãos, uma dor florescendo em meu peito. Às vezes, eu não sabia se sentia saudade de Cubby ou da imagem perfeita de nós dois que eu criara. Era sempre a mesma cena. Ela começava em meados de setembro, uma ou duas semanas depois do nervosismo da volta às aulas. Nós estaríamos andando pelo corredor, Cubby com o braço ao meu redor de modo casual, os dois perdidos em uma daquelas conversas em que a única coisa que importa é a outra pessoa. Os sussurros nos seguiriam pelos corredores. *Aquela ali é Addie Bennett. Eles não são fofos juntos? Eu sei. Como foi que nunca reparei nela antes?*

Bem, meu desejo foi atendido. Com certeza os sussurros iam me seguir pelos corredores. Mas não do jeito que eu queria.

Por fim, cheguei a uma alcova coberta de hera do outro lado do jardim — uma versão ao ar livre do meu esconderijo na biblioteca — e tentei me sentar de pernas cruzadas, o frio subindo pela saia justa do vestido da minha mãe. Peguei o celular e meu coração deu um salto quando vi uma nova mensagem.

CADÊ VOCÊ????????????????????

Era Lina.

Lina e dezoito pontos de interrogação. Contei duas vezes para ter certeza. Com Lina, pontuação excessiva nunca era um bom sinal. Em geral, suas mensagens pareciam redigidas por uma professora do século XIX que por acaso tinha encontrado um smartphone: usava todas as letras maiúsculas, pouquíssimos emojis e sempre formava frases completas. Vários pontos de interrogação eram o equivalente a Lina se levantar no meio de uma missa e começar a xingar com um megafone. Ela não estava só com raiva, estava furiosa.

Na mesma hora digitei uma resposta bastante vaga.

Desculpa, não posso conversar agora. Tô no casamento :(

Estava ficando craque em escrever mensagens vagas. E em evitar telefonemas. O emoji triste me encarou de modo acusador.

— Que foi? — retruquei, irritada. — Para sua informação, tenho um ótimo motivo para não atender as ligações dela.

Eu não queria falar com Lina porque *não podia* falar com Lina. Ela me conhecia bem demais. No segundo em que ouvisse minha voz, saberia que havia algo errado, e eu me recusava a contar a ela sobre Cubby por telefone. Se Lina ia me julgar, eu queria vê-la fazer isso em pessoa. Também havia outro motivo: a imensa quantidade

de coisas que eu precisava contar para ela. Lina não sabia nada sobre Cubby, o que significava que eu precisava atualizá-la sobre o verão inteiro.

Eu só tinha que chegar à Itália. Quando estivesse lá, botaria tudo para fora, do início ao fim, sem esconder nada. Eu sabia direitinho o que aconteceria em seguida. Primeiro Lina ficaria em choque, depois confusa. Então bolaria um plano brilhante para me fazer sobreviver à volta às aulas enquanto me tranquilizava e me convencia de que ia ficar tudo bem.

Ou pelo menos era com isso que eu contava.



Cubby tinha falado comigo pela primeira vez quatro dias depois de nos mudarmos para Seattle. Eu estava fazendo waffles. Waffles de suborno, para ser mais específica, e não estava sendo uma tarefa fácil. Archie e Walter ficaram incumbidos de desempacotar os utensílios de cozinha, e de alguma forma tinham conseguido transformar o lugar em um campo minado. Levei um golpe de assadeira na cabeça e derrubei uma dúzia de ovos inteirinha quando tropecei na máquina de fazer pão. No entanto, quando meu primeiro waffle começou a assar, soltando um cheirinho maravilhoso, soube que tudo valeria a pena.

Respirei fundo, satisfeita. Os waffles precisavam ficar deliciosos. Eram meu ingresso para o encontro matinal do qual Ian havia me banido. Ninguém grita Addie-sai-daqui-agora para uma pessoa com um prato de waffles quentinhos na mão. Nem mesmo quando se está tentando impressionar seus novos amigos.

— Seu cabelo está sujo de farinha.

E lá estavam elas. As primeiras palavras que Cubby Jones me disse. Realmente não foi o começo mais romântico do mundo, mas eu tinha doze anos na época. Ainda não sabia que nome dar para a atenção que eu insistia em dar para Cubby toda vez que ele estava por perto.

Enquanto tentava limpar a franja com um pano de prato, Cubby se aproximou, farejando o cheiro de waffle no ar. Quando chegou a um metro de mim, percebi o que havia de diferente nele.

— Seus olhos! — exclamei, largando o pano de prato.

Os olhos de Cubby eram de cores diferentes. Seu sorriso murchou.

— O nome disso é heterocromia. É só uma coisa genética, não é tão esquisito.

— Não disse que era esquisito. Posso ver? — Agarrei seu braço e o puxei para perto. — Azul e cinza? — sussurrei.

— Violeta — corrigiu Cubby.

Assenti.

— Verdade. Gosto mais desse. Se você estivesse em um filme de ficção científica, o olho violeta seria a fonte dos seus poderes.

Ele arregalou os olhos e sorriu, uma expressão de divertimento e surpresa que começou em sua boca e se espalhou devagar até chegar nos olhos de cores diferentes. Foi nesse momento que percebi que havia duas maneiras distintas de olhar para os garotos. Havia o jeito normal — como fizera a vida toda — e esse segundo jeito, que fazia a cozinha se entortar de leve e os waffles serem esquecidos na máquina do Mickey Mouse.



A despedida com estrelinhas dos recém-casados foi ridícula. Não só meu irmão mais velho, o único que tinha idade para estar bêbado, tentou — e conseguiu — botar fogo em uma das roseiras, como também o segundo câmera estava tendo dificuldade para conseguir uma boa tomada da noiva e do noivo. Então tivemos que repetir todo o processo várias vezes até ficarmos sem estrelinhas e mesmo os convidados que mais queriam aparecer na televisão começarem a se rebelar.

— Os ônibus chegam amanhã de manhã às seis e meia em ponto! — gritou tia Mel por cima do ombro enquanto o Tio Número Três a levava para o hotel.

A cauda do vestido se arrastava atrás dela, varrendo pedaços de confete e estrelinhas queimadas. A despedida tinha sido só para as câmeras. Eles estavam hospedados no Ross Manor com todo mundo.

— Finalmente podemos ir embora — disse minha mãe baixinho, passando a mão pelos cabelos, exausta. Seu rímel estava borrado, o que fazia seus olhos parecerem embaçados.

O resto de nós seguiu atrás dela, arrastando-se em silêncio pela escada verde-escura até nosso andar, e depois entramos um por um em nosso quarto que mais parecia um closet. Apesar de sermos cinco — incluindo dois jogadores de futebol americano universitários que eram só um pouco menores do que o King Kong —, tia Mel havia nos deixado com o que devia ser o menor quarto do hotel.

Um papel de parede floral com textura de veludo decorava o cômodo inteiro, e as camas de meus irmãos ocupavam a maior parte do ambiente, então o único espaço livre era um minúsculo corredor

ao longo do pé das camas. Claro que meus irmãos já haviam entupido esse pequeno vão com seu suprimento inesgotável de lixo e porcarias — embalagens de doces, carregadores de celular embolados e mais pares de tênis do que deveriam existir no mundo. Eu tinha uma expressão para definir aquela mistura: espaguete de irmão.

Entrei no banheiro primeiro e tranquei a porta, abrindo a torneira da banheira o máximo possível. Não tinha a menor intenção de tomar banho. Só precisava abafar o som da bagunça no quarto. Viajar com minha família me dava dor de cabeça.

Tirei o vestido de corretora de imóveis, substituindo-o por uma camiseta larga e shorts pretos de pijama, depois escovei os dentes o mais devagar possível.

— Tenho que fazer xixi, maninha! — gritou Walt, batendo na porta. — Xixi, xixiiii, xi-xi-xixiiii.

Abri a porta para fazer aquela cantoria parar.

— Bela canção. Você deveria seguir carreira.

Ele entrou no banheiro, esbarrando em mim no caminho.

— Eu sabia que você ia gostar.

Atravessei o quarto com cuidado, evitando meia dúzia de minas terrestres em forma de tênis antes de subir na cama e me enrolar bem nos cobertores. Mal podia esperar para dormir. E esquecer. Era como eu vinha lidando com a situação nos últimos dez dias — desde que Ian invadiu meu quarto dizendo que eu tinha estragado a vida dele. A vida *dele*. Como se fosse ele quem iria passar o ano seguinte inteirinho evitando Cubby e qualquer um que o conhecesse. Meu estômago se embolou tanto quanto os lençóis.

— E aí, qual é o plano, então? Usar minha camiseta até eu esquecer que ela é minha? — A voz de Ian atravessou os cobertores, e descobri a cabeça devagar. Ele estava falando comigo?

Minha mãe abarrotava sua mala como se estivesse recheando um peru de Ação de Graças, e Archie estava com a cara enfiada no travesseiro, ainda de terno. Ian se apoiava em uma montanha de travesseiros, um fone de ouvido na orelha, o rosto virado mais ou menos na minha direção.

— Você me deu — respondi, modulando a voz no tom que um roteirista de seriados de comédia indicaria como RETRUCA EM TOM ESPIRITUOSO. Era uma camiseta muitíssimo confortável com gola e mangas pretas com os dizeres SMELLS LIKE THE ONLY NIRVANA SONG YOU KNOW em letras maiúsculas.

— Aham, e esse “você me deu” na verdade quer dizer que você foi até minha gaveta e roubou a camisa mais macia que encontrou?

Na mosca.

— Eu posso devolver.

Ian está falando comigo. Falando. Comigo. Um lampejo de esperança se acendeu em meu peito.

— Você por acaso entende a referência? — perguntou ele, socando o travesseiro de cima da pilha para ajeitá-lo.

Seu cabelo estava em uma versão horrenda de um coque samurai, com as laterais irregulares e parte do cabelo caindo nas costas. Ele claramente não tinha assistido ao tutorial *Como fazer o coque samurai perfeito* que eu havia encaminhado.

— Ian, fui com você até Fleet Street e ouvi o *Nevermind* inteirinho. Como eu poderia não entender a referência?

Isso tinha sido durante a fase Nirvana dele. Fizemos três excursões diferentes com essa temática, incluindo uma viagem à casa em que Kurt Cobain crescera. Eu até concordei em me fantasiar de Courtney Love no Halloween, mesmo que precisasse usar uma tiara e ninguém conseguisse adivinhar quem eu era.

— Pelo menos você entende. — Ian se virou de lado, mal-humorado. Ele hesitou, então cutucou o celular, a voz um pouco mais alta que um sussurro. — Quando vai contar para a nossa mãe?

Eu gemi debaixo dos lençóis. Ele estava mencionando aquilo *de novo*. E justo agora? Com minha mãe, Archie e Walt bem ali. Sem falar que ele tinha conseguido um olho roxo por tocar no assunto. Um dos colegas de time de Ian havia mandado uma mensagem para ele perguntando sobre Cubby. E, em vez de esperar até o fim da cerimônia, quando ficaríamos sozinhos, Ian tinha enfiado o celular na minha cara e sussurrado que eu *precisava* contar para a nossa mãe. Nossos pais descobrirem era a pior coisa que poderia acontecer. Por que ele não entendia isso?

— Ian! — sussurrei, irritada.

Ele olhou de relance para nossa mãe e depois me lançou um olhar de advertência. Bufei e me escondi debaixo das cobertas, forçando minha respiração a se acalmar. As chances de eu não explodir com Ian eram tão baixas quanto as de ele não mencionar Cubby a cada oportunidade. Ou seja, quase nulas.

Hora de encerrar aquela conversa.

— Boa noite, Ian.

Eu me enfiei ainda mais debaixo do cobertor, mas ainda conseguia sentir o olhar dele fuzilando minhas costas. Poucos

minutos depois, eu o ouvi se mexer na cama, a música que saía de seu fone preenchendo o ar entre nós.

Como iríamos sobreviver a uma semana inteira juntos?

* * *

Na manhã seguinte, acordei com o som do que parecia uma briga entre a seção de metais de nossa excepcional banda da escola com nosso grupo de teatro medíocre. Abri um pouquinho os olhos. Minha mãe estava desenrolando a perna dos fios do despertador e do abajur.

— Maldito inferno escarrado — murmurou ela.

Ou pelo menos era isso que parecia ter murmurado. Walter tinha razão. Ela precisava parar com aqueles xingamentos.

Abri os olhos meio milímetro a mais. A luz fraca do sol entrava pelas cortinas, e Archie, Walter e seus cabelos incrivelmente bagunçados estavam ao lado da porta, ambos parecendo dormir em pé.

— Vocês pegaram os passaportes? — perguntou minha mãe, finalmente se libertando.

Eles a olharam com expressões confusas e sonolentas, e ela suspirou antes de se aproximar de mim e me envolver em uma nuvem de hidratante.

— Seu táxi chega às nove. Os gnomos vão bater na porta para acordar vocês. — Ela pressionou a bochecha na minha testa como fazia quando eu era pequena e estava com febre. — Prometa que vai resolver as coisas com Ian. Vocês dois são os melhores amigos que terão na vida.

Que ótimo, pôs o dedo bem na ferida.

— Eu te amo, mãe — falei, fechando bem os olhos.

Ela se agachou ao lado de Ian e murmurou algo para ele, então os três saíram do quarto, fazendo barulho pelo corredor.

Parecia que apenas alguns minutos tinham se passado quando outro barulho me acordou. Eu me sentei na cama, desorientada, mas não o suficiente para deixar de perceber que o quarto do hotel estava diferente. Parecia ter o dobro do tamanho sem Archie, Walter e minha mãe e, além disso, as cortinas tentavam inutilmente barrar a luz forte do sol. O quarto estava silencioso, o que aumentava a sensação de que alguém havia acabado de sair.

— Ian — sussurrei. — Você está acordado?

Ele não se mexeu, o que era normal. Ian podia continuar dormindo não importava o que acontecesse.

Eu me virei de barriga para cima e fiquei imóvel, apurando os ouvidos. O silêncio do hotel era tão denso quanto morcela. De repente, a porta do nosso quarto se fechou silenciosamente, e então houve uma explosão de passos no corredor. Alguém *tinha* entrado no nosso quarto. Um ladrão? Um sequestrador europeu? Um dos gnomos?

— Ian — chamei, me levantando da cama. — Alguém entrou aqui. Alguém entrou no nosso quarto.

Estendi a mão para apertar seu ombro, mas, em um instante muito desorientador, minha mão afundou no corpo dele.

Puxei o cobertor e encontrei uma pilha de travesseiros. Sério que ele tinha usado o truque dos travesseiros comigo? Eu me virei, examinando o resto das camas. Vazia, vazia e vazia.

— Ian! — gritei para o quarto silencioso.

Olhei para a porta e o que vi provocou minha primeira pontada de preocupação. Em vez das duas malas azul-marinho que deveriam estar ali, havia apenas uma. A minha.

Corri até o despertador, mas o visor estava desligado. Claro. Minha mãe o havia arrancado da tomada sem querer. Eu precisava encontrar meu celular.

Não estava sob os lençóis, nem entre os cartões-postais e canetas com o logotipo do hotel ou debaixo dos folhetos espalhados. Por fim, fui até a janela e abri as cortinas, apenas para minhas retinas serem atacada pela claridade. A paisagem parecia pegar fogo — o verde e a luz do sol se unindo para criar um brilho ofuscante. Ao que parecia, a Irlanda tinha dias de sol, e eram cegantes.

Tropecei até a porta e disparei para fora do quarto, o som dos meus pés descalços ecoando pelo corredor.

No andar de baixo, inspecionei o salão de café da manhã e o saguão, mas o único ser vivo era um gato laranja gordo que se instalara em uma poltrona de veludo. Eu corri para o estacionamento, e o ar frio me atingiu. O sol irlandês era só para inglês ver.

O único veículo no estacionamento era um furgão solitário estacionado ao lado de um canteiro de rosas que balançava ao vento, parecendo mandar mensagens frenéticas para mim. *Cadê o Ian? Você perdeu o táxi?*

Eu precisava me acalmar. Mesmo que eu tivesse dormido demais, ele não iria para a Itália sem mim. Talvez tivesse saído para dar uma caminhada. Com a mala.

O som distante de um motor sendo ligado me arrancou do transe. Fui na direção do barulho, que foi ficando mais alto enquanto eu

corria para o estacionamento na lateral do hotel. Quando dobrei a esquina, precisei fazer uma pausa de alguns segundos para processar o que estava vendo.

Tecnicamente aquilo podia ser considerado um carro, mas por pouco. Era minúsculo e quadrado — o cruzamento de um Fusca com um hamster —, com a pintura manchada e o escapamento pendurado a poucos centímetros do chão. Caminhando a passos decididos até ele, mala azul-marinho na mão, mochila pendurada no ombro, estava Ian.

A adrenalina me atingiu com força total. Minhas pernas receberam a mensagem antes de mim, e de repente eu estava atravessando o estacionamento a toda, tendo meu irmão como alvo.

Ele me viu um segundo antes de alcançar a porta do carona, mas já era tarde demais. Colidi com ele como se eu fosse o Hulk correndo para um abraço — ou seja, com muita força. A mochila saiu voando e nós dois caímos no chão pela segunda vez em vinte e quatro horas. Doeu tanto que minha visão ficou turva.

— O que você está fazendo? — sibilou Ian com raiva, tentando ficar de pé.

— O que *eu* estou fazendo? O que *você* está fazendo? — gritei de volta, pulando para me livrar da dor da queda.

Ele fez menção de pegar a mochila, mas fui mais rápida, envolvendo a alça com os dedos.

— Você estava tentando ir embora sem mim?

— Volte para o quarto. Eu deixei um bilhete no espelho do banheiro.

Ele estava se recusando a fazer contato visual.

— Um *bilhete*? Esse é o táxi que nossa mãe chamou para nós? Por que é tão caquético?

De repente, o vidro do lado do carona começou a descer aos solavancos. O som de um aplauso lento de admiração encheu o ar, seguido por uma voz com sotaque irlandês.

— Ah, Ian, você apanhou de uma garota! Pena que não gravei. Adoraria ver de novo.

— Rowan!

Ian correu para a janela, soando feliz demais para alguém que havia acabado de ser derrubado em um estacionamento. Ele estava com o mesmo sorriso largo da véspera, aquele de quando estava grudado no celular.

Larguei a mochila no chão e corri até a janela, empurrando Ian para olhar dentro do carro.

— Olá — disse o motorista.

Ele tinha a idade de Ian — ou talvez fosse um pouco mais velho —, cabelo bagunçado, grandes olhos cinzentos e óculos tartaruga de velho, mas que de alguma forma combinavam com ele. Sua camiseta dizia GATO HIPNÓTICO e exibia um grande felino com espirais no lugar dos olhos. Com certeza não era um taxista. Ele sorriu e uma covinha encantadora apareceu de um dos lados da boca. Até então eu achava que as covinhas só surgissem em pares.

— Quem é você?

Ele estendeu a mão.

— Eu me chamo Rowan. E você deve ser a Addie.

Seu sotaque era cem por cento irlandês, musical e com vogais suaves que derretiam como calda de chocolate no sorvete.

Eu ignorei tanto a mão estendida quanto o sotaque de calda de chocolate. Mas não consegui ignorar o jeito como ele olhava para mim — como se eu fosse algo raro e empolgante que ele tinha acabado de descobrir no meio da selva.

— Como você sabe quem eu sou?

— Eu sabia que Ian tinha uma irmã chamada Addie. Sinceramente, só um guarda ou uma irmã derrubaria alguém no chão de um estacionamento de cascalho.

Quando não correspondi o sorriso, ele fechou a cara e pareceu um pouco inseguro, levantando os cantos dos óculos com as mãos.

— Ou, pelo menos, suponho que ter uma irmã seja assim. Além disso, você parece uma versão feminina e baixinha do Ian.

— *Não* me chame de versão feminina do Ian — retruquei com raiva.

No primeiro ano do ensino médio, pelo menos cinco amigos dele fizeram questão de me dizer que eu parecia meu irmão com uma peruca loira, o que não ajudou nem um pouco minha autoestima.

Ele ergueu a mão.

— Calma. Não falei por mal. Acho que eu também não gostaria se alguém me chamasse de versão masculina de alguma mulher. — A covinha reapareceu. — E eu venho em paz. Então, por favor, não me ataque também.

Ian me empurrou para o lado.

— Desculpa, Rowan. É só uma pedra no caminho. Addie, volte para o quarto. Seu táxi vai chegar mais tarde. O bilhete explica tudo.

Ele tinha acabado de me chamar de “pedra no caminho”?

— Como assim, *meu* táxi? É *nosso* táxi. Por que você está aqui conversando com...?

Não terminei a frase. Estava prestes a dizer “Cara da Camisa de Gato”, mas isso pareceu meio mal-educado.

Ian agarrou meu braço, me arrastando para longe do carro e baixando a voz para que o Cara da Camisa de Gato não ouvisse.

— Tenho ótimas notícias: seu desejo foi atendido. Não vou para a Itália com você. É só ler o bilhete, tem todos os detalhes.

O estacionamento pareceu girar uma vez e depois outra. Ele estava falando sério.

— Você não vai para a Itália? Desde quando? — perguntei, meio zozona.

Ele tirou a franja dos olhos e pôs uma das mãos no meu ombro para me reorientar.

— Desde sempre. Vou encontrar você em Dublin para pegar o voo de volta para casa.

Minha mãe tinha comprado passagens de ida e volta para a Itália. A ideia era que voltássemos a Dublin e pegássemos o mesmo avião para casa que o resto da família. Mas parecia que isso não estava mais nos planos.

— Mas... por quê? — quis saber, desesperada.

Rowan nos interrompeu.

— Achei que Addie estava por dentro de tudo. Ela não sabe que vamos para Stradbally?

Eu me distraí por um momento. Ele falava meu nome de um jeito que parecia que estava sendo tocado em um *fiddle* irlandês.

— Eu deixei um bilhete — falou Ian, as bochechas corando. Ele empurrou o cabelo caído no rosto e lançou uma expressão culpada para mim. — É mais fácil assim.

— Mais fácil pra quem? — rebati.

Rowan se inclinou para a janela do lado do carona, o olhar preocupado por trás dos óculos.

— Um *bilhete*? Não é de admirar que ela tenha atacado você. É uma situação bem suspeita. Você se encontra com um cara aleatório e vai embora para um lugar que ela nunca nem ouviu falar?

Ergui as mãos em um gesto frustrado.

— Até que enfim alguém está fazendo sentido aqui.

— Stradbally é uma cidadezinha perto de Dublin — explicou Rowan, olhando para mim. — Mas nós vamos passar em outros lugares primeiro. Temos que fazer uma pesquisa antes de...

— Ei, pode parar por aí! — interrompeu Ian, desesperado. — Por favor, não conte para ela.

Ele me empurrou para fora do caminho e puxou a maçaneta da porta do carro, mas esta não se moveu.

— Não me contar o quê? Ian, não me contar *o quê*?

Eu agarrei sua mochila. Rowan abriu um sorriso sem graça para meu irmão.

— Foi mal, Ian. Segundo o antigo proprietário, essa porta não abre desde o final dos anos 1990. Os rapazes sempre precisam entrar pela janela.

— Que rapazes? — perguntei. Como se essa fosse a pergunta mais importante naquele momento.

Ian jogou a mochila para dentro do carro e deslizou pela janela aberta antes de pegar a mala. Tentei agarrá-la, mas ele foi mais rápido.

— Addie, vá ler o meu bilhete e pronto. Vejo você daqui a alguns dias.

Eu me apoiei na janela do carro. Minhas mãos estavam trêmulas.

— Ian, você não estava no carro comigo ontem? Não ouviu o que a mamãe disse sobre não nos metermos em confusão? Isso aqui é a definição perfeita de confusão.

Os ombros dele murcharam.

— Qual é, Addie, você mesma disse que não quer que eu vá para a Itália e eu entendo. Até respeito isso. Então pode fazer sua viagem, e eu faço a minha. Só vamos ter problemas se um de nós contar para nossos pais, e sabemos muito bem que a chance de isso acontecer é zero.

— Mas Ian...

— Só vamos dar uma passadinha no Electric Picnic — acrescentou Rowan naquele tom de voz tranquilizador que você usaria para falar com um cão raivoso. — Segunda-feira de manhã acaba. Não precisa se preocupar, irmãzinha ninja.

— Electric o quê?

O Camisa de Gato olhou para mim com pena. Minha voz estava meio histérica. Esganiçada.

— Electric Picnic. É o maior festival de música da Irlanda. Acontece todo ano. Tem várias bandas indie e alternativas. Mas este ano é especial. Adivinha quem é a atração principal?

Rowan fez uma pausa, sorrindo como se eu tivesse acabado de balançar uma sobremesa saída do forno com cheirinho de canela na frente do seu nariz.

— Com certeza não é o Ian — respondi com a voz fraca.

— Sim, sou eu! — falou Ian. — *Com certeza*. E você não vai estar nem aí porque vai estar ocupada na Itália se divertindo tanto.

— Titletrack vai se apresentar no Electric Picnic — informou Rowan, com um tom de voz que deixava claro que nós dois o

hávamos decepcionado.

Titletrack. Na mesma hora me lembrei do pôster enorme pendurado acima da escrivaninha de Ian. Quatro caras com expressões pensativas e uma música que, eu precisava admitir, era única. Eu tinha passado a aguardar ansiosamente a carona de Ian para a escola toda manhã só para ouvi-la.

— Aquela banda que você ama. Do Reino Unido.

— Essa mesma — disse Rowan em tom encorajador. — Só que eles são irlandeses, não britânicos. E Ian está planejando...

— Já chega, Rowan. Addie, divirta-se na Itália.

Ian começou a fechar a janela, mas me joguei em cima do vidro, usando meu peso para impedi-lo de girar a manivela.

— Ian, *pare*. — Rowan lançou um olhar de reprovação para o meu irmão. — Você ia mesmo fechar a janela na cara dela?

Ian se encolheu sob o olhar acusatório de Rowan e encarou as próprias mãos inquietas como se estivesse tentando tomar uma decisão.

— Addie, depois eu explico tudo. Só não deixe nossos pais descobrirem e vai ficar tudo bem. Você vai dar um jeito. — Ele respirou fundo e acrescentou depressa: — Você passou o verão inteiro mentindo para todo mundo, então isso vai ser moleza.

Aquela frase tinha sido ensaiada. Ele tinha formulado e guardado na manga em caso de emergência. Caso eu me tornasse *uma pedra no caminho*.

— Ian... — Meus olhos ficaram cheios d'água, o que me deixou furiosa, claro. Eu não podia perder o controle, não na frente daquele desconhecido com roupas estranhas, e muito menos quando Ian já estava sentado no carro do desconhecido com roupas estranhas. —

Ian, não vai funcionar. Você sabe que eles vão descobrir que você não foi para a Itália e então estaremos fora dos times.

Ele encarou o painel do carro.

— Qual é, Addie. Os times não são a coisa mais importante do mundo.

— Ah, não são? — Minha respiração estava ofegante, formando pequenas explosões no meu peito. O que mais ele ia inventar? Que cabras peidando não são hilárias? — Quem é você e o que fez com meu irmão?

— Esta é minha única chance de assistir a um show do Titletrack. Lamento que você não goste da ideia, mas eu vou e pronto.

Seu tom era seco, severo, os olhos de um azul frio e determinado. Aquela resposta desencadeou uma reação de pânico em cadeia dentro de mim. Havíamos entrado oficialmente no estágio Ian Desafiador, mais conhecido como o estágio Não Volto Atrás de Jeito Nenhum. A menos que eu fizesse algo drástico para detê-lo, ele iria mesmo para aquele show.

Era agora ou nunca.

Mergulhei pela janela e arranquei a chave da ignição, então deslizei para fora antes que qualquer um dos dois tivesse tempo de processar o que estava acontecendo.

— Addie! — Ian tirou o cinto de segurança e saiu pela janela. Eu já estava do outro lado do carro, apertando as chaves na palma da mão. — É sério que você vai fazer isso?

— Cara, vocês são muito divertidos! Parecem até um seriado de comédia.

Rowan reclinou o assento, que estalou e fez barulho. Eu me virei para meu irmão.

— Ian, você não pode fazer isso. Você sabe que preciso jogar futebol para conseguir entrar em uma boa faculdade. Não pode fazer isso comigo.

— Seus planos para a faculdade não são problema meu.

Sua voz falhou no meio da frase. Ele estava tentando bancar o durão, mas o verdadeiro Ian estava lá, aquele que sabia quanto eu me esforçava na escola, mesmo que fosse inútil. Às vezes, eu tinha a impressão de que ele se sentia culpado porque as coisas eram sempre fáceis para ele e nada parecia fácil para mim.

Nós nos encaramos, esperando que o outro desse o primeiro passo. Ian avançou em minha direção e corri no sentido oposto, mantendo o carro entre nós.

Ian gemeu.

— Foi mal, Rô. Vou resolver isso pra gente ir. É só um pequeno desvio de percurso.

— Você não quis dizer “uma pedra no caminho”? — perguntei, deixando o tom sarcástico de propósito. — E que história é essa de “Rô”? Você já tem um apelido pra esse cara?

Ian tirou a franja do rosto, tentando chegar mais perto de mim.

— Eu o conheço há mais de um ano.

— Como?

— Pela internet. — Ian avançou, mas escorregou no cascalho, o que me deu tempo de sobra para chegar ao outro lado do carro. Ele se levantou devagar, erguendo as mãos em sinal de rendição. — Tudo bem, tudo bem. Você venceu.

— Não me subestime, Ian. Eu brigo com você há dezesseis anos. Acha mesmo que não sei que fingir se render é uma das suas estratégias?

Ele apenas levantou as mãos mais alto.

— Olha, mesmo que nossos pais descubram, aí nós ficaremos quites. Eu tenho que lidar com as consequências do que aconteceu com você e Cubby, e você tem que lidar com as consequências de eu ficar na Irlanda. Agora me devolve as chaves.

— Eu já mandei parar de falar sobre o Cubby. E você ficar com vergonha na frente dos seus amigos não é uma *consequência*.

A voz de Rowan saiu pela janela.

— Cubby é seu irmão mais velho?

— Não — respondeu Ian imediatamente, os olhos fixos em mim.
— Walt é o mais velho.

— Ah, isso mesmo. Walt. — Rowan abriu a porta do carro e saiu, segurando uma caixa grande de cereal em que se podia ler SUGAR PUFFS. — Por mais divertido que isso seja, todos nós sabemos que vocês não podem continuar assim para sempre. Então, que tal a gente ir lá pra dentro tomar um café da manhã de verdade? — Ele sacudiu a caixa de cereal de modo tentador para Ian. — Ou talvez algo mais forte, se você quiser. Uma cerveja? Vamos resolver isso.

Eu balancei a cabeça.

— Nós não temos idade para tomar *cerveja*. E não temos nada para conversar...

Em um lampejo, Ian deslizou pela frente do carro e agarrou meu pulso. Nós ficamos neste impasse: Ian tentando arrancar as chaves das minhas mãos enquanto eu me enrolava como um tatu-bola, focando toda a minha energia em manter os punhos cerrados. Outro clássico das brigas de Addie e Ian. Certa vez, no ensino fundamental, havíamos ficado nessa posição por onze minutos e meio, e por causa de um Oreo. Walter havia cronometrado.

— Ian... me... solta!

Rowan se recostou no carro, enfiando um punhado de cereal na boca.

— Vocês dois são o melhor argumento a favor de filhos únicos que eu já vi. — Ele mastigou um pouco e engoliu. — Então, acabei de ter uma ideia. Addie, que tal você entregar as chaves para mim e depois se juntar a nós em nossa primeira parada?

— Não é uma boa ideia — retrucou Ian, empurrando seu ombro contra o meu.

— Como assim, me juntar a vocês?

Dei uma cotovelada bem nas costelas do meu irmão.

— Addie. — Ian gemeu. — Isso dói.

— Essa é a *minha* estratégia — falei, orgulhosa.

— Olha só. — Rowan levantou a caixa de cereal. — A primeira parada não fica muito longe. Menos de uma hora. Você pode vir com a gente e entender melhor o que Ian está fazendo. Então, os dois podem pensar juntos em um plano para guardar segredo de seus pais, aí Addie segue viagem. Não precisam se digladiar até a morte.

Primeira parada. Quer dizer que havia mais de uma? Isso despertou minha curiosidade, mas eu me recusava a fazer perguntas sobre uma viagem na qual Ian *não* iria. Muito menos quando toda a minha energia estava sendo gasta em continuar segurando as chaves do carro.

— Não podemos arriscar perder nosso voo — falei, enfatizando o “nosso”. — Deixar de visitar Lina não é uma opção.

— Quem é Lina?

— Minha melhor amiga.

— Ah, sim! Aquela que se mudou para a Itália.

— O que mais Ian disse sobre mim? — perguntei, apertando ainda mais as chaves.

— Nem vem — disse Ian. — Acredite ou não, nós não passamos o dia inteiro falando de você.

Eu me virei e tentei correr de volta para o hotel, mas foi a vez de Ian quase me derrubar, fazendo as chaves caírem no cascalho. Tentei apanhá-las, mas Ian foi mais rápido.

Ele correu para o carro.

— Vamos! — gritou, jogando as chaves para Rowan. Este, no entanto, guardou as chaves no bolso com todo o cuidado e me olhou com uma expressão séria.

— Venha com a gente até nossa primeira parada. O aeroporto não fica longe de Burren. Vai ter tempo de sobra.

Burren. Onde eu tinha ouvido aquela palavra antes? *Você sabe onde, docinho,* uma voz me disse. A Autora do Guia. Isso.

— É aquele lugar das pedras? — perguntei.

Seu rosto se iluminou e ele ajeitou os óculos com entusiasmo.

— Você já ouviu falar?

— Li sobre ele ontem à noite. — *O Irlanda para corações partidos* tinha uma seção inteira sobre Burren logo após a parte sobre as Falésias de Moher. Quais eram as chances de a primeira parada da não viagem de Ian também estar no meu guia? Minha postura mudou. — Você acha mesmo que a gente chegaria a tempo?

— Com certeza.

Rowan abriu um sorriso amigável.

Ian soltou um resmungo estrangulado, depois parou entre nós.

— Olha, Rowan, eu entendo o que você está tentando fazer, mas é uma má ideia. — E, com medo de Rowan não ter entendido, meu

irmão continuou: — Na verdade, uma *péssima* ideia. Precisamos nos ater ao plano original.

— Não é uma *péssima* ideia — protestei.

— Mas estaríamos seguindo o plano original, apenas fazendo um pequeno desvio para o aeroporto. Não atrasaria a viagem — falou Rowan, devagar e com certa hesitação, a testa franzida. Ele não precisava dizer em voz alta o que estava pensando: *Por que você está sendo tão babaca?*

Os ombros de Ian desabaram e sua mão direita sumiu entre os cabelos em um gesto de nervosismo.

— Mas... tem tanta coisa no seu carro. Onde ela vai sentar?

— Isso é fácil. Ela é um pingo de gente. Vamos abrir espaço.

Um pingo de gente?

Rowan ergueu o queixo na minha direção.

— Você não se incomoda de ficar meio espremida por mais ou menos uma hora, né?

Eu me inclinei para olhar pela janela de trás. Ian não estava exagerando. O carro não só tinha o menor banco traseiro do mundo como também estava tão lotado quanto os carros de Archie e Walter quando os dois voltavam para a faculdade no início do semestre. Era uma confusão de roupas, livros e produtos de higiene. Pela primeira vez, ser pequena ia ser uma vantagem.

— Vou sobreviver.

Ian se balançava de um lado para outro, mexendo distraído no zíper do casaco. Ele estava dividido. Independentemente do que tinha dito, não se sentia bem me abandonando no hotel. Seu espírito de irmão mais velho era forte demais. Eu precisava usar isso a meu favor.

— Olha, faz sentido. — Rowan estendeu a caixa de cereal para Ian, que não aceitou. — Vocês precisam de um tempo para se acostumar com a ideia. O trajeto até Burren vai nos dar esse tempo.

— É uma má ideia — repetiu Ian.

— Você já disse isso.

Duas possibilidades passaram pela minha cabeça. Na melhor delas, eu poderia usar o tempo extra para fazer Ian ouvir a voz da razão. Na pior, veria outro lugar do guia de viagem e talvez me encontrasse um passo mais perto de curar meu coração partido — isso se a Autora do Guia soubesse do que estava falando — antes de seguir viagem sozinha para a Itália. Consultei minha bola de cristal mental: *Tudo indica que sim.*

Dei um passo decidido na direção de Rowan.

— Preciso que você me entregue as chaves.

— *Não dê as chaves para ela* — ordenou Ian.

Uma das sobrancelhas de Rowan se ergueu e ele abriu um pequeno sorriso.

— Tenho que buscar minha mala. E preciso ter uma garantia de que vocês não vão me deixar para trás.

— Rowan... — advertiu Ian.

Rowan assentiu, pensativo, e jogou as chaves para mim em um movimento perfeito, ainda sorrindo. Cada sorriso dele parecia um prêmio.

— Foi mal, Ian, mas ela está certa. Eu também não ia querer deixar a gente sozinho no estacionamento. Não resisto a bons argumentos.

Vitória.

Ian balançou o cabelo para cima do rosto e cruzou os braços, emburrado.

— Addison Jane Bennett, se você não voltar em cinco minutos, vou atrás de você.

A covinha de Rowan ressurgiu.

— É melhor correr, Addison Jane.



— *Addison Jane Bennett, você tirou oito em geometria? Achei que só tirasse dez.*

Eu dei um passo para trás, a mão no peito, quase tropeçando. Era a manhã de um dia de julho e das duas uma: ou eu estava vendo coisas ou Cubby Jones estava no meio da minha cozinha olhando meu boletim.

Eu pisquei algumas vezes, mas ele continuava lá. Só que agora tinha seu sorriso de sempre, uma das mãos ainda na geladeira. Muita coisa havia mudado desde a manhã em que eu tinha feito waffles. O sorriso de Cubby não chegava mais aos olhos, e algo nessa mudança parecia calculada, como se ele tivesse descoberto seu poder e estivesse usando-o em proveito próprio. Como agora.

— *O que você está fazendo aqui? — perguntei, a voz rouca.*

Ele sorriu de novo e, em seguida, sentou-se na bancada com uma facilidade atlética.

— *Não tente mudar de assunto. Oito? O que seu irmão, um dos melhores alunos da escola, acha disso?*

— *Eu me dei mal na última prova — respondi, tentando, sem sucesso, adotar um tom casual. — E você sabe que boletins são*

confidenciais, não sabe?

Tentei arrancar o papel de sua mão, mas Cubby o segurou com mais força, puxando-me para mais perto antes de soltar. De repente eu tinha doze anos de novo, nesta mesma cozinha, olhando seus olhos pela primeira vez e percebendo que eram de cores diferentes. Ele também deve ter se lembrado, porque de repente o velho Cubby estava de volta, com o sorriso que chegava aos olhos.

— Então... — Ele pigarreou e me olhou de cima a baixo. — Você está saindo para correr?

Cruzei os braços, lembrando-me do que estava vestindo. Uma camiseta surrada e shorts velhos tão curtos que eu só usava para dormir ou para ir rápido até a cozinha beliscar alguma coisa. Ou, nesse caso, apenas para esbarrar na minha paixão de longa data.

Às vezes eu odiava minha vida.

— Não vou correr. Eu só... — Mordi o lábio, nervosa, louca para sair dali o mais rápido possível, mas ao mesmo tempo morrendo de vontade de ficar. — O que você está fazendo aqui, Cubby?

— Ninguém me chama mais de Cubby, Addison — disse ele, inclinando a cabeça de leve.

— Bem, ninguém me chama de Addison. E você não me respondeu.

Fui em direção ao corredor, sentindo o azulejo frio sob os pés descalços. O olhar de Cubby despertava sentimentos dentro de mim, e eles se emaranharam em um nó no meu estômago. Por que eu tinha que estar tão horrorosa? No andar de cima, a porta do banheiro bateu.

— Vim buscar seu irmão. O treinador marcou um treino extra de manhã, e Ian disse que você estava com o carro hoje.

— Temos guarda compartilhada. Este fim de semana o carro fica comigo.

Cubby assentiu como se entendesse bem.

— Mas você se lembrou de explicar para o carro que isso não é culpa dele? E que vocês dois o amam muito?

Explodi em risadas no instante em que Ian apareceu na porta. Seu cabelo ainda estava molhado do banho e os cordões dos seus dois casacos estavam emaranhados. Ele era a única pessoa que eu conhecia que usava mais de um casaco com capuz ao mesmo tempo. Como ele fazia para vesti-los era um mistério não solucionado, para o qual eu vinha tentando encontrar uma resposta havia anos.

Cubby inclinou a cabeça.

— Oi, Bennett.

Ian acenou, sonolento, então me olhou com desconfiança.

— Addie, por que está acordada tão cedo?

— Eu estava no telefone com a Lina.

Com a diferença de fuso horário, às vezes eu precisava acordar muito cedo se quisesse falar com ela.

Ele olhou para o meu pijama e franziu a testa. Eu não precisava ser nenhuma adivinha para saber o que ele estava pensando.

— Tchau, Addison — disse Cubby, simpático, então pulou da bancada e lançou um olhar demorado para mim ao seguir Ian para fora da cozinha.

— Tchau, Cubby — respondi, meu coração batendo rápido como o de um beija-flor.

No segundo em que ele sumiu de vista, desabei na bancada. Por que eu sempre me comportava como uma menininha apaixonada do

fundamental? Daria no mesmo andar por aí com uma camiseta dizendo EU ♥ CUBBY JONES.

De repente, o rosto de Cubby apareceu de volta no corredor.

— Ei, Addie, você quer sair um dia desses?

Eu me empertiguei na hora.

— Hã... quero?

Seria de se esperar que, convivendo com tantos irmãos, eu soubesse como falar com o sexo oposto, mas não era o caso. Eu só tinha aprendido a me defender. E o jeito que Cubby estava olhando para mim, olhando de verdade... Eu não tinha defesa para aquilo. Era como se todos os meus vasos sanguíneos estivessem pegando fogo.



No quarto do hotel, estabeleci o recorde mundial de pessoa que se vestiu, arrumou a mala e encontrou o celular mais rápido: tudo em menos de seis minutos. Depois de amarrar o tênis, enfiei a cabeça no banheiro para investigar o suposto bilhete de Ian. Realmente havia um pedaço de papel dobrado preso no canto do espelho, e vi meu nome escrito com a letra minúscula do meu irmão. Eu talvez nem tivesse reparado.

— Caramba, Ian — resmunguei.

Enfiei o bilhete no bolso e levei a mala até a porta, parando ao avistar o guia caído debaixo da cama. Corri e o peguei. Não gostava muito da ideia de roubar um livro da biblioteca dos gnomos, mas aquelas páginas enrugadas faziam com que eu me sentisse melhor. Menos sozinha. E se, além disso, a Autora do Guia estivesse dizendo

a verdade? E se ela fosse *mesmo* uma especialista em corações partidos? Eu precisava de toda a ajuda possível. Talvez eu pudesse dar um jeito de devolver o guia pelos correios quando estivesse na Itália.

Lá fora, o carro continuava parado no mesmo lugar e Rowan estava revirando o porta-malas. Agora que não estava mais ocupada lutando com meu irmão, tive a oportunidade de reparar em Rowan direito. Ele era mais alto do que eu esperava e bem magro — Archie ou Walter dariam dois dele. Ainda assim, era óbvio que ele tinha o que minha mãe chamava de “presença”. Se Rowan entrasse em qualquer refeitório em qualquer escola, dez garotas desviariam os olhos de seus sanduíches de presunto e sussurrariam “Quem é esse?” em vozes ofegantes idênticas.

Sorte que minha voz ofegante tinha partido para nunca mais voltar.

— Bem-vinda de volta.

Rowan pegou minha mala e a jogou no porta-malas. Apontei para os adesivos colados na traseira do carro.

— Você escolheu todos ou eles já vieram com o carro?

— Segunda opção. Faz três semanas que eu tenho esse carro.

ESTE CARRO É MOVIDO A PURA SORTE IRLANDESA

VIVA A VÍRGULA!

CUPCAKES SÃO MUFFINS QUE NÃO DESISTIRAM DE SEUS SONHOS

— O do muffin é engraçado — falei, segurando o guia debaixo do braço.

— Também acho. Pode ter sido o motivo pelo qual comprei esse carro. Não havia muito mais o que amar.

Eu balancei a cabeça.

— Não é verdade. O carro veio com um raro escapamento rebaixado. Aposto que esse pessoal fanático por carros antigos iria à loucura.

— Peraí. Isso é uma piada ou o escapamento está mesmo baixo demais?

Ele olhou preocupado para o teto do carro, dois metros acima de onde ficava o escapamento. Caramba. Pelo visto Rowan não entendia muito de carros.

— Hã... aquele cano ali embaixo — respondi, apontando para o para-choque traseiro. — Ele joga os gases da combustão para fora do carro. Se começar a arrastar no chão, vai fazer uma barulheira dos infernos.

— Ah... — Ele soltou o ar e suas bochechas coraram. — Na verdade, acho que já estava fazendo esse barulho. No caminho até aqui. Principalmente quando a estrada ficou mais irregular. Mas Trevo faz tantos barulhos altos que pensei que não era nada fora do normal.

Ele deu um tapinha afetuoso no carro.

— Trevo?

Rowan apontou para o adesivo mais proeminente, um trevo grande e desbotado.

— É o apelido do carro.

— Que irlandês.

— Nada como um bom estereótipo — respondeu ele, a boca se franzindo em outro sorriso.

Eu queria que ele parasse de sorrir tanto. Isso me trazia lembranças de outro sorriso notável.

— Está na hora. — Ian enfiou a cabeça para fora da janela, batucando na lateral do carro. Acho que foi sem querer, mas sua expressão empolgada estava voltada para mim. — Addie, abri espaço pra você. Acho que vai ser melhor se você entrar por este lado.

Eu corri para o carro, querendo preservar sua boa vontade, mas quando olhei para dentro a alegria que o sorriso de Ian havia despertado desapareceu na hora. Ele tinha dado um jeito de colocar os pertences de Rowan em uma pilha instável que quase chegava ao teto. O único espaço livre era atrás do banco de Ian, onde caberiam apenas três esquilos desnutridos. Se todos encolhessem a barriga.

— Maravilha, Ian — disse Rowan atrás de mim. — Você fez um milagre aí atrás.

Ou ele era um grande mentiroso ou um grande otimista.

— Hã... é, arrasou, Ian — elogiei, apoiando as mãos nos dois lados da janela. Eu precisava manter o clima positivo. — Então, como faço exatamente para entrar?

— Pelo meio — disse Ian. — Pode passar por cima de mim.

— Ótimo.

Eu passei a perna pela janela, ainda segurando o guia enquanto tentava passar entre os dois bancos da frente.

— O que é isso? — perguntou Ian, fazendo menção de pegar o livro.

Eu rapidamente o joguei no banco de trás.

— É um guia da Irlanda.

— Ah, sim, onde você leu sobre Burren — comentou Rowan.

— Isso aí.

Fiquei parada, sem saber como dar o próximo passo. Contornar a pilha de cacarecos não seria um processo simples.

— Tente botar o pé no...

Rowan não terminou a sugestão, pois eu já estava caindo, arrastando os pertences dele junto. Desabei na pilha de tralhas.

— Tenho quase certeza de que havia uma maneira menos violenta de fazer isso — observou Ian.

Rowan ergueu as sobrancelhas.

— Tenho certeza absoluta de que havia uma maneira menos violenta de fazer isso. Mas nenhuma tão divertida quanto essa.

O veludo desbotado pelo sol que revestia o banco de trás tinha um leve cheiro de queijo. E o banco de Ian estava tão recuado que meus joelhos mal cabiam ali. Dobrei as pernas ao máximo, estremeando ao me ver tão espremida, e em seguida cutuquei a pilha de cacarecos.

— Rowan, o que é tudo isso?

— É uma longa história. — Ele ligou o carro e apontou para o olho roxo de Ian. — E aí, você vai me contar o que aconteceu ou esse vai ser o grande mistério da viagem?

— Pergunte pra ela. — Ian apontou para trás com o polegar. — Foi a Addie.

Rowan se virou e olhou para mim com ar impressionado.

— Uau. Você é sempre assim tão agressiva?

— Sempre — respondeu Ian por mim.

Era impressão minha ou havia um leve orgulho misturado à exasperação daquela palavra? De qualquer maneira, não protestei. Rowan achar que eu era perigosa poderia funcionar a meu favor.

— Prontos? — perguntou Rowan.

Antes que pudéssemos responder, ele acelerou e o carro deu um solavanco tão grande que a pilha de cacarecos tombou, cuspidando um punhado de discos e um sapato. Um bando de pássaros levantou voo quando cantamos pneu pelo estacionamento e pegamos a estrada iluminada pelo sol, com pétalas de rosa voando atrás de nós.

Ou pelo menos foi assim que imaginei nossa partida. Havia coisa demais bloqueando minha visão e não dava para ter certeza.

* * *

Eu achei que, quando pegássemos a estrada, algumas coisas seriam esclarecidas. Por exemplo, o que um ponto turístico na Irlanda ocidental tinha a ver com a banda favorita do meu irmão. No entanto, em vez de explicar, Ian pegou um mapa da Irlanda enorme e rabiscado que aparentemente vinha carregando na mochila, Rowan passou sua caixa de cereal para ele, e os dois começaram a gritar um com o outro.

Não gritar com raiva, era um gritar animado, em parte necessário devido à música alta — porque, como Rowan explicou, o botão do volume estava quebrado — e em parte por pura empolgação. Era como se os dois tivessem acumulado um arsenal de coisas para dizer e, agora que estavam cara a cara, precisavam soltar tudo de uma vez ou corriam o risco de explodir. E Rowan era um nerd de música como Ian, talvez até mais. Em dez minutos, eles discutiram sobre:

- Um músico dos anos 1980 chamado Bruce alguma coisa, famoso por compor sinfonias de guitarra que envolviam trazer mais de trinta guitarristas ao palco

de uma vez só

- Se o minimalismo é a marca de um grande músico
- Algo chamado “violência punk” que, segundo Rowan (e Ian concordou com muito entusiasmo), era uma reação natural ao gênero *synth-pop* que surgiu no início da MTV
- O fato de o termo “indie” não significar mais nada agora que os grandes selos independentes estavam produzindo artistas em uma linha de montagem gigantesca

Eu estava dividida entre ficar ouvindo Ian conversar sobre seu assunto favorito e tentar não ter um ataque de pânico toda vez que olhava para a estrada. Rowan era um terror ao volante. Ele andava apenas um pouco abaixo da velocidade da luz e tinha desenvolvido algum método divinatório para saber em quais curvas não precisava ficar na própria pista.

Mas eu era a única preocupada. A voz animada de Ian foi ficando cada vez mais alta, e ele alternava entre seus tiques nervosos favoritos: balançar o joelho, tamborilar e brincar com o cabelo. Ele não deveria estar explicando as coisas para mim?

Meu celular vibrou e parei de prestar atenção na conversa para ler uma mensagem gigantesca:

(1) Obrigada por sua inscrição no BOLETIM MIAU DA LINA — a maneira mais divertida de parar de ignorar sua melhor amiga e aprender curiosidades sobre felinos! Você sabia que quando um gato doméstico morria no Antigo Egito, os membros de sua família raspavam as sobrancelhas para demonstrar seu luto? E uma curiosidade bônus: Você sabia que corre o risco de ter as SUAS sobrancelhas raspadas? POR MIM? (Principalmente porque você chega à Itália hoje e eu não tenho notícias suas

faz UMA SEMANA E MEIA?) Para receber mais curiosidades sobre felinos, basta continuar a me ignorar. Obrigada mais uma vez pela sua assinatura e tenha um dia ronronante!

— Ai, não... — sussurrei para mim mesma.

Na mesma hora, novas mensagens de Lina começaram a se proliferar como bolas de pelos. A curiosidade sobre a família egípcia tinha sido apenas o começo.

(2) A taxa de sobrevivência de gatos que caem de uma altura de cinco andares é de 90%. Garotas que ignoram suas amigas por mais de 7 dias têm apenas 3% de chance de permanecerem amigas (e isso somente se tiverem um bom motivo). Obrigada mais uma vez pela sua assinatura e tenha um dia ronronante!

(3) O coletivo de gatos pode ser gatária, gatarada, balaio, bichanada ou até mesmo cambada. Mas só existe uma palavra para descrever aqueles que param de conversar com suas melhores amigas sem qualquer motivo: babaca. Este não é um fato felino. É apenas um fato. Obrigada mais uma vez pela sua assinatura e tenha um dia ronronante!

(4) Na década de 1960, a CIA transformou uma gata em uma pequena espiã de quatro patas ao implantar um microfone e uma câmera em seu ouvido e costas. Infelizmente, a missão da Gata Espiã chegou ao fim quando ela correu para a rua e foi atropelada por um táxi. Isso me lembrou daquela vez que você resolveu me visitar na Itália e, na semana anterior, parou de

falar comigo. VOCÊ AINDA VEM??? Obrigada mais uma vez pela sua assinatura e tenha um dia ronronante!

A culpa pesava nos meus ombros. Eu tinha que responder.

Desculpa desculpa desculpa. Claro que ainda vou para a Itália. Explico tudo quando chegar aí!

— É nossa mãe?

A voz de Ian contornou a pilha de pertences de Rowan para me atingir na cara. Ele segurava uma mecha de cabelo molhado perto da boca.

— Que nojo — falei, apontando para o cabelo dele. — E não. É a Lina.

Ele continuou mastigando a mecha.

— O que ela disse?

— Que está muito animada para nos ver. Sabe, porque *nós dois* vamos para lá.

Eu ergui as sobrancelhas para ele. Às vezes o humor era a melhor resposta quando se tratava do Ian.

— Nos seus sonhos — respondeu ele.

É, acho que não funcionou.

— Addie, você quer cereal? — Rowan passou a caixa de Sugar Puffs pelo espaço entre os bancos.

— Não. Obrigada. — Eu me inclinei para trás, esfregando a coxa. Estar espremida em um espaço tão pequeno tinha deixado minha perna esquerda formigando, como se estivesse levando agulhadas. — E aí, quando vão me contar?

— Contar o quê? — Ian tirou a mecha da boca, e o cabelo caiu no seu ombro.

— Seu plano. — Apontei para o mapa. — Pode começar explicando o que Burren tem a ver com Titletrack.

O joelho de Ian balançou.

— Boa tentativa, Addie. A gente tem uma hora até deixar você no aeroporto, e o nosso combinado é que você fique quietinha até lá. Então pode relaxar aí.

Eu odiava quando Ian usava aquele tom condescendente comigo. Só aparecia quando ele estava tentando tirar vantagem de sua posição de irmão mais velho. Quinze meses não eram muita experiência extra, mas, segundo ele, a criação do universo tinha acontecido naquele intervalo de tempo.

— Que combinado? A gente não combinou nada.

Ele se virou para trás, com um sorriso alegre que me pegou desprevenida. Mesmo com a minha presença, Ian estava mais feliz do que no verão inteiro.

— Ao entrar neste carro você automaticamente concordou com nossos termos e condições. Foi um trato.

— Ah, sim, e por caso é você quem decide os termos?

— É isso aí. — Ele deu um tapinha condescendente em meu braço. — Agora você entendeu.

Empurrei a mão dele.

— Quer saber? Deixa pra lá. É melhor assim. Em vez de pensar na viagem de carro pela Irlanda que você não vai fazer, posso passar meu tempo apreciando a vista e pensando em como vamos nos divertir muito mais em Florença.

— Vai sonhando, irmãzinha.

Rowan encontrou meu olhar pelo retrovisor, os cantos de sua boca se curvando em um sorriso divertido. Eu esperava que ele interviesse a meu favor — afinal de contas, tinha sido ele quem sugerira que usássemos essa pequena viagem paralela como uma oportunidade para esclarecer tudo —, mas, em vez disso, ele e Ian voltaram para a conversa deles. O apelo da música era forte demais.

Eu me inclinei para a frente a fim de procurar pistas no mapa de Ian. Uma sequência de Xs formava um arco crescente ao longo do sul da Irlanda, cada local rodeado por anotações na caligrafia minúscula de Ian. A maior parte das anotações estava concentrada em seis pontos numerados:

1. Poulnabrone
2. Sleah Head
3. Torc Manor
4. Pub Au Bohair
5. Castelo de Cashel

E o *grand finale*, escrito em letras maiúsculas:

6. ELECTRIC PICNIC

Ótimo. Eu sabia reconhecer um dos projetos de Ian quando via um. Toda vez que encontrava algo que o interessava de verdade, ele caía de cabeça, e nem todos os argumentos do mundo poderiam fazê-lo mudar de ideia. Quando se decidia, dava tudo de si. Era o que fazia dele um grande atleta.

Peguei seu bilhete no meu bolso.

Addie,

Mudança de planos. Não vou para a Itália. Diga a Lina e ao pai dela que precisei voltar para casa mais cedo para treinar. E diga a nossos pais que estou com você. Vou encontrar vocês no voo de volta para casa. Explico mais tarde.

— Ian

Aquilo era sério? Eu me debrucei nos bancos da frente de novo, enfiando o papel na cara de Ian.

— Esse era o seu bilhete? Sua grande explicação? Nem parece sua letra! Eu ia achar que você tinha sido sequestrado!

Ian se assustou, como se tivesse se esquecido de que eu estava no banco de trás. Talvez tivesse mesmo. Ele pegou o bilhete.

— Eu estava tentando ser breve.

— É, conseguiu.

— Posso ver? — Rowan pegou o bilhete e leu em voz alta, sua voz musical fazendo a mensagem parecer ainda mais enigmática. — Uau, é ruim mesmo.

Ian pegou o papel e o guardou na mochila.

— Eu queria que fosse que nem nos filmes de guerra, em que as pessoas só têm as informações absolutamente necessárias. Assim, caso sejam capturadas pelo inimigo, não vão revelar segredos sob tortura.

— Sob tortura? — perguntei, incrédula.

Ele encolheu os ombros, envergonhado.

— Você entendeu o que quis dizer. Só achei que seria melhor se você não tivesse todas as informações.

— Eu ainda não tenho todas as informações.

Puxei a perna direita, conseguindo libertá-la da fenda entre os bancos. Se Ian não ia me contar o que estava acontecendo, talvez Rowan contasse. Eu fixei meu olhar na parte de trás do seu pescoço. Seu cabelo era um pouco mais longo na nuca.

— Então, quem é você exatamente? — perguntei, usando minha voz mais amigável, aprovada por Catarina, a guru dos imóveis. Ela considerava a curiosidade uma poderosa ferramenta de persuasão. O primeiro passo era fingir interesse.

Não sei se foi a pergunta ou o tom alegre, mas seus olhos se voltaram para mim com cautela.

— Me chamo Rowan. Nos conhecemos no hotel, lembra? Você disse que meu amortecedor estava baixo demais...

— Isso parece um eufemismo — afirmou Ian.

— Era o escapamento — retruquei em tom choroso, desistindo do fingimento. — Deixa pra lá. Essa parte não importa. O que quero saber é por que você — apontei para ele —, claramente irlandês, e meu irmão — apontei para Ian —, claramente americano, estão agindo como se fossem amigos de longa data. E não venham de novo com esse papo de que se conheceram na internet. Pessoas que só se conhecem na internet não conseguem adivinhar os pensamentos uma da outra.

— Isso não é uma violação dos termos e condições? — perguntou Rowan, citando a desculpa anterior de Ian.

Meu irmão abriu um sorriso conspiratório.

— É verdade, é uma violação clara — comecei a dizer, mas parei para pensar. O que eu precisava era de um bom argumento. Tinha funcionado antes e me ajudado a convencer Rowan a me entregar as chaves. — Rowan, a questão é que a chance de eu apoiar os planos de Ian é bem maior se eu souber o que está acontecendo.

— Seeeei... — disse Ian, em tom de quem não acreditava nem um pouco.

— É verdade — insisti. — Eu não vim com vocês até a sua primeira parada só para ficar aqui sentada ouvindo os dois analisarem a indústria da música.

Dizer “primeira parada” me pareceu uma concessão perigosa. Sugeriu a possibilidade de a viagem de carro continuar.

Rowan tirou as duas mãos do volante para ajustar os óculos.

— Addie tem razão. Foi por isso que ela veio com a gente, afinal, para ter tempo de se acostumar com a ideia.

Ou para fazê-los mudar de ideia, acrescentei em pensamento.

— Está bem. Pode cair nas artimanhas malignas dela. Mas não venha chorar para mim quando ela fizer da sua vida um inferno.

Ian desabou, apoiando a cabeça na janela. Sempre achei um desperdício de talento ele não se inscrever no clube de teatro. Era um ator nato.

Rowan ergueu o queixo com curiosidade para o espelho retrovisor. Dei de ombros.

— Pode falar. Eu aviso quando minhas artimanhas malignas começarem.

Sua covinha pareceu piscar para mim.

— Combinado. Bem, Ian e eu conversamos muito. Quase todo dia. E a gente se conhece desde o verão passado. Bem, acho que

“conhece” não é bem a palavra, né? — Ian ficou em silêncio. Rowan continuou, nervoso: — No começo eu só conhecia o trabalho dele. Li sua primeira leva de artigos e começamos a trocar e-mails. E depois...

— Leu sua primeira leva do quê? — interrompi.

Ian soltou um gemido quase inaudível, e Rowan franziu a testa, confuso.

— Desculpa, eu achava que vocês dois se conheciam. Addie, este é Ian Bennett, ilustre jornalista adolescente de música. Ian, esta é a Addie, profissional em derrubar pessoas em estacionamentos.

Jornalista de música? Enfiei os joelhos na parte de trás do banco de Ian.

— Você está de brincadeira, né?

Rowan pigarreou.

— Hã, desculpa, mas *isso* é uma piada?

— Addie, eu escrevo artigos. — Ian apoiou os pés em cima do painel e puxou o cadarço do sapato com irritação. — Já tive um blog, mas agora sou pago para escrever artigos on-line.

— Rá rá. E você também ama My Little Pony, certo?

— Como é que esses caras são chamados mesmo? — perguntou Rowan. — Bronies?

Ian me lançou um olhar irritado, e eu me encolhi. Ele estava sério — e magoado. Dava para ver pela maneira como projetava o queixo.

— Peraí. Você tem mesmo um blog? Na internet?

— É, na internet. Onde mais seria? — Ele fez cara feia.

— Mas... — Eu hesitei, esperando a ficha cair e as peças se encaixarem, mas isso não aconteceu. — Você tem um *blog*? Escreve posts e tal?

— Isso... É tipo um site, só que gerenciado por uma pessoa só, sabe? Em geral são bem informais — disse Rowan, em tom gentil. — É muito fácil criar um.

Fiquei sem reação. Rowan era legal demais. Qualquer outra pessoa teria rido de mim.

— Obrigada, Rowan, mas não é a definição de blog que está me deixando confusa. Só estou achando um pouco difícil acreditar que Ian tenha um.

A ideia de Ian voltar para casa do treino para despejar seus sentimentos em um diário on-line era tão inconcebível que chegava a ser impossível.

— Por que você não consegue acreditar? — falou Ian, a boca contraída em uma linha fina. Para ser sincera, ele estava igualzinho a mim quando falei com Archie na noite anterior. *Acha tão impossível assim um jogador de futebol americano popular gostar de alguém como eu?* — Por acaso jogadores de futebol americano só podem praticar esportes o dia inteiro? Valeu pelo estereótipo.

— Ai, Ian, ninguém está estereotipando você. — Nos últimos tempos, Ian ficava muito ofendido por ser visto como O Atleta, o que era praticamente impossível já que ele se esforçava tanto para parecer alternativo. E por que se importava assim com o rótulo? Graças ao futebol americano, Ian era quase um deus na nossa escola. — Eu só não entendo como você tem tempo de escrever. Durante o ano letivo, você está sempre fazendo seu dever de casa ou treinando.

— Eu sempre encontro tempo — disse Ian. — E o que você acha que passei o verão inteiro fazendo?

Por fim, uma peça do quebra-cabeça se encaixou. Quando não estava no treino, Ian tinha passado a maior parte do tempo na frente do computador.

— A mamãe disse que você estava trabalhando nas redações de admissão para as faculdades.

Ele soltou um daqueles roncões ásperos que às vezes se passam por risada.

— Não mesmo. A menos que você conte meus artigos como portfólio para as faculdades de jornalismo.

— Jornalismo? Não sabia que a Washington State tinha curso de jornalismo.

Ian bateu as mãos no painel, fazendo Rowan e eu nos sobressaltarmos.

— Eu não vou para a Washington State.

— Caramba, Ian. Tudo bem aí? — perguntou Rowan.

Ian ergueu o queixo de leve, como se estivesse se preparando para uma briga.

— Como assim você não vai para a Washington State? Eles sondaram você no início do verão. Vão oferecer uma bolsa de estudos integral.

E se aquela bolsa de estudos não se concretizasse, ele arrumaria outra. Além de um jogador excepcional, Ian era ótimo aluno. Tudo que as faculdades queriam.

— Eu não estou nem aí para a bolsa de estudos de futebol americano — disse Ian, baixando a voz.

— Por quê? Por acaso você ganhou na loteria?

— Alguém me explique uma coisa, por favor — interrompeu Rowan, a voz confusa. — Vocês dois obviamente são irmãos, mas

por acaso foram separados na maternidade? A mãe ficou com um e o pai ficou com outro? Foi isso? Ou um de vocês só aprendeu a falar há pouco tempo, então nunca conversaram antes?

A ponta das orelhas de Ian ficou vermelha de repente.

— É muito difícil conversar com alguém que passou o verão inteiro mentindo para você.

Eu agarrei as costas do banco do carona, minhas orelhas tão vermelhas quanto as dele. Era nosso principal indicador de raiva.

— Nem tente enfiar o Cubby nessa história. Além disso, você não tem moral para falar nada. Aparentemente, você tem uma vida secreta.

— Não é uma “vida secreta” — retrucou ele, imitando meu tom.
— Foi só este verão. E eu teria contado se você não estivesse tão ocupada saindo escondida com Cubby.

— Para de falar nele! — gritei.

Rowan pisou no freio de Trevo com força, e nós dois fomos lançados para a frente. Se não fôssemos os únicos na estrada, com certeza teriam batido na nossa traseira.

— Olha, pessoal — começou Rowan —, eu entendo que vocês estejam lidando com alguns problemas, mas já ouvi discussão suficiente para uma vida inteira. Então, Ian, que tal você atualizar Addie sobre essa sua tal “vida dupla”? Estou doido para saber como você conseguiu manter segredo da sua família.

— Não foi difícil. A menos que tenha a ver com futebol americano, ninguém se importa com o que eu faço. — Ian deu de ombros, seu olhar tenso. — Bem... Addie, o que você quer saber?

Por onde começar?

— Qual o nome do seu blog?

— Meu Léxico — disse Ian.

— Como se escreve isso?

Peguei o telefone e Rowan soletrou para mim. Não só existia como também parecia muito mais profissional do que se esperaria do blog de um garoto de dezessete anos, com um tema monocromático elegante e MEU LÉXICO em letras maiúsculas na parte superior.

— É uma referência a uma frase de Bob Dylan — explicou Rowan antes que eu pudesse perguntar. — “Minhas canções são meu léxico. Eu acredito nas canções.”

Ian cruzou os braços com raiva.

— Foi por causa do blog que consegui a coluna na IndieBlurb. Escrevo uma vez por semana para eles.

— Se chama “As Cinco da Semana de Indie Ian” — disse Rowan.

— Indie Ian? Esse é seu pseudônimo? — Fiquei esperando um deles começar a rir, mas nenhum dos dois fez isso. — Tá. São cinco o quê?

— Categorias de música. — Ian as listou em seus dedos. — “Vale o hype”, “Nem tudo isso”, “Covers”, “Clássicas” e “Obscuras”. Toda semana eu escolho uma música para cada categoria. — Ele suspirou alto. — Por que você acha tão difícil acreditar nisso tudo? Sempre gostei de escrever. E de música. Tentei entrar para o jornal da escola no ano passado, mas o treinador não deixou. Ele não queria que eu perdesse o foco.

O treinador tinha dito isso? Um instinto raivoso de superproteção fraterna rugiu na minha mente.

— Ian tem *muitos* seguidores no Twitter — contou Rowan. — Toda vez que publica algo, a hashtag dele sobe. É #IndieIan. Foi

assim que conheci seu irmão.

— Ah, que nada! Não tenho tantos seguidores assim — ponderou Ian, tentando soar modesto, mas deu para sentir um quê de orgulho em sua voz.

— Você tem dez mil seguidores, como isso não é muito? — rebateu Rowan.

Dez mil? Nada mal.

Ian sacudiu o cabelo, fazendo-o cair em seus olhos.

— Não, nunca tive dez mil. Toda vez que chego perto, ponho alguma música na categoria “Nem tudo isso” que ofende as pessoas e o número cai. Na minha lápide, vai estar escrito: “Nunca chegou aos dez mil seguidores.”

Rowan bufou.

Peguei o celular de novo para procurar a conta no Twitter. A imagem de perfil de @IndieIan11 era uma foto dos olhos de Ian, o cabelo comprido emoldurando o lado direito. Tinha 9,9 mil seguidores. Uma grande festa para a qual eu não havia sido convidada. Sobre a qual ninguém tinha nem me contado.

Apertei o celular com força, uma confusão de sentimentos em meu peito. Pelo menos agora eu sabia por que Ian estivera tão distante o verão inteiro. Ele tinha uma vida on-line secreta.

— Por que você não me contou nada disso? — perguntei.

Ian balançou a cabeça.

— Por que eu deveria ter contado? Não é como se você me escutasse.

Estava tentando fugir do assunto.

— Ian, pela última vez, isso não é sobre o Cubby. Se Rowan encontrou você há um ano, significa que você já estava com essa

história de... de diário musical muito antes de Cubby e eu começarmos a sair.

— Diário musical. Gostei. — Rowan poderia muito bem estar usando um uniforme de arbitragem. Estava desesperado para um fim à briga.

Ian se virou para trás, impaciente.

— Então responda de uma vez: você planeja contar sobre Cubby para nossa mãe durante ou depois de sua viagem a Florença?

— Ian, nós já discutimos isso um milhão de vezes. Não vou contar pra ela. — Minhas palavras ecoaram no carro. Como tínhamos voltado a esse assunto? — E não é *minha* viagem a Florença. É *nossa* viagem.

Mas nem eu parecia acreditar mais naquilo.



A primeira vez que menti para Ian foi sobre Cubby. E foi surpreendentemente fácil.

Aconteceu durante nossa última excursão juntos, e logo no início percebi que havia algo diferente. Em geral, nossos passeios eram para lugares que meu irmão havia descoberto recentemente, mas daquela vez não.

— Venho para cá desde que tirei a habilitação — contou ele, enquanto eu apontava a lanterna para a estátua de troll, fazendo seu único olho visível brilhar. Carros rugiam no viaduto acima de nós.

Ian subiu na mão retorcida da estátua, acomodando-se no ombro do troll. Examinei a escultura com a lanterna. O troll de concreto

tinha mais de seis metros de altura, e uma das mãos rechonchudas segurava um carro em tamanho real.

— Por que você nunca me trouxe aqui antes?

Ian se esparramou no braço da estátua.

— Eu gosto de vir aqui depois do treino. Para pensar.

— Pensar sobre o quê? Como você vai arrasar no jogo seguinte? — provoquei.

Ele resmungou, mudando rapidamente de assunto.

— Reparou como o troll é meio achatado? É porque as pessoas picham a estátua e a única maneira de remover a tinta é cobrir com mais cimento.

— Nossa, que mudança de assunto sutil.

Nos últimos tempos, Ian vinha evitando todas as conversas que tinham a ver com futebol americano. Mas naquela noite eu não quis forçar a barra. Era bom estar com meu irmão. Ele andava meio sumido.

Enfiei a lanterna no bolso do moletom e escalei para me juntar a ele. Passamos um tempo ouvindo o barulho dos carros lá em cima. Barulhos previsíveis e reconfortantes.

Dava para entender por que Ian gostava dali.

— Onde você estava ontem à noite? — perguntou ele de repente, e meu coração acelerou mais do que os carros na estrada.

Evitei olhá-lo nos olhos.

— Fui dormir cedo.

Ele balançou a cabeça.

— Passei no seu quarto para ver se você queria assistir a Saturday Night Live. Você também saiu na terça à noite. Como está

escapando? Pela janela? Tem que ter coragem para passar na frente do quarto dos nossos pais.

Muita coragem. Ainda mais para uma pessoa com menos de 1,60 metro tentando descer uma árvore cujos galhos estavam a pelo menos um metro e meio um do outro.

— Eu devia estar na cozinha — respondi, surpresa com a facilidade com que a mentira saiu da minha boca.

Nunca tinha mentido para Ian antes, nunca nem havia cogitado a ideia. Acho que nunca havia tido sobre o que mentir. Abri um sorrisinho. Não pude evitar. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Então, agora que sei como você está saindo às escondidas, a questão é com quem?

Fechei bem a boca, selando meu segredo. Às vezes parecia que tudo o que eu tinha pertencera a um de meus irmãos primeiro. Por mais que os amasse, eu amava ainda mais a ideia de ter algo só meu.

Depois de alguns segundos, Ian soltou um suspiro longo e exasperado.

— Está bem. Não precisa contar. — Ele se deixou escorregar do troll, os tênis batendo pesadamente no chão. — Você sabe que vou acabar descobrindo de um jeito ou de outro.

Levar-me até o troll tinha sido a tentativa de Ian de arrancar meu segredo: eu conto um dos meus, e você me conta um dos seus.

Infelizmente, ele acabaria descobrindo de outro jeito.



O carro de Rowan avançava a toda pela estrada sinuosa enquanto eu observava a Irlanda se transformar aos poucos em um lugar remoto e feroz. Estruturas de pedra sem telhado ladeavam as estradas estreitas, cobertas por musgo verde. Tudo parecia abandonado, o que, por alguma razão, fez meu relógio interno bater ainda mais alto. Eu tinha menos de uma hora para convencer Ian a desistir de seu plano.

Por sorte, eu tinha uma arma secreta. Duas semanas antes, minha mãe e eu havíamos viajado mais de uma hora de carro para visitar a tia dela, e eu fora obrigada a ouvir uma nova gravação de Catarina Hayford chamada "Formas de Persuasão". Eu nem imaginava que encontraria utilidade para aquilo. Mas agora era preciso recorrer aos especialistas. Primeiro passo: demonstre curiosidade.

— Então, o que Burren tem a ver com o Titletrack?

O olho roxo de Ian me encarou acusadoramente.

— Escuta aqui, Catarina. Só vou contar o que for necessário. Além disso, ninguém convidou você para vir junto, então pare de fazer perguntas.

— Eu não estava sendo a Catarina — retruquei. Pelo visto ele devia ter ouvido a gravação também.

— Estava, sim. O primeiro passo — disse ele em uma imitação surpreendentemente boa da voz gutural de Catarina — é demonstrar curiosidade.

— Eu perguntaria quem é Catarina, mas acho que vocês vão querer arrancar minha cabeça — disse Rowan.

— Não tem problema — garantiu Ian. — Ela é uma guru do mercado imobiliário que parece passar todo o tempo livre fazendo

bronzamento artificial. Ela transformou nossa mãe em uma figurona do ramo imobiliário de Seattle.

— Eu não sabia que sua mãe trabalhava com isso.

Rowan olhou para Ian com curiosidade. Para alguém tão próximo do meu irmão, era uma surpresa como sabia pouco sobre ele. Nem sabia o nome de Walt.

— Segundo passo: nunca tente chegar a um meio-termo com o cliente. Vá até ele. — Ian jogou o cabelo para trás do ombro e franziu os lábios de forma convincente. — Terceiro passo: seja realista e otimista. O futuro pertence aos esperançosos.

Eu dei um peteleco em seu ombro.

— Ian, pare com isso.

Ele bufou e parou de fazer pose, abaixando-se para olhar pelo para-brisa.

— Rowan, estamos em Corofin?

— Não. Essa foi a primeira cidade. Agora estamos em Killinaboy. Além disso, decidi ignorar os termos e condições. — O olhar de Rowan pousou sobre mim, leve como uma borboleta. — Sua irmã precisa saber o que estamos fazendo.

— O quê? Por quê? — perguntou Ian.

— Se ela souber por que você está indo embora sozinho, talvez não reaja tão mal.

— Rowan, vai por mim: a reação vai ser a mesma — disse Ian.

— Eu ainda estou aqui — lembrei-os, e vi mais uma tentativa de Rowan de ajeitar os óculos. Ele os empurrava para cima com um gesto que era a combinação perfeita de cativante e meio nerd. Se não parecesse tão distraído quando fazia isso, eu até pensaria que era proposital. — E, Ian, estou começando a gostar desse seu

amigo. Ao contrário de você, ele se importa com os sentimentos dos outros.

A minha intenção era ser engraçada, mas percebi meu erro assim que as palavras saíram da minha boca. Ian levava lealdade muito a sério — bastava uma mera insinuação de que estava decepcionando alguém para deixá-lo furioso.

Ele se virou para trás.

— Ah, entendi. Porque eu nunca me importo com seus sentimentos. Nunca defendo você ou ajudo com a escola ou resolvo os problemas que você mesma criou.

Minhas bochechas ficaram vermelhas. Ele tinha mesmo acabado de comparar me ajudar na escola com a situação do Cubby?

— Não acredito que você disse isso.

Rowan nos apartou verbalmente.

— Ok, pessoal. Que tal falarmos sobre Titletrack? No início da carreira, não estavam conseguindo fechar contrato com nenhuma gravadora, então começaram a postar as músicas na internet e a se apresentar em bares. Depois de um tempo, conseguiram convencer uma estação de rádio a tocar uma de suas músicas, e os ouvintes pediram para ouvi-la tantas vezes que acabou no top 10. Depois disso, as gravadoras não podiam mais ignorar a banda.

Houve uma pausa longa e desconfortável, mas o comentário aleatório tinha funcionado. Não estávamos mais brigando. Ian afundou no assento, o queixo encostando no peito.

Rowan continuou, talvez na esperança de impedir uma nova erupção:

— E o último show do Titletrack é daqui a três dias. Eles anunciaram no início do ano e juraram que não vão fazer aquela

coisa idiota que as bandas fazem de se aposentar e depois marcar várias turnês especiais.

— Eu odeio isso — comentou Ian, redirecionando sua raiva.

Era o último show da banda? Então eu tinha ainda menos chance do que havia pensado.

— E o que Burren tem a ver com isso? — perguntei de novo, com cuidado.

Rowan, valente, respondeu:

— Ian teve a ideia... brilhante, devo dizer... de visitar alguns dos lugares que foram relevantes para a banda no início da carreira e escrever um artigo que culmina na última apresentação deles. Como se a gente estivesse seguindo os passos deles até o Electric Picnic.

— Rowan fez uma pausa. — Ian, esse deveria ser o título!

— Hum... — fez Ian, sem querer se comprometer.

— Mas enfim, Burren foi onde eles filmaram o primeiro clipe, da música "Classic", que, na minha humilde opinião, é a melhor música do mundo.

— É mesmo — confirmou Ian. Ele se inclinou para a frente e seu cabelo caiu em cascata ao redor do rosto. — Eu coloquei para você ouvir no caminho para a escola algumas vezes. É aquela com a letra que fala da "simplicidade escorregadia".

Eu me lembrava da música. Até tinha pedido para ele botar para tocar no carro algumas vezes, principalmente porque gostava de como o cantor pronunciava "simplicidade escorregadia", rolando as palavras na boca como se fossem uma bala de caramelo.

— Certo — disse Rowan. — Vamos documentar toda a viagem, Ian vai postar várias fotos em seu blog e nas redes sociais. Então,

quando estiver tudo pronto, ele vai enviar o artigo para uma revista importante.

— *Talvez* eu envie para alguma revista importante — corrigiu Ian rapidamente.

— Como assim “talvez”? — A voz de Rowan soou incrédula. — Se você não mandar, então mando eu. Sua escrita com certeza é boa o suficiente, e tenho uma lista de revistas irlandesas de música que ficariam loucas por um artigo desses.

— Então, isso é uma mistura de fã clube com pesquisa de campo — falei.

Cada nova informação me deixava mais desesperada.

— Isso aí. — Rowan deu um soco no ar de tanto entusiasmo. — E o casamento da sua tia? Foi a melhor coincidência que já aconteceu no planeta Terra.

Ian sorriu para Rowan, a raiva já esquecida. Ele era oito ou oitenta. Podia passar de um extremo a outro bem rápido. Depois de uma vida inteira de brigas, eu já deveria estar acostumada, mas ainda me pegava desprevenida às vezes. Ainda mais agora, quando achei que estávamos nos encaminhando para um confronto enorme, como o que tivemos nas falésias.

— Eu mal pude acreditar — disse Ian. — Quer dizer, quais são as chances de eu estar na Irlanda na mesma época do último show deles?

Bem altas, na verdade. A vida gostava de fazer as coisas darem certo para o Ian.

Desabei no banco de trás, a resignação tomando conta de mim. A Irlanda era encantadora, Rowan era o melhor amigo que Ian sempre

sonhou em ter e a banda favorita do meu irmão ia fazer um show imperdível. Eu nunca tive a menor chance de convencê-lo.

Eu me encolhi, abraçando os joelhos.

— Preciso que vocês sejam rápidos em Burren. Ian, você cancelou sua passagem para a Itália?

Ian começou a olhar para trás, mas se conteve no meio do caminho.

— Não, mas liguei para a companhia aérea. Eles vão ceder o meu lugar para outra pessoa quando eu não aparecer.

Ele teve compaixão suficiente para não falar em tom vitorioso.

Itália e Lina estenderam a mão para mim, calorosas e convidativas. Sol, gelato, museus de arte, lambretas, espaguete, minha melhor amiga. Fechei os olhos e me agarrei àquela imagem. Deixar Ian para trás na Irlanda não era o que eu tinha em mente, mas talvez fosse bom para nós dois. Eu esperava que a hora seguinte passasse voando.

— Tudo bem — respondi, derrotada. — Você venceu. Como sempre.

Burren

Ah, Burren. *An Bhoireann*. O lugar de pedra. Para muitos, a paisagem mais desolada, lúgubre e deprimente do planeta. Um dos seus primeiros admiradores disse: "Não há uma árvore na qual enforcar um indivíduo, nem água suficiente para afogá-lo, nem terra para enterrar o corpo."

Você vai amar.

Mas antes que esta linda história de amor comece, vamos aprender um pouco sobre a geografia irlandesa. Há 340 milhões de anos, a Ilha Esmeralda era um pouco diferente da atual. Não havia pubs nem pré-adolescentes irlandeses rondando as lojas de departamento: ela ficava debaixo d'água — na verdade, era parte de um grande oceano tropical repleto de vida. Animais, peixes, plantas e todas as demais formas de vida que você conseguir imaginar tentavam devorar umas às outras, vivendo felizes e selvagens. No entanto, como os filmes da Disney nos ensinam, em algum momento essas criaturas acabam morrendo (em geral de um jeito horrível e na frente dos filhos) e seus ossos se acumularam no fundo do mar — dando início a uma antiga receita primordial que pode ser resumida na seguinte equação:

ossos + compressão + milhões de anos = calcário

E foi exatamente isso o que apareceu. Calcário. Uma área de dezesseis quilômetros quadrados de calcário, na verdade. E depois que cansou do fundo do mar, o calcário subiu até a superfície, formando a paisagem desolada e única em que seus pezinhos lindos estão pisando. O que me leva a outra equação, que não tem muito a ver com o assunto, mas que não deixa de ser útil:

coragem + tempo = um coração curado

Posto dessa forma, não parece uma tarefa impossível, não é, benzinho? Quer dizer, só de você ter conseguido chegar à Ilha Esmeralda me diz que a coragem já está aí. E quanto ao tempo? Bem, ele virá. Minuto a minuto, hora a hora, o tempo vai se estender e acumular e comprimir até que um dia você vai se encontrar no topo de algo que acabou de emergir e pensar: *Nossa, eu consegui.*

Você vai conseguir, docinho. Pode acreditar.

DEVER DE CASA: Está vendo as flores silvestres brotando do meio das pedras, chuchu? Calma. Não vou cair no clichê de falar sobre a beleza que prospera em meio ao sofrimento. Mas quero que você colha algumas, uma para cada uma das suas pessoas. E com “suas pessoas” quero dizer aquelas com quem você pode contar, que estão ao seu lado durante esse processo. Arrume-as em um círculo e absorva seu poder. Não se esqueça de colher uma para mim.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

— PARA O QUE ESTAMOS OLHANDO, EXATAMENTE? — PERGUNTEI quando Rowan manobrou o carro até o estacionamento lamacento.

Burren estava mais para uma invasão hostil do que para uma paisagem. No início, a mudança tinha sido sutil, com algumas pedras chatas surgindo nos campos como lírios acinzentados, mas aos poucos a proporção de pedra para grama foi aumentando, até o cinza sufocar todo o verde luminoso. Quando Rowan começou a reduzir a velocidade, estávamos cercados por rochas frias e deprimentes. Uma placa dizia POULNABRONE.

A Autora do Guia tinha falado que Burren era deprimente, mas eu não imaginava quanto.

Ian apontou para uma pequena estrutura sem graça ao longe. Ele já estava pronto para sair do carro, o cinto de segurança solto, o caderno em mãos.

— O Poulnabrone é um túmulo. Tem mais de dois mil anos.

Estreitei os olhos, e o túmulo virou um borrão cinza.

— Um túmulo? Ninguém me avisou nada sobre túmulo.

No instante em que Rowan estacionou, Ian passou os pés pela janela e pulou, o caderno debaixo do braço.

— Encontro vocês lá!

Seus tênis produziram sons úmidos enquanto ele corria em direção ao túmulo.

Rowan soltou um assobio admirado, olhando para meu irmão. Ele tinha ficado em silêncio desde que eu aceitara minha derrota em relação ao plano do Titletrack. Ian até tinha falado um pouco, mas parecia meio desconfortável, como se estivesse vestindo uma

camiseta com uma etiqueta que pinicava. Detectar quando Ian se sentia culpado era uma arte sutil, pois sua agitação natural atrapalhava.

— Ele parece um daqueles lagartos Jesus Cristo. Conhece? Aqueles que correm tão rápido que conseguem andar sobre a água... — observou Rowan.

Passei para o banco do carona.

— Prometa que não vai dizer isso a ele. A última coisa que precisamos é que Ian desenvolva um complexo de lagarto Jesus Cristo.

Sua covinha reapareceu.

— Prometo.

O estacionamento consistia em uma grande poça pegajosa que se infiltrou em meus tênis no instante em que pisei no chão. Uma camada fina de nuvens cobria o sol, eliminando até mesmo a ilusão de calor, e cruzei meus braços nus para tentar me esquentar. Por que ninguém se deu ao trabalho de me informar que a Irlanda era o equivalente climático de um congelador? Resolvi que assim que chegasse à Itália eu passaria minhas primeiras horas assando ao sol como pão ciabatta. E conversando com Lina.

Lina vai saber em breve. Um arrepio violento percorreu minha espinha.

— Você está com frio? — perguntou Rowan, olhando para mim por cima do carro.

— Por que a pergunta? — respondi, brincando. Em alguns segundos meus dentes iam começar a bater.

— Talvez porque você esteja tremendo feito um daqueles filhotinhos dos comerciais sobre maus-tratos aos animais... Vocês

têm esses comerciais nos Estados Unidos, certo? *Por apenas sessenta e três centavos por dia, você também pode impedir uma menina loira de tremer de frio...* Eles passam na televisão toda hora.

— Sim, também temos.

O ponto fraco de Archie eram os animais, e, quando a gente era mais novo, esperava os comerciais começarem para chamá-lo até a sala e vê-lo ficar com os olhos marejados. Irmãos podem ser muito cruéis uns com os outros. Quando meu pai descobriu, nos deu uma bronca por usarmos o comercial sobre crueldade contra animais para sermos cruéis com nosso irmão, e todos doamos um mês de mesada para uma organização de proteção animal.

Eu puxei meu short de leve.

— Quando fiz as malas, estava pensando na Itália, então só trouxe roupas de verão. Não sabia que a Irlanda estava sempre no inverno ártico.

— E deu sorte porque o dia está bonito. Só um segundo.

Ele voltou para dentro de Trevo, e peguei meu telefone do bolso de trás. Eram 9h03. Eu queria estar no aeroporto às dez em ponto.

— Ei, Rowan, quanto tempo demora para chegarmos ao aeroporto?

— Uns quarenta e cinco minutos.

— Então não podemos demorar muito. Não quero chegar em cima da hora.

Ele ressurgiu, o cabelo ligeiramente despenteado.

— Addie, o que é isso?

Por um segundo, pensei que Rowan estivesse perguntando sobre o casaco azul-marinho que trazia pendurado no braço, mas depois percebi que ele também segurava algo na outra mão. O guia.

— Ei, isso é meu!

Cambaleei em sua direção, uma tsunami de vergonha se abatendo sobre mim.

Ele examinou a capa.

— Sim, eu sei que é seu. É o guia que você tinha falado? Por que o título diz que é para corações partidos?

— Me dá isso agora. — Eu avancei, e ele me deixou arrancar o livro de suas mãos. Abracei o guia com força. — Por que você estava fuçando minhas coisas?

— Eu só estava procurando um casaco para você e encontrei o livro caído embaixo do banco. Achei que fosse meu. — Ele deu um passo para mais perto de mim. — Mas agora você me deixou curioso.

Seu olhar estava igual ao de um filhote de cachorro abandonado, e acabei cedendo. Além disso, explicar o guia não significava que eu era obrigada a contar tudo sobre o meu próprio coração partido.

— Eu encontrei na biblioteca do hotel. Fala dos principais pontos turísticos da Irlanda e passa algumas atividades para fazer em cada um deles. Supostamente, ajuda a curar um coração partido.

— Você acha que funciona?

A urgência na voz de Rowan me fez olhar para ele, que examinava o guia com uma expressão faminta.

— Hã... Não sei. A autora é um pouco excêntrica, mas parece que ela entende das coisas. Quem sabe? Talvez funcione.

— Então, você está usando o guia para ajudá-la a superar esse tal de Cubby?

Agora até ele queria falar sobre Cubby? Eu me empertiguei, pronta para dizer que não era da conta dele, mas Rowan deve ter

reparado porque voltou atrás na mesma hora.

— Desculpe. Foi uma pergunta pessoal demais. É só que... — Ele ajeitou os óculos, mexendo nas hastes com certo nervosismo. — Meu coração não anda lá essas coisas... — Ele me olhou nos olhos, e dessa vez sua expressão era suplicante. — Então, se você tiver encontrado um guia mágico para curar corações partidos, por favor, não se esqueça de me contar.

Sua vulnerabilidade me tocou, e, antes que eu tivesse tempo de mudar de ideia, entreguei o guia para ele, dizendo:

— Talvez você devesse tentar. Há uma tarefa para Burren e posso ajudar, se quiser. — Eu sempre fazia isso. Toda vez que alguém estava sofrendo, eu queria resolver a questão na hora. — Pode ficar com o guia. Quem sabe vocês não passam pelos pontos turísticos a caminho do festival?

Ele virou o livro, erguendo os olhos bem devagar até encontrar os meus.

— Nossa. Você é muito legal. — Ele mordeu o lábio. — Olha, sinto muito pela minha parcela de culpa por Ian ter desistido da Itália. Se eu soubesse...

Eu dispensei suas desculpas com um gesto.

— Eu vou sobreviver. E preciso mesmo de algum tempo com Lina, então talvez seja até melhor ele não ir.

Rowan assentiu, depois levantou o livro com entusiasmo, a esperança iluminando seu rosto.

— Agora, se você não se incomodar, acho que vou tentar fazer a atividade.

— Imagina, sem problemas — respondi, também animada, sentindo aquele calor familiar de quando ajudava outra pessoa.

— A gente se vê daqui a pouco. E aqui, isto é para você.

Ele me jogou o suéter azul, e eu o vesti na hora. Tinha um leve cheiro de cigarro e ia até meus joelhos, mas era fantástico — como ganhar um abraço antes mesmo de perceber que precisava. Agora, era hora do dever de casa para corações partidos. Eu me virei e olhei para a paisagem cinzenta e sombria.

Flores silvestres. Certo.

* * *

Para a minha sorte e a do meu dever de casa, Burren visto de perto era muito diferente de Burren visto do carro. Para começar, tinha muito mais detalhes. Sim, as pedras achatadas cobriam noventa por cento do chão, mas grama e musgo explodiam nas rachaduras entre elas, e flores silvestres coloridas brotavam sempre que tinham chance.

Eu me afastei do túmulo tanto quanto ousei, então colhi um punhado de flores. Depois de me certificar de que Ian estava de costas para mim, arrumei-as em um círculo, nomeando-as:

— Mãe, pai, Walter, Archie, Ian, Lina e a Autora do Guia — falei em voz alta.

Pena que só um deles sabia do meu coração partido.

Prontinho, Autora do Guia. E agora? Cruzei os braços e girei em um círculo, bem devagar. Como é que estar no meio de representações florais das “minhas pessoas” me ajudaria?

— Como está indo?

Ergui os olhos e vi Rowan se aproximando, as pernas longas como as de um gafanhoto pulando de pedra em pedra.

— Você foi rápido — comentei. — Leu o que ela escreveu sobre Burren?

— Sim. Eu leio bem rápido. — Ele parou, ficando respeitosamente fora do meu círculo. — Está funcionando?

— Não sei — respondi, sincera. — Eu me sinto meio idiota.

— Posso entrar?

Eu assenti, e ele entrou no círculo, segurando uma flor amarela como o sol.

— É para você. Eu queria ser uma das suas flores. — Ele fez uma careta. — Desculpa. Isso foi bem meloso.

— Eu achei legal — falei, correndo o polegar pelas pétalas sedosas.

Nenhum cara havia me dado flores antes. Nem mesmo Cubby.

Coloquei a flor de Rowan ao lado da de Ian e então, já que sentia que deveria fazer alguma coisa, dei uma volta devagar, um pouco sem graça, focando minha atenção em uma flor de cada vez.

Quando voltei à flor amarela de Rowan, ele me olhou com expectativa.

— E aí? Ajudou?

— Hum... — Encostei de leve a mão no peito. Não doía menos, mas parecia um pouco mais leve, como se alguém tivesse tirado parte do peso que eu carregava ali. — Eu me sinto diferente. Você deveria tentar.

— Tenho que girar também? — Um rubor envergonhado surgiu em suas bochechas. — Ou dizer os nomes ou algo do tipo?

— Acho que pode fazer do jeito que quiser. Prefere ficar sozinho?

— Sim — respondeu ele, decidido. — Acho que vai ser melhor fazer isso sem plateia.

Saí do círculo e fui até Ian. O túmulo tinha cerca de três metros de altura, com várias pedras paralelas formando as paredes e outra apoiada no topo para criar um telhado. O lápis de Ian riscava furiosamente o papel. Eu não sabia como ele conseguia escrever tanto sobre aquilo.

— Então... O lugar é bem legal — falei, quebrando o silêncio. — Você disse que foi aqui que o Titletrack filmou seu primeiro clipe?

Ian não desviou os olhos do caderno.

— Bem aqui onde estamos. A qualidade era péssima. Em algumas partes, mal dá para ouvir Jared cantando, e o cinegrafista começou a espirrar no meio do clipe, mas mesmo assim conseguiram um milhão de visualizações. Para você ver como a música é boa.

Ele fechou o caderno. Nós dois ficamos em silêncio, o vento soprando em nossas costas. Burren parecia solene como uma igreja, e tão sóbrio quanto. Eu me lembrei das palavras da Autora do Guia. *Coragem + tempo = um coração curado. Posto dessa forma, não parece uma tarefa impossível, não é, benzinho?*

Era aí que a Autora do Guia se enganava, porque não parecia menos impossível. Nem um pouquinho. Especialmente quando Ian e eu mal conseguíamos conversar sem começar uma briga. Olhei na direção de Rowan. Ele ainda estava no seu círculo, de costas para nós.

— Então você não vai mesmo contar para a nossa mãe sobre o Cubby — disse Ian, lendo minha mente como sempre.

Eu odiava a frustração em sua voz. Decepcioná-lo era pior do que decepcionar qualquer outra pessoa.

Balancei a cabeça. Eu sabia que talvez Ian estivesse certo. Não contar para minha mãe e depois ela acabar descobrindo por outra

peessoa era um grande risco. Mas eu não conseguia nem falar a verdade para Lina... imagina para minha mãe?

A voz de Ian ecoou em minha mente. *Você sabe o que Cubby anda fazendo?* Eu me afastei, incapaz de dizer uma palavra.

Talvez passar um tempo longe dele fosse uma boa ideia.

* * *

Eram 9h21. Eu tinha passado alguns minutos vagando por Burren e, quando finalmente voltei para o carro e olhei a hora, minha ansiedade atingiu um nível recorde. Nós estávamos ali havia vinte minutos?

— Gente! — gritei, acenando para Ian e Rowan. Eles estavam parados diante do túmulo. Como aquela coisa prendera a atenção deles por tanto tempo? — Ei!

Ian olhou para trás e dei algumas batidinhas em um relógio imaginário no pulso.

— A gente tem que ir. Agora.

Ian tirou o celular do bolso sem a mínima pressa, então ele e Rowan começaram a correr na minha direção. Dei a volta na parte de trás do carro, e algo inesperado chamou minha atenção.

— Ai, não.

A boca do escapamento estava caída no chão, submersa em uma poça. Eu me abaixei para avaliar o estrago.

— Desculpe. Perdemos a noção do tempo — disse Rowan, ofegante, enquanto se aproximava. — Ainda bem que dirijo rápido.

— Ele viu que eu estava agachada. — Ai, não, o tubo soltou?

— Acho que perdeu um parafuso. Precisamos consertar primeiro.

Rowan cruzou os braços, nervoso.

— Não tem como consertar depois? Não quero correr o risco de chegarmos atrasados ao aeroporto.

Depois de alguns segundos de conflito interno, meu lado prático venceu. Se o escapamento se soltasse enquanto estivéssemos dirigindo, seria o fim. Nada de carro. Nada de aeroporto. Nada de Itália e de Lina. Eu precisava pelo menos de uma solução a curto prazo.

Levantei.

— Contanto que não fique batendo na estrada, não vamos ter problemas. Você tem alguma coisa que a gente possa usar para amarrar?

Rowan passou a mão pelo queixo, encarando os adesivos como se eles pudessem ajudar.

— Fio dental? Talvez eu tenha uma corda elástica.

— Tem que ser de metal, senão vai derreter e vamos ter que parar e amarrar de novo.

— Que tal isso? — Rowan tirou um par de fones de ouvido emaranhados do bolso de trás. — Os fios da parte de dentro são de cobre, não são?

Ian ficou boquiaberto.

— De jeito nenhum. São da Shure. Custam uns duzentos dólares.

— Você está me oferecendo fones de ouvido de duzentos dólares?
— perguntei, chocada.

Eu sabia que Rowan era legal, mas isso já era demais.

Ele os jogou para mim.

— Só me deram isso de presente para aliviar a própria culpa — respondeu ele com a voz amargurada. — Uma das vantagens de ter

pais divorciados.

Seus ombros murcharam de leve, e Ian lhe lançou um olhar surpreso, mas dava para ver que Rowan não queria que insistíssemos no assunto.

Era uma oferta excessivamente generosa, porém fui obrigada a aceitar. Havia muita coisa em jogo. Assenti em agradecimento e voltei a me agachar.

— Ian, segure o escapamento para mim.

Ele obedeceu, e eu rastejei para debaixo do para-choque, encharcando meu short enquanto tateava sob o carro.

Estava acostumada a ser a mecânica da família. No verão depois de Walter completar dezesseis anos e tirar a habilitação, eu estava no carro com meus irmãos e o pneu furou na estrada perto de casa. Achei o manual do proprietário e, quando meu pai chegou, eu estava coberta de graxa, e o estepe, já no lugar. Ao contrário da escola, os carros sempre fizeram sentido para mim — havia algo reconfortante em saber que a resposta estava a apenas um capô levantado ou a uma torção da chave inglesa de distância.

A parte de baixo do carro de Rowan estava cheia de lama, e levei mais tempo do que deveria para amarrar o escapamento. O nervosismo também não ajudou. Parecia que uma hora tinha se passado até eu me levantar de novo, a ansiedade explodindo em meu peito.

— Pronto. Vamos embora.

— Talvez seja melhor você se trocar antes de entrar no carro — sugeriu Ian, olhando minhas roupas. — Você está parecendo um monstro de lama.

— Não dá tempo — replicou Rowan, indo para a porta. — Pode entrar, monstro de lama.

* * *

Eu estava me balançando no banco de trás, tentando ignorar o fato de que os números no velocímetro de Trevo aumentavam em um ritmo alucinante, quando Rowan de repente soltou um palavrão com seu sotaque irlandês carregado.

Olhei para ele.

— Qual o problema?

Rowan apontou o para-brisa.

— Aquele é o problema.

Eu cheguei mais para a frente, ansiosa, e o que vi fez surgir em meu estômago o nó mais apertado da minha vida. Quatrocentos metros adiante estava um trator. Mas não um trator qualquer — era enorme e tomava as duas pistas da estrada, como uma lagosta gigantesca e pesada. E com certeza não estava com a menor pressa. Rowan desacelerou e chegou mais perto.

— A gente precisa contornar esse troço — falei. Tratores podiam tomar a estrada inteira daquele jeito?

Addie, não entre em pânico. Não entre em pânico. Nós já estávamos atrasados. Como era possível uma coisa daquelas?

— Como? — Rowan passou a mão pelos cabelos. — É grande demais até para encostar e nos dar passagem. Ocupa a estrada inteira.

— Não tem como ele ficar na estrada por muito tempo — disse Ian, parecendo calmo, mas seu joelho começou a se sacudir muito.

— Rowan, não tem como ele ficar na estrada por muito tempo, certo?

— Bem... — Rowan fez uma careta. — Talvez seja melhor dar meia-volta. Deve haver outro caminho para a rodovia.

A sugestão me deixou nervosa. Tentar outro caminho parecia arriscado. Um estrondo atrás de nós fez todo mundo se virar ao mesmo tempo.

Dessa vez foi Ian quem soltou um palavrão. Um trator idêntico estava na nossa traseira. Era tão grande e lento quanto o outro.

— Isso por acaso é um desfile de tratores?! — perguntei, furiosa.

O trator número dois era de um laranja que lembrava uma abóbora, e o motorista retribuiu nossas carrancas com um aceno alegre.

— Que ótimo. Tratores gêmeos — comentou Rowan.

— Eu vou lá falar com eles.

Ian baixou o vidro e, antes que Rowan e eu registrássemos o que ele tinha acabado de dizer, meu irmão saiu do carro ainda em movimento, tropeçando quando os pés bateram no chão.

— Ian! Volta aqui! — gritei.

Mas ele correu a toda velocidade até o primeiro trator, deixando um rastro de lama.

— Uau. Os Bennett não brincam em serviço — comentou Rowan.

— Aquele ali muito menos.

O motorista viu Ian e diminuiu a velocidade. Meu irmão pulou para o degrau do trator, gesticulando com os braços enquanto conversava com o motorista.

Eu estava prestes a ir até lá quando Ian desceu do degrau e correu de volta até o carro.

— Vai levar dez minutos até ele poder sair da estrada, mas o motorista disse que tem um atalho para a rodovia. Quando chegarmos perto ele vai apontar para a gente.

Rowan soltou um suspiro de alívio.

— Dez minutos? — repeti, olhando nervosa para o relógio. Já eram 9h39. O desfile de tratores recomeçou, respingando lama em nosso para-brisa.

* * *

No segundo em que chegamos à rodovia, Rowan pisou fundo no acelerador.

— Anda, Rowan! — gritei.

— Estou indo o mais rápido possível. — A voz dele estava trêmula. — Addie, acho que vamos conseguir. Você não vai despachar nenhuma mala, certo? E talvez o voo esteja um pouco atrasado.

Eu queria acreditar nele, mas a adrenalina percorrendo meu corpo não deixava. Voos nunca atrasam quando a gente quer; eles só atrasam quando se tem uma conexão importante em um aeroporto do tamanho de uma pequena nação. E, segundo o GPS do celular, ainda faltavam trinta quilômetros. Estávamos ficando sem tempo. Eram 10h16.

Trevo passou por um buraco e a pilha de pertences de Rowan deslizou para cima de mim. Eu a empurrei de volta, meu coração batendo feito uma britadeira. Eu me sentia como um dos foguetes de plástico que meus irmãos e eu costumávamos soltar no feriado

de Quatro de Julho. Mais alguns segundos e eu ia sair voando pelo frágil capô do carro.

— Está tudo bem, Addie. A gente vai conseguir — falou Ian, apertando a alça de teto com força.

Ele já tinha falado isso umas quatro vezes. Eram 10h18. Como é que já tinham se passado dois minutos inteiros?

— Não acredito que isso está acontecendo comigo.

As palavras jorravam da minha boca, tão frenéticas quanto eu.

Dessa vez, ninguém tentou me consolar. Estávamos todos no mesmo estado de pânico desesperado. Havíamos levado dez minutos para chegar ao tal atalho, e o que o motorista do trator tinha se esquecido de dizer a Ian foi que o “atalho” consistia em uma estrada de terra estreita e esburacada que não nos permitiu avançar numa velocidade muito maior do que a de quando estávamos atrás do trator.

— O aeroporto! — gritou Rowan.

Suspirei de alívio. Lá estava uma grande placa verde com AEROPORTO/AERFORT, a palavra em gaélico acompanhando a figura de um avião. Nós não tínhamos chegado, mas estávamos perto. Desde que eu estivesse no aeroporto uma hora antes do voo, às 11h30, tudo ficaria bem. Rowan pisou no acelerador como um piloto de Fórmula 1, mas infelizmente fez isso no instante em que passamos por um buraco. Nós batemos no chão com força e, de repente, um barulho estridente soou debaixo do carro.

— Não! — gritei.

— O quê? O que foi isso? — Ian estava tão inquieto que poderia estar dançando tango, de tanto que balançava as pernas.

Eu me virei para olhar pelo vidro traseiro, mas não consegui ver nada. Parecia que o cano do escapamento tinha se soltado, fazendo bastante barulho sempre que batia no asfalto. Os fones de ouvido de duzentos dólares não aguentariam por muito mais tempo.

— Por favor aguarde, por favor aguarde, por favor, por favor — rezei em voz alta.

BAM!

Um barulho metálico ressoou no carro, e vi as faíscas em nosso rastro. O carro atrás de nós buzinou e passou para a pista ao lado.

— Não! — gritei de novo.

— O quê? Addie, o que foi? — perguntou Rowan. — Caiu?

Eu desabei no banco com lágrimas nos olhos.

— Nós temos que parar.

Rowan e Ian pareceram murchar, e Rowan parou no acostamento. Pulei para fora. O acostamento era estreito demais e os carros passavam preocupantemente perto de mim enquanto eu corria até a traseira e me agachava. O escapamento estava preso por um fio, os fones de ouvido de Rowan balançando, impotentes. Eu não conseguia acreditar naquilo.

— São 10h21 — anunciou Ian, as mãos caídas junto ao corpo, a voz trêmula.

O tom infeliz em sua voz dizia tudo. Não chegaríamos a tempo.

Eu tinha perdido o voo. Caí sentada na lama. Um soluço enorme chegou até minha garganta e ficou entalado.

Ian se agachou a meu lado e deu batidinhas nas minhas costas.

— Addie, vai ficar tudo bem. Você vai pegar outro voo. Se for preciso, eu mesmo pago.

— Eu me sinto péssimo — disse Rowan, agachando-se do meu outro lado. — Eu deveria ter pensado nos tratores. Posso ajudar a pagar também.

— Não acredito — respondi com a voz fraca, as lágrimas enchendo meus olhos.

Um avião passou lá no alto, os motores rugindo de modo doloroso. Além da queda do cavalo, o coice. E eu sabia o verdadeiro motivo da minha chateação. Eu havia passado tanto tempo contando os segundos até poder desabafar com Lina, e agora esse momento tinha sido adiado. Meu segredo ardeu em meu peito. Eu não podia esperar mais um segundo.

Eu me levantei na mesma hora, deixando os dois para trás enquanto me atrapalhava com o celular. O que eu ia dizer? *Oi, Lina, você tem um segundinho? Porque não só perdi o voo como também tenho algo importante para dizer.* Contar a Lina sobre Cubby no acostamento de uma rodovia na Irlanda não era o que eu tinha em mente, mas teria que servir.

Eu não sabia nem por onde começar.



Se eu tivesse que definir um marco de quando minha relação com Cubby começou, acho que escolheria a noite em que ele entrou no meu carro.

Como de costume, estava esperando Ian terminar o treino de futebol americano. A chuva pingava alegremente no para-brisa enquanto eu abraçava meus joelhos. Por uma questão de princípio,

eu me recusava a ligar o aquecedor. Já era verão, caramba. Por que Seattle continuava tão fria?

— Anda logo, Ian — murmurei, olhando para as portas da escola.

Minha colega do time de futebol, Olive, tinha me convidado para ir até a casa dela ver uma de suas famosas sessões de filmes B. Ela tinha um talento especial para dar graça aos piores filmes, e Ian ia fazer com que eu me atrasasse. De repente, um moletom do TIGERS apareceu na janela do lado do carona, e a porta se abriu.

— Até que enfim! Por que demorou tanto? — reclamei, botando o cinto de segurança enquanto ele se sentava no banco do carona. — Da próxima vez vou deixar você aí.

— Você me abandonaria mesmo?

Eu me assustei com a voz. Era Cubby. De banho recém-tomado, com as bochechas rosadas e o cabelo molhado. Ele sorriu, os olhos brilhantes encontrando os meus.

— Por que você está me olhando como se eu fosse um fantasma?

— Porque... — Minha boca tentou fazer contato com o cérebro. Porque eu penso em você o tempo todo e agora você está no meu carro. — Hã, pelo visto o treino acabou.

Brilhante, Addie.

Ele ajustou o assento, reclinando alguns centímetros.

— Ainda bem que acabou. Hoje o treinador pegou pesado. — Ele recostou a cabeça, e se eu não estivesse tão chocada em tê-lo no meu carro, teria notado como parecia exausto. Ian havia comentado que o treinador estava sendo mais severo com Cubby naquele ano. Acho que ele estava sentindo os efeitos. — E Ian ainda deve demorar um pouco. O treinador queria discutir algumas estratégias. — Ele ficou em silêncio, e seu olhar era pesado e revigorante ao

mesmo tempo. — Você ainda quer sair? A gente podia ir a algum lugar.

Borboletas surgiram em meu estômago. Isso está mesmo acontecendo? Sonhos se tornam realidade?

— Onde? — perguntei, tomando cuidado para manter a voz calma.

Ele olhou pela janela e passou o dedo pelo vidro embaçado.

— Qualquer lugar.

Precisei de todo o meu autocontrole para não pisar fundo no acelerador. No que dizia respeito a Cubby, esse era o meu verdadeiro problema. Eu nunca parava para pensar, nunca.



— Perdi o voo. Meus pais não podem saber e Ian e eu brigamos e aí tinha dois tratores e Ian vai a um festival e eu perdi meu voo, Lina.

Em vez da explicação calma que havia planejado, falei tudo de uma vez, as palavras se embolando umas nas outras.

— Addie, calma — respondeu Lina, severa. — Você precisa falar mais devagar.

— O que houve?

Era a voz de Ren, namorado da Lina, ao fundo. Ele estava sempre ao fundo ultimamente. Será que nunca se desgrudavam? Eu queria que isso não me incomodasse tanto.

— Espera um segundo. — Ela fez “shhh” para ele. — Estou tentando entender. Addie, o que houve?

— Eu já falei. Eu... perdi o voo.

As lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, e minha voz soava tão trêmula quanto o carro de Rowan.

Ela suspirou, enchendo meu ouvido com o chiado.

— Sim, entendi essa parte. Mas o que houve *com você*? Faz dez dias que está evitando minhas ligações, e agora está parada num acostamento tendo um ataque. Não é só por causa do voo. Ou do casamento. Por que está me evitando?

Cubby surgiu como uma marionete balançando no espaço entre nós duas. Claro que eu não tinha conseguido enganar minha melhor amiga. Lina sempre teve um sexto sentido para saber quando eu precisava dela. Às vezes eu nem tinha que ligar — ela aparecia por conta própria.

E não ia dar para me esquivar daquela pergunta. Não depois de ela me encurralar daquele jeito. Respirei fundo.

— Lina, tem uma coisa que preciso contar. Sobre esse verão. Eu ia contar assim que chegasse a Florença, mas...

— Tem a ver com Cubby Jones? — perguntou ela, impaciente.

— Eu... O quê? — Eu me encolhi. A notícia tinha chegado até a Itália? — Quem te contou?

A voz de Lina tinha ficado séria.

— Ninguém me contou nada. Você está escondendo alguma coisa desde julho. Toda vez que a gente conversava, você quase deixava escapar. E não parava de falar o nome dele, tipo, “ah, lembra daquela aula de cerâmica quando o pote de Cubby explodiu no forno?”. Não é uma história tão memorável assim, Addie.

Levei uma das mãos à cabeça. Nunca tinha sido boa em mentir, muito menos para alguém que eu amava. Walter dizia que eu era a

pior mentirosa do mundo. Meu pai afirmava que aquilo era um elogio.

— É, acho que eu estava tentando contar. Mas não exatamente.

Houve uma longa pausa e apertei o celular mais perto do ouvido, tentando desesperadamente interpretar seu silêncio. Será que era um silêncio crítico? Eu me virei para olhar para meu irmão. Ele e Rowan estavam apoiados no carro, derrotados, as mãos de Ian enterradas nos bolsos.

— Para qual aeroporto eu devo ir, então? Shannon ou Dublin?

Demorei um pouco para entender o que Lina estava dizendo.

— Peraí. Você acabou de perguntar para qual aeroporto *você* deve ir?

— Isso. — Ela suspirou, impaciente. — Faz mais sentido, não? Você acabou de dizer que perdeu o voo e seus pais não podem saber, então eu vou até aí.

— Você... vem pra cá? — Eu claramente tinha me perdido na conversa. — Mas como você...?

Sequei as lágrimas que teimavam em escorrer.

Lina estalou a língua, impaciente. O som parecia ter algo de italiano.

— Escuta. Eu tenho um montão de milhas, e Ren também, e nós dois já estávamos doidos para visitar a Irlanda. Vou falar para o Howard que você precisa de mim. Fique com Ian e espere. Vou chegar o mais rápido possível.

Fechei os olhos, aceitando o plano de Lina. Ficar com Ian. Lina vir para cá. Talvez meus pais não descobrissem. Talvez eu ainda jogasse futebol. Talvez eu encontrasse uma maneira de fazer Ian parar de

me olhar como se eu fosse uma coisa nojenta grudada na sola do seu sapato. Era o melhor plano possível dadas as circunstâncias.

— Você tem certeza? — consegui dizer. — Vir para a Irlanda não é algo simples.

— Mas também não é complicado demais, não por uma amiga. E, Addie, vai ficar tudo bem. Seja lá o que for, vai ficar tudo bem.

Eu queria dizer a ela quanto aquilo significava para mim, mas as palavras estavam entaladas na minha garganta. Ela tinha chegado a uma solução que eu nem havia considerado. Eu me senti mal por ter duvidado dela.

— Obrigada — falei, por fim, em meio às lágrimas.

— De nada. Uma pena você não experimentar o gelato daqui, mas pelo menos estaremos juntas. É o que importa, não é?

— É, sim.

Eu abri os olhos para o sol brilhante. Uma pequena bolha rosa surgiu em meu peito. Frágil, mas ainda assim esperançosa.

* * *

— Não. De jeito nenhum. — Com essas poucas palavras, Ian apagou a fagulha de esperança em meu peito. — Esta é minha viagem. Nossa viagem. É uma oportunidade única. Nós passamos meses planejando.

Ele se aproximou do carro de modo defensivo. Rowan tinha encontrado um cabide de arame no porta-malas, que usei para prender o escapamento de novo.

— E é justamente por isso que estou presa aqui — retruquei. Toda vez que um carro passava, eu sentia como se estivesse prestes

a ser sugada para a estrada. — Se você não tivesse mudado os planos, nada disso teria acontecido. — Minha voz estava alta e chorosa, mas eu não me importava. A viagem *dele* tinha me custado a Itália. — Você acha que eu queria perder meu voo?

Quanto mais eu pensava no plano de Lina, mais ele fazia sentido. Tínhamos mais chances de não sofrer nenhuma consequência se ficássemos juntos.

— Ian, pensa bem... Faz sentido. As chances de vocês não serem descobertos aumentam se estiverem juntos, não? — interveio Rowan, ecoando meu raciocínio.

Eu lhe lancei um olhar agradecido, mas sua atenção estava voltada para o meu irmão. Ian chutou o chão com raiva.

— Está bem. *Está bem*. Mas escuta o que eu vou dizer. Esta é minha viagem. Nada de brigas. Nada dos seus dramas. Nada de falar de Cubby. Entendido?

— Eu não quero falar dele! É você quem fica tocando no assunto!

Um caminhão grande passou e jogou meu cabelo para a frente.

— Opa, opa. — Rowan se colocou entre nós, as palmas erguidas. — Precisamos combinar uma coisa agora mesmo. Eu apoio o novo plano, mas não vou passar os próximos dias separando brigas. Se vamos seguir em frente, tem que haver uma trégua.

Para minha surpresa, Ian se acalmou quase de imediato, e os cantos de sua boca mostraram uma expressão arrependida.

— Você está certo. Addie, se você não mencionar Cubby, eu também não falo nada.

Sério? Assim tão fácil?

— Ok — concordei, um pouco cautelosa.

— Ok? — Rowan olhou para um e depois para outro. — Então... está tudo bem?

“Tudo bem” era um pouco de exagero, mas consegui assentir e Ian também. Podia ser uma trégua forçada, mas ainda assim era uma trégua. Teria que ser o bastante.

* * *

Estávamos de volta à estrada. O novo plano vinha sendo executado havia quinze minutos e todos ainda estavam um pouco chocados quando de repente algo ficou claro para mim: eu precisava ir ao banheiro. Imediatamente.

Eu me enfiei entre os bancos.

— Rowan, você poderia, por favor, fazer uma parada assim que possível? Preciso muito ir ao banheiro.

Ian se virou, o rosto tenso.

— Nossa próxima parada é só em Dingle.

— Fica muito longe? — perguntei, olhando para o mapa.

Dingle era uma península que se estendia como um dedo apontado pelo oceano Pacífico, a uns cento e cinquenta quilômetros de distância. Definitivamente muito além da capacidade da minha bexiga.

— Você está brincando?

Ian contraiu a boca com firmeza. Não estava brincando.

— A viagem está toda planejada. O escapamento e os tratores já nos atrasaram demais.

— Ian, isso é loucura. Da última vez que fui ao banheiro, eu ainda achava que ia para a Itália. Ou fazemos uma parada ou vou fazer

xixi no banco de trás.

Ele levantou a mão com desdém.

— Por mim, não tem problema. Pode fazer xixi aí mesmo. Vai ser que nem o pote de café na viagem de carro para a Disneylândia.

— Ian! — rosnei.

O incidente do pote de café podia estar entre as histórias de viagem mais ilustres da família Bennett, mas isso não significava que eu gostava de ouvi-la o tempo todo. Por que meus irmãos não a deixavam pra lá?

— Que história é essa? — perguntou Rowan, com um indício de sorriso.

— O que você acha? — retruquei, brusca.

— O nome já diz tudo, não? — disse Ian. — Viagem de carro. Pote de café. Garota que...

— Ian! — Eu passei os braços ao redor do banco da frente para cobrir sua boca. — Se contar essa história para o Rowan, juro que nunca mais falo com você.

A risada de Ian atravessou minhas mãos, e ele as empurrou para longe, mas o clima já estava mais leve. Pelo menos aquela história idiota servia para alguma coisa.

— Na verdade, preciso ligar para minha mãe, então também gostaria de fazer uma parada. Que tal Limerick?

Rowan apontou para uma placa. LIMERICK: 20 KM

— Perfeito — falei, agradecida.

Eu conseguiria aguentar vinte quilômetros.

* * *

Acontece que vinte quilômetros em uma estrada irlandesa com grama brotando do chão eram muito mais demorados do que vinte quilômetros em, digamos, qualquer outra estrada. Quando Rowan finalmente parou em um posto de gasolina, eu estava tão apertada que mal podia me mexer.

— Sai, sai, sai, sai! — gritei.

Ian se virou para trás, a mão apoiada no encosto do banco.

— Você tem cinco minutos. É a última parada antes de Dingle.

— Sai da frente! — implorei.

Ian saltou graciosamente pela janela do carro e foi até a loja de conveniência. Tentei fazer o mesmo, mas, antes de completar o movimento, um dos meus sapatos saiu e, quando tentei alcançá-lo, perdi o equilíbrio e caí de barriga no chão, o que não era nada recomendável com a minha bexiga cheia.

Rolei para o lado. O suéter de Rowan estava sujo de cascalho e meu cotovelo doía.

— Addie, você está bem? — Rowan contornou o carro com passos rápidos para me ajudar. — Cadê seu sapato?

— Não dá tempo! — falei.

Meu pé descalço latejou quando corri até a loja de conveniência, e minha bexiga já estava em contagem regressiva. Não havia tempo para procurar um sapato.

Lá dentro, perdi uns cinco segundos tropeçando pelos corredores de salgadinhos antes de perceber que não havia banheiro na loja. Corri até o caixa. Uma senhora com tranças enroladas na cabeça conversava com o funcionário no balcão:

— Eu falei para ela, pode se casar com ele. Mas não venha chorar para mim quando...

— Oi, querida — disse o caixa, olhando para mim ansiosamente. *Por favor, me salve*, seus olhos imploravam. — O que posso fazer por você?

— Onde fica o banheiro?

Eu não tinha tempo para respirar entre as palavras; a situação era crítica. Ele entendeu a urgência e disparou a informação com rapidez admirável:

— Nos fundos. Por ali.

Passei correndo por Ian, que enchia uma cesta com bombas de caféina em embalagens neon. Minha bexiga estava prestes a estourar. Cheguei ao local indicado, mas, quando puxei a maçaneta do banheiro feminino, ela não se mexeu.

— Olá? — chamei, batendo com os punhos na porta.

— Ocupado — respondeu uma voz alegre, com sotaque irlandês.

— Você pode se apressar, por favor?

Sacudi a maçaneta, desesperada. Eu ia fazer xixi na calça a qualquer momento.

De repente, a porta do banheiro masculino se abriu, e me lancei para dentro assim que um homem barbado saiu.

— Ah. Esse é o masculino, querida — avisou ele, nervoso.

— Sou americana! — respondi, como se isso explicasse alguma coisa. *Sou americana, então não preciso seguir as convenções de gênero.*

Ele pareceu aceitar essa explicação — ou achou que eu era maluca — e saiu do caminho. Tranquei a porta e me virei. Mesmo com a iluminação horrível, dava para ver que o chão estava *nojento*. Molhado e coberto de papel higiênico úmido. Por reflexo, cobri o nariz e a boca com a mão.

— Addie, você consegue — encorajei a mim mesma.

Não havia escolha. Minha única outra opção era aguentar no banco de trás de um carro minúsculo até chegarmos em Dingle.

Pulei pelo banheiro em um pé só, e, quando saí, Rowan tinha voltado para o carro, o celular grudado no ouvido. Corri de volta para a loja de conveniência, peguei a maior caixa de cereal Sugar Puffs que encontrei e fui até o balcão pagar. A situação do caixa não tinha mudado muito.

— ... então eu disse: “Se você quer viver em uma pilha de lixo, tudo bem.” Ela não pode esperar que a gente...

— Quer que eu mostre onde fica o leite? — O caixa tentou agarrar meu cereal, quase perdendo seus óculos de Papai Noel no processo. Havia quanto tempo ele estava preso naquela conversa?

Eu balancei a cabeça.

— Obrigada, mas estou viajando de carro. Não teria onde guardar.

Seus olhos se iluminaram com interesse.

— Eu já fiz algumas viagens de carro quando tinha a sua idade. Para onde está indo?

A mulher de tranças fez um pequeno ruído de impaciência e trocou as sacolas de mão, para deixar bem claro quanto eu estava sendo inconveniente.

— Agora estamos indo para Dingle, mas depois vamos a um festival de música.

— Electric Picnic? — adivinhou ele.

— Você já ouviu falar?

Rowan e Ian tinham dito que o Electric Picnic era famoso, mas eu não tinha como saber se era conhecido em seu universo de música

alternativa ou no mundo real. Pelo visto, era no mundo real.

— Claro. Vou rezar por seus pais. — Ele deu uma piscadela. — Eu nunca fui, mas minha filha foi no ano passado. Tenho a impressão de que ouvi apenas a versão censurada do que ela fez por lá. Mas, claro, a gente sabe das histórias... — As rugas ao redor dos olhos dele se acentuaram. — Pessoas se casando fantasiadas de unicórnio, banheiras de hidromassagem improvisadas ao ar livre, *raves* na floresta, um ônibus de dois andares afundado no chão, um zoológico só de animais de fazenda com três patas... Esse tipo de coisa. Todo mundo fantasiado e aprontando.

Será que ele estava brincando? Não parecia... Além disso, quem poderia inventar uma lista daquelas de improviso? Eu arregalei os olhos, horrorizada.

— Ah, você não sabia das histórias — concluiu ele, as rugas se acentuando ainda mais.

Isso elevava a necessidade de manter segredo a níveis desesperadores. Meus pais iam surtar se descobrissem. Uma coisa era fugir para ver um monte de pontos turísticos obscuros pela Irlanda, outra bem diferente era fugir para ir a um festival insano. Se eles descobrissem, precisariam inventar um novo arsenal de castigos.

— Olha, não era minha intenção assustar você. — O caixa riu da minha expressão. — Só não faça besteira e vai ficar tudo bem. Você está indo ver uma banda específica?

Assenti, recuperando a compostura. *Não faça besteira*. Desde que Cubby Jones não estivesse por perto, eu conseguiria seguir o conselho.

— Meu irmão vai ver a banda favorita dele, Titletrack.

— Titletrack! É o último show deles — interveio a mulher, levando uma das mãos ao peito. — Você é uma garota de sorte, hein?!

Eu me virei para ela, horrorizada. *Ela* era fã?

— Eu amo a primeira música deles... — continuou a mulher. — Aaron, como é mesmo o nome, aquela com o clipe em Burren?

— “Classic” — respondeu o caixa. — Nós daqui da área somos grandes fãs.

— Na verdade, o tema da nossa viagem é justamente a banda. Acabei de visitar Burren.

— Uma viagem de carro com temática Titletrack! — A mulher parecia prestes a desmaiar. Ela puxou uma trança. — Que ideia *maravilhosa*. Aaron! Não é uma ideia maravilhosa?

— Maravilhosa — repetiu ele, obediente.

— Pois é, meu irmão é um grande fã. Ele está... — Eu me virei para apontar para Ian, mas a loja estava vazia. — Ops, é melhor eu ir. Muito obrigada pelo conselho.

— Beba bastante água! — gritou o homem quando corri porta afora.

— Leve álcool em gel! — gritou a mulher. — E tome cuidado na península. Tem uma tempestade forte chegando. Uma das piores do verão.

— Obrigada! — gritei por cima do ombro.

No segundo em que pus os pés para fora da loja, a voz de Rowan chegou aos meus ouvidos.

— Mãe, já falei, não estou pronto para discutir isso. Você disse que eu tinha até o final do verão, ou seja, mais duas semanas. E, se quiser falar com meu pai, ligue para ele... Mãe, *chega!*

Ele desligou, então deu meia-volta, tomando um susto ao me ver.

Meu primeiro instinto foi fugir, mas fiquei parada feito uma idiota, agarrada à caixa de cereal, apoiando o pé descalço em cima do calçado. Devia parecer que eu estava ouvindo a conversa. O que era verdade. Só que não tinha sido de propósito. Mas agora eu tinha ficado curiosa. Rowan não estava pronto para discutir o quê?

— Ei, Addie — disse Rowan, a voz fraca. — Está aí há muito tempo?

Por favor, diga que não estava escrito em um balão de pensamento acima da sua cabeça. Fiz que não com a cabeça enquanto lhe entregava o cereal.

— Saí agora.

Seu rosto desmoronou em uma expressão triste. *Conserte isso*, minha voz interior exigia. Ela tinha muito a dizer sobre os sentimentos das outras pessoas. Olhei em volta, tentando pensar em uma maneira de aliviar o clima tenso.

— Lembra quando caí de barriga no chão?

Seu rosto se iluminou na hora.

— Quantas vezes por dia, em média, você se joga no chão em estacionamentos?

Eu olhei para o céu cinzento, fingindo pensar.

— Três. Hoje estou meio devagar.

Seu sorriso aumentou, então ele olhou para baixo e chutou uma pedra.

— Sabe, Addie, você não é nada do que eu esperava.

— Hum... — fiz, cruzando os braços.

Ele sorria, então imaginei que fosse algo positivo, mas não tinha certeza.

— “Hum” o quê? — perguntou ele.

Eu dei de ombros.

— Esse é um daqueles elogios que poderiam muito bem ser um insulto. Tipo: “Você fez alguma coisa diferente no cabelo? Está tão bonito.” Ou seja, antes estava um lixo. — A boca de Rowan se contorceu em um sorriso. Eu estava falando demais. Voltei ao assunto: — Se não se incomoda com a pergunta, *o que* você esperava?

Sua covinha se aprofundou.

— Alguém mais comum. Dá pra ver por que Ian fala tanto de você.

Fiquei chocada.

— Ele falou de mim? Achei que vocês não conversassem sobre assuntos muito pessoais.

— Só as coisas importantes — disse Rowan. — Ele me contou que vocês dois são muito próximos. É por isso que estou um pouco confuso por vocês... hã...

Ele gesticulou com a mão.

— Por a gente brigar o tempo todo?

— Foi uma surpresa — admitiu ele, cruzando os braços e voltando a olhar para o chão. — De qualquer forma, ainda bem que você saiu, porque quero mostrar uma coisa. — Ele enfiou a mão pela janela do banco de trás e pegou o guia. — Enquanto você estava lá dentro, comparei os pontos turísticos daqui com os do mapa do Ian, e muitos são bem próximos. Alguns já estavam previstos. E adivinha? Um deles é na península de Dingle, nossa próxima parada!

Ele me entregou o guia, abrindo na página cujo título era PENÍNSULA DE DINGLE. Segurei o livro com força.

— E Ian? — perguntei, olhando de volta para a loja. — Não sei se você reparou, mas toda vez que alguém comenta sobre minha vida amorosa, a gritaria logo começa.

— É mesmo? Eu não tinha reparado. — Ele abriu um sorriso bonito e meio torto que logo foi refletido em meu rosto. — Eu cuido dele. Olha, eu até poderia seguir o guia sozinho. É só que parece um pouco... — Ele torceu a boca. — Patético. Mas, se fizermos isso juntos... Não sei se é idiotice...

— Não é idiotice — respondi na hora.

Minha cerimônia com as flores em Burren não tinha sido tão transformadora quanto eu esperava, mas era bom saber que tinha dedicado um tempo para lidar com o que aconteceu com Cubby. Além disso, Rowan estava se abrindo comigo, e eu não podia deixá-lo na mão.

Tornei meu tom mais alegre.

— Quer dizer, por que seria? Na pior das hipóteses, vamos a alguns lugares interessantes. Na melhor das hipóteses, saio da Irlanda com o coração inteiro de novo.

Até parece. Não acreditei em minhas próprias palavras nem por um segundo.

Rowan abriu um sorriso enorme.

— Obrigado, Addie. Vá procurar seu sapato que eu vou procurar o Ian. Tenho certeza de que consigo convencê-lo.

Ele saiu andando pelo estacionamento um pouco mais alegre, e eu me virei para vê-lo se afastar. Será que eu tinha conseguido encontrar a única pessoa no mundo que estava com o coração mais machucado do que o meu?

Península de Dingle

Se a Irlanda fosse um bolo, e você, uma visita receosa prestes a receber uma guloseima saindo do meu forno, eu lhe serviria uma fatia generosa de Dingle. Cítrica, açucarada e densa: essa é a Península de Dingle.

Trata-se de uma combinação de ingredientes absolutamente irresistível — colinas rochosas e crocantes com gramados macios, estradas cobertas por uma névoa leitosa, prédios coloridos como jujubas apinhados em estradas sinuosas. Tudo batido e misturado para formar uma península que você vai querer devorar com um copo de leite.

Agora, eu sei o que você está pensando, meu anjo: *O que essa perfeição idílica tem a ver com meu pobre coraçãozinho?* Ainda bem que perguntou. Você está pegando o espírito da coisa.

É sobre o ciclo, meu amor. O processo. Em algum momento (talvez até já tenha acontecido), você vai enfiar essa mágoa toda em uma caixa resistente, arrastá-la até o correio e mandá-la embora com um grande suspiro. *Ainda bem que acabou*, você vai pensar. *Que alívio*. Então vai voltar para casa, com o coração leve feito algodão-doce, apenas para perceber, com horror, que aquela caixa pesada está na sua porta da frente. Foi devolvida. Retornada ao remetente.

Endereço do destinatário incompleto. *Mas acabei de me livrar dela, você vai pensar. Já tinha resolvido.*

Eu sei. Mas vai ter que lidar de novo. Ao contrário do que se acredita, superar alguém não é algo que se faz de uma vez só.

Pode ser útil encarar o processo de superação como uma península coberta por uma estrada longa e circular que leva você a uma infinidade de delícias e maravilhas. O luto requer que você retorne à questão, algumas vezes passando por ela incessantemente, até que não seja mais um destino, e sim apenas parte da paisagem. O truque é não se entregar ao desespero. Você está progredindo, mesmo que às vezes pareça estar andando em círculos.

DEVER DE CASA: Vá até Inch Beach, entre na água e vá o mais fundo que puder. Você vai sentir frio. E depois mais frio. Então seu corpo vai ficar dormente. E quando achar que não consegue suportar o frio nem por mais um segundo, quero que aguarde por mais um segundo. Você está sobrevivendo a este momento de desconforto? Houve outros momentos sofridos ou desconfortáveis que achou que não superaria e mesmo assim superou? Interessante, chuchu. Interessante.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

A TEMPESTADE ATINGIU A PENÍNSULA QUANDO CHEGAMOS. E POR “atingiu” quero dizer que veio para cima de nós como se fôssemos três invasores que deveriam ser forçados a recuar de volta para o continente. Não houve nenhum aviso: em um segundo não estava chovendo e no seguinte as gotas martelavam o teto do carro fazendo tanto barulho que mais pareciam estar dentro do meu crânio. A chuva escorria pelas janelas como uma cachoeira e Rowan forçava o carro contra as rajadas de vento.

— Está piorando — observou ele, nervoso.

— Ei, Rowan. Acho melhor a gente parar — falei, indicando Ian.

Meu irmão estava encolhido junto à janela, o olho roxo contrastando com o rosto pálido. Eu já tinha perdido a conta de quantas vezes vira Ian vomitar, e ele estava exibindo quatro dos cinco indícios de perigo. O vômito era iminente.

— Eu não estou enjoado, só... — começou Ian, mas nem conseguiu terminar a frase, cerrando os dentes.

— Pare assim que puder — instruí, agarrando a caixa de cereal vazia e empurrando-a para as mãos de Ian.

Ian era conhecido por passar mal em viagens de carro, mas também era teimoso feito uma mula. Ele nunca queria admitir que ficava enjoado, o que significava que vivia fazendo coisas que o deixavam enjoado. Já fazia anos que nenhum de nós aceitava se sentar ao lado dele em uma montanha-russa.

— É só uma chuvinha de verão irlandesa, pessoal. Tenho certeza de que vamos atravessá-la daqui a pouco.

Rowan tentou soar despreocupado, mas o vento soprou contra nós de novo e ele levou um susto, virando o volante de modo brusco enquanto Ian se curvava.

— Ian, está tudo bem? Você não disse que ficava enjoado.

— Eu não fico — respondeu Ian. — Devo ter comido algo estragado no casamento.

Às vezes eu achava que meus irmãos eram incapazes de admitir fraqueza.

— É mentira, Rowan. Isso acontece sempre. Uma estrada com ventos fortes no meio de uma tempestade é o pior cenário possível.

Eu me virei quando Ian fez cara feia e me aproximei da minha janela embaçada, prestando atenção na paisagem. Mesmo sem a tempestade, a Península de Dingle seria a Irlanda 2.0 — ali, o teor dramático estava ligado no máximo. Ainda estávamos em uma estrada estreita de duas pistas, mas tudo o mais parecia saído de um livro do Dr. Seuss. À nossa esquerda, os picos de montanhas verde-neon desapareciam em nuvens densas como pudim e, à nossa direita, uma faixa de chuva mais intensa pairava sobre o mar.

O celular de Ian vibrou.

— Ai, não. Mensagem da nossa mãe.

— O que ela disse?

Ele tentou virar o rosto pálido para mim, mas o movimento o fez estremecer.

— Ela quer que a gente dê notícias quando pousar. Vou responder daqui a algumas horas.

De repente, uma rajada de vento soprou contra Trevo, nos empurrando da estrada para o acostamento. Dessa vez, Rowan escolheu um palavrão ainda mais impactante.

— Rowan, tudo bem aí? — perguntei.

Ele girou o volante, tentando desesperadamente recuperar o controle, quando fomos atingidos do lado oposto por um vento ainda mais poderoso. Por um nanossegundo, Trevo se apoiou apenas nas rodas esquerdas. Ian enfiou a cabeça na caixa de cereal.

Também fiquei um pouco enjoada. Mesmo que tivesse visto Ian vomitar um milhão de vezes, eu nunca me acostumaria. Dei um tapinha desajeitado nele, olhando para o outro lado.

— Tudo bem, Ian. Está tudo bem.

— Vou parar agora.

Rowan parou no acostamento estreito, botou o carro em ponto morto e desabou sobre o volante. Ian desceu o vidro, deixando entrar um jato de chuva ao enfiar a cabeça para fora.

— Bem, isso foi traumático — comentei, respirando fundo algumas vezes.

De repente, o carro começou a vibrar.

— O que... — começou Ian, os olhos arregalados, e naquele momento um enorme ônibus de turismo surgiu na pista oposta.

— Aguentem firme! — alertou Rowan.

Puxei Ian para dentro, e todos nós nos preparamos para morrer enquanto acompanhávamos o ônibus passar raspando ao nosso lado. Um jato de água acertou o para-brisa. Nós gritamos como se estivéssemos em uma casa mal-assombrada.

— A gente vai morrer! — choraminguei, quando paramos de gritar.

A chuva entrava pela janela de Ian, e ele a fechou rapidamente.

— Mortos por um ônibus de turismo — anunciou Rowan, e suspirou.

De repente, um pensamento terrível, sem relação alguma com a tempestade, me veio à mente, e agarrei a parte de trás do banco de Ian.

— Ian, tem certeza de que a gente não vai esbarrar com a excursão do casamento? A tia Mel não falou que eles pretendiam conhecer o oeste da Irlanda?

Ian fez um pequeno X com os dedos, o que imaginei que deveria significar “não”.

— Eu invadi o e-mail da nossa mãe e imprimi uma cópia do itinerário deles. Não vamos passar nem perto da excursão.

— Invadiu? Quer dizer que usou a senha dela?

Nossa mãe não sabia ou não se importava com essa história de mudar as senhas periodicamente. Archie tinha descoberto a senha dela havia alguns anos, e desde então nós usávamos essa informação para descobrir quais seriam nossos presentes de Natal.

— Imagina se a gente dá de cara com eles?

Ian balançou a cabeça.

— Impossível. Programei nossa viagem para não encontrarmos com a excursão. Além disso, não sei se essa é nossa maior preocupação agora.

Ele apontou para o céu. Seu rosto ainda estava pálido.

De repente, um fio de água gelada escorreu pelas minhas costas e eu dei um pulo.

— Que gelo! — exclamei, enquanto a água pingava pela minha janela. Pelo lado de dentro da minha janela. — Rowan! O carro está vazando.

Ele se virou no momento em que a goteira se transformou em um jorro.

— Não! Max jurou que o novo teto estava bom.

— Novo teto? Quem é Max? — perguntei, como se os detalhes pudessem remediar a chuva no banco de trás.

— O cara que me ajudou a consertar...

— A minha janela também! — interrompeu Ian com um grito, o tom idêntico ao meu.

Ele agarrou a manivela, tentando desesperadamente fechar a janela já fechada.

— Ian, isso não vai ajudar em nada! — repreendi.

Rowan ligou o carro e voltou para a estrada, mas Trevo desistiu de vez de tentar ser à prova d'água. A chuva entrava por todas as frestas possíveis. Nós disparamos por uma pequena ponte, a água jorrando a toda velocidade, até chegarmos a um minúsculo posto de gasolina com apenas duas bombas.

Ian baixou o vidro, desesperado, e enfiou a cabeça para fora, ofegante como um peixe fora d'água. Eu estava encharcada. A água empoçava o assento sob meu short e meu cabelo estava grudado na cabeça.

— Isso aconteceu mesmo? — perguntou Rowan, desabando no assento.

— Addie, como a gente conserta isso? — perguntou Ian.

Mecânica Addie ao resgate. Eu estendi a mão para cutucar o teto, e mais gotas de água caíram.

— Precisa ficar bonito? — perguntei.

Rowan batucou no painel.

— Por acaso parece que nos importamos com beleza?

— Verdade — respondi. — Precisamos de fita isolante. Uma bem grossa e forte.

Rowan assentiu com animação.

— Fita isolante. Entendido. Vou ver se tem ali na loja.

Ele pegou um gorro do porta-copos e o enfiou na cabeça enquanto corria pelo posto.

— Acabamos de quase morrer afogados em um Volkswagen — comentou Ian, tamborilando no painel. — Imagina só o obituário? Carro assassino prende trio de...

— Ian. — Estendi a mão e parei seus dedos inquietos. Eu tinha uma teoria de que Ian havia sido um beija-flor na vida passada. Ou um grão de café atlético. — O que está havendo entre Rowan e a mãe dele?

Ele olhou para trás, as sobrancelhas erguidas.

— Do que você está falando?

— Ouvi o Rowan no telefone em Limerick. Ele comentou alguma coisa sobre ter que tomar uma decisão antes do final do verão.

— Sério? — Ian enfiou uma mecha de cabelo na boca e começou a mastigar, pensativo. — Eu não sei muito sobre a família dele. Nem sabia que os pais eram divorciados até ele contar em Burren.

— Você está falando sério?

Isso era típico do meu irmão. De todos eles, na verdade. Eu queria saber tudo sobre meus amigos — até o nome do primeiro animal de estimação que tiveram e quais seus sabores favoritos de pizza. Segundo Lina, nossa primeira festa do pijama mais parecera um interrogatório policial. Já meus irmãos pareciam precisar de poucas coisas em comum para formar vínculos. *Você gosta de futebol americano e tacos? Eu também.*

Ian arrastou o dedo atrás de uma gota de chuva no para-brisa.

— Rowan e eu não falamos muito sobre esses assuntos.

Revirei os olhos.

— Porque estão muito ocupados falando sobre Titletrack?

— Não. — Ele suspirou. — Quer dizer, é claro que falamos sobre música, mas na maioria das vezes os assuntos são mais profundos, tipo com o que a gente se importa e o que está nos incomodando. Essas coisas.

Não consegui evitar um sorriso.

— Então você está dizendo que você e Rowan falam sobre sentimentos?

Certa vez Archie havia me perguntado sobre o que Lina e eu tanto conversávamos para ficarmos horas ao telefone, e eu respondi: “Sobre como estamos nos sentindo.” Desde então, toda vez que ela ligava, meus irmãos debochavam mim. *Como a Lina está? Como andam os sentimentos dela?*

— É, acho que sim — admitiu Ian.

Ele me lançou um olhar que reconheci na hora. Os olhos estavam sinceros e vulneráveis. Era como ficavam antes de ele revelar algo sobre si mesmo.

— Você já desejou que alguém a visse por baixo de todas as outras camadas? Que não ligasse se você é boa em esportes, na escola ou se é popular ou sei lá o quê, e apenas enxergasse quem você realmente é?

Tive vontade de agarrá-lo pelos ombros e gritar: *Você está de sacanagem com a minha cara?* É claro que me sentia assim. Era o sentimento que definia a minha vida.

Ian se sentia assim? Isso era novidade para mim.

— Como se eu pudesse ser apenas Addie em vez de a irmãzinha mais nova de Archie, Walter ou Ian?

— Isso mesmo.

De repente, percebi uma coisa. Ian estava falando comigo como nos velhos tempos, como se Cubby não estivesse espreitando sob seu olho roxo. Escolhi minhas palavras com cuidado, sem querer estragar aquele momento.

— Mas os rótulos fazem parte de ser humano, não? Nós gostamos de categorizar as pessoas, então todo mundo recebe um rótulo, sejam certos ou equivocados.

Eu nunca havia pensado no assunto dessa maneira antes, mas era verdade. Nós rotulávamos até a nós mesmos: Ruim em matemática. Gosta de flertar. Sem noção.

— Eles nunca estão certos — rebateu Ian, com um quê de amargura na voz. — As pessoas não cabem em rótulos. E, depois que cataloga alguém, a gente para de tentar descobrir quem a pessoa é de verdade. Por isso gosto tanto de conversar com o Rowan. Somos amigos, mas completamente fora do contexto um do outro. Nunca achei que alguém que conheci pela internet pudesse se tornar um amigo tão próximo, mas eu precisava muito de um amigo e ele estava lá.

Fiquei esperando um sorriso na parte do *eu precisava muito de um amigo*, mas ele apenas baixou o olhar, balançando o joelho. Se Ian se sentia sem amigos, não havia esperança para o resto de nós. Não importava aonde a gente fosse, sempre havia alguém gritando seu nome e querendo falar sobre a temporada de futebol americano — crianças, adultos, todo mundo.

— Eu não sabia que você se sentia assim — falei, com cuidado. — Você poderia ter me contado.

Ele balançou o cabelo para a frente e para trás.

— Você estava ocupada com a Lina, o futebol e...

Com o Cubby. Ele não precisava terminar a frase. Ambos desviamos o olhar.

— Rowan me contou sobre o guia, aliás.

— E? — perguntei, tomando cuidado para manter minha voz neutra.

— E eu me importo com ele e também com você, então se acham que vai ajudar, tudo bem, concordo com o plano. — Ele se virou para trás, encarando-me com uma expressão séria. — Mas você sabe que seguir os pontos turísticos de um guia não é o mesmo que lidar com o que aconteceu, né? Não vai fazer a situação sumir.

Minha raiva se reavivou, quente, borbulhante.

— E contar para a nossa mãe vai, por acaso? Envolver nossos pais só vai piorar tudo.

— Isso é inevitável — respondeu Ian, com seu tom de irmão mais velho. — Addie, em algum momento você vai precisar lidar com o que aconteceu. Não prefere que seja nos seus próprios termos? Admita. Você está totalmente perdida.

Sim, eu estava mais perdida do que azeitona em pão doce. Mas não ia admitir.

— Eu falei quando a gente estava nas Falésias de Moher que não quero mais tocar nesse assunto — retruquei.

— Mas eu quero. Pelo menos até você fazer a coisa certa — insistiu ele.

A coisa certa. A coisa certa teria sido ouvir o aviso de Ian, confiar no meu instinto e largar Cubby no instante em que as coisas começaram a ficar esquisitas. Mas eu não tinha feito isso, não é? E era tarde demais.

— Ian, por favor, para! — gritei.

— Tudo bem.

Ele suspirou, recostando-se no banco, mal-humorado. Por que ele tinha que estragar o momento? Por um segundo, as coisas pareceram quase normais entre a gente.

* * *

Eu não precisava ler as placas para saber que havíamos chegado a Dingle, porque a descrição do guia era perfeita. Parecia *Alice no País das Maravilhas*, só que na Irlanda — uma junção de charme com um colorido mágico. Lojas com nomes como Chapeleiros Malucos e Lojinha de Queijo ladeavam a estrada nos mais variados tons neon: tangerina, rosa algodão-doce, turquesa e verde-limão. Rowan seguia pelas ruas de pedra com todo o cuidado, falando pelos cotovelos.

— Dingle é muito popular entre os adolescentes irlandeses. Todo verão eles viajam para cá para aprender a língua gaélica e danças típicas. Como a península ficou isolada do resto do mundo por um tempo, muitas pessoas aqui ainda falam irlandês.

O falatório tinha começado assim que Rowan saíra da lojinha do posto de gasolina trazendo a fita isolante e percebera a tensão entre mim e Ian. Era óbvio que ele tentava enterrar o conflito debaixo de uma montanha de palavras — mesmo que tivéssemos tentado interromper, não teríamos conseguido.

— Legal — disse Ian, quebrando um raro segundo de silêncio.

A última briga havia esgotado nossa energia. Meu irmão estava sentado todo encolhido, a cara enfiada no celular, e eu estava apoiada na janela, minha raiva se transformando em tristeza.

— Hã... Vocês têm certeza de que estão bem? — perguntou Rowan para o carro silencioso.

— Está tudo ótimo. — Minha voz saiu mais ríspida do que eu pretendia, e sua expressão desanimou. Ian me lançou um olhar irritado. Pobre Rowan. Onde ele tinha se metido? Eu me endireitei, engolindo a irritação. — Foi mal, Rowan. Obrigada por contar mais sobre a história da cidade. Então, onde fica a próxima parada do Titletrack? — Eu dei uma olhada no mapa de Ian. — Sleah Head?

— Ah, essa é bem legal — comentou Rowan, ajeitando os óculos com as duas mãos. — No início da carreira, o Titletrack estava em uma pequena gravadora chamada Sleah Head Records. Ela não existe mais, mas o lugar que inspirou o nome, sim. Por coincidência, é um dos meus lugares favoritos na Irlanda.

— Por causa do acampamento, certo? — falei, para mostrar que estivera ouvindo seu monólogo.

— Isso.

Ele abriu um sorriso enorme.

Atravessamos a cidade até chegar a uma estrada com muito vento, que se estreitou até ficarmos espremidos entre uma colina e um penhasco. Havia uma névoa espessa adiante, e o oceano quase desaparecia a distância. Continuamos avançando pela península e, justo quando achei que íamos cair direto no mar, Rowan saiu da estrada e parou na base de uma subida íngreme, onde uma trilha estreita serpenteava até o topo.

— É aqui? — perguntei.

— É — confirmou Ian, o joelho sacudindo ainda mais do que o normal.

— Vento. Demais — grunhiu Rowan, com dificuldade para abrir a porta. Por fim, ele conseguiu e espirrou água da chuva em todos nós.

— Por favor, me diga que não vamos lá pra fora — implorei, mas Ian já estava se arrastando para o outro banco, seguindo Rowan, então fui trás dos dois na mesma hora. Não era como se dentro do carro estivesse muito mais seco.

Lá fora estava úmido e gelado, e a vista era ainda mais impressionante. A água era de um azul-turquesa intenso e brilhante, e uma densa cobertura de nuvens repousava sobre as colinas. Todas as cores pareciam saturadas, principalmente o verde. Antes da Irlanda, eu achava que sabia o que era verde. Mas não sabia. Não de verdade.

— Por aqui — instruiu Rowan, apontando para a trilha estreita e incrivelmente escorregadia.

Era íngreme e desaparecia no meio da névoa. Ian começou a subir sem hesitação, com Rowan seguindo logo atrás.

Era como escalar vidro. Meus tênis All Star, normalmente meu calçado da sorte, eram inúteis naquela situação, e acabei subindo de quatro, cravando meus dedos na lama e fingindo não reparar nas lesmas aninhadas na grama.

Lá no topo, Rowan esperava para me ajudar, e cheguei, cambaleando, na clareira coberta de grama. Ali perto, uma rocha preta lisa saía da água a um ângulo de quarenta e cinco graus, e o mar revolto se estendia à nossa frente.

— As pessoas gostam de vir surfar aqui! — gritou Rowan para nós, mais alto que o vento.

Olhei para baixo, incrédula, observando a água arremeter contra o penhasco. Ele deu de ombros.

— As aventureiras.

— Ainda bem que a tia Mel não conhecia Sleah Head ou teria feito o casamento aqui — falei para Ian, mas meu irmão estava debruçado no caderno de novo, rabiscando furiosamente apesar de toda a chuva.

Aproximei-me da beirada, o vento me atingindo como um desafio.

— Cuidado — alertou Rowan.

Abri os braços, sentindo o vento lutar contra mim e me apoiar ao mesmo tempo. Rowan sorriu e imitou minha pose, e nós dois ficamos parados como duas letras T, os respingos nos atingindo com força total.

As pontas dos nossos dedos se tocaram. A chuva se acumulava nas lentes dos óculos dele.

— Eu sinto que deveríamos gritar.

— Gritar o quê?

— Qualquer coisa. — Ele respirou fundo e, em seguida, soltou um berro: — Arruuuuu!

— Arruuuuu! — repeti.

Minha voz foi projetada até a água, misturando-se à de Rowan. O grito fez com que eu me sentisse viva. E corajosa. Queria me sentir assim o tempo todo.

— O que vocês estão fazendo?

Ian parou de escrever e se aproximou de mim, o vento chicoteando seu cabelo.

— Gritando!

Rowan apontou com o queixo para a névoa espessa.

— Sabe o que fica ali?

— O Monstro do Lago Ness? — chutou Ian.

— Os Estados Unidos — respondeu Rowan. — Estamos no extremo oeste da Irlanda. É o mais perto que se pode chegar dos Estados Unidos sem sair da Irlanda.

Olhei para o horizonte. Os Estados Unidos. Não era surpresa me sentir tão bem ali. Havia um oceano inteiro entre mim e meus problemas.

Ian encostou o ombro no meu — se era ou não intencional, eu não sabia —, e por um segundo nós três ficamos lá parados, o vento nos empurrando com força enquanto resistíamos. Juntos. Por um segundo, imaginei como seria se aquilo fosse a vida real. Eu e Ian enfrentando as pressões lá de casa.

Eu queria que aquilo fosse a vida real, não uma forma de escapar dela.



O verão tinha sido cheio de escapadas, principalmente à noite.

Já passava das onze quando me esgueirei pela porta dos fundos, avançando pé ante pé pelo quintal e correndo pela calçada até o carro de Cubby. Seu rosto estava iluminado pelo brilho azul da tela do celular, e a música no rádio tocava baixinho. Sentei no banco do carona, batendo a porta às pressas.

— O que seu irmão diria se descobrisse que você está saindo comigo?

A voz de Cubby era arrastada e descontraída como sempre, mas no fundo havia um leve tom de nervosismo.

— Ian? Boa pergunta. Você vai contar pra ele? — perguntei, apontando meu dedo para o peito de Cubby.

— Eu não — respondeu, sorrindo.

Ian não sabia que eu tinha saído de casa. Também não sabia do passeio pós-treino com Cubby nem como, dentro do carro, a mão dele tinha repousado no meu joelho de modo natural, como se sempre tivesse estado ali. E eu não a afastei. Eu a queria exatamente onde estava.

Havia vários motivos para eu não contar nada a Ian, mas o principal era: nos últimos anos, a voz de meu irmão mudava sutilmente sempre que ele tocava no nome de Cubby. Como se tivesse acabado de dar uma mordida em um chocolate amargo. E aquela noite não era sobre a aprovação ou desaprovação de Ian. Era sobre mim.

Sobre mim e Cubby.



— Vocês têm certeza de que querem ficar aqui? — perguntou Ian, cético.

Estávamos estacionados em frente a um prédio todo descascado, cor de tijolo, que mais parecia uma prisão do que um albergue. Havia correntes envolvendo a mobília de ferro na varanda, e as janelas eram gradeadas.

— Estão tentando manter as pessoas do lado de fora ou de dentro?

— Eu gostei — comentei. — Achei bem... acolhedor. Autêntico.

Rowan e eu nos entreolhamos. Tinha dado certo trabalho convencer Ian a passar a noite em Dingle. Ele queria seguir viagem, mas a próxima parada do guia era em um lugar chamado Inch Beach, e o tempo não estava bom para ir à praia. Também havia a questão da hipotermia, que com o passar das horas se tornava um risco cada vez maior.

Mas havia outro problema: era alta temporada em Dingle. O que significava que era quase impossível achar uma vaga — exceto no Hostel No Fim Do Arco-Íris, cujo site muito alegre e cheio de animações anunciava SEMPRE TEMOS CAMAS DISPONÍVEIS!!!! Agora, depois de ver o albergue e todo o seu charme, eu entendia por quê.

— Além do arco-íris — brincou Rowan. — Isso é tão irlandês.

Ele tirou a chave da ignição.

— Vamos lá — falei. — Qualquer coisa é melhor do que dirigir naquela tempestade.

— E você pode começar a trabalhar no seu artigo — acrescentou Rowan. — Já deve ter bastante material depois de visitar Burren e Sleat Head.

— É verdade — admitiu Ian. — Seria bom já ir adiantando tudo. Assim, não fica trabalho demais no final. E preciso atualizar meu blog.

— Perfeito! Então vamos! — exclamei.

Eu tinha passado metade do dia dentro de Trevo e cada pedacinho do meu corpo doía. Estava doida para sair daquele banco de trás.

Para um lugar chamado No Fim Do Arco-Íris, o interior era surpreendentemente desprovido de cor. Tudo era marrom. Piso marrom, carpete marrom, linóleo marrom e uma luminária de latão

com duas das cinco lâmpadas faltando. Até o cheiro era marrom: uma mistura de torrada queimada e carne assada.

Fui até uma mesa bamba de madeira. Estava atulhada de papéis, com uma xícara de café repousando sobre um fichário encardido com três argolas.

— Olá? — chamei.

O marrom engoliu minha voz.

— Parece não ter ninguém. Talvez a gente devesse tentar outro lugar — sugeri Ian.

— Não tem outro lugar. Acredite, nós tentamos. — Contornei a mesa e segui por um corredor escuro. Por baixo da fresta de uma porta, vi a luz acesa. — Oi? — chamei, abrindo-a um pouco. — Tem alguém aí?

Um sujeito com cabelo cacheado, platinado e volumoso estava jogando videogame, os pés sujos apoiados na mesa à sua frente. Usava fones de ouvido bem grandes.

— Com licença? — Estendi a mão para tocar seu ombro de leve, mas um segundo antes de encostar nele, o sujeito se virou às pressas, caindo no chão com força. — Você está bem?

Eu me adiantei para ajudá-lo.

— Bem? Não muito.

Ele tirou os fones de ouvido. Devia ter uns vinte e poucos anos. De pele bronzeada, era esguio e musculoso como um alpinista. Seu sotaque não era irlandês. Talvez australiano? Britânico? Ele abriu um largo sorriso e seus dentes brancos contrastaram fortemente com o rosto bronzeado.

— Como você vai?

Como vou? Qual era a resposta correta? Bem? De carro, para o Electric Picnic?

Ele não esperou uma resposta.

— Sinto muito pelos colchões. Sei que são uma porcaria. Mas é por isso que nosso preço é tão acessível, afinal. E, vamos ser sinceros, vocês não vieram até a Ilha Esmeralda para dormir, não é? Vocês estão aqui para explorar.

Ergui as sobrancelhas, completamente aturdida.

— Acho que você está me confundindo com outra pessoa...

Provavelmente, alguém com quem ele tinha falado antes. O garoto arregalou os olhos.

— Ai, caramba. Você não está no grupo dos alemães? Esqueça o que eu disse sobre os colchões. Dormir No Fim Do Arco-Íris é como dormir nas nuvens. — A última parte foi cantarolada.

— Disfarçou bem, hein? Vem cá, você tem espaço para três pessoas?

Ele pôs a mão no meu ombro.

— Você não viu a placa? Sempre temos camas disponíveis. Já falei sobre os colchões, mas me deixe contar sobre os pontos positivos do nosso humilde estabelecimento. As noites são muito animadas por aqui. Sempre tem festa ali na frente, muita gente, bebida, tudo que você poderia querer. — Ele piscou, e não consegui saber se estava falando sério ou não. — Eu me chamo Bradley, aliás. Bem-vinda ao No Fim Do Arco-Íris, o albergue da juventude mais ocidental da Europa.

— Eu sou Addie. — Apertei sua mão. — Você por acaso escreveu o conteúdo do site?

Ele assentiu, muito animado.

— Fui eu mesmo! Fiz aquilo em quarenta e oito horas. É um lixo, mas faz boa parte do meu trabalho por mim, o que significa que posso passar minhas tardes surfando.

— Você surfa em Sleat Head?

— Nem eu sou tão doido assim. — Ele cruzou os braços e me lançou um olhar curioso. — Por que você está com cara de quem veio nadando? Por acaso estava a pé na tempestade?

— De carro. Mas ele não é à prova d'água.

— Ah — disse Bradley, como se entendesse muito bem. — Eu só deveria deixar os novos hóspedes entrarem à noite, mas parece ser uma emergência. Acho que você está precisando de um bom banho quente.

— Estou mesmo — respondi, agradecida.

Ele pegou o fichário branco manchado de cima da mesa e começou a folhear páginas repletas de nomes e números de telefone. O livro de hóspedes do albergue, supus.

— De onde você é?

— Seattle. Bem, é de onde eu e meu irmão somos. O outro cara que está com a gente é de Dublin.

Ouvi um rangido alto atrás de mim, e Rowan e Ian enfiaram a cabeça porta adentro. Bradley se lançou na direção deles na mesma hora.

— Você deve ser o Irmão. E você o Outro Cara. Eu me chamo Bradley. — Ele apertou a mão deles com entusiasmo. — Mas por que vocês dois não estão tão ensopados quanto ela? Achei que o carro não fosse à prova d'água.

Rowan fez uma careta.

— O banco de trás vaza mais.

— E é lá que eu fico — completei.

— Quanto cavalheirismo — disse Bradley com reprovação, olhando de um para outro.

Ian puxou os fios do casaco, as bochechas corando de leve.

— Não era para ela ter vindo... não estávamos preparados!

— Aham, tá bom. — Bradley dispensou as desculpas com um gesto. — Agora venham assinar o livro enquanto sua irmãzinha toma um banho. — Ele se virou para mim. — O banheiro fica logo depois dos quartos. As toalhas ficam no armário ao lado.

Eu tinha disparado pelo corredor antes mesmo que ele terminasse a frase.

* * *

Apesar da limpeza questionável do banheiro, aquele foi o melhor banho que tomei na vida. Troquei de roupa e voltei para o saguão enquanto penteava o cabelo. Bradley estava folheando um exemplar da *Enciclopédia do surfe*. Quando me viu, ele bateu palmas devagar.

— Que diferença, meus parabéns. Você está *bem* menos parecida com um rato molhado.

— Muito obrigada — falei, contendo um sorriso. — Eu não sabia que parecia um rato molhado antes, mas é um elogio incrível. Você sabe onde os meninos estão?

Ele indicou o refeitório.

— O Agitadinho está lá, tentando ver se consegue um sinal de Wi-Fi melhor. Boa sorte para ele. O Tristonho está no quarto dos beliches.

Tristonho?

— O Tristonho está aqui — interrompeu Rowan, entrando.

Ai.

— Foi mal, cara. Eu quis dizer... — começou Bradley.

Rowan o ignorou.

— Addie, você está pronta para ir à Inch Beach? Parece que o tempo abriu de novo.

— Já? — Eu me virei para olhar pela janela. Um pedaço de céu azul radiante surgia entre as nuvens cinzentas. — Nossa, foi rápido.

Bradley deixou o livro de lado.

— O tempo vira de repente por aqui. — Ele se endireitou, voltando à entonação de vendedor. — E será que vocês não se interessariam em alugar bicicletas pela bagatela de três euros cada? Como cortesia, podem levar também o melhor guia turístico gratuito que Dingle tem a oferecer. — Ele abriu os braços. — Eu.

Esticar as pernas em uma bicicleta soava maravilhoso.

— É uma ótima ideia! Rowan?

Ele hesitou, evitando me encarar.

— Bicicletas seriam uma boa. Não estou com a menor vontade de voltar para aquele carro molhado. Mas... Passei algum tempo aqui na península, então acho que não precisamos de um guia de turismo.

Ele não queria uma plateia para o dever de casa. Estava mesmo levando o guia a sério.

— Ahhh — fez Bradley, olhando de mim para Rowan.

— Estamos fazendo as atividades de um guia — expliquei, minhas bochechas corando embora eu não tivesse nada a esconder.

— Ah, é assim que os jovens chamam agora, é? — Bradley deu uma piscadela. — Não se preocupem. Sei quando não querem minha

presença. As bicicletas estão lá atrás no galpão. É por conta da casa. Só não contem ao meu tio Ray. E vocês vêm para a festa hoje à noite, certo? O pessoal começa a se reunir na varanda por volta das nove.

Festa? Eu tinha esquecido da festa.

— Talvez — respondeu Rowan por nós dois.

— Nós vamos, sim — respondi.

Bradley deu uma piscadela e saiu pelo corredor.

Rowan suspirou.

— Esse cara é intenso demais.

— Eu gostei dele.

Analisei a nova camiseta de Rowan. Essa tinha um gato segurando uma fatia de pizza em uma das patas e um taco na outra. O fundo era uma galáxia roxa e escura.

— Acho que gosto mais dessa do que a do gato hipnotizado — comentei.

— Obrigado. — Ele ergueu o livro familiar manchado de café. — Pronta para uma aventura?

— Está perguntando se estou pronta para voltar para o frio? — Gesticulei em direção à porta. — Por que não?

* * *

Dingle pós-tempestade tinha uma aparência completamente diferente. As nuvens pesadas haviam dado lugar a uma névoa suave, e a água ao redor das colinas estava plácida. Passamos por uma marina cheia de barcos coloridos e placas sobre um herói local,

um golfinho chamado Fungie, que, segundo Rowan, visitava turistas havia décadas.

— Chegamos! — exclamou Rowan.

Descemos a estrada principal, as bicicletas ganhando velocidade enquanto seguíamos para uma pequena enseada.

— Uau.

— Concordo — disse Rowan.

A areia de Inch Beach era de um cinza profundo, e o sol a iluminava com um toque de purpurina. A maré estava baixa e o mar prateado ondulava preguiçosamente. Na água, a luz solar se fragmentava como um caleidoscópio. Meus ombros relaxaram e meus pulmões se encheram de ar fresco. Respirei fundo pela primeira vez em dias.

Próximo à areia havia uma pequena construção verde-jujuba com LOJA DO SAMMY escrito na lateral. Ao lado, havia um poema:

Cara Inch, devo deixá-la
Ainda tenho promessas a cumprir
E muito chão a percorrer
Antes de dormir

Os versos me fizeram lembrar de um trabalho que eu tinha escrito para a aula de literatura no ano anterior sobre as semelhanças entre “À beira da mata numa noite de neve”, de Robert Frost, e “Vem o pássaro no passeio”, de Emily Dickinson. Eu amava Emily Dickinson. Ela se atrapalhava com letras maiúsculas e pontuação, mas isso não

importava porque ainda assim dava para entender exatamente o que ela queria dizer.

Estávamos indo em direção à praia quando duas crianças descabeladas saíram da loja segurando sorvetes e correndo uma atrás da outra, brincando de pique-pega. A mãe delas brincava junto, e levantou a menina no ar quando a alcançou.

— Ela lembra a minha mãe.

Indiquei a mulher com a cabeça. A menina agora estava acomodada nos ombros da mãe, e o menino corria em círculos em volta das duas.

Rowan cobriu as orelhas com o gorro.

— Como assim?

— O jeito que ela está correndo com os filhos. Minha mãe brincava bastante com a gente. Mesmo que com isso as outras coisas ficassem por fazer.

Ela nunca tinha sido aquela mãe perfeitinha, com chão da cozinha imaculado ou superenvolvida nas atividades escolares. Mas era ótima em construir cabanas de lençóis e, quando lia para a gente, fazia vozes diferentes para todos os personagens. Além disso, estava sempre presente. Quando ela voltou a trabalhar, eu tinha ficado mais abalada do que imaginava.

— Ela parece ótima — disse Rowan, enfiando as mãos nos bolsos.

— Uma vez, eu estava conversando com Ian e sua mãe entrou no quarto para falar com ele sobre a escola. Deu para ver que ela se importa.

— É verdade.

Então por que você não contou a ela sobre Cubby?, perguntou uma vozinha dentro da minha cabeça. Eu ignorei.

— Então, como é a sua família? — perguntei, cautelosa. Eu teria que ser surda para não ter ouvido a ponta de inveja na voz dele.

— Ah... — disse ele, infeliz. — Somos só nós três, minha mãe, meu pai e eu, e é um desastre, para ser sincero. Às vezes eu queria que a família fosse maior só para dividir a infelicidade.

Na minha experiência, não era assim que a infelicidade funcionava. Nem a felicidade, aliás. Ambas tendiam a se expandir até que todos tivessem uma boa porção.

Enfiei o dedão do pé na areia.

— Aposto que há muitas vantagens em ser filho único.

As palavras soaram falsas assim que saíram da minha boca. Não que ser filho único não pudesse ser ótimo. Eu tinha certeza de que tinha vantagens e desvantagens, assim como qualquer estrutura familiar, mas nem conseguia imaginar como seria a minha vida sem meus irmãos. Principalmente o Ian.

— É, acho que sim — disse Rowan, sem parecer nem um pouco convencido. Ele se endireitou, olhando para o horizonte. — Está pronta?

O vento ouviu a pergunta, voou por cima da água e soprou um ar frio na gente. Eu já havia perdido as esperanças de não virar um picolé durante a viagem.

— Estou às ordens da Autora do Guia.

Caminhamos em direção à água, os dedos do pé afundando na areia fria. Quando uma onda gelada atingiu nossos tornozelos, nos entreolhamos com uma expressão chocada. "Gelada" não chegava nem perto de descrever a temperatura. Eu precisava de uma palavra mais dramática, talvez "ártica" ou "glacial". Quem sabe "ártico-glacial"?

— A gente consegue — encorajou Rowan, estendendo a mão para mim.

Antes que pudesse pensar demais, agarrei sua mão quente e reconfortante com força e avançamos para dentro da água.

— Então, de volta às instruções do guia. Qual é a sua coisa? Sabe, a que você achou que não superaria, mas superou? — perguntou Rowan.

— Perder a mãe de Lina para o câncer.

Fiquei surpresa com a facilidade com que disse as palavras, sem filtro. Geralmente, eu só falava sobre essa experiência com Lina. Até havia tentado me abrir com outras pessoas algumas vezes, mas logo descobri que a maioria delas não quer saber de verdade sobre as coisas difíceis pelas quais você passou. Só querem dar a impressão de que se importam e depois mudar de assunto o mais rápido possível. Rowan era diferente.

Ele me observou, os olhos tristes.

— Eu não sabia que a mãe dela tinha morrido. Por quanto tempo ela ficou doente?

— Só alguns meses. Foi tão desorientador. Parece que um dia ela estava explorando a cidade com a gente atrás do melhor taco de peixe, e no dia seguinte...

Não terminei a frase. A água estava fazendo meus pés formigarem. Sempre que pensava naqueles meses após o diagnóstico de Hadley, eu me lembrava dos sons. As máquinas do hospital apitando. O barulho do respirador. O silêncio do apartamento onde Lina morava nas tardes em que eu levava seu dever de casa. Eu deveria agir como intermediária, levando o dever de casa do dia e trazendo de volta os antigos, mas todos os

professores já sabiam da situação, então não se importavam que eu quase não levasse nada de volta.

A água já estava acima dos joelhos.

— Eu não sei se Ian contou, mas Lina ficou um tempo lá em casa depois do funeral. Ela estava muito abalada. Até parou de comer, o que foi muito grave, porque ela ama comida mais do que qualquer pessoa que eu conheço. Acabei ficando obcecada por programas de culinária, porque a única maneira de fazê-la se alimentar era cozinhar os pratos que eu sabia que ela não conseguiria resistir.

— Você sabe cozinhar? — perguntou Rowan, interessado. — O que você preparou para ela?

Uma onda alta bateu em nossos joelhos, espirrando água salgada no meu rosto. Eu sequei os olhos na camisa. Precisei reunir todo o meu autocontrole para não dar meia-volta e sair da água.

— Cupcakes de três chocolates. Aspargos enrolados no bacon. Panquecas de mirtilo com chantilly. Macarrão com queijo gourmet. Esse deve ter sido o meu melhor prato. Tinha quatro tipos de queijo, além de bacon e azeite trufado.

Rowan gemeu.

— Não como nada além de cereal desde que saí de Dublin ontem.

— Eu achei que você amava cereal.

— E amo — disse, em tom decidido. — Só que amo bacon e azeite trufado ainda mais. — Ele olhou para a água, então apertou minha mão. — E aí? Será que já fomos longe o suficiente?

Por um segundo eu não soube do que ele estava falando, mas então percebi que a água estava na metade da minha coxa, as ondas roçando a barra do short.

— Você consegue sentir suas pernas? — perguntei.

Ele fez uma careta.

— Que pernas?

— Isso é pior que o banco de trás de Trevo.

Nós soltamos as mãos, e passei os dedos pela superfície da água gelada. Era a vez de Rowan.

— E você? Qual foi a coisa mais difícil que você superou?

— Este ano.

Ele respondeu sem hesitação. E sem fazer contato visual. O que para a maioria das pessoas significaria uma porta fechada. No entanto, eu, sendo eu, tive que pelo menos tentar girar a maçaneta.

— Este ano, por causa do término?

Ele suspirou, então mexeu o ombro como se estivesse tentando expulsar a tensão do corpo.

— Não é muito deprimente? Eu sei que você tem seus próprios problemas, não quero encher seu saco com os meus também.

— Não está enchendo meu saco — respondi, e era verdade. Eu gostava que ele sentisse que podia falar comigo. Éramos a rede de apoio um do outro. — E qual era o nome da sua namorada, aliás? Ou namorado? Desculpe...

Eu não deveria supor.

— Na verdade, era um peixinho dourado — respondeu em tom sério. — Passamos um ano juntos, mas ela esquecia quem eu era a cada poucas horas, e tínhamos que recomeçar do zero.

— Ah... — respondi, adotando o mesmo tom sério. — Parece um grande desafio.

E como era o nome do peixinho dourado?

Ele hesitou por um segundo e o sorriso desapareceu.

— São os meus pais. Eles estão se divorciando.

— Ah.

Eu não sabia o que dizer. Sua resposta não era o que eu esperava, mas não deveria ter me surpreendido tanto. Corações se partiam pelos mais variados motivos.

— Eu lamento muito.

— Eu também. — Rowan abriu um sorriso triste. — Se conseguissem superar seus problemas, acho que seriam um ótimo casal, mas...

Ele parou, tremendo de súbito. Foi quando reparei no frio. Ele abriu um sorriso torto, evitando me olhar nos olhos.

— Acho que estou prestes a sucumbir à hipotermia.

— Isso significa que temos que aguentar mais um segundo.

Você está sobrevivendo a este momento de desconforto? Houve outros momentos sofridos ou desconfortáveis que você achou que não superaria e mesmo assim superou?

— Agora! — gritei, virando em direção à praia.

Nós começamos a correr. Minhas pernas estavam tão congeladas que eu mal conseguia senti-las agitando a água, mas a mão quente de Rowan encontrou a minha de novo e, de repente, senti a mesma sensação de leveza que experimentei em Burren.

Talvez a Autora do Guia soubesse mesmo do que estava falando.

* * *

Bradley não tinha exagerado sobre a vida noturna do hostel. A música ecoava de uma pequena caixa de som, e todas as luzes estavam acesas. Havia mais gente abarrotando a varanda e os degraus do que eu tinha visto na península inteira. Alguém tinha

acendido uma fogueira improvisada em uma lata de lixo e as chamas lambiam as bordas do metal.

— A infame vida noturna de No Fim Do Arco-Íris — disse Rowan.

O caminho de volta ao hostel tinha levado o dobro do tempo, pois tivemos que pedalar ladeira acima, e minhas pernas trêmulas eram um indício claro dos músculos doloridos que viriam no dia seguinte.

— Está vendo o Ian? — perguntou ele.

— Não, mas lá está nosso anfitrião.

Bradley presidia a festa sentado em uma cadeira de jardim anêmica, e usava uma camisa de botão aberta por cima de uma camiseta engraçada com Jesus em cima de uma prancha de surfe. Ele me viu e acenou, gesticulando animadamente para o lugar ao seu lado.

O lugar de honra. Parte de mim queria aproveitar a calma que eu havia trazido de Inch Beach e ir direto para a cama, mas Bradley continuou acenando para mim, muito animado.

— Vou guardar as bicicletas — sugeriu Rowan, agarrando o meu guidão. — Melhor você ir. Não queremos que o rei fique esperando.

Comecei a caminhar até Bradley, mas Ian apareceu ao meu lado de repente, agarrando meu braço. Ele estava com dois casacos de capuz e seu cabelo parecia mais despenteado do que o habitual.

— Onde você estava? — perguntou ele com urgência.

Eu me desvencilhei.

— Inch Beach. Rowan não avisou?

— Não achei que seria o dia inteiro.

— O dia inteiro? Só passamos algumas horas lá.

De repente, percebi que Ian estava se balançando para a frente e para trás, dos calcanhares até a ponta dos pés, o que significava que

tinha algo para contar.

Gelei. Torci para que não fosse outra mensagem. Por favor, que não fosse outra mensagem de alguém da escola.

— Ian, o que foi? O que houve?

Ele comprimiu os lábios.

— A mamãe ligou.

— E? — Senti uma onda de alívio. Não era o fim do mundo. Podíamos lidar com isso. — O que ela disse?

— Ela queria falar com Howard.

Ops. Eu nem tinha cogitado isso.

— Certo, entendi. A gente deveria bolar um plano para a próxima vez que ela ligar.

Ele balançou nos calcanhares de novo, finalmente contando o resto.

— Fiquei nervoso e fiz Bradley se passar pelo Howard.

— O quê?! — gritei tão alto que um grupo de garotas de cabelos compridos perto da fogueira olhou para a gente. — Você pediu que Bradley fingisse ser Howard? Por favor, me diga que está brincando.

Ele agarrou o cabelo, torcendo as mechas já embaraçadas.

— Na verdade, até que não foi tão ruim. O sotaque americano foi bem mais ou menos, mas acho que ela caiu.

— Não — sussurrei. Aquilo era um desastre. Menos de um dia de viagem e Ian já estava pondo tudo a perder. Nunca íamos nos safar.

— Ian, que ideia foi essa? Você deveria ter esperado para falar comigo.

Ele ergueu os braços em um gesto defensivo.

— Ela não parava de ligar. Você sabe como ela é persistente... Acho que a tal Catarina fez uma lavagem cerebral nela. Tive que

improvisar. E, além disso, você disse que ia dar uma volta, não que ia ficar fora a noite toda.

O tom de acusação em sua voz era muito familiar. *Você sabe o que Cubby anda fazendo?*

— Não é culpa minha, Ian — retruquei. — Foi você quem decidiu ficar na Irlanda, não eu.

Saí de perto dele, seguindo para os degraus da varanda.

— Addie! — chamou Bradley. — Você ficou sabendo que falei com sua mãe?

— Desculpe, Bradley, agora não é um bom momento.

Entreí no prédio, irritada, fui direto para o quarto dos beliches e desabei na minha cama. Estava completamente exausta. E morrendo de fome.

Mas, em vez de sair da cama e ir atrás de comida, tirei meu celular do bolso e fiz uma busca por Indie Ian. Queria ver com meus próprios olhos do que se tratava essa viagem, que talvez custasse o fim de nossa carreira esportiva. Dois artigos apareceram: “É o fim das bandas de garagem?” e “Fui ao shopping. Veja o que aconteceu”.

— Lá vamos nós — falei em voz alta.

Cliquei no primeiro artigo. Depois de duas frases, mergulhei de cabeça no mundo das bandas de garagem. O texto me surpreendeu. Era a voz de Ian, alta e clara, mas com um brilho extra, como se tivesse sido revestida de lustra-móveis e posta ao sol. Era bem escrito e inteligente, mas ao mesmo tempo acessível, cheio de personalidade e entusiasmo suficiente para fazer com que eu me importasse com o assunto.

Li o segundo logo em seguida: "Fui ao shopping. Veja o que aconteceu." Esse era sobre uma visita ao shopping perto de nossa casa, durante a qual ele ficou vagando e ouvindo a música tocada nas lojas. Quando ele fez isso? A única vez que o vi no shopping foi quando nossa mãe nos arrastou até lá no início do ano letivo.

Deixei o telefone cair na cama, meu peito pesado. Havia uma parte enorme de Ian que eu nunca soube que existia. Sobre a qual ele não me contou. Escolheu não me contar.

Você fez a mesma coisa, alfinetou meu cérebro silenciosa e dolorosamente.



Eu não havia contado a Ian sobre Cubby. Ele tinha descoberto tudo sozinho. E então me confrontou.

— Addie, ele não. Qualquer um menos ele.

A voz de Ian me deu um susto tão grande que quase caí da janela. Eram duas da manhã, poucos dias depois da nossa excursão até o troll, e ele estava sentado à minha mesa no escuro, os fones de ouvido ao redor do pescoço.

Eu me recuperei bem a tempo, entrando aos tropeços no quarto e me virando para fechar a janela. O carro de Cubby já tinha ido embora.

— De quem você está falando? — perguntei, tirando os sapatos e jogando-os no chão. Tinha passado a usar tênis de corrida à noite, pois tornava a escalada da volta mais fácil.

— Eu acabei de ver você sair do carro dele. — Ian se levantou, empurrando a cadeira de rodinhas para trás. — Addie, ele não —

repetiu, o rosto suplicante.

Uma raiva começou a se espalhar bem devagar em meu íntimo, e fiquei surpresa com sua intensidade. Por que ele achava que podia me dizer quem eu deveria namorar?

— Ian, eu sei que Cubby está no seu time, mas você não pode me proibir de sair com ele.

Ele tirou os fones de ouvido do pescoço, apertando-os na mão.

— Addie, eu passo muito tempo com ele. Já ouvi o que ele fala sobre as garotas. Você não quer sair com alguém como ele. Acredite em mim.

Mas eu não queria acreditar nele. Então não acreditei.



Quase sempre posso contar com o sono para suavizar as minhas preocupações — como se fossem cacos de vidro rolando pelas ondas até se tornarem pedaços lisos e redondos de vidro do mar. Mas aquela noite parecia que era eu que estava rolando por cima deles.

O colchão era, como prometido, uma porcaria, e pouco depois de uma da manhã a festa inteira, incluindo Ian e Rowan, debandou para os beliches. Quando a manhã finalmente chegou, acordei com uma luz suave entrando pelas janelas gradeadas. Rolei para o lado. Uma orquestra de diferentes roncões e ritmos de respiração tocava no quarto. A maioria das camas ainda continha pessoas adormecidas. Mas não a de Ian.

Eu me sentei na mesma hora. As camas de Ian e Rowan estavam vazias, sem lençóis e travesseiros. Até as malas tinham sumido.

— Não pode ser — falei para o silêncio.

Eles tinham me deixado para trás. De novo. Até mesmo Rowan. Pulei para fora da cama, tropeçando em uma mochila do tamanho de uma criança que alguém tinha deixado encostada no meu beliche e batendo ruidosamente na lateral da cama de outra pessoa.

— Hã? — Ouvi uma voz assustada deitada mais acima.

— Desculpe.

Corri descalça pelo corredor em direção ao refeitório e dei um encontrão em Ian, que, claro, estava segurando uma caneca com alguma bebida quente.

— Addie! — gritou meu irmão, derramando um pouco do líquido.
— Por que você está correndo?

O alívio foi tão intenso que quase desabei. Descansei as mãos nos joelhos, esperando meu coração desacelerar.

— Achei que você tinha me deixado para trás.

— Eu jamais faria isso. De onde tirou essa ideia?

Ele arregalou os olhos e bufou, achando bastante graça da própria piada.

Rindo. Ele estava rindo. Será que tinha se esquecido da briga da véspera? Ele pegou um punhado de guardanapos da mesa da cozinha e limpou os sapatos.

— Sim, muito engraçado. Engraçadíssimo.

Eu cutuquei seu ombro. O olho roxo parecia um pouco melhor. As extremidades já começavam a desbotar para um verde fosco.

— Estão rindo de quê? — perguntou Rowan, juntando-se a nós no corredor.

— De que agora tenho trauma de ser abandonada.

O cabelo de Rowan estava bem bagunçado. A camisa de gato do dia mostrava um felino de óculos redondos e uma cicatriz na testa

com os dizeres HARRY PATAS.

— Isso não é novidade — interveio Ian. — Você ficava assim toda vez que um de nós mudava de escola. Achei que você fosse ter um colapso quando passei para o ensino médio.

— Ian, cala a boca! — mandei, mas relaxei um pouco. Seu tom ainda era apenas de provocação. — Por que você está de tão bom humor, afinal?

Ele ergueu o celular.

— Faltam só dois seguidores para chegar aos dez mil. Todos adoraram as fotos de Sleat Head e Burren.

— Que legal! — falei, sincera.

Queria dizer como tinha gostado dos artigos, mas talvez aquela não fosse a hora nem o lugar certo, os dois sujos de café No Fim Do Arco-Íris. Eu queria que fosse um momento especial.

Ele assentiu, feliz.

— Espero que com a próxima parada eu consiga chegar lá. Vá se vestir, vamos sair em cinco minutos.

— Que tal seis? — sugeri.

Rowan sorriu para mim.

— Cinco — repetiu Ian. — Não começa.

Parque Nacional de Killarney

Está aproveitando as florestas maravilhosas da Irlanda, meu amor? Já reparou nas árvores que ficam bem juntinhas, os galhos entrelaçados em um abraço de afeição e apreciação mútuas? Não faz você se lembrar da nossa relação? De como nos compreendemos tão bem?

A mim também, chuchu. A mim também.

Pare um pouquinho e reflita. Você já pensou em quanto trabalho as árvores tiveram? Quantas etapas foram necessárias para cada uma chegar aonde está hoje? Pense em uma daquelas árvores gigantescas do lado de fora de sua janela, por exemplo. Suas ancestrais tiveram que migrar para a nossa bela ilha. Aves e outros animais carregaram avelãs e sementes de carvalho pelas pontes terrestres que antes ligavam a Irlanda à Grã-Bretanha e à Europa. Outras sementes — as leves, como as de bétula e salgueiro — chegaram pelo vento. E isso foi apenas o começo. Uma vez aqui, essas pequenas sementes ainda tiveram muito a fazer. Elas cresceram, estendendo-se em direção ao céu.

Isso me faz pensar no trabalho que você está tendo.

Que trabalho? O seu coração partido, meu amor. A dor que o coração sente. E, ao contrário de tantas outras tarefas, é uma da qual só você pode dar conta. Não há como delegar a outra pessoa ou pegar um atalho. Nós, humanos, adoramos tentar evitar o sofrimento. Queremos um atalho, uma passagem secreta, algo que nos permita avançar sem sentir dor.

Mas a dor é necessária. Faz parte da vida. Para superar um coração partido, é preciso senti-la. E não importa quantas distrações encontre — potes de sorvete, compras, cochilos —, não dá para despistar a dor. Ela não tem outros compromissos nem hora para ir embora. Vai continuar ali, lixando as unhas, esperando até você estar pronta.

É um diabinho persistente.

Então, mãos à obra, paixão. Vamos parar de afogar as mágoas na música, nos cartões de crédito ou de fuçar o perfil de certas pessoas. Vamos confrontar essa dor. Vamos admiti-la. Você tem um trabalho a fazer, e quanto mais cedo começar, mais cedo poderá voltar a saltitar pelas florestas como uma pequena ninfa do bosque.

DEVER DE CASA: Vamos lá, amorzinho? Está pronta? Eu sabia que sim. Encontre uma árvore que chame sua atenção e se acomode junto ao tronco. Então, quando estiver bem confortável, coloque em palavras aquilo que mais machuca seu coração. Não recue. Não desvie o olhar. Apenas encare a dor. “Por que fazer isso com uma árvore?”, você me pergunta. Porque as árvores são ótimas ouvintes, é claro.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

— ESTOU ODIANDO — DISSE ROWAN PERTO DA ÁRVORE.

— Eu também — concordei.

Tínhamos decidido usar a mesma árvore coberta de musgo, ele de um lado e eu do outro. E até então, o dever de casa estava fazendo meu coração doer ainda mais. O que era o objetivo, acho. Encarar o sofrimento era como olhar para o sol. Ardia.

Eu tremi um pouco, esfregando a pele arrepiada. Minhas roupas estavam encharcadas de novo. Infelizmente, uma noite na garagem do hostel não tinha sido a solução mágica que esperávamos. O banco de trás de Trevo tinha passado de molhado a úmido e, apesar de Bradley ter doado algumas toalhas para o que chamou de Operação Não Vamos Deixar Addie Parecendo um Rato Molhado, meu short tinha absorvido a água antes mesmo de chegarmos à estrada.

Eu também estava lidando com uma nova fonte de estresse. Lina havia conseguido um voo para ela e Ren, e os dois chegariam a Dublin dali a duas noites. Ren até conseguira três ingressos para o Electric Picnic, assim todos poderíamos ir juntos. Ver o e-mail me enchera de insegurança. E se eu não gostasse do Ren? Ou, pior ainda, e se ele não gostasse de mim? Será que um namorado e uma melhor amiga poderiam coexistir se não gostassem um do outro? Caso não fosse possível, quem seria dispensado?

Eu abracei minhas pernas e olhei as árvores, tentando me concentrar. A floresta estava tomada pelo musgo, cada superfície e cada galho, o que deixava a paisagem com um brilho verde suave.

— É melhor a gente terminar antes que Ian volte — falei.

Nós o havíamos convencido a dar uma volta, mas eu duvidava de que ele ficasse muito tempo longe. Meu irmão estava ansioso para chegar à próxima parada do Tittletrack.

— Ok, você primeiro. Qual é a pior parte para você? — perguntou Rowan.

Era uma escolha difícil. A humilhação pública? Ter decepcionado meu irmão? Uma resposta inesperada me veio à mente.

— Eu não confiei na minha intuição. Havia vários sinais de que alguma coisa estava errada, mas ignorei todos. Estou decepcionada comigo mesma. — Eu suspirei devagar, coberta de tristeza da cabeça aos pés. — E para você? Qual a pior parte?

Rowan se remexeu, esmagando alguns galhos.

— Saber que não tenho controle nenhum sobre a situação.

— Acho que vou roubar essa resposta.

Rowan hesitou.

— Você pode me mandar calar a boca, mas o que aconteceu, exatamente? Você terminou com ele ou foi...

— Foi ele. — Eu apoiei a cabeça no tronco da árvore, meu coração apertado de dor.

Rowan apenas absorveu o meu silêncio por um tempo, então se levantou e veio se sentar do meu lado.

— Ei, Addie, sabe que pode contar comigo, certo? Caso precise conversar...

Meus olhos encontraram os dele. Eram grandes e intensos, prontos para absorver qualquer feiura que eu tivesse para mostrar. De repente, a história horrível subiu pela garganta e foi parar na ponta da minha língua. Eu precisava conversar com alguém sobre tudo o que acontecera, mas estava repassando a história na minha

cabeça fazia dez dias e tinha ficado bem claro o papel que eu havia desempenhado: o da garota ridícula que se joga aos pés de um cara só porque está desesperada para manter seu interesse. Não era muito agradável. Nem algo que fosse cativar novos amigos.

— Obrigada, Rowan, mas acho que já deu por hoje — comentei, levantando às pressas.

Quando chegamos ao carro, Ian nos olhou com desconfiança.

— Por que a cara de enterro?

Ele tinha razão. Aquela visita ao Parque Nacional de Killarney tinha piorado meu humor. Eu sempre ouvira dizer que, quando se estava de coração partido, o melhor a fazer era se distrair, e não se concentrar na tristeza. Por que a Autora do Guia insistia tanto em cutucar a ferida?

— Não estamos com cara de enterro — respondeu Rowan. — Só estamos tristes. São coisas diferentes.

— Bem, isso aqui não vai ajudar — falou Ian, jogando seu celular para mim. — Mensagem da nossa mãe. Essa mulher é incansável.

— Que ótimo — resmunguei, olhando a mensagem.

Como está a Itália? Como vão as coisas com Addie?

— Bem, pelo menos ela parece acreditar que estamos na Itália — falei.

Ian não parecia muito convencido.

— Ou está nos testando.

Escrevi para ela. Oi, mãe, aqui é a Addie. As coisas estão ótimas!! A Itália é tão linda e QUENTE. Você tinha razão, só precisávamos de um tempinho juntos!!!! Está um clima superfraternal por aqui!!

Eu me arrependi da mensagem no segundo em que a enviei. Parecia que tinha sido escrita por uma líder de torcida meio maníaca. Uma líder de torcida meio maníaca e obcecada com o fato de que já fazia dias que sua temperatura corporal estava abaixo do normal. Se a pequena imitação de Bradley não tivesse feito minha mãe desconfiar de que havia algo errado, a mensagem faria. Ela respondeu na hora: Não sabia que Howard era australiano. Muito interessante!

Ridículo. Ou aquilo era uma armadilha ou ela havia passado tanto tempo com tia Mel que seu cérebro estava derretendo. Ela sabia muito bem que Howard era americano — era um dos pré-requisitos para administrar o cemitério dos soldados americanos.

Eu estava tão distraída tentando decifrar a mensagem de minha mãe que levei vários minutos para perceber que Ian e Rowan estavam discutindo.

— Ian, estou falando sério. Não posso ser pego fazendo uma coisa dessas.

As mãos de Rowan ao volante estavam tão tensas quanto sua voz, e ele não parava de olhar de relance para o retrovisor. Eu me virei para trás, mas a estrada estava vazia, exceto por uma faixa longa de grama fofa crescendo bem no meio dela. As estradas não tinham a menor chance por aqui — a vegetação da Irlanda as engolia por completo.

— Eu não acho que devemos arriscar.

A boca de Ian se contraiu.

— Rowan, a gente levou três semanas para descobrir onde fica a Sala Vermelha. E você quer jogar todo esse trabalho fora? — Ele

apontou o dedo acusadoramente. — Achei que você fosse um fã de verdade.

— Opa — falei, me empertigando.

Aquela era uma acusação grave. Mas não pareceu irritar Rowan.

Ele balançou a cabeça.

— Pare de ser infantil. Não querer visitar a Sala Vermelha e não querer me meter em problemas são duas coisas bem diferentes.

Aquilo parecia interessante. Larguei o celular de Ian e me inclinei para a frente, tentando ler a próxima parada no mapa.

— O que é Torc Manor?

Rowan inclinou a cabeça de leve para Ian.

— Devo contar a ela, ou você quer contar?

— Pode falar — disse Ian, baixando a cabeça para o mapa.

Quando ainda estávamos no hostel, ele tinha arrancado a fita isolante da janela e agora estava com a mão direita para fora, os dedos ao vento.

— Estou esperando — falei.

Rowan suspirou, então encontrou meus olhos curiosos.

— Torc Manor é uma casa de verão que pertencia ao tio do baterista. Eles gravaram um álbum inteiro na sala de estar.

— Ela é chamada de Sala Vermelha — interrompeu Ian. Sempre que ficava empolgado com uma história, precisava contá-la. — Eles tinham planejado um álbum mais animado e leve, mas a sala estava cheia de cortinas pesadas e carpete, e o tecido acabou absorvendo parte do som, deixando as músicas diferentes. Depois disso, começaram a compor músicas com um ar mais melancólico. Até recriaram aquela atmosfera em estúdios de gravação usando travesseiros e outros objetos. A sala mudou a direção musical deles.

Era o tipo de curiosidade sobre bandas que Ian adorava descobrir. Graças a ele, eu sabia muitas dessas — exemplos: Paul McCartney ouviu a melodia de “Yesterday” em um sonho, e Bill Wyman foi convidado para fazer parte dos Rolling Stones só porque tinha acesso a um amplificador. Não era de admirar que o joelho de Ian tivesse passado de um leve balançar para uma verdadeira agitação. Visitar algo tão icônico para ele quanto a Sala Vermelha seria a realização de um sonho.

— Ok... — Estudei o rosto sombrio de Rowan, dando tempo para que as reticências de minha resposta ficassem claras. Então o cutuquei no ombro. — E qual é o problema? Por que você está tão nervoso?

Rowan exalou com força, ajeitando os óculos.

— Não quero ser pego invadindo uma casa. As aulas vão começar em breve, e se eu arrumar problemas com a lei, serei expulso.

— “Invadir” é uma palavra muito forte — comentou Ian, um sorriso de orelha a orelha. — Eu prefiro “entrada ilegal”.

Invadir uma casa? Eu parei de cutucar Rowan, transferindo meu dedo para o ombro de Ian.

— Sem chance. A prioridade número um é impedir que nossos pais descubram nossa viagem alternativa. O que significa não fazer nada que possa atrair a atenção da polícia.

— Ninguém vai chamar a polícia. — Ian puxou um tufo de cabelo. — Por que vocês dois estão sendo tão dramáticos? Só vamos dirigir até lá, tirar algumas fotos e sair. Os donos nunca vão nem saber que estivemos ali.

— Até as fotos da casa deles aparecerem na internet e eles se lembrarem de como você os incomodou com seus e-mails durante

um mês inteiro. — Rowan tirou os olhos da estrada e deu algumas batidinhas no queixo, fingindo estar pensativo. — O que dizia mesmo no último e-mail deles? Ah, sim. Acho que palavras exatas foram: “Se você se aproximar de nossa propriedade, não hesitaremos em notificar as autoridades.”

— Mas eles não disseram quais autoridades — contrapôs Ian, ainda sorrindo. — Talvez estivessem falando dos responsáveis pela distribuição de água na cidade. Ou da maior autoridade em mudanças climáticas do país.

Ai, Ian.

Aquele plano — independentemente dos detalhes — era a cara do meu irmão. Uma pitada de perigo, duas de fatos desconhecidos sobre música, três de rebeldia. Com mais um punhado de jalapeños e alguns marshmallows, era a receita típica de Ian. Nada do que eu dissesse ia fazer diferença. Era melhor poupar minhas energias — eu poderia precisar delas para sair correndo. Dei de ombros, tentando mandar para Rowan uma mensagem telepática de que não havia esperança, mas seus olhos estavam fixos na estrada.

— Procure pela cerca quebrada e coberta de musgo alguns quilômetros depois da placa torta com o limite de velocidade — disse Ian, lendo as instruções em seu celular. Ele pôs a cabeça para fora da janela e seu cabelo estufou como um dente-de-leão gigante ao vento. — Addie, você viu aquela placa lá atrás? Parecia meio torta?

— Era um anúncio de Guinness — falei.

— Mas, Ian, e aquela outra fã que foi presa? — Rowan não conhecia Ian havia tempo suficiente para entender o que estava enfrentando. — Não foi há tanto tempo assim. Você sabe que os

donos estarão de sobreaviso. Devem estar dormindo com espingardas debaixo dos travesseiros.

— Uma fã foi presa?!

Eu dei um peteleco na parte de trás da cabeça de Ian. Será que a parte do seu cérebro que era fã daquela banda tinha eliminado completamente a parte responsável pelo bom senso?

O sorriso de Ian só cresceu.

— Isso já faz um ano, e aquela garota vivia perseguindo eles. Você não pode entrar na casa de um estranho quando tem alguém em casa.

— Mas pode entrar quando não tem ninguém? — perguntei, querendo esclarecer a questão.

— Ah, ela fez mais do que entrar. — Rowan tirou os óculos e esfregou os olhos como se fosse um homem de negócios velho e cansado. Como se tratava de Rowan, no entanto, era um homem de negócios velho, cansado e até bem bonitinho. — Ela preparou um sanduíche de presunto com banana na cozinha e comeu enquanto rolava pelo carpete. Os donos estavam dormindo no andar de cima e ela acabou acordando os dois.

— Eca! Presunto com banana? Isso tem relação com a banda ou é algum sanduíche típico irlandês?

— Com certeza não é irlandês — respondeu Rowan, abrindo um sorriso irônico. — Você não ficou sabendo? A gente se alimenta só de batatas e ensopado de carne.

Ian juntou as mãos em súplica e projetou o lábio inferior, fazendo um beicinho.

— Qual é, pessoal. Prometo não fazer um sanduíche nojento e rolar no carpete. Ninguém vai ver a gente. Ninguém vai ficar

sabendo.

Eu balancei a cabeça, enojada.

— Ian, esse truque do beicinho parou de funcionar faz uns dez anos.

O beicinho ficou ainda maior.

— Essa técnica é bem-sucedida em pelo menos setenta e três por cento das vezes. Como acha que passei em espanhol no ano passado? A *señora* Murdock não resistiu.

Eu estava impaciente.

— Não tente mudar de assunto. Rowan está dizendo que não quer ir para Torc Manor, então não vamos para Torc Manor.

— Aquela era a placa torta com o limite de velocidade! — gritou Ian, quase saindo da janela. — Estamos quase lá. Rowan, precisamos ir.

— Tudo bem. — O olhar de Rowan alternava entre meu irmão e a estrada. — Mas escute bem: eu não posso ser pego. Não posso *mesmo*. Meus pais já estão muito estressados. Não posso piorar as coisas.

— É isso aí! — gritou Ian.

Rowan pisou no freio, e Ian quase caiu pela janela. Meu irmão aproximou o rosto da cerca alta coberta de hera. Uma grande placa dizendo PROIBIDA A ENTRADA ficava ao lado de outra ainda maior com os dizeres CUIDADO COM O CÃO.

Eu apontei para a imagem na placa.

— Que gracinha de cachorro feroz rosnando.

Ian acenou com desdém.

— Essa placa é mentira. Em geral as pessoas que penduram isso só têm um peixinho dourado.

— Rowan tem um peixinho dourado — falei.

A boca dele se contorceu, contendo um sorriso.

— *Tinha*, Addie. Tinha.

— Olha, a gente só precisa seguir o plano e vai dar tudo certo. Nós já sabemos que a sala fica no térreo, de frente para o quintal. Devo levar uns dez segundos para encontrar. Rowan, você só precisa dirigir até lá e esperar. Eu faço o resto.

Quando Ian ficava assim, não havia o que fazer. Eu não seria capaz de impedi-lo. Rowan também não, e nem todas as placas do mundo. Nossa melhor opção era fazer exatamente o que ele queria: entrar lá, tirar uma foto e sair correndo.

— Tudo bem. — Rowan suspirou, revirando os olhos para o teto.

Ian saiu, saltitante, e pegou seu caderno.

— Valeu, cara. Eu te devo uma.

Rowan pôs o carro em marcha a ré.

— Deve mesmo.

— E eu? — perguntei, puxando as pernas para fora da pequena fenda atrás do banco do carona. Ao longo do dia, eu havia chegado a um estado mental preocupante, e agora aceitava minhas pernas dormentes como algo normal.

Ian deu tapinhas na minha cabeça.

— Valeu, Addie. Hã... também te devo uma?

Eu empurrei a mão dele.

— Não, estou perguntando o que você quer que eu faça enquanto tira fotos da sala dessas pessoas. É para eu ir junto?

— Não. É melhor você ficar onde está. Tome conta das coisas de Rowan.

Ele tentou dar mais tapinhas na minha cabeça, mas desviei.

Eu estava prestes a insistir que queria ir junto, mas, quando me endireitei, Ian já estava fazendo seu aquecimento, um ritual que eu havia testemunhado milhares de vezes. Primeiro amarrava e desamarrava os sapatos — uma, duas, três vezes —, então estalava o pescoço, terminando com uma sacudida de ombro firme.

Observá-lo me acalmou. Se alguém conseguiria fugir de um cão raivoso, seria ele. Se não fosse o quarterback do time, seria o running back. Era o jogador mais rápido da equipe.

Havia também o fato mais ou menos reconfortante de que Ian tinha muita sorte. Por exemplo, caso os proprietários nos vissem e decidissem atirar em nosso carro com um lança-chamas, Trevo escolheria aquele exato momento para acertar um buraco na pista e Ian seria projetado para fora do carro na hora certa, aterrissando na grama macia e sobrevivendo àquela provação completamente ileso. Já Rowan e eu acabaríamos carbonizados.

* * *

— Cadê ele? Já faz uma eternidade — murmurou Rowan.

Nossos olhos se voltaram para o relógio do painel. Não chegava a ser uma eternidade, mas já tinha passado muito dos dois minutos que Ian prometera antes de desaparecer pela janela. Agora nós dois o imitávamos, cheios de tiques nervosos.

Torc Manor estava se esforçando muito para ser uma casa charmosa, e os ingredientes estavam todos lá: um telhado bem inclinado, janelas brancas, canteiros de flores bem-cuidadas. Porém, quanto mais tempo passávamos ali na frente, mais eu percebia que havia algo estranho no lugar. Lençóis grossos e brancos cobriam as

cadeiras do pátio, e as árvores na propriedade cresciam em um emaranhado selvagem, tapando o céu com seus galhos e fazendo a tarde parecer muito mais escura do que de fato estava.

Pelo menos Ian tinha razão sobre não haver ninguém em casa. Não havia sinais de vida — nenhum carro na garagem, nenhum sapato na porta e nenhum barulho. Até mesmo pássaros e insetos estavam quietos.

De repente, Rowan se abaixou.

— Você viu aquilo?

Meu coração disparou quando segui seu olhar até a janela do andar de cima. Mas as cortinas estavam fechadas, e não vi sinal de movimento.

— O quê?

— Achei que tinha visto alguma coisa. Um clarão branco. — Ele pigarreou. — Desculpe, estou sendo um idiota. Não lido bem com estresse.

De repente Ian se materializou ao lado da janela do carro, me dando um susto tão grande que bati o braço no peito de Rowan, acertando-o com um baque surdo.

— Ai!

— Desculpe, Rowan.

Aquele não era um incidente isolado. A Addie Assustada era uma Addie Desastrada. Certa vez, durante uma cena particularmente tensa de um filme, eu tinha derramado pipoca em uma fila inteira de espectadores. Agora, quando ia ao cinema, eu precisava pegar punhado por punhado do colo de um acompanhante.

Ian cruzou os braços, um sorriso satisfeito no rosto.

— Por que está tão nervosa? Eu já falei, não tem ninguém.

Olhei para a casa outra vez. Eu ainda sentia que alguém estava nos observando.

— A gente pode ir embora? Este lugar é esquisito.

Ian balançou a cabeça.

— As janelas dos fundos são altas demais. Eu preciso que venha comigo para eu levantar você.

Meu instinto dizia para assumir o volante e tirar a gente dali, mas a razão me disse para aceitar o plano de Ian e acabar logo com aquilo. Além disso, gostei de ele estar me pedindo ajuda. Foi como nos velhos tempos, pré-Cubby.

— Precisamos ser rápidos.

Ian me arrastou até os fundos da casa. O gramado ali atrás era muito bem cuidado, com um pequeno muro de roseiras podadas. O vento soprava pelas árvores, produzindo um uivo baixo e estridente.

— Eu acho que é aquela ali — disse ele, apontando para uma grande janela.

— Vamos olhar.

Ele se ajoelhou para que eu pudesse subir em seus ombros, então, em um movimento um pouco instável, ficou de pé. Eu me inclinei para a frente, tomando cuidado para não tocar a janela imaculada.

— Incrível — falei, por fim. — Você encontrou a Sala Vermelha na primeira tentativa.

— É sério? Como ela é?

Ele se agitou, animado, e precisei agarrar seus cabelos para não cair.

— É... vermelha.

Cortinas vermelhas pesadas caíam até o tapete bordô, e os sofás e as cadeiras com estofado também em tons de vermelho completavam a decoração. Até o retrato sobre a lareira mostrava uma ruiva segurando um ramalhete de papoulas.

Ele me passou o celular, mas por causa da luz e por estar bem próxima ao vidro, eu só conseguia ver meu próprio reflexo.

— Você consegue chegar um pouco para a direita? O reflexo está atrapalhando.

Ian se moveu, tropeçando em uma mangueira de jardim, mas recuperou o equilíbrio rapidamente. Dessa vez a imagem ficou perfeita. Tirei várias fotos, capturando o máximo possível de ângulos.

— Vão ficar ótimas.

— Addie, muito obrigado. É uma grande ajuda!

A empolgação em sua voz diminuiu o abismo entre nós.

— Eu li seus artigos — falei, agarrando aquela pequena ponte que nos conectava.

Ele parou de se balançar na hora, e os ombros ficaram tensos. Minha opinião ainda importava para ele.

— E?

— Achei incríveis — respondi, sem rodeios. — De verdade. Você nasceu para escrever sobre música.

Ele apertou meu tornozelo.

— Obrigado, Addie. Isso significa muito para mim. Eu queria mostrar para você faz um bom tempo, mas no começo foi legal manter um segredo, porque assim a pressão era menor. E aí no verão... — Ele hesitou.

Um silêncio longo e desconfortável preencheu o ar, e de repente me senti desesperada para manter o clima de camaradagem. Estava com saudade da nossa amizade sem complicações.

— Ian, talvez você esteja certo. Talvez eu deva mesmo contar para a nossa mãe.

As palavras saíram da minha boca rápido demais e não pude impedi-las. *Ah, não.* Por que eu disse isso?

— Sêrio? — A voz de Ian ecoou pela casa, seu alívio pesado como uma âncora. — Você nem imagina como fico feliz em ouvir isso. Contar para ela é a coisa certa a fazer. Isso é ser adulta, sabe? Você precisa assumir seus erros.

Erros. A palavra provocou uma onda de contrariedade. Mas eu não podia me dar ao luxo de sentir raiva; precisava me concentrar em diminuir suas expectativas.

— Ian, escuta...

Eu apoiei meus dedos no vidro e respirei fundo. Mas antes que pudesse dizer a próxima frase, algo chamou minha atenção e olhei para cima. Uma mulher estava parada diante da janela, uma veia latejando na testa pálida, o rosto tão perto de mim quanto meu reflexo. Sua boca se abriu em um grito mudo.

— Aaaaaah! — gritei, jogando o corpo para trás.

— Addie!

Ian tentou me equilibrar, balançando para a frente e para trás, mas caí de costas, batendo com a cabeça em algo duro. Uma pedra? Minha visão foi tomada por pontinhos escuros.

— Addie, você está bem? Por que gritou?

Ian estava agachado ao meu lado, os olhos tomados pelo pânico.

— Porque... — Meu cérebro estava confuso demais para explicar.

De repente, a porta da varanda se abriu com um estrondo, e recuperei a capacidade de pensar rapidinho.

— Brutus, Marshall! Peguem eles!

O som de patas correndo irrompeu pelo pátio, seguido por latidos.

— Addie, a gente tem que dar o fora!

Ian me levantou pelo braço e me arrastou atrás dele enquanto disparava na direção do carro.

Rowan estava falando ao celular e seus olhos se arregalaram quando nos viu.

— O que houve? O quê...?

— Tira a gente daqui!

Ian me empurrou para dentro do carro, depois pulou atrás de mim, e Rowan derrubou o celular, acelerando enquanto dois dos maiores cachorros que eu já tinha visto na vida atacavam os pneus traseiros.

* * *

Embora os cachorros tivessem parado nos limites da propriedade, Rowan passou os dez minutos seguintes dirigindo feito louco, dando guinadas bruscas e ultrapassando todos os carros possíveis.

Minhas mãos não paravam de tremer. Ver a mulher na janela me fez lembrar da brincadeira da Loira do Banheiro. Na época do ensino fundamental, um grupo de meninas apagava todas as luzes do banheiro feminino e depois entoava o nome para o espelho na esperança de que seu fantasma aparecesse. Nada de assustador havia acontecido, exceto pela aparição ocasional do velho zelador, que entrava para nos expulsar. Eu sempre quis saber o que faria

caso um rosto aparecesse no espelho, e agora tinha a resposta: iria me encolher e esperar Ian me salvar.

— Siga o meu dedo com os olhos — ordenou Ian, movendo o dedo indicador da esquerda para a direita. — Está sentindo tontura? Náusea?

— Ian...

Eu afastei a mão dele com um tapa. Ele estava seguindo o protocolo de concussão. Todos os atletas da escola tinham sido obrigados a participar de um seminário em março.

— E sensibilidade à luz?

Meu irmão acendeu a lanterna do celular bem nos meus olhos, e eu bloqueei o brilho com minhas mãos às pressas.

— Ian! A concussão é o de menos. Assim você vai acabar me deixando cega. — Eu o empurrei de volta para o banco da frente e toquei a parte de trás da minha cabeça com todo o cuidado. — Dói, mas é só isso. — Eu estremeci, sentindo o galo se formando. — Não tenho uma concussão.

— Bom. — Ian assentiu, apontando para seu olho roxo. — Estamos quites?

Dei de ombros, e Trevo pulou ao passar em um quebra-molas.

— Ela não me viu, certo? — Rowan continuava perguntando. — A gente tem certeza de que essa mulher não me viu, né?

O celular dele continuava tocando desde que o deixara cair, e Rowan enfiou uma das mãos entre os assentos, tateando para encontrá-lo.

— Rowan, como isso seria possível? Você ficou no carro! — respondeu Ian em tom alegre. Pelo menos ele estava feliz, as fotos o deixaram animado. — Addie, ficaram incríveis.

Eu sabia que sua felicidade não se devia apenas ao meu incrível talento como fotógrafa — era também por causa do que eu tinha dito antes de mergulhar de cabeça no canteiro de flores. *Talvez eu deva mesmo contar para a nossa mãe.* Por que eu tinha dito aquilo? Só pioraria as coisas. Hesitante, toquei a parte de trás da cabeça, estremeando mais uma vez.

— Você derruba pessoas em estacionamentos e sobrevive a ferimentos na cabeça. — O tom de Rowan era divertido, sua preocupação com a possibilidade de ter sido visto enfim desaparecendo. — Addie, tenho um novo apelido para você, e acho que é perfeito. — Ele fez uma pausa dramática, e seu olhar encontrou o meu no retrovisor. — Rainha Maeve.

— Quem é essa? — perguntei.

— Uma rainha irlandesa bem famosa. Parte mito, parte verdade. Ela era uma guerreira. Vou procurar uma foto.

Ele silenciou uma nova chamada e, depois de uma rápida busca, passou o celular para mim. Ian chegou mais perto para olhar. Uma mulher loira de cabelos compridos estava sentada em um trono, como se alguém estivesse tentando — sem sucesso — entretê-la. Seu pé estava apoiado em um escudo de ouro.

— Ela parece... legal — falei, tentando disfarçar quanto me sentia lisonjeada. Sempre tinha me identificado com personagens assim. As princesas delicadas nunca despertaram meu interesse. Quem queria passar o dia sentada em uma torre?

Rowan pegou o telefone de volta.

— Eles a enterraram de pé, então ela está sempre pronta para encarar seus inimigos. A melhor parte é que o túmulo dela não para de crescer, porque quem sobe a colina onde ela está enterrada

sempre leva uma pedra e acrescenta à pilha. — Ele virou para me olhar rapidamente e disse: — Assim, ela fica cada vez mais forte.

Eu adorei a ideia.

Quando estava prestes a agradecer, o celular de Rowan começou a tocar de novo. Ele apertou com raiva o botão de silenciar.

— Quem é que não para de ligar? — perguntou Ian, o nariz a poucos centímetros das fotos.

— Minha mãe.

As palavras saíram da boca de Rowan em um tom veemente demais para podermos ignorar. Era o mesmo que ele usara ao telefone no posto de gasolina em Limerick.

Ian e eu nos entreolhamos.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Rowan balançou a cabeça de modo brusco.

— Eu não sou amigo dela. Sou filho. Ela precisa parar de tentar jogar seus problemas em mim.

Ele pisou fundo no acelerador, e de repente nós parecíamos prestes a decolar, a paisagem passando em um borrão.

Ian e eu trocamos outro olhar preocupado. A velocidade não parava de aumentar. Ainda estávamos dentro do limite do aceitável, mas a qualquer instante poderíamos chegar perto da velocidade da luz.

Bati de leve em seu ombro.

— Hã... Rowan. Você está indo bem rápido. Quer descansar um pouco? Eu posso dirigir.

— Também posso — ofereceu Ian, as mãos se torcendo nervosamente. — Não tenho como prometer que não vou bater de frente com um muro, mas posso tentar.

— Esquece, gente, eu sou o único com habilitação para dirigir aqui.

Rowan tirou um pouco o pé do acelerador, mas ainda estava bem acima do limite de velocidade. Sua mão agarrava o celular com força.

— Rowan, deixa eu guardar isso para você. — Estendi o braço, tirando o telefone de suas mãos com toda a delicadeza. — Acho que você e seu celular precisam dar um tempo. — Joguei o aparelho discretamente para Ian, então apoiei a mão no ombro de Rowan. — Ei, não sei bem o que está acontecendo, mas você não está sozinho. Pode contar com a gente. — As palavras eram quase idênticas às que ele tinha me dito em Killarney.

Após um longo silêncio, Rowan se curvou para a frente, a velocidade diminuindo aos poucos. Ian me lançou um olhar de aprovação.

— Foi mal, gente. Meus pais estão me pressionando muito. Tem sido um ano muito difícil. Eu só... — Sua voz vacilou.

Ian olhou para mim de novo, e a mensagem era óbvia: *Ajude o Rowan.*

— Hã... — Eu olhei para baixo, e acabei avistando o guia. — Que tal a gente adicionar mais uma parada do guia? Há um castelo entre Killarney e Cobh. É um pouco fora do caminho, mas parece muito interessante.

— O Castelo de Blarney? — A voz de Rowan se animou na hora. — Excelente ideia. Uma pausa faria bem.

— Hã... — interveio Ian. — É claro que quero que você tenha sua pausa, mas estou preocupado que outra parada nos faça chegar atrasados em Cobh. Mande e-mails durante um mês até a dona do

pub me responder, e mesmo assim ela disse que só tinha uma hora disponível. Não quero arriscar.

Por que Ian estava sendo tão insensível? Será que não percebia como Rowan estava desesperado?

— Ele precisa mesmo de uma pausa — falei, lançando um olhar fulminante para Ian. — Vai ser rápido. Aliás, quantos irlandeses você ficou importunando pela internet durante o verão?

Coitados. Quando ficava obcecado, Ian era implacável.

— Só dois — murmurou meu irmão, as pontas das orelhas ficando vermelhas.

— A gente tem tempo de sobra. E mais cedo você falou que me devia uma. — Rowan olhou para Ian com expectativa.

Ian hesitou, uma mecha de cabelo desaparecendo em sua boca antes de ele ceder.

— Está bem. Se formos rápidos, vai dar tudo certo. Só não quero que a situação dos tratores se repita.

Rowan e eu compartilhamos um sorriso vitorioso pelo retrovisor.

Pedra Blarney

Chega um momento na vida de toda viajante de coração partido em que ela se vê pendurada de cabeça para baixo no topo de um castelo, os lábios encostados em uma rocha toda babada, e pensa: *Como é que vim parar aqui?*

Deixe-me tranquilizá-la: isso faz parte do processo e é perfeitamente normal.

Que lugar é esse? O Castelo de Blarney. E a rocha toda babada? A Pedra Blarney, um pedaço de calcário com uma história sórdida e uma propensão a atrair mais de trezentos mil visitantes por ano. Reza a lenda que qualquer um que beije a pedra mágica ganhará “o dom da eloquência” — a habilidade de usar a lábia para escapar de qualquer situação.

Eu não estou totalmente convencida sobre essa história de ganhar lábia, mas sei de duas serventias para a Pedra Blarney: transmitir herpes labial e ilustrar a rejeição. Vamos começar pela rejeição?

Como você é um ser humano e está vivo, vou presumir que já passou pela sua própria versão do momento na Pedra Blarney. Uma ocasião em que ficou vulnerável, pendendo por um fio, mas, em vez da abençoada reciprocidade pela qual seu coração ansiava, tudo o

que encontrou foi uma pedra babada que *não* lhe concedeu proeza oratória.

Já passei por isso. Sei muito bem como é. Também sei que é tentador acreditar que você foi a única pessoa que já passou por essa situação. Mas não foi. Não mesmo. Na verdade, a dor da rejeição é tão comum que serviu de inspiração para cerca de metade das obras de arte da história (e, eu diria, dos atos de loucura também). E, no entanto, quando acontece com *você*, parece algo inédito. Como se o mundo tivesse inventado a pior coisa possível especialmente para você.

Isso é amor. Universal e, ainda assim, tão *pessoal*. Eu entendo. Qualquer um que diga que nunca passou por isso está mentindo ou é um robô, e todo mundo sabe que mentirosos e robôs são péssimos amigos. Além disso, os robôs às vezes se revoltam. Deveríamos falar mais sobre isso.

DEVER DE CASA: Você já sabe o que vem pela frente, não é, chuchu? Suba até o alto do castelo, se jogue no buraco e beije a maldita pedra. Aceite os germes compartilhados. Eles estão lá para lembrá-la de que você não está sozinha.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

COMO DE COSTUME, A IRLANDA NÃO ESTAVA NEM AÍ PARA A NOSSA pressa. Havia várias obras na estrada para Blarney — operários de construção civil gritavam alegremente uns com os outros enquanto enchiam as pistas de cones de trânsito aparentemente desnecessários. No castelo, não foi muito diferente. Estava lotado de turistas e tomado pelos inúmeros meios de transporte que usaram para chegar até ali.

Depois de longos vinte minutos presos em uma fila de ônibus de turismo onde reinava o mau humor, Ian ergueu as mãos em um gesto impaciente.

— Que tal eu estacionar e vocês irem fazer sua atividade?

— Você não quer ver o castelo? — perguntei, virando o rosto para dar uma olhada no lugar.

O ponto turístico conseguia passar a impressão de ser ao mesmo tempo imperioso e decrépito, como uma velhinha esbelta usando uma coroa.

Ian enfiou a cabeça para fora da janela.

— Já vi.

Rowan riu.

— Tudo bem, Ian. Pode assumir o volante.

Rowan e eu pulamos para fora e Ian passou para o banco do motorista.

— Cuidado com as rotatórias — falei.

— Rá rá, muito engraçado. Eu não vou ter andado nem meio metro até vocês voltarem. — Ele baixou a voz, dirigindo-se a mim.
— Não demorem, está bem?

— Pode deixar.

Rowan e eu saímos juntos, seguindo as placas que indicavam que a Pedra Blarney ficava no topo do castelo. Nós nos esprememos entre a multidão de turistas tirando fotos para chegar à escada em espiral.

Fui na frente, e devo ter subido rápido, porque quando cheguei lá em cima tive que esperar vários minutos até Rowan finalmente surgir atrás de mim. A respiração dele estava irregular, e o suor brilhava em sua testa.

— Não era uma corrida, Maeve — disse ele, passando o braço pelo meu ombro e fingindo desmaiar.

Gostei de ouvir meu novo apelido outra vez.

— Trabalhei no condicionamento físico durante o verão.

Eu não pude esconder o orgulho em minha voz. Tinha faltado apenas dois dias de treino o verão inteiro. O plano era estar o mais preparada possível para os olheiros das faculdades.

— Vamos esclarecer uma coisa: você sabe que acabou de subir correndo cem lances de escada só para esperar na fila e beijar uma pedra babada, certo?

— Não... *Nós* acabamos de subir correndo cem lances de escada só para beijar uma pedra babada — corrigi. No início da fila, um funcionário abaixava com todo o cuidado uma mulher, seu tronco desaparecendo no buraco. — Olha só que divertido. A gente fica pendurado de cabeça para baixo.

— Você gosta de emoções fortes, hein? — comentou Rowan, os olhos cinzentos brilhando.

— Adoro.

Meus irmãos diziam que eu era viciada em adrenalina, e não em um tom muito elogioso. Mas era a verdade. Lugares altos, montanhas-russas... Quanto mais intenso, melhor.

Rowan fez uma careta.

— Não esperava menos de você. Mas, sinto muito, Maeve, o que estou tentando dizer é que não há um “nós” nessa empreitada. Meus lábios não vão chegar nem perto da Pedra Blarney.

— Por quê? Por causa da altura?

Fiquei na ponta dos pés para enxergar por cima do muro. Tirando as Falésias de Moher, aquela era a melhor vista panorâmica da viagem. Dava para ver o mar com diferentes tons de verde lá embaixo, as pessoas espalhadas parecendo confetes coloridos. A vista despertava sentimentos parecidos com os das falésias — eu me sentia livre, desconectada de todo o peso que me esperava lá embaixo.

Rowan também ficou na ponta dos pés, embora conseguisse ver por cima do muro sem problemas.

— O problema não é a altura, Maeve. — Ele ajustou os óculos. — Olha, lamento ter que ser eu a lhe dar essa notícia, mas a população local não tem pena da Pedra Blarney. Fazem xixi nela, cospem, todo tipo de coisa. Confie em mim, você não quer beijar aquilo.

Eu balancei o dedo para ele, enquanto a brisa soprava pelo topo do castelo.

— Vou ter que reler o guia para você? É justamente por causa dos germes compartilhados que estamos aqui. Além disso, cresci dividindo o banheiro com três irmãos. Ter nojo de xixi não era uma opção.

Rowan ergueu as sobrancelhas, achando graça, como eu sabia que ele faria. Eu gostava de surpreendê-lo. E, além disso, era a mais pura verdade. Uma vez, quando ainda estava no ensino fundamental, tinha ficado tão farta que peguei uma canetinha e desenhei várias setas com os dizeres MIRE AQUI no assento do vaso sanitário. Minha mãe passou uma hora gargalhando.

— Rainha Maeve, sua valentia não tem limites. Se você vai beijar uma pedra cheia de xixi, eu também vou. Você tem minha lealdade eterna.

Rowan se curvou em uma reverência.

— Muito obrigada, sir — respondi, fazendo uma mesura também.

* * *

Quando finalmente chegou nossa vez, até meu instinto audacioso começou a vacilar. A pedra ficava mesmo em um buraco, e tudo o que havia entre nós e o gramado lá embaixo eram três barras de metal.

O funcionário acenou para mim.

— Pronta para receber o dom da lábia, querida?

Ele usava boné, e seu colarinho estava levantado, indo de encontro aos bigodes brancos.

— Pronta — respondi, decidida, ignorando o frio na barriga.

Rowan me lançou um sorriso tranquilizador.

Eu me sentei no chão, chegando para trás até ficar bem na beiradinha do buraco, que parecia uma caverna gigantesca às minhas costas. Dava até para sentir uma brisa soprando por ele.

— Muito bem. Deite, ponha as mãos nas barras, um pouco mais para trás... mais um pouco... — instruiu o homem em tom ritmado, como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes.

Segui as instruções até estar de cabeça para baixo, as mãos dele segurando minha cintura com firmeza. O sangue desceu para minha cabeça e me lembrei das palavras da Autora do Guia. *Como você é um ser humano e está vivo, vou presumir que já passou pela sua própria versão do momento na Pedra Blarney. Uma ocasião em que ficou vulnerável, pendendo por um fio, mas, em vez da abençoada reciprocidade pela qual seu coração ansiava, tudo o que encontrou foi uma pedra babada...*

O rosto de Cubby reapareceu em minha mente e uma pontada de dor se espalhou do meu peito para o resto do corpo. Em vez de sufocar os sentimentos, no entanto, fiquei parada ali com eles. Pendurada com eles, melhor dizendo. Assim como havia feito em Killarney. Mais uma vez, a dor não desapareceu, mas foi como se estivesse se movimentando, revelando algo que estivera escondido. Meus sentimentos — meu coração partido, minha vergonha, minha mágoa, tudo isso — não eram eu. Eram coisas que eu precisava superar, mas, assim como um par de tênis ou uma camiseta, não faziam parte de mim. Não me definiam.

— Beije a pedra, querida — disse o homem com paciência, despertando-me de minha epifania.

Ah, é. Tasquei um beijo rápido na pedra. Parecia mesmo babada. E era estranhamente fortalecedora. Eu a beijei de novo, dessa vez por Rowan.

— Sucesso! — Rowan agarrou minha mão para me ajudar a levantar. — Você está bem?

— Um pouco tonta.

Eu não tinha certeza do que fazer com minha descoberta. Não era como se eu pudesse despir meu sofrimento como uma camiseta suada. Mas será que poderia encará-lo de uma maneira nova? Como algo que não me definia?

Olhei para Rowan.

— Você não precisa beijar a pedra. Eu beijei por você.

Ele sorriu.

— Agora você realmente ganhou minha lealdade eterna.

Ele manteve um braço ao redor dos meus ombros para me estabilizar enquanto voltávamos para a escada.

Quando chegamos lá embaixo, eu estava prestes a tentar colocar minha revelação em palavras quando ouvi uma voz em meio à multidão. Era o tipo de voz impossível de ignorar. Feminina. Mandona. Americana.

Meus pés pareceram grudar no chão. Não podia ser...

— Pessoal, escutem bem. Os cinegrafistas vão subir primeiro. O resto de vocês vai em fila única, certo? Só preciso de uma tomada boa e depois passamos para a próxima atração. Já estamos com o cronograma atrasado, então preciso que sejam rápidos.

— Não... — sussurrei.

— O que foi?

Eu senti mais do que vi Rowan se virar para mim. Não conseguia me mexer. A poucos metros de distância, atrás de um banco de metal comprido, estava minha tia Mel, com a maquiagem elaborada que usava nas gravações.

— Não — repeti mais alto.

Tia Mel se virou para a esquerda, ajustando o blazer de caimento perfeito, e uma segunda onda de pânico tomou conta de mim. Vi Walter. E minha mãe. Walter devia ter sentido que estava sendo observado, porque de repente virou o rosto, e seus olhos encontraram os meus. Um único pensamento surgiu em minha mente. *Corra.*

Não tive tempo de avisar Rowan. Comecei a correr e dobrei uma esquina do castelo com tanta rapidez que derrapei na lama. Precisava de um esconderijo decente, algum lugar onde pudesse parar e pensar. Algum lugar...

Como aquele. Avistei uma pequena abertura na base do castelo e me lancei em direção a ela, tropeçando nos dois degraus que levavam a um pequeno cômodo. Era quase do tamanho de um closet, e estava escuro como uma caverna, exceto por um fino feixe de luz que entrava por uma fenda na parede. Caí de joelhos, a adrenalina correndo pelas minhas veias. E agora? Eu precisava avisar Ian.

— Addie?

Meu coração bateu mais rápido. Felizmente, era só Rowan parado na porta com uma expressão séria.

— Eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas existe uma coisa chamada decência. Você não pode sair correndo e abandonar seu parceiro de viagem sem explicação.

Decência? Parceiro de viagem? Rowan parecia um professor rabugento quando ficava com raiva. Antes que pudesse catalogar mais esse traço como “fofo”, agarrei sua manga e o puxei para dentro, e colidimos quando ele tropeçou nos degraus. O teto era muito baixo para ele, que acabou tendo que se curvar um pouco.

— Minha mãe está lá fora. Todo o grupo do casamento está aí — falei, quase gaguejando.

Ele ficou de queixo caído — eu nunca tinha visto isso acontecer de verdade antes — e se virou, ainda boquiaberto, para a porta.

— Onde ela estava? Ela viu você?

— Não, mas Walt viu. Temos que encontrar Ian e dar o fora daqui.

Eu me agachei no chão, tentando acalmar as pernas trêmulas.

— Vou mandar mensagem para ele agora mesmo.

Quando Rowan estava tirando o celular do bolso, uma segunda voz explodiu na caverna-closet, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio e Rowan derrubasse o telefone.

— Addie?

Eu me pus de pé na hora. Nunca tinha visto os olhos de Walt tão arregalados, e ele piscou, hesitante, para se acostumar com o escuro.

— Achei que estava ficando maluco. Eu vi você, mas você deveria estar na Itália e... — Seu olhar se voltou para Rowan, que ainda estava tateando o chão em busca do celular, e de repente o rosto de Walt assumiu uma expressão de irmão mais velho. — Quem é esse cara?

— Walt!

Eu me joguei no meu irmão assim que ele partiu para cima de Rowan, e o encurrelei contra a parede. A situação estava saindo do controle.

— Opa-opa-opa. — Rowan tropeçou para trás, segurando o celular na frente do corpo como se fosse um escudo. — Eu sou amigo dela.

— ESCUTEM AQUI! — gritei a plenos pulmões. Foi um pouco arriscado, mas funcionou.

Eu me afastei de Walter, agora que ele havia parado.

— Walt, este é Rowan. Ele é amigo de Ian. Pode ficar tranquilo.

— Mas... Mas você não está na Itália. — A voz de Walt ficou tão aguda que chegou ao nível dos apitos para cachorros. Se pudesse ouvir a própria voz, ele teria morrido de vergonha. — Nossa mãe acha que você está na Itália. *Todo mundo* acha que você está na Itália.

— E tem que continuar achando. Ela não pode saber que estamos na Irlanda. Você precisa guardar segredo.

Eu me inclinei para enfatizar o que dizia e fui atingida por uma nuvem de perfume. Walt tinha muitas qualidades. Era um amor de pessoa, descomplicado e também podia ser muito atencioso. Mas tomava um verdadeiro banho de perfume. O que era um problema, já que ele adorava usar perfume o tempo todo.

— Addie, que ideia é essa? — Sua voz subiu mais uma oitava, fazendo minha ansiedade aumentar. Se não o distraísse, ele ia sair correndo e estragar tudo.

Hora de mudar de assunto.

Balancei as mãos na frente dos meus olhos lacrimejantes.

— Walt, seu perfume! Eu achei que nossa mãe tivesse proibido você de trazer.

— Só dei duas borrifadas! — protestou ele. — Duas borrifadas e depois andei pela terceira. É assim que deve ser. Por que vocês não entendem isso?

Rowan se animou, entendendo o meu plano.

— Esse cheiro tem que ser da linha do John Varvatos. É o quê? Artisan Acqua?

A mudança foi instantânea.

— Artisan Blu — disse Walter, a boca exibindo um sorriso relutante. — Você usa?

Varvatos ao resgate. Rowan assentiu com entusiasmo enquanto a tensão na caverna-closet desaparecia.

— Eu já reparei que às vezes preciso diluir um pouco o meu porque é um dos aromas mais fortes. Talvez você devesse tentar.

Rowan era mestre em apartar discussões. Minha mãe ia adorá-lo. Eu só esperava que ela não estivesse prestes a conhecê-lo.

Walt baixou as mãos, a voz mais calma.

— Addie, por que você não está na Itália?

Insira uma explicação plausível/convincente/nada suspeita aqui. Só havia um pequeno problema: eu não conseguia pensar rápido. Talvez se eu começasse a falar, alguma ideia brilhante surgisse.

— A gente ficou aqui por causa de Ian. Ele... Hã... — Tentei pensar em alguma desculpa, mas nada surgiu.

— Eles resolveram ficar porque Ian está fazendo uma pesquisa para sua redação de admissão para as faculdades. — Rowan ao resgate mais uma vez. — Sou um mentor de estudantes do Trinity College. Ian me contratou para ajudá-lo a escrever a redação perfeita. No momento, estamos pesquisando alguns pontos turísticos famosos.

Nada mal. Pena que Walt nunca ia cair nessa. As pessoas acabavam comprando a encenação de Walt, que gostava de se passar por um surfista relaxado, mas era pura encenação mesmo. Apesar de sua falta de noção na hora de passar perfume, Walt não

era nada bobo. Só tirava nota alta e ia completar a faculdade de engenharia química antes do tempo.

— Mas Ian não precisa de uma redação para entrar na faculdade — rebateu Walt, flexionando o bíceps esquerdo sem nem perceber.
— Ele pode repetir o último ano e ainda assim conseguiria qualquer bolsa de futebol americano em Washington. Por que perderia tempo escrevendo uma redação?

Defendi Ian na mesma hora, minha voz saindo em um grunhido:

— Talvez ele goste de escrever. — *Era disso que Ian estava falando.* Sempre que alguém discutia seu futuro, automaticamente o imaginava com um capacete e ombreiras. De repente, uma nova ideia surgiu na minha cabeça. E poderia funcionar. Suavizei o tom na mesma hora. — Ian está tentando entrar em Notre Dame ou Penn State. Eles são mais rigorosos, então a redação é importante.

— Penn State? — Walt assobiou, admirado. — É verdade, ele pode precisar de algo a mais para ser aceito lá.

— Exatamente! — Minha voz saiu empolgada demais.

— Mas... por que isso é um segredo? — perguntou Walt, a voz se enchendo de desconfiança outra vez.

Ele olhou Rowan de cima a baixo, e Rowan se endireitou, erguendo o queixo de leve, talvez em uma tentativa de parecer mais profissional.

— Ele quer fazer uma surpresa para nossos pais — acrescentei na mesma hora. — Imagina só como nosso pai ficaria empolgado se Ian jogasse pela Penn State? E foi tão difícil para Ian conseguir um bom... conselheiro estudantil. Ele teve muita sorte em achar Rowan.

Walt ainda não parecia completamente convencido, mas assentiu devagar.

— Tudo bem, não vou falar nada. Seu segredo está a salvo comigo.

— Obrigada, Walt, de verdade. Agora, acho melhor voltar para o grupo. É bom não perceberem que você sumiu.

Ele suspirou, cansado.

— Por favor, me lembre de nunca mais viajar com a tia Mel. Os últimos dois dias foram um pesadelo. — Ele ergueu o queixo na direção de Rowan. — Prazer em conhecê-lo, cara. Cuide bem do meu irmão e da minha irmãzinha.

— Ela sabe se cuidar muito bem, mas pode deixar — disse Rowan.

Walt me deu um abraço rápido e perfumado e saiu da caverna-closet.

— Não foi tão ruim, né, Maeve?

Rowan desmoronou junto à parede de novo. Eu desabei ao lado dele.

— Obrigada por pensar na coisa da faculdade. Acho que pode ter funcionado.

Podia até ter funcionado a curto prazo, mas sem dúvida não duraria muito tempo. Guardar segredo não fazia parte do DNA de Walt. Eu tinha acabado de ativar uma bomba-relógio.

* * *

Esperamos o máximo que minha adrenalina permitiu — cerca de sete minutos —, enquanto Rowan mandava uma mensagem para Ian, e então trocamos o casaco azul-marinho que eu estava usando pelo moletom com capuz dele, para que eu pudesse esconder o

rosto. Nas circunstâncias atuais, era o melhor disfarce disponível. Saímos da caverna-closet com todo o cuidado e voltamos correndo para o carro. Eu rezava fervorosamente para que ninguém do grupo estivesse prestando muita atenção nos jardins.

Quando chegamos, vimos que Ian estava uma pilha de nervos, tão agitado que mal conseguiu descer o vidro. Nós dois ficamos abaixados dentro do carro enquanto Rowan tentava sair do estacionamento o mais rápido possível.

— Não era para eles estarem aqui hoje, só amanhã — disse Ian.

— Eu conferi o itinerário.

— Parece que eles não estão seguindo o itinerário.

— Não acredito que você viu o Walt — resmungou Ian. — Tinha que ser logo ele?

Era exatamente o que eu estava pensando.

— Talvez fique tudo bem. — Eu estava tentando imitar a instrutora de ioga que às vezes vinha aos nossos treinos antes de um jogo importante para nos ajudar a fazer visualizações. Sua voz suave e melódica sempre me acalmava. — Rowan inventou uma ótima desculpa sobre você ter ficado na Irlanda para trabalhar em uma redação para a faculdade. Além disso, Walt prometeu que não ia contar para a mamãe.

— Addie, é o Walter.

Eu abandonei a voz de professora de ioga.

— Eu sei. Mas o que você quer que eu faça?

— Ei, se esqueceram da trégua? Nada de brigas!

Rowan estava debruçado no volante, olhando preocupado para a rua. Estávamos parados diante de uma faixa de pedestres, com uma enxurrada de pessoas bloqueando a passagem.

— Eu não estou conseguindo acreditar no que aconteceu, só isso.
— Ian parou de balançar tanto a perna e se recostou na janela, desanimado.

De repente, meu celular apitou e ele se virou para trás.

— É nossa mãe, não é? Walt não aguentou nem dez minutos.

— Não é ela — respondi, o alívio logo sendo substituído por confusão. Era uma das minhas colegas de time, Olive, escrevendo tudo em maiúsculas, como sempre.

IAN FOI MESMO EXPULSO DO TIME????

SÓ SE FALA DISSO E TODO MUNDO ESTÁ SURTANDO!!!!

O quê?

Ergui a cabeça, encontrando o olhar nervoso de Ian.

— Quem é? — perguntou ele, a voz tensa.

— É... a Lina — respondi, decidindo mentir. Olive se orgulhava de sempre estar por dentro das fofocas, mas aquela não podia ser verdade. E mencionar algum boato idiota provavelmente só ia deixar Ian mais zangado. — Ela só está confirmando o voo.

A faixa de pedestres finalmente foi liberada e Rowan avançou.

— Amanhã à noite, não é? E eles vão pegar um trem até o festival?

Assenti, confusa demais para responder em voz alta. Como teria surgido aquele boato? E é claro que as pessoas estavam surtando. Ian era o craque, o jogador mais importante. Se fosse expulso, sem dúvida haveria protestos nas ruas.

Esfreguei a tela com o polegar e um pensamento desconfortável me veio à mente. Uma das frases favoritas dos meus pais: *Onde há fumaça, há fogo.*

Havia algo por trás daquele boato. Mas o quê?

* * *

Assim que saímos de Blarney, a estrada ficou mais sinuosa, e Ian voltou a se encolher junto à porta do carro. Eu o observava com atenção desde que tinha recebido a mensagem de Olive. Parte de mim queria enfiar o celular na cara dele e perguntar o que era aquilo, mas a outra parte tinha medo do que isso desencadearia.

A voz de Rowan quebrou o silêncio.

— Addie, você sabe o que significa essa luz no painel? Acabou de acender.

Parei de ler o guia e cheguei mais para a frente. O medidor de temperatura estava no vermelho, e uma pequena luz laranja brilhava ao lado. Quase desejei não saber o que aquilo significava.

— É uma má notícia, não é? — quis saber Ian, observando minha expressão.

— O carro está superaquecendo.

Eu me estiquei para olhar o capô. Pelo menos ainda não havia fumaça saindo. Ainda.

— É grave? — perguntou Rowan, batendo o polegar nervosamente no volante.

— Só se você quiser continuar tendo um motor. — Sua completa falta de entendimento sobre carros era quase adorável. *Quase*, porque não parava de nos criar problemas. — Pare o carro, mas não desligue o motor.

Ian afastou o rosto enjoado da janela, a voz vacilante.

— Addie, a gente não tem tempo de fazer uma parada. Minha entrevista é em uma hora.

— A gente também não tem tempo de o carro quebrar no meio da estrada. Precisamos parar. Agora.

— Então anda logo com isso, vai. — Ian suspirou, admitindo derrota.

Eu era a especialista em carros e ele sabia disso. A última palavra era sempre minha. Até mesmo nosso pai, que amava carros, tinha começado a me pedir conselhos sobre sua velha BMW.

Rowan parou ao lado de algumas árvores. Eu me agachei perto do capô e vi um pequeno fio de líquido que não parava de vazar. Aproximei a mão e uma gota de gosma verde aterrissou na minha palma.

— Que maravilha — murmurei, limpando a mão no short.

Ian e Rowan se agacharam também, um de cada lado. Meu irmão cerrou os punhos, nervoso.

— O que houve? O que é essa coisa verde?

— É o anticongelante. Max deve ter enchido demais o radiador, o que causa muita pressão e provoca um monte de vazamentos, aí o motor não consegue mais se resfriar.

— Eu vou matar aquele cara — anunciou Rowan, dando um soco na própria mão. — E então vou pegar meu dinheiro de volta e matá-lo de novo.

— O que a gente faz agora? Amarra um cabide no radiador? Tapa o buraco com chiclete? — perguntou Ian, ansioso, puxando as pontas do cabelo. — Porque perder a entrevista não é uma opção. Miriam é muito importante no mundo da música. Ela ter concordado em me ver foi...

— Ian, eu entendo — interrompi, tentando pensar em uma solução rápida.

Certa vez, tinha visto o apresentador de um programa sobre carros quebrar um ovo em cima de um radiador fumegante para que o calor o cozinhasse, tapando o buraco. Mas nós não tínhamos um ovo, e de qualquer maneira isso provavelmente ia sujar o motor inteiro.

— A que distância estamos de Cobh?

Rowan levou a mão à testa para proteger os olhos do sol e examinar a estrada.

— Uns vinte quilômetros?

Eu dei um pulo. Nunca era uma boa ideia dirigir com um motor superaquecido, mas se ficássemos esperando o reboque, Ian com certeza perderia seu compromisso. Será que valia a pena arriscar?

Olhei para os punhos cerrados de Ian. Era Trevo ou ele: um dos dois ia explodir. Folheei mentalmente o *Mecânica de automóveis para leigos* que ficava na minha mesa de cabeceira. Era o único livro que eu sabia quase todo de cor, ele sempre me acalmava. Sim, eu era muito esquisita.

— Ian, ligue o aquecedor. Vamos esperar uns minutos. Rowan, preciso que você deixe o capô aberto e arranje um pouco de água. Vou encher o radiador e a gente fica de olho no medidor durante o trajeto. E Ian, encontre uma oficina em Cobh. A gente precisa ir direto pra lá.

Seu sorriso foi tão grande que iluminou a estrada inteira.

— Pode deixar.

Cobh

Cobh pronuncia-se COUVE. Ou, como gosto de chamá-la, a cidade do ESCUTE SEU TIO, É SÉRIO.

Sim, há uma história por trás desse nome, meu docinho. Mas, antes, vou contextualizar um pouco.

Cobh é um lugar de despedidas. Sabe a doca perto da água? Foi de onde partiram 2,5 milhões de irlandeses. Foi também onde ocorreu uma despedida bem famosa: a do *Titanic*. Já ouviu falar dele? O navio inafundável fez sua última parada em Cobh, deixando e pegando alguns passageiros antes de seguir rumo às águas gélidas do Atlântico e à infâmia. Vou lhe contar sobre um dos passageiros sortudos.

Francis Browne era um jovem seminarista jesuíta com um tio que gostava de dar bons presentes. Seu tio, Robert (bispo da catedral pontuda que você vê no centro da cidade), enviou-lhe de aniversário uma passagem para uma viagem de dois dias a bordo do *Titanic*. O plano era embarcar em Southampton e desembarcar em Cobh, onde Francis ia saborear uma fatia de bolo de chocolate e passar um tempo com o bom e velho tio Rob.

Era um ótimo plano. E um passeio emocionante. Além de tirar mais de mil fotografias, Francis fez vários amigos. Uma rica família americana ficou tão encantada com o rapaz que se ofereceu para pagar sua viagem até os Estados Unidos em troca de sua companhia durante o jantar. Viva! Como era muito obediente, Francis enviou uma mensagem ao tio pedindo permissão para permanecer a bordo e recebeu uma resposta bastante seca: SAIA DESSE NAVIO.

Francis e suas famosas fotografias saíram do navio. Sem dúvida foi a decisão mais importante de sua vida.

Contei toda essa história em preparação para a mensagem bastante concisa e importante que tenho para você, minha pequena marinheira: SAIA DESSE NAVIO.

Que navio? Você sabe que navio, meu amor. Aquele que você construiu antes que a água esfriasse e a navegação se tornasse difícil. O que estocou com otimismo e empolgação e *olha só o que vem por aí — isso é tão emocionante!* Quando o coração se deixa envolver, o cérebro também quer participar, e começa a criar futuros hipotéticos cheios de ondas e marés favoráveis. E quando esses futuros não se concretizam? Bem, esses navios não vão embora sozinhos. Temos que fazer um esforço consciente para levantar âncora e deixá-los partir.

Então saia desse navio, meu anjo, e deixe-o seguir pelo mar. Caso contrário, você corre o risco de que a embarcação que um dia a carregou se torne a que vai afundá-la. A terra firme não é tão ruim. Eu juro.

DEVER DE CASA: Pegue uma folha de papel resistente e desenhe seu navio, chuchu. E também seus planos, seus sonhos, tudo isso. Não quero nem saber se você não sabe desenhar. Apenas ponha tudo no papel. E então vamos planejar nossa festa de despedida. Use as INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA BARQUINHO DE PAPEL no fim deste guia para criar uma pequena embarcação. Dobre o futuro que imaginou, transformando-o em um barco, e coloque-o na água. Deixe o mar fazer o resto.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

CHEGAMOS EM COBH QUASE DERRETENDO. PARA AJUDAR A RESFRIAR O motor de Trevo, foi preciso ligar o aquecedor no máximo. Quando finalmente chegamos à oficina, suávamos em bicas. E fiquei ainda mais agitada quando o mecânico — um sujeito chamado Connor, com um leve cheiro de atum — me olhou e decidiu que eu não fazia ideia do que estava falando.

— Pode deixar que vou dar uma olhada — disse ele.

— Tem um furo no radiador — insisti. — Eu já encontrei.

Ele deu um sorriso condescendente.

— Veremos.

Antes que eu pudesse explodir, Ian me puxou para a porta.

— A gente se fala mais tarde.

Seguimos às pressas pelas ruas à beira-mar, carregando nossa bagagem pelas fileiras de casas coloridas com varais cheios de roupas nos quintais. Barcos flutuavam nas docas como patos de borracha gigantescos, e uma catedral de pedra pontuda se erguia, alta e imponente, com o campanário perfurando as nuvens.

A igreja estava cercada de visitantes e, quando nos aproximamos, os sinos começaram a tocar, sua música surpreendentemente alegre para uma estrutura tão sombria.

— Nossa.

Eu parei e estiquei o pescoço para ver melhor a torre do sino.

— Ei! — Ian gritou mais alto que o barulho e voltou para agarrar meu cotovelo. — Esses sinos significam que estamos atrasados. Você pode olhar a igreja mais tarde.

— A gente vai ter que voltar para a nossa atividade depois de qualquer forma — comentou Rowan, apontando para o porto.

— Está bem. — Suspirei, ajustando a mochila em meu ombro e começando a correr.

O pub Au Bohair era inconfundível. A estrutura de dois andares havia sido pintada de um surpreendente azul Tiffany e ficava entre uma loja de chapéus cor de limão e uma padaria cor de cereja. Apesar de ainda estar cedo, a atmosfera era festiva, como se fosse dia de jogo, com música e pessoas espalhadas pela calçada, uma nuvem de fumaça de cigarro pairando no ar. Quando alcançamos a multidão, Ian correu até um homem parado na porta vestindo um macacão jeans surrado.

— Você sabe onde posso encontrar a Miriam?

— Miriam Kelly? — Ele abriu um grande sorriso, revelando dentes amarelos como sabugo de milho. — À esquerda do palco. Ela está sempre lá. Tome cuidado para não incomodá-la durante uma passagem. Já cometi esse erro.

Ian assentiu, nervoso, me entregando a alça de sua mala.

— Addie, você pode...?

Ele disparou pela porta sem concluir a pergunta, desaparecendo entre as pessoas.

— Claro, imagina! — gritei para as costas dele.

Não era como se eu já tivesse minha própria mala para carregar. O homem olhou para mim e sorriu, achando graça.

— Eu ajudo você — ofereceu Rowan, pegando o guia debaixo do meu braço e desaparecendo tão rapidamente quanto Ian.

— Sério? — murmurei, agarrando as malas.

Desajeitadamente, entrei no pub, atropelando os pés das pessoas com as rodinhas e fazendo os clientes quase derramarem suas bebidas. Foi só quando me espremi no meio do salão que parei para olhar em volta. Havia mesas de madeira por toda a parte e as paredes estavam quase totalmente cobertas por pôsteres de bandas. Um bar bem abastecido ficava em um canto, e clientes ocupavam cada centímetro livre.

— Ian!

Ele e Rowan estavam na ponta dos pés, olhando sedentos para o palco. “Palco” talvez fosse um exagero. Na verdade, não passava de uma pequena plataforma de madeira, a cerca de meio metro do chão, que de alguma forma conseguira acomodar um grande emaranhado de músicos, seus inúmeros instrumentos emitindo uma melodia decididamente irlandesa.

Abri caminho até os dois.

— Seria bom ter uma ajudinha aqui.

Nenhum deles demonstrou ter me ouvido. Estavam ocupados demais babando como dois fanáticos.

— É o primeiro palco do Titletrack — falou Rowan, os óculos praticamente embaçando de emoção. — Este lugar é incrível. Tão, tão incrível.

— Não acredito que a gente está aqui — disse Ian. — Estamos no lugar onde o Titletrack se apresentou pela primeira vez.

Eu me enfiei entre eles para chamar a atenção.

— Lembram de quando vocês dois me deixaram com todas as malas?

— Esse aí é o meu futuro jornalista de música? — perguntou uma voz rouca atrás de nós.

Nós nos viramos e demos de cara com uma mulher baixinha e gorducha, usando óculos de armação grossa e um vestido marrom folgado, o cabelo puxado para trás em um nó apertado.

— Hã... Você é a...? — Foi tudo o que Ian conseguiu dizer.

— Miriam Kelly. — Ela o puxou para um abraço, dando algumas batidinhas entusiasmadas nas costas dele. — Você conseguiu chegar! Achei que tivesse me dado um bolo.

Ian pigarreou, tentando sem sucesso superar o choque de descobrir que a mulher mais importante da música irlandesa parecia o tipo de pessoa que assava pão de banana e fazia crochê nas horas vagas.

— Hã... — repetiu ele.

De repente, seu sorriso sumiu, e ela apontou um dedo para Ian com a expressão séria.

— Então, me diga: é mesmo o fim das bandas de garagem?

— Você leu o artigo dele! — exclamei, reconhecendo o título.

Ela voltou os olhos brilhantes para mim.

— Claro. Este rapaz deixou cinco mensagens de voz e enviou uma quantidade absurda de e-mails. Ou eu chamava a polícia ou marcava uma reunião. Você deve ser a irmã mais nova.

— Isso, sou Addie — falei, aceitando seu aperto de mão firme. — E este é Rowan, nosso amigo. Ele também é um grande fã do Titletrack.

— É uma honra conhecê-la. — Rowan a cumprimentou também, com um sorriso de orelha a orelha. — Uma honra.

— Um irlandês entre os americanos. Gostei. — Ela se virou para mim. — Addie, seu irmão é um ótimo escritor. Fiquei muito impressionada.

— Ficou? — O rosto de Ian se iluminou feito um bolo de aniversário, e ele cambaleou para trás. Nunca tinha visto um elogio atingi-lo tão forte, e olha que quando estava em campo as pessoas não paravam de louvar seus feitos. — Obrigado — disse, em um fio de voz.

Miriam deu um tapinha nas costas dele.

— E adorei ver que você é tão jovem. Quando se tem a minha idade, a gente percebe que a idade não tem nada a ver com capacidade. Quando uma pessoa é boa, ela simplesmente é boa. Por que esperar até ficar mais velha? E depois que tiver envelhecido, por que parar? Pelo menos esse é o meu lema.

Que Titletrack que nada. A gente deveria começar um fã-club *dela*.

Miriam continuou:

— Quero que vocês peguem uma mesa. Passei o verão inteirinho na estrada, mas hoje eles me deixaram voltar à cozinha e fiz meu famoso guisado de carne com Guinness. Bruce Springsteen disse que mudou sua vida.

— Bruce Springsteen? — Ian parecia prestes a desmaiar.

Ela bateu um dedo no queixo, pensativa.

— Ou foi o Sting? Engraçado, às vezes confundo os dois. Vou dizer para o pessoal na cozinha que você chegou. Volta já, já.

Ela se afastou, sem parecer reparar no choque que causara.

— Ian, isso foi incrível! — exclamou Rowan, entusiasmado.

Meu irmão se virou para mim, os olhos arregalados.

— Acabei de falar com Miriam Kelly.

— Não, você acabou de ser *elogiado* por Miriam Kelly — corrigi, o orgulho borbulhando no meu peito.

Sempre que Ian estava feliz, sua felicidade me contagiava.

* * *

Miriam havia levado Ian até uma mesa próxima ao palco, então Rowan e eu escolhemos outra mais perto da porta, em uma tentativa de dar a Ian um pouco de privacidade para a entrevista.

— Então, por que Miriam é tão importante? — perguntei, de olho em Ian.

O rosto dele continuava muito vermelho, e até agora já havia derramado ensopado na camiseta e derrubado a caneta no chão duas vezes. Se fosse se tornar um jornalista de música, teria que aprender a não ficar embasbacado diante de pessoas famosas.

Rowan assentiu.

— Ela é uma espécie de diretora de talentos informal. No começo, apenas convidava bandas para tocarem aqui no pub, mas depois que ajudou alguns dos maiores artistas da Irlanda a começarem a carreira, as gravadoras passaram a contratá-la como olheira. Há quinze anos, ela ouviu o Titletrack em uma competição universitária e convidou a banda para tocar aqui no verão. Foi assim que eles conseguiram os primeiros fãs.

Enfiei minha colher na tigela de ensopado.

— Ela também é uma ótima cozinheira — falei.

O ensopado favorito de Springsteen era uma mistura de cenouras, batatas e molho com duas grandes bolas de purê de batatas por cima. Era tão saboroso e quentinho que eu queria me enfiar na tigela.

— Ei, você já leu o dever de casa do guia? — perguntou Rowan, empurrando o livro para mim. — A gente precisa fazer um barco de papel e depois colocar na água.

— Você vai participar dessa ou vai amarelar de novo? — provoquei, abrindo na seção sobre Cobh.

— Olha, desde que não envolva fluidos corporais, estou dentro.

— Faz sentido.

Eu me recostei na cadeira, feliz. Estava relaxada e de barriga cheia pela primeira vez em dias. A música ao vivo tinha sido substituída por um álbum do Queen que reconheci de quando meu pai limpava a garagem, mas o que eu mais ouvia era a voz de Ian. Ele jogava a cabeça para trás, gargalhando.

Quando tinha sido a última vez que o vira rir tanto? Nos últimos anos, ele havia ficado mais solene, o que provavelmente tinha a ver com o futebol americano. Era de se esperar que, sendo o craque do time, ele receberia tratamento especial, mas, pelo contrário, os técnicos pareciam pegar mais pesado com ele. E meu irmão levava os jogos a sério. Eu nem precisava consultar o calendário para saber quando seria o próximo jogo porque ele sempre ficava quieto e mal-humorado alguns dias antes.

Pensar em futebol americano me lembrou da mensagem de Olive. Olhei para o meu celular, um nó se formando em minha barriga. IAN FOI MESMO EXPULSO DO TIME???? Eu não podia continuar ignorando aquela mensagem. Se havia boatos sendo espalhados sobre Ian, ele merecia saber. *Mas e se não for apenas um boato?*, perguntou meu cérebro baixinho. Eu o silencieei na mesma hora. Claro que era só um boato. Ian teria que botar fogo na escola para fazerem algo tão drástico quanto expulsá-lo do time.

De qualquer forma, eu precisava conversar com ele assim que tivesse uma oportunidade. A última coisa de que nosso relacionamento precisava era outro segredo.

Olhei na direção de Ian e ele olhou para mim, acenando para irmos até lá. Na mesa deles, a tigela do meu irmão ainda estava pela metade, as linhas de seu caderno preenchidas pela caligrafia apertada. Seu rosto brilhava de empolgação.

— Adivinhem só? Miriam disse que podemos ficar aqui esta noite.

— Você está falando sério? Onde? — Rowan se virou como se esperasse que uma cama aparecesse no meio do bar.

Miriam sorriu, empurrando a cadeira para trás.

— Lá em cima. Temos alguns quartos para alugar, em geral para os músicos. Acho que Jared passou quase um mês inteiro no quarto principal. O que me lembra, ele ainda não me pagou, aquele pilantra. Acho que agora tem dinheiro mais que suficiente, não é? Vou dar uma ligadinha para ele.

— Jared? — Rowan ficou boquiaberto. — Jared, o vocalista? Ele ficou aqui? E você tem o número dele?

— Claro que sim. — Ela deu de ombros, olhando para Ian. — Me avise quando terminar seu artigo. Posso até encaminhar para ele, se você quiser.

— Você... — Ian engasgou com as próprias palavras, o rosto passando para um vermelho intenso. — Eu...

Ele engasgou, e bati nas costas dele.

— Ian, respire.

Miriam ergueu as sobrancelhas.

— Ian, você vai ficar bem. Quando estiver no ramo há tanto tempo quanto eu, vai descobrir que os músicos são só humanos.

Humanos interessantes, é verdade, mas, mesmo assim, humanos. — Ela se virou para mim. — Por falar em pessoas interessantes, quero saber mais sobre você, Addie.

Meu rosto tentou imitar o de Ian. A atenção de Miriam era um pouco intensa demais.

— O que tem eu?

Ela me cutucou com o dedo.

— Ouvi dizer que você é uma *excelente* mecânica. Isso é um talento. Não da minha área, mas não deixa de ser um talento. Ian me contou que não teria chegado aqui sem você.

A felicidade aflorou em meu peito.

— Ian, você disse isso?

Ele deu de ombros, um pequeno sorriso no rosto.

— Bem, é verdade, não é?

Rowan se juntou a ele.

— Se não fosse por Addie, ainda estaríamos arrastando o escapamento pela Irlanda. Ela nos salvou hoje de novo. Logo que saímos de Blarney, meu carro começou a superaquecer e ela conseguiu nos trazer até a oficina mecânica aqui da rua.

Miriam suspirou.

— Deixe-me adivinhar, a oficina de Connor Moloney? Odeio dizer isso, mas aquele homem é tão inútil quanto um bule de chocolate.

— Ela cruzou os braços. — E aí, mecânica. O que tem a me dizer?

O que eu tinha a dizer?

— Hã, eu gosto de carros, só isso.

— E você é boa — insistiu ela.

— Eu a chamo de Maeve — acrescentou Rowan. — Porque, na primeira vez que a vi, ela pulou em cima de Ian em um

estacionamento. Addie é uma rainha guerreira.

Agora eu estava vermelha de verdade.

— Desculpe a pergunta, mas *por que* estamos falando sobre isso?

— Porque precisamos! — Miriam ergueu o braço. — Precisamos de mais rainhas guerreiras por aqui. Especialmente as que fazem jus a seu poder. — Ela se aproximou, estudando minha expressão envergonhada. — Addie, você sabe o que eu faço, certo? Minha carreira?

Eu assenti, desconfortável.

— Sei... Você descobre músicos talentosos.

— Errado. — Ela apontou para mim, a voz ficando mais alta e entusiasmada. — Eu os *empodero*. Encontro pessoas que estão por aí, cantando suas músicas, ponho um microfone na frente delas e faço o resto do mundo ouvir. E sabe de uma coisa? Quero fazer isso por você, Addie.

Do que ela estava falando?

Antes que eu tivesse tempo de entender, ela se levantou e me deu o braço, arrastando-me para o palco.

— Ei, Miriam, eu não canto. Nem toco nenhum instrumento.

Nem subo em palcos. A menos que estivesse em campo, odiava ser o centro das atenções. Tentei me desvencilhar, desesperada, mas ela me puxou para cima do palco sem dificuldade, posicionando um microfone na minha frente. Ian e Rowan observavam de olhos arregalados, mas nenhum deles tentou me salvar. Traidores.

— Pat! O microfone! — gritou Miriam.

Um dos atendentes se abaixou atrás do bar e, de repente, o microfone começou a funcionar. Miriam praticamente o enfiou na minha cara.

— Vamos lá, Addie. Conte para essa plateia simpática o que você fez.

Olhei para ela, horrorizada. É verdade que o pub não estava tão lotado quanto antes, durante a apresentação dos músicos, mas ainda havia muitas pessoas, e todas ergueram os olhos, com um sorriso no rosto. Sem dúvida já estavam acostumadas com as maluquices de Miriam.

— Vamos lá — insistiu ela, me cutucando. — Fale para o pessoal qual é o seu nome e como você é incrível. Fazer uma declaração pode ser algo muito poderoso.

Eu preciso mesmo fazer isso? Assim que o pensamento surgiu em minha mente, o braço de Miriam se apertou ao meu redor como uma jiboia. Ela não ia me deixar sair do palco de jeito nenhum. Pigarreei.

— Hã, olá, gente. Meu nome é Addie Bennett.

— Rainha Maeve! — gritou Ian da plateia, as mãos em concha ao redor da boca.

Corei do topo da cabeça até os dedos dos pés. Quando isso terminasse, ia matar meu irmão.

— Então... Miriam quer que eu conte para vocês que nos últimos dois dias estivemos viajando pela Irlanda. Nosso carro não para de quebrar, mas eu consegui consertar. E... é isso.

Empurrei o microfone para as mãos de Miriam e tentei descer do palco, mas ela agarrou as costas da minha camisa.

— Só um minutinho, Addie. Sabe o que eu gosto de ver? Uma mulher que conhece sua força. Uma mulher que admite ser inteligente e criativa, uma mulher capaz de *fazer coisas acontecerem*. Addie, você é uma mulher poderosa. — Ela pegou

minha mão e a levantou sobre nossas cabeças, como se estivéssemos celebrando uma vitória. — Vamos lá, Addie. Diga.

Eu me encolhi.

— Dizer o quê?

Rowan e Ian sorriram um para o outro. Estavam adorando cada segundo daquilo.

— Diga “eu sou a heroína da minha própria história”.

— Eu sou a heroína da minha própria história — falei rapidamente.

— Não, não, não. Mais alto. Abra o diafragma. Sinta as palavras.

Será que ela não percebia a ironia de obrigar alguém a se declarar uma pessoa poderosa? *Acabe logo com isso*, falei para mim mesma.

Respirei fundo e gritei no microfone:

— Eu sou a heroína da minha própria história!

— Sim! Mais uma vez! — gritou Miriam.

Dessa vez eu realmente me soltei:

— EU SOU A HEROÍNA DA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA!

— Boa garota. — Miriam deixou meu braço cair, seu rosto brilhando de suor.

Na verdade, tinha sido bom gritar. Provavelmente seria ainda melhor se eu acreditasse naquelas palavras.

* * *

— Bem, aquilo foi esquisito — consegui dizer, arrastando minha mala e a de Ian até a escada. Assim que Miriam me liberara do palco, Ian disparou na frente, querendo ver nossos quartos.

Rowan sorriu.

— Você subiu no palco e gritou para um bando de estranhos que é uma heroína. O que há de esquisito nisso?

Eu tentei bater nele, mas segurando as malas era impossível. Rowan tomou uma delas, arrastando-a para a escada.

— Vou dar uma passadinha na oficina, para ter certeza de que Connor vai conseguir arrumar o carro até amanhã de manhã. Dá para acreditar que o Electric Picnic é amanhã?

— Não — respondi. Eu não conseguia acreditar. Os últimos dias tinham se arrastado ou passado voando? — Vou ficar por aqui. Talvez seja melhor Connor e eu não nos encontrarmos de novo.

Ele abriu um sorriso.

— Que pena. Eu estava torcendo para ver a heroína Maeve em ação outra vez.

— Rá rá.

Segui Ian escada acima, o peso das malas me fazendo esbarrar nas paredes. Por fim, cheguei lá em cima e larguei tudo no chão.

— Isso é inacreditável!

Segui a voz de Ian, que vinha do outro lado da porta.

O teto do quarto era inclinado, e havia duas camas de solteiro encostadas na parede oposta. A luz fraca entrava por uma única janela octogonal.

Meu irmão estava deitado na cama mais próxima.

— Em qual delas você acha que Jared dormiu? Esta daqui?

— Não faço a menor ideia — falei, desviando os olhos. A devoção de Ian ao Titletrack era quase vergonhosa.

Fugiu para o quarto ao lado, demorando mais do que o necessário para ajeitar minha mala ao lado da cama. A mensagem de Olive

ardia em meu bolso. Eu precisava falar com Ian. Urgentemente.

Quando entrei no quarto principal de novo, meu irmão tinha mudado de cama e estava com os braços debaixo da cabeça, um sorriso sereno no rosto. Eu estava mesmo prestes a fazer aquilo? *Eu sou uma heroína*, pensei com amargura.

— Obrigado por trazer a gente até aqui — disse Ian antes que eu pudesse abrir a boca. — Significa muito para mim.

— Ah, imagina — falei, ocupando a outra cama. — Então, Ian, preciso falar com você sobre uma coisa.

— Eu também! — Ele rolou de bruços, pegando seu caderno. — Eu queria dizer que você deveria contar para a nossa mãe sobre o Cubby o mais rápido possível. Talvez até antes de voltarmos para casa. Se quiser, posso distrair Archie e Walter no aeroporto enquanto você conta.

— *O quê?*

Senti a ponte entre nós desmoronar de uma só vez. Agora ele não apenas estava insistindo que eu contasse, mas estava querendo ditar a hora e o lugar também.

Ian se sentou.

— Acho que você deveria contar sobre o Cubby antes de...

— Ian, eu ouvi — falei, levantando e me apoiando na porta do armário atrás de mim. — Mas ainda não estou preparada para contar pra ela. Não tão cedo.

Ele fechou o caderno com força.

— Mas você disse que eu estava certo. Quando estávamos em Torc Manor.

— Eu disse que *talvez* você estivesse certo. Nunca prometi que ia contar.

Ian ficou de pé também e começou a andar de um lado para outro, furioso.

— Você está de brincadeira comigo, Addie! Por que não?

— Porque não estou pronta. Só vou contar se eu quiser. — E, mesmo sabendo que as próximas palavras causariam uma explosão, não pude deixar de dizê-las. — Além disso, o que aconteceu com Cubby não é da sua conta.

— Não é da *minha* conta? — Ele parou de andar, os olhos faiscando de raiva. — Addie, eu adoraria que isso fosse verdade, mas nós dois sabemos que não é. Passou a ser da minha conta no segundo em que entrei no vestiário.

Senti um nó na garganta. O vestiário. Toda vez que tentava imaginar a cena de Ian, *meu irmão*, a única pessoa que tinha feito Cubby parar, entrando no vestiário, minha mente fechava as cortinas diante da imagem.

— Como eu ia saber que Cubby faria aquilo? — Minha boca estava seca.

Ian apontou para mim.

— Porque eu avisei. Eu disse que ele não era boa coisa. — Era a mesma briga que vínhamos tendo durante todo o verão. Ela me deixava completamente exausta. — Addie, me escute, só desta vez. Você não pode mais guardar segredo sobre o que aconteceu. Você precisa contar à mamãe assim que puder.

— Pare de tentar mandar em mim! — explodi, meu coração martelando no peito. — E quem é você para falar sobre segredos, *Indie Ian*? — cuspi o nome, e meu irmão semicerrou os olhos.

— Não tente virar o jogo.

— Por que não? — Eu abri os braços, mostrando o quarto. — Amigo irlandês secreto. Carreira de escritor secreta. Planos secretos para a faculdade. — Eu deveria fazer uma pausa para me controlar, mas estava com muita raiva. Enfiei a mão no bolso e botei o celular quase na cara dele. — E isto aqui. Que história é essa?

Ian arrancou o telefone da minha mão, e seus ombros se curvaram ao ler a mensagem de Olive.

— Como ela descobriu? — perguntou ele, baixinho.

Suas palavras me atingiram com um baque, e minha mente virou um turbilhão.

— Peraí, você está dizendo que é verdade? Você foi expulso do time? Por que não me contou?

Ele jogou o celular na cama.

— Porque foi por sua causa, está bem? Eu fui expulso do time por *sua* culpa.

Não.

Saí do quarto com as mãos tremendo; subitamente tinha uma montanha pesando no meu peito.

A voz era dele suplicante.

— Addie, eu fui expulso do time. Nossos pais ainda não sabem, mas não posso guardar esse segredo pra sempre. Você precisa contar para a mamãe. Precisa contar sobre a foto e sobre como Cubby estava mostrando ela...

— Ian, *para!* — gritei, tapando os ouvidos.

Meu corpo deu meia-volta sozinho, e de repente eu estava correndo, descendo os degraus a toda. E Ian estava indo atrás de mim.

* * *

Só parei de correr quando cheguei ao porto. Meu peito arfava, as lágrimas quase me impediam de respirar. Desabei com tudo em um banco de ferro, as costas pressionando as placas frias.

A coisa que não deveria ter acontecido naquele verão, nem comigo nem com ninguém, tinha sido a seguinte. Depois de Cubby insistir por várias semanas, eu havia mandado para ele uma foto minha nua da cintura para cima. Eu não estava completamente confortável com isso porque, em primeiro lugar, as piadinhas incessantes dele estavam começando a fazer com que eu me sentisse pressionada, e, em segundo, não importava quanto eu tentasse ignorar o aviso de Ian, ele não parava de zumbir na minha cabeça. *Já ouvi o que ele fala sobre as garotas. Você não quer sair com alguém como ele.*

Mas Cubby e eu tínhamos passado o verão juntos. Isso não significava que eu o conhecia melhor do que Ian? Que eu podia confiar nele? E, além do mais, talvez essa fosse a maneira de deixarmos para trás os encontros às escondidas tarde da noite e começarmos a andar juntos pelos corredores da escola. Talvez fosse preciso um voto de confiança.

Então, eu tinha enviado a foto. Mesmo com as mãos tremendo. Mesmo com o zumbido na minha cabeça cada vez mais alto.

Dois dias depois, Ian voltou para casa do acampamento de futebol americano e quase derrubou a porta do meu quarto, com lágrimas de raiva nos olhos. *Você sabe o que Cubby anda fazendo? Ele está mostrando a sua foto para todo mundo. Por que você não me ouviu?*

Na hora, eu fiquei atordoada demais para perguntar o que acontecera depois, mas agora eu sabia. Depois que pegou Cubby mostrando minha foto para o time inteiro, meu irmão brigou com ele.

Nenhuma surpresa. E por isso ele tinha sido expulso do time de futebol americano. Eu não tinha a intenção de envolver meu irmão — não tinha a intenção de deixar minha vida afetar a dele —, mas isso não fazia a menor diferença, porque família era assim. Querendo ou não, suas ações sempre afetavam os outros. Respirei fundo, trêmula. Eu precisava contar por que não lhe dera ouvidos. O motivo real. Ian merecia saber.

Alguns segundos depois, ouvi seus passos atrás de mim, como era de se esperar.

— Addie... — começou ele.

Mas me virei e forcei as palavras a saírem antes que eu mudasse de ideia:

— Ian, você sabe como é difícil ser sua irmã mais nova?

Ele congelou, uma expressão pensativa tomando seu rosto.

— Como assim? Tirando esse verão, sempre achei que éramos bons amigos.

— É verdade. — Eu balancei a cabeça, tentando encontrar as palavras. Ele se sentou ao meu lado no banco. — O que eu quero dizer é... Você sabe como é difícil ser a irmã de *Ian Bennett*?

Ele balançou a cabeça de modo quase imperceptível.

— Não estou entendendo.

— Você é a estrela da escola. O melhor jogador do time de futebol americano. O atleta mais bem-sucedido em um lugar *cheio* de atletas bem-sucedidos. — Minha voz vacilou, e escolhi um ponto

no mar para olhar fixamente, estabilizando minha visão. — Você é bom nos estudos, nos esportes, escreve bem... e é claro que você tinha razão sobre Cubby. Estava completamente certo. E lá no fundo eu sabia disso o tempo todo.

Ian passou as mãos no cabelo, uma expressão confusa no rosto.

— Então por que...

Eu o interrompi de novo. Precisava mesmo que ele ouvisse.

— Ian, eu fiquei com Cubby o verão inteiro porque queria que alguém me visse. Que alguém me *enxergasse* de verdade. E não me comparasse a vocês três. — Eu respirei fundo. — Eu só queria ser mais do que a Bennett número quatro, a filha medíocre.

— Medíocre? — Os olhos de Ian se arregalaram de descrença. — Por que você nunca me disse que se sentia assim?

— Por que eu faria isso? É tão óbvio que chega a ser ridículo. — Um pássaro saltou feliz perto de nós, com uma batata frita presa no bico. — E, Ian, eu sinto muito por ter enviado a foto, mas...

— Opa, opa, opa. Espere um pouquinho aí. — Ian ergueu as mãos. — Acha que estou bravo porque você mandou a foto? — Ele me encarou, o joelho quicando. — Addie, não é nada disso. Enviar ou não uma foto é decisão sua. É o seu... corpo.

Nós dois fizemos uma careta desconfortável. Aquilo estava muito fora dos assuntos normais de irmão e irmã. Pelo menos para nós dois.

— Desculpe — disse ele rapidamente, as bochechas ficando vermelhas. — Eu não sei se estou me expressando direito, mas o que quero dizer é que não fiquei com raiva por você ter mandado a foto. Cubby ter mostrado ela para o time inteiro não foi culpa sua. Ele é o responsável por isso. — Ian chutou uma pedra solta. —

Fiquei com raiva por você não ter confiado em mim quando avisei que deveria manter distância dele. Passei anos convivendo com Cubby. Vi como ele mudou, e eu só queria proteger você.

Lágrimas surgiram em meus olhos e eu me encolhi, apoiando os cotovelos no joelho. Parecia que o nó em meu peito nunca ia desatar.

— Ian, sinto muito por ter feito você ser expulso do time — sussurrei.

Ele suspirou devagar.

— Acho que agora é a minha vez de esclarecer uma coisa. Não fui totalmente sincero lá no quarto. Eu estava com raiva e só queria convencer você.

Eu me empertiguei na hora.

— Então você ainda está no time?

Meu irmão balançou a cabeça.

— Não, estou fora com certeza. Mas a culpa foi minha, não sua.

— Então não teve nada a ver com a foto?

— Bem... — Ele hesitou. — Eu não diria isso. Mas não foi só por causa da briga com Cubby. Quer dizer, eu realmente perdi o controle naquele dia. Mas foram as outras brigas que me fizeram ser expulso.

— Brigas? — Eu o encarei, surpresa. — No plural? Quantas?

Ian hesitou outra vez.

— Não tenho certeza. E vou ser sincero: no começo eram por sua causa, quando alguém dizia alguma gracinha pra me irritar. Mas depois eu surtei. Não suportava mais os outros jogadores, e qualquer coisa me deixava furioso. O treinador me deu vários avisos, até que...

Ele se moveu, ajeitando a postura.

— Mas não tem problema eu ter sido expulso, porque odeio futebol americano. Sempre odiei, sempre vou odiar.

— O quê? — Eu desviei os olhos do mar. Gostar mais de escrever do que de jogar não era o mesmo que odiar futebol americano. E como ele poderia odiar o esporte sendo tão talentoso? — Você odeia os treinos ou...?

Ian balançou a cabeça, fazendo o cabelo cair no rosto.

— Não, eu odeio o esporte em si. Tudo sobre ele. — Seus olhos encontraram os meus. — Eu odeio os treinos, odeio os jogos, os preparativos, as comemorações, os uniformes... Eu odeio que as pessoas me tratem de maneira diferente, como se eu fosse especial, só porque sou bom nisso. E já me sinto assim faz muito tempo. Quando descobriram que eu levava jeito, foi como se tivessem colocado uma fantasia de jogador de futebol americano em mim e ninguém conseguisse enxergar nada além disso. Todos só queriam que eu me encaixasse nesse estereótipo, mas ele nunca... me serviu.

Eu nunca tinha considerado a possibilidade de Ian não gostar de futebol americano. De repente, tudo fez sentido: ele sair correndo dos treinos, o mau humor antes dos jogos, o modo como evitava o assunto quando o resto do mundo só queria falar nisso. Tinha estado bem debaixo do meu nariz esse tempo todo.

— Ian, eu não fazia ideia. Deve ter sido...

— Horrível? — completou ele, as sobrancelhas franzidas.

— Horrível — repeti. — Por que não me contou?

Ian balançou a cabeça.

— Eu não queria decepcionar você. Todo mundo fica tão animado por eu ser quarterback, e você sempre foi aos meus jogos e... — Ele

suspirou alto. — Eu quero ser como você, Archie e Walter. Quando estão em campo, é como se virassem quem realmente são. Vocês se divertem tanto. Eu nunca senti isso.

— Mas você se sente assim escrevendo. E com Titletrack.

— Isso aí — disse ele. — É por isso que esta viagem era tão importante para mim. Eu imaginei que, se conseguisse escrever algo incrível e meu artigo fosse publicado em uma revista importante, nossos pais ficariam menos chateados comigo por desistir do futebol americano.

Eu pressionei meus lábios, mal contendo um sorriso.

— Então o que você está dizendo é que precisa contar algo para os nossos pais?

Ele grunhiu, mas um sorriso surgiu em seu rosto.

— Eu sei. Não fica pegando no meu pé, não. Só preciso de mais um tempo.

— Você está brincando, né? É claro que vou encher seu saco. Pelo menos tanto quanto você encheu o meu.

— Aí estão vocês! — Rowan apareceu de repente ao lado do banco, assustando nós dois. — Eu não fazia ideia de onde vocês tinham se metido. Acabei perguntando a um bartender e... — Ele parou ao ver minhas bochechas ainda úmidas de lágrimas. — Opa, o que houve? Aconteceu alguma coisa?

— Mais ou menos — respondi. Rowan estava com o guia na mão, e vê-lo me deu uma ideia. — Ei, Ian, quer fazer o dever de casa de Cobh com a gente? Eu acho que pode ajudar.

— Boa ideia — concordou Rowan. — Aposto que você vai gostar.

Ian puxou o cabelo para trás, prendendo-o com um elástico que tirou do pulso.

— Sei lá... Preciso falar com uma árvore? Ou beijar alguma coisa?
Eu balancei a cabeça.

— A gente precisa desenhar algo que não se realizou da maneira que sonhávamos. Depois é só fazer um barco com o papel e colocá-lo no mar.

Ele soltou um “Hum...”, mas, pelo jeito que olhou o livro, ficou claro que estava interessado.

— Eu estava atrás de você porque queria fazer a atividade antes que escurecesse. Até perguntei lá no pub se eles tinham papel, mas só consegui arrumar isso aqui.

Rowan me entregou alguns panfletos velhos anunciando o show de um violinista local.

— Serve.

Entreguei um papel para cada um e depois nos afastamos um pouco, sentando no chão com os panfletos à nossa frente. Não levei muito tempo pensando no que desenhar. Cubby e eu, andando pelo corredor da escola, o braço dele nos meus ombros, sussurros admirados vindos de todas as direções.

O desenho em si ficou péssimo, apenas um pouco mais sofisticado do que bonequinhos de palito, mas pôr aquilo para fora fez com que eu me sentisse diferente por dentro. Mais uma vez, a dor persistia, mas parte do peso tinha sido transferida para a ponta do lápis, materializando-se em algo que eu podia ver. Algo que eu podia mandar embora.

Caminhamos juntos até a beira do mar, seguindo as instruções da Autora do Guia para construir o Barco do Fim do Amor. Enquanto colocava meu barco na água, eu me deixei imaginar como as coisas poderiam ter sido diferentes. Como teria sido se Cubby se

importasse comigo como eu me importava com ele. Então deixei o barco partir, observando as ondas o carregarem para longe, onde seria dissolvido pelo sal.

E depois que ele se foi? Ian e Rowan ainda estavam ao meu lado. Firmes. Significou mais para mim do que eu esperava.

* * *

Houve uma tempestade no meio da noite, um tamborilar suave que se infiltrou em meus sonhos e pintou o céu do fim da manhã com um tom pêssego brilhante. Antes de me levantar da cama, fiquei de barriga para cima e olhei para as rachaduras no teto, experimentando minha nova sensação de leveza.

O nó continuava no meu peito, mas Ian e eu estarmos apoiando um ao outro fazia tudo parecer mais fácil.

Eu me vesti e fui para o quarto dos meninos. Encontrei os dois esparramados na cama, Rowan vestindo uma camiseta rosa com um gato montado em uma orca e Ian debruçado em seu mapa.

Eu aponte para a camisa de Rowan.

— Quantas dessas você tem?

— Um número insuficiente. E bom dia para você também — disse ele, sua covinha me fazendo sorrir.

Aponte para o mapa de Ian.

— Mais uma parada antes do Electric Picnic?

Ele sorriu, pulando da cama.

— O Castelo de Cashel. Ainda não consigo acreditar que o show é *hoje*.

— Não acredito que a *Lina* chega hoje. — Eu ainda estava nervosa, mas agora que a tensão entre mim e Ian havia diminuído, contar tudo para Lina parecia mais fácil.

Rowan checkou o celular.

— Connor disse que podemos pegar o carro depois das dez. Alguém quer tomar café da manhã primeiro?

— Sim! — respondemos Ian e eu em uníssono.

Miriam tinha saído cedinho para ir a uma reunião em Dublin, então, depois de nos despedirmos dos funcionários, arrastamos as malas até a rua principal e paramos em um café azul-cobalto com os dizeres BERTIE'S: CHÁ DE GRAÇA EM TODOS OS PEDIDOS escritos em letras douradas na janela. O pequeno sino da porta tocou quando entramos, e pedimos ovos e torradas para a mulher atrás do balcão.

Eu queria aproveitar a vista do mar o máximo de tempo possível, então, enquanto esperávamos pela comida, escolhi uma mesa perto da janela, segurando a caneca quente de chá de hortelã com ambas as mãos.

Lá fora, turistas passavam na calçada, e eu os observava distraidamente, pondo açúcar em minha xícara e pensando em Lina, ignorando a conversa de Rowan e Ian. Fazia mais de três meses que eu não a via. Como seria nosso reencontro? Nossa amizade continuaria igual a antes da mudança dela? Ou teríamos que nos acostumar uma com a outra de novo?

Nossos pratos tinham acabado de chegar quando, de repente, um dos pedestres me tirou do meu devaneio de hortelã. Ele era alto com ombros largos, usava fones de ouvido enormes e caminhava de um jeito descontraído que me lembrava...

— Walter! — exclamei.

Ele olhou para a janela e parou, encarando Ian.

— NÃO. — Ian deixou a colher cair em sua xícara, respingando chá para todo lado.

Meu instinto era me esconder debaixo da mesa, mas o olhar de Walter passou de Ian para mim e, de repente, estávamos fazendo contato visual. E ele parecia furioso.

— Isso não pode estar acontecendo de novo — resmungou Rowan. — Esta ilha é pequena demais.

— Quem é esse? — perguntou nossa garçonete, com um jarro de água na mão. Walter encostou o rosto na vitrine, sua respiração embaçando o vidro. — Ele é perigoso?

— Só um pouco — murmurei, ficando de pé.

Walter tirou os fones de ouvido e marchou para a entrada, os lábios já se movendo em uma bronca que tivemos o privilégio de ouvir no segundo em que ele abriu a porta.

— ... dois são inacreditáveis! — gritou ele. — Aqui estou eu, fazendo o meu melhor para esquecer que Addie apareceu do nada no Castelo Blarney, e agora vocês estão aqui TOMANDO CAFÉ DA MANHÃ. — Rugiu as últimas palavras como se fosse uma das maiores afrontas que alguém já havia cometido contra ele.

Segredos e Walt não eram uma boa combinação.

— Senhor, acalme-se — ordenou a garçonete, segurando a bandeja como um escudo. — Posso oferecer uma xícara de chá? Talvez um dos nossos sabores mais calmantes? Camomila? Lavanda com limão? É por conta da casa.

— Ele não é muito fã de chá, mas obrigada — respondi educadamente.

— Walt, fique calmo — mandou Ian, afastando-se da janela. —
Cadê a nossa mãe?

Walt arrancou os fones de ouvido do pescoço.

— O que vocês estão fazendo aqui?

Eu gesticulei para Ian.

— Rowan e eu explicamos tudo no Castelo Blarney. Estamos trabalhando na redação de Ian.

Ele balançou a cabeça com uma expressão enojada.

— Nem vem. Conversei com Archie e ele também achou que essa história tem cara de mentira. Ninguém precisa ir para outro país fazer pesquisa só por causa de uma redação para a faculdade. O que significa que você é um mentiroso — disse Walter, apontando para Rowan. — Aposto que você nem usa as colônias de John Varvatos, não é?

Rowan fez uma careta, mas não respondeu.

— Você contou pro Archie? — perguntou Ian com raiva, os pés agitados. O mapa estava aberto na mesa, e ele o empurrou para o lado com um movimento rápido.

Walter franziu a testa.

— Claro que sim. Eu precisava contar para *alguém*.

Lancei um olhar nervoso para a janela. Ele não tinha respondido à pergunta de Ian sobre o paradeiro da nossa mãe.

— Cadê a mamãe? — insisti.

— Na catedral. Eu a convenci a me deixar ficar de fora dessa vez. A catedral ficava a apenas dois quarteirões de distância. Quão perto passamos de dar de cara com eles?

Walt voltou seu olhar furioso para Ian.

— Agora, pela última vez, o que vocês estão fazendo na Irlanda?

A garçonete se desequilibrou ao ouvir o tom dele, e olhei preocupada para o meu prato de ovos mexidos. O café da manhã estava arruinado. E Walt não acreditaria mais em nossas mentiras. Hora de abrir o jogo.

Suspirei.

— Ian, conte logo pra ele.

Ian pegou um maço de guardanapos e limpou o chá derramado.

— Estamos indo para um festival de música chamado Electric Picnic para ver minha banda favorita, Titletrack, fazer sua última apresentação. Esse era meu plano desde o início. Addie acabou descobrindo, por isso que está aqui também.

Walt ergueu as sobrancelhas.

— Eu sabia! Eu sabia que você estava mentindo. Então esse seu mentor internacional aqui é...

— Sou amigo do Ian — disse Rowan. — E fã do Titletrack. E uso mesmo os perfumes de John Varvatos. Artisan Acqua é meu favorito.

Walt o encarou com desconfiança. Ele precisava parar de levar suas fragrâncias tão a sério.

Ian recomeçou a falar:

— Walt, o plano é o seguinte: depois do festival, vamos nos encontrar com vocês em Dublin para pegar o voo...

— Pode parar! — Walter balançou os braços e recuou em direção à porta. — Não me conte mais nada. Apenas tome cuidado e pare de dar de cara com a gente.

— Combinado — respondi, ansiosa.

— Vocês obviamente não estão seguindo o itinerário — insistiu Ian. — Para onde vão agora?

— Eu não sei. Algum castelo?

— Castelo de Cashel?! — Ian bateu com o punho na mesa. — Mas é para onde a gente vai agora!

Rowan balançou a cabeça.

— É um ponto turístico muito popular. Não estou surpreso.

— Bem, vocês não vão mais para o castelo — disse Walt, o pomo de adão subindo e descendo. — Porque se aparecerem por lá, acabou. Mal estou me aguentando agora.

— Walt, por favor. — Eu juntei as mãos em súplica. — Você precisa guardar segredo. Não posso ser expulsa do time de futebol. É só não contar para mais ninguém.

Dos irmãos, Walt e eu éramos os que mais amavam esportes. Ele tinha que entender.

— O que você acha que venho fazendo desde o Castelo de Blarney? Estou tentando ajudar vocês. — Walt tropeçou até a porta, checando a rua antes de abrir. — Eles devem passar mais uns vinte minutos na catedral. É melhor vocês darem o fora daqui. Rápido.

Ele saiu para a calçada, batendo a porta.

— O que a gente faz agora? — perguntei, afastando-me da janela.

— Bem, nós não vamos mais para o Castelo de Cashel. — A expressão de Ian era de pura decepção. — Era bem importante para o artigo.

Rowan empurrou os óculos para cima, acomodando-os melhor no nariz.

— Na verdade... Talvez eu conheça um lugar ainda melhor que o Castelo de Cashel. Precisaremos fazer um pequeno desvio, mas fica perto de Stradbally. E, se os boatos forem verdadeiros, este lugar pode ter relação com Titletrack.

— É mesmo? Onde fica? — perguntei.

Ele sorriu para mim.

— É segredo.

Anel de Fadas Secreto

Não estou exagerando quando digo “secreto”, chuchu. A próxima parada é um verdadeiro achado. Um lugar diferente de qualquer outro. Uma experiência que você vai poder levar na bagagem de mão e tirar ali de dentro quando o idiota do assento 23A começar a se gabar sobre todos os lugares obscuros que visitou. (Não que alguém tenha perguntado.)

Em geral, sou adepta do método “saia andando até encontrar algo interessante”, mas neste caso improvisar não vai ser suficiente. Não quando há magia envolvida. Siga o mapa da próxima página e depois volte para cá.

Conseguiu? Eu sabia que ia conseguir. Você é um poço de capacidade.

Agora, antes de começar a caminhar por aquele aglomerado desprezioso de árvores ao leste da estrada, vou definir algumas regras básicas. Etiqueta de fadas para iniciantes. E não quero soar dramática, mas seguir ou não estas regras pode mudar seu destino.

Então... já sabe, né. Obedeça as regras.

Regra nº 1: Tome cuidado

As fadas precisam de um lugar para dançar e tomar seus chás de fada. E quando se trata de fadas irlandesas, bem, elas também precisam de um lugar para tramar a ruína de qualquer um que já tenha lhes olhado torto. O que me leva à próxima regra.

Regra nº 2: Não irrite as fadas

Fadas irlandesas têm a fama de serem um pouquinho vingativas. No nível “vou roubar o seu bebê e queimar o seu celeiro”. Fadas irlandesas não brincam em serviço, então você também não deve brincar. Fale baixo, não pise nas flores e faça o possível para ter apenas pensamentos bons.

Regra nº 3: Deixe um presente para as fadas

Eu sugiro algo pequeno que seja bonito ou delicioso. Moedas, mel, dedais, tacos de peixe, o primogênito do seu vizinho... Qualquer um desses seria uma excelente opção.

Regra nº 4: Faça um desejo

Visitar a casa de uma fada e não fazer um desejo é como ir a um baile da escola e se recusar a dançar. Não só é algo sem precedentes como também é uma tremenda falta de educação. Além disso, não se esqueça de que as fadas da vida real agem menos como as fadas madrinhas das histórias e mais como *guias para os seus sonhos* — elas ajudam você a descobrir o que seu coração realmente quer e dão uma ajudinha para realizar esse desejo. Então fique atenta, chuchu. Talvez ouça algo surpreendente.

DEVER DE CASA: Escreva seu desejo aqui. Prometo não olhar.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição

O MOTOR DE TREVO ESTAVA MEGAGELADO, FEITO UMA GUINNESS, E O escapamento preso por algo um pouco mais confiável do que um cabide. Tínhamos corrido para a oficina, juntado nosso dinheiro para pagar o conserto e então saído de Cobh feito mafiosos transportando bebida ilegal. A pressa era tanta que eu até pulei o discurso de *eu avisei que era o radiador* que tinha preparado para Connor.

Depois de esbarrarmos em Walt uma segunda vez, havia ficado claro que não era mais uma questão de "*será que nossa mãe vai descobrir tudo?*", mas sim de "*quando nossa mãe vai descobrir tudo?*". Eu me agarrei com todas as forças ao meu último fiapo de esperança. Talvez Walt não contasse nada para ela. Mas ele estava prestes a explodir — qualquer um podia ver isso. Toda vez que um veículo surgia atrás de nós na estrada, eu me virava, esperando ver o ônibus da excursão de tia Mel na nossa cola, minha mãe enfurecida no banco do motorista.

— Você acha que ela já sabe? — perguntei, observando as árvores passarem. — E agora? — repeti, depois de uma pausa.

— Addie... — resmungou Ian, mas por trás da voz tensa havia um tom de divertimento.

Às vezes, o humor era a única forma de lidar com os problemas. Ainda mais quando se estava prestes a ter sua viagem de carro secreta pela Irlanda descoberta e, por conta disso, seria obrigada a abrir mão da coisa mais importante da sua vida.

Olhei para o cabelo desganhado de Ian. Bem, talvez o futebol não fosse a coisa *mais importante* da minha vida. Mas isso não

mudava o fato de que tínhamos começado a viagem com a esperança de que nossos pais nunca a descobrissem, e agora só queríamos manter segredo por mais algumas horas para que pudéssemos ir ao show.

Nossa, a que ponto havíamos chegado.

Pensar em Lina e Titletrack ajudava um pouco: eram a luz no fim do túnel. Meu estômago se contorcia de expectativa.

— Eu ainda acho que Walter não vai dedurar vocês — opinou Rowan.

Ele estava dirigindo uns vinte quilômetros acima do limite de velocidade, disparando reto em vez de fazer as curvas, mas este era o terceiro dia de viagem, então nem pisquei. Na verdade, Rowan era um motorista muito atento, e a segurança que ele me passava em outros momentos acabou sendo transferida para quando estava ao volante. Ian, por outro lado, estava pálido de novo.

Apontei para ele.

— Melhor você pegar mais leve, Rowan. Ian não está com uma cara boa.

— Estou bem — insistiu Ian, mas depois, em um raro momento de honestidade, ele voltou atrás. — Não, você está certa. Não estou bem. — Ele encarou o amigo. — Ainda não entendi o que este lugar do guia tem a ver com o Titletrack.

Rowan abriu um sorriso triunfante.

— Você vai ver.

Qualquer que fosse a relação, Rowan estava muito orgulhoso por tê-la encontrado. A luz do sol às vezes entrava pela janela, e toda vez que batia no seu rosto, uma constelação de sardas surgia na ponta de seu nariz. Era estranhamente hipnotizante.

Encontrar o anel de fadas não era um processo simples. Em vez de dar a informação de um jeito convencional, a Autora do Guia usava marcos tipo “a pedra que é a cara do David Bowie em 1998” e “um celeiro de cor irresistível” para nos orientar. Nós tivemos que ir e voltar algumas vezes pela estrada e pesquisar fotos do David Bowie na internet antes de fazermos qualquer progresso significativo.

Por fim, paramos o carro e atravessamos a estrada até um aglomerado de árvores que não parecia nada promissor. A essa altura, Ian estava uma pilha de nervos. Uma pilha de nervos prestes a vomitar. Tomara que todos os retornos que tínhamos feito valessem a pena.

— O que é um anel de fadas, afinal? — perguntou Ian, saindo da estrada e pisando na lama.

— Os anéis de fadas na verdade são fortes circulares — disse Rowan. — São ruínas de fazendas medievais. As pessoas cavavam fossos e usavam a terra para fazer barreiras em volta. Estão por toda a Irlanda. Mas por um bom tempo ninguém sabia o que eram, então criaram explicações mágicas.

Eu já estava convencida.

— Vamos!

Marchei em direção à floresta como se soubesse o que estava fazendo. Hesitei por um segundo antes de pisar na lama. Tinha a consistência de manteiga de amendoim amolecida. Meu All Star não ia sobreviver àquela aventura.

Ian grunhiu, seguindo em frente. Rowan se aproximou de mim.

— Você sabe o que estamos procurando, certo? É uma formação circular elevada, feita de pedra ou...

— Que nem aquela? — Eu aponte para um aclave arredondado coberto de grama e musgo, e nós apertamos o passo.

Mas encontrar o anel de fadas e chegar ao anel de fadas eram duas coisas muito diferentes. O aclave tinha cerca de um metro e meio de altura e lembrava um escorregador.

— Como nós vamos... — Rowan começou a perguntar, mas Ian, atrás de nós, disparou e escalou a barreira com quatro passadas largas. — Daquele jeito, talvez.

— Uau. Que lugar é este?! — gritou Ian lá de cima.

— Ian, pare de gritar! — avisei, quebrando minha própria regra. — Você vai irritar as fadas.

— Você acha que tenho medo de fadas quando a nossa *mãe* está por aí? — retrucou ele, mas acabou baixando a voz de modo reverente. — Mas é sério. Que lugar é este?

Rowan e eu nos entreolhamos, então tentamos subir. Mas, como de costume, Ian havia feito aquilo parecer mais fácil do que de fato era. Perdi o equilíbrio e caí de bunda na lama duas vezes.

— Precisa de ajuda, Maeve?

Olhei para cima e vi Rowan se controlando para não rir.

— Você está *rindo de mim*?

— De jeito nenhum. Tenho medo demais de você para fazer uma coisa dessas. Só estava aqui pensando se já vi alguém falhar tantas vezes em subir uma colina de um metro e meio.

— É culpa dos meus tênis. Era para eu estar andando de lambreta pela Itália, não fazendo trilha na lama.

Tentei subir a colina de novo, dessa vez permitindo que Rowan me ajudasse. Depois que me equilibrei, cheguei mais perto dele.

— Fale a verdade: este é realmente um lugar significativo para o Titletrack ou você só estava tentando consolar o Ian?

— É verdade.

Rowan era uma das raras pessoas que ficavam ainda mais fofas de perto. Seus olhos acinzentados eram salpicados de azul, e havia uma constelação de sardas em seu nariz.

— Gente! Olhem só isso.

Eu desviei o olhar de Rowan, esquecendo as sardas na hora. Ao nosso redor, árvores altas e bonitas protegiam o anel de fadas, seus galhos formando um gigantesco guarda-chuva. Mas o que mais me impressionou foi a luz. Os raios de sol tinham que atravessar tantas camadas de folhas que, quando chegavam ao anel, lançavam sobre ele um brilho caloroso e mágico.

Se as fadas moravam em algum lugar, tinha que ser ali.

Sem quebrar o silêncio, Rowan e eu descemos com cuidado e entramos no círculo. Ali embaixo, tudo parecia mais silencioso. O vento soprava suavemente pela grama. Bugigangas pequenas e brilhantes cobriam um toco de árvore acinzentado no centro do círculo: três dedais dourados, um isqueiro prateado, dois grampos de cabelo com pérolas e muitas moedas.

— Nossa — sussurrou Rowan.

Ele enfiou a mão no bolso, pegando um punhado de moedas e um chiclete com embalagem prateada.

As fadas da vida real agem menos como as fadas madrinhas das histórias e mais como guias para os seus sonhos — elas ajudam você a descobrir o que seu coração realmente quer e dão uma ajudinha para realizar esse desejo. Então fique atenta, chuchu. Talvez ouça algo surpreendente.

Eu mexi no bolso e encontrei um punhado de moedas que havia sobrado depois de pagar pelo café da manhã. Entreguei uma a Ian.

— Temos que fazer um pedido, e depois deixar uma moeda ali no centro como oferenda.

— Que nem o Jared fez — anunciou Rowan, triunfante.

Os olhos de Ian se arregalaram, e não porque a voz de Rowan estava acima dos decibéis aprovados pelas fadas.

— *Jared* esteve aqui?

Rowan assentiu, finalmente se permitindo sorrir.

— Hoje de manhã eu estava lendo mais sobre os primeiros dias do Titletrack e me deparei com uma entrevista antiga na qual Jared contava sobre a visita que fez a um anel de fadas perto de Cobh. Na verdade, ele estava a caminho de Kinsale, que fica mais ao sul, mas por acaso parou em Au Bohair para almoçar e conheceu a Miriam.

Eu pulei de alegria.

— Ele parou para fazer um desejo, e foi aí que tudo começou. Você acha que esse é o anel de fadas que ele visitou?

Rowan deu de ombros.

— Não dá para ter certeza, mas ele disse que era perto de Cobh, e esta é a única estrada principal que leva a Dublin. E agora vou contar a minha parte favorita da história. Em vez de pedir para se tornar um músico famoso, ele disse que pediu às fadas “a próxima coisa de que precisava”. Apenas *horas* depois, conheceu Miriam, e o resto é a história que a gente conhece.

— Rowan, isso é perfeito! — gritou Ian, sem se preocupar com os delicados ouvidos das fadas. Ele apontou para o centro do círculo: — Este é o verdadeiro início do Titletrack. Bem aqui.

Rowan abriu os braços, orgulhoso.

— Não falei que ia ser legal?

Eu apertei o braço dele.

— Bom trabalho, Rowan.

— Então, hora de fazer nossos pedidos — anunciou Ian. — Se funcionou para o Jared, vai funcionar para a gente. Rowan, você achou este lugar, então pode ir primeiro.

Rowan caminhou até o toco acinzentado e, com todo o cuidado, pôs seu chiclete ao lado de um grampo de cabelo. Ao fazer isso, algo em sua postura mudou. Tornou-se mais receptiva. Houve uma pausa longa e silenciosa, então ele fez seu desejo em uma voz baixa e clara:

— Eu queria que minha mãe e meu pai desistissem um do outro.

De repente me senti uma invasora, espiando um momento particular. Ian e eu nos entreolhamos. Será que Rowan precisava de um tempo sozinho? Comecei a recuar, mas a voz de Rowan me interrompeu.

— Eles sempre brigaram, a minha vida inteira. — Ele se virou para nós, o rosto impassível. — Brigas sérias. Até em público. Uma vez saímos para jantar e a discussão ficou tão feia que alguém chamou a polícia. — Rowan estremeceu de leve. — Fiquei tão aliviado no Ano-Novo, quando me contaram que iam se divorciar, porque pensei: *Finalmente. Acabou.* Mas não acabou. Eles não moram mais na mesma casa, mas ainda estão tão unidos pela raiva quanto estavam pelo casamento. E agora eu estou sempre no meio, não consigo escapar. — Rowan apontou para o carro. — Eles querem que eu escolha com quem vou morar durante o ano letivo. É por isso que todas as minhas coisas estão no Trevo. Ainda não decidi. As duas opções parecem péssimas.

Senti um aperto no coração.

— Rowan...

Não terminei a frase, não sabia o que dizer. A luz do sol se derramava sobre ele, iluminando todas as camadas de sua tristeza. Eu nunca tinha pensado nas relações desse jeito, que o ódio podia ser um elo tão forte quanto o amor. Meu coração doía por ele.

— Eu sinto muito, Rowan — disse Ian. — Não sabia que você estava passando por tudo isso. Eu teria tentado ajudar.

— Você ajudou, mesmo sem saber. — Rowan enfiou a ponta do tênis no chão. — Eu precisava de alguém que me conhecesse fora do contexto familiar. E me desculpem por ter reclamado tanto das suas discussões, mas elas me afetavam muito por causa disso tudo. Sei que a mãe de vocês pode ser rígida, mas dá pra ver que vocês cuidam uns dos outros e que sua família se ama de verdade. — Ele olhou para nós dois, seus olhos sinceros e vulneráveis. — Eu queria ter o que vocês têm.

Instintivamente fui até ele e o abracei.

— Rowan, você tem a gente. Estamos aqui e estaremos aqui quando precisar de nós.

Ian foi para o outro lado de Rowan, e encaramos o toco de árvore. Com todo o cuidado, coloquei uma moeda ali.

— Meu desejo é para o Rowan — falei, medindo as palavras. — Eu desejo que ele seja feliz e que saiba que não está sozinho.

— Eu também — disse Ian, pondo sua moeda ao lado da minha. — Meu desejo é para o Rowan.

Rowan não nos agradeceu. Nem precisava. Durante aqueles últimos três dias surreais, Rowan tinha nos apoiado, mantendo-se

tranquilo mesmo com nossas brigas e comentários ressentidos. Aquela era nossa forma de agradecer.

Por fim, Rowan quebrou o silêncio.

— Eu acho que ajudou. Então, alguém aí quer ir ao Electric Picnic?

— Pode ser — respondi com indiferença, e Ian sorriu. — Não tenho nada melhor pra fazer.

Estávamos saindo do barranco enlameado quando meu celular vibrou. Ian ficou tenso.

— Ah, não. O Walt deu com a língua nos dentes?

Eu aproximei a tela do meu rosto. Era Olive.

ADDIE, VOCÊ TÁ BEM? AGORA TODO MUNDO ESTÁ FALANDO
DE CUBBY E UMA FOTO SUA.

Não. Eu congelei, desejando que as letras se reorganizassem, que formassem uma mensagem diferente. Minha respiração acelerou, minhas mãos começaram a suar.

O “todo mundo” de Olive era maior do que o das outras pessoas. Ela tinha uma daquelas raras personalidades que conseguiam circular por todos os grupos, tão à vontade com as outras meninas do time de futebol quanto com a equipe de debate. Quando ela dizia “todo mundo”, era todo mundo *mesmo*.

O rosto de Ian ficou vermelho enquanto analisava minha expressão.

— Addie, o houve? É a nossa mãe?

Passei o telefone para ele e seu rosto ficou tenso ao ler a mensagem.

— Ah, não.

* * *

Chorei por quase meia hora. As lágrimas simplesmente não paravam de cair. Rowan e Ian se revezaram me lançando olhares preocupados, mas eu mal notava.

Todo mundo sabia. *Todo mundo.*

Pior, e se todos tivessem visto?

Ian e Rowan não paravam de me perguntar se eu estava bem, mas era como se eu estivesse dentro de uma bolha, completamente sozinha. Por fim, Ian canalizou sua energia em obter mais informações com um de seus ex-colegas de time.

— O treinador descobriu, Addie — contou ele, nervoso.

Ian estava me olhando como se eu fosse frágil. Quebrável. Ele não percebia que eu já estava quebrada?

— Como? — Minha voz estava irreconhecível.

— Não sei. *Eu* não contei. Nem mesmo quando ele tentou arrancar de mim e de Cubby o motivo da briga. Mas agora ele sabe. E...

— E o quê?

Parecia que minha garganta estava cheia de algodão. Eu mal conseguia falar.

O joelho de Ian pulava do assento.

— Tem gente dizendo que o Cubby vai ser suspenso do time. Talvez até expulso. São apenas boatos, mas acho que foi assim que a coisa veio à tona.

A coisa.

Essa coisa era *eu*. Meu coração e meu *corpo*, tudo exposto ao julgamento dos outros. Até que ponto isso ia se espalhar? Quanto

tempo até minha mãe descobrir? E meu pai? Eu me encolhi no canto de Trevo, tão infeliz que minhas lágrimas secaram. Ian e Rowan tentaram me consolar, mas não adiantava. Eu já conseguia ouvir os sussurros nos corredores. Já sentia os olhares de garotos que tinham visto mais de mim do que eu queria mostrar. Os professores iam descobrir. Meu treinador também. Eu sentia vontade de vomitar. Piorou quando meu celular começou a apitar com mensagens das outras meninas do time, algumas preocupadas, outras apenas curiosas. É verdade?

Silenciei as mensagens e enfiei o celular sob a pilha de cacarecos de Rowan. O que mais eu podia fazer?

* * *

Quanto mais nos aproximávamos de Stradbally, mais meu corpo se encolhia. Eu soube que estávamos chegando quando as vias ficaram engarrafadas e pequenas setas brancas nos direcionaram para uma estrada de terra iluminada por luzinhas coloridas.

Devagar, nos aproximamos do terreno onde aconteceria o festival em uma longa fila de carros, com pessoas gritando umas com as outras e música no último volume saindo de cada veículo. Isso me fez lembrar do estacionamento da escola todas as manhãs antes de o primeiro sinal tocar. A sensação de estar lá foi tão forte que eu mal conseguia respirar.

— Chegamos — anunciou Rowan, encontrando meus olhos. Seu entusiasmo estava noventa e oito por cento menor do que deveria estar.

Até Ian parecia mais dócil, o corpo visivelmente mais calmo.

Meu irmão olhou para mim e então apontou para um campo aberto cheio de abrigos improvisados — barracas, caravanas, tendas —, todos amontoados como um circo gigante.

— Bem legal, né? — perguntou, a voz suave. — E lembra que a Lina vai chegar daqui a pouco. Tudo vai melhorar.

Ou piorar, pensei, meu estômago se revirando. Apenas algumas horas antes, eu me sentia bem com a ideia de contar tudo para Lina, mas as mensagens de todos lá da escola tinham mudado isso.

Os nomes das áreas de acampamento brilhavam sob a luz do sol. Eles eram acompanhados por desenhos de pessoas famosas: Oscar Wilde, Janis Joplin, Andy Warhol e Jimi Hendrix. Um homem com um colete vermelho nos conduziu para uma vaga e Ian pulou para fora de Trevo, esticando os braços.

— Não acredito que finalmente chegamos.

— Parece que a viagem durou muito mais de três dias — acrescentou Rowan.

Tive que concordar. O Hostel No Fim Do Arco-Íris e a Inch Beach pareciam ter acontecido em outra vida.

Também saltei do carro e, ainda meio atordoada, acompanhei os dois até a barraca para pegar meu ingresso. Lá dentro dos portões, minha primeira impressão foi *caos*. O terreno estava lotado, havia pessoas andando e pedalando para todo lado em algumas das roupas mais estranhas que eu já tinha visto. Havia muitos rostos pintados e figurinos que iam desde capas de couro até tutus de bailarinas. E havia música por toda parte, diferentes melodias se misturando como uma trança apertada. Até Rowan e meu irmão pareceram estar tentando absorver tudo aquilo.

Por fim, Ian se virou para nós e sorriu.

— Eu acho que deveríamos dar uma volta para nos familiarizarmos com o lugar e depois tentar descobrir onde o Titletrack vai tocar. Que tal? — Ele me lançou um olhar esperançoso. Na verdade, o que estava sugerindo era: *vamos distrair a Addie*.

— Parece ótimo — respondi, tentando imitar a esperança em sua voz.

Eu tinha passado por tanta coisa para chegar até ali; o mínimo que podia fazer era tentar me divertir.

Apesar das fantasias e da superlotação, o Electric Picnic começou bastante normal, com todos os elementos habituais de um festival: palcos, barracas de comida, oito bilhões de banheiros químicos, crianças gritando em brinquedos, tendas de tarô... Mas, quanto mais caminhávamos, mais eu sentia que havia entrado em um parque temático.

A primeira coisa realmente estranha com que nos deparamos foi o ônibus afundado. Um ônibus vermelho de dois andares enterrado na lama, a metade inferior quase completamente engolida por uma vala. Depois havia um jukebox humano, que consistia em uma estrutura do tamanho de um elevador que abrigava uma banda inteira atendendo a pedidos de canções. Então três caras de vinte e poucos anos passaram correndo vestidos com trajes de sumô enlameados.

— Vocês viram isso? — quis saber Rowan, olhando-os com uma expressão incrédula. O que passou por último usava um tutu brilhante na cintura.

— E *aquilo*? — perguntou Ian quando avistou um homem andando em uma bicicleta feita com peças de piano.

— É como se a gente tivesse entrado em um universo paralelo — falei, torcendo para que aquilo tudo fosse suficiente para me distrair do celular vibrando em meu bolso.

O cheiro de canela flutuou até nós e Rowan farejou o ar.

— Estou faminto. Seja lá o que isso for, eu quero. Alguém mais está com fome?

— Eu — respondi, para a minha própria surpresa.

Normalmente eu perdia o apetite quando estava chateada, mas a comida do festival parecia boa. Além disso, minha mãe alegava que a maioria das dificuldades da vida poderia ser superada com a ajuda de manteiga e açúcar. Eu estava disposta a tentar.

— Podem ir comer alguma coisa — disse Ian, pegando seu caderno na mochila. — Vou tentar encontrar o palco onde o Titletrack vai se apresentar. Quero tirar algumas fotos.

— Tudo bem. Quer que eu compre alguma coisa pra você? — perguntei.

— Não. Encontro vocês aqui! — gritou Ian, afastando-se, ele e seu coque se misturando à multidão de amantes da música.

Rowan e eu vagamos pelos food trucks e por fim escolhemos um com waffles lindos, que deixavam os meus no chinelo. Pedi uma Nuvem de Chocolate — um waffle belga coberto por uma mistura de chocolate branco e ao leite — e Rowan pediu o Porco Voador, uma combinação de bacon, caramelo e um levíssimo *crème fraîche*.

Nosso pedido demorou e, quando enfim ficou pronto, nos sentamos em uma mesa de piquenique vazia e comemos devagar, em silêncio, pelo qual me senti grata. A maioria das pessoas provavelmente tentaria conversar para me deixar menos mal, mas Rowan não; ele apenas me fez companhia, oferecendo pedaços de

bacon de vez em quando. No momento em que acabamos, o dia estava começando a parecer cansado, as bordas do céu assumindo uma tonalidade dourada.

Eu tamborilei os dedos na mesa.

— Cadê ele?

— O Ian? — perguntou Rowan, lambendo um pouco de *crème fraîche* dos dedos.

— Já passou um bom tempo. Ele devia estar de volta a esta altura.

Olhei para a multidão. A direção em que ele desaparecera estava escura e razoavelmente vazia, então era óbvio que o palco do Titletrack não ficava por ali.

— Ele deve ter perdido a noção do tempo — sugeriu Rowan, chegando mais perto. — Não sei se você reparou, mas seu irmão fica muito animado quando o assunto é música.

Uma risada escapou pelo meu nariz.

— É mesmo? Nunca notei.

Sua covinha apareceu.

— Ah, aí está ela, Maeve.

— Ela quem?

Presumi que ele estivesse se referindo a alguma outra pessoa de fantasia estranha, mas quando levantei os olhos vi que estava me observando.

— A sua risada. — Ele olhou para baixo, brincando com o guardanapo. — Ei, Addie, sei como é quando o seu mundo desaba...

Rowan fez uma pausa, e eu segurei o garfo com mais força, na esperança de que ele dissesse algo como: *Seus amigos terão amnésia coletiva e ninguém vai se lembrar da foto*, ou então na

verdade sou um viajante do tempo que veio salvá-la do seu passado, mas o que ele falou foi:

— Hoje está sendo um dia ruim, mas não vai ser assim para sempre. Eu prometo.

Assenti em silêncio, meus olhos se enchendo de lágrimas. Sabia que ele estava certo, claro. Acontecimentos ruins derrubavam as pessoas o tempo todo, mas elas se levantavam e seguiam em frente. Só que agora havia uma montanha no meu caminho, além de um monte de mensagens vibrando no meu bolso, e eu não fazia ideia de como escalar até o topo.

Eu me ajeitei no banco, lágrimas prestes a jorrar como uma tempestade irlandesa. Mas então Rowan segurou minha mão, seu toque tão quente e reconfortante quanto em Inch Beach.

— Sabe aquilo que você falou no anel de fadas? Sobre você e Ian estarem do meu lado? Isso vale para você também. Sei que não tenho como resolver as coisas, mas estou aqui para o que der e vier.

Seus olhos atrás dos óculos eram sinceros, e um ponto de calma de repente surgiu no meu peito, espalhando-se aos poucos. A vida podia ser bem imprevisível — eu deveria estar comendo espaguete na Itália, mas estava terminando um waffle na garoa fria da Irlanda, na companhia de um novo amigo com quem eu sabia que podia contar.

— Obrigada, Rowan. Isso significa muito pra mim.

Ele viu algo às minhas costas, e sua mão imediatamente soltou a minha.

— Ian voltou.

Dei um pulo, mas, antes que pudesse me virar, um furacão de cabelos cacheados me atingiu com tanta força que quase caí.

— Lina! — gritei, e em resposta ela me abraçou, quase me estrangulando, meu rosto afundado nos seus cachos com cheiro de limão. — Lina, não estou conseguindo respirar!

— Ops. Foi mal.

Ela deu um passo para trás, e ri de tão aliviada que estava em vê-la. A sensação era quase insuportável de tão intensa.

— Lina, você está linda! — falei.

Era verdade. A Itália parecia ter feito bem para ela. Sua pele estava bronzeada e, em vez de tentar domar o cabelo como sempre fizera, ela o deixara solto em cachos volumosos e definidos. Talvez tivesse sido a familiaridade selvagem de seus cabelos que me afetou, mas de repente comecei a piscar para conter as lágrimas. *Por favor, não posso começar a chorar nos primeiros segundos depois de vê-la.*

— Não acredito que estou aqui. Que lugar é este? Lá na entrada, vi dois caras correndo dentro de uma bola de plástico gigante. — Lina deu um passo para trás, reparando em Rowan. — Você é o Rowan?

— É, sou eu — disse ele, apertando a mão dela.

Esperei que Rowan fizesse a cara que todos os garotos faziam quando conheciam Lina — com aquele cabelo e os olhos enormes, ela era uma visão e tanto —, mas ele apenas sorriu educadamente e então olhou para mim.

— Já entendi por que vocês são amigas. As duas gostam de entradas dramáticas.

Lina sorriu e pôs o braço no meu ombro.

— A gente se esforça.

Ian apareceu de repente, envolvido em uma conversa com um cara da altura de Lina, com o cabelo escuro e encaracolado todo bagunçado.

— Ian nos encontrou perto do bosque das fadas — explicou Lina.

— Você que é o Ren? — perguntei ao recém-chegado.

Seu nariz era excepcionalmente italiano e, quando ele sorriu, um pequeno espaço entre os dentes da frente me deixou à vontade na mesma hora. Ren me puxou para um abraço.

— É tão bom conhecê-la. Ouvi muitas coisas sobre você.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas ainda assim fiquei um pouco tensa. *Não essas coisas*, lembrei a mim mesma. Ele não estava falando das mensagens ou de Cubby. Mas era tarde demais. O pânico percorreu meu corpo e, de repente, fiquei tonta. Por tanto tempo, contar para Lina o que acontecera tinha sido apenas uma projeção futura, e agora o momento havia chegado.

Claro que ela reparou no meu desconforto na hora.

— Addie? Está tudo bem?

Era melhor contar logo. Acabar com aquilo de uma vez. Engoli em seco.

— Lina, podemos conversar em parti...

— Acabei de encontrar um museu sobre o Titletrack no meio do mato — interrompeu Ian, aproximando-se de mim. — Não sei quem é o responsável, mas vocês precisam ver isso.

E, antes que eu pudesse protestar, Ian começou a nos arrastar na direção de onde tinha vindo, Rowan e Ren logo atrás de nós. Tentei firmar os pés no chão, mas ele era forte demais.

— Ian, para! Preciso falar com a Lina. Preciso contar a ela sobre...

Não terminei a frase, esperando que meu irmão entendesse a indireta. Em vez disso, ele apertou o passo, e começamos a correr.

— Desculpe, mas isso não pode esperar. O show começa em menos de uma hora.

Os cachos de Lina estavam balançando ao nos acompanhar, e ela virou o pescoço para trás.

— Todo mundo aí?

— *Ma certo* — respondeu Ren.

Foi então que percebi que Ian não estava me puxando sozinho — Lina também estava. Ela parecia tão empenhada em chegar ao museu quanto Ian.

— O que está acontecendo? — exigi saber. — Por que estamos correndo?

— Apenas confie na gente — falou Lina, apertando meu braço, e então todos os quatro olharam para mim com grandes sorrisos, idênticos ao do gato de Alice no País das Maravilhas.

Isso estava oficialmente ficando esquisito.

* * *

Ian finalmente parou sob a copa de várias árvores decoradas. CDs antigos pendurados por fitas balançavam na brisa suave da noite, e luzinhas coloridas envolviam os galhos. Velas tinham sido acesas em um toco de árvore que me lembrou o do anel de fadas.

— O que é isso? — perguntei, parando de correr.

— Desculpe, Addie. Sei que você estava muito animada para visitar o museu do Titletrack, mas não é bem isso que temos aqui.

— Ian sorriu para mim, então se virou para Lina. — Você trouxe as vestimentas cerimoniais?

— Claro.

Ela desenganchou o braço do meu e, em seguida, deixou sua mochila volumosa cair no chão, pegando quatro pedaços compridos de tecido branco e jogando-os para os outros.

Fiquei olhando enquanto os quatro começaram a torcer o tecido em togas.

— Isso são lençóis? O que está acontecendo?

Ian deu um nó no ombro dele.

— Estamos vestindo os trajes cerimoniais.

— Que história é essa de cerimônia?

— E isso é pra você. — Lina puxou um xale cor de ameixa comprido do fundo da mochila e o colocou sobre meus ombros com todo o cuidado, passando o meu rabo de cavalo.

Eu agarrei a ponta do xale e a segurei contra a luz. Ele era coberto por mandalas intrincadas.

— Onde eu já vi este xale antes?

— Era da minha mãe. Ela usava sempre que havia uma exposição de suas obras em alguma galeria. Dizia que com ele se sentia uma rainha.

Meu coração começou a bater mais rápido.

— Lina, isto é especial. Você tem certeza de que quer que eu use?

— Na verdade, quero que você fique com ele.

Ela endireitou o xale em meus ombros, e mordi o interior da bochecha, contendo meu protesto. Cada pedacinho de mim queria recusar o presente, mas não consegui... Era valioso demais.

— Obrigada — agradei, a voz vacilante.

— De nada. Agora vamos começar. Acompanhante?

Lina gesticulou para Rowan, que foi para meu lado na mesma hora e me escoltou até o toco de árvore iluminado.

— Rowan, pode me dizer o que está acontecendo? — sussurrei.

— Você sabia disso?

Sua covinha se iluminou sob as luzes coloridas.

— Desculpe, Maeve, mas jurei guardar segredo. O que posso dizer é que não é um museu do Tittletrack.

Ian gesticulou para o toco de árvore.

— Pessoal, cada um pegue uma vela para Addie poder ficar de pé ali.

O cabelo dele parecia ainda mais despenteado do que o normal, o capuz do moletom aparecendo por cima da toga.

Eu balancei a cabeça.

— Ah, não. Não vamos repetir o que aconteceu em Au Bohair.

O toco estava completamente envolvido por luzinhas coloridas e, apesar de estarmos mais afastados, ainda havia muita gente nas redondezas, e algumas pessoas já paravam para nos ver.

— Relaxa. Você não precisa dizer nada. Nós é que vamos falar. Então suba logo — disse Ian com firmeza.

— Por quê?

Ele suspirou alto.

— Você pode, por favor, não discutir comigo? Só dessa vez? Por favor?

Foi o “por favor” extra que me convenceu. Subi no toco e depois me virei para encará-los. Eles formaram um semicírculo ao meu redor, as velas projetando sombras estranhas em seus rostos.

Parecia que eu estava prestes a passar pela iniciação de um culto. Ou ser sacrificada.

— O que está acontecendo?

Eles compartilharam um sorriso conspiratório. Então, Ian acenou para Ren.

— Ok, mestre de cerimônias. Pode começar.

Ren pigarreou e em seguida sua voz se projetou pelas árvores:

— Senhoras e senhores, irlandesas e irlandeses. Temos diante de nós uma linda donzela...

— Ren, não improvise — interrompeu Lina. — Siga o roteiro. Aquilo que combinamos.

— *Nessun problema*. — Ele pigarreou de novo. — Em um belo dia de verão, algumas pessoas que amavam uma garota queriam que ela soubesse que sempre poderia contar com elas. Então realizaram a primeira cerimônia da rainha Maeve. Aqui mesmo em Stradbally, diante de uma multidão.

A parte da “multidão” era verdade. A plateia estava crescendo a cada segundo, sem dúvida esperando por um show. Ren gesticulou de modo teatral, a voz chegando ao topo das árvores.

— E assim, como a rainha Maeve de tempos passados, nós a pusemos em um lugar alto e vamos honrá-la com uma pedra de cada vez.

Foi então que reparei na pilha de pedras a seus pés e percebi o que pretendiam. Estavam recriando a tumba crescente da rainha Maeve — a história que Rowan havia contado quando me deu o apelido.

— Espera aí. Quem teve essa ideia? — perguntei.

— Ian — respondeu Lina.

Ele balançou a cabeça.

— Todos nós merecemos algum crédito. Rowan deu o apelido, eu pensei na cerimônia, Lina trouxe todos os suprimentos e Ren é o mestre de cerimônias.

— Ian me ligou pouco antes de sairmos para o aeroporto — completou Lina. — Eu só tive quinze minutos para me preparar.

— Minha mãe ajudou — acrescentou Ren. — Ela tem um número surpreendente de luzinhas de Natal.

— Isto é... — Eu mordi o lábio, sem saber o que dizer. Meus olhos estavam marejados. — Então, o que eu faço?

— Só precisa ficar aí parada. — Ren se virou para Lina. — Sua vez, *princesa*.

Lina pegou a pedra mais próxima, tropeçando em sua toga ao chegar mais perto.

— Uma boa amiga é como um trevo de quatro folhas. Temos sorte de encontrar. — Ela fez uma pausa, pesando a pedra em sua mão. — Essa frase não é minha. Vi em uma camiseta no aeroporto. — Lina se virou um pouco, dirigindo-se ao grupo. — Para quem ainda não sabe, minha mãe morreu no ano passado. A doença foi muito repentina, e também muito rápida. — Sua voz fraquejou, mas ela olhou nos meus olhos e continuou, falando um pouco mais baixo: — Você se lembra, no fim, de quando minha mãe não conseguia mais respirar sozinha e os médicos sabiam que seria apenas uma questão de horas?

Assenti. Aquela memória estava gravada na minha mente. Nunca me esqueceria do momento em que atendi o telefone. Lina chorava tanto que eu não conseguia entender uma palavra do que dizia. Só

que eu precisava ir para o hospital. Rápido. O velho nó tomou minha garganta.

Lina respirou fundo, fazendo a chama da vela oscilar.

— Eram quatro da manhã, e embora eu soubesse que o momento estava próximo, de repente senti como se tudo tivesse acabado de acontecer. Como se o diagnóstico e os tratamentos e tudo o mais não passassem de uma piada de mau gosto. Minha avó estava lá, chorando tanto... E minha mãe estava conectada a um monte de monitores. Foi o momento em que entendi de verdade que estava prestes a perdê-la. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas Lina não se deu ao trabalho de enxugá-las. Ren pôs a mão no ombro dela. — Mas você sabe o que mais me marcou aquela noite?

Balancei a cabeça, sem confiar na minha voz.

— Você. Menos de dez minutos depois do telefonema, você estava vindo correndo pelo corredor até o quarto dela. Todas as enfermeiras estavam gritando para você parar, mas você não quis nem saber, continuou correndo direto para mim. E saiu de casa tão rápido que nem calçou os sapatos. — Ela fez uma pausa, os olhos brilhando. — Sempre vou me lembrar disso. Você a toda descalça pelo corredor, as enfermeiras gritando. Essa é você de verdade, e nunca vou me esquecer de que, quando mais precisei da minha amiga, você literalmente não hesitou nem um segundo. Só apareceu. — Ela deu um passo à frente, pondo a pedra na base do toco. — Salve a rainha Maeve. Minha melhor e mais rápida amiga.

Nós duas estávamos chorando, as lágrimas escorrendo pelas bochechas. Eu nunca tinha pensado que aquela noite terrível pudesse conter algo além de dor. Algo que Lina levaria consigo como um conforto.

— Minha vez. — Ren pegou uma pedra e deu um passo à frente, apertando o ombro de Lina. — Todo mundo aqui já comeu jujuba?

A mudança repentina de assunto me fez rir. Algumas pessoas de fora do nosso semicírculo assentiram, e mantive os olhos em Ren, tentando não me distrair com a plateia, que agora tinha três fileiras. Lina uma vez confessara que Ren tinha uma aparência que ia conquistando aos poucos — quanto mais você o conhecia, mais bonito ele ficava. De repente, entendi exatamente o que ela queria dizer.

Ren continuou:

— Bem, eu amo jujubas. Sempre que vou aos Estados Unidos, como sem parar. E todo mundo sabe que há uma ordem especial para comer jujubas. Tipo, você esvazia um pacote e come todas as vermelhas primeiro, depois as verdes, as laranja e as roxas, deixando as amarelas só para quando está realmente desesperado?

Onde ele queria chegar com aquilo? Eu olhei para Lina, mas ela apenas sorriu.

— Enfim, o que estou tentando dizer, Addie, é que você é uma jujuba vermelha. Todo mundo sabe disso. Aliás, esquece o que eu disse. Você é ainda melhor. Você é um pacote daquelas edições limitadas em que só vinham as vermelhas. E eu sei disso porque, quando Lina precisou de você, você estava lá. — Ele colocou sua pedra no chão. — Salve a rainha Maeve. A jujuba mais vermelha de todas.

— Obrigada, Ren — sussurrei.

Meu corpo parecia não saber lidar com o que estava acontecendo. Era para rir? Chorar? Aproveitar? Com certeza ia aproveitar.

Em seguida, Rowan deu um passo à frente, segurando sua pedra ao lado do corpo. O toco de árvore nos deixava quase da mesma altura, mas ele não encontrou o meu olhar, e seu nervosismo me contagiou. Meu coração começou a bater ainda mais forte.

Ele respirou fundo.

— Certo. Vai ser difícil superar a metáfora da jujuba vermelha, mas lá vou eu. — Ele se balançou nervosamente, um movimento que parecia inspirado em Ian. — Há três dias, eu estava sentado no meu carro caindo aos pedaços quando vi uma garota derrubar o irmão no meio de um estacionamento. Eu a achei surpreendente. E diferente. Então convenci o tal irmão a deixá-la vir com a gente, o que acabou arruinando completamente os planos de viagem dela. — Ele olhou para cima, culpado, arrastando os pés. — Mas os três dias seguintes foram incríveis, porque descobri que ela era mais do que esquentadinha. Era esperta. E leal. E completamente incapaz de usar roupas adequadas ao clima. Nós conversamos sobre coisas que eu nunca tinha falado para ninguém. E mesmo quando nosso carro alagou e fomos perseguidos por cães de guarda... Eu não parava de pensar: *queria que esta semana nunca terminasse*.

Ele ergueu o queixo, olhando-me diretamente nos olhos.

— E eu queria dizer que você não precisa daquele cara da sua escola. Você não precisa de ninguém, a menos que queira. Você se basta sozinha. Você mais que se basta. Você é Maeve.

Uma sensação quente e tranquila repousou sobre meus ombros, leve como um segundo xale. Era disso que eu havia me esquecido durante o verão: que ser ou não escolhida não definia o meu valor. Eu tinha valor independentemente disso. Eu me bastava sozinha. Eu queria descer e abraçá-lo, mas, em vez disso, olhei para baixo.

— Obrigada, Rowan — sussurrei.

— De nada. Salve a rainha Maeve. — Ele se inclinou para colocar sua pedra na pilha e baixou a voz, de modo que só eu pudesse ouvi-lo. — Eu não queria ter que me despedir de você amanhã.

— Nem eu — sussurrei de volta.

Por cima da cabeça de Rowan, Lina me olhava com uma expressão alegre, incapaz de conter um sorriso. Eu sorri de volta.

Rowan voltou ao seu lugar, e Ian avançou, segurando a vela diante do caderno aberto em uma página preenchida. Ele havia preparado um discurso. Eu me empertiguei.

— Você se lembra daquela pergunta que o sr. Hummel gosta de fazer no começo de cada semestre? “Se uma árvore cair na floresta e ninguém estiver por perto para ouvi-la, ela ainda fará barulho?”

Eu assenti. Era um daqueles questionamentos que faziam o cérebro derreter.

A vela de Ian balançou.

— Bem, a primeira vez que ouvi essa pergunta, pensei em você. Porque, durante a minha vida inteira, a não ser que você estivesse ao meu lado... me ajudando a apagar as velas de aniversário, torcendo por mim nas arquibancadas, me acompanhando em nossas excursões... era como se o que quer que eu estivesse fazendo não importasse. Não contasse. Você é a única pessoa que conhece a minha vida inteira, que esteve comigo em todos os momentos. O que faz de você a testemunha da minha vida. — Ele baixou o caderno. — Então, qual é a resposta? Se uma árvore cai em uma floresta e sua irmãzinha não está lá para ouvi-la, será que ela faz barulho? Eu não sei. Só fico feliz por estarmos na mesma floresta. —

Ele pôs a pedra no chão e recuou para ficar ao lado dos outros. — Salve a rainha Maeve, minha melhor e mais antiga amiga.

As lágrimas escorriam até meu queixo, e fiquei olhando para Ian, seus olhos brilhantes formando um espelho que refletia todas as coisas que via em mim. Então ouvi mais uma voz, desta vez na minha mente: *E você, docinho? O que vê em si mesma?*

Olhei para dentro com atenção. Vi muitas coisas: coragem, compaixão, perseverança, insegurança, até medo. Mas, emergindo de tudo isso, vi Maeve. Seu cabelo brilhava e ela segurava um escudo, o trono imponente atrás dela. E de repente era eu quem estava no trono — um manto grosso e macio me envolvendo.

O ano seguinte seria difícil, com certeza. E talvez até o ano depois dele. Mas eu era forte o bastante. E corajosa o bastante. Eu era Maeve e ia conseguir superar isso.

Eu pulei de cima do toco de árvore e deixei meus amigos me cercarem em um casulo quente e apertado.

* * *

Quem ainda não estava posicionado no gramado em frente ao palco do Titletrack estava se encaminhando para lá, vindo de todos os cantos possíveis. A banda era a atração principal de todo mundo, não apenas a nossa.

Um ruído abafado e distante soou no equipamento de som, provocando um rugido na multidão e nos fazendo acelerar o passo. Ian foi na frente, sua toga arrastando na lama. Nenhum de nós se deu ao trabalho de tirar os trajes cerimoniais; não dava tempo. Na

verdade, isso fez com que a gente ficasse mais parecido com o resto das pessoas do festival.

— Vou arrumar um lugar para a gente — disse Ian, então desapareceu na multidão.

— Só espero que a gente consiga encontrá-lo depois.

Eu estava segurando a mão de Rowan com força, em parte para evitar que fôssemos separados e em parte porque, depois que o abraço em grupo havia terminado, aquilo acabara acontecendo. Não conseguia parar de pensar em como nossas mãos se encaixavam. Parecia que elas tinham passado aquele tempo todo separadas por um oceano só esperando uma oportunidade de se encontrarem.

A multidão estava ficando agitada, beirando o absurdo. Nós tínhamos acabado de escapar por um fio de ser atropelados por um homem fantasiado de pavão em uma bicicleta quando um ruído estrangulado e surpreso que soou vagamente como “ai, meu Deus” explodiu atrás de mim.

— Lina, o que houve? — perguntou Ren.

— Addie — chamou Lina, pondo a mão nas minhas costas, a voz ainda estrangulada.

Eu me virei para ela, que estava com os olhos arregalados, mas minha atenção foi tomada por algo que se movia como um foguete na nossa direção, atravessando a multidão. Por acaso aquilo era...?

Era sim.

O foguete era minha mãe.

— Ai, meu Deus — disse, ecoando as palavras de Lina.

Corra, aconselhou meu cérebro, mas mesmo em meu estado de pânico eu sabia que era uma ideia terrível. Correr apenas resultaria em uma perseguição.

Minha mãe surgiu ao meu lado em questão de milissegundos.

— Olá, Addison. Lina. — Seu tom era grave e completamente aterrorizante. — É melhor você começar a se explicar. Agora.

— Como você... — gaguejei. — Como nos encontrou?

A resposta à pergunta apareceu à esquerda de minha mãe. Walter. Acompanhado por Archie, que segurava um algodão-doce gigantesco.

— Walter, você contou pra ela?! — gritei.

Ele ergueu as mãos em protesto.

— Não fui eu. Foi o Archie. Ele arrancou o segredo de mim e depois contou para ela.

— Ei! — Archie tentou acertar Walter no rosto com o algodão-doce, mas minha mãe segurou o braço dele no meio do caminho. — Não coloque a culpa em mim.

— Chega de conversa.

Minha mãe se virou para mim com um olhar petrificante. Nem todo mundo sabia disso, mas, nos tempos de faculdade, ela era uma das principais jogadoras de roller derby do estado. Em momentos como aquele, eu entendia muito bem por que seu apelido no ringue de patinação era Medusa.

— Addison, você deveria estar na Itália. *Na Itália*. — Enquanto eu tentava pensar em uma resposta, minha mãe se virou para Lina. — Howard sabe que você está aqui?

— Rowan, vá avisar Ian! — sussurrei, aproveitando a distração momentânea.

Ele concordou e correu em direção à multidão, sem dúvida mais que feliz em escapar da Medusa.

Lina assentiu, um pouco animada demais.

— Como é bom vê-la, sra. Bennett. E sim, ele sabe. Foi Howard quem comprou minha passagem pra cá. — Ela empurrou Ren para a frente, claramente contra a vontade dele. — Este é meu namorado, Ren.

— Olá — conseguiu dizer Ren. — É um prazer conhecê-la.

Ele murchou sob o olhar de minha mãe, então fui ao seu resgate.

— Mãe, eu posso explicar. Este show é muito importante para o Ian...

Ela levantou a mão com raiva, silenciando-me.

— Cadê o seu irmão?

E agora, o que eu deveria fazer? A última coisa que queria era que ela encontrasse o Ian. E se ela o impedisse de ver o show?

— Hã... Eu não sei.

— Meninos! — Minha mãe estalou os dedos, e Archie e Walt se empertigaram. — Vocês dois são os mais altos nesta multidão. Encontrem o Ian.

Walt ficou na ponta dos pés, esticando o pescoço por cima das pessoas, e Archie foi até um dos equipamentos de som e começou a escalar.

— Acho que é proibido subir ali — comentou Lina, no instante em que um dos seguranças começou a correr atrás dele.

— Estou vendo um coque e uma toga branca logo à frente! — gritou Archie quando o segurança começou a puxá-lo de volta para o chão.

— Por que vocês estão usando togas, aliás? — perguntou Walter.

De repente, a multidão gritou de alegria, e a comemoração foi seguida por uma música estridente. Meu coração deu uma cambalhota.

— Mãe, o show está começando. Não tenho tempo para explicar agora, mas esta é a coisa mais importante que já aconteceu na vida do Ian. Você precisa deixar ele assistir até o final.

Minha intensidade pegou todos desprevenidos, a mim inclusive. Catarina ficaria orgulhosa. *Regra número quatro: demonstre paixão. Ninguém pode discutir com paixão.*

Minha mãe recuou um pouco, as sobrancelhas perfeitas se erguendo.

— Parece que vocês dois estão se dando bem de novo.

Eu assenti.

— Melhor do que nunca.

Ela hesitou, depois gesticulou para Archie e Walter.

— Venham comigo.

Não preciso nem dizer que todos nós obedecemos.

Apesar de Rowan ter lhe dado alguns minutos de sobreaviso, o rosto de Ian ficou branco feito papel quando ele a viu.

— Mãe — disse ele em uma voz estrangulada. Parecia que era o único tom em que conseguíamos cumprimentá-la.

— Ian — respondeu ela com frieza. — Há muitas coisas que gostaria de lhe dizer agora, mas sua irmã contou que este show é a coisa mais importante do mundo para você. Então, vou deixá-lo assistir. — Ela apontou para o peito dele. — Mas assim que acabar vocês vão passar por um interrogatório rigoroso e provavelmente ficarão de castigo pelo resto da vida. Entendido?

— Sim, senhora. Obrigado.

Ian me lançou um olhar agradecido. Em nossa família, “senhora” era um código para *sei que você vai acabar com a minha raça e tem todo o direito de fazer isso.*

Minha mãe assentiu, satisfeita.

Rowan deu um passo à frente, torcendo as mãos de um jeito nervoso.

— Sra. Bennett? Eu sou Rowan. Prazer em conhecê-la.

Ela inclinou a cabeça.

— Ah. O tutor irlandês.

— Ele é meu amigo — falou Ian.

— E meu também — acrescentei.

— Então me diga uma coisa, amigo Rowan, por que estamos aqui atrás quando o Titletrack está prestes a se apresentar no palco lá na frente? — Ela ergueu o queixo em direção à massa de corpos agitados. — Como vamos conseguir ver alguma coisa daqui?

— Isso é realmente um problema — admitiu Rowan. — A gente deveria ter chegado mais cedo. Talvez ontem.

Ian mordeu o lábio, o rosto desanimado, e me senti desafiada. *Ah, não.* Eu não tinha passado por tudo aquilo nos últimos dias apenas para ficar de braços cruzados no fundo do show enquanto meu irmão se transformava em uma bola de decepção.

Mas, antes que eu pudesse pensar em uma solução, minha mãe bateu palmas.

— Vamos lá, pessoal. Deem as mãos. Vamos chegar mais perto do palco.

— Mas como? — perguntou Ian. — Essas pessoas devem ter passado a semana toda esperando.

— Ian, não discuta comigo. Este talvez seja seu último dia de vida, então é melhor aproveitá-lo.

Um brilho se acendeu nos olhos dela enquanto observava a multidão, e de repente me lembrei do estoque de discos antigos que

ela guardava no sótão desde que eu me entendia por gente. Pelo visto, Ian tinha puxado à nossa mãe.

— Estou falando grego? — perguntou ela quando nenhum de nós se moveu. — Deem as mãos.

Todos os que não pertenciam à família Bennett ficaram com os olhos arregalados de incredulidade enquanto segurávamos obedientemente as mãos uns dos outros.

— Prontos? — Minha mãe se virou decidida para a massa compacta de pessoas à sua frente, a Medusa se revelando em todo o seu esplendor aterrorizante. — COM LICENÇA!

— Ei, cuidado aí! — reclamou um cara de chapéu azul quando ela deu uma cotovelada nele.

— Cuidado aí *ocê* — retrucou ela. — Estou prestes a botar meus filhos de castigo pelo resto da vida por causa deste show. O mínimo que eles podem fazer é se divertir.

— Caramba — disse o amigo do Chapéu Azul. — Pode passar.

— Alguém já disse que *ocê* é igualzinha à sua mãe? — sussurrou Rowan, sua mão segurando a minha com força. — Não sei quem é mais assustadora, Maeve ou a mãe da Maeve.

— Vou tomar isso como um elogio — sussurrei em resposta.

Demorou quase a apresentação inteira da banda de abertura, mas minha mãe e seus cotovelos conseguiram nos levar até lá na frente, chegando mesmo a abrir um pequeno espaço para ficarmos juntos.

Quando ela parou de atacar a multidão, as pessoas se aglomeraram de novo, e fomos imprensados.

— Mãe, isso foi incrível! — exclamou Ian, extasiado. — Obrigado.

— Não vou dizer “de nada”, porque isso daria a entender que aprovo seu comportamento — retrucou ela, mas seus olhos

brilhavam.

Eu fiz o possível para me acomodar. Meu corpo inteiro estava dolorido e pegajoso depois de colidir com tantos fãs do Titletrack. Todo mundo suava. A temperatura bem no meio da multidão era pelo menos dez graus mais alta do que ao redor.

Lasers tomaram o palco, banhando a plateia em um vermelho brilhante e, então, quatro silhuetas apareceram lá como em um passe de mágica.

— São eles! — gritou Ian, agarrando meu braço com tanta força que parecia um torniquete. — Rowan! Addie! São eles! Olha lá!

— Ian, me solta! — gritei, mas minha voz foi sugada pelo vórtice de berros da multidão.

Os primeiros acordes soaram e reconheci a música imediatamente. "Classic". A do clipe em Burren. Por um instante, Ian pareceu aturdido demais para reagir, mas então, em vez de sorrir, uma lágrima grossa escorreu por sua bochecha, iluminada pela luz vermelha.

— Qual o problema? — gritei.

Ele apertou meu braço de novo, as unhas cravando meias-luas na minha pele.

— A gente está aqui! — respondeu ele.

O resto da banda se juntou à música, enchendo meus ouvidos e me ancorando ao momento e a Ian. De repente, comecei a pensar em outro aspecto do meu futuro. Dali a um ano, Ian iria para a faculdade, e nós viveríamos longe um do outro pela primeira vez. Como seria a vida sem ele ao meu lado?

Tentei imaginar, mas a única coisa que me veio à mente foi a estrada que percorremos até o Electric Picnic, Ian cantando as

músicas do Tittletrack no carro, a Irlanda verde e misteriosa passando pelas janelas.

Tive certeza do que eu precisava fazer.

Antes que pudesse perder a coragem, estendi o braço e puxei a manga da minha mãe, que estava ao lado de Ian.

— Mãe, depois do show eu preciso contar uma coisa. É importante. De verdade.

Ela tirou os olhos do palco no mesmo instante em que Ian apertou minha mão.

A estrada adiante ficava mais estreita e depois mais larga, então desaparecia no horizonte, longe demais para eu enxergar o que me esperava lá na frente. E eu me entreguei.

Amor & sorte

Você percorreu um longo caminho, meu chuchu. O chuchu mais chuchuzento do mundo. Nem imagina o tamanho do orgulho que enche meu peito por saber que você não só explorou a Ilha Esmeralda, mas também CUROU seu coração partido. Está cem por cento melhor, nas nuvens, uma porta se fechou e dez se abriram, a beleza brotou em meio ao sofrimento.

Não é?

Não é?

Vamos parar de bobagem, chuchu. Porque agora que nosso tempo está acabando, sinto que é hora de confessar a verdade. Não quero que seu coração seja curado. Nunca quis.

O quê?! Você era uma vilã esse tempo todo?, é o que você deve estar se perguntando. Não, chuchu. De jeito nenhum. Ouça o que tenho a dizer.

Sabe o que eu mais amo nos seres humanos? A nossa estupidez e teimosia. Quando se trata de amor, nunca aprendemos. Mesmo sabendo os riscos. Mesmo quando faria muito mais sentido nos mudarmos para cavernas individuais com ar-condicionado, onde pelo

menos nosso coração teria uma chance de permanecer intacto. Conhecemos os riscos de deixar nosso coração vulnerável e, mesmo assim, continuamos a fazê-lo.

Continuamos nos apaixonando e tendo bebês e comprando sapatos lindíssimos que acabam com nossos pés. Continuamos adotando filhotinhos de cachorro, fazendo novos amigos e comprando sofás brancos mesmo sabendo que uma fatia de pizza vai cair nele. Nós continuamos fazendo todas essas coisas.

Seria por ignorância? Amnésia? Ou algum outro motivo? Algo mais corajoso?

Você abriu este guia porque seu coração estava partido e você queria curá-lo. Mas esse nunca foi o plano do universo. Muito menos o *meu* plano. Os corações ficam vulneráveis porque foram feitos para isso. O sofrimento faz parte. É um pequeno preço a se pagar pela confusão alegre e selvagem que você receberá em troca.

Eu odeio despedidas, então, em vez disso, permita-me um último pensamento, um pequeno pingente irlandês para levar na sua pulseira. Você sabia que cada folha de trevo representa algo? É verdade, chuchu. Fé, esperança e amor. E caso encontre um trevo de quatro folhas... Bem, a quarta folha significa sorte. Então, meu bem, desejo-lhe todas essas coisas. Fé, esperança, amor e sorte. Mas, acima de tudo, desejo-lhe amor. Que é também um tipo de sorte.

— Trecho de *Irlanda para corações partidos: um guia não convencional da Ilha Esmeralda*, 3ª edição



Epílogo



IAN ESTACIONOU SEM DIFICULDADE E DESLIGOU O MOTOR, MAS MANTEVE o rádio ligado. Titletrack estava tocando, claro. Desde que havíamos voltado para casa, escutávamos a banda sem parar, as músicas se misturando no corredor entre nossos quartos, às vezes competindo, às vezes em harmonia. Elas tornaram uma semana difícil bem mais suportável.

Todo mundo tinha ficado bastante chateado. Eu não queria mais guardar segredo, então assim que estávamos todos reunidos de novo, convoquei uma reunião familiar e contei tudo. Meus irmãos tiveram que ser impedidos à força de ir até a casa de Cubby, e meu pai ficou com os olhos marejados, em silêncio, por dez terríveis minutos, mas minha família me apoiou. E teve um lado positivo: minha confissão abriu caminho para a de Ian. O fato de ele ter desistido do futebol americano foi apenas um fogo de artifício perto da minha bomba atômica.

Baixei o quebra-sol para examinar minhas olheiras no espelho. O *jet lag* da viagem, somado ao nervosismo, tinha provocado muitas noites de insônia. Na noite anterior, acabei ligando para Rowan, e ficamos ao telefone até as duas da manhã assistindo a um filme péssimo que ele encontrara no YouTube sobre uma princesa guerreira celta chamada Maeve, que vencida todos que se punham em seu caminho. Acho que ele estava tentando me animar.

Ian baixou o volume.

— O Natal está chegando, né?

Minhas bochechas coraram. Às vezes eu podia jurar que meu irmão era capaz de ler meus pensamentos.

— E daí?

— Um irlandês me disse que faltam apenas sessenta e oito dias até as férias de fim de ano dele. Somos bons amigos e tal, mas essa contagem regressiva não tem nada a ver comigo. Tem a ver com você.

— Pode parar, Ian.

Como eu tinha previsto, uma vez resolvida a situação, minha mãe e Rowan tinham virado amigos rapidamente. E agora ele viria nos visitar no Natal. Cada vez que pensava em revê-lo, eu sentia um tímido frio na barriga.

Ficamos encarando o para-brisa, nenhum dos dois com pressa de sair do carro. Era impressão minha ou a quantidade de alunos havia magicamente triplicado? Por um momento, minha visão ficou turva. Quantos sabiam sobre a foto?

Provavelmente a maioria.

— Maeve, você está pronta? — perguntou Ian, e o som de seus dedos tamborilando interrompeu meus pensamentos.

— Estou — respondi, soando mais segura do que me sentia. *Aja com naturalidade.*

— Não se preocupe, Addie. Pode contar comigo — disse ele, como se não tivesse me ouvido. — Vou acompanhar você a todas as suas aulas. Já verifiquei meus horários. Minha palestra de boas-vindas é no salão B e a sua é no C, então a gente se encontra na recepção. E se alguém falar alguma gracinha para você, responda que...

— Ian, deixa comigo — falei com mais ênfase. — Acabamos de sobreviver a uma viagem pela Irlanda em um carro caindo aos pedaços. Acho que consigo andar pela escola.

— Tudo bem. — Ian voltou a tamborilar os dedos, uma expressão séria no rosto. — Eu sei que você dá conta, mas, se em algum momento estiver achando difícil, pode contar comigo. E não importa o que as outras pessoas digam. Você é Maeve.

— Eu sou Maeve — repeti, permitindo que o nervosismo em sua voz extinguisse o da minha. Era possível que ele estivesse mais preocupado comigo do que eu mesma? Isso me deu forças.

Saltamos e colocamos nossa mochila nas costas. A minha era mais pesada, porque, além dos livros, tinha pedras dentro. Quatro, para ser exata. Tinha sido uma decisão de última hora, mas eu gostava de como aquele peso pressionava meus ombros, firmando meus pés no chão. Além disso, a segurança do aeroporto tinha dado um verdadeiro chique por eu viajar com as pedras, então era bom serem úteis.

Começamos a atravessar o estacionamento, o olhar ansioso de Ian percorrendo a multidão.

— Ian, relaxa.

Apertei o passo e comecei a andar ao lado dele.

— Estou relaxado — protestou meu irmão, mas tinha começado a mastigar uma mecha de cabelo.

Esse hábito, infelizmente, parecia ter chegado para ficar. Quando alcançamos a entrada, ele parou, ignorando a multidão de alunos, e balançou o corpo, nervoso.

— Pronta, Maeve?

Era uma boa pergunta. Eu estava pronta?

Este verão tinha me mostrado que eu era uma porção de coisas. Confusa, impulsiva, às vezes insegura, e de vez em quando eu fazia coisas das quais me arrependia — e que não conseguia desfazer. Como não dar ouvidos a meu irmão. Ou oferecer meu coração a alguém que não é digno de confiança. Mas, apesar de todas essas coisas — não, *junto* de todas essas coisas —, eu era Maeve. O que significava que, pronta ou não, eu ia entrar de qualquer maneira. Essa era a minha vida, afinal.

Você vai conseguir, docinho. Pode acreditar.

— Estou pronta — respondi com firmeza.

Encarei os olhos azuis de Ian, reunindo uma última dose de coragem. Então, empurramos as portas e entramos. Juntos.

Agradecimentos

NICOLE ELLUL E FIONA SIMPSON. TODO MUNDO OUVIU? NICOLE ELLUL E Fiona Simpson. Este livro surgiu em uma época quase catastrófica, e em muitos momentos vocês me carregaram nas costas. Obrigada pela gentileza, pelo apoio, pela sabedoria e por toda a maravilhosidade de vocês. Eu as considero as Deusas da Edição. (Seria muito vergonhoso se eu mandasse fazer umas coroas?)

Mara Anastas. Obrigada pela paciência, pelo apoio e pelo entusiasmo. Sonho em ter a sua energia.

Simon Pulse. Vocês são um grupo excepcional de pessoas produzindo livros excepcionais para o mundo, e é um PRIVILÉGIO ser publicada por vocês. *Obrigada.*

Sam. Durante o tornado de 2016/2017, você veio até mim e disse: "Mãe, eu vejo você. E *gosto* de você." Essa frase não apenas inspirou um tema importante neste livro como também me pareceu uma das coisas mais profundas que uma pessoa pode dizer a outra. Ser vista com o cabelo bagunçado em sua cozinha bagunçada, por uma pessoa tão pequena e tão honesta, e ser considerada *gostávele*? Não há nada mais importante do que isso. Eu vejo você, Sammy. E, cara, como gosto de você.

Nora Jane. Cada segundo que você passa aqui faz do mundo um lugar melhor. Eu poderia compará-la a um cupcake rosa ou um *éclair* de chocolate perfeito, mas isso seria uma bobagem. Você é uma garotinha, não um doce! (Embora seja fácil entender por que alguém a confundiria com um.) Obrigada por compartilhar seus

primeiros anos com *Amor & sorte*. E mal posso explicar como me emociona que noventa por cento dos seus ataques de raiva aconteçam por querer que alguém leia um livro para você. Eu te amo, Bertie Blue.

Liss. Eu já contei que você está no meu *top cinco de mulheres que mais admiro*? Pois está. Às vezes, quando o mundo parece assustador, estufo o peito e sigo em frente, tentando imitar aquela sua combinação única de, ao mesmo tempo, amar intensamente e não estar nem aí, que é o que a vejo fazer há vinte anos. Obrigada por me manter no caminho certo.

Ali Fife. É aqui que deveria agradecer por você ter largado tudo para passar setenta e duas horas em uma viagem de carro pela Irlanda ouvindo meus xingamentos ridículos, mas vou deixar isso para outro dia. Também foi durante o caos de 2016/2017. Minha vida parecia uma batalha sem fim e eu estava exausta de todas as maneiras possíveis. Eu me encontrava literalmente estirada no chão, sem a menor ideia de como ia me levantar. E quem entrou pela minha porta? Você. Eu nem precisei ligar. Você apenas apareceu, olhou a bagunça que minha vida tinha se transformado e *ficou*. Por vários dias. Quem faz uma coisa dessas? Você. Obrigada por ter feito isso por mim.

As mulheres do meu grupo de apoio à depressão pós-parto no Healing Group. Mesmo se nunca mais encontrar uma de vocês, nunca vou me esquecer daquela manhã em que eu estava no fundo do poço e vocês me cercaram e me deram a força de que eu precisava para encarar ser mãe por mais um dia. Obrigada.

Mary Stanley. Por fornecer sabedoria, irreverência e muitas caixas de lenços. Além disso, por ser a primeira pessoa a quem eu disse as

palavras “Eu sou uma artista”.

Children’s Center. Por ter me dado esperança quando a minha havia acabado.

Mães Radicais da Creche. Eu não sabia de que precisava de amigas como vocês até estarmos na mesma mesa de piquenique. Obrigada por tornarem a Maternidade 2.0 menos solitária e por me fazerem rir mais do que qualquer outra pessoa. Acho vocês todas divinas. (Quando vamos fazer nossas tatuagens?)

Andrew Herbst. Por entender de carros e pacientemente sugerir maneiras de eu arruiná-los. (Ei, nós já somos amigos há muito tempo!)

Eli Zeger. A inspiração para Indie Ian e seus artigos. Obrigada pelo telefonema. Você é um escritor *tão* bom — mal posso esperar para ver onde seu talento vai levá-lo. Pessoal, sigam Eli no Twitter, @elizeger.

Roisin & Ross. Acho que o comissário de bordo que trocou nossos assentos estava agindo sob influência divina. Obrigada por me ensinarem sobre os adolescentes irlandeses e por estarem tão dispostos a ajudar! Além disso... Parabéns pelo noivado!

O Exército de Babás. Dana Snell, Hannah Williams, Sarah Adamson e Malia Helbling. Obrigada por carregarem meus bebês quando meus braços não foram fortes o bastante.

Minha família. Rick, Keri, Ally, Abi, Brit, McKenna e Michael. Obrigada por estarem presentes, cada um do seu jeito. Sei que sou abençoada.

DAVID. Meu amor, minha paz, minha força. Por um ano e meio, tivemos uma conversa recorrente que consistia em eu dizer “Não consigo... isso é demais para mim”, e você responder com “Você

consegue! Você nasceu para isso". Você é muito mais do que eu mereço, mas vou continuar agarrada a você mesmo assim.

E o último agradecimento é só para mim, mas precisa estar aqui. Um obrigada à menina na jangada. Vamos fazer um novo trato: você lidera e eu sigo. Mal posso esperar pela próxima aventura.

AMOR & AZEITONAS



∞ JENNA EVANS WELCH ∞

Autora de Amor & gelato



AMOR & AZEITONAS

Jenna Evans Welch

Tradução de Viviane Diniz



Copyright © 2020 by Jenna Evans Welch
Publicado originalmente nos Estados Unidos por Simon & Schuster Books for
Young Readers, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova
York, NY

TÍTULO ORIGINAL

Love & Olives

PREPARAÇÃO

Sofia Soter

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Tom Daly

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Karina Granda

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Larissa Fernandez Carvalho e Letícia Fernandez Carvalho

REVISÃO DE E-BOOK

Manoela Alves

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Sam.

*Eu lutaria contra um milhão de Dragões Ender,
cem milhões de Creepers, vinte Aranhas das
Cavernas e um Homem-Porco Zumbi*

por você.



Prólogo



TEM UMA COISA QUE NUNCA CONTEI A NINGUÉM. NEM AO MEU namorado, nem ao meu padrasto, nem aos meus amigos, mas é importante para a história, então acho melhor contar logo no início.

Duas ou três vezes por semana, eu sonho que estou me afogando.

É sempre assim: estou na água, com um tanque de oxigênio preso às costas, mergulhando com o rosto voltado para o fundo do mar. A água está morna e com um tom verde-azulado magnífico, mas mal reparo nisso, porque estou muito focada em alguma coisa. Em *procurar* alguma coisa. Não sei o que estou tentando encontrar, só sei que é a coisa que mais desejo no mundo.

Por fim, enxergo algo lá embaixo — um raio de luz. É cintilante e convidativo, e, sem hesitar nem um segundo, dou um impulso mais forte e nado na direção dele. O brilho se concentra em torno de um pedacinho de metal, que reluz cada vez mais conforme me aproximo. Mas, quando estendo a mão para tocá-lo, a luz se apaga, me lançando na mais impressionante e profunda escuridão. É aí que percebo a pior parte: meu oxigênio acabou. Entro em pânico, tentando voltar depressa à superfície, mas estou muito distante, e, quando abro a boca para gritar, a água invade minha garganta, meus ouvidos e...

Você já entendeu.

No sonho, nunca sei o que estou procurando, mas, assim que acordo com a sensação de sal nas bochechas e a garganta irritada fica óbvio. *Dolorosamente* óbvio. Estou em busca da cidade perdida de Atlântida. Do mundo do meu pai. E, mesmo sabendo que estou segura na minha cama, e não no fundo do mar Egeu, ainda preciso me levantar e pegar o mapa do meu pai.

O mapa é outro dos meus segredos. Fica guardado no alto do armário, embaixo da pilha de cadernos de desenho que acumulo desde o ensino fundamental. Embora tenha tentado jogá-lo fora mais de dez vezes, nunca consegui. O mapa foi desenhado à mão e é cheio de setas e anotações sobrepostas, algumas em grego, outras em inglês. Tem até alguns dos clássicos desenhos engraçadinhos do meu pai, como uma serpente do mar de tapa-olho e Poseidon cochilando na rede com o tridente.

É estranho, mas, quando abro o mapa, não vejo nada disso. Vejo meu pai. Estamos à mesinha apertada da cozinha, a cabeça dele curvada sobre o mapa. Seus olhos brilham ao falar do nosso amor compartilhado por Atlântida. Minha versão criança está atenta a cada palavra, porque na época eu não era apenas Olive. Eu era *Indiana Olive*, uma exploradora mundialmente famosa.

Parte cientista, parte arqueóloga, parte mergulhadora de águas profundas, Indiana Olive enfrentava piratas, lulas imensas e negociantes gananciosos que queriam seu tesouro. Ela era corajosa, inteligente e, independentemente do desafio que o oceano lançasse, sempre tinha o pai ao seu lado.

Até que não tinha mais.

Quando meu pai foi embora, deixou vinte e seis coisas para trás. Muitas eram lixo, mas juntei mesmo assim: um pacote de seu

chiclete de canela preferido, uma camiseta desbotada, papéis rabiscados. Guardei tudo numa velha caixa de sapato embaixo da cama e, quando minha mãe estava no trabalho, eu tirava as coisas da caixa para tentar entender. Por que ele tinha deixado *aquelas* coisas para trás?

Algumas explicações eram fáceis de encontrar. A camiseta pinicava. O chiclete tinha um gosto muito forte de canela. Mas por que sua espuma de barbear preferida? E o nosso mapa? Meu pai o deixara dobrado na minha mesa de cabeceira. Não precisaria dele em Santorini, para encontrar a cidade perdida?

Fiz uma lista cuidadosa dos itens e, durante dois anos, olhei para ela todos os dias. Foi o tempo que levou para eu entender que meu pai não voltaria. Não gosto muito de falar dessa época, então digamos apenas que às vezes acho que sei exatamente como os atlantes se sentiram ao verem suas vidas ruir e desaparecer.

Depois que entendi aquilo, parei de olhar a lista. Mas ela se mudou com a gente. De um canto para outro, acompanhando cada troca de escola e apartamento, todos os lugares solitários que fizeram parte da nossa vida pós-papai. Foi quando estávamos morando em Seattle, pouco depois de mamãe se casar com James, que ela encontrou a lista: *26 Coisas que Meu Pai Deixou para Trás, por Indiana Olive*. Ela quis conversar comigo sobre o último item — o vigésimo sexto.

Claro que eu não quis tocar no assunto. Eu já não era mais Indiana Olive. Nem era mais *Olive*. Eu era Liv. E Liv nunca falava sobre o pai. Aprendi da maneira mais difícil que contar aos outros sobre meu pai ter me abandonado por causa de uma ilha mítica que

99,9% das pessoas nem acredita que tenha existido não é uma boa ideia. Aliás, é melhor nem lembrar disso com muita frequência.

Então me recusei. Eu não queria conversar sobre meu pai. Não queria conversar sobre meu passado. E não queria absolutamente nada com aquela lista, porque simbolizava tudo o que havia me machucado e tudo o que eu não queria mais ser.

Minha mãe avisou que coisas importantes não gostam de ser enterradas, mas, felizmente, deixou o assunto para lá. Considerei isso uma vitória. Afinal, não tínhamos seguido em frente? De nada me valiam cidades douradas e promessas desfeitas. Não me interessava mais por pistas enigmáticas. Eu dera por concluída aquela parte da minha vida. Assunto encerrado.

Até que Atlântida veio à minha procura.



Capítulo 1



#1. MEIO PACOTE DE CHICLETE BIG RED

Meu pai mascava aquilo o tempo todo. Desembrulhava um pacotinho de papel-alumínio atrás do outro, começando logo após a xícara de café matinal. Ele contava que tinha sido a primeira coisa que comprou ao chegar ao aeroporto de Chicago, vindo da Grécia, e, assim que provou, soube que havia tomado a decisão certa: um país que produzia um chiclete daqueles com certeza sabia o que estava fazendo. Ele emigrara com quase nada. Apenas o passaporte, uma mochila surrada, algumas centenas de dólares e um sotaque grego tão forte que, segundo ele, levou três meses para conseguir pedir uma xícara de café e ser entendido.

Sua filosofia para sobreviver nos Estados Unidos sem contatos, dinheiro ou amigos? "Pula que uma rede cresce."

Ele vivia errando as expressões americanas.

EU ESTAVA OFEGANTE. MEUS PULMÕES PARECIAM BALÕES EM CHAMAS. Caixas de correio e árvores começaram a dançar em minha visão embaçada. De acordo com o relógio fitness que James, meu padrasto, havia me dado de Natal, só tínhamos corrido dois quilômetros.

No estilo do grande Mestre Yoda: uma corredora eu não sou. E, naquele momento, nem conseguia fingir.

— Preciso de outro intervalo — avisei, sem ar, me curvando para apoiar as mãos nos joelhos.

Dax, meu namorado, diminuiu o passo e suspirou alto — não porque precisava de mais oxigênio, mas porque aquele era nosso terceiro intervalo em menos de quinze minutos. Nem tive que olhar seu rosto para saber como estava. Decepcionado. Quer dizer, decepcionado e lindo com aquele bronzeado, o falso moicano e os olhos azul-esverdeados. Afinal, era o *Dax*.

Ele apoiou a mão nas minhas costas, mas o contato pareceu mais recriminador do que encorajador.

— Liv, nós já fizemos um intervalo. Tenho que correr mais cinco quilômetros para atingir minha meta de treinamento, lembra?

Eu lembrava. E, de verdade, queria correr aqueles cinco quilômetros com ele. Não só porque Dax detestava correr sozinho, mas também porque, na noite anterior, ele tinha me acompanhado a uma exposição de arte sobre a história da Polaroid no centro de Seattle. Ele tinha até desligado o celular para não sermos bombardeados pelas mensagens de sua legião de amigos. Então, naquela manhã, como agradecimento, eu planejava acompanhá-lo por todo o percurso sem reclamar, o que geralmente até conseguia fazer.

Mas, ao contrário de todos os familiares e amigos de Dax, eu não era uma corredora. Ou ciclista. Ou esquiadora cross-country. E eu definitivamente não funcionava bem pela manhã. Eu era do tipo que citava *Star Wars* de vez em quando, que gostava de colagens e que cuidava bem de plantas caseiras, mas quando Dax e eu tínhamos começado a namorar, concordei casualmente quando ele comentou que gostava de correr pela manhã, e ali estávamos. Dois anos

depois, a farsa já havia sido desmascarada, mas ele continuava me arrastando junto. Dax era mesmo persistente.

Aquela manhã parecia mais difícil que o normal. Eu estava com *tanto sono*.

Então, a lembrança me atingiu com tudo. Como uma onda se chocando contra o meu rosto. Eu tinha tido o sonho na noite anterior. Não era de admirar que estivesse com o pique de um bicho-preguiça idoso.

Soprei as pontas suadas da franja para longe dos olhos e tentei fazer outro rabo de cavalo, mas meu corte na altura do queixo ainda estava curto demais. Nem meu cabelo queria terminar aquela corrida. Dax estava decepcionado, magoado e... irritado? Deixei o pesadelo de lado. Era hora de ativar a SUPERNAMORADA!, capaz de evitar qualquer briga com o poder da *distração pelo flerte!*

Tirei meu elástico e baguncei o cabelo, tentando deixá-lo com a aparência perfeitamente despenteada.

— Ei, Dax, sabe o que seria ótimo para o seu condicionamento? Correr com um peso extra. Tipo... — Olhei para o céu com ar pensativo, depois o encarei, sorrindo. — Tipo eu!

Ele gemeu de frustração, mas deixou escapar um sorriso discreto e se abaixou para eu subir em suas costas. Seguimos então num ritmo constante, comigo pendurada em seus ombros. Aliás, aqueles ombros tinham sido a primeira coisa que reparei em Dax, principalmente porque me sentara atrás dele na sala de aula, e naquele primeiro dia eu estava tão ocupada tentando fingir o mesmo olhar entediado de todo mundo que nem deu para reparar em mais nada.

Ele dizia que meu estilo tinha sido a primeira coisa que notou, o que, verdade seja dita, era a primeira coisa que todo mundo notava, e fora de propósito. Quando me transformei de Olive em Liv, assisti a centenas de vídeos de moda antes de encontrar um estilo que eu talvez conseguisse copiar: o de garota francesa. Cortei trinta centímetros de cabelo, maratonei tutoriais de maquiagem e passei um mês inteiro procurando roupas neutras e casualmente elegantes. Em meio a um mar de pessoas vestindo casacos esportivos, o estilo parisiense chique causava bastante impacto.

É verdade que sou greco-americana, e não franco-americana. Mas quem liga para esses detalhes? Eu não.

Dax começou a correr mais rápido, e afundei o rosto em seu pescoço. Durante o verão, Dax passava de vinte a trinta horas por semana na piscina e cheirava a cloro como os outros caras cheiram a colônia. Tecnicamente, ele frequentava uma escola particular, mas, para poder jogar no nosso time de polo aquático, precisava ter duas matrículas, então passava parte do dia na minha escola. Ou pelo menos costumava ser assim. Fazia duas semanas que ele se formara oficialmente no ensino médio, um fato que tirou meu mundo um pouco dos eixos, embora eu viesse me esforçando para disfarçar.

— Adoro o cheiro de ácido hipocloroso pela manhã — comentei.

— E você está cheirando a suor — disse ele, apertando meu joelho direito. — Não consigo correr cinco quilômetros com você nas costas. Vamos voltar pra sua casa.

— Se é o que você quer — concordei, pressionando minha bochecha contra a dele. — Podemos fazer panquecas com gotas de chocolate. O café da manhã dos campeões. Nem mesmo seus novos treinadores da universidade podem discordar.

Universidade. Os músculos do maxilar de Dax se contraíram, e prendi a respiração, já me arrependendo da conversa que teríamos a seguir. A não ser que ele magicamente resolvesse *não* tocar naquele assunto.

Meu olhar se fixou num gnomo de jardim de bochechas rosadas no canteiro de flores pelo qual passávamos, e me peguei rezando para ele por puro desespero. *Por favor, pequeno gnomo de jardim, não me faça ter que mentir para o meu namorado hoje...*

— Você já entrou em contato com a Stanford pra saber sobre o dia de visita do ensino médio? — interrompeu Dax. — Amelia disse que é muito importante no processo de admissão. Eles querem ver que você se empenhou antes de avaliarem sua inscrição.

Muito obrigada, gnomo de jardim... só que não.

— É claro. Espero ter notícias em breve — respondi, minha voz aguda como uma cotovia, um pardal ou coisa parecida.

Não só Dax estava indo para Stanford, como metade de sua família tinha estudado lá, e Amelia, sua prima mais velha, trabalhava no escritório de admissões. O que complicava muito as coisas. E, quando digo *coisas*, me refiro ao fato de que, toda vez que clicava no link que Amelia me enviara, eu sentia a mesma angústia sufocante dos pesadelos. Então não. Ainda não tinha feito minha inscrição para a visita do ensino médio a Stanford. Mas não queria contar isso para Dax naquele momento. Não num dia tão maravilhoso de verão. Não depois da nossa ótima noite na exposição. Não enquanto corríamos pelo meu bairro, com meus braços apertados em volta dele.

Dax começou a falar, mas, por sorte, um borrão em roupas esportivas caras apareceu de repente na calçada, interrompendo a

inquisição que estava prestes a acontecer.

— Dax?

Era Maya Nakamura, uma garota da turma de formandos dele, toda esportiva com sua legging e top cor-de-rosa combinando. Seu longo cabelo preto estava preso em um elegante rabo de cavalo, e ela fazia força para segurar um labrador pela coleira. Parecia que tinha saído para correr por puro prazer. Além disso, ela tinha um abdome incrível.

— Oi, Maya — cumprimentei, descendo das costas do Dax para brincar com o cachorro, que sorria em meio à baba.

Eu conhecia Maya de umas festas e do cursinho pré-vestibular. Dax a conhecia desde o jardim de infância, assim como a maioria de seus colegas da escola particular — eu havia descoberto rapidamente que o mundo dos ricos de Seattle era bem pequeno. Eles grudavam uns nos outros feito cracas. Mas fiquei tão feliz com a interrupção que estava disposta a fingir que Maya não tem uma queda enorme pelo meu namorado faz dez anos. No fundo, eu não podia julgá-la. Afinal, era o *Dax*.

— Dax, tentei te ligar ontem — disse Maya, me ignorando como fazia sempre que possível.

Várias garotas da turma dele eram assim. Elas não tinham ficado muito felizes quando ele começara a namorar alguém da (argh!) escola pública. Além daquilo o deixar indisponível, elas não gostavam da mistura de classes.

O pai da Maya era dono de uma empresa milionária, e ela era o tipo de garota que conseguia correr oito quilômetros com o pé nas costas enquanto pintava cartazes para manifestações estudantis e

ainda arrumava o cabelo para o baile da escola. Não sei por que alguém faria tudo isso com o pé nas costas, mas deu pra entender.

— Soube da novidade? — perguntou ela.

— Que novidade? — disse Dax, usando a bainha da camisa para limpar o suor da testa reluzente e deixando o abdome à mostra. Ai. Ele estava torturando a garota *de propósito*?

— Entrei para Berkeley! Vamos ficar a, tipo, cinquenta quilômetros um do outro!

— Sério? — falei, me levantando de um salto e limpando a baba de cachorro no meu short.

Apesar da minha relação com a Maya praticamente só existir no Planeta Constrangimento, eu não podia deixar de ficar feliz. Ela estava na lista de espera da Universidade da Califórnia, em Berkeley, havia quase seis meses, e eu tinha visto como ela se dedicara no pré-vestibular. Aquilo pedia uma comemoração.

— Maya, que ótimo! Você merece. — Cutuquei as costelas de Dax com o cotovelo. — Isso não é incrível, Dax?

Ele obedientemente pegou a deixa.

— É incrível mesmo, Maya. Você se esforçou muito. — Ele passou o braço à minha volta e acrescentou: — Liv está tentando uma aprovação antecipada em Stanford. Com sorte, ela estará lá com a gente daqui a um ano.

Ai.

Ai, ai, ai.

— Ah, é mesmo? Você está pensando em ir pra Stanford? — A decepção surgiu no rosto de Maya por um instante, mas seu rabo de cavalo balançou entusiasticamente. — Nossa, que ótimo. Assim vocês vão poder ficar juntos.

O olhar de Dax recaiu sério em meu rosto.

— Talvez — respondi. — Estou entre algumas universidades, e não é fácil entrar em Stanford. Ainda bem que tenho seis meses para decidir onde me inscrever. Ninguém precisa decidir tão cedo, sabe?

Foi a vez do corpo de Dax se retesar. Se Maya percebeu a tensão entre nós, não deixou transparecer.

— Liv, tenho certeza de que você entra na faculdade que quiser. Todo mundo sabe que suas notas nas provas de admissão foram ótimas. Além disso, você ganhou aquele concurso estadual de arte. Por aquelas suas... colagenzinhas? Não foi?

Colagenszinhas. Era exatamente aquele o motivo de eu não contar às pessoas sobre minha produção artística. Eu nem havia me inscrito no concurso, para começo de conversa. Tinha sido coisa da minha professora.

— Aquilo não foi nada de mais — falei, tentando não dar muita importância ao *concurso estadual de arte*.

— Bem, todo mundo achou que foi — acrescentou ela, olhando para Dax.

Meu celular apitou. Era uma mensagem da minha mãe. Olive, você está em casa? Preciso falar com você.

Senti o coração palpitar, mas meu cérebro levou um instante para registrar o motivo. *Olive*. Ela me chamou de Olive. Minha mãe tinha respeitado bastante minha decisão de passar a ser chamada de Liv, e quase não errava mais. Além disso, eram 9h37. Ela não devia estar no trabalho? Por que não estava no trabalho?

Senti outra agitação no peito, e de repente minha cabeça começou a girar, os pensamentos tão rápidos que não conseguia me

concentrar em nenhum. *Será que aconteceu alguma coisa? Não aconteceu nada. Se acalma, Liv. Você está exagerando, como sempre. E daí que ela chamou você pelo nome errado? Ela está bem...*

— Liv, está tudo bem? — sussurrou Dax, franzindo a testa.

Fiz que sim, esforçando-me para sorrir. Ótima. Eu estava ótima.

Maya ainda falava, e me concentrei em acompanhar o rumo da conversa.

— Mal posso esperar. Queria que as férias acabassem logo. Estou tão animada para a faculdade! — Ela sorriu para Dax. — Então, Ilha de Balboa. Está pronto para a viagem de formatura?

— Estamos prontos — respondeu Dax, passando o braço em torno de mim outra vez.

Maya arregalou ligeiramente os olhos.

— Liv, você vem com a gente? Que ótimo!

— Minha mãe ainda não decidiu — corrigi depressa.

Cerca de trinta pessoas da turma do Dax iam para a casa de praia de um colega, o que parecia um evento caótico e divertido, mas também...

Sei lá. Se tivesse que explicar, diria que o mar e eu não somos melhores amigos. Gosto de admirá-lo de longe, mas Dax andava falando sobre uma formação rochosa até onde pretendia nadar, e eu já vinha elaborando uma longa lista de desculpas para não ter que nadar até a tal formação rochosa. Eu *sei* nadar. Tenho até certificado de mergulho. Só prefiro *não* me afogar nas profundezas do mar turvo. Eu ainda queria ir, mas não do jeito que Dax tinha em mente. Essa parecia ser uma história recorrente nos últimos tempos.

— Vou dar um jeito — falei com confiança.

Dax me lançou um daqueles seus sorrisos estonteantes. Um sorriso de verdade. Meus ombros relaxaram.

Maya hesitou, seus lábios se franzindo de um jeito malicioso.

— Maravilha. Bem, então a gente se vê em Balboa, “Casal com Maior Chance de Sobreviver ao Ensino Médio”!

Affe. O infame título do anuário.

— A gente se vê, Maya — disse Dax, passando o outro braço à minha volta.

Maya se virou, e nós a observamos sair trotando com o cachorro enquanto eu antecipava a negação costumeira do Dax. Ele não me decepcionou.

— Não está rolando nada com ela — disse ele rapidamente.

— Eu não *falei* que estava rolando nada.

Caí em cima dele, que teve que me segurar.

— Por que você fica dizendo para as pessoas que vou me inscrever em Stanford? — perguntei. — Ainda estou no penúltimo ano.

— Último — corrigiu ele, colocando-me de pé de novo. — Em três meses, você vai estar no último ano. E eu falei que você ia tentar, não que vai pra lá com certeza. Além disso, o que você tem contra a gente ir para a mesma faculdade?

— Nada.

Fechei os olhos por meio segundo. Porque, claro, só de pensar em andar pelo campus, pelos dormitórios e pelas festas com Dax, sem nenhuma supervisão dos nossos pais, eu sentia vontade de sair por aí saltitando e cantando. Mas também entrava ligeiramente em pânico. Por causa da matrícula dupla do Dax, só frequentávamos a mesma escola em parte do tempo; mesmo assim, ele já ditava a

maior porção da nossa vida social. Talvez tivesse funcionado no início, quando eu não conhecia ninguém na minha escola. Mas, depois que comecei a fazer meus próprios amigos, pareceu meio... limitante. Ele não gostava muito quando eu saía com outros caras (compreensível), e era difícil conciliar todas as minhas atividades e trabalhos da escola com os jogos dele e os eventos com seus amigos do colégio particular. A vida andava tão agitada que eu tinha até abandonado o futebol este ano (eu era goleira, óbvio: muito menos correria, mas com os mesmos benefícios sociais) para ter tempo de equilibrar tudo.

Não que eu estivesse reclamando. Eu era louca pelo Dax. Completamente maluca por ele. O único problema de Stanford é que não era a *Escola de Design de Rhode Island*.

Só de pensar na RISD, como era conhecida, eu queria me deitar num campo de lilases, começar a cantar do nada ou seja lá o que as pessoas fazem quando seus sonhos se realizam. Mas eu precisava esperar o momento certo para contar ao Dax, e aquele claramente não era o dia. Para o Casal com Maior Chance de Sobreviver ao Ensino Médio, a gente brigava até demais.

Respirei fundo, me preparando para dar uma reviravolta na conversa, quando meu celular apitou de novo. Outra mensagem da minha mãe. Um pouco mais incisiva. Olive, por favor, volta pra casa AGORA. Preciso mesmo falar com você.

Ela me chamou de Olive de novo?

— Quem é? — perguntou Dax, olhando para o meu celular.

Afastei o aparelho rapidamente.

— Minha mãe.

Dax secou o rosto com a camisa outra vez.

— Achei que ela estivesse no trabalho.

Na mesma hora, meu estômago se contorceu como um origami, e tive que me forçar a relaxar. É um reflexo automático me preocupar com minha mãe. Isso tende a acontecer quando se perde um dos pais — a gente automaticamente passa a se preocupar mais com o outro. Não que ela algum dia tivesse me dado motivos para me preocupar. Provavelmente só precisava que eu cuidasse do meu irmão mais novo.

— Anda. Vamos fazer panquecas — falei.

Subi nas costas do Dax outra vez, e ficamos misericordiosamente em silêncio pelos próximos minutos. Já estávamos na minha calçada quando ele apontou para a caixa de correio.

— Você devia dar uma olhada. A Amelia me disse que enviaram os convites pelo correio.

— Dax — resmunguei, descendo das costas dele e fingindo estar com o corpo todo mole.

Eu tinha aprendido aquilo com meu irmão Julius, de cinco anos. Ele era mestre em se transformar num invertebrado sempre que a situação exigia.

— E por acaso entregam correspondência aos sábados? — perguntei.

— É claro que entregam — rebateu ele, naquele tom autoritário que usava às vezes. — Deixa eu conferir.

Ele estendeu a mão para a caixa de correio, mas, por sorte, um pequeno ninja, mais ou menos do tamanho do Julius, escolheu aquele momento para saltar de uma árvore de bordo ali perto e aterrissou bem na cabeça do Dax.

— Somente um ninja pode derrotar um ninja! — gritou Julius, tentando imobilizá-lo.

— Mas que... — berrou Dax, girando o corpo, os braços estendidos. — Julius, nós combinamos que você tem que avisar antes, para eu ter a chance de me defender!

— A prioridade de um ninja é vencer sem lutar!

Arranquei rapidamente o Julius de cima do Dax. Daquela vez, ele tinha se empenhado na fantasia: máscara, duas katanas de plástico e o roupão preto da minha mãe.

— Tá tudo bem com a mamãe?

— Tá — respondeu ele, olhando para mim sem entender. — Por quê?

Meu corpo relaxou um pouco, e coloquei as mãos em seus ombros.

— Lembra o que a mamãe e o James disseram? Que você não podia mais subir na árvore para atacar as pessoas?

— Ou quem sabe não atacar ninguém? — acrescentou Dax, esperançoso, e Julius sorriu de maneira indulgente para ele.

Dax sempre fora um dos alvos principais do Julius, e até então todas as tentativas de cessar-fogo tinham sido em vão.

— Ah, não — resmunguei, tirando a máscara do rosto de Julius. — Esse é o meu delineador novo?

Seus olhos tinham um contorno dourado que eu reconheceria em qualquer lugar. Goldmine, da Urban Decay. Eu tinha comprado para o jantar de formatura do Dax.

— Julius! — reclamei. — Isso custou trinta dólares na Sephora!

— A identidade do ninja precisa ser mantida em segredo! — disse ele, apontando uma katana para mim. — Liv, eu estava na árvore

porque a mamãe me pediu pra te procurar. Chegou um cartão-postal pra você. Tá bem sujo e tem uma escrita estranha. Mamãe ficou toda esquisita quando viu.

Não.

— Um cartão-postal? — perguntou Dax, todo animado. — Deve ser o convite.

O pavor me atingiu como uma onda gelada. Meu corpo todo ficou entorpecido. *Tá vindo!*, gritou minha mente de maneira triunfante. *Tinha, sim, alguma coisa errada!*

— Vamos dar uma olhada! — exclamou Dax, pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos. — Anda.

A mensagem da minha mãe passou de novo pela minha mente. *Preciso falar com você.*

— Espera aqui, tá bem? Fica com o Julius?

Soltei meus dedos e segui para a porta. Pensei em andar só um pouco mais rápido que o normal, tipo quando tinha uma missão no shopping, mas seis passos depois já tinha começado a correr. Não dava para conter a adrenalina.

— *Agora você corre!* — gritou Dax atrás de mim.

Nem tentei responder. Só uma pessoa me enviava cartões-postais antigos com escritas estranhas. Só uma. E com certeza não era o departamento de admissões de Stanford.

Eu precisava esconder aquele cartão-postal antes que Dax ou qualquer outra pessoa o visse.



Capítulo 2



#2. CAMISA DESBOTADA EM QUE SE LÊ "DELIVERY GREGO HERMES, VOCÊ PEDE, NÓS VOAMOS"

Durante seus primeiros meses nos Estados Unidos, meu pai trabalhou como entregador. Não por acaso, mas por escolha. Ele dizia que a cidade de Nova York era uma fera selvagem e, como todas as feras selvagens, a única forma de domá-la era olhar em seus olhos e então percorrê-la de bicicleta. (Não tente entender, não faz o menor sentido.) No dia em que chegou a Nova York, ele bateu à porta de cada restaurante grego que encontrou e, em três horas, arrumou emprego como entregador de um restaurante na rua 56 e um quarto para alugar na casa da prima da tia da dona do estabelecimento. Ele sempre foi bom em fazer amizades.

MINHA MÃE DEVIA TER ME OUVIDO CHEGAR, PORQUE QUASE NOS esbartramos na entrada. Por sorte, consegui desviar de sua barriga com um salto triplo involuntário no último instante. Ela estava oficialmente no estágio de gravidez em que a barriga entrava nos cômodos primeiro, e vivíamos sendo pegos de surpresa por aquilo.

— Liv! — Ela me agarrou pelos ombros, firmando nós duas. — Devagar.

Ela estava descalça, mas vestida para ir ao escritório, com a versão para grávidas de um terninho. Minha mãe era advogada

corporativa, o que tinha muito pouco a ver com *Law & Order* e mais com trabalhar até tarde várias noites seguidas para cumprir prazos e voltar para casa cheirando a café velho. Ainda assim, era bem impressionante. Principalmente quando se parava para pensar que ela tinha cursado a faculdade de Direito e passado no exame da ordem sendo mãe solo.

Eu precisava de um segundo para recuperar o fôlego, mas não dava tempo.

— Julius disse que recebi um cartão-postal. Tenho que esconder do...

— Oi, sra. Williams! — a voz de Dax veio da entrada.

Ele exibia um sorriso charmoso e trazia Julius nas costas, ainda empunhando a katana de plástico. Era uma pena que não conquistaria minha mãe assim.

— O inimigo do meu inimigo... — começou Julius, arregalando os olhos.

— ... é meu amigo — completou minha mãe. — Oi, Dax.

Ele tentou ignorar o tom desanimado.

— Como está se sentindo hoje? — perguntou.

— Ah... sabe como é... — respondeu ela, apontando vagamente para a barriga. — Muito grávida.

Julius desceu das costas de Dax e enfiou a katana bem no lado esquerdo da minha caixa torácica.

— Mamãe já te mostrou o cartão-postal? O texto na frente nem parece o alfabeto. São só uns rabiscos.

— Rabiscos? — Dax me lançou um olhar confuso.

Dei de ombros. *Vai entender?*

— Liv, é uma escrita diferente. Tipo um *código secreto*... — insistiu Julius.

— Que tal vocês dois irem comer uns pãezinhos de canela? — interrompeu minha mãe. Ela era mestre em mudar de assunto. — Dax, você quer um?

Sempre que minha mãe dizia o nome dele, ficava com o rosto um pouco tenso. Ela nunca admitiria, mas não gostava de Dax. Eu já havia tentado fazê-la confessar, mas ela dizia apenas coisas enigmáticas como “A vida é longa, e os primeiros amores são curtos” ou “É fácil se perder em seu primeiro relacionamento”. O que era ridículo vindo de alguém que aos vinte e dois anos já tinha se casado e engravidado do primeiro namorado. Acontecera quase a mesma coisa com o James. Eles se conheceram, e, seis meses depois, ela estava grávida e noiva. Minha mãe era do tipo que caía de amores, por isso seria de se esperar que ela fosse mais solidária com o meu caso, que, preciso admitir, estava menos para cair e mais para mergulhar de cabeça. Mas mesmo assim.

— Adoraria. Muito obrigado — aceitou Dax.

Minha mãe sorriu para o meu namorado, mas a pequena ruga que surgia quando ela franzia a testa estava ali, a que eu tinha batizado de ruga Dax.

— Dax!

Nós três demos um pulo. Meu padrasto estava mais para um subwoofer do que para um alto-falante comum. Ele era tão alto que fazia minha mãe parecer baixinha, tinha mãos grandes, um rosto simpático e uma voz forte que ficava mais forte ainda perto de pessoas de quem gostava. Ele definitivamente, sem sombra de dúvida, gostava de Dax.

James era advogado, que nem a minha mãe, e a única vez que eu o vi de mau humor foi quando perdeu um caso em que tinha trabalhado por mais de um ano. Em vez de gritar e bater o pé, como minha mãe e eu faríamos, ele canalizou sua energia para os tipos de atividades saudáveis que os artigos de revistas sempre sugerem. Primeiro, trocou todas as lâmpadas da sala de jantar; depois, saiu para uma volta de cinquenta quilômetros na bicicleta. Ele era tão saudável que chegava a ser um pouco assustador.

James bateu sua mão gigantesca nas costas de Dax, quase o jogando longe.

— Oi, sr. Harrison — cumprimentou Dax educadamente, recuperando o equilíbrio.

Ele me lançou um olhar de desespero, mas fingi não notar. Dax não fazia ideia de como precisava de James como aliado naquela casa.

— Como anda o polo aquático? E o seu pai? — perguntou James, com sua voz retumbante. — Fiquei sabendo de Stanford. Seu pai deve estar feliz da vida.

— Extasiado — disse Dax, me encarando com um olhar expressivo.

James se recostou na parede, cruzando os braços imensos. Ele estava usando uma blusa branca de golfe e calça social.

— Acha que vai ser goleiro em Stanford? É uma posição difícil.

— É desafiadora, senhor.

Dax relaxou os ombros e aprumou o corpo. Os esportes eram sua zona de conforto, e ele estava acostumado a receber elogios. Segundo as fotografias e os troféus que sua mãe exibia pela casa

toda, Dax vinha se destacando nos esportes desde o ensino fundamental.

Aproveitei a oportunidade para me aproximar da minha mãe.

— Cadê? — perguntei num sussurro, estendendo a mão na expectativa de que me entregasse o cartão disfarçadamente.

Em vez disso, ela pegou minha mão.

— Vamos deixar vocês dois colocarem a conversa em dia — anunciou ela.

Então me puxou pela entrada e pelo corredor em direção ao quarto do bebê. O corredor estava fresco e silencioso, e, quando entramos no quarto, o único som era o ruído abafado do vizinho aparando a grama.

— Hã... por que estamos aqui? — perguntei, olhando em volta para os projetos em andamento.

Havia um amontoado de caixas junto à parede, ao lado de uma cômoda parcialmente montada e várias pilhas de roupas de bebê. Roupas de *menino*. O Julius 2 chegaria antes do fim das férias, e só de pensar naquilo já me sentia cansada.

Minha mãe se virou, quase esbarrando o Julius 2 em mim, e precisei dar um pulo para evitar a colisão.

— Você escondeu o cartão-postal, certo?

Ela confirmou com a cabeça, então levou um instante para se sentar na cadeira de balanço que chegara na semana anterior.

— Sente-se, por favor — pediu ela, indicando a caixa de papelão que continha o carrinho de bebê.

Continuei de pé. Ela parecia escolher as palavras da mesma forma que uma tempestade surgia no horizonte. Que notícia exigiria tanta

preparação? Não podia ser o cartão. Será que tinha acontecido outra coisa?

Espera aí.

— É sobre a vovó? — As palavras saíram atropeladas.

Minha avó era uma adição um tanto recente às nossas vidas — bem, à minha vida, pelo menos. Meus avós nunca foram grandes fãs do meu pai ou do fato de sua filha adolescente ter se apaixonado por um imigrante grego. Casar e procriar com o tal grego tinha sido a gota d'água. Ser a tal cria tornava as coisas meio esquisitas. Minha mãe mantivera uma relação de altos e baixos com os pais por anos, mas, depois que meu avô faleceu, minha avó passara a nos visitar de poucos em poucos meses. Acho que ela se sentia sozinha. Mas, algumas semanas antes, ela tinha caído. Talvez tivesse sido mais grave do que a gente imaginava.

— Não, não é sobre a vovó. — Ela apontou de novo para a caixa de papelão. — Senta.

Daquela vez, obedeci, vendo minha mãe alisar a saia já completamente lisa sobre os joelhos. Ela estava com o rosto corado e, quando nossos olhares se encontraram, percebi que estava nervosa. Senti meu estômago queimar.

— Olive, chegou um convite pelo correio hoje. Queria esperar um momento melhor para discutir isso, mas é meio urgente, então acho que precisamos conversar agora mesmo.

Um convite urgente? Eu estava completamente perdida. E transbordando de ansiedade.

— Achei que fosse outro cartão-postal.

— E é.

Ela enfiou a mão no bolso do blazer... e lá estava.

Um cartão-postal.

Um cartão-postal desgastado e amassado que parecia ter enfrentado todo o tipo de intempéries e adversidades até chegar a seu relutante destinatário.

Eu.

Ela o segurou de modo que eu pude ver a parte da frente. Julius estava parcialmente certo. Era uma foto superexposta das ruínas de um templo grego com letras gregas enormes sobrepondo-se à tradução. BEM-VINDO À BELA GRÉCIA!

De tão brega, era quase fofo. E mesmo que não estivesse escrito GRÉCIA!, já saberia de quem era. Eu só conhecia uma pessoa que veria um cartão mal impresso e desgastado, o cobriria com uma fortuna em selos e o mandaria para o outro lado do mundo.

Nico Varanakis. Famoso caçador de Atlântida, pai ausente e meu novo e indesejado correspondente.

Desabei sobre a caixa, toda a ansiedade se esvaindo para dar lugar a outra coisa. Tristeza? Vazio? Eu tinha recebido o primeiro cartão-postal quase seis meses antes, completamente do nada. Passara anos sem notícias dele, e de repente chegara um cartão com duas frases eloquentes escritas em sua conhecida caligrafia elaborada. Olá diretamente da linda Santorini. Queria que você estivesse aqui!

Talvez fosse a pior frase de abertura na história das frases de abertura, exceto *Como foi a peça, sra. Lincoln?* Desde então, eu vinha recebendo cartões de tantos em tantos meses, todos bem parecidos. Cartões-postais da Grécia, mal impressos ou com ar antigo, contendo algumas poucas frases que fariam sentido se ele

estivesse de férias, mas que em nosso contexto não faziam sentido nenhum.

Não, eu não respondia aos cartões. Só os lia, chorava sozinha em algum canto, então os rasgava e jogava no lixo. Depois do último, tinha decidido parar de fazer até aquilo. Os cartões pioravam meus pesadelos.

— Eu não quero esse troço.

Fiquei de pé, puxando um fio da minha camiseta. Minha mãe assentiu com ar compreensivo, mas manteve o cartão estendido para mim.

— Querida, acho melhor você ler este.

— Não.

Tentei me afastar, mas ela se pôs ao meu lado antes que eu pudesse reagir e enfiou o cartão na minha mão. Minha mãe era um pouco ágil *demais* para uma grávida.

— Mãe... — comecei, tentando enrolar.

— *Agora.*

Affe. Não adiantava resistir. Virei o cartão com cuidado, instruindo meu coração para não disparar como sempre fazia quando meu pai vinha à tona. Respirei fundo e tentei focar na minha regra fundamental: *Nico Varanakis não tem mais nada a ver com a minha vida.*

Olive,

Ótimas notícias! Estou trabalhando em um projeto incrível e adoraria ter a sua ajuda aqui em Santorini, Indiana Olive. Que tal 15 de

junho? Já mandei a passagem de avião para sua mãe por e-mail.

Baba

Meu coração não teve a menor chance.

Na mesma hora, senti minhas mãos começarem a tremer e minha visão ficar borrada nos cantos.

— Liv? — chamou minha mãe, preocupada, mas sua voz parecia distante.

Cambaleei de volta para a caixa de papelão, mas ela me interceptou e me sentou à cadeira de balanço, acariciando meu cabelo para longe da testa.

— Liv. Respira — ordenou.

Eu estava respirando, mas estava respirando *rápido demais*.

— Mãe... — tentei dizer.

Minhas mãos tremiam tanto que o cartão começou a balançar. Eu não enxergava mais as palavras, mas não conseguia parar de encará-lo. Além de suas já conhecidas garatujas, ele tinha usado meu apelido antigo. Indiana Olive. Fazia mais de nove anos que eu não o ouvia. Ele assinara “papai” em grego, uma palavra que eu já dissera mil vezes por dia, mas que não usava há anos.

Minha cabeça...

Eu estava...

— Liv, olha para mim! — chamou minha mãe.

Fixei meus olhos escuros nos azuis dela e *vush*, voltei à Terra. Minha respiração se normalizou. Era um cartão-postal. *Só um cartão-postal*. Papel-cartão, tinta e alguns selos coloridos. Nada mais, nada menos.

— Tudo bem? — perguntou ela, segurando meu braço.

— Tudo — respondi calmamente.

— Que bom.

Ela expirou, ainda segurando meu braço.

— Liv, sei que é muito repentino, mas acho que é uma boa ideia.

O quê? Aquelas palavras me atingiram como um balde de água fria. *Mantenha a calma*, ordenou meu cérebro. Era impossível ela estar falando sério.

— Mãe, você está brincando, né? De jeito nenhum. Quinze de junho é... — Tentei calcular rapidamente. — É daqui a uma semana. — Estendi o cartão de volta para ela. — Além disso, ele escreveu “Indiana Olive”. E se tiver a ver com Atlântida?

Um sorriso discreto surgiu, mas rapidamente se desfez.

— É claro que tem a ver com Atlântida — respondeu ela. — Sempre tem.

Sem entender direito, apertei o cartão com tanta força que o senti amassar na palma da mão.

— Mas, mãe, Atlântida não existe. Por que você quer me arrastar de novo para os delírios do papai?

“Delírios” tinha sido a palavra errada. Percebi a mágoa em seu rosto, antes que ela disfarçasse e entrasse no modo lição de vida.

— Liv, não me importo com Atlântida. Mas me importo com você. E, apesar do que seu cérebro de dezessete anos lhe diga, você não tem todo o tempo do mundo. Um dia vai se perguntar para onde esse tempo foi.

Nossos olhares se encontraram de novo, e a determinação dela me assustou. Naquele instante, entendi exatamente do que se tratava. Minha mãe estava pensando na relação dela com meu avô.

Os dois tinham sido bem próximos durante a infância dela, mas, depois que meu pai entrou em cena, as coisas se complicaram. E meu avô morreria antes que ela pudesse fazer as pazes.

Minha mãe me encarou com ar suplicante.

— Além do mais, acho que você vai gostar desse projeto.

Uma suspeita incômoda tomou conta de mim.

— Mãe, como você sabe qual é o projeto?

Ela respirou fundo.

— Tenho conversado com ele.

— O quê?! — gritei. Minhas mãos voltaram a tremer, balançando o cartão. Tudo aquilo era um pouco... *demais*. — Você está falando sério?

Quando ela se aproximou, as pontas do seu cabelo na altura dos ombros roçaram meu braço, a voz calma em meu ouvido.

— Sim — disse ela com firmeza. — E prometi que não contaria para você qual é o projeto. Querida, ele está num momento ótimo da vida. Conversei com a Ali, e ela acha que pode ser bom. Sei que você voltou a ter pesadelos. Consigo ouvir lá de baixo...

— Você contou para a Ali que voltei a ter pesadelos?! — gritei outra vez.

Eu parecia até o Julius quando alguém o mandava tomar banho.

Ali era a melhor amiga da minha mãe desde a infância e trabalhava como psicóloga de adolescentes. Ela morava no Maine, e eu sempre sabia quando elas tinham passado horas ao telefone porque minha mãe usava termos como “expressão de raiva assertiva” e “padrões autodestrutivos”. Se ela tinha ligado para conversar com a Ali sobre mim, estava realmente preocupada.

Tinha sido Ali quem sugerira que eu e minha mãe fizéssemos curso de mergulho como tentativa de combater meus pesadelos. Talvez, se minha mente desperta entendesse como aquilo funcionava, minha mente adormecida conseguisse relaxar. Eu tinha armado o maior escândalo, mas não adiantara de nada. Fizemos as aulas numa piscina local e completamos a certificação durante as férias de família no México. Depois que superei o pânico, nem foi tão ruim. Acabei até gostando da sensação de liberdade que respirar embaixo d'água me trazia. Mas minha mente adormecida não recebeu o recado. A Liv do sonho se afogava. Toda. Santa. Vez.

Minha mãe segurou minhas mãos, sua aliança de diamante marcando meu pulso.

— Pode ser uma boa oportunidade de trégua, de resolver algumas questões antes de você ir para a universidade.

— Trégua? — gaguejei.

O que aquilo significava no nosso contexto? Não éramos dois países em guerra que precisavam se entender. Éramos dois países que não tinham mais nada um com o outro.

O rosto dela se suavizou.

— Além disso, querida. Sua lista. Não paro de pensar na sua lista.

— *Mãe.*

Me afastei dela, começando a sentir raiva. Aquela lista era particular, e eu tinha pedido para ela não tocar mais no assunto. Quando estava prestes a lembrá-la disso, fomos surpreendidas por uma batida intensa na porta, do jeito que só James era capaz. Demos um pulo.

— Ellen? — retumbou ele. — Liv? Dax disse que vocês marcaram de encontrar a irmã dele na quadra de tênis às onze.

— São 10h45 — avisou Dax, ao lado de James.

Sem querer, fiz uma careta. Cora, a irmã gêmea de Dax, não era minha pessoa favorita no mundo. Ela tinha um nome bonito, mas vivia pisando duro com seus coturnos feios e fuzilando as pessoas com seus olhos azul-esverdeados. Eu tinha quase certeza de que ela havia me desmascarado. De que ela sabia que, até recentemente, eu nunca me encaixara em lugar nenhum.

Mesmo assim, Dax jurava que Cora queria me conhecer melhor, então vínhamos encontrando ela e sua melhor amiga para partidas semanais de tênis, um esporte em que ela era ótima — porque parecia sempre decidida a matar a bola —, e eu não. Naquelas circunstâncias, jogar tênis parecia uma piada. Sentia uma claustrofobia sufocante.

— Já vamos. Comam mais uns pãezinhos! — gritou minha mãe.

— Eu não posso ir, mãe. Não posso.

Senti que estava ansiosa de novo, só que já não podia demonstrar. Eu nem sabia bem do que estava falando. Do clube de tênis? Da Grécia? Dos dois? Depois da partida, eu ia me encontrar com umas amigas para escolher o que usaríamos na festa da fogueira da minha escola, para a qual eu pretendia levar o Dax. Em nenhum lugar dos meus planos havia *voar para outro país e confrontar a pessoa que mais me machucou*.

Minha mãe afastou a franja dos meus olhos.

— Querida, acho que seria bom para você passar algum tempo fora. Fico preocupada que você acabe se deixando levar por... distrações.

Distrações? Uma segunda onda de raiva me invadiu, grande o bastante para me fazer levantar.

— Mãe, isso não tem nada a ver com o Dax.

— Não, não tem — concordou. — Tem a ver com você. Não precisa perdoar seu pai e não precisa ajudá-lo com o projeto. Mas precisa ir.

O pânico cresceu, uma sensação quente e rápida no meu peito.

— Mãe, *não*. Eu não posso.

— Pode, sim — disse ela calmamente.

Seu olhar azul encontrou o meu, e por um instante me senti num daqueles anos terríveis logo após meu pai ter ido embora, quando éramos só nós duas, esbarrando uma na outra em um apartamento apertado e barulhento. Tínhamos enfrentado muita coisa juntas.

Ela pousou a mão fria em cima da minha.

— Dez dias. Você só precisa ir por dez dias. Não vai ter que fazer nada que não queira quando chegar lá. Mas acho importante que você vá.

Qualquer pessoa que ouvisse essa frase acharia que era um pedido, mas eu conhecia minha mãe — aquilo não era um pedido, era uma ordem gentilmente formulada. Minha mãe era o que poderíamos chamar de *determinada*, nos momentos bons, e *teimosa*, em todos os outros. Tinha que ser. Não teríamos sobrevivido aos anos difíceis se não fosse assim. Então eu sabia que, se ela estava dizendo que eu ia para a Grécia passar dez dias com alguém que nunca pensei que fosse ver de novo, procurando uma cidade que quase ninguém acreditava que tenha existido, era exatamente isso que eu ia fazer.

— Mas... a viagem de formatura. Eu tenho planos com as minhas amigas, e...

Olhei nos olhos dela, e a ficha caiu. Não importava o que falasse ou fizesse, eu iria para a Grécia.

Minhas férias tinham virado de cabeça para baixo. A gravidade perdera o sentido. Eu estava caindo, *despencando*, sem nada para me deter ou desacelerar minha queda. Festas? Viagem a Balboa com o Dax? Qualquer sinal de normalidade?

Já era. Tudo por causa daquele pedaço de papel velho. Encarei o cartão-postal, a raiva se enraizando dentro de mim enquanto eu lia a pior frase de todas:

Estou trabalhando em um projeto incrível e adoraria ter a sua ajuda aqui em Santorini, Indiana Olive.

Desde quando ele precisava da minha ajuda? Aquilo era só uma brincadeira que costumávamos fazer. Na vida real, quando eu tinha precisado de verdade, ele não estivera ao meu lado. Ele me decepcionara. Mesmo que me enviasse um milhão de cartões-postais, aquele fato nunca mudaria.

Eles podiam me obrigar a ir, mas não podiam me obrigar a gostar da ideia.



Capítulo 3



#3. GUARDANAPO DE TECIDO DO RESTAURANTE DE ALTA GASTRONOMIA CONSTANTINE, ROUBADO PELA MINHA MÃE OU PELO MEU PAI, DEPENDENDO DE A QUEM VOCÊ PERGUNTAR

Meu pai havia se mudado da casa da prima da tia da dona do restaurante para dividir um apartamento com dois chefs do Hermes, e teve que arranjar um segundo emprego para pagar o aluguel. Ser garçom fazia sentido — ele poderia praticar seu inglês e, além disso, quanto mais ele exagerava no sotaque grego, maiores eram as gorjetas.

Certa noite, ele atendeu a mesa de uma aluna da Universidade de Chicago chamada Ellen Williams, que estava passando o verão na cidade como estagiária de um político local. Ela era alta, com longos cabelos loiros e o tipo de risada que chamava atenção.

Meu pai contava que ela havia derramado a jarra de água nele de propósito. Minha mãe dizia que ele estava se confundindo, embora sempre com um brilho nos olhos. Sinceramente, não duvido nada. Nas fotos dos dois daquele verão — não eram muitas —, meu pai estava lindo, com seu cabelo escuro e cheio e o sorriso ávido, e minha mãe parecia desnorтеada de tanta alegria.

PEQUENA LISTA DE REGRAS QUE MINHA MÃE ME DEU PARA A VIAGEM A Santorini — uma viagem que eu nem queria fazer, para início de

conversa:

1. Ligar para ela de manhã e à noite.
2. Não falar com estranhos.

Impossível, já que cada pessoa naquela ilha seria um estranho, incluindo, àquela altura, meu pai. Eu não fazia a menor ideia de como era a aparência dele. Na última vez que ele me vira, eu tinha uma monocelha digna de Frida Kahlo e usava um microfone falso porque acreditava que ia ser uma estrela do Disney Channel. É claro que todos os meus registros fotográficos daquele período foram destruídos.

3. Nada de conversar com garotos no aeroporto, por mais bonitos que sejam (vide regra 2).

Segundo minha mãe, esses garotos podiam fazer parte de uma rede criminosa sofisticada com planos para me sequestrar e encenar aquele filme do Liam Neeson. E meu pai não era exatamente um ex-assassino de voz rouca, e sim um pai ausente que vivia à procura de Atlântida.

Eu disse a ela que essa regra era só mais uma prova de que eu não deveria ir. Minha mãe respondeu que, na verdade, Santorini era segura e que eu ficaria bem. Mas como ela podia ter certeza disso? Apesar de já ter sido casada com alguém de Santorini, ela nunca pisou na ilha.

4. Se eu me sentir negligenciada ou em perigo, devo ligar na mesma hora para que ela me coloque num voo de volta para casa.

Essa regra vinha com a seguinte advertência: para ativar o plano de fuga, era preciso ser uma emergência grave, e não silêncios desconfortáveis ou conversas difíceis. *Grave*. De novo essa coisa mórbida.

5. Tirar um tempo para “me encontrar”.

Ou, em outras palavras, passar um tempo longe do *Dax*. É claro que ela não disse aquilo diretamente porque estava tentando não ser igual a seus pais, o que talvez seja a meta de todas as pessoas que já existiram. Eles não gostavam nem um pouco do namorado dela, e olha só o que aconteceu. Minha mãe largou a faculdade, casou com meu pai no civil em Chicago e engravidou de mim. Vivendo e aprendendo.

E, só para registrar, não gostei daquela história de “me encontrar”. Não estava perdida. Estava bem ali.

6. Dar uma chance ao meu pai.

(Sem comentários.)

7. Usar protetor solar.

Sério. Isso entrou na lista.

Eu tinha só uma regra para minha mãe: *embarcar na história que eu tinha inventado para o Dax*. A última coisa que eu queria era que ele — e o resto da escola — soubesse que meu pai procurava há décadas por Atlântida, uma cidade que ele acreditava sem a menor sombra de dúvida que era real, apesar de apenas alguns malucos da internet parecerem concordar com isso. Só de pensar em todos descobrindo meu coração acelerava, e não de um jeito bom.

Eu havia me tornado a Liv. Liv era convidada para festas, formaturas e indicada à rainha do baile, e eu precisava ser a pessoa que todos pensavam que eu era. Talvez pareça fútil, mas, quando alguém se sente invisível a maior parte da vida, ser visto passa a ser importante. Esse era meu caso. Não era mais a Indiana Olive, e *com certeza* não era mais a filha de um cara com uma missão de vida que o colocava na mesma categoria daqueles caçadores de OVNIIs com mapas, gráficos e pilhas de livros sobre abdução alienígena.

Em vez disso, o que eu contara para o Dax foi: *Meu pai é um arqueólogo amador! Ele estuda civilizações gregas antigas! Que engraçado eu nunca ter mencionado isso antes! Sei que é de última hora, mas minha mãe está me obrigando a ir!*

“Arqueólogo amador” era certo exagero, mas soava muito melhor do que “caçador de lendas profissional”.

E o Dax respondeu: *Não acredito que você não vai na viagem de formatura! Meus amigos vão ficar muito decepcionados porque adoram sua companhia, e eu estou triste porque estava louco para passar uma semana na praia com você!*

Ou pelo menos aposto que ele teria respondido isso se ainda estivesse falando comigo. Só que não estava, porque cancelei nossa viagem no último minuto. Dax gostava de ter tudo planejado, e eu desistir da viagem de formatura tinha bagunçado as coisas. Além disso, no estresse dos últimos dias, acabei deixando escapar que eu talvez tivesse *esquecido* de me inscrever para o dia de visita do ensino médio a Stanford, e a reação havia sido tão dramática e devastadora quanto eu temia. Segundo Dax, nosso relacionamento era o último item de uma lista esquecida no fundo da minha bolsa mais bagunçada. Ou seja, todos os outros aspectos da minha vida eram prioridade em relação a ele.

Não era verdade. Mas não poder explicar por que aquela viagem era tão importante definitivamente não ajudou.

Então ali estava eu. No avião. Tentando respirar enquanto me arrependia de absolutamente todas as decisões que levaram àquele momento. Em menos de uma hora eu estaria na Grécia. Na *Grécia*. Por que eu não tinha insistido mais com a minha mãe? Ela não tinha

me carregado no colo até o avião. Eu podia ter escapado. Podia ter... Ah, não.

Eu vou vomitar.

Queria colocar a cabeça entre os joelhos, mas o avião com destino a Santorini era pequeno demais para a maioria dos movimentos, que dirá ataques expansivos de pânico causados pela injustiça de ser quase adulta e não ter controle sobre a própria vida. E eu nem tinha conseguido ficar muito irritada com a minha mãe. Ela estava tão *grávida* e tão segura de que estava certa — tão segura que por um instante eu começara a acreditar nela também. *Talvez eu devesse dar uma chance ao meu pai. Talvez seja uma boa ideia.* Mas... não era. Obviamente nós duas tínhamos sofrido um lapso de sanidade.

Quase sem pensar, peguei uma das revistas do bolso do assento à minha frente e comecei a arrancar imagens interessantes para guardar no envelope que eu levava na bolsa. Sra. Martinez, minha professora de artes, dizia que criar o hábito de coletar imagens é parte importante de ser um artista — não que eu me considerasse uma artista. Bem, pelo menos não *ainda*, mas, quando eu não estava desenhando, estava cortando imagens e guardando-as em um envelope que eu carregava para todo lado. Era como um acúmulo visual.

Naquele momento, também era uma técnica muito bem-vinda de relaxamento. Uma distração de todo aquele vasto oceano que eu estava sobrevoando pelo que parecia uma eternidade. Eu devia ser a primeira pessoa na história da aeronáutica a ficar feliz por *não* ter sido colocada no assento da janela. Tinha tanto *oceano* lá fora.

Eu me concentrei nas mãos de novo. Aquele já era o terceiro avião e, a partir de Seattle, eles foram ficando cada vez menores e mais fedidos. Acrescente a isso o fato de eu estar acordada a vinte e três horas, tirando os vinte minutos de cochilo após a decolagem de Nova York (avião número dois) e pouco antes da mulher sentada no 28B derramar todo o seu café na minha camisa. *Café quente*. Em seguida, em penitência por ter me queimado e também me deixado com o cheiro de uma Starbucks humana, ela começou a me mostrar mais de vinte fotos de seu buldogue, Winston Churchill. Pelo menos aquele era finalmente o último voo.

Coloquei a imagem de uma piscina lotada no envelope. Depois a de um garoto com um cachorro na coleira. Um pai carregando a filha nas costas. Ela olhava para o pai, sorrindo como se os ombros dele fossem o lugar mais seguro do mundo.

Affe.

Fechei os olhos com força, mas a caligrafia elaborada do meu pai apareceu por trás das minhas pálpebras. *Adoraria ter a sua ajuda aqui em Santorini, Indiana Olive*. Com o quê? Com o que ele poderia precisar da *minha* ajuda?

Larguei a revista e peguei meu celular na mochila outra vez, caso alguma mensagem do Dax tivesse conseguido me encontrar sobre o Atlântico. Mas não, só tinha a que ele havia me mandado na noite anterior quando devia ter ido me visitar, mas aparentemente estava ocupado. Foi mal, não vai dar pra eu ir. Te vejo em duas semanas.

Aqueles pontos me pareceram passivo-agressivos. Era possível a pontuação ser passivo-agressiva? Em seguida vinha minha resposta exageradamente animada em razão do nervosismo. Duas semanas passam rapidinho. Já estou com saudade. Espero que se divirta muito em

Balboa!!! Então tinha entrado em pânico e acrescentado um monte de emojis melosos que faziam eu me odiar mais a cada vez que os olhava. Não era de admirar que Dax não tivesse respondido. Devia estar repensando cada minuto do nosso tempo juntos.

Reler a ruína que era nosso histórico de mensagens me fazia sentir como se um elefante estivesse sentado no meu peito para desfrutar um tranquilo chá da tarde, então larguei o celular e tentei me acalmar dando uma olhada no que eu tinha na mochila. Caderno de desenho. Lápis. Aquarelas. Maquiagem. Garrafa d'água. Diário.

Eu quase tinha estourado o limite de peso da bagagem de mão, mas sou meio possessiva com minhas coisas. Dax brinca que sou acumuladora, já que cada centímetro do meu quarto está ocupado, inclusive com uma dúzia de plantas e um minijardim de suculentas. Não é que eu não goste de jogar nada fora, mas gosto de guardar coisas.

— *Eísai kalá?* — ouvi alguém dizer à minha direita, e me recompus rapidamente diante de um sorriso gentil e muitos cílios.

Era meu vizinho de assento. Devia ter uns vinte e tantos anos, usava óculos pretos deliberadamente nerds e exibia uma expressão preocupada. Seu braço esquerdo, ou pelo menos a parte que eu conseguia ver, era tomado pela tatuagem de um jardim de rosas que, em circunstâncias normais, teria me deixado obcecada. Enquanto minha pele certamente adquirira um tom de peixe morto, a pele escura dele era luminosa, e o cabelo estava bem penteado. Ele obviamente não estava tendo um surto em pleno voo.

— *Eísai kalá?* — perguntou de novo, em um tom menos confiante.

Em seguida, apontou para o bolso atrás do assento. Será que estava oferecendo sua revista para os meus dedos nervosos?

— Sinto muito, eu... eu não sei o que isso quer dizer — gaguejei.

Pelo menos estava resolvido o dilema do idioma grego. Vinha me perguntando se eu me lembraria de todo o grego que aprendi quando era criança. A resposta era um grande não.

O rosto dele se iluminou com um sorriso aliviado, os dentes brancos reluzindo.

— Ah, graças a Deus, você é americana.

O sotaque dele parecia do Meio-Oeste. Minnesota? Chicago? Talvez eu devesse saber, tendo nascido lá e tudo mais.

— Achei que você fosse grega — continuou ele —, e estava tentando falar a única frase que sei. Você está passando mal? Tenho um saco de vômito, se precisar.

Ele apontou para o bolso de trás do assento de novo.

— Não estou passando mal. Também não sou muito grega. Só estou... — Procurei pela palavra. Paralisada? Horrorizada? — ... nervosa.

Ele olhou para minha pilha de páginas arrancadas da revista, e rapidamente guardei-as no envelope, o rosto queimando.

— Aerofobia — disse ele. — É um espanto não sermos todos afetados por isso, já que estamos literalmente sendo lançados pelo ar dentro de uma lata de sardinhas gigantesca que pode despencar a qualquer instante. Você pensa nessas coisas? Que podemos despencar lá embaixo? Ai, meu Deus, não pense nisso.

Ele arregalou os olhos por trás dos óculos redondos, e senti um sorriso se abrir em meu rosto. Ressaltar o perigo iminente pode não ser a melhor maneira de acalmar um passageiro nervoso, mas estava dando certo comigo. Além disso, era bom conversar. Muito bom.

— Na verdade, não tenho medo de avião. Tenho mais medo do que vai acontecer depois que a gente pousar.

Ele se inclinou para a frente, à espera de uma boa fofoca.

— Ah, é?

Se ele queria uma história interessante, definitivamente conseguiria comigo.

— Estou aqui para visitar uma pessoa. É meio... complicado.

— Um namorado — declarou ele.

Balancei a cabeça.

— Não. Meu namorado ficou em Seattle. É...

Eu ia mesmo contar aquilo para um estranho? Ia, sim. A regra número dois da lista da minha mãe — *Não falar com estranhos* — não passava de uma lembrança fugaz. Eu não ia conseguir me conter. Depois de todas as mentiras que contara ao Dax e aos meus amigos naquela semana, eu era o equivalente emocional de um balão prestes a explodir.

— É o meu pai. Ele mora em Santorini, e não o vejo desde que eu tinha oito anos.

Ele me observou por um instante, esperando o resto da história. Quando viu que nada mais viria, sua expressão se suavizou e ele rapidamente abandonou o olhar curioso.

— Séééério — disse ele, arrastando as sílabas.

Foi um séééério simpático. Um séééério gentil. Senti um nó se desfazer dentro de mim. Ele fez uma pausa, então estendeu a mão com calma.

— Meu nome é Henrik.

— Liv.

Peguei a mão quente e firme dele na minha e, por um instante, me senti segura.

Ele inclinou a cabeça em direção à janela.

— Sobre a situação com o seu pai, isso é muito importante.

Ele olhava nos meus olhos, o que me fazia sentir uma pequena faísca de esperança. Será que ele era uma pessoa mágica que não se intimidaria em abordar o assunto do abandono do meu pai? Eu sempre me perguntara se alguém assim existia mesmo.

Ele tinha razão. Minha história com meu pai era muito importante. A coisa *mais* importante. Ou pelo menos costumava ser. E eu tinha arranjado uma oportunidade de falar sobre o assunto, sem consequências.

— Sabe qual a parte mais estranha?

Ele assentiu, e eu continuei:

— Meu pai vive em busca de Atlântida. Ele acha que a cidade perdida ficava em Santorini e passou a maior parte da vida procurando-a. Por isso que ele foi embora. Um dia voltei da escola e ele havia sumido.

Eu tinha guardado aquelas palavras por tanto tempo que pareciam enferrujadas e cobertas de teias de aranha. Houve um longo silêncio, e daquela vez a expressão no rosto de Henrik era nítida: espanto.

— A cidade perdida de Atlântida? Você está falando da cidade feita de ouro?

— Essa é El Dorado.

Balancei a cabeça, um milhão de fatos vindo à minha mente. Apesar das minhas tentativas de enfiá-los em um canto empoeirado do meu cérebro, eu sabia quase tudo o que havia para se saber

sobre Atlântida. Eu já sabia muita coisa antes de o meu pai partir, e estudara o assunto por anos depois que ele fora embora. O fato de que um dia eu já me orgulhara de ser uma enciclopédia ambulante sobre Atlântida era humilhante.

— Atlântida é a que afundou — expliquei.

Henrik se endireitou no assento, animado, batendo na bandeja com os joelhos.

— Isso! Eu já vi um filme sobre essa história. É uma cidade submarina, não é?

— Bem... não exatamente — falei.

A resposta de Henrik era típica. As pessoas achavam que sabiam a história de Atlântida, mas não sabiam. Não como eu sabia. Não falavam com propriedade como meu pai. Se é que ele ainda falava daquele jeito. A maioria das adaptações tomava muitas liberdades, o que era impressionante, considerando como a história já era ridícula por si só.

Eu podia ver as perguntas surgindo na mente dele. Precisava explicar a premissa básica, contar os fatos, e então poderíamos seguir em frente.

— Atlântida foi uma cidade construída em uma ilha por Poseidon, o deus dos mares. As pessoas que viviam lá eram metade deuses, metade humanos, um dos povos mais ricos e avançados que já existiram. A ilha tinha o formato de um círculo, e era constituída por anéis alternados de terra e água.

Formei um anel com meus dedos, então apontei para o centro.

— Havia um templo no meio, cheio de estátuas douradas. As pessoas tinham tudo, como plantas e animais exóticos, e um tipo próprio de metal precioso, construções bonitas, tudo mesmo. Mas,

em vez de serem gratas pelo que tinham, fizeram planos para conquistar o resto do mundo. Então os deuses decidiram que eram ingratos e ordenaram que o oceano engolisse a ilha inteira. Nunca mais se ouviu falar deles.

Fiz uma dancinha com as mãos. Atlântida em poucas palavras. Uma história sobre um povo mítico que me fazia lembrar tanto do meu pai que chegava a doer. Nós também não tínhamos sido o suficiente para ele.

Henrik ainda me observava. Não como quem julgava minha explicação ou os dedos que eu ainda balançava, apenas surpreso.

— É um mito — falei, como se não estivesse óbvio, e descansei as mãos no meu colo. — Uma fábula com moral. Seja grato pelo que tem ou os deuses vão te punir.

Minha voz soou tão amarga quanto o café da 28B, mas, em vez de ficar sem graça, Henrik ajustou os óculos pensativamente, aproximando-se.

— Mas as pessoas ainda procuram por ela. Seu *pai* está procurando por ela.

— As pessoas procuram há milhares de anos, mas ninguém nunca encontrou uma prova definitiva.

Havia teorias sobre Atlântida por todo o mundo. Aponte para qualquer lugar do globo terrestre e pode apostar que, em algum momento, algum caçador de Atlântida chegou à conclusão de que aquela era a única localização possível para a cidade perdida. Antártida, o deserto do Saara, a floresta Amazônica... No (minúsculo) universo dos caçadores de Atlântida, todas essas teorias eram viáveis, mas fortemente contestadas. Foram feitas diversas expedições. Cientistas foram convocados. Até os *nazistas*

procuraram Atlântida. Achavam que a raça ariana devia descender dos semideuses atlantes. Pois é. Repugnante.

— E por que seu pai acha que fica em Santorini?

— Bem...

Eu comecei a me arrepender de ter contado tudo aquilo ao Henrik. Estávamos mergulhando fundo demais nesse assunto, mas era assim mesmo com Atlântida. Quanto mais as pessoas sabiam, mais queriam saber. Eu entendia. Já tinha sido assim.

— Na verdade, Santorini é uma das teorias principais porque a ilha tem várias similaridades que batem com a lenda. Meu pai tenta encontrar prova disso desde que me entendo por gente.

Henrik coçou o queixo pensativamente.

— Então seu pai é um explorador.

Não pude deixar de rir. Explorador. Era uma palavra muito mais gentil do que as que eu tinha ouvido serem usadas para descrever pessoas como meu pai ao longo dos anos, e provavelmente era mais gentil do que ele merecia, mas senti meus ombros relaxarem mesmo assim. Eu já tinha percebido que Henrik era o tipo de pessoa que dava às outras o benefício da dúvida. Meu pai também era assim. Talvez ainda fosse. Eu não sabia mais.

— Tipo isso.

Henrik abriu um sorriso.

— Bem, você não precisa me explicar como é. Tenho um desses na minha vida também.

Ergui as sobrancelhas.

— Um caçador de Atlântida?

— Pior. Ele é arqueólogo. *Acadêmico.*

Ele sussurrou a última palavra, e eu caí na risada, o que fez Henrik rir também. A risada dele era ridícula, parecia uma buzina, e o homem sentado à nossa frente se virou e nos lançou um olhar feio, mas Henrik o ignorou, então fiz o mesmo.

Sequei os olhos, curtindo aquele momento de poder rir com tudo. Já fazia algum tempo que eu não tinha uma conversa como aquela, sem nada a perder.

— É o que eu digo que meu pai faz, porque a verdade é constrangedora demais — falei.

Henrik tirou os óculos e limpou-os na bainha da camisa com um floreio.

— Deus abençoe os exploradores. São um caso sério, não é mesmo? Meu namorado trabalha nos sítios de escavação minoicos e passa a maior parte do tempo vasculhando a terra. Ele fica todo animado com pedaços de cerâmica velha.

A agitação alegre de repente congelou em meu peito.

— Você disse *minoico*?

— O que foi? — indagou Henrik, notando minha surpresa. — Você já ouviu falar deles?

— Hã, sim.

Eu sabia mais sobre eles do que qualquer adolescente americana deveria saber. Os minoicos eram uma civilização da Idade do Bronze, que um dia já teve forte presença nas ilhas gregas e também tinha um papel de destaque na teoria do meu pai.

— Meu pai acredita que os minoicos faziam parte de Atlântida.

— Ahhhh — disse Henrik. — Faz sentido. Uma civilização insular avançada que foi completamente destruída por desastres naturais.

De acordo com Hye, os minoicos estavam realmente à frente de seu tempo. Será que...?

— Tã-rã. Você virou oficialmente um caçador de Atlântida.

Para mim, aquela conversa toda sobre Atlântida já tinha sido mais do que suficiente. Hora de mudar de assunto.

— Seu namorado é grego?

Henrik fez que não com a cabeça.

— Americano. Ele passa os verões em Santorini e o resto do ano lecionando arqueologia em Austin, no Texas. Sou diretor de uma escola de educação especial em Boston, mas passamos as férias juntos.

— Há quanto tempo vocês namoram?

— Três anos. Dominamos a arte do relacionamento a distância — disse ele casualmente, e senti a esperança crescer dentro de mim.

Dax e eu não precisávamos frequentar a mesma universidade para namorar, não é mesmo? Casais faziam relacionamentos a distância darem certo o tempo todo. Então ouvi a voz de Maya ecoar nos meus ouvidos. *Vamos ficar a cinquenta quilômetros um do outro!* Enquanto isso, Providence, em Rhode Island, ficava a cinco mil quilômetros de Stanford. Mas a gente daria um jeito, não é?

Henrik encarou incisivamente a pilha de imagens que eu arrancara das revistas.

— O que é tudo isso?

— Ah... — hesitei, e juntei rapidamente a pilha. — Coleciono imagens. Para colagens e como referência. Eu desenho e pinto e...

Meu envelope superlotado parecia ainda mais ridículo do que de costume, e o enfiei depressa na mochila.

— Não é nada de mais — concluí.

— Então você é uma artista.

O zíper da minha mochila emperrou, então fiz força, mantendo os olhos nas minhas coisas.

— Mais ou menos. Estou no ensino médio, mas penso em fazer faculdade de Artes. Quer dizer, provavelmente não vou, mas meio que gosto de pensar nisso. Devo acabar estudando alguma coisa completamente diferente.

Eu me sentia tão confiante quanto um peixe fora d'água, e, quando olhei nos olhos do Henrik, ele estava sorrindo.

— Mas você é mais ou menos uma artista?

Não sabia se devia assentir ou negar com a cabeça, então fiz os dois.

— Aham?

— Bem, não consigo imaginar um lugar melhor para alguém que é *mais ou menos* artista do que Santorini. É incrivelmente lindo. — Ele me cutucou de leve com o cotovelo. — E, Liv, sei que só nos conhecemos há uns vinte minutos, mas sinto que você vai se dar bem lá. Mais do que bem. Santorini é mágica. Seja lá o que estiver procurando, você vai encontrar.

Seu tom era uma mistura de confiança e gentileza, e senti o princípio de algo surgir dentro de mim. Esperança? Talvez Henrik estivesse certo. Talvez eu *fosse* me dar bem.

Mas então meu olhar correu para a janela e tomei um susto ao perceber que não estava mais vendo o oceano. Estava vendo Santorini. Naquela faixa marrom de terra, estava o meu pai. Meu *pai*. Toda aquela sensação boa simplesmente evaporou.



Capítulo 4



#4. MAPA DE SANTORINI

De todos os itens que meu pai deixou, acho que o mapa foi o que mais me deu dor de cabeça. Ele era a base da teoria de que Santorini era Atlântida, a prova de todo o trabalho que meu pai havia realizado. Além de ser preciso num grau alarmante ao representar a Santorini moderna (comparei-o com outros mapas), ele ilustra como Santorini corresponde à descrição dos escritos de Platão.

Meu pai literalmente passou anos marcando cada pista e até sobrepondo um desenho de como Atlântida fora um dia, com seus "anéis concêntricos de terra e mar", todos correspondendo com o formato do sistema de ilhas atual. O mapa me parecia a melhor prova de que meu pai voltaria: ele não deixaria o trabalho de sua vida para trás, certo? Até que um dia a ficha caiu. Não é comum as pessoas deixarem para trás o trabalho de uma vida inteira, mas também não é comum deixarem suas famílias.

Ele nunca tivera nada de "comum" mesmo.

AEROPORTO INTERNACIONAL DE THIRA PARECIA UM NOME PRESUNÇOSO demais para um prédio que, além de pequeno, delimitava com cercas de arame as poucas pistas de decolagem e pouso. Não era nem grande o bastante para uma ponte de embarque e com certeza

não parecia grande o bastante para o reencontro que estava para acontecer. O calor da cabine estava sufocante, mas meus dentes não paravam de ranger.

Os comissários de bordo nos encaminharam até o meio do avião para sairmos por uma escada móvel, e todas as pessoas que antes estavam sonolentas de repente passaram a ter a energia de mastodontes selvagens, empurrando e abrindo caminho com o cotovelo. Henrik apertou meu braço, perguntou pela milionésima vez se eu estava bem e anotou seu número em um dos meus recortes de revista antes de entrar na fila para a porta.

Eu, por outro lado, demorei um tempo exagerado para pegar meu fone de ouvido, meus livros e minhas páginas de revista e, quando finalmente ergui o olhar, percebi que seria a última a sair e tive que me apressar para me juntar aos outros. Quando pisei na escada, minhas pernas bambearam. *Estou em solo grego.*

Bem, tecnicamente eu ainda estava a uns quatro metros do solo grego, mas já dava para sentir o cheiro do mar. E de combustível de avião e... de algo enjoativo, doce e podre. Lixo? Cascas de banana assando ao sol? Tentei enxergar a distância, mas qualquer coisa além do aeroporto estava turva pela umidade. Um lugar completamente desconhecido.

Depois que desci os degraus de metal, um micro-ônibus cruzou uma distância tão curta que chegava a ser ofensiva e nos deixou no prédio da retirada de bagagens. Saltamos e entramos em uma sala com piso de linóleo lotada. Os passageiros pegavam suas coisas rapidamente e seguiam para a saída. De repente, tudo se tornou *muito* real para mim. Meu pai estava do outro lado daquelas

paredes. O que eu deveria dizer para ele? Por que eu não passara as últimas vinte e três horas pensando naquilo?

Meu peito ardia, e eu precisava arrumar um jeito de ganhar mais tempo. Minha mente então se agarrou a uma única possibilidade. Talvez minha bagagem se perdesse! O que exigiria tempo no guichê de objetos perdidos, muitos minutos discutindo com agentes de companhias aéreas, algumas ligações de emergência para minha mãe... mas então, *bum*. Minha mala Louis Vuitton apareceu na esteira e completou o percurso com toda a calma, alheia aos meus planos.

Talvez eu pudesse ir lavar o rosto primeiro.

O banheiro tinha um espelho de corpo inteiro sem nenhum problema de sinceridade. Eu parecia um zumbi transcontinental. Pálida, suada, cabelo sem vida, olheiras e uma expressão de surto total. Além disso, a mancha de café na minha camisa parecia prestes a ganhar vida, ficar peluda e sair andando.

Aquela não era a Liv nova e melhorada que eu gostaria que meu pai visse. Era simplesmente patética.

Eu me inclinei até meus olhos injetados ficarem a poucos centímetros do espelho. Eu não tinha os olhos castanho-escuros do meu pai nem os azuis da minha mãe. Eram só meus, grandes e castanho-esverdeados, uma cor que não se encaixava em nenhuma das categorias no formulário para tirar carteira de motorista. De resto, minhas feições eram classicamente gregas e podiam ser um pouco intensas demais se eu não soubesse administrá-las: lábios grossos, covinha discreta no queixo e nariz aquilino. Mesmo tendo a pele mais escura do meu pai, de algum jeito herdei as sardas da minha mãe — um punhado de pontinhos caóticos na ponte do nariz,

que eu fingia que me incomodavam, mas na verdade amava. Quando conheci a irmã do Dax, ela me perguntou se minhas sardas eram naturais ou tatuagem. Até parece. Como se minha mãe *algum dia* fosse me deixar fazer uma coisa daquelas.

Cheguei ainda mais perto, querendo avaliar cada detalhe. Quanto eu mudara desde a última vez que meu pai havia me visto? Meu corpo obviamente mudara. Eu tinha um metro e setenta, talvez um ou dois centímetros a mais, e minhas pernas eram quase tão compridas quanto as da minha mãe. Meu cabelo também mudara. Até poucos anos antes, eu usava o cabelo comprido. No entanto, passara a cortá-lo na altura do queixo, com uma franja que ia até quase meus cílios. Eu adorava o penteado, principalmente porque cobria minhas orelhas salientes. Elas não tinham mudado nem um pouco desde que ele fora embora, por mais que eu tivesse desejado.

E se meu pai passasse direto por mim? E se ele estivesse no aeroporto à espera da minha versão de oito anos e ficasse decepcionado quando eu aparecesse? *Não*. Aquele pensamento me levou de volta à realidade, e encarei irritada meus olhos no espelho. Ele não tinha o *direito* de ficar decepcionado. Era ele que tinha me abandonado. Se não me reconhecesse, a culpa seria toda dele. Eu só queria que meu pai soubesse que eu tinha me saído perfeitamente bem sem ele.

Empurrei a mala para dentro de uma das cabines do banheiro e revirei minhas roupas por um instante antes de puxar umas das minhas combinações preferidas: calça jeans preta justa, regata curta e uma sandália de couro delicada. Casual, mas arrumada. Eu tinha um milhão de variações daquele estilo de roupa e, sempre que as

vestia, me sentia sofisticada e importante, como uma estudante de arte parisiense atrasada para aula.

Troquei de roupa, encontrei meu brinquinho de ouro preferido, me maquiei mesmo um pouco trêmula e escovei o cabelo até a franja ficar bem lisinha e luminosa. Quando terminei de passar o delineador, já me sentia infinitamente melhor. Por que eu estava preocupada? Liv Varanakis sabia lidar com qualquer coisa.

Olhei uma última vez para o meu reflexo, endireitei os ombros e saí do banheiro em direção à esteira de bagagens. Meus pés me levaram em direção às portas, o coração martelando com toda força, então saí ao ar livre e... nada.

Bem, não era exatamente nada. Em frente a uma rua de mão dupla, havia um meio-fio sujo, um ponto de ônibus e uma pequena vitrine iluminada pelo letreiro laranja-vivo da Air Canteen. Algumas pessoas passaram por mim a caminho do ponto de táxi ou de carros à espera. Mas do meu pai?

Nem sinal.

A menos que não o estivesse reconhecendo. Eu tinha refletido sobre quanto eu havia mudado, mas e ele? Será que ele estava irreconhecível? Examinei a multidão, procurando desesperadamente por alguma característica que me permitisse identificar entre as pessoas passando alguém parecido com meu pai. Uma velha senhora. Um jovem pai com um bebê no colo. Um garoto com cara de universitário usando fones de ouvido.

Ninguém que, em algum momento da vida, pudesse ter sido meu pai.

Por um instante, eu me senti flutuando, suspensa sobre minhas emoções, até que de repente despenquei. Com tudo. *Meu pai não*

está aqui.

As pessoas que restavam começaram a se dispersar, indo embora em carros e táxis e me deixando ali sozinha, como uma boia lançada ao mar. Girei o corpo em um círculo lento, a preocupação dando lugar ao pânico. Senti um nó na garganta e comecei a suar.

Fica calma, Liv. Às vezes as pessoas se atrasam. Meu pai era pontual ou não? Pontual, que eu me lembrasse. Mas aquilo não significava que tinha me esquecido. Afinal, ele que enviara a passagem. Minha mãe tinha confirmado tudo. Ele estava à minha espera.

Mas ele já tinha me esquecido antes.

O ar de repente se tornou difícil de respirar. Lutei contra a umidade, tentando desacelerar meus pulmões, mas já estava meio zozna. Não pude evitar. Fui cambaleando até uma das cadeiras frágeis da Air Canteen e consegui me sentar. Eu tremia tanto que mal segurava a alça da mala. Será que eu estava com frio? Não podia estar com frio. Não com aquele calor. Então por que eu tremia tanto?

Procurei meu celular. Devia ligar para a minha mamãe? Para o James? Como eles poderiam me ajudar do outro lado do oceano? Dax atenderia se eu ligasse para ele? Seleccionei o número e já ia ligar quando uma voz masculina perfurou o torpor em que eu me encontrava.

— Olive?

Virei o corpo, com o celular na mão, e, assim que vi o que estava atrás de mim, quase gritei. A meio metro de distância, a lente de uma câmera me encarava com seu enorme olho arregalado. Tinha até uma luz gigante presa a ela.

— O qu... quê? — gaguejei.

A câmera continuou:

— Vou considerar isso um sim. Olive, como é ser filha do homem que está prestes a abalar o mundo arqueológico com provas da existência de Atlântida?

Finalmente meu cérebro despertou e tentei me levantar, mas acabei derrubando a mala no processo. Obviamente havia uma pessoa atrás da câmera. Porque câmeras não *saem interrogando pessoas aleatoriamente em frente a aeroportos*. Eu tinha demorado tempo demais para entender aquilo. Será que era estresse ou cansaço? Então me lembrei das regras da minha mãe. Ela não me dissera o que fazer caso um câmera com voz simpática aparecesse do nada, mas eu tinha certeza de que permanecer na defensiva era a melhor opção.

— Por que você está me filmando? — perguntei, recuperando meu equilíbrio literal e o metafórico. — Quem é você?

— Qual pergunta você quer que eu responda primeiro?

A câmera foi baixando lentamente e, quando vi a pessoa por trás, quase me desequilibrei de novo.

Era um garoto grego, mais ou menos da minha idade, a pele vários tons mais escura que a minha. Ele era esguio, quase magrelo, usava uma camisa preta enfiada de qualquer jeito em uma calça jeans preta e calçava um Adidas surrado, também preto. Seu cabelo preto — meio cacheado, meio embaraçado — era pelo menos duas vezes mais grosso do que o da maioria das pessoas, e ele o usava penteado para trás. Normalmente, um cabelo daqueles seria o centro das atenções, mas não naquele caso, graças ao *rosto* dele.

Olhos enormes, sobrancelhas mal contidas, um nariz bem reto e cílios tão escuros que rivalizavam com os meus, que eu passara uns bons cinco minutos reforçando com rímel.

Era o tipo de cara bonito que não precisava se esforçar para parecer bonito. E ele não estava se esforçando *nem um pouco*. Sua aparência era descuidada de um jeito que chegava a ser irritante, como se ele tivesse caído da cama e saído de casa sem nem se olhar no espelho. Como se fosse tão bonito que nunca precisasse usar um espelho. Aquilo na camisa dele eram migalhas? E qual era a dificuldade de amarrar os tênis direito?

Ele também me encarava, como se eu fosse uma surpresa tão grande para ele quanto ele era para mim.

— O que foi? — indaguei.

Ele balançou a cabeça devagar, o cabelo caindo em seu rosto como se estivesse concorrendo para um comercial de shampoo. *Aquele cara era de verdade?*

— Você... estava diferente nas fotos.

Parei de pensar no cabelo dele na hora, porque percebi que estava em perigo iminente. As regras da minha mãe voltaram à mente. Será que ela tinha *razão*? Seria aquilo uma tentativa de sequestro? Ele parecia muito descontraído e desajeitado para ser um sequestrador. Além do mais, sequestradores provavelmente amarrariam os tênis, por causa da *fuga*. Estiquei o corpo para ficar mais alta, tentando parecer o mais intimidadora possível. Tínhamos mais ou menos a mesma altura. De salto, eu passaria ele.

— *Que fotos?* — esbravejei.

Funcionou. Ele recuou um pouco, procurando despertar de seja lá qual fosse aquele transe em que tínhamos entrado. Então sorriu e

estendeu a mão.

— As fotos do seu pai. — Após se recompor por um instante, abriu um sorriso para mim. — A filha pródiga à casa torna. Ouvi falar muito de você.

Ele tinha ensaiado aquela frase, dava para notar.

O inglês dele era preciso, com um sotaque tão discreto que dava para esquecer que existia. Obviamente eu precisava perguntar quem ele era, mas ainda estava tentando desvendar qualquer aspecto daquela situação, e só o encarei. Além disso, *o que* ele tinha ouvido sobre mim?

De repente, seu olhar pousou na minha mala e seu queixo caiu.

— É sua? É desmesurada.

Quem usa a palavra “desmesurada”? Parecia um dos meus professores. Quando segui o olhar dele até minha mala, entretanto, entendi o que ele queria dizer. Quando arrumei minhas coisas, não tinha achado a mala tão grande, mas ali naquela pequena área parecia mesmo monstruosa, e também estava pesada. Eu tinha tentado montar uma guarda-roupa básico estilo “verão em Paris”, mas aquela história de projeto misterioso complicou bastante. Será que eu ia precisar de tênis de corrida? Vestidos formais? Acabei colocando de tudo na mala, depois tirando a metade das coisas, então colocando tudo de volta outra vez.

Além disso, ainda havia os materiais de artes. Ah, os materiais de artes. No último segundo, entrei em pânico e coloquei lá dentro cada pincel, caderno de desenho e lápis que encontrei. E... bem, eu não sabia explicar nem a mim mesma, mas também havia trazido a caixa com as coisas do meu pai. Eu não tinha ideia do que faria com aquilo (Devolver? Atirar no mar num ataque de raiva?), mas pareceu

estranho deixá-la no armário enquanto eu viajava meio mundo. Minha mala estava parecendo uma *piñata* àquela altura, mas era a *minha piñata*. Aquele garoto desconhecido não tinha que se meter no que eu havia decidido trazer.

— Vou passar dez dias aqui — expliquei, agarrando defensivamente a alça.

— É, mas como vamos colocar isso ali? — Ele apontou para uma moto preta meio velha apoiada precariamente no que parecia ser uma placa de PROIBIDO ESTACIONAR. — Posso levar a câmera junto aos meus pés, mas... — divagou ele, com outro olhar crítico para minha mala.

Foi a gota d'água.

— Quem é você?

Seu rosto se abriu num sorriso, revelando dentes ligeiramente desalinhados. De alguma forma, aquela imperfeição o fez passar de meramente bonito a absurdamente atraente. Desviei o olhar para evitar que minhas retinas fossem queimadas por toda a beleza que emanava daquele ser.

— Olive, sou o *Theo*! — falou, como se fosse uma daquelas celebridades que só usam um nome, como se eu devesse reconhecê-lo. — Seu pai tinha que resolver umas coisas, então me mandou para buscar você. Ele pediu de última hora, então tive que vir correndo. Quase não cheguei a tempo.

Aquilo... não explicava nada. Mas antes que eu pudesse lhe dizer, o rosto dele se iluminou.

— Tenho uma ideia para resolver nosso problema de bagagem. Fica de olho na minha câmera?

Ele e seus cadarços descuidados correram em direção à multidão, me deixando ali, perdida no entardecer.

O que estava acontecendo? Cutuquei a câmera nervosamente com o pé e desejei que Henrik aparecesse, mas seu namorado já devia tê-lo buscado, porque não havia o menor sinal dele. Passado um instante, Theo voltou, falando rapidamente em grego com um homem que tinha o corpo parecido com um barril e um bigode que o fazia lembrar vagamente uma morsa. Por um instante, fiquei hipnotizada. Eu tinha esquecido o quanto eu amava a cadência rápida e ondulante do grego. Sempre me deixava um pouco abalada. Nostálgica.

— Olive, este aqui é o Yiannis — apresentou Theo.

— *Yasou!* Bem-vinda a Santorini — retumbou Yiannis. — Eu levo sua mala.

Para confirmar o que dizia, ele estendeu o corpo em direção à bolsa.

— O quê? Não. De jeito nenhum.

Tentei bloquear o acesso dele, mas Yiannis, a Morsa, parecia acostumado a lidar com clientes relutantes, porque simplesmente se esquivou de mim, pegou a mala, colocou-a no ombro e seguiu para o meio-fio.

— Pare! — gritei, mas Yiannis não parou. — Aonde ele está indo?

— Para Oia. Ele é motorista de táxi, e já tem uma corrida para lá. Vai levar a bagagem pra gente de graça.

Theo estava claramente muito orgulhoso da solução que encontrara e abriu um sorriso que me encantou e enfureceu ao mesmo tempo.

— *Nada* disso é razoável — falei, cerrando os punhos, desamparada.

Theo apoiou a mão no meu ombro.

— Ele está feliz em ajudar. Mais do que feliz. Seu pai fez muita coisa por ele.

Me afastei da mão dele.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

— Fazer pelo pai. Seu pai — berrou Yiannis, sorrindo para mim por cima do ombro. — Nico, ele é bom. Tomar cuidado, sim?

— Não! — falei.

Mas mesmo assim meus pertences desapareceram no porta-malas de um táxi amassado. O que estava acontecendo?

— Demos sorte — disse Theo, pegando a câmera e seguindo para o meio-fio. — Agora vamos. Precisamos nos apressar.

— Quem é você e cadê o meu pai? — gritei atrás dele.

— Olive, eu já falei, ele está atrasado e...

Eu não me contive.

— Para de me chamar de Olive! — berrei, irritada. — É Liv. Prefiro que me chamem de Liv.

Theo finalmente parou e franziu a testa enquanto me observava. Parte de mim queria se desculpar por ter gritado, mas parte maior achava minha atitude completamente justificada, então fiquei em silêncio. Ele se aproximou, hesitante, como se faz com um guaxinim possivelmente raivoso. Então me olhou com ar sério, forçando contato visual.

— Mas seu pai sempre chama você de Olive.

A raiva reverberou dentro de mim, e fui forçada a recuar alguns passos.

— Como assim “*sempre* chama”? Não falo com ele desde que eu tinha oito anos.

— Desde os oito? — Theo arregalou os olhos. — Mas os cartões-postais...

Meu coração bateu forte. Ele sabia dos cartões? De repente me senti invadida. Vulnerável. Como aquele cara sabia tanto sobre mim?

— Cartões-postais não contam como uma conversa.

Mais um comentário incrivelmente perspicaz da Capitã Óbvia.

Theo não riu. Ficou só me encarando mais um tempo. Depois deu um passo à frente, o olhar suave e preocupado.

— Seu pai planejou uma surpresa para você, e tinha alguns detalhes para finalizar. Ele queria estar aqui, mas queria mais ainda terminar sua surpresa. Você pode vir comigo? Temos que ir até Oia e não podemos nos atrasar.

Então apontou de novo para a moto, com a esperança de que eu começasse a me mexer.

Mas fiquei empacada na palavra que ele repetia toda hora. *Oia*. Era o nome do vilarejo em todos os cartões-postais. Só que Theo pronunciava “Ia”, não “Óia”, como eu pensava que fosse. De repente me senti ridícula. Como eu não sabia pronunciar o nome da vila onde meu pai nascera? Será que minha mãe sabia como se falava?

Ah, não. Minha mãe. As regras dela voltaram à minha mente. *Nada de conversar com garotos no aeroporto*. Ela tinha me preparado exatamente para aquele cenário. Aquele era o exemplo perfeito de conversar com um garoto no aeroporto. *Não pegue carona com garotos desconhecidos*. Mas ela não tinha me dito o que fazer caso meu pai tivesse *mandado* o tal garoto ou caso o tal

garoto enviasse pequenas descargas de oxigênio para o meu cérebro toda vez que eu olhava para ele.

Tá, não era oxigênio. Estava mais para... eletricidade? Aquilo estava ficando estranho.

Respirei fundo, cerrando os dedos em volta das alças da minha mochila. Pelo menos ainda tinha a minha mochila.

— Como vou saber que você não é tipo aquele garoto do filme *Busca implacável*?

Theo ergueu as sobrancelhas. Aparentemente, as sobrancelhas faziam metade da comunicação por ele.

— Perdão?

A julgar pelo seu tom, ele estava achando muita graça, um sentimento que eu não compartilhava. Dei um passo para a frente, cheia de coragem.

— Sabe aquele filme em que a garota viaja para a Europa, é sequestrada e o pai dela é um ex-agente da CIA?

Theo passou do riso para uma expressão horrorizada, que basicamente consistia em erguer ainda mais as sobrancelhas. Ele se aproximou e fez menção de tocar meu braço, mas deve ter percebido que seria exatamente o que o sequestrador de *Busca implacável* faria, então se deteve.

— O quê? Ai, meu Deus. Não. Já falei, sou amigo do seu pai. Trabalho para ele.

— Você vai ter que provar — insisti, ajeitando a postura para combinar com meu tom confiante.

Coluna ereta, ombros para trás, contato visual. James chamava aquilo de posição de poder.

Theo parecia desnortado.

— Como?

Boa pergunta. Por um instante, também fiquei desnorteadada. Então pensei numa solução.

— Isso é com você.

— *Pismatará* — murmurou para si mesmo. — Igual ao Nico.

Aquela palavra soava vagamente familiar. Teimosa? Orgulhosa? Fiquei irritada, mas não tinha muito como reclamar de algo que eu não havia entendido.

— E então? — falei.

Vê-lo perdido em busca de uma resposta era surpreendentemente divertido.

De repente, ele olhou nos meus olhos e abriu os braços, triunfante.

— Eu sabia sobre os cartões-postais.

Verdade.

— Bem... — rebati.

Ele apontou para o meio-fio.

— E aquela moto é dele. Mais alguém no mundo teria uma moto assim? Era só um monte de sucata quando ele a viu pela primeira vez.

Olhei por cima do ombro do Theo, prestando mais atenção no veículo. A moto claramente tinha passado por alguma catástrofe, e, além da carcaça enferrujada e do assento remendado com fita isolante, o escapamento estava preso de uma maneira meio improvisada. Era a cara do meu pai. Ele sabia consertar qualquer coisa usando qualquer coisa.

— Outra prova — exigi, mas estava começando a ceder.

Theo franziu o rosto, o que chamou atenção para os seus lábios. Quer dizer, boca.

— Vamos fazer o seguinte: você pode me perguntar qualquer coisa sobre ele.

— E você vai saber a resposta?

Ele assentiu, confiante, parecendo aliviado.

— Com certeza. Já estou trabalhando com seu pai há um ano. Sei tudo sobre ele.

Senti o ciúme tomar conta de mim. Um ano inteiro? Quem era aquele cara, seu filho substituto? Eu queria pegá-lo de surpresa. Respirei fundo, procurando me concentrar. Era difícil pensar em detalhes íntimos de alguém que não via há um milhão de anos, mas finalmente me ocorreu uma coisa.

— O que meu pai tem tatuado na parte interna do braço?

Theo sorriu orgulhoso, erguendo um dedo.

— Uma bússola. Com algumas coordenadas numéricas por fora.

Acertou. Na verdade, eram as coordenadas de uma pequena cafeteria em Chicago, onde minha mãe tinha contado para o meu pai que estava grávida de mim. Ele dizia que era preciso marcar os momentos que mudam tudo, e tinha feito a tatuagem. Era bem deprimente pensar no assunto.

Cruzei os braços.

— Quais são os números?

As sobrancelhas dele dispararam para cima.

— Sério?

Dei de ombros.

— Hum... quarenta e um vírgula... oito? E oitenta alguma coisa... oeste?

Ele olhou para mim, esperançoso.

— Quase — respondi.

Na verdade, era 41,8786° N e 87,6251° O. Não lembrava nem o número do celular da minha mãe, mas conseguia recitar as coordenadas tatuadas no braço do meu pai. Eu me lembrava de olhar para elas enquanto ele lia para mim à noite e pensar: *Aí estamos.*

— Além disso, sei que você nasceu durante uma tempestade de neve e seu pai expulsou um cara do táxi para levar sua mãe ao hospital a tempo — disse Theo.

Ele estava com um ar esperançoso. Ou seria arrogância?

Maravilha. Dois minutos na Grécia e já estava de saco cheio das recordações. Eu precisava tomar o controle daquela situação. Rápido. Finalmente menos combativa, começava a me sentir zozna. Devia ter tentado dormir no avião. Respirei fundo.

— Beleza. Mas é bom que você saiba que meu padrasto é mestre de Krav Maga e me ensinou a derrubar qualquer um em qualquer lugar. Além disso, se tentar me filmar de novo, vou surtar.

Theo riu, e o som me surpreendeu. Era uma gargalhada profunda, sonora e boba, que imediatamente me tranquilizou. Bem, em parte.

— Seattle deve ser dureza.

— Na verdade, não — falei, pensando em nosso gramado bem cuidado, em nossa casa moderna e gigantesca ao lado de todas as outras casas enormes da vizinhança.

Seattle não era dureza; dureza era tudo o que tinha acontecido antes.

Theo apontou com a cabeça para o meio-fio.

— Está pronta agora? Seu pai vai ficar chateado se perdermos a surpresa.

Olhei para o espaço vazio onde o táxi de Yiannis estivera antes.

— Quais são as chances de a minha mala chegar mesmo a Oia?

— Sessenta por cento — disse ele, com confiança.

Tive que rir, e ele deve ter gostado da minha risada, porque abriu um sorriso. Imenso. Quando nossos olhares se encontraram, senti o pânico tomar conta de mim, porque o rosto dele deveria estar esculpido em pedra, bordado numa tapeçaria ou algo assim. Não *existiam* rostos que nem aquele.

— Vamos — chamou ele, apontando para a moto.

Daquela vez, eu o segui. Com sorte, não passaria muito tempo com ele. Theo seria um problema para mim. Eu podia sentir isso no fundo da alma.



Capítulo 5



#5. UM PEDAÇO DE VIDRO MARINHO AZUL-VIVO, CORTESIA DO MAR EGEU

Tecnicamente, isso meu pai tinha me dado, mas eu sempre considerei mais um empréstimo do que um presente. Ele me contou que tinha sido o único pedaço de Santorini que coubera na sua mala, e o vidro tinha acompanhado a gente em todas as mudanças. Na época, eu adorava o mar, e, sempre que dava, percorríamos de bicicleta os poucos quilômetros até a praia North Avenue e vasculhávamos a areia em busca de tesouros, mas nunca encontrei nada tão bonito quanto o vidro do mar Egeu.

A menos que estivéssemos falando sobre Atlântida, meu pai quase nunca mencionava Santorini. O máximo que eu consegui extrair dele é que era um lugar muito bonito e às vezes ele sentia saudade de lá. Quanto ao pedaço de vidro, quando meu pai voltou para a Grécia, imaginei que não precisasse mais dele. As praias de lá provavelmente estavam cheias de coisas bonitas.

PROCUREI ME SENTAR A RESPEITÁVEIS DEZ CENTÍMETROS DE DISTÂNCIA do corpo do Theo, mas aqueles dez centímetros não duraram mais do que dois segundos, porque mal me acomodei e Theo arrancou em disparada. Então meu objetivo principal passou a ser ficar grudada nele.

A moto era incrivelmente barulhenta, com todo tipo de rangido de engrenagens, estalidos e ruídos, e havia a possibilidade bem real de algum tipo de roedor do Mediterrâneo ter ficado preso nos raios das rodas. Mas, mesmo que não fosse tão barulhenta, duvido que teríamos conversado. Theo estava ocupado demais tentando quebrar algum recorde de velocidade, e eu, tentando absorver Santorini.

Depois de todas as horas que eu passara observando o mapa do meu pai, parte de mim acreditava que eu reconheceria a ilha, mas saber sobre aquele lugar não me preparara em nada para a realidade. Eu já sabia que Santorini tinha a forma de uma meia-lua crescente, com uma baía aninhada em sua curva, mas eu não sabia que a ilha era pequena o suficiente para que eu pudesse ver o formato com meus próprios olhos.

Também havia os penhascos. Vermelhos e bem delineados, cobertos por extensos vilarejos de casas e igrejas caiadas de um branco resplandecente, com destaques em tons de amarelo claro, rosa esmaecido e um ou outro telhado azul-cobalto. De vez em quando, Theo diminuía a velocidade para gritar o nome dos lugares pelos quais estávamos passando.

— Fira! — gritou enquanto passávamos a toda por uma cidade pequena, com uma rua principal congestionada e um McDonald's dividindo espaço com a tradicional arquitetura grega. — O antigo porto!

Ele apontou para uma vasta extensão de mar azul com navios de cruzeiro tão lá embaixo que pareciam peças de Batalha Naval. Cada área residencial por onde passávamos tinha algo por que se apaixonar. Pequenas ruas sinuosas repletas de burros usando cobertores coloridos e sinos, e igrejinhas com cruzeiros despontando

de seus domos azuis. Eu não parava de ter um pensamento idiota provocado pelo sono: *Santorini é assim de verdade*. Também havia outro pensamento idiota: *Theo tem um cheiro maravilhoso*. Como um limoeiro. Ele podia até não ter penteado o cabelo, mas sua colônia ou pós-barba ou seja lá o que fosse era tão cítrica e refrescante que, cada vez que se inclinava para trás para me gritar o nome de algum lugar, eu inspirava o aroma sem perceber.

Tínhamos passado de Fira e estávamos subindo uma estrada estreita e sinuosa quando finalmente me dei conta da primeira frase que Theo havia me dito. *Como é ser filha do homem que está prestes a abalar o mundo arqueológico com provas da existência de Atlântida?*

Ele usara mesmo a palavra "provas"? Porque, se tinha uma coisa que eu sabia sobre os caçadores de Atlântida, é que eles não usavam aquela palavra levemente. Fiquei louca para fazer mais perguntas ao Theo. Meu coração disparava à medida que a moto subia cada vez mais alto.

Bem quando eu tinha aceitado que aquela era a minha nova vida, que eu ia ficar rodando em uma minimoto desengonçada, admirando aquela beleza inimaginável por toda a eternidade, e também tentando não me perder no cheiro da colônia do motorista, Theo entrou de repente em um estacionamento de terra, levantando uma nuvem de poeira e me lançando para cima dele.

— Ai! — exclamei.

— Oia! — anunciou Theo. — Chegamos.

— Um aviso. Um aviso teria sido bom.

Cadê ele? Enquanto eu examinava freneticamente o estacionamento, meu coração começou a tradicional dança grega

conhecida como *Colapso Completo e Total*. O mar ficava à direita, e à minha esquerda havia um ponto de ônibus improvisado, uma barraquinha de frutas e um denso labirinto de prédios brancos. Havia dois garotos conversando em frente a um carro e uma mulher sentada numa cadeira dobrável na varanda de uma loja de souvenir.

Meu pai não estava ali. *Outra vez.*

— Seu pai vai nos encontrar em outro lugar. Na sua surpresa — disse Theo, notando minha pergunta não formulada.

Certo. Suspirei, ignorando a mão estendida dele e descendo aos tropeços da moto, com as pernas trêmulas.

— Theo, o que você quis dizer lá no aeroporto?

— Hã?

Ele estava guardando nossos capacetes sob o banco da moto e, quando se virou e sorriu, senti uma série de cambalhotas na barriga, o que me preocuparia se eu não estivesse num relacionamento sério. Ou pelo menos eu *achava* que estava num relacionamento sério. Será que eu devia ligar para o Dax? Meus dedos coçaram para pegar o celular, mas afastei a ideia. Primeiro, meu pai, depois eu lidaria com o Dax.

Ajustei as alças da mochila, sentindo seu peso tranquilizador em meus ombros.

— No aeroporto, você me falou que sou filha de um caçador de Atlântida que tem *provas*.

— Eu não falei isso — disse Theo rapidamente, mas suas sobrancelhas se ergueram e o entregaram.

Ele devia ser um péssimo jogador de pôquer.

— Falou, sim.

Seu rosto se iluminou em um largo sorriso.

— Está bem, eu falei. Mas seu pai quer contar tudo para você. Ele só podia estar brincando.

— Mas estou falando de prova, prova. Prova *de verdade*.

Theo se aproximou de mim, e minha temperatura subiu alguns graus, assim como na moto. Por segurança, dei um passo para trás.

— Prova *científica* — insisti.

— E existe outro tipo de prova? Não vou contar mais nada. Não quero estragar a alegria do seu pai.

Meu coração disparou.

— A prova tem alguma coisa a ver com o “projeto misterioso”?

Tive o cuidado de fazer um gesto acrescentando as aspas.

— O “projeto misterioso”? Não exatamente — rebateu Theo.

Então me lançou um sorriso capaz de dizimar uma cidade inteira. Com facilidade. Mas, mesmo que eu não tivesse namorado, não me permitiria sonhar demais com aquele sorriso, porque aquele cara era claramente tão delirante quanto meu pai. Eu não ia cair naquela.

— Cadê o meu pai? — perguntei.

— Pronta para correr?

Theo tinha estendido a mão para mim, mas consegui me deter antes de estender a minha.

— Você disse correr?

— É, aqui. Deixa eu levar sua mochila. — Quando viu minha expressão, ele riu. — Seu pai também nunca me deixa carregar a dele. Sabia que vocês dois têm basicamente a mesma mochila? A dele só é mais velha.

Nós temos a mesma mochila? Agarrei as alças com força. Eu era um pouquinho obcecada pela minha mochila. Minha mãe a encontrara em um brechó um ano antes de se casar com James, e

eu a usava desde então. Era cor de café com leite, o couro gasto à perfeição, e seu formato quadrado tinha o tamanho exato para meus materiais de artes. Será que meu pai também carregava materiais de artes?

Afastei aquele pensamento, voltando para a conversa com o Theo.

— Eu não vou correr.

— Mas... — Ele pareceu decepcionado. — É a única maneira de chegarmos a tempo para a surpresa do seu pai.

Ele parecia estar ficando cansado de repetir aquilo para mim, mas eu não ia ceder.

Minha última corrida com o Dax voltou à mente, e balancei a cabeça.

— Eu não corro. Meu namorado que o diga.

Minha voz falhou um pouco na palavra “namorado”, o que foi constrangedor e um pouco revelador também.

— Você que sabe. Mas confie em mim, vai valer a pena.

Então, antes que eu pudesse decidir se Theo merecia um pingão de confiança, ele se virou e saiu correndo em direção ao labirinto de construções. Não era um passo acelerado nem uma corridinha casual, mas uma corrida pra valer. Os prédios rapidamente o engoliram, e fiquei sozinha no estacionamento de terra, sem bagagem, morta de dor de cabeça por causa do cansaço, e sem a menor noção de para onde eu deveria ir.

Na verdade, sou bem rápida quando quero ser.

* * *

Oia conseguia ser ao mesmo tempo igual às fotos que eu vira na internet e totalmente diferente, porque as fotos não lhe faziam jus. O vilarejo parecia mais arenoso, mais bonito, menor e ainda mais charmoso do que imagens poderiam capturar. Ou pelo menos era a impressão que eu tinha — mas estava concentrada em manter o olhar no vulto do Theo que ainda continuava à vista, o que não era nada fácil.

A princípio, tudo parecia igual em Oia. Todos os prédios tinham um estilo parecido — baixos, brancos e angulares —, mas, à medida que seguíamos pelas vielas, as construções começaram a se diferenciar. Passamos por uma igrejinha com postes listrados de azul-claro, e então por uma mercearia cheia de produtos que eu me lembrava vagamente de ver meu pai comprando nas lojas do bairro grego de Chicago: nugá, polvo enlatado, figos secos, barras de gergelim e potes de Nutella. Lojas para turistas exibiam suas mercadorias em pátios abertos — desde burros de pelúcia a trabalhos artísticos originais. Para todo lado havia *branco*. Os prédios, as igrejas e as calçadas, tudo irradiava um branco intenso à luz do sol do fim de tarde, interrompidos aqui e ali por buganvílias fúcsia e o azul-vivo das bandeiras da Grécia. Não havia carros em Oia, e ainda bem, porque duvido que caberiam ali.

Pedestres — turistas, a julgar por seus olhares extasiados — ocupavam cada centímetro do lugar. Metade estava elegantemente arrumada com vestidos esvoaçantes e ternos de verão, enquanto o restante parecia ter acabado de sair da praia. Eles se moviam lentamente com suas câmeras na mão, completamente inebriados, parando para tirar fotos de igrejinhas e portas charmosas e passando por cima dos cachorros com pelos bagunçados que

descansavam de forma um tanto inconveniente no meio da calçada. Eram muito irritantes — as pessoas, é claro; os cachorros, eu queria pegar no colo e carregar comigo para onde quer que estivéssemos indo —, mas eu também estaria admirando tudo e tirando fotos se não estivesse desesperada para não ficar para trás.

Theo seguia pelas ruas, desviando dos obstáculos e subindo degraus, enquanto eu corria atrás dele, com minhas sandálias escorregadias no chão de mármore e a mochila balançando pesadamente nas costas. Àquela altura, eu só pensava que deveria ter dado a mão a ele; teria facilitado as coisas. Nem mesmo Dax poderia reclamar. Bem no instante em que achei que meu coração estava prestes a explodir, Theo freou de repente. Tentei parar também, mas minhas sandálias não combinavam com o mármore gasto, e ele teve que me segurar pelo braço para me manter de pé. Eu estava toda suada e desarrumada, e arfava como se tivesse acabado de fugir da prisão.

— Bem-vinda a Atlântida — anunciou Theo.

— Atlântida? — perguntei, ofegante.

Então me virei lentamente, observando aquele novo cenário. Tínhamos corrido para o que parecia ser o lado oeste da ilha e estávamos a poucos metros da beira dos penhascos. A caldeira — a baía em forma de tigela parcialmente cercada pela ilha — se abria imponente e reluzente lá embaixo, com uma ilha bem menor flutuando no meio como um pesado pato de borracha. À nossa esquerda, o restante de Santorini se curvava como um C espelhado, e à direita, o caminho de mármore se estendia um pouco mais, terminando no que pareciam ser as ruínas de um castelo. Estávamos no topo de Santorini, mas parecia que estávamos no topo do

mundo. Não era de estranhar que aquele lugar estivesse tão cheio.
Bem-vinda a Atlântida.

Eu me virei para Theo de novo. Ele não parecia nem um pouco sem fôlego. Na verdade, estava radiante e com uma aparência perfeitamente saudável.

— Você diz isso porque Santorini é a origem do mito de Atlântida?
— perguntei, finalmente recuperando o ar.

— Mito? — Ele estreitou os olhos para mim. — Não, bem-vinda à livraria Atlântida.

Theo apontou e, de repente, me dei conta de que havia um microprédio bem diante de toda aquela vista espetacular. Não um prédio qualquer, mas uma área externa em que funcionava uma livraria ao avesso. Era minúscula, talvez do tamanho do meu quarto em Seattle, e parecia ter sido esculpida numa rocha antiga. A fachada era dominada por duas escadas caiadas de branco: uma levava a um terraço aberto com vista para o mar e a outra a uma porta em arco pintada de dourado. Murais de Atlântida coloriam as paredes externas, e todos os nichos e recantos possíveis tinham prateleiras de madeira transbordando de livros e placas curiosas escritas à mão. EU ♥ NARRADORES NÃO CONFIÁVEIS. E também: OS DINOSSAUROS NÃO SABIAM LER E AGORA ESTÃO EXTINTOS. MERA COINCIDÊNCIA? Um questionamento válido.

A mistura de cores, imagens e frases dava à livraria a aparência de uma colagem em tamanho real. Meus dedos coçavam para pegar um lápis e o caderno de desenho. Não sabia bem o que eu desenharia primeiro, mas queria capturar tudo.

Até que eu vi. Acima da porta, pintada em dourado e com uma letra que eu teria reconhecido em qualquer lugar.

Bem-vindos à
Livraria Perdida de Atlântida.
O que estava perdido foi encontrado.
(Aberta diariamente do café da manhã ao pôr do
sol)

A força daquela caligrafia me deixou sem ar. Antes que eu pudesse me segurar, corri até lá e toquei as letras, sentindo a textura áspera da construção sob meus dedos. Abaixo das palavras, havia um mapa de Santorini pintado à mão — uma forma que eu saberia desenhar de cor.

Ergui os olhos para o texto outra vez, a respiração presa na garganta. *O que estava perdido foi encontrado.* Seria assim tão simples?

— Primeira impressão? — perguntou Theo, a voz abafada.

Eu me virei e descobri que ele estava com a câmera, dando muito close em mim.

— De novo, não — reclamei, tentando sair do enquadramento.

De costas para o texto na parede, não doía tanto.

Theo manteve a câmera apontada para mim, imperturbável.

— A loja faz você lembrar de alguém?

— Você está mesmo me perguntando isso?

Cruzei os braços, constrangida.

Com a câmera voltada para mim, eu não tinha a menor ideia do que fazer com as mãos ou para onde olhar. Além disso, era uma pergunta obviamente retórica. A livraria era excêntrica, incomum e tão charmosa que me deixara sem fôlego. Era igual ao meu pai, se

ele fosse um prédio. Ou seja, ela estava me fazendo surtar completamente.

Queria mandar o Theo parar de me filmar, mas só apontei para a porta da livraria.

— Ele está lá dentro?

— Sim. Me dá um minuto pra eu me preparar.

Theo colocou a câmera no chão, ajustou-a por alguns instantes e depois apontou para mim de novo.

— Pronto. Vou ficar aqui enquanto você bate.

Ele só podia estar brincando. Quando me virei para olhar, a luz de gravação da câmera estava acesa e ele ergueu o dedão por cima dela.

— Vai — incentivou ele.

— Theo, *não*. Não vai rolar.

Tentei escapar, mas vários turistas na calçada tinham notado a câmera e uma pequena aglomeração bloqueava minha fuga.

— Como assim?

Corri para perto dele.

— Você não vai *filmar* nosso reencontro.

Não chegava a ser uma multidão, mas o grupo de pessoas atrás do Theo já começava a me deixar zozza.

— Você é o quê, um paparazzi? — perguntei.

— Paparazzo — corrigiu ele. — Olive, esse é um momento importante. Você mesma disse que não o vê desde os oito anos.

— *Liv* — corrigi.

Minha voz soava meio em pânico.

— É importante para a história — explicou Theo.

Até então, ele não havia me chamado de *Liv* nenhuma vez.

— Isso não é uma *história*. Sou eu reencontrando meu pai.

— Tudo é uma história. E você vai querer ter isso gravado, confie em mim. — Então ajeitou a câmera no ombro. — Tá, pode bater.

— O quê? Não vou encenar...

Antes que eu pudesse entrar completamente em pânico, ouvi alguém mexendo na porta, e não havia mais tempo. Senti minha respiração quente e rápida, um zumbido nos ouvidos, então a porta se abriu e...

Não era o meu pai.

Quer dizer, a não ser que ele tivesse envelhecido uns setenta anos desde a última vez que o vira.

O homem tinha olhos brilhantes, bochechas enrugadas e estava bem-vestido. Usava o cabelo ralo penteado cuidadosamente para o lado e tinha o tipo de elegância que me fazia pensar nas capas de vinil do Frank Sinatra que James exibia na parede do escritório lá em casa. O homem tinha as mesmas sobrancelhas grossas e olhos grandes que o Theo e segurava um bolinho coberto de pétalas de glacê branco.

— *Kalispéra!* — disse o homem.

Eu não sabia ao certo se estava aliviada ou decepcionada. Meu pai ia aparecer alguma hora?

— *Kalispéra* — respondi.

Uma palavra que eu dissera o tempo todo quando era criança, mas naquele momento pareceu pesada e densa na minha língua.
Boa tarde.

O homem falou mais alguma coisa em grego, me deixando completamente perdida, e Theo respondeu, gesticulando em minha direção. A única coisa que entendi foi *Olive*.

— Olive, este é o meu avô, mas você pode chamá-lo de Bapou — disse Theo por trás da câmera, que continuava firmemente apontada para mim.

— Bapou? Tipo...

— A palavra grega para “vovô” é *papou*, mas eu falava errado quando era pequeno e o apelido pegou. Bapou também quer que eu diga para você que ele fala inglês muito bem, mas posso lhe garantir que não é verdade. Prossiga com cuidado.

Bapou sorriu para mim e senti toda a estranheza daquela situação.

— É um prazer conhecê-lo, Bapou — cumprimentei, insegura.

— Bela! Bem-vinda a Santorini! — exclamou Bapou, apontando um dos dedos para mim com entusiasmo.

Ele era extremamente simpático.

— Obrigada — falei, tentando retribuir com um sorriso tão caloroso quanto o dele. — É um lindo bolo.

Bapou franziu o rosto e Theo traduziu, o que me rendeu um sorriso deslumbrante do Bapou. Tal avô, tal neto. Bapou ergueu o bolo em minha direção em um brinde.

— Theo? Theo, é você?

De repente, outra pessoa apareceu, e então havia duas silhuetas bloqueando a porta.

Também não era o meu pai.

Definitivamente não era o meu pai.

A mulher era baixa e curvilínea, com a pele acobreada, cabelo escuro preso em um coque alto e uma franja espessa emoldurando os olhos também escuros. Ela estava sem sapatos, usava uma antiga calça Levi's bem larga, dobrada no tornozelo, uma camiseta

desbotada dos Rolling Stones e um batom vermelho da cor exata do corpo de bombeiro e das balas de canela. Fiquei imediatamente obcecada por ela.

— Olive! — gritou a mulher, abrindo bem os braços. — Bem-vinda a Atlântida! Estou tão feliz por finalmente conhecer você.

A voz dela era grave e rouca, e seu sotaque era tão parecido com o do meu pai que minha nostalgia se transformou em um sentimento muito maior e mais vazio. Saudade? Dor?

— Pode me chamar de Liv — murmurei.

Ela subiu depressa as escadas e examinou brevemente minha roupa.

— Icônica — disse ela em voz baixa. — Você aperfeiçoou a arte da maquiagem francesa, minha malandrinha grega! E eu sei bem. Passei dez anos em Paris.

Engoli em seco. Era como se ela me enxergasse por inteiro.

— Olive, esta é minha mãe, Ana — disse Theo por trás da câmera.

— Sua mãe? — consegui perguntar.

Ana parecia jovem demais para ser mãe, que dirá mãe do Theo. No entanto, depois que ele contou isso, consegui perceber a semelhança nos olhos grandes e na boca.

— É um prazer conhecê-la — falei. — O meu pai...?

Está aqui? Vai aparecer alguma hora? Eu não sabia direito o que perguntar. Por sorte, Ana falou primeiro.

— É claro. Seu pai deu uma saída, mas volta logo.

Então, Ana viu a câmera do Theo e fechou a cara.

— Theo! Respeito! Falei pra você não...

Ela terminou a frase em grego, o tom irritado.

Theo baixou a câmera sem muito entusiasmo, mas a levantou de novo assim que Ana se virou. O que quer que ela tivesse dito não havia causado nenhum impacto, porque a câmera continuava invadindo meu espaço pessoal. Ana devia ter plena consciência da teimosia do Theo, porque nem insistiu.

— Olive, temos que levar você até o terraço para sua surpresa — explicou Ana. — Depressa. Eu te encontro lá em cima.

Ela disse algo ao Theo, que assentiu. Depois, ela desceu correndo os degraus da livraria. Por fim, Theo baixou a câmera. Os olhos dele brilhavam, exatamente como os de sua mãe, e, sem meu consentimento, meu estômago também se contorceu com a empolgação. Eu conhecia as surpresas do meu pai. O que quer que fosse, seria grandioso.

— Querem que você feche os olhos. Eu vou guiá-la.

A voz do Theo era autoritária, sem me dar opção. Estendi a mão timidamente para ele, que sorriu e a virou para inspecionar as cutículas.

— Você rói as unhas, que nem o seu pai.

— Não roo — falei, puxando a mão de volta.

Olive era uma roedora de unhas compulsiva. Liv não. Entretanto, quando examinei minhas unhas, vi que ele estava certo. Eu tinha roído completamente meu esmalte cinza-azulado. Quando? No avião?

— Meu pai está lá em cima? — perguntei.

— Não. Sua mão, por favor, Olive — disse Theo.

— Liv — repeti, já totalmente sem esperança.

Dei a mão a ele, e, quando Theo se convenceu de que meus olhos estavam fechados, me levou aos tropeços escada acima

(aquilo era mesmo necessário?), depois me guiou mais alguns passos e me virou. Pude sentir a brisa do mar subindo pelos penhascos. Ouvi passos atrás de mim, e meu coração acelerou até eu ouvir a voz da Ana.

— Cadê o Nico? Não podemos mais esperar.

— Vamos começar — disse Theo a ela.

Então sua voz soou bem perto do meu ouvido, provocando um arrepio que percorreu meu corpo.

— Pronta para a sua surpresa? Abra os olhos.

Abri os olhos, sem saber o que esperar, e o que eu vi...

Bem, estava à altura.

O último andar da livraria era um terraço do tamanho da nossa sala de jantar, com um pequeno peitoril separando-o do penhasco e da vastidão da caldeira. Estantes de livros contornavam o perímetro do pátio, com fios de lâmpadas serpenteando ao redor e por entre elas. Havia almofadas em tons de joia espalhadas sob uma pequena pérgula de madeira, e por todo o peitoril flores e plantas brotavam de latas de tomate reaproveitadas. Ainda assim, tudo aquilo não era nada em comparação com o que acontecia sobre o mar.

Enquanto eu era apresentada à livraria e à família do Theo, o sol tinha descido rumo ao horizonte e, com isso, ficado totalmente diferente. Em vez de um amarelo-vivo, tinha se condensado em uma densa bola laranja, com bordas quentes e definidas. Sua luz se derramava contra os prédios brancos na costa do penhasco, refletindo um espectro de tons vivos e alaranjados.

O pôr do sol estava brilhante demais para se olhar diretamente, então me virei para a caldeira. A água estava parada, mas diversos barcos grandes a navegavam em direção ao sol, deixando rastros

prateados para trás. Um deles soou sua buzina, e o barulho forte e solitário reverberou por toda a caldeira, culminando num ponto logo abaixo do meu peito. Senti um arrepio pelo corpo, tão repentino quanto uma brisa.

Tentei falar, tentei reagir, mas não consegui. Só sabia olhar, completamente hipnotizada. O sol foi descendo lenta e elegantemente, como uma dama fazendo uma reverência, cada vez mais denso e vermelho à medida que afundava, centímetro a centímetro, no oceano. Era inacreditavelmente lindo. Atrás de mim, a ilha estava em silêncio, toda a multidão sem fôlego, assim como eu.

Quando o último ponto vermelho se desfez, uma lufada forte e fria de ar marinho fez meu cabelo voar, então houve um delicioso instante de silêncio, seguido por uma explosão de aplausos calorosos por toda a ilha.

Era a única reação apropriada.

— Bela! Bem-vinda a Santorini! — gritou Bapou, batendo no meu ombro.

— Feliz por ter confiado em mim? — perguntou Theo.

Ele tinha deixado a câmera de lado e sorria como se, de alguma forma, fosse responsável pelo pôr do sol. Talvez fosse mesmo, ou ao menos pelo fato de eu ter assistido àquele.

Já ia perguntar se o pôr do sol de Santorini era assim toda noite quando uma voz sussurrada, vindo dos degraus, me paralisou.

— Ana! Ela já está aqui?

— Com o Theo — respondeu Ana.

Não reconheci aquela voz só com meus ouvidos. Minhas células também reconheceram. Eu sabia seu peso e seu timbre. Conseguia

sentir o cheiro da fumaça de cigarro nela, ouvir o estouro do chiclete de canela. Eu procurava aquela voz inconscientemente desde os oito anos de idade.

Meu corpo se virou sem eu precisar mandar, e lá estava ele. Subindo depressa a escada com um pacote embrulhado sob um dos braços, um buquê de flores fúcsia no outro, sem fôlego de tanto correr, o olhar focado em mim.

Nico Varanakis.

Meu pai.



Capítulo 6



#6. MEIO TUBO DE TINTA A ÓLEO WINSOR & NEWTON

A maioria das crianças aprende o nome de cores como vermelho, amarelo, laranja e verde. Eu sabia o nome de cores como úmbria queimada, verde vessie e azul da Prússia.

Eu tinha encontrado aquele tubo atrás da velha estante onde meu pai guardava todos os materiais de arte, e nem precisei olhar o nome para saber de que cor era. Ocre dourado. Quando abri o tubo, só havia um restinho de tinta, e passei no meu pulso, como se fosse um perfume.

Costumo fingir que não herdei o gosto pela arte do meu pai, mas é claro que herdei. Nem me lembro de ter decidido ser artista. Meu pai vivia desenhando ou pintando, então eu também fazia isso. Eu achava que era assim com todo mundo. Era o que nós fazíamos. Tentei desistir da arte visual certa vez, e estudar flauta ou dança, qualquer coisa que não lembrasse tanto ele, mas não consegui. Não tenho outra maneira de ver o mundo além daquela que ele me deixou.

VER SUA LETRA TINHA ME ABALADO, MAS AQUILO ERA UM VERDADEIRO terremoto emocional. Eu não conseguia me mexer. Não conseguia nem piscar. Se eu piscasse, ele podia desaparecer outra vez. Meu

coração ainda estava batendo? O oxigênio ainda circulava pelo meu corpo?

Não precisava ter me preocupado de não reconhecê-lo. Se é que era possível, meu pai se parecia *ainda mais* com ele mesmo, como uma caricatura, tudo num tom a mais. Ele vestia exatamente o mesmo tipo de roupa de que eu me lembrava: uma velha jaqueta de couro, tênis surrados e uma calça jeans cinza. Theo tinha razão sobre a mochila. A dele era de um couro mais escuro e parecia mais rústica e robusta, mas poderia ser a prima mais velha da minha.

Os cabelos grisalhos eram uma novidade, mas caíam desgrenhados na testa como sempre, e sua pele marrom-clara brilhava à luz do entardecer, exatamente como eu me lembrava. Mesmo sabendo que era impossível sentir o cheiro de cigarro daquela distância, minha garganta coçou.

Meu pai. De carne e osso. Uma possibilidade da qual eu já desistira havia anos.

Eu não conseguia identificar sua expressão. Ele segurava as flores com o braço abaixado, e seu olhar estava fixo em mim. O que se passava em sua cabeça? Será que estava catalogando como eu tinha mudado? Será que seu coração tinha ido parar na boca — tornando impossível falar —, assim como o meu?

Senti a cabeça latejar de tanta ansiedade e, quando não pude mais aguentar, dei um passo à frente.

— Pai?

Minha voz serviu como tiro de partida. Antes que eu me desse conta, ele largou as flores, engoliu o espaço entre nós em menos de três passos e me esmagou contra seu corpo, me abraçando com força.

— Você está aqui — disse ele com o rosto mergulhado no meu cabelo, como se não pudesse acreditar. — Olive, você está aqui.

Depois de todos aqueles anos, eu estava muito mais alta, e meu queixo quase batia em seu ombro — tínhamos perdido tantas medições da minha altura. Respirei fundo, e o cheiro da sua jaqueta continuava exatamente igual: uma mistura de água salgada, loção pós-barba e aquele chiclete de canela.

Fechei os olhos e, por um instante, senti meus pés alcançarem a superfície. Eu tinha oito anos. Ele não havia me deixado. Tudo ainda estava bem.

— Temos muito o que conversar, querida — sussurrou ele, e meus olhos se abriram, quebrando o feitiço.

Depois de todo aquele tempo, o que *não* tínhamos que conversar? Eu me afastei, adrenalina correndo pelo meu corpo, e, de repente, era como se eu o enxergasse pelos olhos de outra pessoa. De Dax, ou de Cora, ou talvez até do meu padrasto. As roupas velhas e surradas; os óculos, que provavelmente não trocava há vinte anos; as flores no chão.

O olhar de confusão.

Ana correu para recolher as flores, depois pegou a mochila do meu pai. Theo ainda apontava sua câmera idiota para nós, e o peso daquela plateia de repente pareceu demais.

— Olive? — indagou meu pai, os olhos arregalados de preocupação.

Eu continuei a me afastar, caminhando em direção ao peitoril.

— Obrigada por me convidar — consegui dizer, a voz seca.

Obrigada por me convidar? Depois de tanto tempo, eu falara isso? Eu não estava agradecida por ele ter me convidado. Estava

ressentida. Confusa, também. Naquele momento eu sentia uma mistura de coisas, um redemoinho de emoções que ameaçava me sugar.

Meu pai abriu a boca, depois fechou. Como se soubesse que deveria dizer alguma coisa, mas não tivesse ideia do quê. *Bem-vindo ao clube.*

— Aqui — chamou Theo por trás da câmera, quebrando a tensão.

Eu me virei para ele e percebi que, enquanto meu pai e eu ficáramos encarando um ao outro como corujas emocionalmente abaladas, Ana e Bapou tinham se ocupado. Uma mesinha empurrada até a parede da livraria fora arrumada com uma toalha antiga de renda, e o bolo do Bapou fora colocado bem no meio, decorado com velas cor-de-rosa. O buquê de flores e o embrulho do meu pai tinham sido cuidadosamente arrumados junto a um punhado de purpurina dourada. Era tudo muito simples e elegante, principalmente contra o fundo de parede caiada da livraria. Tirei uma foto mental, guardando a imagem.

— O que é isso? — perguntei, mas o sangue pulsando indicava que eu já sabia.

— Uma festa de aniversário — respondeu meu pai, sorrindo. — Venha.

Theo se aproximou com a câmera, e Ana bateu nele quando chegamos à mesa.

— Mas... meu aniversário foi mês passado.

Eu me virei para olhar para o meu pai, mas consegui me deter no meio do caminho. Ele sabia quando era meu aniversário. Eu tinha feito dezessete anos. Tinha organizado uma grande festa na piscina, e metade da escola estivera lá, empurrando uns aos outros na parte

funda e comendo um bufê de sushi, no qual James insistira. Ele dizia que só se faz dezessete anos uma vez. Mas eu parecia estar fazendo duas vezes.

Meu pai sabia quando era meu aniversário. Ele tinha me enviado um cartão-postal de parabéns, que eu me recusara a ler.

— Pensei que eu tinha alguns pra compensar — disse ele em voz baixa. — Imagino que você nunca tenha tido uma festa de aniversário ao pôr do sol. E Oia tem os mais bonitos do mundo. Achei que seria a maneira perfeita de começar sua viagem.

— Tã-rã — cantarolou Theo. — E seu pai não estava no aeroporto porque estava retirando seu presente no correio.

Meu presente?

— Prometeram que chegaria dois dias atrás — explicou meu pai. — Sinto muito por não estar lá. Queria muito que isso fosse...

Ele parou, mas minha mente completou a frase. *Perfeito. Mágico.* Os dois.

Então eu tinha mais uma coisa com que lidar.

Olhei o presente, meu coração disparado. Era um retângulo pequeno e achatado, embrulhado em papel pardo comum com um barbante em volta. Uma coisa eu já sabia: a não ser que meu pai tivesse mudado radicalmente, o que quer que estivesse ali dentro seria perfeito e exatamente o que eu queria.

— Vai em frente, querida — disse Ana, a voz animada.

Ou ela sabia o que era, ou já tinha recebido um dos presentes do meu pai.

Eu me aproximei da mesa, quase mareada de tanto nervoso. De repente, percebi que o pozinho dourado não era purpurina, mas centenas de minúsculas estrelas douradas salpicadas pela mesa. A

magia está nos detalhes. Palavras do meu pai. Ele devia ter gastado horas naquilo.

Será que estava todo mundo prendendo a respiração também?

Bapou sorriu alegremente para mim.

Meu pai chegou mais perto.

— Quer abrir o seu presente?

Não queria, mas eu não tinha um bom plano de fuga, então assenti, relutante. Meu pai me entregou o pacote e deslizei cuidadosamente o dedo sob o papel, o coração batendo cada vez mais rápido. Dentro havia uma caixa de madeira bem lisa, com dobradiças e um fecho dourados. Havia uma palavra gravada no topo, e, quando a virei para ler, perdi o fôlego. SENNELIER. Na mesma hora deixei de lado toda a calma que queria aparentar, e meus dedos desajeitados tentaram abrir a tampa depressa.

Lá estavam.

Cinquenta pastéis a óleo aninhados em espuma protetora macia. Todos impecáveis. Todos tão ricos e brilhantes que poderiam estar em exibição em uma confeitaria. Não eram quaisquer pastéis a óleo. Eram os pastéis que outros pastéis queriam ser — os pastéis a óleo que eu queria desde o primeiro momento em que pegara num pincel. As cores eram diferentes de todas as que eu já tinha visto antes. Amarelo-limão, azul-cerúleo, verde-viridiano, laranja-chinês.

Meus dedos tremiam para pegar um. Para começar a aplicá-los sobre todas as colagens em andamento no meu caderno de desenho, para esboçar a cena à minha frente, esfumando o pigmento com a ponta dos dedos ou talvez com uma espátula. Mas eu não podia fazer nada daquilo imediatamente porque antes precisava dizer alguma coisa. Qualquer coisa. O silêncio já tinha se

estendido por tempo demais, e eu podia sentir a energia nervosa vindo do restante da festa.

Meu pai se aproximou, a voz baixa.

— Henri Sennelier tinha uma loja de material de arte na França, perto do apartamento de Pablo Picasso. Ele fazia materiais personalizados para os artistas, e um dia Picasso pediu algo especial. Ele adorava a praticidade dos gizes de cera, mas queria pigmentos que pudessem cobrir qualquer coisa... madeira, vidro, metal, tudo. Então Henri Sennelier criou esses daí. — Ele estendeu a mão, apontando para os bastões no canto inferior direito. — A loja ainda existe. Já está na quarta geração, bem em frente ao Louvre.

Pensar em Picasso entrando numa loja de materiais de arte e pedindo o que eu tinha nas mãos fez meu coração apertar. Claro que ele tinha sido a gênese daqueles óleos. Eu nunca tinha visto nada parecido com aquelas cores. Peguei o ocre e corri meu dedo sobre sua ponta cerosa. Mesmo sem usá-lo, eu já sabia como ele se derreteria no papel, formando camadas até a cor ficar perfeitamente saturada.

— Nico foi a Paris para encomendar — interrompeu Theo, a câmera apontada para nós. Procurei me esquivar. — Arrumou um voo e simplesmente foi até lá.

— Theo, quieto — disse Ana, mas com um sorriso enorme no rosto.

Lancei um olhar nervoso para o meu pai. Ele tinha voado até Paris para comprar aquela caixa? Mesmo sem contar a passagem, aqueles pastéis provavelmente custavam mais do que sua moto toda remendada. Ele tinha dinheiro para aquilo? Só de olhar para suas roupas, eu já sabia a resposta. Não. Não tinha.

— Mas... Por quê?

Meu olhar encontrou o dele sem que pudesse evitar. Eu tinha me esquecido da sensação de ver aquele sorriso. Era como mil velas de aniversário, todas cheias de desejos e acesas só para mim. Todo o resto parecia não ter graça.

Ele gesticulou para o kit de pastéis com um floreio.

— Sua mãe disse que você adora Paris. E arte.

— Adoro — falei. — Mas...

Seu rosto pareceu esperançoso quando eu não completei a frase.

— E acho que você vai adorar a Grécia também.

— Ela *vai* — interrompeu Theo, sua voz exasperada. Será que o trabalho do Theo era concordar com o meu pai? — Por que não conta a ela logo a melhor parte?

— Theo! — alertou Ana novamente.

Meu coração deu um pulo. A melhor parte? Aquela não era a melhor parte?

— O quê...?

Meu pai abriu um sorriso ainda maior.

— Algumas dessas cores... Eu mandei fazer especialmente para você.

— Por isso que ele teve que ir a Paris — explicou Theo. — Ele precisou se encontrar com os Sennelier.

O quê? Meu coração disparou, parecia que ia pular do peito. Olhei de novo para o kit e na mesma hora soube quais tinham sido encomendadas pelo meu pai. As últimas três. Soube porque não se encaixavam no padrão meticulosamente organizado do conjunto, seguindo as cores do arco-íris. Soube porque algo naquela intensidade lembrava o meu pai.

Minhas mãos tremiam quando tirei cuidadosamente os pastéis da caixa, rolando-os na palma da mão até os rótulos ficarem virados para cima, os nomes dos pigmentos marcados em letras minúsculas. O cobalto intenso que eu vira na cúpula das igrejas era *azul de Santorini*. O turquesa deslumbrante que ecoava na maré ao pé dos penhascos era *atmosfera de Ammoudi*. E o último? O castanho-esverdeado que eu vira em cada espelho e cada reflexo ondulado ao longo de toda a minha vida?

Olhos da Olive.

Ouvi um suspiro profundo e trêmulo, e levei um instante para perceber que tinha saído de mim. Minha respiração parecia pesada; o bastão do pastel, leve como pena em minha mão. Ele tinha acertado em cheio. Como tinha acertado em cheio? Eu não conseguia olhar para ele. Não conseguia olhar para nenhum deles.

— Bela! Bem-vinda a Santorini! — disse Bapou, então apontou para a mesa. — *Tourta!*

Por fim, uma palavra grega que eu reconhecia. *Bolo*. Eu me virei para a mesa, observando o bolo com mais atenção. Será que era...? Era, sim. Meu coração transbordou. Todo ano, no meu aniversário, meu pai fazia questão de encontrar as laranjas mais perfeitas da cidade, preparar um purê da fruta inteira e acrescentar à massa. O resultado era coberto com um iogurte ácido bem espesso, embebido em mel. Bapou havia acrescentado um círculo de pistaches moídos e fatias de laranja dispostas como uma flor. Nós o chamávamos de Bolo Raio de Sol. Eu não comia um pedaço havia anos, e só de olhar senti água na boca. Traidora.

Como ele sempre faz isso?

Meu pai deu um passo à frente, apontando para os pastéis, a mão a alguns centímetros da minha.

— As duas primeiras cores são para ajudá-la com sua arte enquanto estiver aqui. A terceira simplesmente precisava existir.

Aquilo era demais. Meu coração se enchera como um balão. A qualquer minuto, eu iria ficar na ponta dos pés e sair voando sobre a caldeira. Só os olhares deles me mantinham ancorada. Os três bem juntinhos, como uma família ansiosa. Seus rostos irradiavam expectativa. Bem, seus rostos mais a câmera do Theo.

Bapou inclinou a cabeça, e Ana lançou um olhar nervoso para o meu pai. A câmera continuava firme.

— Olive, está tudo bem? — meu pai perguntou baixinho.

A resposta correta seria que tudo estava muito mais que bem. Estava tudo perfeito — o presente, a festa, cada detalhe tinha sido mágico. Mas outra verdade vinha à tona, expulsando os demais pensamentos, abafando minha voz. *Ele não pode fazer isso.*

Ele não podia consertar os últimos nove anos com um gesto grandioso, por mais perfeito que fosse. Não podia apagar todos aqueles anos vazios. Ele não tinha aquele direito.

Quando abri a boca, não disse nada daquilo. Em vez disso, só comecei a chorar.

* * *

O choro de algumas pessoas é bonito e delicado, capaz de inspirar grandes ações ou, pelo menos, uma embalagem de lenços de papel.

Quando eu choro, no entanto, as pessoas entram em pânico.

A princípio, todos pensaram que eu chorava lágrimas de alegria pelo que era, evidentemente, um momento transformador, pois trocaram um olhar de cumplicidade. Um cumprimento silencioso. Entretanto, assim que ficou claro que meu nariz não ia parar de escorrer, todos entraram rapidamente em modo catástrofe. Meu pai correu até mim, me examinando como se tentasse descobrir se eu tinha torcido o tornozelo ou sido picada por um inseto santoriniano gigante. Bapou começou a repetir suas frases em inglês ainda mais alto.

— Bem-vinda a Santorini! Bela!

Theo se empolgou e se aproximou para continuar filmando, mas Ana quase o atacou para afastá-lo de mim.

— Theo, *stamáta to!*

— Mãe, é uma sequência ótima! Isso é vida re...

Ana disse algo ríspido em grego e o arrastou pelo pescoço.

— Olive, você não gostou do kit? Porque vi nas suas redes sociais que você tem praticado autorretratos. Achei que essa cor poderia ser útil.

Ele tinha visto minhas redes sociais? Meu cérebro começou a zumbir, alto demais para eu ouvir o restante do que ele disse. Eu tinha começado a postar algumas coisas no ano anterior por impulso, para ter onde colocar tudo o que estava produzindo, mas meu número de seguidores ainda não havia chegado nem aos três dígitos. Nunca tinha me ocorrido que meu pai pudesse estar entre eles.

Sequei os olhos, afastando-me da mesa, do presente, de toda a festa. Respirei fundo e, por fim, consegui dizer alguma coisa.

— Pai, prefiro ser chamada de Liv agora.

Eram as palavras erradas. É claro que eram. Ninguém tinha me dito o que fazer se algum dia estivesse em uma situação como aquela.

Mágoa, confusão — não sei bem o quê — passaram pelo rosto do meu pai, mas ele procurou disfarçar rapidamente. Suavizou tudo com aceitação. Compreensão. Ele assentiu.

— Liv. É bonito. Muito sofisticado.

Seu sorriso estava de volta, mas ele olhava para longe, me dando espaço emocional, algo de que eu obviamente precisava. Ainda assim. *Ai.*

— Hum.

O ruído veio de trás da câmera, que estava em posição novamente. O constrangimento tomou conta de mim, com força o bastante para me orientar em meio às minhas emoções. *Tá, Liv. Hora de se recompor.* Ana começara a se ocupar, pegando o papel de embrulho e o barbante, como se a cena mais estranha do mundo não estivesse se desenrolando à sua frente, e Bapou começou a ajeitar cuidadosamente o bolo, girando-o para que as velas ficassem perfeitamente centralizadas.

Pigarreei, me afastando do meu pai.

— Desculpe por isso, pessoal. Muito obrigada pela linda surpresa. Mas não durmo desde que saí de Seattle, e o cansaço está me afetando bastante.

— Não se desculpe por seus sentimentos — disse Ana, a voz firme. — Nunca se desculpe por isso.

Theo baixou a câmera e, quando vi sua expressão, quis atirar algo na direção dele. Suas sobrancelhas estavam erguidas, e ele me

encarava com um sorrisinho. Por acaso ele estava se divertindo com aquilo?

Meu pai colocou a mochila de volta nas costas, gesticulando para eu também pegar a minha.

— É claro. Vamos acomodar você.

Ele se virou em direção à escada, e eu corri atrás. Apesar da raiva, parte de mim se recusava a deixá-lo sumir de vista.

Enquanto eu estava tendo meu pequeno colapso no terraço, a multidão que admirava o pôr do sol tinha diminuído, as pessoas desaparecendo nas ruas da vila. Até mesmo os cães estavam se dispersando, e um particularmente fofo se aproximou da gente, descansando a cabeça peluda como dente-de-leão no joelho do meu pai antes de seguir pela rua.

Estava preparada para caminhar até a casa ou o apartamento do meu pai, ou onde quer que ele morasse, mas, em vez disso, quando Theo foi despachado para buscar minha mala, Ana e meu pai me levaram até a livraria. Minhas pernas tremiam nos degraus íngremes, mas eu estava ansiosa para ver o que havia lá dentro.

Não me decepcionei.

— A-ah... — gaguejei quando Ana acendeu as luzes.

Se a livraria já era charmosa por fora, era completamente fascinante por dentro. Meu pai sorriu.

— Gostou?

Ele não podia estar mesmo me perguntando aquilo, porque era impossível alguém não gostar da Livraria Perdida de Atlântida. O espaço era pequeno como uma casa de bonecas, a maior parte tomada por uma salinha em forma de semicírculo. Uma porta em arco levava a um segundo espaço que parecia um closet, e os dois

cômodos tinham tetos altos e abobadados cobertos por murais de cores vivas. Estantes engenhosamente construídas abraçavam as paredes curvas, com centenas, talvez milhares de livros aninhados — uma mistura de brochuras novas e brilhantes e livros surrados de capa dura de couro. A cada seção, pequenos cartões em destaque indicavam o tema dos livros. MISTÉRIO, FICÇÃO HISTÓRICA, e um grande cartão para ROMANCE!!!

E o *cheiro*. Inspirei, sentindo meus músculos relaxarem. Eu nunca tinha percebido que livros antigos tinham um cheiro específico, mas é claro que tinham. Era um cheiro de couro velho com toques de baunilha e mofo, e alguma outra coisa. Magia? Pó de pirlimpimpim? Fui até o centro da sala principal, virando lentamente para observar cada centímetro. A luz do fim de tarde entrava por duas janelas altas, e as partículas de poeira rodopiavam como bailarinas. De repente, senti um desejo irresistível de gastar todas as minhas economias em livros novos e depois me deitar em algum lugar macio com o tipo de livro que minha professora de literatura sempre tentava nos convencer a ler. Charles Dickens? Emily Brontë? Manda ver.

— Tudo bem? — quis saber meu pai.

Ele parecia muito mais confiante naquele espaço. Ele o preenchia. Olhar para ele entre todos aqueles livros me fez sentir como se eu estivesse prestes a desabar e chorar novamente, então logo desviei minha atenção para o teto abobadado, onde havia sido pintada uma constelação.

— Há quanto tempo isso existe?

— O espaço, provavelmente há uns cem anos. A loja, um só — respondeu ele, sorrindo para mim. — Embora Ana sonhasse em abrir

uma livraria em Oia desde que era pequena.

Ana soltou um suspiro exasperado, mas seus olhos brilhavam.

— Um sonho ou um pesadelo? Administrar uma livraria numa ilha pequena não tem sido fácil. Até encontrar um local parecia impossível. Você devia ter visto este lugar antes de seu pai começar os trabalhos. Não passava de uma caverna vazia. Precisei dele a cada etapa. Seu talento está literalmente à mostra nas paredes.

— Mas não teria sido nada sem a sua visão — disse meu pai, esquivando-se habilmente do elogio.

— Eu amei esse cheiro — falei.

— Cheiro de livro é o melhor de todos — concordou Ana, pegando uma pilha de correspondências em uma mesinha e dando uma olhada nas cartas. — Se eu pudesse, engarralaria e passaria nos pulsos toda manhã.

— Daria para vender e fazer fortuna.

O olhar escuro do meu pai encontrou o meu.

— São só os livros antigos — explicou ele. — Quando o papel dos livros antigos se quebra, o composto cheira a amêndoas e flores de baunilha. Os novos cheiram a papel e cola.

— Só você para saber essas coisas — disse Ana.

A voz dela era doce e suave, e, quando me virei e vi o sorriso de admiração que abrira para ele, meus sentidos ficaram em alerta.

Será que Ana era a namorada dele?

Senti uma pontada no peito, seguida imediatamente de frustração. Parte de mim acreditava que, apesar de ele ter nos deixado, meu pai não tinha seguido em frente. Mas é claro que tinha. Fazia nove anos. Quem sabe quantos relacionamentos ele já tinha tido?

De qualquer forma, eu precisava saber. Fui até uma estante, passando os dedos pelas lombadas.

— Então, vocês dois se conhecem de onde...?

— Desde a infância — respondeu meu pai. — Nós dois crescemos em Santorini.

— E agora vocês são... amigos? — falei a última palavra com entonação de pergunta, mas ele nem piscou.

Meu pai assentiu.

— Isso, grandes amigos.

— Somos amigos e sócios — disse Ana, me olhando incisivamente.

Encarei-a de volta, e Ana piscou para mim.

Meu pai entrou na conversa.

— Nós nos reconectamos há alguns anos. Ana passou muito tempo longe da ilha, mas voltou para cuidar do Bapou, e nós tivemos essa ideia. Ela trabalhava para uma empresa de design, mas dizia que seu emprego não tinha alma suficiente. Ela queria passar o resto da vida cercada por livros.

— Livros de romance — esclareceu ela. — Queria que fosse uma livraria só de romances. E até tinha um nome pra ela: "Calcinhas vermelhas". Por sorte, seu pai me convenceu a mudar. Ele disse que uma livraria em uma ilha grega voltada para leitores de romances anglófonos seria um nicho *um pouco* restrito.

Ela jogou um punhado de papéis numa lixeira de metal, então se virou para mim.

— Sabe o que eu mais amo aqui? Nunca se está completamente sozinha numa livraria. Com tantas vozes em um só lugar, é

impossível se sentir solitário. Enquanto você estiver aqui, fique à vontade para ler o que quiser.

— Espera, enquanto eu *estiver* aqui?

Dei uma olhada em volta do pequeno espaço.

— Tem um apartamento aqui ou coisa assim? — perguntei.

— Melhor — disse Ana, a boca vermelha se abrindo num sorriso.

— Nico, mostre a ela.

Meu pai estendeu a mão por baixo de uma longa prateleira que acompanhava a borda superior do teto e ouvi um pequeno *clique*. A prateleira correu para a frente, revelando um espaço oculto com tamanho suficiente para abrigar apenas duas plataformas suspensas, com uma cama de solteiro em cada e algumas prateleiras na base. Havia uma janela do tamanho de um prato no meio, e uma escada presa ao conjunto ficava dobrada no espaço entre as camas.

— Um quarto escondido? — falei.

— Adivinha quem projetou? — perguntou Ana.

Não havia necessidade de responder. Só meu pai inventaria algo assim.

Ele desdobrou a escada de madeira, trazendo-a ao chão, e eu subi até as camas estarem na altura dos meus olhos. As duas estavam cuidadosamente arrumadas, com lençóis brancos imaculados e cobertores tricotados à mão, mas a parede acima da cama da esquerda estava cheia de mapas e anotações manuscritas, a maioria em grego. Havia livros grossos de aparência científica em francês, grego e inglês nas prateleiras, junto a uma pequena pilha de camisas pretas e calças jeans. Vi um par gasto de Adidas por cima de tudo, idêntico ao que Theo usava. Meu coração martelou enfurecidamente.

Apontei para o lado oposto.

— Essa cama é pra mim?

Meu pai confirmou com a cabeça.

— Bem, pode ser. Eu alugo um quarto de uma família local...

— Quarto? É uma caixa de sapatos — disse Ana com voz desdenhosa, mas sorrindo afetuosamente para ele.

— ... e você é bem-vinda para ficar lá comigo, mas acho que aqui pode ser mais *confortável*.

A inflexão na última palavra fez com que eu me concentrasse em sua expressão. Ele enfiara as mãos nos bolsos da jaqueta, meio sem jeito, e balançava o corpo para trás, apoiando-se nos calcanhares, o rosto sem nenhuma emoção, fora um discreto indício de preocupação. Eu claramente deveria tentar ler nas entrelinhas, mas não conseguia descobrir o que era. O que ele queria que eu escolhesse?

— Ou você pode ficar comigo — disse Ana. — Mas Bapou também mora lá e insiste em tratar nosso apartamento como as cozinhas industriais em que trabalhava. O ambiente é um tanto caótico. Theo prefere ficar aqui. Assim pode passar um tempo mais sossegado. E com todo o trabalho que vocês três vão fazer, provavelmente vai querer um lugar para descansar.

Ela ergueu as sobrancelhas para o meu pai, e um discreto sorriso dissipou o ar de preocupação no rosto dele.

Certo. O projeto.

A festa de aniversário e meus sentimentos confusos tinham me distraído. Pulei da escada, aterrissando com um baque surdo no tapete da livraria.

— Pai, qual é o projeto? Mamãe não quis me dizer.

O rosto do meu pai se iluminou novamente, me forçando a desviar os olhos. Ele era o sol, e eu era Ícaro. Se eu voasse muito perto, iria me machucar.

— Como eu falei antes, temos muito o que conversar. Mas hoje você precisa de descanso. Ana, você poderia nos dar licença um instante, por favor?

— Claro. — Ela pegou uma pilha de livros e saiu para a sala ao lado. — Estou aqui se vocês precisarem.

Eu duvidava que qualquer canto da livraria ficasse fora do alcance da nossa voz, mas meu pai esperou cerimoniosamente até ela desaparecer na sala ao lado antes de falar em voz baixa.

— Sei que você acabou de conhecer o Theo, mas eu o conheço há muito tempo e confio nele completamente. Mas, se você se sentir desconfortável, eu dou outro jeito. Só pensei que poderia ser... divertido.

Hesitei. Dividir um quarto — hã, plataforma — com um garoto que eu mal conhecia não seria exatamente confortável, mas o que era confortável em tudo que eu estava vivendo? Não, minha mãe provavelmente não ficaria feliz com aquilo, e Dax com certeza não gostaria nada, mas tecnicamente não violava regra nenhuma. Ela nunca havia falado: *Não divida um quarto minúsculo com um garoto grego que você conheceu no aeroporto.*

Além disso, a livraria era como uma amiga. Um porto seguro na tempestade pela qual eu estava prestes a passar. Eu *queria* ficar ali, e não tinha nada a ver com meu colega de quarto.

Tá, tinha um pouquinho a ver com meu colega de quarto, mas porque eu queria bombardeá-lo com perguntas sobre o projeto

misterioso e talvez observar um pouco mais o movimento de seus belos cílios.

Claro que a última parte era só brincadeira.

Eu me virei para o meu pai, a voz decidida:

— Vou ficar na livraria.

Seu sorriso aliviado foi como um soco no estômago.

Mistério resolvido. Ele esperava que eu escolhesse o quartinho. Ou seja, nós dois estávamos mais confortáveis com a ideia de eu dividir um quarto com um desconhecido do que com ele. A Olive de oito anos nunca acreditaria em como meu pai e eu tínhamos nos distanciado.



Capítulo 7



#7. ANEL AJUSTÁVEL COMPRADO EM UMA MÁQUINA DE VENDA AUTOMÁTICA, TAMBÉM CONHECIDO COMO ANEL DE NOIVADO DA MINHA MÃE

Quando o estágio da minha mãe acabou, ela foi embora de Nova York, e meu pai também. Ele alugou um quarto e arrumou emprego como garçom em um restaurante no bairro grego de Chicago. Ele passava os dias exercitando seu inglês enquanto servia spanakopita e dolmades para os turistas, e as noites, com minha mãe. Ela estudava o tempo todo, então ele a acompanhava à biblioteca, onde desenhava ou estudava inglês.

Ele a pediu em casamento no último dia quente de outubro. Os dois tinham decidido dar uma volta até o píer da Marinha e pararam para ver a roda-gigante junto a um depósito de máquinas de venda automática. Meu pai colocou uma moeda numa das máquinas e, quando saiu um anel, ela disse sim. Eles só se conheciam havia 139 dias. Ela já estava grávida de mim.

Uma vez perguntei à minha mãe se papai estava nos projetos dela, e ela disse que projetos são para prédios, não pessoas, o que não era bem a resposta que eu queria.

O BANHEIRO DA LIVRARIA FOI OUTRA SURPRESA, PRINCIPALMENTE porque ficava em uma caverna subterrânea. Para chegar lá, Ana me

fez atravessar a entrada da livraria e outra porta construída diretamente na rocha sob a rua principal de Oia. Lá dentro, a caverna se dividia em duas partes: numa ficava o banheiro com uma pia pequena, um chuveiro, um vaso sanitário e um espelho irritante de tão pequeno. Na outra, o depósito, cheio de caixas de livros e folhetos.

O chuveiro era, na verdade, uma torneira hiperativa que se projetava da parede e, para usá-lo, era necessário escolher que parte do corpo você queria que fosse atacada por água enquanto se contorcia em posições acrobáticas. Mesmo assim, um banho é um banho. Saí de lá me sentindo recuperada. E daí se eu tinha chorado descontroladamente na minha primeira noite em Oia? Não queria dizer que eu não tinha a situação sob controle.

Limpei cada vestígio de maquiagem e fiz o que pude para conferir meu rosto no espelho. Meus olhos estavam um pouco inchados, e as olheiras, escuras, mas, no geral, até que estavam razoáveis. Como Theo ainda não tinha voltado com a minha mala, peguei o pijama que Ana deixara em frente à porta do banheiro e vesti. Era um lindo short com acabamento em renda e uma blusa combinando, feita de tecido macio. Adorei sentir o ar da noite nos meus braços e pernas ao sair da caverna e voltar para a livraria.

Ana ou meu pai tinha aberto a janela do quartinho, então me estiquei por cima das cobertas, estendendo os braços sobre a cabeça até preencher todo o espaço. O ambiente era aconchegante e escondido, como uma casa na árvore ou um submarino. Julius trocaria seus melhores nunchakus por uma noite naquele lugar.

Pensar no Julius me fez pensar no Dax na mesma hora, e senti um embrulho no estômago. Ele já devia ter respondido minha

mensagem àquela altura. Meu pai deixara minha mochila e a caixa de pastéis a óleo apoiadas no meu conjunto de prateleiras, e revirei a bolsa até finalmente encontrar meu celular bem no fundo. Tinha uma mensagem do número de James. LIV AQUI É O JULIUS TUDO BEM PERDER PARA O Oponente MAS NÃO PARA O MEDO. Em seguida, havia uns trinta emojis, a maioria de ninjas.

Um conselho surpreendentemente relevante.

Mas do Dax? Nada. Então, como a Rainha de Tudo que é Patético, escrevi para ele novamente. Cheguei a Oia!!! A gente se fala em breve?

Affe.

Olhar para todos aqueles pontos de exclamação me deu vontade de me atirar nas profundezas da baía de Ammoudi. Respondi a mensagem do Julius — SAUDADE DO MEU NINJA —, então olhei em volta e fui atraída pelos mapas nas paredes do Theo. Eu me debrucei para a frente na cama, tentando ver melhor. Havia vários, mas o principal era um mapa-múndi colorido, com cidades e países marcados com alfinetes. Um monte de post-its cercava suas bordas rasgadas, e cada um tinha um número e um fio preso a uma das cidades. Devia ser algum projeto.

Eu estava prestes a pular o espaço entre as duas camas para olhar mais de perto quando a porta abaixo de mim se abriu e a voz do Theo me interrompeu.

— Olive?

Pega no flagra. Deitei depressa na minha cama.

— Aqui em cima — falei, me encolhendo ao notar como a minha voz saiu animada. — Você vai subir?

Os passos dele alcançaram a escada.

— Depende. Você vai chorar de novo?

Quis lançar um comentário sarcástico para cima dele ou pelo menos um dos meus travesseiros, mas, por sorte, um pedaço do Bolo Raio de Sol apareceu de repente em um prato branco com um garfinho, seguido pelo rosto sorridente do Theo.

— Brincadeira. Sei que foi um desastre completo lá em cima, mas você *quer* um pedaço de bolo. Acredite em mim.

Fiquei muito sentida com a menção ao “desastre completo”, mas também queria muito o bolo, então aceitei o prato. Theo subiu, trazendo sua própria fatia, depois sentou de pernas cruzadas, com as costas viradas para a parede. Então olhou para mim. Olhou *fixamente* para mim. Teria sido um tanto desconfortável se eu não tivesse o bolo para me manter ocupada. Dei uma mordida, fechando os olhos involuntariamente. O Bolo Raio de Sol sempre fora delicioso, mas Bapou conseguira elevá-lo a outro patamar. O bolo era saboroso e amanteigado, com um toque de canela em cada pedaço que desmanchava na boca. Estava compensando bastante o resto daquele dia.

Ao abrir os olhos, encontrei Theo sorrindo para mim.

— Bom?

— Já disseram que seu Bapou é um gênio?

Ele abriu ainda mais o sorriso.

— Todo mundo diz isso. Ele é o melhor padeiro de Santorini. Pode não se lembrar de tomar os remédios ou de pagar a conta de luz, mas sabe preparar qualquer doce ou bolo grego sem ter que olhar a receita. É um milagre. Seu pai só teve que descrever o bolo, e ele fez. Bem, esse e outros seis bolos de teste. Seu pai queria que ficasse perfeito, e todos concordamos que esta era a melhor versão.

Seis bolos de teste?

Theo ainda me observava. Como se fosse descobrir alguma coisa caso olhasse para mim por tempo suficiente. Senti meu rosto ficar quente, o que significava que devia estar vermelha — sempre acontecia quando eu ficava com vergonha. Baixei a cabeça e mordi outra garfada antes de apontar para o quarto ao nosso redor.

— Invadi seu espaço.

— Hã?

Ele continuava me encarando.

Indiquei as camas com meu garfo.

— Sua mãe disse que você gosta da paz e do sossego daqui. Vou estragar as duas coisas com a minha presença. Invadi seu espaço.

Ele sorriu e cruzou os braços de maneira convencida sobre o peito.

— Que agressivo. Olive, a Conquistadora, *invadiu* meus domínios.

— Liv.

Atirei meu travesseiro em cima dele, que o pegou com uma das mãos e jogou de volta.

— Não me importo de dividir o alojamento da livraria com você. Mas tenho uma pergunta.

A voz dele estava séria, e cravei o garfo no bolo, nervosa.

— Tá...

Uma ruga surgiu em sua testa, e ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Qual é o problema entre você e o seu pai?

Quase engasguei com o bolo na boca.

— Como assim?

— Seu pai sempre falou como se vocês dois fossem próximos. Mas parece que não sabem muita coisa um sobre o outro. Achei que

você pelo menos soubesse sobre a livraria. E na festa de aniversário...

Ele fingiu que sua mão era um avião e depois a chocou contra a cama.

Fiz uma careta. Theo tinha razão. Mas por acaso não sabia que era melhor não comentar sobre os momentos constrangedores das pessoas? Cruzei os braços com força, uma versão tímida da postura dele.

— É um assunto particular. Não sei se temos intimidade para falar sobre isso.

Ele abriu outro sorriso e se sentou direito, apontando para o espaço minúsculo entre as camas.

— Acho que já passamos dessa fase. E seria bom criarmos intimidade logo, não seria? Você já está usando o pijama da minha mãe.

Era um bom argumento. Bom mesmo. Além disso, tinha sido tão agradável conversar com Henrik durante o voo. Como seria desabafar com alguém que realmente conhecia meu pai?

Suspirei.

— Está bem. Não vejo meu pai desde os oito anos.

— Por que não?

Ele se inclinou para a frente de novo, cotovelos nos joelhos, queixo nas mãos.

O olhar do Theo era pior do que sua câmera. Desviei rapidamente os olhos, virando para a janela aberta.

— Porque ele abandonou minha mãe e eu para procurar Atlântida.

“Abandono” não era uma palavra minha. Era do James. Eu o tinha ouvido falando isso com um colega uma vez. Havia doído, mas às

vezes a verdade faz isso. *Machuca*.

Esperei que a palavra cumprisse seu papel. Em geral, as pessoas exibiam um olhar terrível de pena ou procuravam algo reconfortante para dizer, mas não o Theo. Assim como Henrik, quando contei meu drama, ele nem pareceu desconfortável. Em vez disso, teve a audácia de parecer *intrigado*.

— Quem disse que ele deixou vocês por causa de Atlântida?

Senti meu rosto esquentar outra vez.

— Ninguém precisou dizer nada. É bastante óbvio quando alguém vai embora e não volta.

— Hum.

Ele continuou a me observar, e senti uma necessidade avassaladora de me defender. Quem era ele para me fazer todas aquelas perguntas íntimas?

— Cadê o seu pai? — disparei e, na mesma hora, fiquei horrorizada.

E se o pai dele estivesse morto? E se Theo nem tivesse pai?

Aquilo também não o perturbou. Ele deu de ombros casualmente.

— Em Cingapura, provavelmente deixando a noiva dele tão infeliz quanto deixava minha mãe.

Fiquei sem jeito. Queria comentar que meus pais também eram divorciados, mas ele obviamente já sabia. Houve outro longo silêncio.

— Eu sinto muito.

Ele deu de ombros.

— Tá tudo bem. Ele também não se envolvia muito na minha vida quando morávamos juntos, então não é tão diferente. Meu pai é de Le Bugue, na França.

O nome francês saiu de sua boca com a mesma facilidade de quando falava grego, e senti uma pontada de inveja. No máximo eu conseguia entender algumas palavras gregas, enquanto ele era fluente em pelo menos três línguas. Já estava até começando a achar que o inglês dele podia ser melhor do que o meu.

— Qual idioma você mais fala?

Ele olhou para o teto.

— Bem... Eu xingo em francês, converso com meu avô em grego, mas me sinto mais confortável com o inglês. Sempre que meu pai estava por perto, ele insistia para conversarmos em inglês.

Não restava nada além de migalhas do meu bolo. Theo percebeu e me estendeu o prato dele pelo espaço entre as camas. Não tive a dignidade de recusar.

Enquanto eu comia, ouvi uma língua que eu não conhecia vindo pela janela. Croata? Russo? Inclinei-me e vi um grupo de pessoas tirando fotos da livraria lá fora. Se eu tivesse me deparado com a loja na rua, também teria tirado fotos ou pegado meu caderno para registrar o máximo de detalhes possível. Eu me virei de volta para o Theo.

— Você morou em Cingapura antes de Santorini?

— Por pouco tempo. Meu pai é consultor de gestão para empresas multinacionais, então se muda com frequência. Já moramos em todo canto.

Parei de comer, intrigada.

— Tipo onde?

Ele olhou para o teto.

— Cingapura, Melbourne, Tóquio, Londres, Munique, Amsterdã e Los Angeles. Ficamos mais tempo em Los Angeles. Quase três anos.

Depois passamos dois anos em Londres. Minha mãe e eu nos mudamos para Santorini depois que eles se divorciaram. Estamos aqui há um ano.

Eu estava impressionada. Impossível não ficar.

— Então é disso que tratam seus mapas. São todos os lugares em que você já morou!

Ops. Acabei entregando que tinha bisbilhotado.

Ele não pareceu se importar.

— E todos os lugares onde quero morar. Meu objetivo é ser documentarista de aventura. Viajar e filmar tudo.

Bem, aquilo explicava a câmera. Senti que minha visão sobre ele havia mudado de leve. Theo era um pouco insistente demais, mas também era aventureiro e tinha um projeto. Eu não podia deixar de admirar sua confiança. Aquilo fazia meus projetos sobre a faculdade de arte parecerem meio bobos.

— Interessante. — Dei mais uma mordida no bolo dele, depois larguei. — Los Angeles. Então, além de conversar com seu pai quando estavam juntos, é por isso que seu inglês é tão bom?

— Meu inglês não é bom. É perfeito, Olive — disse ele, acrescentando um forte sotaque grego na última palavra. — Além disso, assisto a muita TV americana. Para aprender inglês, basta assistir a nove mil horas de séries de comédia.

— É Liv — corrigi.

Theo balançou a cabeça.

— Me desculpa, mas acho que não vou conseguir lembrar. Olive já está gravado na minha mente, e, além disso, você não tem cara de Liv.

Levantei a cabeça na hora, indignada.

— O quê? Tenho, sim — protestei.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não tem *mesmo*. Que tal um apelido? Eu vou te chamar...

— De jeito nenhum... — comecei, mas ele atropelou minha objeção.

— Kalamata! — exclamou, dando um soquinho no ar.

— Kalamata? — gemi. — O tipo de azeitona? Só porque me chamo Olive?

Ele arregalou os olhos, fingindo surpresa.

— *Olive* quer dizer azeitona em inglês? Ah, é, você tem razão. Na verdade, Kalamata é minha variedade favorita de azeitona. Que estranha coincidência.

— Então, você está dizendo que vai continuar a me chamar de Olive, só que de uma maneira diferente.

Fiquei irritada, mas não tanto quanto minha voz fazia parecer. Kalamata não era o pior apelido já inventado.

Mas aquilo ainda era ridículo. E o fato de eu estar sorrindo também.

Theo balançou a cabeça.

— Não vou chamar você de Olive. Vou chamar de Kalamata. Completamente diferente.

— Bem, eu proíbo — falei, tentando soar soberana e decidida.

Não funcionou.

— E eu proíbo você de proibir. Meu quarto, minhas regras.

— *Seu* quarto? — reclamei, mas nós dois já estávamos rindo.

Senti uma contração feliz na barriga. Ele estava flertando comigo? Pior: eu estava flertando de volta? Pensei no Dax outra vez, e então

meu estômago se contraiu, mas por outro motivo. Ele devia ter respondido às mensagens àquela altura.

Peguei meu celular depressa, mas, quando olhei a tela, a única notificação era da minha mãe. Chegou bem? Então me virei para a janela compartilhada. Após a despedida espetacular do sol, a noite se descerrava rapidamente como uma cortina de teatro. Por onde andava Dax?

Quando dei por mim, Theo me analisava com uma sobrancelha erguida. Enfiei o celular embaixo do travesseiro, sentindo as bochechas quentes de novo.

— Então, voltando ao seu relacionamento com o seu pai — disse Theo, como se fosse uma mudança normal de assunto.

— Você sempre se interessa assim pela vida dos outros?

— Sempre — respondeu ele com firmeza. — Quero ser cineasta, lembra? Além disso, você me interessa.

Sua voz era inofensiva, como se não passasse de uma brincadeira, mas nossos olhares se encontraram por alguns segundos a mais do que o necessário e senti um calor correr pelo pescoço. Eu precisava dar um fim em seja lá o que fosse aquilo. Imediatamente.

— Eu tenho namorado — deixei escapar.

— Eu sei, você comentou.

— É?

Theo assentiu casualmente.

— É. Quando chegamos a Oia. Você disse: “Eu não corro. Meu namorado que o diga.”

Ele fez uma imitação até bem parecida da minha voz. Além disso, parecia calmo, quase indiferente, o que fez eu me sentir uma idiota.

Estava na cara que eu tinha interpretado suas intenções errado. O que era um alívio. Ou pelo menos eu achava que aquela sensação era de alívio. Sem dúvida, estava na mesma *família* do alívio.

Ele apontou para o meu colo.

— É por isso que você não para de olhar o celular? Ele está mandando mensagem?

— Hã... — Eu sabia que a verdade era patética, mas estava cansada demais para inventar uma mentira. — Estou esperando ele responder. A gente meio que... não está se falando.

Esperei por algum tipo de comentário ou pergunta íntima demais, mas não veio nada. Só mais daquele olhar curioso.

— Como é o seu namorado?

— Dax? Ele é...

Senti um aperto no coração ao lembrar da semana anterior. Ele andava irritado, distante e, sinceramente, um pouco egoísta. Por outro lado, ele nunca gostara de mudanças de última hora e, além disso, estivera mesmo animado para eu ir na viagem de formatura com ele. Eu também ficava mal-humorada quando algo me decepcionava. Era compreensível. E o fato de eu tê-lo enrolado com aquela história da visita à faculdade também não tinha ajudado.

— Bom... ele é muito focado e bom em tudo. Todo mundo adora dele.

— Todo mundo, é?

Um sorriso lento se abriu no rosto de Theo, revelando os dentes inferiores desalinhados. Por que os dentes dele eram tão insuportavelmente charmosos?

— Bem, acho que eu deveria contar que tenho uma ex-namorada. De um relacionamento sério. Mas continuamos amigos. Só que do

tipo que não se fala.

Surpreendi nós dois ao cair na gargalhada.

— Essa coisa de “continuar amigos” já deu certo algum dia?

Dava para ver que Theo tinha ficado feliz com a minha risada.

— Não na minha experiência, que pra ser sincero é bem vasta.

— Destruidor de corações. Por que você e sua ex terminaram?

Estava sendo intrometida, mas, segundo a lógica do Theo, era melhor deixar de lado aqueles escrúpulos bobos.

— Eu me mudei.

Aguardei o restante da explicação, mas ele só ficou me encarando.

— E daí? Você não namora a distância?

— Não mais.

O tom de voz dele indicava finalidade. Dizia: “Não vou mais falar sobre isso.” O que era inaceitável, já que ele tinha me interrogado sobre meu relacionamento com meu pai. Olhei bem nos olhos dele.

— Por que *não mais*?

Ele olhou nos meus olhos durante 1,3 segundos, apenas o tempo necessário para eu notar um vislumbre de tristeza. Foi bem angustiante, mas sumiu quase tão rapidamente quanto surgiu. Theo ergueu uma sobrancelha.

— É um assunto particular. Não sei se temos intimidade para falar sobre isso.

Ele não tinha o menor direito de imitar minha voz tão bem. Dava até para ouvir um leve sotaque de Chicago, que eu nunca tinha percebido. Ergui uma sobrancelha de volta, mas tive a impressão de que não era tão boa naquilo quanto ele. Além do mais, eu não ia insistir em cutucar a ferida do Theo. O que quer que tivesse

acontecido, parecia pessoal e doloroso, e eu entendia tudo de acontecimentos pessoais e dolorosos.

— Bem, me lembre de nunca mais contar nada para você — falei, em tom de brincadeira.

— Você vai contar — garantiu ele. — Sou um cineasta. As pessoas não conseguem deixar de me contar suas histórias.

— *Futuro* cineasta — corrigi.

— Hum — resmungou ele, apagando a luz.

Nós nos deitamos no escuro, mas a conversa não parecia ter terminado. O luar iluminava nossas camas, e eu não conseguia ignorar o fato de que ele estava deitado logo ali do meu lado.

— Sinto muito pela sua namorada — sussurrei.

— Sinto muito pelo seu pai — disse ele. — Parece que não sei muita coisa sobre o relacionamento de vocês, mas sei que ele sempre fala de você. Eu achava que fossem melhores amigos.

— Só que do tipo que não se fala — respondi, repetindo as palavras dele.

Theo riu, depois ficou quieto, e a escuridão moldou meus pensamentos. Antes de entender que meu pai nunca mais voltaria, eu também falara muito sobre ele, para quem quisesse ouvir. Depois, eu passara todo o tempo tentando fazer com que as pessoas *não* perguntassem sobre ele.

Ele sempre fala de você. Theo queria dizer *sempre* mesmo ou só desde que começara a me mandar cartões-postais? Meu pai tivera uma mudança repentina de atitude? Pensar naquilo me fazia sentir um peso no peito.

E quanto ao sono? Esquece. Nas últimas horas, eu sentira que estava louca por uma cama, mas, assim que arranjei uma — e

confortável, ainda por cima —, minha mente estava acelerada demais para eu relaxar.

Depois de dois ou três minutos intermináveis, Theo se apoiou em um cotovelo.

— Kalamata, quer ouvir um rap francês?

Também me apoiei no cotovelo.

— Os franceses... fazem rap?

Nossa, eu era muito culta. Theo riu.

— Claro que sim. Quer dizer, é verdade que o rap surgiu na década de 1970 em festas de rua em Nova York — disse ele, como se fosse de conhecimento geral —, mas alcançou outros lugares desde então. Os franceses começaram um pouco mais tarde, mas são ótimos. Além disso, não sei por quê, mas para mim rap francês é como chá de camomila. Durmo como um bebê quando ouço. Você topa?

Eu só enxergava o contorno sombrio de seu rosto, mas as luzes da rua iluminavam seus olhos. Ele era bonito até no escuro.

— Posso dar uma chance.

Theo se sentou e começou a mexer em caixas de som e cabos. De repente, um pensamento horrível me fez levantar. Se íamos dividir o quarto, eu teria que alertá-lo sobre os pesadelos. O problema era que eu nunca tinha contado a ninguém sobre aquilo, e ele com certeza me faria perguntas. Ainda assim, eu tinha que contar. Fiz uma careta e respirei fundo.

— Ei, Theo, preciso avisar uma coisa. Eu tenho, hã...— Hesitei antes de dizer a palavra para ele. — Pesadelos.

Ele parou de se mexer, o luar refletindo da caixa de som em sua mão.

— Pesadelos?

— É, bem ruins. E eu grito ou... choro às vezes. Não é nada de mais, só queria que você soubesse para não se assustar.

Queria soar indiferente, mas minha voz não estava cooperando. Acabou saindo meio trêmula, aguda e completamente estranha.

Ai. Era por *isso* que eu não contava para ninguém.

Theo continuou parado, absorvendo a informação.

— Tá. E o que devo fazer se isso acontecer? Acordar você?

Aquela pergunta me deixou perplexa. Eu fazia de tudo para evitar dormir na companhia de outras pessoas, então as únicas que já tinham visto aquilo acontecer eram minha mãe e algumas amigas da escola.

— Hã... não sei. Ninguém nunca fez isso antes. Eu geralmente acordo sozinha. Então talvez só me deixar quieta?

Ele pôs a caixa de som no chão.

— Entendi. E não se preocupe, os sons relaxantes do Busta Flex costumam resolver todos os problemas.

O rap francês começou a tocar alto na caixa de som, e ele ajustou o volume antes de se enfiar embaixo das cobertas. Eu me sentia aliviada, mas também um pouco surpresa. Por que ele não tinha me perguntado sobre o que eram os pesadelos? Se ele tivesse perguntado, eu teria contado?

Provavelmente não.

Fechei os olhos e me concentrei na música. Theo tinha razão. Definitivamente não era uma canção de ninar, mas era estranhamente relaxante. As palavras e sons se misturavam, e a batida esvaziou minha mente das preocupações. Com sorte, eu não estaria tão emocionalmente confusa na manhã seguinte. Pelo menos

eu tinha o Theo para me ajudar a encarar aquela situação com meu pai. Por mais implacável que fosse, ele parecia um bom aliado.

Eu estava tentando descobrir como agradecer ao Theo por ter me ajudado ao longo daquele dia quando ele começou a falar:

— Azeitonas são tão fascinantes. Você sabia que o maior tipo de azeitona é a verde Bella Di Cerignola e a menor é a arbequina? E também que podem ser pretas, roxas, verdes, marrons ou cor-de-rosa? Ou que oliveiras vivem em média de trezentos a seiscentos anos? Li por alto sobre elas enquanto esperava Yiannis trazer sua mala.

Não pude conter o sorriso.

— Você continua sem poder me chamar de Olive, Theo.

Ele ergueu uma das mãos no ar.

— E quem está chamando você de Olive? Só estou citando alguns *fatos interessantes* . — Pude ouvi-lo respirar fundo. — Mais uma coisa... você acha que pode confiar no seu pai? Porque eu confio.

Não. Eu não ia entrar nessa. Não naquela noite.

— Boa noite, Theo — falei com firmeza.

Então ficamos em silêncio de vez.



Capítulo 8



#8. DUAS FOTOS DA MINHA MÃE, TIRADAS COM UMA CÂMERA POLAROID 600 ANTIGA

De acordo com as histórias de família, minha mãe decidiu ser advogada aos impressionantes sete anos de idade, depois de resolver uma disputa no parquinho. Ela pretendia cursar a faculdade de Direito, mas, depois que eu nasci, meus pais decidiram que antes seria melhor trabalharem por alguns anos. Um dos empregos que arranjaram era numa empresa que organizava a venda de bens e propriedades de pessoas que precisavam se desfazer de seus imóveis. Meu pai acabou se revelando ótimo naquilo. Uma vez, encontrou um vestido Givenchy para minha mãe exatamente igual ao que Audrey Hepburn usou em Bonequinha de luxo. Em outra, encontrou para mim um jogo de chá em miniatura pintado à mão, em que cada xícara tinha o formato de um pássaro canoro diferente.

As câmeras, meu pai comprou para si mesmo. Ele dizia que, se eram boas o bastante para Andy Warhol, eram boas o bastante para Nico Varanakis. Lembro que ele tirou dezenas de fotos da minha mãe, mas só encontrei duas. Nas fotos, ela está com um vestido leve, um chapéu de aba larga e um sorriso extasiado que eu nunca vi ao vivo. Quando ele partiu, acho que levou aquele sorriso junto.

ACHEI QUE NÃO CONSEGUIRIA DORMIR DE JEITO NENHUM. MESMO quando não estava a menos de quinze centímetros de um garoto definitivamente intrigante que definitivamente não era meu namorado, tinha dificuldade para dormir. Além de toda a questão do afogamento noturno, eu falava, ria e até chorava dormindo, e uma vez acordei no quintal, no meio de uma frente fria, usando apenas o short do pijama e uma camisa constrangedora que minha mãe e James compraram para mim na viagem de aniversário de casamento a Paris, com a piadinha ESTOU LE CANSADA.

Já na estranha casa da árvore da livraria, ao som do rap francês do Theo? Eu não só dormi. Eu repousei. *Descansei*. Do momento em que fechei os olhos até quando voltei a abri-los, acho que não me mexi um centímetro. Acordei aconchegada, os cobertores me envolvendo em um casulo quentinho, e a música já não passava de um tamborilar baixo. A cama de Theo estava vazia, os lençóis esticados e arrumados, o travesseiro afogado com perfeição. Apesar da aparência bagunçada, pelo visto ele mantinha tudo bem organizado.

Dax!, gritou meu cérebro enquanto meus olhos examinavam as coisas do Theo, e na mesma hora senti um aperto de ansiedade no peito. Será que ele já tinha me respondido?

Eu me virei de lado e peguei o celular de onde o guardara nas prateleiras. Mensagens da minha mãe. Várias mensagens da minha mãe. Enquanto eu reproduzia uma cena de *A Bela Adormecida*, ela me inundara de mensagens por quase uma hora.

Liv, me liga.

Liv, me liga agora.

Você está viva?

Vou deixar o Julius usar suas sombras da Urban Decay.

3... 2...

Suspirei fundo e liguei para ela, esfregando os olhos para despertar. Quando tinha sido a última vez que eu me sentira descansada assim? Meu corpo estava tão feliz que cantarolava. Além disso, a luz que entrava pela janela tinha um tom de amarelo quente e ensolarado e, quando inspirei, senti cheiro de água salgada. Talvez eu conseguisse me acostumar com a vida na ilha.

— Liv?

Minha mãe atendeu no segundo toque. Ela parecia ligeiramente ofegante e, ao fundo, ouvi um *vup-vup-vup* ritmado que eu conhecia bem.

— Mãe, você está na esteira? Que horas são aí?

— Quase dez da noite. O Fedor convocou uma reunião hoje cedo, e não pude fazer minha corrida matinal.

Fedor era o apelido secreto que minha mãe tinha dado ao sócio-gerente de seu escritório de advocacia. Além de um histórico sórdido de receber crédito por trabalhos que não tinha feito, ele usava colônias fortes e gostava de correr na hora do almoço e deixar as roupas suadas se acumularem numa sacola junto à porta do escritório. Também houve a vez em que ele *esquentara um prato de linguado e couve-de-bruxelas no micro-ondas da sala ao lado do escritório dela* — provavelmente tinha sido sua pior infração. Minha mãe já odiava o Fedor em tempos normais, mas, grávida, estava prestes a contratar um assassino de aluguel.

Recostei na parede, me preparando para uma das suas histórias.

— O que ele fez?

— Não vou entrar em detalhes, mas envolvia atum.

Ela fez um ruído de ânsia de vômito que não parecia totalmente fingido. Contive uma risada e a ouvi ajustar a velocidade na esteira, provavelmente para mais. Minha mãe nunca deixava de correr. Nunca. Nem nos fins de semana, nem nas férias, nem mesmo quando estava doente. Nem mesmo grávida, quando tudo a fazia vomitar e tinha que usar um cinto pesado que parecia um dispositivo de tortura para garantir que sua barriga ficasse apoiada. Por mais irritante que seu hábito rigoroso fosse às vezes, também era reconfortante saber exatamente onde ela estava. Eu conseguia visualizá-la usando short de corrida, o cabelo loiro preso num rabo de cavalo bem firme, a pele clara brilhando de suor. As pessoas nunca achavam que éramos mãe e filha, provavelmente porque éramos muito diferentes uma da outra fisicamente, e também porque teriam que me pagar cerca de um milhão de dólares e colocar uma manada de hipopótamos raivosos atrás de mim se quisessem me fazer participar de uma das meias maratonas em que ela sempre se inscrevia.

Mas estou divagando.

— Liv, por que você não me ligou quando chegou ontem à noite? Eu fiquei tão preocupada!

Hesitei, observando a luz do sol que entrava pela janela brincar sobre minhas pernas. Parte de mim queria continuar com raiva dela por ter me mandado para a Grécia, mas o fato era que foi minha mãe — sempre — quem esteve ao meu lado. Aquilo significava muita coisa. Respirei fundo.

— Papai organizou uma festinha pra mim e, quando cheguei na cama, estava tão exausta da viagem que desmaiei.

Olhei para minha prateleira. Meus pastéis a óleo estavam lá, me encarando; talvez fosse minha imaginação, mas senti o cheiro da cera.

A voz dela se suavizou.

— Ele fez uma festa para você?

— Pelo meu aniversário. Ele me deu um conjunto de pastéis a óleo personalizados de uma loja de artes da França. E cronometrou minha chegada com o pôr do sol daqui. Foi...

Tentei dar a entender que não tinha sido grande coisa, mas só de lembrar senti meus olhos marejarem outra vez, e a última coisa que eu queria era fazer minha mãe chorar também. Era melhor me ater aos fatos.

— Ele se esforçou muito — concluí.

Apesar do meu esforço, ela com certeza percebeu minha emoção, porque houve uma longa pausa seguida por uma série de bipes quando ela parou a esteira.

— Ele sempre foi bom com aniversários — comentou minha mãe.

Parecia que estava tentando conter a própria emoção.

Por alguns segundos, senti aquela velha dor se estender entre nós. Tínhamos contido aquele sentimento juntas por tanto tempo, e, independentemente do quanto doesse, minha mãe sempre estava comigo me dando força. Não tê-la comigo para compartilhar daquela sensação era estranho.

— Ele já te contou sobre o projeto? — perguntou.

— Não.

Nem tentei arrancar a informação dela. Mesmo eu tendo perguntado várias vezes na semana anterior à viagem, ela mal

dissera uma palavra. Só: *Acho que você vai gostar*. Minha mãe era um túmulo quando queria.

— Como está a livraria?

Dei um tapa na cama. Ela também sabia sobre a livraria?

— Mãe, há quanto tempo você e o papai têm conversado?

— Seis meses — disse ela.

— *Seis meses?*

Eu sabia que não devia me sentir traída, mas me sentia. Tínhamos vivido a perda do meu pai juntas. Por que ela não me incluía naquilo?

— Por acaso eu ainda sei quem você é?

Era para a pergunta ser uma piada, mas acabou saindo séria. Quando ela voltou a falar, usou o mesmo tom.

— Liv, sinto muito por ter escondido isso de você. Mas achei que seria melhor abordarmos as coisas com seu pai com cuidado. Eu queria saber como ele estava antes de permitir que estabelecesse contato.

Estabelecesse contato? Não estávamos falando de uma invasão alienígena. Era daquilo que se tratavam os cartões-postais? Um plano para fazer a volta do meu pai parecer repentina? Eu estava zonga de raiva, mas minha mãe logo retomou a conversa e me distraiu.

— Oia não é incrível? Passei o dia inteiro olhando fotos na internet.

Ela sabia pronunciar Oia corretamente, o que fazia sentido.

— É linda — admiti. — Muitos cães e pessoas. E todos os prédios pintados de branco.

— É para evitar que as casas fiquem quentes demais no verão. Como é o quartinho da livraria?

Segurei o celular com força.

— Você sabe disso também?

— Seu pai estava preocupado que você pudesse ficar desconfortável com esse arranjo. Mas eu disse que achava que ficaria tudo bem. Afinal, você tem um irmão.

— De *cinco* anos — respondi, sem conseguir acreditar.

Desde quando minha mãe era tão tranquila com relação a garotos? Mesmo sabendo que ela confiava em mim, eu tinha um toque de recolher de Cinderela em casa: *Meia-noite e nem um minuto a mais*. Desde que eu começara a namorar o Dax, tínhamos o que eu chamava de Cúpula Mensal do Sexo Seguro, em que ela perguntava se eu tinha alguma dúvida, frisava a importância de dar e receber consentimento e se oferecia para me levar a uma ginecologista para conversar sobre métodos anticoncepcionais. Passei a mão pelo cabelo emaranhado.

— Mãe, você me mandou para a Grécia com instruções explícitas de não falar com nenhum garoto.

— Mas esse o seu pai conhece muito bem — explicou ela calmamente. — Você se sente segura com o Theo?

— Bem...

Ela me pegou nessa, porque a verdade era que eu me sentia, sim, segura com o Theo. Ele passava a impressão de ser alguém... digno de confiança.

— Sim — admiti.

— Ótimo — disse ela, como se aquilo resolvesse as coisas, e baixou um pouco a voz. — Você deve confiar em seus instintos. Ele

é bonito?

Em descrença, ergui a mão que não estava com o celular. Quem *era* aquela pessoa?

— Não *importa* se ele é bonito.

Ela nem tentou disfarçar o sorriso na voz.

— Vou tomar isso como um sim. Pode ser divertido passar algum tempo com outro adolescente. Ele pode te mostrar a cidade. Apresentá-la à cena local.

— Cena local? Mããããe.

Aquilo com certeza tinha a ver com o Dax. Ela queria que eu conhecesse outros garotos na esperança de que esquecesse o que eu tinha em Seattle. Já ia brigar com ela por toda aquela campanha anti-Dax... quando notei um envelope preso à porta do quarto, com a palavra KALAMATA escrita em letras maiúsculas.

— Mãe, eu ligo para você mais tarde.

— Hoje à noite. Você vai me ligar hoje à noite — disse ela, tranquila. — Agora vai curtir a ilha. E lembre-se de *passar protetor solar*.

Sinceramente, era impossível lidar com aquilo.

Dentro do envelope havia um papel. Depois que o desdobrei, demorei alguns instantes para entender o que era.

OLIVE VARANAKIS

Produções Dubois apresenta:
ENCONTRANDO ATLÂNTIDA,
um documentário da National Geographic

<p>LOCAL DE FILMAGEM: Dia 1 (de 5) Ilha Nea Kameni, Santorini, 84700, Grécia 28° C / 23° C Nascer do sol: 6h04 Pôr do sol: 20h42</p>	<p>HORÁRIO DE CHEGADA: 8h* Filmagem (no local): 10h Almoço: 12h30 Término previsto: 17h</p>
---	--

* Encontro na Livraria Perdida de Atlântida para reunião de orientação e transporte para o local.
(Rua Nomikos, Oia, 847 02)

<p>NOTAS DE FILMAGEM: História da erupção vulcânica</p>	<p>OBSERVAÇÕES Roupa adequada para mar/vulcão</p>
--	--

*** TODA A EQUIPE DEVE SE ENCONTRAR NA HORA CERTA,
SEM EXCEÇÕES***

Não acreditei.

Era uma *ficha de produção*. Eu sabia disso porque via variações daquilo espalhadas pela casa do Dax sempre que a produtora do pai

dele estava trabalhando em um filme novo. Dax tinha me explicado que eram as programações diárias usadas para informar à equipe para onde precisavam ir e o que tinham de fazer em cada dia de filmagem.

A gente ia fazer um filme? Quer dizer, não um filme. Um *documentário*. Para... Percorri o papel com o olhar e quase caí para trás. *National Geographic*? Aquilo era verdade?

Encarei a ficha durante uns bons trinta segundos. *Parecia* de verdade. Era exatamente igual às na casa do Dax.

Meu coração retumbava no peito enquanto eu relia o papel outra vez. *Produções Dubois*. A logo era um círculo simples com um rolo de filme dentro. Sim, o documentário era sobre Atlântida. Mas parecia legítimo. Além disso, meu nome estava no topo da ficha. Então eu participaria da filmagem?

Senti meu estômago se agitar com a animação. Quer dizer, é verdade que o filme era sobre o assunto de que eu menos gostava, mas era um *filme*. Experiência em um set de filmagem contaria muito nas minhas inscrições para a faculdade. Eu tinha lido na internet que a RISD preferia que os candidatos tivessem experiência em vários campos artísticos...

Tá. Eu estava me precipitando.

Dei uma olhada nas observações. O horário da reunião de equipe era às oito da manhã, e eu precisava estar vestida para... mar/vulcão? Como assim? Dei uma olhada no celular: 7h57.

Três minutos?

Entrei em ação depressa, mas o trinco da porta estava fechado e, apesar de Theo ter feito parecer simples de usar quando o fechara na noite anterior, demorei até conseguir abrir, provavelmente porque

minhas mãos estavam tremendo. Primeiro era preciso segurar firme a alça, depois deslizar uma alavanca, que agarrava um pouco, e empurrar enquanto se inclinava sobre a abertura, mas então meus braços escorregaram e...

Gravidade.

Enquanto eu despencava rumo ao chão, algumas coisas ficaram imediatamente óbvias:

1. A Livraria Perdida de Atlântida não era o refúgio de tranquilidade matinal que eu imaginara. Na verdade, era um negócio próspero.
2. O quatinho devia ter um ótimo isolamento acústico.
3. Aquilo ia doer.

O som do meu corpo colidindo com o chão ricocheteou pelo cômodo, atraindo os olhares de todos os clientes. Aterrissei perto de um trio de turistas japonesas que, a julgar pelos gritos, não esperavam que uma americana de pijama caísse ali no meio.

Felizmente, eu tinha ultrapassado o limite da vergonha e chegado ao estágio de nem sentir dor, então, em vez de ficar caída no chão e verificar se tinha fraturado algum osso, me levantei num pulo e fingi que estava endireitando os livros.

— Me desculpa. Minha cama fica lá em cima e ainda não estou acostumada.

— Hãããã? — disse a mulher mais próxima de mim, segurando a alça de seu vestido colorido.

— Cama.

Cruzei os braços por cima da blusa do pijama. Qual seria o estado do meu cabelo naquele momento?

— Por favor, me desculpem — repeti. — Fiquem à vontade.

A turista me lançou um olhar de pena. Então ela e as amigas saíram depressa, lançando olhares por cima do ombro.

— Olive Varanakis, ao vivo e em cores — ecoou uma voz grave e ruidosa.

Eu me virei, ficando cara a cara com um garoto de ascendência indiana de vinte e poucos anos. Ele era alto e magro, com longos cílios, uma postura horrível e uma trágica barbicha desgrenhada. Sua camisa dizia MARCADORES DE LIVRO SÃO PARA OS FRACOS, e ele usava um crachá vermelho em que se lia GEOFFREY, O CANADENSE, o que, apesar de curiosamente informativo, só me deixou mais confusa.

— Você trabalha aqui? — perguntei, lembrando de repente que estava sem sutiã.

A que horas eu teria que acordar ali? Seis da manhã? Sete?

— Isso. Sou o Geoffrey do Canadá — respondeu, dando um tapinha no crachá. — Antes havia um Geoffrey do País de Gales. Ele só trabalhou aqui por alguns meses, mas as coisas ficaram muito confusas. Theo que fez o crachá pra mim. Aquele lá adora uma brincadeira.

— Ah — consegui responder.

Os clientes ainda me encaravam, e tentei ajeitar um pouco o cabelo com a mão. A julgar pelos olhares, não estava apenas com o bagunçado normal de quem acaba de sair da cama, e sim mais para uma mistura de túnel de vento com terapia de choque.

— Bem, é melhor eu...

Avancei em direção à caverna, mas Geoffrey pegou minha mão e bateu com entusiasmo em meu braço.

— Me desculpa por ter perdido sua festa. Mathilde, minha namorada, se apresentou em Atenas ontem à noite, e só cheguei hoje de manhã. Ela é a primeira bailarina da Ópera Nacional Grega. Fazem elas trabalharem como um cão por lá. Ou melhor, como *formiga*.

Era para ser uma piada?

— Ah, a cigarra e a formiga — falei, e ele piscou.

Mudança de planos. Quem sabe ele devolveria a minha mão se eu o deixasse falar?

— Sua namorada é bailarina? Que interessante.

Avancei, descalça, em direção à porta.

O braço do Geoffrey parou de se mexer, mas ele continuou segurando minha mão com firmeza.

— Olive, você já *se apaixonou*?

Sua voz tinha ficado séria e melancólica, e eu congelei antes de me virar lentamente para olhá-lo. Ele estava brincando? Não parecia. Quem faz uma pergunta daquelas a alguém que acabou de conhecer? Além disso, por que a mão dele estava tão úmida?

— Ei, Geoffrey, na verdade prefiro que me chamem de Liv. E tenho namorado...

— Mathilde é a metade da minha laranja — interrompeu, piscando os cílios enormes. — O leite do meu café. A fibra de coração de dragão da minha varinha de noqueira.

O *quê* de noqueira?

— Hum! — exclamei.

Como se alertada pelo meu pânico, Ana apareceu milagrosamente ao meu lado e me levou embora.

— “Varinha de noqueira” é uma referência de Harry Potter — sussurrou ela. — Geoffrey é nosso gerente-assistente. Ele é ótimo com livros, péssimo em interações sociais. Com o tempo, você vai gostar dele.

Ana usava um vestido preto simples e solto que em qualquer outra pessoa pareceria um saco de lixo, mas que a deixava com um ar chique e casual. Brincos compridos e curiosamente parecidos com anzóis pendiam de suas orelhas, e ela usava um novo tom de batom vermelho, mais escuro, mas vibrante como o da noite anterior.

— Você está ainda mais bonita hoje do que ontem — disse Ana, ecoando meus pensamentos sobre ela.

Ela despenteou minha franja.

— Tão chique! — acrescentou. — Você foi feita para esse visual bagunçado.

Ela provavelmente só estava sendo muito gentil, mas senti meu constrangimento desaparecer mesmo assim.

— Eu não esperava que a livraria estivesse tão cheia a essa hora. Ou até aberta.

— Abrimos cedo durante a temporada de cruzeiros. Eu devia ter avisado. Fora a queda, como foi sua primeira noite?

— Ótima.

Balancei a cabeça, ainda sem acreditar em como me sentia descansada. Era tão inédito. Então, me lembrei da ficha de produção na minha mão e a estendi.

— Isso é de verdade? — perguntei.

Ela pegou o papel e suspirou.

— Ah, Theo. Vejo que ele oficialmente estragou a surpresa.

Senti uma agitação no peito impossível de controlar.

— Então esse é o projeto misterioso? Vamos fazer um filme?

— Um documentário. — Ela olhou para o relógio escolar amarelo retrô acima da porta. — Acho que seu pai planejou um café da manhã especial para a equipe e vai aproveitar para lhe contar tudo. Theo está esperando no terraço, mas não precisa se apressar. Estamos no horário de Santorini, então *aproveita*.

Ela deu uma piscadela para mim, um movimento para o qual claramente tinha nascido, depois voltou a atender os clientes. Provavelmente era desleal da minha parte pensar aquilo, mas, se meu pai não tivesse pelo menos tentado dar em cima dela, ele era um idiota.

Adorei a ideia de um café da manhã para a equipe. Apesar de não ter ideia do que ela queria dizer com “horário de Santorini”, a última coisa que eu queria era deixar uma equipe inteira à minha espera. Quantas pessoas eram necessárias para fazer um documentário? Meu pai queria mesmo que eu ajudasse? Corri para a caverna, onde minha mala ocupava o espaço apertado como a monstruosidade exagerada que realmente era. Eu tinha mesmo achado que precisaria de tudo aquilo? Era uma ilha mediterrânea, não uma expedição ártica. Incrível o que vinte e quatro horas podiam fazer em termos de perspectiva.

Joguei uma água no rosto, fiz minha melhor maquiagem rápida, escovei os dentes e tentei ajeitar a franja pra ficar com um ar menos selvagem. Agora, o que vestir?

Ir até um vulcão não era o tipo de atividade que meu guarda-roupa básico cobria, mas, depois de revirar a mala por um tempo, finalmente escolhi dois dos meus itens preferidos. Um short desfiado embaixo, surrado na medida certa, e minha camiseta listrada

preferida — duas peças que eu usava sempre que possível. No último minuto, acrescentei um par de brincos dourados e o cordão que eu tinha feito num curso de férias de produção de joias com minha inicial. *L.* Assim me sentia mais eu mesma.

Pensei em ir sem mochila, mas aquilo estava além da minha capacidade como ser humano, então subi no quartinho e peguei só o necessário: alguns lápis, meu caderno de desenho, celular (ainda nada do Dax) e protetor solar. Por fim, fechei o quarto com cuidado e saí depressa para a rua.

Oia estava calma e relativamente vazia naquela manhã, uma versão atenuada do que eu vira na noite anterior. Havia alguns poucos turistas nas ruas e a luz brilhava nas superfícies brancas, fazendo o chão de mármore cintilar. O dia ia ser quente, mas por enquanto o sol avançava devagar e a brisa do oceano mantinha o ar agradável.

Ao admirar o vilarejo branco e angular, fui atingida por uma onda de melancolia. É aqui que meu pai tem vivido. Em todo o tempo que passamos separados, eu nunca consegui imaginar onde ele estava ou como seria sua vida sem a gente. Naquele momento, eu sabia. É óbvio que ele era de um vilarejo eclético à beira-mar — por que não deixaria nosso minúsculo apartamento nos Estados Unidos em troca daquilo? Mas e quanto a nós duas? Não valíamos mais que um vilarejo?

Antes que eu pudesse ser arrebatada pelos sentimentos, ajustei a mochila e subi os degraus para o terraço, tentando me acalmar. Podia haver outros membros da equipe lá em cima.

O que restara da minha festa de aniversário já tinha sido retirado, transformando o espaço de novo em uma livraria a céu aberto, sem

nenhum vestígio do que me causara tanta ansiedade na noite anterior. Os murais coloridos de livros na parede refletiam a luz do sol, e os clientes mexiam nas prateleiras ou liam sentados nos nichos. Levei um instante para encontrar o Theo, e, quando o vi, meu nível de estresse disparou. Ele claramente não tinha medo de altura, porque estava sentado na beira do telhado, as pernas balançando sobre o penhasco, o laptop no colo, fones enormes nos ouvidos, completamente envolvido com o que quer que estivesse vendo.

Em geral, tento não levar as pessoas a uma morte prematura, então me aproximei com cuidado, tocando seu ombro de leve e falando em voz baixa.

— Theo, vi a ficha de produção.

— Kalamata! Finalmente!

Ele girou as pernas, virando-se para me encarar. Estava vestido de maneira quase idêntica ao dia anterior — tênis, camiseta e calça jeans pretos —, além de um boné. A câmera estava a seus pés.

Sua *câmera*. É claro que estava com ele. Então percebi a palavra gravada em sua camisa: EQUIPE.

Segurei sua mão e o puxei, para ele se levantar.

— Nós vamos mesmo fazer um filme?

Ele abriu um sorriso.

— Ah, então você se anima com *alguma coisa*, Kalamata.

Mordi o lábio, fazendo de tudo para não sorrir. Não queria dar aquela satisfação a ele.

— Estou atrasada. Perdemos a hora da reunião?

Theo fez que não.

— Mudamos o horário para você dormir um pouco mais. Seu pai achou que você precisava. Ainda mais depois que contei a ele que você estava roncando como um gnu.

Meu rosto ficou vermelho que nem um tomate.

— Eu não *ronco*.

Será que roncava? Eu me esforçava tanto para que ninguém me visse dormindo que não tinha ideia se era verdade ou não. Teria que confirmar com minha mãe.

Ele pousou a mão de maneira reconfortante em meu ombro.

— Ronca, Kalamata. E como. Você já conheceu Geoffrey, o Canadense?

Gostei do peso da mão dele em meu ombro talvez um pouco demais, então me afastei rapidamente, me concentrando na água.

— Conheci. Na verdade, meio que despenquei do quatinho. Derrubei uma pilha de livros na descida e traumatizei os clientes.

O oceano cintilava em tom de turquesa, e os reflexos de luz doíam em meus olhos. Eu tinha que acrescentar óculos escuros à mochila. Aquela luz toda ia ficar linda na gravação.

— *Muito* bem — disse Theo, me encarando com respeito. — E Geoffrey contou sobre a namorada de mentira dele?

— De mentira? Não, ele me contou sobre a namorada que é bailarina. Ela se chama...

— Mathilde? — Theo suspirou pesadamente. — Mas é claro. Ela não existe. De vez em quando ele sai para visitá-la em turnê, mas ninguém tem ideia do que está indo fazer de verdade. Meu palpite é que tem muita maconha envolvida.

Fiquei esperando para ver se era brincadeira, mas o rosto de Theo estava completamente sério.

— Ele tem uma namorada de mentira? Por quê?

Theo virou a aba do boné para trás e soltou um suspiro exasperado.

— Se descobrir, me fala?

— Mas... — comecei, olhando para a livraria lá embaixo.

Aquele lugar ficava cada vez mais estranho.

Quando me virei de volta para ele, Theo estava avaliando minha roupa.

— Você vai assim?

Dei um passo para trás, gesticulando para meu short e calçado, nervosa.

— Hã, sim. Com o que estou usando agora. Por quê?

Ele balançou a cabeça de maneira tão decidida que as pontas enroladas de seu cabelo esvoaçaram.

— Você está linda, mas não sei se essas sandálias são boas para escalar um vulcão.

— Vamos *escalar* um vulcão? — perguntei, meu olhar apreensivo correndo em direção à água.

Ele estalou os dedos.

— Esqueci! Tenho um presente para você. — Ele abriu a mochila e me atirou uma camiseta enrolada que nem um burrito. — Me desculpa se ficar muito grande. Não sabia qual era o seu tamanho.

Estendi a camiseta, segurando-a na minha frente, e senti o tecido com os dedos. EQUIPE. Era grande demais, mas dava para usar.

— A equipe toda usa isso? — perguntei.

A animação crescia em meu peito. Theo deu de ombros alegremente.

— Todos nós dois. Seu pai usa as roupas dele de sempre. Quando vai aparecer na filmagem, ele tenta se vestir melhor.

— Quê?

Senti o desânimo tomar conta de mim, todas as ilusões de grandeza escapando das minhas mãos como um balão errante. Se havia apenas nós dois, então não era um filme de verdade. Era... sei lá. Um vídeo de YouTube? Um filme caseiro? Seja lá o que fosse, era amador.

— Nós dois? — repeti, sem me preocupar em disfarçar a decepção. — Então não tem uma equipe.

— Como assim? Nós *somos* a equipe — disse Theo, colocando a mão de volta no meu ombro. — Eu cuido da câmera e da maior parte da edição. Seu pai tem feito os roteiros e a apresentação na frente da câmera. Quando ele falou que precisava de ajuda, não estava brincando.

Eu mostrei, desanimada, a ficha de produção, sem querer desistir do sonho.

— Deixa eu adivinhar. Foi você que se deu ao trabalho de digitar tudo isso pra mim?

— É uma das minhas funções — disse ele. — Sou madrugador e gosto de imprimir-las na livraria logo cedo. Assim a gente se mantém focado no trabalho do dia.

— E a Produções Dubois...?

Ele sorriu.

— Sou eu. Theo Dubois.

Era a gota d'água. O último fio de esperança escapou por entre meus dedos. Meu pai não tinha conquistado credibilidade repentina. Seus planos continuavam tão precários e inatingíveis como sempre.

Senti o estômago revirar. Era por isso que as pessoas riam dele. Por que Theo dava força? Ele parecia gostar do meu pai. Será que não percebia que Nico só ia se machucar?

Engoli em seco.

— Acho que eu esperava que fosse um pouco mais... legítimo.

Ele se virou para mim, as sobrancelhas arqueadas em dúvida.

— Mais legítimo?

— É, eu...

Achei que mais pessoas acreditassem nele. Achei que não me sentiria tão idiota por ter acreditado também. Aquela era a questão. Senti um calafrio. Eu não ia mexer naquele vespeiro na frente do Theo em hipótese alguma.

— Deixa pra lá. Vamos falar com meu pai. Tenho certeza de que ele vai explicar tudo.

Mas, mesmo conhecendo Theo há menos de vinte e quatro horas, eu já sabia que ele não deixava nada pra lá. Como eu imaginava, ele continuou parado e colocou as duas mãos em meus ombros, o olhar encontrando o meu.

— Kalamata, é a *National Geographic*. O que é mais legítimo do que isso? Além disso, a tecnologia é tão boa hoje em dia que não é necessário uma equipe enorme para produzir algo que valha a pena. Só precisamos da minha câmera, um drone, uma GoPro e um programa para editar. Estamos *mais* do que equipados.

Arrisquei olhar nos olhos de Theo. O maxilar estava firme, o olhar, intenso. Concentrado. Ele falava sério. Apesar de sua crença inabalável no meu pai, Theo não parecia delirante. Parecia inteligente. Comprometido. Talvez até talentoso. Mesmo assim, eu não ia pular a bordo daquele projeto sem razões sólidas.

— Você disse que o documentário é para a National Geographic — falei, cautelosamente. — O que isso significa? Contrataram meu pai? Ele está na expectativa de que o contratem?

Theo baixou as mãos e ajeitou o boné. O dia já começava a esquentar, e uma fina camada de suor no seu lábio superior brilhava de maneira surpreendentemente agradável.

— Estão fazendo uma série sobre exploradores e querem um miniepisódio sobre Atlântida. Seu pai e eu andamos publicando conteúdo desde o início do outono, e encontraram o canal de YouTube dele.

Sim, meu pai tinha um canal no YouTube. Sim, desde que fora ao ar, alguns anos antes, eu vivia sob o medo constante de que alguém da escola descobrisse. Mas a National Geographic tinha entrado em contato com ele? Absorvi aquela informação por um minuto, deixando as novidades se assentarem em meu peito. Theo tinha razão. Independentemente do tamanho da nossa equipe, a National Geographic era a National Geographic. Era um dos nomes mais conhecidos nos ramos da ciência e da exploração. Se o documentário fosse bem-sucedido, provaria para todo mundo, inclusive para mim, que meu pai não era tão delirante quanto pensávamos. E a sensação daquilo era...

Bem, era como estar numa ilha grega numa manhã quente de verão com uma oportunidade de validação se desenrolando no ar marinho. Era liberdade. Era alívio. Era uma justificativa para tudo o que minha mãe e eu passamos.

Resumindo, era uma sensação *boa*. Muito, muito boa.

Porém, eu tinha mais uma pergunta.

— E quanto ao dinheiro? É um trabalho voluntário ou ele está sendo pago?

Theo piscou, incerto, e percebi que eu devia estar parecendo uma mercenária. Ergui uma das mãos.

— Quero saber se a National Geographic está disposta a arriscar a própria pele.

Arriscar a própria pele era uma expressão que eu ouvira o James falar a respeito de algumas de suas contas corporativas, e me perguntei se teria que explicar ao Theo o que significava, mas ele assentiu, o rosto ainda com ar de dúvida.

— Acho que sim? Quer dizer, não é uma quantia enorme, mas o suficiente para fazer o documentário, e ainda sobrou um pouco para mandar trazer *alguém* de avião a Santorini.

Meu coração deu um salto. Dinheiro era um bom sinal.

— Então... é verdade.

— É verdade, Kalamata. — Ele ainda me observava. — Por acaso precisava de dinheiro e um financiador para ser verdade?

— Não — respondi, mas fiz que sim com a cabeça, então foi bem confuso.

— Kalamata...

— Esquece. Como posso ajudar? — interrompi.

Não havia tempo para analisar meus motivos. Tínhamos um *filme* para fazer. Theo hesitou por um instante; então um sorriso tomou conta de seu rosto.

— Kalamata, quero que você seja minha diretora de fotografia. Quero que deixe as tomadas bonitas. Seu pai achou que sua experiência com arte faria de você uma boa candidata e, depois de

ver seu trabalho on-line, concordei com ele. Você sabe mesmo como combinar as coisas.

— Você está falando das minhas colagens?

Não era nem de longe a mesma coisa. Além do mais, eu já tinha ouvido o termo “diretor de fotografia”, mas não tinha a menor ideia do que *significava*.

— E das suas pinturas — acrescentou Theo. — São muito boas.

— Obrigada, mas...

Senti um embrulho no estômago. Talvez eles estivessem superestimando minhas habilidades. E se eu não estivesse à altura do projeto?

— Não sei se sou a pessoa certa para isso — falei. — Meu pai não devia contratar alguém com experiência no cargo?

— Você é a pessoa certa. Seu pai tem certeza disso, e eu também — rebateu Theo com confiança. — Além do mais, você sabia que a oliveira frutífera mais antiga do mundo fica em Creta? Tem quatrocentos anos e ainda produz azeitonas. Você já parou para pensar em todas as diferentes funções que as azeitonas cumprem? Dá para usar o óleo delas, colocá-las na massa do pão, em cima da pizza... São tão versáteis. E tornam tudo melhor.

— Theo! — resmunguei, mas estava sorrindo de novo.

Ele apontou para a camiseta.

— Depois que você se trocar, vamos ao escritório do seu pai. Tudo bem?

Na mesma hora, tentei imaginar meu pai de terno e gravata, carregando uma pasta que nem o James, mas minha mente se recusava a produzir *qualquer* imagem.

— Meu pai tem um escritório?

Theo sorriu, virando a aba do boné para a frente de novo.

— Digamos que tem muita coisa que você não sabe sobre ele, Kalamata.

— E ele sobre mim.



Capítulo 9



#9. EXEMPLAR GASTO DE TIMEU E CRÍTIAS, DE PLATÃO, COM ANOTAÇÕES A LÁPIS DO MEU PAI NAS MARGENS

A maioria das crianças não teria ideia de que livro é esse, mas a maioria das crianças não é filha do meu pai. É um dos diálogos de Platão, basicamente a versão escrita de uma conversa, e a principal fonte de tudo o que sabemos sobre a cidade de Atlântida.

Minha mãe costumava trabalhar até tarde em restaurantes, então, durante muito tempo, meu pai e eu ficávamos sozinhos à noite. Ele preparava nossos jantares preferidos — macarrão na manteiga para mim, legumes com salsicha para ele — e líamos Platão, deixando um dicionário à mão para consultar as palavras que não conhecíamos. Quando minha mãe chegava em casa, era hora de meu pai sair para qualquer que fosse o emprego que o ocupasse noite adentro na época.

Para meu show de talentos do segundo ano, fiz uma leitura dramática da minha fala preferida de Timeu e Crítias: "E em um só dia e em uma só noite de infortúnio, tudo foi engolido pela terra, e a ilha de Atlântida desapareceu nas profundezas do mar."

O garoto que se apresentou depois de mim tocou "Brilha, brilha, estrelinha" no violino, e a criança seguinte executou uma rotina de saltos de ginástica. Por que será que eu não me encaixava?

EU HAVIA PREVISTO OUTRA CORRIDA E ACERTEI. ENQUANTO O RESTANTE da aldeia começava a manhã devagar, tomando café e terminando as palavras-cruzadas, ou seja lá o que os gregos faziam ao acordar, Theo disparou em um ritmo só um pouco mais lento do que desembestado, descendo a sinuosa rua principal comigo a reboque. Ele parou duas vezes: uma para acariciar um cachorro que mais parecia um montinho peludo, e depois para filmar o sino de uma igreja a badalar. Por fim, ele freou derrapando em frente a um prédio pequeno de dois andares com uma vitrine de doces vazia. Na porta, um letreiro dourado dizia MARIA'S, e um delicioso cheiro amanteigado saía pelas frestas.

— Onde fica o escritório dele? — perguntei, conferindo meu reflexo no vidro.

Eu tinha trocado a sandália de antes por uma sem salto e dado um nó na lateral da camiseta de EQUIPE para não parecer que estava usando um vestido solto e gigantesco, mas não dera muito certo. Meu novo visual não era nem um pouco Liv, e também não parecia a roupa de alguém trabalhando em um documentário sério, mas era difícil ignorar a esperança que inflava meu peito. National Geographic. Era exatamente o tipo de coisa com que sonháramos. *Isso está mesmo acontecendo?*

Theo bateu na porta.

— Bem aqui. Das cinco às oito da manhã, todo o andar de cima é dele.

O balão esvaziou um pouco, mas persistiu.

— Então não é um escritório de *verdade* — argumentei, mas Theo me ignorou e bateu no vidro.

Em questão de segundos, uma mulher de cabelos grisalhos, bochechas enrugadas e olhos escuros e brilhantes usando um vestido azul de bolinhas apareceu à porta, deixando escapar uma lufada de ar quente e açucarado que animou meu lado formiga.

— Conheça Maria — disse Theo.

— O-live! — cantarolou ela.

Eu já estava desistindo de ser chamada de Liv ali.

— *Kaliméra* — cumprimentei.

Falar uma palavra grega foi um pouco menos estranho do que na noite anterior, mas ainda me senti constrangida na frente do Theo. Olhei disfarçadamente para ele. Meu sotaque devia ser péssimo.

Felizmente ali não havia grandes expectativas quanto a isso. Maria aplaudiu minha tentativa, depois disparou a falar em grego e deu vários tapinhas no meu rosto antes de nos levar para dentro.

A iluminação na loja era fraca, e havia cadeiras empilhadas em cima de várias mesas de madeira. As venezianas ainda estavam fechadas, e um esfregão secava em um dos cantos. Maria apontou para o teto e sorriu para mim.

— Seu pai — começou a senhora. — Seu pai, ele é...

Ela olhou para o Theo, então falou uma palavra que não entendi.

— Especial — traduziu Theo.

Ah. Era uma forma de ver as coisas.

— Obrigada, Maria.

Fui tomada pela expectativa. Eu estava prestes a ver meu pai. De novo.

— Lá em cima? — perguntei.

— Sim! — chilreou Maria.

Enquanto nos dirigíamos para a escada íngreme de madeira, a decepção turvou meu humor.

— O escritório dele é uma padaria fechada? — perguntei ao Theo.

Não que um escritório de verdade fosse restaurar magicamente minha confiança no meu pai, mas talvez ajudasse.

— Maria tem uma geladeira e dois fogões que deveria ter substituído há uns dez anos. Ele vive trazendo os eletrodomésticos de volta à vida. Em troca, ela o deixa trabalhar aqui.

Aquilo tudo era muito familiar.

— Como Yiannis, o taxista. Ele disse que devia um favor ao meu pai.

Theo olhou para mim, uma das mãos no corrimão.

— Você sabe como é o seu pai. Todo mundo lhe deve um favor porque ele está sempre ajudando os outros. Algumas pessoas brincam que ele é o prefeito de Oia. Ele que faz as coisas funcionarem por aqui. Quando alguém tem um problema, vai direto ao seu pai.

Bem, aquilo não era novidade. Toda vez que nossa família se mudara para um novo apartamento ou uma nova vizinhança, nunca demorou dez minutos até ele examinar o triturador de lixo de alguém ou consertar a bicicleta de uma criança, o que invariavelmente nos rendia convites para jantar por uma semana inteira. Ele também tinha a habilidade especial de fazer parecer que era *você* que lhe prestava um favor, o que deixava as pessoas ainda mais encantadas. Ele obtinha devotos leais por onde passava. Por que eu havia achado que as coisas seriam diferentes em Santorini?

Enquanto subíamos a escada, senti minhas mãos trêmulas de repente.

Pai.

Era nosso segundo encontro. Será que eu estava pronta?

Não.

Mas meus pés seguiram em frente mesmo assim.

A escuridão dava lugar à luz do sol enquanto eu ficava mais nervosa. O andar de cima da padaria era um terraço ao ar livre com várias mesinhas de madeira e uma vista deslumbrante da caldeira. Uma brisa leve agitou as cortinas de lona presas às grades do telhado, e o ar era fresco e salgado.

— Bem-vindos! — cumprimentou meu pai.

Ao me virar, encontrei-o em pé junto a uma mesa. Meu coração deu um salto, assim como no dia anterior. Ver meu pai era tão *desorientador*. Naquela manhã, ele usava uma camisa de manga comprida desbotada, bermuda e um chapéu de aba larga que o fazia parecer uma versão grega do Indiana Jones; era extremamente constrangedor, mas combinava com ele. Ele tinha juntado duas mesas e estava cercado por uma quantidade absurda de equipamentos velhos, incluindo uma caixa de ferramentas amassada, uma mochila gigantesca, um cooler, um emaranhado de extensões, além de uma pilha de cadernos e vários mapas enormes. Os mapas... Fui inundada por um maremoto de dor, e tive que desviar o olhar.

— Bom dia.

Fiquei surpresa ao constatar que minha voz saiu normal.

— Bom dia, Liv.

Ele pronunciou “Liv” com precisão e cuidado, como se tivesse passado a noite anterior ensaiando. Ouvi-lo me chamar pelo meu

novo nome não melhorou em nada a sensação estranha em meu estômago.

— Dormiu bem? — perguntou meu pai.

— Como eu disse, ela roncou feito um gnu — respondeu Theo. — Só não é pior que você.

— Eu não ronco — protestei, me virando para Theo.

Sei lá como, ele tinha conseguido pegar sua câmera sem que eu percebesse e estava me filmando. *De novo*. Empurrei a câmera, mas ele só recuou alguns passos, um sorriso aparecendo sob o visor.

— Ronca, sim. Igual ao seu pai — insistiu Theo. — Tive que aumentar o volume da música.

— Você não tem provas de que eu ronco — disse meu pai. — E, até eu mesmo ouvir, me recuso a acreditar que a Liv ronca também.

“Liv” soou um pouco mais natural da segunda vez. E foi legal da parte dele me apoiar com o lance do ronco, mas não tinha viajado meio mundo para conversar sobre a qualidade do meu sono. Era hora de ir ao que interessava.

Estendi a ficha de produção.

— Parabéns pelo documentário, pai. Parece bastante... — Respirei fundo, procurando um adjetivo. — Promissor.

Promissor? Não era bem a palavra certa.

Meu pai se alegrou assim mesmo, o sorriso tão brilhante que eu mal aguentava olhar. Percebi a energia correndo pelo seu corpo e entendi que ele queria me abraçar. Em vez disso, ele bateu os dedos na beirada da cadeira.

— Obrigado, Liv. E o que eu escrevi no cartão-postal é verdade. Preciso da sua ajuda. Nosso prazo é curto, e seria bom ter mais alguém cuidando do visual do projeto.

— Não sei se consigo ajudar com isso, mas vou tentar. — Hesitei, mas fui vencida pela curiosidade. — Sobre o que exatamente é o documentário? A teoria de Santorini?

Dizer aquilo em voz alta me deixou zozza. Quando meu pai foi embora, descobrir que a maioria das pessoas achava que Atlântida era uma farsa tinha sido como desmantelar a gravidade — doloroso e desorientador. Mas, anos depois, ali estava eu, discutindo o assunto como se merecesse consideração.

O rosto dele ficou sério.

— Em parte. Tenho algumas teorias e provas novas para acrescentar, e quero explicar tudo a você, do início ao fim.

Provas. Aquela palavra outra vez. Meu coração parecia galopar. Por que todo aquele suspense?

— Está bem...

Ele apontou para a cadeira.

— Por que não se senta? Como disse o grande filósofo Platão: “Nenhum empreendimento importante deve ser iniciado sem café.”

Não contive a risada.

— Platão *não* disse isso.

Meu pai abriu seu sorriso torto, e aquela imagem conhecida aqueceu meu coração.

— Você tem razão. *Eu* disse isso. Mas é verdade, não é? E suspeito que você passou de roubar goles de café dos adultos para uma xícara só sua.

Era verdade. Além do mais, até que a teoria de Theo fazia sentido.

— Vou chamar a Maria — disse Theo.

De alguma forma, ele tinha conseguido me fazer esquecer da sua presença e, quando me virei, a câmera continuava apontada para nós.

— Você não precisa de um termo de autorização ou coisa assim?
— perguntei. — Porque eu *não* dei permissão.

Theo sorriu e correu para a escada, levando a câmera junto.

E então... ficamos só nós dois. Pela primeira vez em quase nove anos. Um silêncio pesado e desconfortável tomou conta do escritório improvisado do meu pai. Tentei disfarçar, mexendo na camisa e fingindo admirar a vista, mas quem eu queria enganar? A situação não poderia ser mais estranha. Meu pai também parecia não saber o que dizer. Por fim, apontou para a minha camiseta.

— Vejo que Theo deu o uniforme para você.

Fiz que sim com um movimento exagerado.

— Deu. E imprimiu uma ficha de produção. Ele é sempre assim tão...?

— Intenso? — Meu pai sorriu. — Os melhores sempre são. Ele se importa muito com este projeto.

— E com você — disparei, declarando o óbvio.

— É.

Outro longo silêncio desconfortável.

— Então... o que é tudo isso?

Eu me sentei na cadeira e olhei para o mapa, mas me arrependi no mesmo instante. Era uma réplica quase idêntica do que eu tinha guardado no fundo da mala. Podia estar nove anos mais velha e num país completamente diferente, mas ver as pontas desgastadas do mapa me levou de volta à mesa da nossa cozinha todos aqueles

anos antes. Não era de espantar que ele não tivesse levado o mapa embora. Não precisava.

— Ah — sussurrei.

Meu coração havia subido para a garganta.

Meu pai tentou olhar em meus olhos.

— Reconhece?

Dã, quis responder. Mesmo contra a minha vontade, era como se a imagem do mapa estivesse gravada nas minhas retinas.

Por sorte, Theo e Maria reapareceram, trazendo café.

— Maria! *S'efcharistó!* — exclamou meu pai, se levantando na mesma hora para ajudá-la.

Maria sorriu alegremente, me passando uma xícara minúscula que quase me fez gargalhar. *Aquele* era o café que Platão prescrevera? Eu deveria virar tudo de uma vez? Ou dar alguns poucos golinhos? Olhei para Theo e para meu pai em busca de instruções. Os dois pareciam estar vivenciando uma experiência transcendental, bebendo devagar e com reverência. Então, sob o olhar atento de Maria, tomei um gole generoso.

Péssima decisão. Tossi alto, e Theo teve que dar alguns tapas nas minhas costas.

— Kalamata, respira!

O café tinha gosto de cedro derretido e era a coisa mais amarga que eu já provara. Se meu pai estava acostumado àquilo, não era de admirar que chamasse o café americano de “chafé”.

— Me desculpa — consegui dizer. — Desceu pelo lugar errado.

Maria olhava para mim, preocupada.

— Muito bom, sim?

— Delícia — respondi.

Levei a xícara aos lábios, mas, assim que ela se afastou, larguei o café na mesa e me inclinei em direção ao Theo.

— Por favor, me diga que nem todo café da Grécia é assim — sussurrei.

Seu queixo caiu.

— Claro que é. Fervido e não filtrado, como deve ser — disse ele, sem se dar ao trabalho de sussurrar. — E não se atreva a ofender Maria... Ela tem ligações com a máfia grega. Se aborrecê-la, você vai dormir com os peixes.

Ele ergueu dois dedos e os apontou de seus olhos para os meus.

— Ótima citação de *O poderoso chefão* — falei, lançando um olhar para Maria.

Eu tinha noventa e três por cento de certeza de que ele estava brincando. Ainda assim, levei a xícara à boca outra vez. O segundo gole foi tão ruim quanto o primeiro, e não pude conter a careta. Felizmente, Maria e meu pai estavam envolvidos em uma conversa tão animada que não pareceram notar.

— Está bem. Agora trabalhem! — disse Maria.

De repente, ela se virou para mim e apertou meu ombro uma última vez antes de deixar nós três — a *equipe* — sozinhos.

Meu olhar se voltou imediatamente para o mapa. Não consegui evitar. De perto, ficava nítido que aquela era uma versão aprimorada, ou a irmã mais velha e mais inteligente, do primeiro mapa. A ilha tinha sido desenhada com muito mais detalhes e, em vez das anotações dispersas, as margens tinham sido divididas e preenchidas com caracteres gregos organizados. Não havia nenhum desenho engraçadinho de serpente. As teorias dele obviamente tinham evoluído. E eu não tinha sido parte daquilo.

Foi como se uma porta grande e pesada batesse na minha cara. Rejeição. Passado todo aquele tempo, não devia doer tanto, mas doía. Muito, muito mesmo. Senti uma saudade repentina e confusa do nosso mapa original. Além disso, àquela altura, a espera estava me matando. Será que a teoria dele tinha mesmo evoluído? Se sim, como?

Lutei com a curiosidade por alguns instantes antes de perder, como sempre.

— Então, o que temos aqui? — perguntei, apontando para o mapa.

Meu pai pousou a xícara, seu olhar suave.

— Vamos começar do começo. Liv, como ficamos sabendo de Atlântida, para início de conversa?

Liv novamente. Cada vez que ele usava meu novo nome, eu precisava recuperar o equilíbrio. Forcei-me a olhar em seus olhos.

— Por causa de Platão.

Ele deslizou um caderno para o centro da mesa e rapidamente desenhou uma versão cartunesca de Platão, com barba, toga e um livro grande, então olhou para mim com ar sério.

Contive o riso. As teorias dele podiam ter melhorado, mas os desenhos não. Continuavam exatamente iguais, com olhões bobos que nem bolas de pingue-pongue e narizinhos. Eu tinha sentido falta de suas interpretações do mundo.

— Correto. E de quem Platão ouviu isso?

Um teste. Felizmente — ou infelizmente —, eu sabia todas as respostas. Gostaria de fingir que não pensava naquilo havia anos, mas a verdade é que pensava o tempo todo.

— Platão ouviu de Sólon, um famoso político e poeta grego.

— Não exatamente — corrigiu Theo. — Sólon viveu duzentos anos antes de Platão, então nunca falou com ele pessoalmente. Platão conhecia a história porque tinha sido transmitida oralmente por Sólon, que viajara ao Egito e a ouvira dos sacerdotes egípcios.

— Certo — concordei, mal contendo um suspiro.

Eles deviam perceber como aquilo era ridículo. Parecia uma brincadeira complicada de telefone sem fio.

Meu pai, é claro, continuou.

— E como nós, pessoas do século XXI, conhecemos a história?

— Por meio dos diálogos de Platão — falei, antes que Theo respondesse. Então, antes que meu pai pudesse perguntar, acrescentei: — Os diálogos de Platão são conversas fictícias usadas para discutir tópicos filosóficos.

Timeu e Crítias viva na minha mesinha de cabeceira, da mesma forma que *A teia de Charlotte* ou *James e o pêssego gigante* viviam na de outras crianças. Pois é, eu tive uma infância bem estranha.

— Excelente. Quase tudo o que sabemos sobre Atlântida veio de Platão. E quem foi Platão? — perguntou meu pai.

Ele tampou a caneta e olhou para mim com expectativa.

Quem foi Platão? Era uma pegadinha? Os dois me encaravam. No ano anterior, minha turma de história tinha estudado Platão, e, toda vez que a professora dizia o nome dele, era como se fizesse referência a um velho amigo da minha família. Eu levava quase um mês para parar de me encolher a cada menção. Tirei 9,9 no trabalho final, com a seguinte observação da professora: *Excelente compreensão aprofundada do tema*. Na verdade, eu tinha escrito menos do que sabia.

Baixei os olhos para o desenho.

— Ele foi um filósofo grego que viveu em Atenas e fundou a primeira universidade do mundo. Muitos o consideram o filósofo mais influente de todos os tempos.

Senti, mais do que vi, Theo e meu pai trocarem um olhar. Será que eu passara no teste ou fracassara? Não dava para saber.

Meu pai acrescentou um pergaminho à mão direita de Platão e alguns rabiscos à barba.

Hesitei, e Theo entrou na conversa:

— Ele descobriu diversas verdades científicas sobre a Terra. Foi um dos primeiros a dizer que a Terra não é plana e que os planetas orbitam o Sol, e não o contrário.

A Terra não é plana. Os planetas orbitam o sol. Filósofo mais influente. Meu pai anotou essas observações no topo da página. Então olhou para nós dois.

— Platão aprendeu com Sócrates e depois ensinou a Aristóteles. Além disso, fundou a primeira instituição de ensino superior na civilização ocidental. Foi um dos filósofos mais conhecidos de seu tempo, e suas teorias ainda são ensinadas no mundo inteiro. Tudo isso é impressionante. Mas só uma coisa realmente importa. — O olhar dele encontrou o meu. — Você acha que pode confiar nele?

A pergunta me pegou de surpresa. Eu me encolhi, então olhei para o Theo. Ele me perguntara a mesma coisa em relação ao meu pai na noite anterior. *Você acha que pode confiar no seu pai?* Mas é claro que Theo tinha contado para o meu pai sobre a nossa conversa.

— Bem... — hesitei.

Os olhos escuros do meu pai ainda encaravam os meus, e, por um instante, imaginei como seria dizer o que eu realmente pensava

daquilo tudo. *Atlântida é uma história inventada por um antigo filósofo para impedir que as pessoas se tornassem um bando de ricos idiotas. Era uma parábola para alertar o povo de Atenas contra a ganância com relação a dinheiro, conhecimento ou tecnologia. Nunca deveria ter sido tomada como verdade. Ninguém deveria tentar encontrá-la. Ninguém deveria largar tudo e dedicar a vida a isso.* Mas os olhos dele brilhavam tanto. Eu tinha esquecido como brilhavam quando falávamos sobre Atlântida. Então, assim que abri a boca... bem...

— Não tenho certeza — murmurei.

Pois é. Patético. Deveria ser quase geneticamente impossível eu ser filha de uma advogada, quem dirá uma das boas.

Meu pai desviou o olhar e piscou. Uma, duas vezes.

— Não tem problema. Na verdade, isso é bom, porque é uma das coisas que estou tentando estabelecer no documentário.

— Pensa comigo — disse Theo, apoiando os cotovelos na mesa e se inclinando em minha direção. — Na época de Platão, Sólon era uma das pessoas mais famosas e respeitadas da história. Todos sabiam quem ele era, então Platão teria que tomar muito cuidado ao contar sua história. Além disso, Platão disse várias coisas sobre a história de Atlântida que deixam claro que ele a considerava fantasiosa... como era grande, os elefantes e tudo mais. Por que ele expressaria dúvida sobre a própria história que inventou?

Eu não queria admitir, mas era um argumento interessante. Felizmente, pensei logo numa réplica.

— Mas Platão alguma vez disse que era verdade?

Os olhos do Theo se iluminaram.

— Temos vinte e dois momentos documentados em que Platão diz ao público, categoricamente, que a história não é uma fábula, e sim *verdade*.

Vinte e dois? Parecia esforço demais para algo que ele acreditasse ser mentira. Fora isso, o Theo arrasaria na equipe de debate da minha escola. Ficara tão entusiasmado que, se eu não o detivesse, talvez acabasse presa àquela mesa o dia inteiro. Estava na hora de colocar um fim naquela discussão.

Levantei a mão.

— Beleza. E se Platão estivesse dizendo a verdade? E daí?

Um sorriso se abriu no rosto do meu pai.

— Então temos que falar sobre Santorini. — Ele virou para uma página em branco do caderno e rapidamente desenhou a ilha de Santorini. — Theo, o que especificamente Platão disse sobre Atlântida?

Theo se endireitou na cadeira, exibindo um sorriso igual ao do meu pai.

— Ele disse que uma ilha com uma civilização avançada foi destruída em poucos dias. A ilha era oblonga, com rochas de três cores diferentes: brancas, vermelhas e pretas. Durante a destruição, houve inundações e terremotos, e, depois disso, o mar ficou impenetrável.

Meu pai apontou para o desenho da ilha, abrindo um sorriso gentil para mim.

— Que forma é essa?

— Oblonga — admiti.

Mas o formato de Santorini não provava nada. Devia haver centenas de ilhas oblongas no planeta. Quais eram as chances de

meu pai ter nascido na certa?

Em seguida, ele marcou três locais na parte de baixo da ilha e escreveu o nome de cada um. *Praia Vermelha, Praia Preta, Praia Branca.*

— Espera — falei. — Esses lugares existem mesmo?

Ele ergueu o olhar, a caneta ainda na mão.

— Mas é claro.

— Além disso, Atlântida tinha uma fonte quente e outra fria — acrescentou Theo, que tinha pegado a câmera de novo e mexia num botão. — Isso também está nos diálogos.

— E o mais importante: a cidade de Acrotíri — completou meu pai, e marcou um ponto na seção inferior da ilha. — Os minoicos eram uma civilização muito avançada que viveu em Santorini há mais de três mil anos. Infelizmente, a civilização foi dizimada quando o vulcão de Santorini entrou em erupção.

Meu coração acelerou... mas só um pouco. Sim, as evidências estavam se acumulando, mas eu já tinha embarcado no trem da ilusão antes. Então me obriguei a manter a calma.

— Avançada em que sentido? — perguntei, sem esconder o ceticismo na voz.

Meu pai voltou a desenhar e, quando estiquei o pescoço para ver o que era, não pude deixar de rir. Era um vaso sanitário. Com olhos.

— Eles eram avançados porque tinham vasos?

Ele sorriu de volta.

— Não qualquer vaso. O primeiro vaso sanitário do mundo. Literalmente mil anos antes que se tentasse uma invenção parecida de novo. Eles ficavam no segundo e no terceiro andar de suas

residências de vários andares. As casas tinham até tecnologia à prova de terremotos.

— Pelo menos até a erupção de um enorme vulcão acompanhada de inundações destruir sua ilha oblonga — disse Theo, arregalando seus olhos para ficarem grandes e assustadores.

Interessante.

Eu nunca soube a parte dos minoicos. Ou a parte da tecnologia, ou...

Não, Liv. Para.

— Então você acha que os minoicos eram os atlantes da vida real?

Minha intenção era que a pergunta fosse sarcástica, mas a curiosidade me venceu, quente como o sol. Tinha esquecido como era estar presa na teia do meu pai. Ele sabia exatamente o que dizer para eliminar aos poucos o ceticismo rondando meu cérebro. Eu não consegui resistir. Ele estava me enredando. Jogando sua isca.

— Sim — respondeu meu pai com firmeza.

— Mas, pai... — hesitei. — Existem, tipo, dezenas de outras teorias sobre a localização da cidade.

— Centenas, na verdade — disse Theo. — Marrocos, Malta, Espanha...

— Isso. E tenho certeza de que todos esses lugares se enquadram nas descrições de Platão. Então como você tem tanta certeza de que é Santorini? Quer dizer, além das razões que você já me deu.

Parecia conveniente demais meu pai ter nascido bem no local que acreditava ser a cidade "correta". E também levemente tendencioso.

Meu pai assentiu.

— Bem, a localização, para início de conversa. Platão disse que Atlântida ficava além das Colunas de Hércules, que a maioria dos historiadores interpreta como sendo o estreito de Gibraltar. Só isso anula a maioria das outras teorias. — Ele folheou alguns papéis até achar um mapa da Europa e apontou para o ponto entre a Espanha e a África. — Aqui é onde o Atlântico encontra o mar Mediterrâneo. Na época de Platão, as Colunas de Hércules representavam a fronteira entre o mundo conhecido e desconhecido.

— Sei... — falei, fazendo questão de deixar claro que eu não estava comprando a ideia.

— Nico, conta para ela — insistiu Theo.

A energia que emanava dele me atingiu com força total, e me virei rapidamente em sua direção.

— Contar o quê? — quis saber.

Silêncio. Meu coração começou a bater mais forte, e olhei para o outro lado da mesa.

— Pai, contar o quê?

Ele hesitou, mas, quando ergueu os olhos, percebi que estava calmo. Concentrado.

— Acho que sei onde fica o centro de Atlântida.

Houve uma longa pausa, e esperei o resto da explicação, mas ninguém disse nada. Porque... ele acreditava naquilo. Meu pai me encarava com um olhar ansioso e entusiasmado. Como se tivesse dito algo bombástico. Ou pelo menos algo que ele *acreditasse* ser bombástico.

Não. Eu não ia cair nessa. Já tinha passado por aquilo antes, muitas vezes.

— Certo... — comecei, desviando o olhar. — Deixa eu adivinhar: no centro de Santorini?

Theo balançou a cabeça, impaciente.

— Não, ele está falando das ruínas subaquáticas de verdade.

Mas é claro. Quase revirei os olhos.

Desviei o olhar, sem conseguir encarar a expressão esperançosa no rosto do meu pai. Eu estava com muita vergonha alheia. Por ele, por seu entusiasmo e por saber que ele acreditava cem por cento que estava certo.

— Você sabe o local *exato*?

— Reduzi para um raio de oitocentos metros. — Ele hesitou antes de se recostar na cadeira que rangia. — Nos últimos anos, tenho trabalhado com uma egiptóloga britânica da Universidade de Oxford para cruzar informações do *Livro dos mortos* egípcio aos diálogos de Platão. O nome dela é dra. Bilder.

Havia caçadores de Atlântida em Oxford? Meu rosto estava pegando fogo.

— Então onde fica?

— Lá.

Meu pai ergueu o braço, e demorei um segundo para entender o que estava fazendo. Ele estava *apontando*. Segui seu dedo com o olhar em direção ao extremo sul da caldeira.

— Perto daquela ilhazinha — explicou. — Aspronisi. Achamos que o templo fica a um raio de oitocentos metros de lá.

Estreitei os olhos para a caldeira, mas estava claro demais e eu não tinha certeza se estava olhando para o lugar certo. Aquilo não fazia o menor sentido, até para as loucuras do meu pai.

— Mas, pai... — Protegi os olhos com as mãos, esperando que se acostumassem à sombra. — Se as ruínas estão logo ali, por que ninguém as encontrou ainda?

— Falta de recursos — respondeu Theo. — Ninguém quer gastar dinheiro para procurar Atlântida. É por isso que estamos vendendo nossa teoria para a National Geographic por meio do documentário. Se conseguirmos gerar entusiasmo suficiente em torno do assunto, talvez o governo invista em uma escavação subaquática.

— Mas... — Segurei a borda da mesa, desejando de coração que tudo aquilo acabasse. — Pai, você chegou a ver alguma coisa de fato? Qualquer coisa?

Uma breve pausa, então seu olhar correu da caldeira para mim.

— Vi o que poderiam ser formações subaquáticas, mas é difícil dizer se são naturais ou não. O problema, claro, é que o vulcão entrou em erupção no século XVI a.C., o que torna difícil ver evidências subaquáticas sem o equipamento adequado.

Sua voz era firme e segura. As implicações daquilo me faziam querer pular em um vulcão gigante. Um vulcão gigante e *ativo*. Como ele não percebia que tudo aquilo soava ridículo?

Deslizei um pouco mais para baixo na cadeira, a cabeça a mil, enquanto tentava processar o que acabara de ouvir.

— Então... estamos procurando por Atlântida de verdade.

Meu pai não havia mudado nem um pouco.

— Não estamos... fazendo um documentário informativo sobre Atlântida? — perguntei, apontando para os documentos: os mapas, as anotações, os cadernos, o desenho. — Vamos literalmente sair à procura de Atlântida?

Meu pai, o intrépido caçador de tesouros, continuava ali, em toda a sua glória maltrapilha.

— Vamos procurar provas da existência de Atlântida — corrigiu meu pai. — Já encontramos Atlântida... É Santorini.

Minha nossa. Ele tinha certeza absoluta de que já encontrara a cidade perdida. *Encontrara.* Por um segundo, imaginei Dax e meus amigos ouvindo toda a conversa, vendo as pilhas de cadernos, as imagens presas à parede, a declaração da descoberta de Atlântida. Eu já imaginava suas risadas, o revirar de olhos. Assim como eu, pensariam que meu pai estava delirando.

— Mas, se eu encontrar evidências do Templo de Poseidon — continuou ele —, todas as outras teorias serão abandonadas.

— Ambicioso — consegui dizer, e Theo me lançou um olhar preocupado.

— Não poderia deixar de ser — replicou meu pai, piscando para mim.

Eu me acomodei na cadeira, deixando meu olhar correr pela água azul-turquesa, cheia de profundidade e mistério. Pior que não era difícil imaginar que Atlântida estava bem ali. Eu só precisava fingir que tinha oito anos de novo. Já conseguia até ver: o Templo de Poseidon, meu pai o encontrando, encontrando tudo. Deixei minha mente vagar, refletindo sobre os argumentos do Theo. Platão tinha mesmo afirmado vinte e duas vezes que Atlântida era real? Se sim, quem poderia afirmar que a prova não estaria lá embaixo? Se uma egiptóloga de Oxford tinha embarcado naquela teoria, então talvez...

Meu Deus do céu!

Não perca a cabeça, Liv. Precisava acabar logo com aquele devaneio ridículo. As pessoas nunca encontraram provas da

existência de Atlântida pelo mesmo motivo que nunca encontraram provas da existência da oficina do Papai Noel ou da fada dos dentes. Atlântida não *existia*.

Foi então que eu o vi: meu último fragmento cintilante de esperança. Apesar de todas as situações dolorosas pelas quais eu havia passado, uma parte teimosa e constrangedora de mim ainda *queria* acreditar. Ela penetrara na minha pele como um minúsculo caco de vidro, tão sutil e transparente que nem eu mesma havia percebido sua presença. Então o arranquei de vez, estendi meu braço para trás e o lancei nas profundezas azuis e tranquilas da caldeira.

Metaforicamente, é claro. Ainda estávamos tomando café da manhã.



Capítulo 10



#10. UM LÁPIS PALOMINO BLACKWING

Meu pai sempre dizia que, quando se vive modestamente, é preciso ter alguns luxos para se manter rico de espírito. Os luxos da minha mãe eram idas mensais à confeitaria mais chique do nosso bairro e sua echarpe de caxemira preferida. Os luxos do meu pai eram ser sócio do Instituto de Artes de Chicago e seus lápis favoritos. Para ser exata, lápis Palomino com grafite tão liso e escuro que pareciam de chocolate. Começaram a ser produzidos na década de 1930, e escritores como Steinbeck e E. B. White eram grandes fãs. Além disso, foram usados pelo criador do Looney Tunes em alguns dos primeiros esboços do Pernalonga.

Não eram baratos, mas meu pai nunca foi mesquinho com eles. Eu sempre tinha um na mochila e outro na nossa mesinha de desenho, e não me lembro de ele ter me dito alguma vez para fazê-los durar ou tomar cuidado para não perdê-los. Meu pai dizia que existiam duas categorias de pessoas: aquelas que entendiam por que alguém gastaria 25 dólares em uma caixa de lápis de luxo e aquelas para quem não adiantava explicar. Não precisei perguntar em qual categoria eu me encaixava, porque já sabia que era na dele. Como sempre.

MEU PAI E THEO AINDA ME ENCARAVAM. MINHA XÍCARA DE CAFÉ TINHA esfriado, e eu me sentia um pouco enjoada, como se já estivéssemos no mar, e não admirando sua vista de uma distância segura. Não sabia se eles dois tinham acompanhado toda a montanha-russa emocional pela qual eu passara nos últimos minutos, mas precisava que parassem de me encarar. Imediatamente.

— O que me diz, Liv? — perguntou meu pai, por fim. — Precisamos mesmo de ajuda para deixar o vídeo mais profissional. E você tem um bom olho para essas coisas. Já vi seu trabalho.

Senti um pequeno aperto no peito. Eu tinha que parar de pensar no meu pai xeretando minhas redes sociais. Era como dois mundos colidindo.

— Não são a mesma coisa. Não tenho nenhuma experiência trabalhando em filmes — falei.

Theo colocou uma das mãos em meu ombro.

— É claro que não. Você tem dezessete anos. Mas como acha que as pessoas adquirem experiência? Elas fingem que sabem o que estão fazendo. É o que eu tenho feito com a filmagem.

— E está se saindo maravilhosamente bem — elogiou meu pai. — Liv, não estou pedindo para você fazer nada que esteja além das suas capacidades. Sei que você tem um olho bom para o que é belo. Sempre teve.

Um olho bom para o que é belo. Era o tipo de coisa que só o meu pai diria. Para ser sincera, ele tinha razão. Quando eu olhava para algo — pinturas, fotos, roupas ou até mesmo cômodos inteiros —, era como se conseguisse enxergar o que precisava ser alterado para que o todo se alinhasse. Para que ficasse harmonioso. Era o motivo

de eu gostar tanto de colagem. Eu percebia o que ficaria melhor junto, mesmo quando ninguém mais percebia.

— Sem falar que você sabe muito sobre Atlântida — acrescentou Theo. — Seu pai contou que você recitava partes dos diálogos de Platão nas festas. Podíamos até filmar isso...

— Não! — exclamei, esfregando a testa.

Ainda bem que Liv tinha arrumado *novos* assuntos para as festas, porque citar filósofos não teria dado muito certo no ensino médio.

— Só se você quiser. Caso contrário, não precisa — garantiu meu pai rapidamente.

Suspirei, tentei disfarçar, mas então suspirei de novo.

— Onde vai ser transmitido?

Theo tomou minha pergunta como um sinal de que estava empolgada.

— Na internet e talvez na TV. É parte de uma série sobre exploradores, e seu pai está escalado para o episódio quatro, logo após o de El Dorado. Embora, para ser sincero, não acho que a equipe do El Dorado tenha muita coisa para mostrar. Um reino perdido feito de ouro? *Até parece.*

Deixei escapar uma risada. Como Theo conseguia me fazer rir com tanta facilidade?

Meu pai também estava sorrindo. Então disse:

— O mundo é feito de pessoas que se arriscam e de pessoas que ficam às margens, assistindo. Todos os exploradores têm o meu apoio.

Até onde eu sabia, meu pai nunca dissera “não” a um desafio.

— Deus abençoe os exploradores — falei, repetindo o que Henrik havia dito no avião a respeito de seu namorado arqueólogo e do

meu pai.

Em seguida, me acomodei na cadeira e respirei fundo algumas vezes, torcendo para a brisa do mar acalmar minha mente. Funcionou mais ou menos.

— E se não encontrarmos nada? — perguntei ao meu pai. — Vão transmitir o programa mesmo assim?

Pergunta implícita: *Quando sua teoria não der em nada e você ficar com cara de idiota, todo mundo vai ver?*

Ele negou com a cabeça.

— Não acho que estejam esperando provas concretas, só uma narrativa boa e firme. Querem dar aos espectadores um gostinho de como seria sair à procura da cidade. Lá no fundo, todo mundo é um explorador, não é mesmo?

— Nem todo mundo — respondi sem pensar, mas o alívio tomou conta de mim.

A National Geographic não transmitiria algo que deixasse meu pai com cara de maluco, certo? Quer dizer, ele com certeza pareceria excêntrico, mas isso era inevitável. Talvez aquela não fosse a pior maneira de Dax e meus amigos descobrirem quem era o meu pai. Além do mais, estando na equipe, como diretora de fotografia ou seja lá o que fosse, talvez conseguisse impedir que o documentário ficasse vergonhoso *demais*.

De repente, percebi que estava fazendo que sim com a cabeça, meu corpo concordando antes mesmo da minha mente. Eu finalmente mordera a isca. Quer dizer, mais ou menos. O que mais havia para eu fazer durante aqueles dias na Grécia?

— E aí? — perguntou Theo, arqueando as sobrancelhas perfeitas. Se não fossem tão bonitas, eu estaria de saco cheio delas.

Soltei o ar.

— Tá bem.

— Tá bem? — perguntou meu pai, seu olhar procurando cuidadosamente o meu.

Dei de ombros com indiferença para disfarçar o coração acelerado.

— Eu topo ajudar. Mas não esperem muito de mim.

— Maravilha! — exclamou meu pai.

Dava para ver que ele queria correr em volta da mesa e vir me abraçar, mas se conteve. *Ainda bem.* Era cedo demais para aquilo.

— Que boa notícia, Kalamata — disse Theo, batendo nas minhas costas de novo. — Porque agora vem o problema. Temos pouco mais de uma semana para terminar a filmagem e fazer toda a edição. Incluindo o mergulho.

Mergulho? *Coração-prestes-a-explodir.*

— Espera. Vamos mergulhar?

Olhei para a água, o que se provou uma péssima ideia. Senti o pânico tomar conta.

— Mas você disse que precisaria de financiamento do governo para encontrar ruínas debaixo d'água.

Meu pai assentiu.

— Só precisamos filmar alguma coisa. Pode ser simples. Ainda estou determinando o melhor local com a dra. Bilder, mas só quero umas imagens interessantes. Posso pagar apenas um dia de mergulho.

— Melhor assim — disse Theo. — Minha mãe teria um chilique se você pensasse em fazer um mergulho sério.

O sorriso do meu pai desapareceu de imediato, como se por ordem dos deuses. O que estava por trás daquilo?

— Por que é muito caro? — perguntei.

— Não, porque é arriscado — explicou Theo.

Meu pai o encarou com ar sério, então perguntei:

— Mas, pai... você é um mergulhador quase profissional, não é?

Daquilo eu tinha certeza. Meu pai crescera mergulhando — dizia que era coisa de quem vive em uma ilha —, e um de seus muitos empregos tinha sido em um centro de mergulho, onde ele dera aulas de certificação. O fato de que meu pai ausente poderia ter me ensinado a mergulhar havia sido apenas um dos muitos pensamentos dolorosos que eu enfrentara durante minhas aulas de certificação.

Seu sorriso reapareceu, levando embora a preocupação.

— Ela fica preocupada. Não posso mais mergulhar muito. Complicações da asma.

Asma? Armazenei aquela informação. Outra coisa que eu não sabia sobre ele.

— Desde quando você tem asma? — perguntei.

— Desde que decidi fumar por vinte anos — disse ele, dando de ombros.

Theo se inclinou para a frente.

— Não é nada muito sério. O médico disse que tudo bem se ele fosse cuidadoso e não ultrapassasse os limites recreativos. Minha mãe é excessivamente protetora.

— E teimosa — acrescentou meu pai.

— Que nem a Kalamata — disse Theo.

— Kalamata?

Meu pai olhou para mim, e senti meu rosto ficar quente.

— O tipo de azeitona, sabe? — disparei — Já que Olive significa azeitona.

— Eu já disse que não tem nada a ver com isso — corrigiu Theo.
— Você só tem *cara* de Kalamata.

— Ninguém tem cara de Kalamata, fora um pequeno fruto curado em salmoura — falei.

Os olhos dele se iluminaram.

— Azeitonas são frutos? Que fato interessante.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto do meu pai, e rapidamente desviei o olhar.

— Vocês estavam falando sério quando disseram que só temos uma semana para filmar e editar? Acham que é possível?

— É um tiro no escuro — disse meu pai. — Mas vamos tentar.

Ele não tinha mudado em nada. Nem um pouquinho. *Salve o Rei do Tiro no Escuro.*

Theo se inclinou para perto, e seu braço nu encostou no meu. Ele ergueu a xícara de café em direção ao meu pai.

— Kalamata? Pronta para começar a filmar?

— Pronta.

Quão pronta? *Nem um pouco.* Na verdade, eu nem sequer conseguia imaginar um contexto em que estaria pronta para aquilo, mas não importava, porque eu estava na Grécia e havia sido sugada para um projeto que não tinha nada a ver comigo.

Além disso, seria mais fácil se Theo parasse de encostar em mim. Como colegas de equipe, eu considerava aquilo nada profissional. E também me distraía mais do que devia.

* * *

Pouco mais de uma semana é bastante tempo para, digamos, ficar preso em uma ilha deserta sem água potável ou sentado no sofá assistindo a uma maratona de filmes de Natal usando um moletom surrado. Não é tanto tempo para filmar um documentário em várias locações, mesmo com a curta duração de mais ou menos vinte e cinco minutos. Até eu sabia daquilo, e olha que não sabia praticamente nada sobre filmagem.

Claro que Theo estava preparado. Mais do que preparado. Quando meu pai saiu para tentar convencer Maria a deixá-lo pagar pelo café (de acordo com Theo, eles já tinham aquela discussão havia mais de um ano), ele entrou em ação.

— Bem-vinda a bordo — disse Theo, colocando um fichário vermelho brilhante na mesa e empurrando-o para mim.

Meu nome — OLIVE VARANAKIS — estava escrito com marcador preto na frente do fichário, mas ele tinha riscado Olive e trocado por KALAMATA.

— Isso é de antes de eu descobrir que você tem aversão ao seu nome de batismo — disse Theo.

Lancei a ele meu melhor olhar fulminante e, depois, abri na primeira página.

LISTA DE TOMADAS

NEA KAMENI / VULCÃO

OIA / FIRA

TOMADAS AÉREAS DA CALDEIRA + SISTEMA DE ILHAS

PRAIAS — PRAIA VERMELHA, PRAIA BRANCA, PRAIA PRETA

FONTES TERMAIS VULCÂNICAS

ACROTÍRI — CIVILIZAÇÃO MINOICA

ASPRONISI / ILHA BRANCA

TOMADA SUBAQUÁTICA: LOCAL DO TEMPLO DE POSEIDON!!!

Mesmo sem conhecer todos aqueles lugares, dava para perceber que tínhamos muito trabalho pela frente. Além do mais, o fato daquele último item ter entrado na lista me fazia querer me encolher em posição fetal até alguém me prometer que ia dar tudo certo. Eu me conformei com um suspiro profundo, afundando ainda mais na cadeira.

— Tudo bem? — perguntou Theo, olhando para mim com ar preocupado. — Porque seria bem melhor para o filme se você estivesse bem.

Eu não sabia se ele estava brincando. Apontei para o papel com o texto escrito à mão.

— Você sempre escreve com letras maiúsculas?

— Sempre. É para mostrar que realmente estou falando sério.

Tirei o celular do bolso. Nada. Ainda nada. Estar no mundo do meu pai era como estar em Oz: nada fazia sentido. Eu precisava desesperadamente de um contato em casa para me manter firme.

— Não é possível que ele ainda não tenha respondido — disse Theo.

Fiquei um pouco feliz com o tom de descrença na voz dele, mas aquilo também me deixou na defensiva. Olhei para ele.

— Ele está fazendo uma viagem de formatura. Meu namorado e seus novecentos melhores amigos estão viajando em três carros até a Califórnia. Ele está dirigindo, então não teve muito tempo pra ligar ou mandar mensagens.

— Agora está explicado — disse Theo.

Dava para ver que ele não estava sendo sincero. Desviei os olhos para o fichário, passando a mão pela prova concreta da empreitada da qual tinha aceitado participar.

— Theo, não tenho ideia do que fazer no filme — desabafei. — Você está ciente disso, certo?

— Kalamata, ninguém sabe o que está fazendo. Isso se chama *vida*.

Uma resposta filosófica que deixaria Platão orgulhoso, mas não era nem um pouco útil para mim. Entendido: eu estava por conta própria.

Enquanto Theo folheava seu fichário, pesquisei “direção de fotografia” no Google, o que tenho certeza de que já me desqualificava imediatamente para o cargo. De acordo com o primeiro artigo que apareceu no mecanismo de busca, eu ficaria responsável pelo enquadramento, pela iluminação, pela maquiagem, pelo figurino e pela correção de cor. Comecei a pesquisar essas coisas, mas todas as descrições me deixavam zozna, então respirei profundamente, como tinha aprendido nas aulas de ioga da escola, e fiquei observando o Theo fazer anotações.

Eu estava sozinha. As palavras do meu pai vieram à minha mente. *Pula que uma rede cresce*. Talvez ele tivesse razão. Uma ideia me ocorreu quase imediatamente. Depois de perder a guerra pelo pagamento do café, falei para meu pai voltar depressa ao apartamento e procurar uma camisa que se encaixasse nas minhas especificações: cor sólida ou estampa simples, de preferência da década atual. Enquanto isso, Theo e eu corremos de volta para a livraria, daquela vez em um ritmo mais razoável, porque, nos trinta minutos que passáramos na padaria, Oia voltara a ficar

caoticamente cheia. As ruas estavam inundadas de turistas, alguns deles arrastando malas volumosas e quase todos parecendo perdidos e felizes.

A maior parte do comércio estava aberta, e os donos das lojas gritavam uns para os outros na rua principal em vozes que pareciam irritadas, mas vinham acompanhadas de sorrisos. Até os cães estavam acordados e trotando alegremente. Toda a cena parecia quente e agitada... como uma dor de cabeça se formando.

— É sempre assim tão cheio? — perguntei, passando por um grupo particularmente teimoso de pessoas lentas.

Theo estava visivelmente acostumado a conviver com os turistas e abria caminho sem qualquer hesitação.

— Oia é como uma esponja. Durante o verão, os cruzeiros chegam, a aldeia incha até a capacidade máxima, então o sol se põe e todos voltam depressa para as suítes da embarcação. Bom para os negócios, ruim para todo o resto. Espere até ver a livraria. Já deve estar lotada.

— Bela metáfora.

— Eu gostei — disse ele, combatendo meu sarcasmo com um sorriso radiante.

Quando viramos a esquina da livraria, mandei uma mensagem para minha mãe. Papai me contou. Ele quer que eu seja algo chamado diretora de fotografia. Nem sei o que é isso.

Ela devia estar tão de olho no celular quanto eu, porque respondeu na hora. É alguém que faz com que tudo fique bonito. É o trabalho perfeito para você. Confie nos seus instintos. O mundo é governado por pessoas que não têm ideia do que estão fazendo.

Eu: Theo disse a mesma coisa.

Mãe: Ele é inteligente.

Em seguida, ela me enviou um monte de links para artigos com títulos como “Elemento visual: Como a fotografia conta a história” e “Transformando seu filme de bom para ótimo”, seguido por um meme terrivelmente brega de uma pessoa correndo atrás de um sonho de padaria com a legenda CORRA ATRÁS DO SEU SONHO, depois acrescentou: Pense em como este projeto vai ficar ótimo na sua inscrição pra RISD!!!

Ela era ao mesmo tempo a pior e a melhor. Numa reviravolta chocante, ela não era a favor de eu me inscrever para a mesma faculdade do Dax. Aproveitei para mandar uma mensagem rápida para ele. Como está a viagem? Sim, aquilo tornava nossa conversa desequilibrada ainda mais desequilibrada, mas eu me senti um tiquinho melhor ao estabelecer contato. Guardei o celular de volta no bolso.

Theo tinha razão sobre a livraria. A palavra “cheia” não fazia jus. O terraço estava completamente lotado, e lá dentro as pessoas se esbarravam. Geoffrey, o Canadense, estava no caixa, vendendo livros como se sua vida dependesse daquilo, e Ana corria pela loja, respondendo perguntas e empurrando romances para clientes desavisados. Bapou estava sentado na poltrona gasta e, quando me viu, apontou a bengala para mim e gritou:

— Bela! Bem-vinda a Santorini!

— Obrigada! — gritei de volta.

Quando me ouviu, Ana quase derrubou uma pilha de livros ao correr até nós.

— Ela disse sim? Liv, você disse sim?

Mostrei minha camiseta nova e meu fichário vermelho.

— Eu disse sim.

Seu rosto se iluminou de felicidade, e ela agarrou meus braços com tanta força que quase doeu.

— No momento em que foram aceitos na série, ele escreveu para você e sua mãe. Ele disse que nenhuma descoberta faria sentido sem você e que achava que você ia adorar. E ele vai precisar da sua ajuda. Vai mesmo.

Por um instante, o chão pareceu se abrir sob meus pés, e eu senti aquela velha dor no local de sempre. Eu entendia perfeitamente a expressão “nó na garganta”, porque a minha foi tomada por um aperto que me deixou sem saber se conseguiria respirar. Ele tinha mesmo dito que nenhuma descoberta faria sentido sem mim? Se fosse verdade, então o que havia mudado de nove anos para lá?

Recuei alguns passos.

— Mas é o sonho *dele*.

O rosto dela se contraiu de preocupação.

— Bem, é claro, mas...

Por sorte, um cliente apareceu naquele momento, me dando a chance de escapar. Corri para o banheiro/caverna e tranquei a porta rapidamente, procurando me recompor.

Toda a situação com meu pai era tão confusa que provavelmente seria melhor se eu me concentrasse nas partes que faziam sentido. Nós íamos produzir um documentário, e era meu trabalho fazer com que ficasse bonito. Eu podia fazer aquilo.

Como a recém-designada diretora de fotografia do projeto, a única coisa que pude pensar em fazer foi verificar se na maquiagem que eu tinha levado havia algo que ajudaria meu pai a ficar bem diante da câmera. É claro que eu não queria algo exagerado, mas

dar uma uniformizada no rosto poderia ser útil. Peguei algumas coisas e coloquei na mochila.

No terraço, Theo tentava enfiar uma quantidade assustadora de equipamentos na própria mochila: baterias para a câmera, microfones de lapela, um emaranhado de cabos e mais cadernos até do que eu. Papai tinha vestido uma camisa branca de botões e uma calça cáqui, e trocado o boné por um chapéu marrom de aba larga. Ele também estava carregado de equipamentos.

Quando me viu, apontou para o chapéu.

— Liv, o que você acha? Está exagerado?

Fiz que não.

— Deixa você com um ar meio Indiana Jones.

Provavelmente era aquilo o que a National Geographic queria. *Explorador imperfeito mas esperançoso, confiante de que os seus maiores sonhos estão ao alcance das mãos.* Bem, eles tinham encontrado.

Theo estendeu a mão para pegar a maior bolsa do meu pai.

— Deixa que eu levo, chefe. Você não deveria carregar tudo isso.

Meu pai tentou afastá-lo, mas Theo insistiu até pendurar a bolsa no ombro.

— Pronto, Liv? — perguntou meu pai.

Eu concordei. Então, ele e suas dez mil bolsas restantes se viraram e seguiram depressa para as escadas, porque nunca em um milhão de anos meu pai fizera algo devagar. Não era de admirar que ele e o Theo se dessem tão bem. No entanto, nem toda a energia do mundo facilitava a descida até a doca. Era uma provação e tanto.

Primeiro, tivemos que cruzar a cidade seguindo pela passarela de mármore, parecendo um desfile de andarilhos de camisetas

combinando. Não só todos os turistas pelos quais passávamos paravam para olhar para a gente, mas parecia que todo morador que encontrávamos — vendedores anunciando seus produtos, donos de lojas, velhinhas com sacolas de supermercado — não só conhecia meu pai, mas tinha algo importante a lhe dizer. Três homens diferentes correram para falar com ele, todos pedindo conselhos mecânicos, e duas mulheres o pararam para me admirar e dar tapinhas nas minhas bochechas como Maria havia feito. Quando chegamos ao limite da cidade, minhas costas já estavam encharcadas de suor e eu estava prestes a desmaiar. Até correr com o Dax era melhor que aquilo.

A rua principal terminava em uma estrutura parcialmente desmoronada, feita de rocha escura e coberta de musgo, que se destacava entre todo aquele branco como uma mosca num bolo de casamento. O telhado, se é que algum dia existira, já não estava ali, e a construção se estendia até a beira do penhasco. Seja lá o que fosse, aquele lugar tinha o que devia ser a melhor vista de Oia.

— O que é aquilo? — perguntei, diminuindo a velocidade para olhar.

— Torre de vigia de um castelo veneziano — disse meu pai. — Foi construída no século XV para proteger os moradores dos piratas. Grande parte dela desabou no terremoto de 1956.

— Século XV?

Fiquei na ponta dos pés para dar uma olhada. O castelo fazia o edifício mais antigo que eu tinha visto nos Estados Unidos parecer um bebê.

— Eu brincava aí dentro quando era criança. Agora é um ótimo lugar para assistir ao pôr do sol ou para noivas fazerem sessões de

fotos.

Como se para provar o que ele dissera, uma noiva de véu e grinalda saiu de repente de trás da parede, seguida por um fotógrafo. Meu pai ergueu o queixo e sorriu.

— *Kaliméra!* — gritou.

Fiquei momentaneamente distraída, pensando em meu pai correndo pelas ruínas de um castelo quando criança, e levei um tempo para perceber que ele já conversava com outra pessoa.

Um homem de pele escura e barba densa pintava no centro da torre, e, quando nos notou, seu rosto se abriu em um largo sorriso.

— Nico! É hoje o dia especial? Você vai encontrar Atlântida?

O sotaque não era grego, mas eu não conseguia reconhecer. Espanhol? Português?

Meu pai estendeu a mão para cumprimentá-lo, seu rosto se iluminando.

— É possível, sempre é possível. Mas tenho uma pergunta ainda mais importante para você: é hoje que você termina essa pintura?

— Esta obra-prima? Você terá sorte se eu terminar antes do fim do verão! — gritou o artista.

— Liv!

Meu pai acenou para mim, e eu me aproximei, tentando desgrudar a camiseta das costas. Ainda não estava muito quente, mas o reflexo da luz do sol nas superfícies brancas fazia com que eu me sentisse um dos doces fritos que eu tinha visto na padaria. Theo ficou de olho nas bolsas, a câmera apoiada no ombro. Parecia que eu estava em um reality show.

— Liv, este é o Hugo. Ele está trabalhando na mesma pintura de pôr do sol há quase cinco meses. Hugo, esta é minha filha. Ela

também é uma artista.

— Mais ou menos — falei, ansiosa para dar uma espiada na pintura.

Hugo me chamou com um gesto e corri para ver. Era uma tela grande e, até o momento, ele havia feito sua pintura de base, marcando os tons médios, escuros e claros, ainda sem detalhes. Não dava para ver muita coisa ainda, mas o equilíbrio parecia certo. Ao olhar a pintura tive aquela sensação ressoante que sempre tinha quando um dos meus trabalhos artísticos ia ficar bom. A sensação ressoante nunca se enganara; quando não a sinto, abandono imediatamente o projeto em vez de me obrigar a sofrer com aquilo. Minha professora de artes toda hora falava que aquela coisa de ficar prevendo se uma obra daria certo ou não me impediria de evoluir, mas eu discordava. Por que perder tempo com algo que no fim só me decepcionaria?

— Que tal? — indagou Hugo.

Procurei me concentrar novamente.

— Você está pintando a vista? — perguntei, inclinando-me para ver o penhasco lá embaixo.

Havia uma grande rocha a uma distância da costa que daria para atravessar a nado, e de onde estávamos eu via a cúpula azul de uma capelinha minúscula aninhada no topo mais plano da rocha.

Hugo estreitou os olhos para a pintura.

— Estou tentando. Mas ando cada vez mais infeliz com o resultado.

Balancei a cabeça.

— Não se preocupe. Está na fase feia, mas tudo vai se encaixar.

Meu pai pigarreou discretamente, e Hugo ergueu as sobrancelhas, achando graça.

— Você está chamando meu trabalho de feio?

— Não.

Apoiei meu peso em um dos pés. A rocha estava tão quente que dava para sentir através das sandálias.

— Todas as pinturas têm uma fase feia — expliquei. — Depois que der a forma e as cores, tudo vai se acertar. Dá para ver que você tem algo muito bom aqui.

Hugo olhou para mim e, por um instante, fiquei com medo de ter ultrapassado os limites, mas então ele abriu um sorriso tão grande que vi todos os seus dentes.

— Nico, você me disse que sua filha americana era bonita e talentosa, mas não me contou que dava excelentes conselhos!

— Não fiz jus a tudo que ela é — disse meu pai.

Ele estava radiante de orgulho e, embora eu não quisesse ficar feliz com aquilo, para ser sincera, meio que estava.

— Obrigado, Olive — disse Hugo.

— Liv — corrigiu meu pai rapidamente, e Hugo franziu o rosto sem entender. — Ela gosta de ser chamada de Liv.

De repente, percebi algo. Todos naquela ilha sabiam meu nome. Meu pai falava tanto de mim assim? E o mais importante: *por quê?*

— Liv — corrigiu-se Hugo, então bateu efusivamente nas costas do meu pai. — Esse aqui. Seu pai. Ele é um cara e tanto, não é?

Meu pai com certeza era um cara e tanto, mas eu não disse aquilo. Não tinha ideia de como responder e, para ser sincera, ficara um pouco abalada com o fato não só do meu pai ter contado a todos sobre mim, mas também de ver que ele tinha seguido a vida sem a

gente. Tinha voltado pra lá e se tornado uma celebridade local. Será que ele ao menos tinha sentido saudade?

O sol estava quente e forte contra o céu azul implacável, mas uma nuvem escura enevoara meu humor. É óbvio que ele seguira com a vida. Eu só queria que não doesse tanto saber daquilo.

— É um prazer conhecê-lo — respondi, finalmente.

— E você também. Agora preciso voltar à minha *fase feia*.

Hugo piscou para mim e se virou para o cavalete, e eu voltei para onde Theo estava com as bolsas. O papel dele naquela viagem ficava cada vez mais claro: suavizar o clima entre mim e meu pai.

— Pronta para a StairMaster nove mil? — me perguntou, apontando.

Era uma escada. Enorme. De repente, todo o equipamento que carregávamos pareceu duas vezes mais pesado.

— Tem elevador?

— Rá! — fez Theo alegremente. — Você poderia descer de burro, mas sou moralmente contra. Muitos deles são maltratados e, afinal, não foram feitos para carregar turistas e tralhas pra cima e pra baixo dessas colinas o dia todo. Precisamos chegar à praia.

— Vamos! — chamou meu pai, saindo em disparada em direção aos degraus.

Ele parecia um russell terrier — implacavelmente cheio de energia —, e Theo era igualzinho. Pelo menos aquilo me distraía do fato de que estávamos indo para — rufar de tambores — o oceano.

O oceano e eu... não éramos *grandes* amigos. Primeiro, por causa dos meus pesadelos. Em segundo lugar, de acordo com os programas do Discovery Channel que o Julius adorava, havia muitas coisas assustadoras à espreita nas profundezas das águas. Lulas

com olhos de mais de vinte centímetros. Tubarões com vinte e cinco fileiras de dentes. Peixes com pele translúcida e sem rosto.

Então, não, uma ilha não era a melhor coisa para alguém que volta e meia sonhava que estava se afogando. Mas eu aguentava andar de barco, né?

É, *Liv*.

A escada parecia não acabar nunca, girando e girando em espirais até a praia. Os degraus eram íngremes, desiguais e estavam em péssimo estado, com ervas daninhas brotando nos espaços que haviam desmoronado. O corrimão também não parecia confiável, o que era complicado, já que o vento havia descoberto como subir pelos degraus e me acertar em cheio no rosto a intervalos aleatórios. Em uma questão de minutos, todos os músculos das minhas pernas tinham assumido a consistência de geleia e minha camisa, que antes só grudava nas costas, estava completamente encharcada. Fui a última a chegar ao fim da escada e, com minhas sandálias escorregadias e pernas bambas, não tinha sido nada gracioso.

Theo me esperava lá embaixo, preparado para filmar minha descida.

— Não caia — disse ele. — Doeria muito e, além disso, seria bem constrangedor, já que está sendo filmada.

Fiz a cara mais feia que pude para ele, recuperei o equilíbrio e parei por um instante para olhar em volta.

— Esta é a praia? — perguntei.

Nossa “praia” era linda, mas tão convencional quanto meu pai. Em vez de um trecho de areia que levava à água, havia um amontoado de rochas vulcânicas pretas, além de alguns deques

tomados pela água. O mar perto da costa era de um tom claro de esmeralda e passava a um cobalto profundo à medida que se afastava da terra. Formavam-se pequenas piscinas entre as rochas e, se eu estivesse me sentindo mais corajosa, provavelmente iria querer explorá-las.

— Linda, não é? — disse meu pai, soltando o ar.

Eu me virei e vi meu pai imóvel de repente. Eu nunca o tinha visto tão calmo. Como ele tinha conseguido viver sem o oceano? Teria sido aquela uma das razões pelas quais ele fora embora? Ele já não conseguia mais aguentar a vida na cidade grande? Será que pais deixavam seus filhos por grandes massas de água?

Liv, para com isso, disse a mim mesma. Você não está aqui para entendê-lo. Só precisava sobreviver ao meu tempo ali e depois dar o fora. Fique o tempo que precisa ficar, lide com as coisas superficialmente, e vai dar tudo certo.

— Linda — declarei.

Até sorri. Viu? Não era tão complicado.

* * *

Segui Theo e meu pai, passando por vários restaurantes à beira-mar, um deles com polvos pendurados em uma corda como roupas no varal, até chegarmos a um cais com três pequenos barcos amarrados. Ninguém precisou me indicar qual era o nosso. Com certeza era o que parecia ter sido feito de esperanças, sonhos e um monte de fita impermeabilizante, bem no estilo MacGyver. Encarei ceticamente o barco, ignorando o pânico crescente no meu peito.

Fita impermeabilizante era o material adequado para se usar em um barco?

— Esse troço...?

Então me virei e vi que estava sendo filmada novamente.

— Theo! — disparei.

— Tenho que filmar sua primeira interação com o *SS Atlântida*.

— Que criativo — comentei, sarcasticamente.

Theo manteve a câmera apontada para mim.

— Um de muitos. Cientistas e pesquisadores podem não levar Atlântida a sério, mas adoram dar seu nome a barcos e espaçonaves.

Fiz uma careta para a câmera, e Theo devolveu um joinha.

— É muito mais resistente do que parece. E também é rápido — disse meu pai, olhando para o barco com carinho.

Eu duvidava bastante daquela última parte. Mesmo assim, quando ele estendeu a mão, subi a bordo, trêmula, o barco instável sob os meus pés. Theo entrou logo depois, e só de o barco aguentar nós três já me parecia um milagre. Passado o susto inicial que me deixou paralisada, segui até a parte de trás e me joguei no banco de couro rachado, as bordas arranhando minhas pernas. Theo se sentou ao meu lado. Seus olhos, que normalmente tinham um tom profundo de castanho, pareciam cor de caramelo sob o sol forte. Eu não sabia dizer quem estava mais animado: ele ou meu pai.

— Este barco não é a cara do *Nico Varanakis*? — disse ele, erguendo as sobrancelhas para mim.

Aparentemente, nós dois tínhamos piadas internas. *Excelente*.

— Lembra meu carro — admiti. — Ninguém sai comigo porque as janelas traseiras não abrem e o estofado cheira a parmesão.

— *Adoro* parmesão — disse Theo, arregalando os olhos.

— Michalis! — gritou meu pai, acenando para um homem na doca.

O homem ergueu um polvo muito rosa e de aparência muito fresca, e meu estômago embrulhou, mais por causa do balanço do barco do que do polvo. Devia estar no meu DNA, mas eu adorava frutos do mar. James sempre brincava que não havia nada que o mar pudesse inventar que eu pelo menos não experimentasse. Era verdade. Antigamente, meu pai e eu comíamos peixe sempre que possível.

Mudando de assunto: meu pai conhecia *todo mundo* naquela ilha?

— Prontos? — perguntou meu pai ao volante, mas não esperou por uma resposta.

O motor ligou com um barulho terrível de engasgo, e agarrei a borda do banco enquanto nos afastávamos lentamente da marina.

— Por favor, não nos mate — murmurei sob o zumbido do motor.

— Hã? — disse ele, colocando a mão na orelha.

Balancei a cabeça, apertando o assento com força. *Assim* era a vida com meu pai. Num minuto, estava tomando café. No outro, saía em uma expedição. Rumo à imensidão azul e tudo mais.

Respira.

Por que me preocupar? Até parecia uma aquafóbica que carregava nove anos de bagagem emocional em um barco colado com fita adesiva.

Ah, espera aí.

Você consegue, Olive.

LIV! Meu nome era Liv.

Aquele lugar já estava me afetando.



Capítulo 11



#11. ESPÁTULA PRATEADA

Não lembro se isso aconteceu no apartamento de Albany Park ou no de Edgewater Glen, mas me lembro do papel de parede — amarelo e branco com flores vermelhas enormes que haviam desbotado para um tom de cor-de-rosa. Um dia, meu pai decidiu que não poderíamos mais viver com aquele papel de parede, então passou a noite toda acordado, tirando-o com um balde de removedor de cola e uma espátula. Ele disse que, assim que terminássemos, pintaríamos um enorme mural com tudo o que quiséssemos — arco-íris, sereias, dragões, qualquer coisa. Passei a noite desenhando minhas ideias no caderno.

Mas, quando minha mãe voltou do trabalho no hotel, ouvi os dois discutindo. Ela disse que ele não deveria ter feito aquilo sem consultar o proprietário. Eu não conseguia entender por que minha mãe estava chateada — ela não via que ele só estava deixando nossa casa melhor?

Não ficamos ali por tempo suficiente para ele terminar o projeto.

O BARCO DO MEU PAI NÃO SÓ TINHA A APARÊNCIA DE UM PRIMO distante da sua moto, como também se movia igual. Meu pai aumentou a velocidade assim que saímos do porto, e logo estávamos cortando as ondas, o barco pulando, Theo e eu

agarrados ao banco enquanto seguíamos a toda em direção à ilha central. Atrás de nós, Oia se estendia pelos penhascos vermelhos, parecendo cada vez mais insignificante à medida que nos afastávamos.

— Está nervosa? — perguntou Theo, perto do meu ouvido.

Estava assim tão óbvio? Discretamente, cravei as unhas um pouco mais, procurando me ancorar.

— Não. Por quê? — perguntei.

Ele me olhou e deu um sorrisinho.

— Porque está agarrando minha perna?

— Ah!

Olhei para baixo e percebi que, em vez de segurar a beirada do banco, eu agarrava, por acidente, a coxa musculosa de Theo, uma sensação agradável, mas que me deixou um tanto constrangida.

Afastei a mão com um movimento brusco.

— Me desculpa. Acho que talvez eu esteja um pouco nervosa?

Olhei para a água, que zunia ao passar por nós e me deixava tonta.

Theo franziu a testa.

— *Nesta* embarcação firme? Kalamata, você não tem nada com que se preocupar.

Não pude conter o riso, e o peso no meu peito diminuiu.

— Nunca andei muito de barco.

Tradução: nunca mesmo. Eu sabia nadar, mas preferia estar na água clorada, com uns dois metros de profundidade e, se possível, relaxando em uma de nossas muitas boias infláveis, com uma lata de Coca Zero bem gelada na borda da piscina.

— Além disso, o oceano e eu não nos damos muito bem — completei.

Meu cabelo esvoaçava com o vento e, cada vez que eu falava, metade entrava na minha boca. Eu não sabia direito por que estava me abrindo tanto. Pressão social?

— Sério?

Dei de ombros, e Theo deixou o ar brincalhão de lado.

— Olha só ele — disse Theo, e apontou para o meu pai, que estava de costas para nós.

Ele tinha tirado os sapatos e balançava ligeiramente para a frente e para trás, ao som da música instrumental que tocava no aparelho de som de aparência milenar do barco.

— Seu pai consegue conduzir qualquer coisa com segurança na água. Acho que ele é parte tritão. Você está completamente segura.

— Verdade.

Meu pai parecia bem à vontade. Vê-lo em seu ambiente natural era um pouco confuso — por mais que eu não conhecesse aquele seu lado, ele obviamente fora aquela pessoa o tempo todo. Ele construía uma livraria e conduzia barcos — o que mais era capaz de fazer que eu não sabia?

Theo deu um tapinha encorajador no meu braço.

— Me avisa se precisar agarrar minha perna de novo. Fico mais do que feliz em ajudar.

Dei um soco nele, então me virei para a água para disfarçar o sorriso. Theo era ótimo em me distrair das minhas preocupações. Era tipo um superpoder. Em seguida, recostei e tentei relaxar. Desde que não pensasse nas águas revoltas das profundezas, eu me sentia bem. Mais do que bem. Estava um dia lindo, a brisa abrandando o

sol escaldante. Arregacei as mangas da camiseta e virei o rosto em direção à luz. Assim que atracássemos, eu obedeceria à regra número sete da minha mãe: *Usar protetor solar*. Por ora, queria só ficar esparramada ali, aproveitando o sol ao máximo.

Depois de um tempo, meu pai diminuiu a velocidade e o volume da música para me dar uma rápida aula de geografia. Explicou que Santorini era, na verdade, composta de cinco ilhas. Havia Thira, a ilha principal, que era de longe a maior. Então havia Therasia, que ficava em frente a Santorini e tinha talvez um oitavo do tamanho dela. Segundo Theo, lá havia uma aldeia abandonada, uma igreja colorida, muitos burros com enfeites elegantes e algumas centenas de moradores. Meu pai disse que a ilha parecia uma máquina do tempo, pois conseguira ficar para trás do restante das ilhas.

Mais adiante, havia as ilhas vulcânicas, Nea Kameni (nosso destino) e Palea Kameni, as ilhas pequenas que eu via flutuando no meio da caldeira. Por fim, havia Aspronisi, a “ilha branca”, uma pequena faixa de terra que nem sempre aparecia nos mapas. Segundo Theo, viviam circulando rumores de que estaria à venda. Reunidas, as ilhas tinham a forma circular que deixava os caçadores de Atlântida tão entusiasmados.

Eu não diria que estava morrendo de vontade para ver mais das ilhas, mas estava animada.

Nea Kameni significa “queimada jovem” e, assim que chegamos, entendi exatamente por quê. Parecia a superfície de Marte. A ilha era pequena, com pouco mais de um quilômetro de diâmetro e quase perfeitamente redonda, com uma rajada ocasional de enxofre subindo da superfície. Após o caos de Santorini, ver um espaço tão ermo era chocante. Meu pai desligou o motor, e nos aproximamos

silenciosamente do pequeno cais. O clima do lugar era completamente diferente de Santorini. Era tudo muito parado e, sinceramente, um pouco sinistro.

Encarei a ilha com ar cético.

— Então este é o vulcão que destruiu... — Quase disse *Atlântida*, mas rapidamente me corriji. — Que destruiu Santorini?

Algo tão pequeno podia mesmo destruir uma civilização inteira?

Theo se aproximou, e seu braço aquecido pelo sol roçou no meu quando jogou a corda de amarração do barco para o meu pai.

— Claro que não. O vulcão já desapareceu há muito tempo. Explodiu assim que afundou Atlântida.

Ele disse “Atlântida” tão casualmente que fiquei em choque.

— Então o que é isso? — perguntei, apontando para a ilha.

— Nea Kameni é a prova do vulcão — disse meu pai. — Está vendo tudo isso? — Ele moveu a mão para mostrar a ilha e a caldeira. — Toda essa área em forma de tigela é o que restou da última erupção do vulcão. Está inundada de água agora.

De repente, entendi a forma circular de Santorini.

— Quer dizer que todo esse grupo de ilhas é um vulcão?

— Tudinho — respondeu Theo, calmamente.

Tínhamos chegado ao cais. Destemido, Theo subiu pela lateral do barco, puxando-nos com cuidado.

Apesar do calor, senti um calafrio.

— Mas... não está ativo, certo?

Olhei de volta para Santorini. Dali, as aldeias eram manchinhas brancas, os edifícios agarrados teimosamente aos penhascos. Tudo parecia tão frágil. As pessoas não construiriam vidas em lugares com destruição iminente, certo?

Senti um embrulho no estômago. Tinha sido aquilo que minha família fizera. Será que minha mãe alguma vez suspeitara de como terminaria seu casamento? Que meu pai iria acordar um dia e partir, sem nenhuma explicação?

Meu pai me encarou por cima de seu equipamento, alheio à minha turbulência interior.

— Dormente. É um vulcão adormecido.

Soltei o ar, imaginando o vulcão todo arrumadinho para dormir com touca e pantufas. Assim parecia bem menos assustador.

— Então não vai entrar em erupção?

Meu pai passou a mão pelo cabelo, deixando-o arrepiado, antes de colocar o chapéu de volta.

— Não é provável. Nosso desastre natural mais recente foi um terremoto em 1956. Nada comparado a uma imensa erupção vulcânica, mas destruiu alguns milhares de casas e prejudicou a economia por um bom tempo.

Maravilha. Aparentemente, meu pai considerou que morar ao lado de um vulcão ativo era menos perigoso do que morar com sua esposa e filha. Será que éramos *tão* ruins assim?

Algo que minha mãe me dissera mais de uma vez veio à minha mente. *Não foi por causa de nós.* Mas como poderia não se tratar de nós? Era nossa *família*.

Não havia uma nuvem sequer enevoando o céu, mas senti o sol diminuir um pouco. Era hora de me mexer. Eu precisava de alguma atividade para empregar toda aquela raiva correndo em mim. Peguei minha mochila depressa e me levantei, alongando as costas, enquanto tentava manter o equilíbrio no barco que balançava. O calor parecia subir da água.

— Vamos nos apressar — chamou Theo, impaciente, mudando o peso do corpo de um pé ao outro na doca. Seu cabelo estava bagunçado da viagem, e sua animação era quase elétrica. — Queremos terminar antes que a galera chegue.

— Que galera? — perguntei.

Meu pai estendeu a mão para me ajudar a sair do barco, e eu aceitei com relutância, saltando aos tropeços no cais. Theo rapidamente me amparou, agarrando meu cotovelo.

— Pessoas que são atraídas por câmeras — explicou meu pai, mas notei o brilho de um sorriso em seu rosto.

— Não são as câmeras, é *você* — disse Theo ao meu pai, e se virou para mim. — Você vai ver, Kalamata. Assim que ele começa a falar sobre Atlântida, as pessoas se aglomeram. Isso dificulta a filmagem. Mas é por isso que eu sabia que tínhamos que fazer esse documentário. Todo mundo quer saber sobre Atlântida.

Então o documentário tinha sido ideia do Theo. Até que fazia sentido. Mas em que momento meu pai tinha decidido me incluir?

— Mas quem vai conseguir nos encontrar aqui? — perguntei, cética.

Nea Kameni parecia de fato queimada e, tirando alguns poucos barcos pequenos, completamente abandonada.

— É um destino famoso — respondeu meu pai.

Eu teria que acreditar na palavra deles. Até então, eu não tinha ficado muito impressionada. Fora a vista de Santorini, Nea Kameni não parecia nada mais que um monte de rochas pretas com um caminho que saía do cais. Ainda por cima, o ar cheirava vagamente a ovos podres, o que não era nem um pouco agradável.

Depois que o equipamento foi distribuído, meu pai seguiu a passos rápidos pelo caminho. Quando eu estava prestes a ir atrás, já arrependida da minha escolha de calçado, Theo pôs a mão no meu braço.

— Posso falar com você um minuto? — perguntou.

Sua voz sussurrada me fez sentir um calafrio, e dei um passo para trás por reflexo. O que ele tinha para falar comigo?

— Hã, claro.

— Nico! — gritou para o meu pai. — Procura um lugar para a gente filmar. Vamos gravar algumas tomadas da paisagem.

Meu pai acenou, e, assim que ele sumiu de vista, Theo estendeu a mão para mim, nossos dedos se tocando brevemente.

Contato físico com Theo era...

Deixa pra lá. Olhei em seus olhos cor de caramelo e fiquei surpresa com a dúvida que vi neles.

— E aí? — disse ele.

Era eu quem deveria estar fazendo aquela pergunta. Dei mais um passo para trás, nervosa.

— Que foi?

— Qual o problema com Atlântida? Mais especificamente, qual o *seu* problema com Atlântida? — Ele passou a outra mão pela testa suada. — Toda vez que o assunto vem à tona, você faz uma cara sofrida.

Pega no flagra.

— Não faço, não — falei, mas meu rosto corou na hora, de vergonha e surpresa.

Como Theo — alguém que eu tinha acabado de conhecer — conseguia me ler tão bem?

— É mais ou menos assim.

Ele fez uma careta, franzindo o cenho e contraindo os lábios. Eu tinha que admitir que se parecia um tanto comigo. Ele até tirou a franja invisível da testa com a mão como eu fazia.

Exibido.

Lutei contra o impulso de ajeitar meu cabelo e, para me conter, cruzei os braços sobre o peito. A brisa tinha sumido, e estava quente demais para um interrogatório.

— Tem certeza de que quer ser cineasta? Porque você daria um ótimo ator.

— Documentarista — corrigiu ele. — E você está fugindo da minha pergunta.

Eu esperava distraí-lo, mas ele não mordeu a isca.

— Eu até tenho uma prova gravada — insistiu Theo. — No aeroporto, parecia que você queria me bater quando mencionei Atlântida. Você não acredita na existência dela?

Sua voz soava relaxada, como se não fosse uma pergunta difícil. Para a maioria das pessoas, não seria. Para mim? Bem, aquela história de Atlântida existir ou não havia determinado boa parte da minha vida.

Cravei as unhas nos meus braços, tentando ignorar a fúria que se inflamava em meu peito.

— Isso importa?

Ele abaixou a cabeça, o olhar ainda no meu.

— É claro que importa. Eu quero saber o que você pensa.

Talvez fosse o cheiro sulfúrico que invadia minhas narinas, mas senti a raiva jorrar quente dentro de mim.

— Só para deixar claro, você está me perguntando se acredito que havia uma cidade mágica que irritou os deuses e foi engolida pelo mar?

Theo se inclinou para trás como se quisesse escapar do meu tom sarcástico, mas continuei:

— E que, apesar de milhares de pessoas procurarem por ela há milhares de anos, meu *pai* é quem vai encontrar?

A princípio, Theo não fez nada. Depois abriu um sorriso e assentiu, impressionado.

— Você é cética. Interessante.

Balancei a cabeça com força, fazendo minha franja cair nos olhos. *Cética* soava como se eu estivesse indecisa. Como se quisesse deixar uma pequena brecha para o caso de ser verdade. Mas a raiva fervilhando em meu peito não deixava nenhuma brecha.

— Não, sou realista. Ou seja, só acredito em coisas fundamentadas. De que temos certeza.

Então seus olhos relaxaram e suas sobrancelhas voltaram à posição normal. Sinceramente, aquelas sobrancelhas tinham um *dialeto* próprio.

— Entendi. Então me diga algo de que temos certeza.

Quê? A frustração tomou conta de mim.

— Hum... a gravidade.

A boca dele se curvou em um sorriso que era um misto de triunfo e presunção.

— Não temos certeza da gravidade.

Foi a minha vez de encará-lo. Ele tinha enlouquecido?

— Oi? Temos, sim.

Theo balançou a cabeça, abrindo ainda mais o sorriso.

— Não, temos *provas* da gravidade. E *provas* dos elétrons. Há uma diferença entre ter certeza e ter provas. — Ele cruzou os braços. — Sua mãe não é advogada?

A presunção só aumentava o seu charme. Eu queria arrancar os cabelos.

— Theo, do que você está falando? — falei.

Ele ergueu as mãos.

— Você tem razão, Kalamata. *Não* temos certeza da existência de Atlântida. Não sei se Atlântida, a Atlântida utópica, realmente existiu ou se é apenas uma história. Mas sei que uma das mentes mais respeitadas da história estava convencida da sua existência e que, apesar de todos os problemas com isso, as pessoas são atraídas por essa lenda há séculos. Tem algum fundo de verdade nisso.

O que ele defendia era obviamente ridículo, mas também tinha uma lógica inegável. Aquele era o problema com Atlântida. Era tão mágica e inatingível que envolvia a mente com seus tentáculos e se recusava a soltá-la.

— Continuo não acreditando — falei.

— Você não *precisa* acreditar em Atlântida, Kalamata — rebateu Theo, aproximando-se. — Mas seria melhor se estivesse pelo menos aberta à possibilidade.

Seus cílios inferiores estavam todos grudados, e as pontas do cabelo estavam meio úmidas de suor, o que deveria dar nojo, mas eu não sentia nem um pouco.

Eu precisava parar de pensar nos cílios daquele garoto. Balancei a cabeça.

— Desculpa, Theo. Não é nada contra você. Simplesmente não consigo acreditar em Atlântida.

Não mais.

Ele hesitou, então ergueu o rosto e olhou bem nos meus olhos.

— Fiquei pensando no que você disse ontem à noite, sobre seu pai ter deixado vocês em busca de Atlântida. Às vezes as coisas parecem ser de um jeito, mas nem sempre temos certeza de que *são* assim.

— Perdão? — Meu coração estava disparado, e precisei de todo o autocontrole do mundo para não gritar com ele. — Não estou entendendo.

Theo se inclinou para a frente, e não pude deixar de notar que a luz da manhã o favorecia muito. Seus cílios projetavam uma sombra nas bochechas, e seus olhos pareciam mais escuros e profundos. Como se pudesse ler minha mente, ele entreabriu ligeiramente a boca em um sorriso.

— Por exemplo, você me acha bonito, certo?

Quase engasguei com minha saliva.

— Theo! Namorado, lembra?

Um namorado que ainda não havia me ligado de volta. Quantas horas já tinham se passado? *Ainda assim.*

Ele ajeitou o chapéu.

— Espera... você tem namorado?

— Theo!

Ele sorriu para mim.

— Foi uma piada ruim, desculpa. Mas escuta. Teoricamente, se você não tivesse namorado, provavelmente teria reparado que sou atraente, da mesma forma que reparei que você é muito, *muito* bonita.

AI, MEU DEUS.

Ele tinha mesmo falado aquilo? Meu rosto estava em chamas, e a ilha parecia girar.

— Theo...

Ele continuou sorrindo e acenou para eu não esquentar a cabeça.

— Relaxa. Sou um perfeito cavalheiro. Respeito você e seu namorado...

Ele parou a frase no meio, arqueando a sobrancelha.

— Dax — falei.

— Dax. O que estou tentando dizer é que, só porque seu pai acreditava em Atlântida, não significa que deixou você por causa disso. Da mesma forma que, só porque você e eu estamos claramente atraídos um pelo outro, não quer dizer que vamos fazer alguma coisa a respeito.

Uau. Meu corpo tinha decidido assumir todos os estereótipos possíveis. Coração acelerado, palmas das mãos suando. Pior ainda, eu estava sorrindo? *Ai.* Estava. Não conseguia nem imaginar o tom de vermelho do meu rosto naquele momento. Vermelho-vivo. Escarlate. Vermelho-rubi. Tudo o que Theo estava dizendo deveria soar pretensioso e arrogante, mas não era o caso. Soava quase natural. Quase... *verdadeiro.*

— Theo, não faço ideia de como continuar essa conversa.

Ele abriu um sorriso torto.

— Foi mal, isso acontece muito comigo. Meu cérebro é meio acelerado. E minha mãe diz que faço conexões que outras pessoas não entendem. Talvez tenha a ver com o fato de eu ser trilingue? Enfim. O importante é que acho que você está enganada a respeito do seu pai.

Balancei a cabeça. Era igualzinho à noite anterior. Por que Theo achava que sabia alguma coisa sobre mim e minha família? Além do mais, ele não poderia estar mesmo aberto à ideia de Atlântida ser real, certo? Quer dizer, uma coisa era meu pai estar à procura da cidade. Ele fora criado antes da internet, e, até onde eu sabia, a lenda tinha se entranhado profundamente em seu cérebro e tomado conta dele. Mas o Theo? Ele tinha uma tela à sua disposição vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Podia pesquisar as coisas.

— E *você*? Acha que Atlântida existiu?

Ele me observou por um instante, o olhar pensativo.

— Estou animado para fazer o documentário. E não acho que tenhamos que decidir se Atlântida existiu ou não. — Com um gesto, ele apontou para a vastidão da caldeira. — Eu diria que a maioria das histórias, incluindo as que contamos a nós mesmos, tem uma pitada de verdade, e acho que com Atlântida não é diferente. É possível que algum grande evento histórico e destrutivo tenha inspirado a lenda de Atlântida? Claro. E Santorini definitivamente se encaixa na descrição. — Ele me encarou. — Além disso, que mal há em acreditar?

Que mal há?

Ele tinha perguntado mesmo aquilo? O *mal* era que acreditar podia arrancar alguém da família e mandá-lo para o outro lado do mundo em uma caça ao tesouro maluca. O mal era que alguém podia ficar obcecado a ponto de perder os aniversários, os bailes da escola e milhares de histórias para dormir...

PARA. Pisei fundo em meus freios emocionais, parando bruscamente. Eu já tinha superado aquilo. O que quer que meu pai

tivesse ou não feito, já tinha passado. Eu tinha seguido em *frente*. Furiosa, pisquei algumas vezes, procurando me acalmar, e, quando ergui os olhos, Theo ainda me observava. Ou melhor, me estudava. Era como se estivesse me filmando, porque ele captava cada movimento meu.

— Então? — perguntou, e ergueu as sobrancelhas com um ar divertido. — Você acha que poderia ao menos se manter aberta à ideia? Porque precisamos muito da sua ajuda. Além disso, acho que você precisa contar ao seu pai como realmente se sente com relação a Atlântida.

Pronto. Aquela era a gota d'água.

— Espera aí, você está me dizendo como devo interagir com meu pai?

— Não. Sim? Não. — Ele deu de ombros, confuso. — Não sei qual é a resposta certa.

Se eu não estivesse com tanta raiva, provavelmente teria reparado mais na fofura inegável de Theo naquela agitação toda.

— Vou tomar um ar. Vejo você lá em cima — falei, e então dei meia-volta, a cabeça erguida, e subi rapidamente pelo caminho em direção à cratera.

Meu giro seguido de passadas rápidas não foi tão digno quanto eu esperava. Não só meus olhos estavam embaçados pelas lágrimas de raiva, como Theo tinha razão quanto ao calçado — sandálias não eram a melhor opção para escalar rochas vulcânicas soltas.

Que droga.

Segui cambaleando morro acima, tentando aliviar um pouco a pressão, o que era adequado, porque aquela ilha soltava vapor como uma panela de pressão. A superfície era monocromática, com

apenas um ou outro ramo de plantas e flores amarelas destacando-se da rocha, e, em algumas áreas, suculentas floresciam em padrões estonteantes. A ilha também soltava vapor no ar. Então, sim, era um vulcão *ativo*. Eu podia ver com meus próprios olhos. Theo e meu pai tinham escolhido um ótimo lugar para filmar — de tão austero e peculiar, era bonito.

Ouvi o barulho de pedras sendo pisadas atrás de mim. Theo. Acelerei o passo, mas na mesma hora escorreguei e tive que estender as mãos para me segurar.

— Passei dos limites — disse Theo, sem fôlego, quando finalmente me alcançou.

— Muito mesmo — falei, controlando a voz para que saísse forte e decidida.

Eu era Liv. Não deixava minha relação com meu pai me afetar daquele jeito.

Ele mordeu o lábio inferior, os olhos nos meus.

— Foi mal. É que realmente me preocupo com o seu pai.

A intensidade da voz dele me pegou desprevenida. Parei de andar e me virei lentamente para encará-lo.

— Theo, fico feliz que você goste do meu pai...

— E de você — interrompeu ele.

Que fosse. Ele mal me conhecia. Balancei a cabeça.

— Certo. Mas você não pode sair dando conselhos a pessoas que mal conhece. E se eu tentasse dar conselhos sobre sua família?

Theo pareceu considerar o assunto, assimilá-lo.

— Verdade — disse ele, por fim. — Uma grande verdade. — Então enfiou as mãos nos bolsos. — Quer saber? Você tem razão. Fiz

besteira. Eu me importo muito com vocês, mas não foi uma boa maneira de demonstrar isso. Perdão. Quero muito ser seu amigo.

Eu o conhecia havia menos de dois dias, mas já sabia que era verdade. Theo se importava. Além do mais, eu precisava dele como aliado.

— Está tudo bem — falei, relaxando os ombros. — Vamos só tentar ter um bom dia de filmagem.

Ele olhou para mim com ar esperançoso.

— Obrigado, Kalamata. Agora, mudando completamente de assunto, você sabia que o ramo de oliveira tem sido usado historicamente como símbolo de paz? Está até na bandeira da ONU. Não é *interessante*?

Eu tinha quase certeza de que era fisicamente impossível ficar com raiva dele por muito tempo.

* * *

A cratera era uma reentrância grande e bem formada com uma borda em volta. Encontrei meu pai agachado de um lado, segurando um punhado de terra e falando rapidamente em grego com um casal que estava por ali, fazendo perguntas animadas a ele. Sem dúvida, ele estava explicando as manifestações superficiais da atividade geotérmica, a composição mineral da rocha vulcânica ou algum outro fato científico que parecia ter nascido sabendo.

Quando nos aproximamos, o rosto dele se iluminou. Meu pai me indicou com um gesto, e ouvi a palavra grega para “filha”. O casal olhou para mim alegremente e tentei retribuir um sorriso, mas saiu meio sem jeito.

A mulher veio até mim, firmando o chapéu de sol na cabeça com uma das mãos.

— Muito bom. Trabalhar juntos. Muito bom.

— Atlântida! — disse o marido com um sorriso largo, erguendo o punho no ar.

— Sim, obrigada.

Foi a única resposta que me ocorreu. Ninguém ali parecia estranhar a procura do meu pai por Atlântida. Aquilo quase me fazia cogitar se a ridícula era eu. *Quase*.

— Viu só? Os fã's o encontram — disse Theo atrás de mim.

Enquanto Theo e meu pai montavam a câmera e o tripé, dei uma volta na parte da cratera cheia de pequenas flores amarelas — lindas em contraste com todas as rochas pretas. A cratera não parava de soltar pequenas nuvens de enxofre no ar, e só pude pensar no quanto minha mãe odiaria o cheiro.

Quando voltei, Theo havia montado o tripé e estava posicionando meu pai em frente aos penhascos íngremes de Santorini. Os edifícios brancos lá no alto pareciam uma fina camada de neve.

— Vamos lá, diretora de fotografia, onde você acha que devemos filmar?

Levei um segundo para registrar que meu pai estava falando comigo.

— Hum...

— Ele vai falar sobre a destruição de Atlântida — explicou Theo. Ele estava com a câmera no ombro, o boné virado para trás.

— Está bem, destruição. Imagino que a gente queira... drama?

Eles me encararam com um ar confiante. Qual seria o melhor local? O sol era um círculo quente e brilhante no céu, e estreitei os

olhos, nervosa, para dar uma conferida em volta. Por que achavam que eu sabia fazer aquilo? O casal sorriu para mim de forma encorajadora. Era óbvio que estavam adorando a cena.

O que faria mais sentido? Santorini em segundo plano? A cratera? E que lugar teria a melhor luz?

— Imagine que é uma pintura — sugeriu meu pai. — Como melhor enquadrar o tema.

Eu me virei, deixando meu olhar correr pelo perímetro da ilha.

— Bem... Acho que não tem nenhum lugar ruim. É tudo lindo. E a iluminação...

Parei de repente, porque lá estava: uma vista tão perfeita que era quase cômica.

— Lá — anunciei.

Saí correndo em direção à vista, enquanto Theo, meu pai e o casal seguiam depressa atrás de mim.

O local era feito da mesma rocha empoeirada do resto da ilha, mas um buraco na rocha tinha formado uma pequena enseada e, além da rocha, o oceano passava de verde-garrafa a turquesa e a um tom profundo de cobalto, com Santorini flutuando a distância. Suculentas vermelho-tijolo cobriam o solo. Aquela cor tinha definido tudo. Era tão satisfatória.

— Perfeito — declarou meu pai, e o casal demonstrou sua aprovação.

Enquanto Theo montava o tripé, meu pai vestiu uma camisa limpa e se preparou para gravar. Theo e eu o observamos através do visor. Era mais fácil olhar para ele assim. Como encarar o sol de óculos escuros. Ele ergueu o polegar para nós.

— O que acha? — perguntou Theo.

Olhei para o meu pai.

— Sem chapéu. Está criando umas sombras estranhas sob os olhos. E você está brilhando um pouco.

— É a minha maldição — disse meu pai. — E estava muito quente durante a caminhada.

Estávamos todos suando. A mulher tirou o chapéu, usando-o para se abanar. Independentemente de sua credibilidade, eu não queria que meu pai parecesse um turista suado. Ajeitei a mochila nos ombros, lembrando-me da maquiagem que havia trazido, além dos lençinhos para remover oleosidade que eu sempre guardava no fundo da bolsa. Filho de peixe suado, peixinho suado é.

— Ei, pai, tudo bem se eu passar um pouco de maquiagem em você?

Seu rosto brilhou ainda mais.

— Maquiagem? Claro.

Fui até ele, vasculhando a mochila até encontrar corretivo, protetor labial e máscara para sobrancelha. Meu pai sorriu para mim e senti um pouco de nervosismo da parte dele.

— Manda ver, Liv. Acha que vai precisar de um rolo de tinta?

— Não, de jeito nenhum.

De perto, o rosto dele parecia marcado pelo tempo e um pouco mais inchado do que eu lembrava.

— Vou pedir para você secar o rosto, então vou passar um pouco de base e disfarçar as marcas de sol e olheiras. Depois vou tentar domar suas sobrancelhas.

— Que os deuses estejam com você — disse meu pai com um sorriso.

Dei a ele os lençinhos e começamos a trabalhar.

Era estranho estar tão perto de um rosto em que eu pensava com tanta frequência, mas tentei tirar aquilo da cabeça e me concentrar em fazer um bom trabalho. Minhas mãos tremiam um pouco enquanto eu aplicava cuidadosamente o corretivo nas bochechas. Estávamos quase do mesmo tamanho — a altura da minha mãe tinha ajudado — e, enquanto passava a maquiagem, me lembrei de quando ele me deixava passar creme de barbear em seu rosto. Nosso tom de pele era *exatamente* igual, e, quando coloquei a mão em seu rosto, senti seus bigodes tão afiados e ásperos quanto eu lembrava.

ABORTAR MISSÃO!, gritou meu cérebro. *CORRER E PROCURAR ABRIGO.*

Dadas as circunstâncias, era uma sugestão razoável, mas eu tinha quase certeza de que a única coisa mais constrangedora do que estar tão perto do meu pai seria fugir dele em pânico, com corretivo na mão. Portanto, me obriguei a ficar parada, mordendo com força o lábio.

Concentre-se no trabalho, Liv.

Ele tinha razão sobre as sobrancelhas. Elas não aceitavam a direção criativa de ninguém. Não ficou perfeito, mas, quando por fim me afastei, a aparência dele estava melhor. Parecia descansado e pronto para as câmeras. Profissional.

— Obrigado — disse ele, em voz baixa.

— Uau, bom trabalho — disse Theo de trás da câmera. — Fez uma grande diferença. Beleza, chefe. Está pronto?

— Pronto.

Meu pai assentiu, e me posicionei atrás de Theo para assistir.

— Ele precisa de cartões pra lembrar do texto ou algo assim? — perguntei.

Theo bufou.

— Você está brincando, né? Muito bem, pessoal. Silêncio, por favor.

Theo fez a contagem regressiva, ficando em silêncio após o *três, dois, um*. Todos os olhos se voltaram para o meu pai, até mesmo os meus.

— É o ano 1646 antes de Cristo. Você está dormindo em casa, cercado pela família, quando ouve algo do lado de fora, uma erupção ensurdecedora. Bem-vindo à primeira fase de uma das maiores explosões vulcânicas da história.

Sua voz soava alta mas calma, e ele encarava fixamente a câmera, os olhos focados.

— A fase um foi o sinal de alerta do vulcão... assustador, mas não devastador para os muitos residentes da ilha. Cinzas e pedras-pomes explodiram no ar, deixando sete metros de destroços. A fase dois foi uma imensa explosão de lava, que escureceu o céu e trouxe raios e um calor absurdo. A fase três devastou a ilha. Fluxos piroclásticos, uma combinação poderosa de gases, lava e cinzas quentes, se espalharam pela superfície do oceano, dizimando tudo no caminho. Qualquer coisa que não estivesse coberta por cinzas teria sido vaporizada e destruída.

Ele mostrou a caldeira.

— Chegou então a fase quatro, quando a câmara de magma vazia do vulcão entrou em colapso, formando uma grande bacia. À medida que a água do oceano entrava, o vapor e a pressão aumentavam, culminando no final grandioso, uma explosão gigantesca, muitas

vezes maior que a de uma bomba atômica. O deslocamento de um volume tão grande de água criou tsunamis, com ondas de dezoito metros ou mais que viajaram cerca de oito quilômetros em todas as direções. E, por fim, houve os terremotos.

Ele deu um passo à frente, o olhar intenso.

— Essa foi a destruição de Atlântida. Como disse Platão: “Por conta de inundações e terremotos violentos, em um só dia e em uma só noite de infortúnio, tudo foi engolido pela terra, e a ilha de Atlântida desapareceu nas profundezas do mar.”

Sua voz, que até então estivera quase melodiosa, adquiriu um tom firme e ameaçador.

— Imagine, em três dias, uma cidade inteira, uma civilização inteira, dizimada. Nem um único osso ou corpo se salvou. Essa foi a destruição da Atlântida.

Seu olhar se desviou da câmera e encontrou o meu. Aquela intensidade me prendeu ao chão.

— O que estava perdido foi encontrado. Bem-vindo a Atlântida.



Capítulo 12



#12. GRAVATA DE SEDA ESPINHA DE PEIXE E LENÇO DE BOLSO AZUL-MARINHO, AINDA NA CAIXA

Eu adorava tudo sobre Atlântida, mas a parte de que mais gostava era o que meu pai chamava de Planejamento de Comemoração. Era um elemento tão importante de nossa busca por Atlântida quanto definir sua localização exata.

Embora já soubéssemos onde ficava Atlântida, precisávamos economizar dinheiro suficiente para podermos ir a Santorini provar nossa teoria.

Assim que a encontrássemos, a comemoração começaria. Nossa foto estaria na primeira página de todos os jornais do mundo e haveria um desfile com fogos de artifício e bandas marciais, em que eu acenaria do alto de um carro alegórico reluzente. O mundo inteiro saberia meu nome: Olive Varanakis, a garota que descobriu Atlântida. O presidente dos Estados Unidos daria um baile em minha homenagem. Eu não tinha certeza do que vestiria em tal ocasião, mas meu pai, sim: ele usaria sua gravata de seda, a que tinha comprado durante os poucos meses em que trabalhara em uma alfaiataria.

Em nossa lista do planejamento da festa, havia uma fonte de chocolate de vários metros, três elefantes enfeitados e uma fila de conga que se estenderia por pelo menos vinte quarteirões.

Nunca me ocorrera não acreditar no meu pai. Afinal, ele já tinha a gravata.

ERA MAIS FÁCIL OBSERVÁ-LO ATRAVÉS DA LENTE DA CÂMERA. EU NÃO precisava me preocupar com o que tinha dado certo ou errado entre nós. Podia enxergá-lo como qualquer outra pessoa enxergaria: alguém com um grande interesse em Atlântida, em vez de alguém que tinha me *abandonado* por Atlântida. Era uma diferença monumental.

Meu corpo não cumpria nem um pouco minha decisão de como reagir ao meu pai. Eu poderia culpar o calor e o enxofre pela tontura e dor de estômago, mas eu sabia muito bem o que meu coração galopante significava. *Empolgação.*

Apesar de provavelmente não ter entendido nada daquilo, a mulher parada ao meu lado deu um suspiro, então me cutucou, sorrindo com alegria. Não pude fazer nada além de sorrir também. Porque tinha sido mágico. E as palavras finais: *o que estava perdido foi encontrado...*

Bem, tinham me deixado arrepiada.

Ele não tinha consultado as anotações nenhuma vez. Não tinha sequer feito uma pausa. Ainda citara Platão como se fosse alguém com quem se encontrasse uma vez por semana para tomar um cafezinho. Enquanto ele falava, eu me agarrara a cada palavra, atenta a cada modulação e quebra de sua voz. Ele tinha roubado completamente minha atenção. Em um minuto, eu estava suando com os outros residentes da Thira moderna, e, no seguinte, tinha sido transportada de volta ao momento em que tudo mudara. Eu

ouvira o pânico dos minoicos, acordando confusos e correndo para se salvar. Sentira o cheiro do enxofre, o pavor e a ameaça dos tsunamis. Eu *estivera* lá.

— Uau — sussurrei.

— Eu avisei — disse Theo, sem nem desviar os olhos da tela.

Eu me virei para trás e percebi que — exatamente como Theo avisara — uma pequena multidão havia se formado, um grupo de turistas que devia ter visto a câmera e se aproximado em silêncio de nós.

Alguns deles fizeram perguntas ao meu pai. Ele sorriu graciosamente, então começou a respondê-las uma a uma, enquanto Theo e eu nos reuníamos atrás da câmera para assistir ao que havíamos gravado. A tomada estava linda — interessante e equilibrada — e, mesmo sem som, eu já conseguia ver que a câmera havia captado sua intensidade. Ele parecia natural, confiante e completamente à vontade. Meu pai, ao que tudo indicava, tinha nascido para as câmeras.

— Uau — repeti, mas a palavra era patética de tão inadequada, uma brasa comparada a fogos de artifícios.

Theo olhou para mim.

— Nas palavras de todo vencedor vitorioso da história da Grécia: *eu avisei*.

Soquei o braço dele, mas não pude deixar de sorrir.

— As gravações têm ficado sempre boas assim?

— Melhores, até. Acho que ele ficou nervoso porque você está aqui. Normalmente ele mexe mais os braços e a coisa fica ainda mais intensa. Ele estava um pouco fora de forma.

— O que você achou, Liv? — perguntou meu pai, conseguindo se desvencilhar da multidão. — Ficou bom?

Meu coração bateu forte no peito. Eu tinha visto apenas dez minutos de filmagem, mas já sabia que o documentário tinha o potencial de ser transformador.

Parte de mim queria minimizar o desempenho dele, mas não consegui. Era impossível se eu quisesse manter o mínimo de integridade.

— Pai, você foi incrível. A National Geographic vai amar.

— Você acha mesmo? — Os olhos do meu pai brilharam de esperança. — Bem, você ajudou muito. Me senti bem mais confiante com maquiagem e roupas melhores...

Baixei os olhos, ignorando o calor que tomava conta do meu peito. Eu não *queria* gostar dos elogios dele, mas estava gostando mesmo assim.

— Não foi nada.

— E você soube direitinho como posicionar a tomada — disse Theo, como se eu tivesse feito aquela mágica acontecer.

Como se meus pequenos ajustes tivessem feito toda a diferença. A verdade era que meu pai poderia ter feito aquele discurso usando uma fantasia de galinha debaixo de um viaduto e ainda assim teria soado confiável e cativante.

Apesar do que o cartão-postal e Theo diziam, meu pai não precisava de mim. Ele tinha sua própria magia. Desde sempre. Ninguém ligaria para a existência ou não de Atlântida, se a história fosse contada daquela forma.

Lembrei então uma frase que minha professora de literatura tinha colado na parede da sala: *Nunca deixe a verdade atrapalhar uma*

boa história. Para o meu pai, eram as duas coisas ao mesmo tempo: a verdade e uma boa história. Quanto ao restante de nós? Não tínhamos escolha a não ser nos deixarmos levar pela corrente. Resistir era inútil.

Ajustei a alça da mochila, incapaz de deter a urgência que me dominava.

— Aonde vamos agora?

* * *

Theo queria deixar tudo perfeito, então, embora a apresentação do meu pai tenha sido quase impecável de primeira, repassamos a cena várias vezes antes que os barcos turísticos aparecessem e as pessoas comesçassem a se reunir para assistir. A parte boa era que o público trouxe à tona o lado contador de histórias do meu pai, o que o deixou ainda melhor. A parte ruim era que eles faziam muito barulho. Depois que dois turistas americanos se aproximaram no meio da gravação para perguntar no que estávamos trabalhando, Theo desistiu e levamos o equipamento de volta para o barco.

Passamos o resto do dia escolhendo lugares para o drone de Theo fazer tomadas aéreas de Nea Kameni e Palea Kameni. No almoço, comemos o conteúdo da caixa de ferramentas vermelha do meu pai, que na verdade estava cheia de cubos grossos de queijo feta tão salgado que faziam minha língua doer, fatias generosas dos melhores tomates que eu comera na vida e um pão crocante que devoramos em grandes bocados. Sempre que ficava quente demais, meu pai desligava o motor e anunciava que era hora de *aragma*, que Theo explicou ser a “arte de relaxar, ao estilo grego”.

Minha metade grega tinha virado uma grande fã.

Meu pai aumentou o volume da música e distribuiu refrigerantes que tirou da caixa de ferramentas mágica, então ele e o Theo mergulharam no oceano enquanto eu fiquei sentada na popa com os pés na água, tentando *não* pensar em toda aquela profundidade azul e gelada. Para ser sincera, era um pouco torturante. No meio da tarde, eu estava com tanto calor que achei que entraria em combustão a qualquer momento, mas, por mais que o oceano parecesse deliciosamente frio e refrescante, era assustador até pensar no assunto. Santorini claramente não era o lugar em que eu faria amizade com o mar, mas talvez pudéssemos ser colegas?

Quando enfim retornamos à doca na baía de Ammoudi, eu estava queimada de sol, exausta, com sede e — embora a contragosto — completamente encantada com a magia daquele dia. Minha mãe tinha razão sobre a ilha: era maravilhosa de um jeito desorganizado e confuso que eu nunca tinha visto antes. E, apesar de as coisas estarem estranhas entre mim e meu pai, tínhamos Theo para suavizar o clima. Sempre que a conversa tomava um rumo meio turbulento, ele fazia uma piada ou aumentava o volume da música. Estar ali era estranhamente... fácil.

Tão fácil, na verdade, que de alguma forma eu tinha conseguido esquecer todos os meus problemas com o Dax, fato para o qual fui alertada no momento em que nosso barco chegou em terra firme e um exército de mensagens começou a invadir meu celular.

Liv, você pode falar?

Liv, tá aí?

Ainda estou acordado, me liga quando puder.

Santorini estava dez horas à frente da Califórnia, ou seja, Dax tinha me mandado mensagens em plena madrugada. A esperança tomou conta de mim enquanto eu as lia. Aquilo era um sinal de que ele estava disposto a deixar de lado o fiasco da visita à faculdade? Será que estava arrependido por não ter se despedido de mim pessoalmente?

Parei bem no meio do cais, criando um pequeno engarrafamento, enquanto meu pai e Theo tentavam descarregar o equipamento.

— Você parece feliz — disse Theo, seu ombro quente roçando no meu ao passar.

— Estou — falei. — Preciso fazer uma ligação. Tudo bem se eu encontrar vocês mais tarde? Podem deixar uma parte do equipamento para eu carregar.

— A gente dá conta — disse meu pai. Ele colocou a mão no meu ombro, a postura firme apesar do deque que balançava. — Você consegue encontrar o caminho de volta para a livraria?

Olhei para ele e me assustei ao ver o quanto estava abatido. Suas olheiras tinham voltado, e seus ombros estavam curvados com o peso do equipamento. Filmar e passar todo aquele tempo na água obviamente tinha exigido muito dele.

— Pai, você parece cansado — falei, esquecendo o celular por um momento.

Ele sorriu, ajeitando o chapéu na testa.

— Documentário é coisa para jovem.

— Deixa que ajudo você com isso, chefe. — Theo pegou uma das bolsas do meu pai. — Quantos anos você tem, afinal? Uns quarenta? Como foi ter um dinossauro de estimação? Ele mordeu você alguma vez?

— Você está ouvindo isso? — perguntou meu pai, mas com um sorriso enorme no rosto.

— Estou — confirmei.

Eu tinha certeza de que Theo era a única pessoa no mundo que poderia se safar com uma brincadeira daquelas.

— Vejo vocês lá em cima.

Enquanto Theo e meu pai desapareciam mais à frente no caminho, segui pela beira d'água, pisando cuidadosamente na rocha vulcânica, ousando entrar e sair das piscinas formadas pela maré e das poças ondulantes. A água mais próxima da costa era azul-turquesa, tão clara que dava para ver o amontoado de pedras lá embaixo. Em certo ponto, as rochas menores se transformaram em rochas maiores, e me vi escalando as pedras até chegar ao final do caminho, uma grande rocha lisa com vista para a baía.

Respirei fundo e apertei o botão de ligar. Dax atendeu no quarto toque.

— Liiiiiv — disse ele, estendendo meu nome.

— Dax!

Sua voz alegre e completamente normal me deixou tão aliviada que quase caí da rocha. Eu me sentei de pernas cruzadas, para me firmar.

— Como você está? — perguntei.

— Com saudade de você. Conseguimos um apartamento a duas horas de Portland e acabamos passando metade da noite numa parada na estrada, então levamos uma eternidade para chegar aqui. Como está minha namorada?

A voz dele estava vibrante e calorosa, e o alívio transformou meus músculos em gelatina.

— Bem. Muito bem. — Expirei, abrindo um sorriso largo. — Você parece... diferente. Menos irritado?

— Bem... — Ele suspirou. — Conversei com minha prima, e ela disse que perder o dia da visita do ensino médio não é o fim do mundo. A maioria dos alunos que eles aceitam não participa desses eventos, então você ainda tem uma boa chance de ser aprovada. Até conversei com ela sobre o programa de arte. Ela disse que eles têm um departamento de história da arte muito bom, então entrei em contato com a faculdade e solicitei alguns folhetos. Já devem estar aqui quando você voltar.

Sacudi os pés distraidamente para tirar as sandálias, descansando as solas descalças na rocha aquecida pelo sol. Aquilo era tão típico do Dax. *Primeiro passo, identificar o problema. Segundo passo, resolver o problema. Terceiro passo, comemorar.*

Eu não queria estudar arte. Eu queria *fazer* arte. Mas a voz dele estava tão radiante, e Dax tinha sido tão atencioso. Além do mais, aquela era mesmo a melhor hora para contar a ele que eu tinha outros planos para a faculdade? Não. Essa conversa podia esperar até eu chegar em casa.

— Obrigada, Dax. Isso foi muito legal da sua parte.

— Sem problemas. Sei que é bem estressante se inscrever para Stanford. Eu fiquei assim também. Se você quiser, posso ajudar com a inscrição.

Fechei os olhos, esfregando as têmporas de um jeito que me lembrou minha mãe. E agora?

— Hã, Dax...

— Como está a escavação? — perguntou ele, ignorando minha hesitação.

Escavação? Meu cérebro levou um instante para entender que ele estava falando da minha mentira. Aquela em que eu vivia em um universo alternativo em que meu pai era professor de história e trabalhava em uma escavação arqueológica.

— Ótima — respondi depressa.

Eu provavelmente deveria ter pesquisado um pouco mais sobre os detalhes da minha mentira. Enfiei uma mecha de cabelo na boca e mordei.

— Está indo bem — continuei. — Mas é meio chato. Várias pessoas cavando para achar coisas e categorizá-las...

Bati silenciosamente a mão na testa. Não fazia a menor ideia do que estava falando. Tudo o que eu sabia sobre escavações arqueológicas vinha de filmes. E se Dax me pegasse mentindo para ele de novo?

De repente, tive uma ideia brilhante. Eu podia mudar o rumo da conversa para o documentário. Assim, quando o projeto verdadeiro saísse, não seria tão distante da minha mentira.

— Dax, adivinha? A National Geographic está envolvida em alguns dos estudos do meu pai. Estamos trabalhando num documentário.

— Liv? — chamou uma voz de garota, me interrompendo. — Liv, sou eu. Sophie.

— Hã... oi, Sophie — cumprimentei, espantada com a interrupção.

— Você está no viva-voz — disse ela.

Como que para provar o que Sophie dissera, de repente ouvi todo tipo de ruído ambiente. Gritos, risadas... água em curso.

— Alec também está aqui — disse ela.

— Oi, Liv — disse Alec.

— Oi!

Descansei a cabeça nas mãos. Alec era o melhor amigo do Dax e namorado da Sophie. Os três eram amigos desde o jardim de infância, e, assim que Dax e eu começamos a namorar, Sophie começou a ligar para me convidar para festas e para dormir na casa dela.

— Por que todo mundo está acordado tão cedo?

— Tão tarde, na verdade. Ficamos acordados a noite inteira e agora todo mundo está saindo para tomar café e surfar, depois vamos dormir. A viagem de carro foi muito *longa*, mas Balboa é incrível, e a casa do pai do Matthew é o máximo. Tem três banheiras de hidromassagem e, tipo, trinta camas.

Os barulhos e gritos ao fundo abafaram a voz de Sophie, e meu cérebro tentou imaginar a cena. Latas de refrigerante por toda parte, toalhas de praia coloridas, muita pele à mostra.

Agarrei a beirada da rocha em que eu estava, vendo as ondas quebrarem ao longe. Minha pequena praia ficava a cerca de onze mil quilômetros de distância deles, mas, naquele segundo, pareciam sete milhões.

— Liv, por que você não me disse que não viria? Está mesmo visitando seu pai na Grécia? Eu nem sabia que você *tinha* pai.

— Hã...

Deixei escapar um ruído que talvez fosse uma risada, mas eu não tinha certeza. Aquilo era uma piada? Ela não disse mais nada, então sobrou para mim preencher o silêncio.

— Bem... várias pessoas têm pais — falei, com a voz fraca. — Acho que nunca entramos nesse assunto.

— Verdade — disse ela, diminuindo meu constrangimento. Então continuou, em tom baixo e conspiratório: — Bem, volta logo. Várias

garotas de biquíni estão cercando o Dax que nem tubarões.

Meu coração quase saiu pela boca, e pressionei a rocha com as unhas.

— Que garotas?

Minha voz saiu fina e enciumada, e me odiei por aquilo.

Sophie riu, e a imaginei jogando seus longos cabelos pretos para trás.

— A maioria formanda — explicou ela. — Você soube que a Maya entrou para Berkeley?

— Soube — falei, desanimada. — Ela está aí?

— Ela e Dax vieram no mesmo carro. Quer dizer, havia outras pessoas junto, mas ainda assim... Ela exigiu ir no carro dele para que pudessem passar na frente das faculdades dos dois no caminho. — Sophie riu, mas nada daquilo era engraçado. — Não se preocupe com a Maya. Todo mundo sabe que Dax está todo apaixonado por você.

Ela fez uma pausa, esperando que eu risse ou concordasse, mas não consegui esboçar nenhuma reação. Será que Dax ainda estaria todo apaixonado por mim se soubesse que eu não tinha intenção de ir para a mesma faculdade que ele?

— Obrigada, Sophie — falei, por fim. — Você se importa de passar o telefone de volta para o Dax? Preciso falar uma coisa para ele.

Minha ansiedade aumentava tão rápida e intensamente que rivalizava com o sol refletindo no oceano.

— Claro. DAX! — berrou Sophie, sem se preocupar em afastar o celular e quase estourando meu tímpano.

Esperei, meu coração acelerado, mas um instante depois ainda era ela na linha.

— Me desculpa, não sei para onde o Dax foi. Ele sumiu.

Fechei os olhos com força, tentando ao máximo não pensar nele enfurnado em algum canto com a Maya. Maya, com quem ele aparentemente tinha passado metade da noite em uma parada de caminhões e que, além daquilo, iria para uma faculdade perto da dele. Minhas mãos tremiam, mas invoquei todos os poderes de Liv, forçando minha voz a soar calma e até entediada.

— Sem problemas. Quando vocês se encontrarem, pede para ele me ligar?

— Claro. A gente se fala!

Ela desligou, então fiquei sozinha com o silêncio.

Isso é ruim. Muito, muito ruim. Enfie o celular no bolso e me levantei para esticar as pernas. Eu já estava dolorida da caminhada, mas meu corpo não conseguia ficar parado, então comecei a pular de pedra em pedra, serpenteando em direção à água.

Ali embaixo eu tinha uma ótima vista do tema da pintura do Hugo. A rocha que se erguia sólida e escura da água, as ondas quebrando ao seu redor. Era obviamente um local popular para o nado, porque, além de alguns óculos e toalhas deixados para trás, vi uma escadinha entalhada na lateral da rocha.

Caminhei sem rumo pela praia, rezando para que Dax me ligasse, mas, depois de meia hora, acabei desistindo. Ele não iria ligar, e eu teria de lidar com o fato de que só conseguiria contar a verdade quando voltasse. De qualquer maneira, fazia mais sentido contar pessoalmente.

Levei quase vinte minutos para refazer todo o caminho escada acima e, quando cheguei ao alto e me juntei aos pedestres do início de noite, minhas emoções estavam um caos. Tudo o que eu queria era ir à livraria, me esconder e ler um pouco. Infelizmente, quando vi a loja, soube que essa não era uma opção. O lugar estava ainda mais movimentado do que de manhã, perto de explodir de tão cheio, e Ana, que ainda parecia bastante animada, conduzia a multidão como a mestre de cerimônias de um circo. Não vi meu pai e seu monte de equipamentos em lugar nenhum.

Abrindo caminho pela loja, encontrei Theo no alto de uma escada, ajudando um cliente a pegar um livro.

— Kalamata! — gritou assim que me viu.

Ele se virou, ignorando completamente o cliente que esperava, para falar comigo.

— Você está bem? — perguntou. — Sumiu já faz um tempo.

Balancei a cabeça e fiquei horrorizada ao perceber lágrimas brotando dos meus olhos.

Theo desceu apressado, abandonando qualquer tarefa que o tivesse feito subir ali.

— O que houve?

Ele colocou as mãos nos meus ombros, me firmando. Balancei a cabeça de novo. Eu precisava de uma distração. Qualquer coisa para me impedir de pensar no Dax.

— Posso ajudar na loja? — disparei.

Theo franziu a testa.

— Você quer trabalhar?

Fiz que sim rapidamente, enxugando os olhos.

— Trabalhar, ser voluntária, aprendiz, tanto faz. Preciso me manter ocupada.

Ele me observou por mais um instante, então pigarreou e usou um tom de voz mais grave e formal.

— Nesse caso, tenho boas notícias para você. Geoffrey, o Canadense, saiu para a costumeira visita vespertina à sua bailarina de mentira preferida, então estamos com falta de pessoal. No entanto, não contratamos qualquer um aqui na Livraria Perdida de Atlântida. Vou ter que fazer uma entrevista rápida. Quais são suas qualificações?

Mordi o lábio, surpresa ao me pegar contendo outro sorriso, apesar do estresse.

— Bem... Já li livros. Muitos livros. Além disso, já tive uma caixa registradora de brinquedo. — Apontei para o balcão onde Ana atendia um cliente. — E de vez em quando tomo conta do gerbo de estimação da irmã do meu padrasto quando ela viaja no fim de semana.

— Impressionante — disse Theo.

Bapou cutucava alegremente um cliente com sua bengala, e Ana se aproximou para detê-lo. Theo se virou para mim.

— Bem, esses três fatos por si só já a tornam mais qualificada do que metade das pessoas que trabalharam aqui. Parabéns, Kalamata. Você está contratada.



Capítulo 13



#13. CREME DE BARBEAR DE SÂNDALO

Não sei se foi um presente ou se ele mesmo comprou, mas meu pai o usava da mesma forma que minha mãe usava perfume: com moderação e apenas em ocasiões especiais. Ficava em um recipiente lustroso de madeira, e eu sempre sabia quando ele e minha mãe tinham planos de sair, porque via o pote na bancada do banheiro e ficava esperando o cheiro terroso chegar à sala.

Ele sempre parava de se barbear quando perdia um emprego, e, aos oito anos, eu já tinha perdido a conta de quantas vezes isso acontecera. Ele também não falava que tinha perdido o emprego. Em vez disso, dizia "Aonde vamos amanhã, Olive?", e eu ficava sabendo.

DEPOIS DAQUELE RIGOROSO PROCESSO DE ENTREVISTA, FIQUEI FELIZ EM saber que Ana não hesitou em me integrar ao furacão da Livraria Perdida de Atlântida. Minutos depois, eu estava arrumando a mercadoria, ajudando o recém-chegado Geoffrey no balcão do caixa, pegando cartões de crédito e conduzindo clientes em direção a uma infinidade de seios estufados e decotes na seção de romance lotada. De vez em quando havia uma calma, e minha mente começava a vagar de volta para Dax e o dilema da faculdade, mas em segundos um cliente me fazia uma pergunta ou Theo me encurralava para

conduzir uma espontânea avaliação de desempenho do funcionário, e eu voltava a deslizar pela superfície, todos os pensamentos de Dax submersos em algum lugar lá no fundo. Perfeito.

Quando por fim enxotamos o último cliente, o sol já havia se condensado em um globo laranja-vivo, e só tivemos tempo de pegar suéteres e garrafas de água antes de subirmos ao terraço.

Depois de nos servir um jantar apressado e casual, Ana levou Bapou para casa e Geoffrey comentou algo sobre comprar flores para Mathilde, então ficamos só Theo e eu. De tanto caminhar, carregar livros e passar tempo na água, estava tão exausta que todos os músculos do meu corpo doíam, então me larguei em uma das cadeiras de madeira. Lá embaixo, a caldeira reluzia, espetacular e cintilante, e suspirei, apreciando a vista.

— Nossa, que dia chato — falei, apoiando meus pés na beirada.

— Você fez um ótimo trabalho lá dentro, Kalamata.

Theo se sentou ao meu lado e se virou para mim, apoiando o rosto no encosto da cadeira. Ele não parecia nem um pouco cansado da correria na livraria. Para falar a verdade, acho que estava ainda mais energizado. Ele e Ana pareciam ter uma bateria que nunca descarregava.

— Gostaria de promovê-la a funcionária não remunerada de meio período.

— Eu aceito.

— Que bom, porque fiz uma coisa pra você.

Ele enfiou a mão no bolso e me entregou um pequeno disco de plástico com um alfinete atrás. Meu próprio crachá. OLIVE NÃO.

— Você se acha tão engraçado — falei, o crachá virado para cima na palma da minha mão. — Como você fez isso?

— Eu *sei* que sou engraçado — corrigiu ele. — Temos uma máquina de crachá na caverna. Acho que tivemos, sei lá, uns trinta estagiários diferentes no verão passado, então minha mãe comprou a própria máquina.

— Incrível.

Prendi o crachá cuidadosamente na minha camiseta de EQUIPE, logo acima do coração, e Theo fez um sinal de aprovação.

Minha pele coçava dos respingos do mar, e meu cabelo era um monte de grumos salgados. Não me lembrava da última vez que tinha passado tanto tempo sem me olhar no espelho. Algo em Oia fazia com que eu não me importasse.

— Você acha que meu pai vai voltar à livraria hoje? — perguntei, olhando para trás.

A multidão do pôr do sol começava a se animar, e ouvíamos muitas vozes e risos.

Theo balançou a cabeça.

— Provavelmente não. Ele tem andado numa correria desde que descobriu que você vinha. Além disso, ele se joga de cabeça na filmagem. Acho que precisa de uma noite de folga.

— É justo.

Ficamos em silêncio por um instante vendo o sol baixar. Era um milagre Theo ficar parado por alguns minutos. Mal o sol tocou o mar, ele estendeu o braço e me cutucou de leve.

— O que houve com seu namorado? Ele ligou?

Mantive o olhar fixo no pôr do sol.

— Aham.

— E aí?

— As coisas estão... menos piores.

— Menos piores? — Senti-o virando na minha direção. — Sinto muito, Kalamata, mas não acho que isso seja gramaticalmente correto.

Suspirei.

— Ele estava chateado comigo, mas agora não está mais. Ainda bem.

Minha voz não soou muito convincente, e senti Theo se concentrar em mim. Parecia que ele dava zoom mesmo quando não estava com a câmera.

— Por que ele estava chateado com você?

O sol havia criado um caminho dourado pela água, e meus olhos arderam ao acompanhar a linha ondulante. Eu não ia contar ao Theo sobre a RISD, mas podia contar o resto.

— Eu ia viajar com ele e os amigos, mas tive que cancelar no último minuto para vir para cá.

Pausa.

Arrisquei olhar para ele e vi que me encarava com intensa incredulidade.

— Ele está chateado porque você cancelou uma viagem para passar um tempo com seu pai, que não via desde os oito anos?

Ai. Ouvir Theo descrever a situação daquela forma fazia o Dax parecer injusto.

Cruzei os braços, voltando a encarar a água.

— Não é só isso. Acho que sou uma decepção para ele no geral.

Eu nunca tinha dito aquelas palavras antes, nunca tinha sequer formulado o pensamento, mas reconhecia que eram verdade. Havia um peso que eu sentia às vezes. Será que o pôr do sol estava libertando alguma coisa dentro de mim?

Pelo canto do olho, vi Theo erguer as sobrancelhas.

— Por que ele estaria decepcionado? Você é incrível. Quer dizer, sim, você ronca e tem essa coisa estranha com o seu nome, mas passamos vinte e quatro horas juntos e posso dizer sinceramente que só enjoei de você em uma delas.

— Theo — resmunguei.

— Tá, duas. Mas, sério, por que ele estaria decepcionado com você?

— Provavelmente não está. Esquece. — Senti uma onda de ansiedade se aproximando e mudei de assunto. — E você? Me conta mais sobre o que aconteceu com sua namorada.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça.

— Nada além do que já contei. Eu me mudei e ela ficou em Londres.

Esprei que ele explicasse melhor.

— Então o que houve? O relacionamento a distância não deu certo?

Ele já tinha respondido àquelas perguntas, mas eu estava louca por qualquer distração. Pensar naquilo fez meu estômago revirar. Quando Dax fosse para a faculdade no outono, estaríamos na mesma situação. Isso se conseguíssemos sobreviver ao verão.

Ele balançou a cabeça.

— Como eu disse, esse negócio de relacionamento a distância não funciona para mim.

— Mas várias pessoas dão um jeito.

Havia um toque de desespero na minha voz. Onde quer que eu escolhesse estudar, Dax e eu passaríamos o primeiro ano separados.

Theo balançou a cabeça de novo.

— Quando meus pais estavam juntos, nos mudávamos a cada um ou dois anos. No começo, tentei manter minhas amizades, mas depois de um tempo percebi que passava o tempo todo com saudade de alguém, e isso dificultava aproveitar o lugar onde eu estivesse no momento. Então agora tenho essa regra inflexível: nada de amizades ou namoro a distância. Não valem o sofrimento de tentar fazê-los durar.

— Viver o presente — falei, pensando na minha aula de ioga na escola.

Fazia sentido, ainda que fosse triste.

— Então... quando eu for embora de Santorini...

— Você vai estar morta para mim — disse Theo prontamente. — É isso. Nunca mais nos falaremos.

Eu ri, mas senti uma pontada estranha no peito.

— Bom saber.

Ele deu de ombros.

— Gosto de ser sincero. Demy também sabia como as coisas seriam. Foi divertido enquanto durou, mas, depois que me mudei, tentar ficar juntos teria estragado todas as boas lembranças. Era hora de ela aproveitar a faculdade. Tenho certeza de que Demy está namorando e se divertindo, e é assim que deve ser.

Ele parecia tão *maduro*. Senti um frio na barriga de pensar em Dax indo para a faculdade. Será que ele ia querer namorar outras pessoas, curtir a vida universitária? E quando eu contasse que não planejava ir para a mesma faculdade que ele?

— Quer dizer que ela estava tranquila com isso?

— Hã...

Ele desviou o olhar, de repente tímido.

— Ah, lembrei. Vocês ainda são amigos, só do tipo que não se falam — comentei, repetindo o que ele dissera na noite anterior.

Encarei Theo por mais um instante. Era estranhamente satisfatório vê-lo evitar o *meu* olhar, para variar.

— Theo, qual é. Você gostava *mesmo* dela? Porque meu alerta de mentira está apitando agora.

Seus lábios se abriram em um sorriso.

— Kalamata, não estou mentindo. É a verdade. Eu gostava muito dela. Ela era divertida e inteligente. Mas de que adianta? Na melhor das hipóteses, passaríamos meses definhando de saudades um pelo outro...

— *Definhando?* — falei, incrédula. — Estamos nos anos 1950?

Ele me ignorou.

— ... falando ao telefone tarde da noite, depois viriam as viagens caras pra lá e pra cá, e as ligações e visitas acabariam se tornando cada vez menos frequentes, chegariam o ciúme e as brigas... — Ele deixou escapar um forte suspiro. — Entendeu? Desastre.

Ergui as sobrancelhas.

— Parece que você já passou por isso antes.

— Não vou confirmar nem negar. Mas é uma boa regra, Kalamata. Aproveite o momento e leve as lembranças embora como um souvenir. É o mantra da minha vida. Você pode tentar, por mim?

Ele deitou a cabeça no encosto de novo, seu olhar encontrando o meu. O brilho alaranjado do céu refletia em sua pele, fazendo os olhos dele parecerem ainda mais escuros, e por um instante me perguntei se ele estaria insinuando algo. Será que estava sugerindo que eu aproveitasse o momento ali com *ele*? Seria a proposta de um romance?

Meu braço ficou todo arrepiado.

— Theo... — comecei, mas naquele exato momento o sol atingiu o ponto sem volta, e a multidão atrás de nós irrompeu em aplausos enquanto uma rajada de vento chegava à ilha.

— Viu só? Desse jeito — disse Theo, e mostrou o céu agora arroxeadado, o cabelo voando em seus olhos. — Aproveite o momento. Vou dar uma olhada no Bapou. Vejo você daqui a pouco?

— Claro — consegui dizer.

Ele se levantou de um pulo e desapareceu escada abaixo, me deixando desorientada e um pouco atordoada. Era óbvio que Theo queria que fôssemos amigos e nada mais. Por que eu pensava o contrário toda hora?

* * *

Era muito sufocante ficar na livraria, então, depois de me livrar de todos os sentimentos confusos que Theo despertara, fui buscar meu caderno de desenhos e pastéis a óleo. Os pastéis eram ainda melhores do que eu imaginava — vibrantes e macios, como manteiga na temperatura certa. Fiquei sentada desenhando por mais ou menos uma hora, apreciando o silêncio e observando o penhasco se iluminar, uma luz após a outra em meio à escuridão. Eu trabalhava num esboço da baía de Ammoudi quando Theo apareceu.

— Vamos ver os domos azuis.

Continuei com o olhar concentrado no caderno de desenho.

— Está falando daqueles no penhasco? Eu os vi da água hoje de manhã.

De acordo com os cartões-postais e as obras de arte exibidas ao longo da rua principal de Oia, a igrejinha branca com domos azul-cobalto era a mascote do vilarejo. A imagem estava por toda parte.

— Mas você já os viu de perto? Ou à noite?

Fiz que não.

— Para vê-los eu teria que caminhar? Porque acho que por hoje chega.

Ele colocou a mão sobre o meu caderno de desenho, tomando o cuidado de não tocar na página de fato.

— Kalamata, as pessoas vêm do mundo inteiro para ver os domos azuis de Oia, e você vai vê-los à noite. Nem que eu tenha que carregar você até lá. Além disso, vou confiscar seu telefone para você não ficar olhando para ele a noite toda. Vamos.

* * *

Santorini à noite tinha uma personalidade completamente diferente: fria e melancólica, com uma quietude serena que parecia dizer que era melhor andar na ponta dos pés. Os únicos sons eram o oceano, algumas vozes ocasionais e o ruído dos talheres que vinham dos pátios dos restaurantes.

A noite também tornava Oia ainda mais impenetrável. Sem prestar atenção, era fácil se perder pelas vielas estreitas e sinuosas. A maioria dos prédios era da mesma altura e, fora a rua principal, não parecia haver muito planejamento envolvido no desenho da cidade. O branco constante só piorava as coisas, mas Theo seguia confiante, certo do trajeto que estávamos fazendo.

Passamos pelo corredor principal até Theo virar à direita em uma joalheria chique, entrando em um caminho estreito, e logo estávamos serpenteando pela confusão de prédios aninhados no penhasco. As casas construídas diretamente nos rochedos pareciam pequenas cavernas, com janelas em miniatura e portas pelas quais a maioria dos adultos teria que se abaixar para passar. O caminho que as atravessava era confuso, cheio de curvas irregulares, degraus de alturas diferentes e becos sem saída.

— Este lugar é um labirinto — falei, de olho nos degraus enquanto o seguia.

— De propósito — respondeu Theo, olhando para mim por cima do ombro. — Os piratas eram uma grande ameaça, então as pessoas na ilha pintavam as casas de branco para que à distância a cidade se misturasse com a paisagem e os piratas não notassem um novo lugar para saquear. E, caso os piratas chegassem, só os moradores saberiam se virar pelas vielas, o que tornaria mais fácil confundir os invasores e ter tempo de escapar.

Distraída com a aula de história, escorreguei em um degrau particularmente desnivelado, mas recuperei o equilíbrio quando Theo segurou minha mão. Não dissemos nada, e ele não largou; nem sequer olhou para mim. Em vez disso, segurou minha mão com mais força e continuou descendo. Eu deixei, porque o caminho escorregadio tinha se tornado letal e porque meu coração estava dolorido e descompassado, e segurar a mão de alguém me deixava um pouco melhor.

Theo continuou a explicação.

— Quando os piratas já não eram mais um problema tão grande e os turcos otomanos invadiram, o branco e o azul se tornaram um ato

de rebelião. Os turcos não deixavam os moradores estenderem suas bandeiras, então eles pintavam as casas das cores da bandeira.

— Rebeldes — falei, olhando para a encosta.

Oia tinha uma beleza sonolenta, mas sua história lhe conferia muito mais energia. Aquilo fazia sentido. Meu pai sempre fora um grande rebelde — não se importava com o que ninguém pensava. Talvez parte dessa atitude tivesse vindo de sua cidade natal.

A mão de Theo continuava quente e firme na minha, e eu esperava que ele soltasse a qualquer momento. Mas não soltou, e eu também não me afastei. Apesar de aquilo fazer meu rosto arder, parecia me equilibrar — emocional e fisicamente.

Volta e meia eu tinha vislumbres dos domos azuis enquanto Theo me guiava habilmente pelo labirinto, finalmente parando em frente a uma corda de seda com um cartaz que dizia PARTICULAR. Além dela, os domos apareciam plenos e dominantes, iluminados por holofotes na escuridão, o azul-cobalto se destacando em meio a todo o branco. Theo tinha razão. Eram lindos.

Ele soltou cuidadosamente minha mão, que agora formigava. Eu a enfiei no bolso. Observamos em silêncio por um instante.

As fotos não faziam jus aos domos. Nem as pinturas. Nada fazia, a não ser estar ali. Soltei o ar lentamente.

— Tá bem, você venceu. Valeu a pena.

— Eu avisei.

Girei para olhar as janelas de venezianas escuras ali perto. Um pátio fechado abrigava uma banheira de hidromassagem, e alguém havia deixado duas taças de vinho numa beirada próxima. Algumas das casas estavam iluminadas, mas a maioria estava escura e silenciosa.

— O que são essas construções? — perguntei.

— Casas-cavernas. Depois que meus pais se divorciaram, o plano original da minha mãe era investir em algumas dessas e alugá-las para turistas. Mas então ela se reconectou com seu pai, e eles tiveram a ideia da livraria.

Theo apontou para a casa-caverna mais próxima de nós e continuou:

— Antigamente, os pobres de Oia viviam nas casas-cavernas, mas agora é o contrário. Adivinha quanto custa uma dessas hoje em dia?

Olhei para a que estava mais perto nós. Parecia menor do que qualquer lugar em que minha mãe e eu tínhamos morado, com duas janelinhas e um pátio com espaço suficiente apenas para uma cadeira e uma mesinha lateral minúscula.

— Não faço ideia.

— Três milhões de dólares.

Meu queixo caiu.

— Sério?

— Sério — disse ele. — As pessoas querem a experiência de viver em Oia. E tudo aqui é voltado para os turistas. A ideia do seu pai de abrir uma livraria para turistas foi brilhante. Era a única coisa que faltava em Oia. E a temática de Atlântida deixou as pessoas ainda mais interessadas.

Theo tinha razão, é claro. A ideia era de fato brilhante. Se não fosse pela busca por Atlântida, meu pai muito provavelmente teria sido um empresário de sucesso. Senti meu humor se abater um pouco.

— Você gosta de morar na livraria?

Ele deu de ombros.

— Não desgosto. E, depois que meu avô foi morar com a gente, a casa ficou cheia demais. Preciso de espaço. Além disso, é bom sempre ter o que ler.

Meu celular apitou no bolso de Theo, quebrando o silêncio. Achei que teria de lutar pelo aparelho, mas ele me entregou sem olhar para a tela. Era uma mensagem da minha mãe. Não sei bem por que pagamos um plano telefônico supercaro para você se ignora todas as minhas ligações. Está tudo bem? Tem comido seu peso em queijo feta? Julius quer que eu pergunte se você viu algum ninja grego. Como está a filmagem?

Eu ri, mas de repente fui invadida pela saudade de casa. Sentia saudade do meu irmãozinho ninja, da minha mãe e do James. O máximo de tempo que eu passara longe deles tinha sido durante o acampamento de arte, que durou só três dias.

— Dax? — perguntou Theo, olhando para mim.

Fiz que não, sentindo um peso no peito de novo.

— Minha mãe. Parece que ela tentou me ligar várias vezes hoje.

Ele me observou por um instante.

— Sei que já ultrapassei todos os limites hoje, mas posso perguntar algo pessoal?

— E você por acaso faz perguntas que *não* sejam pessoais?

Minha risada saiu aguda demais, e a interrompi rapidamente.

Theo arregalou os olhos com um ar de provocação, batendo o ombro contra o meu.

— Não sou um *monstro*, Kalamata. Se você disser que não, eu paro de falar. Juro.

— Jura?

Era preciso um verdadeiro esforço para desviar os olhos dos dele. As pessoas pagariam por aqueles cílios.

— Juro.

Ele colocou a mão sobre o peito para confirmar.

Fiquei tentada a recusar a pergunta, mas minha curiosidade falou mais alto. Estava na cara que o Theo tinha mais a dizer sobre a situação com o meu namorado, e eu estava pelo menos um *pouquinho* interessada em saber o que era. Além disso — e não queria parar para pensar muito a respeito —, eu ainda estava me sentindo um pouco agitada por ter dado a mão a ele e precisava esquecer aquilo.

Então me endireitei, e uma brisa passou entre nós, bagunçando nosso cabelo.

— Está bem. O que foi?

Theo mordeu o lábio inferior e se inclinou um pouco para a frente.

— Você já perguntou para ele por que foi embora?

Meu cérebro ficou confuso por um instante até minha ficha cair. Ele não estava falando sobre o Dax. Estava falando sobre o meu pai. *De novo.*

Meu rosto ficou quente, e eu recuei o máximo que pude, tomando cuidado para não tropeçar.

— Theo, eu já expliquei. Ele foi embora para procurar por Atlântida.

Theo se moveu junto comigo, os olhos suplicantes.

— Mas você chegou a *perguntar* a ele? Alguma vez já perguntou os motivos dele? Porque algo nessa história não bate. Seu pai não parece do tipo que abandonaria você.

Não. Nada disso.

— Bem, mas *abandonou*. — Qual parte Theo não conseguia entender? — Olha, estou feliz de estar aqui com você vendo os domos e tudo mais. Mas estou encerrando oficialmente o assunto.

Por que Theo estava tão determinado a defender meu pai? Mesmo tirando Atlântida da jogada, meu pai *tinha* deixado minha mãe e a mim. Independentemente dos motivos, suas ações tinham sido bem claras.

Theo hesitou, erguendo a mão para tocar a minha.

— Mas seu pai não parece...

Balancei a cabeça com raiva.

— Theo, eu disse que *não*. Você prometeu.

A palavra teve um efeito visceral sobre ele. Theo congelou, então baixou a mão.

— Está bem. Desculpa.

Esperei, incrédula, por alguns segundos de silêncio.

— Tudo bem?

Ele deu de ombros.

— Você tem razão. Eu prometi. Se não quiser falar sobre isso, não vamos falar. Mas algumas pessoas merecem uma segunda chance. Nem todas. Só algumas.

— Theo...

Ele ergueu as mãos.

— Acabei. Acabei mesmo. Não vou falar mais nada sobre o seu pai.

— Jura?

— Juro.

— Obrigada.

Apesar de seu histórico, eu sabia que podia acreditar nele. Não voltaríamos a falar sobre o meu pai. Então, onde estava o alívio?

Olhamos um para o outro por um tempo, nossos rostos iluminados pelos domos. O som do oceano lá embaixo era relaxante como um spa, mas eu não conseguia deixar de pensar que algo sinistro se aproximava. Um passo em falso e tudo desmoronaria. E seria possível que parte de mim estivesse gostando que alguém me fizesse todas aquelas perguntas difíceis?

O silêncio se estendeu até eu não aguentar mais. Respirei fundo.

— Vamos sair daqui antes que algum pirata apareça.

E antes que eu comece a pensar em seus cílios outra vez. Havia algo em Theo que tornava difícil desviar o olhar.



Capítulo 14



#14. ESBOÇO EM MINIATURA DA BAÍA DE AMMOUDI

Um dia, meu pai e eu estávamos fazendo meu dever de casa na biblioteca, e perguntei se ele tinha uma foto do lugar onde havia crescido. Ele disse que não, mas se ofereceu para desenhá-lo para mim. Meu pai rabiscou rapidamente e, em seguida, deslizou o papel até mim. Não era uma casa ou um apartamento, como eu esperava. Era o oceano, um litoral ondulado que levava até penhascos a distância.

— Mas onde você morava? — perguntei.

— Lá — disse ele, apontando para o desenho.

Eu não entendi. Mas, antes que eu pudesse insistir, ele se levantou e perguntou se eu queria ir tomar uma casquinha de sorvete com granulado colorido, e as leis da infância proclamam que nada supera um sorvete, principalmente se tiver granulado colorido.

Fiquei surpresa ao encontrar o desenho na prateleira de cima de seu armário. Imaginei que ele tivesse jogado fora com a mesma facilidade com que o desenhou. No entanto, ele o detalhara, sombreando a água e definindo construções nos penhascos. Era lindo, mas não parecia um lar.

OS DIAS SEGUINTEs SE PASSARAM NUM BORRÃO DE FILMAGEM, PROTETOR solar e momentos delicados com meu pai, suavizados pela presença

de Theo. Entramos numa rotina: acordar cedo, reunir nossa quantidade obscena de equipamento, ir para o barco, trabalhar em nossa lista de tomadas e depois voltar depressa a Oia para ajudar na livraria até a hora de fechar, em seguida o pôr do sol, o jantar e editar/desenhar no terraço até estarmos cansados demais para ficar de olhos abertos. De novo e de novo.

Aquilo era suportável. Era realmente suportável. Não só Theo tinha parado de falar sobre minha reconciliação com meu pai, como meu pai também parecia contente em manter os papos num nível superficial. Não era nem um pouco confortável, mas eu poderia lidar com aquilo por mais uma semana.

Dax tinha voltado a me mandar mensagens — alívio —, mas notei que eu já não ficava pairando em volta do celular como antes. Eu nunca admitiria aquilo para minha mãe, mas ela tinha razão. Embora eu gostasse da minha vida social em Seattle, também era muito bom estar longe do barulho, do caos e das pressões e simplesmente *ser*. Mais de uma vez percebi que acidentalmente deixara meu celular no quatinho e passei dias inteiros felizes na água, sem me preocupar com o que estava acontecendo em Balboa. Já fazia um tempo que não me sentia tão livre.

Apesar das ruínas emocionais que meu pai e eu tentávamos contornar delicadamente, os dias ganharam velocidade, provavelmente por estarem tão cheios. Theo e meu pai eram perfeccionistas quanto ao conteúdo das tomadas, e eu, com relação ao visual de tudo. Acabou que eu levava mesmo jeito para a produção de filmes. Quando chegávamos ao local da gravação, eu olhava em volta, confiando em meus olhos para escolher o lugar perfeito para filmar. Era como se eu ouvisse um sininho e pronto: eu

sabia. Também saí para comprar um figurino novo para o meu pai e até o convenci a atualizar os óculos, o que melhorou imensamente sua aparência.

Refazíamos três ou quatro vezes a maioria das tomadas, o que era um problema, porque, onde quer que estivéssemos, as pessoas se aglomeravam ao redor da câmera, curiosas para ouvir o que meu pai estava falando ou para compartilhar suas próprias teorias sobre Atlântida. Eu não fazia ideia de que a população em geral ficava tão intrigada com a história. Se o documentário ficasse tão bom quanto eu imaginava, poderia ser um grande sucesso.

Também filmamos os penhascos na parte interna de Santorini, mostrando como as cinzas e as pedras-pomes da explosão do vulcão criaram camadas multicoloridas de rocha. Camadas que realmente era possível ver. A certa altura, meu pai disse que, se quisesse tocar Atlântida, bastava tocar aquela camada inferior, e a frase era tão boa que o arrastei e o fiz repetir tocando a rocha de fato. Sinceramente, fiquei um pouco emocionada ao ver aquilo e, quando ninguém estava olhando, estendi a mão e toquei rapidamente. Não senti Atlântida, o que não era de se estranhar. Senti rocha.

No quarto dia de filmagem, acordei de um sonho com água. Pela primeira vez, eu não estava me afogando. Quando abri os olhos, a luz do sol entrava pela nossa janela compartilhada. Como de costume, a cama do Theo já estava vazia e perfeitamente arrumada, com uma pilha de livros no travesseiro.

Eu me espreguicei, animada. Não sabia se era o rap francês ou a exaustão absoluta, mas, desde que chegara em Oia, eu não tinha tido um único pesadelo.

Àquela altura, eu era uma navegadora experiente do quartinho. Abri a porta da estante com calma, olhando cuidadosamente para dentro da livraria. Vazia. Perfeito. Desci.

Depois de tomar um banho rápido na caverna, peguei meu par de tênis mais resistente e subi até o terraço, onde encontrei Ana e meu pai com xícaras fumegantes de café nas mãos, falando baixinho em grego. Era uma manhã fria, a névoa ainda tênue no horizonte, e, quando ouvi suas vozes, diminuí instintivamente o passo.

Ana falava apressadamente, o tom nervoso, e parecia que meu pai tentava tranquilizá-la sobre alguma coisa. O que seria? Tentei escutar um pouco, mas eles falavam muito rápido e não consegui pescar mais do que algumas palavras em grego. Eu espiava no canto quando meu pai me avistou e se levantou depressa no meio da frase.

— Liv!

Pega no flagra.

— Bom dia, pai. Está se sentindo melhor? — perguntei, juntando-me a eles.

Meu pai se empenhava ao máximo no trabalho e, quando voltávamos a Oia, geralmente estava tão exausto que pulava o jantar e ia direto para a cama. Naquela manhã, sua cor tinha voltado ao normal e seus olhos brilhavam de novo, o que era bom, porque tínhamos muito o que filmar.

— Uma boa noite de sono cura quase tudo — respondeu ele, sorrindo. — Me contaram que Bapou fez sua famosa mussaca.

— Estava uma delícia.

Minha boca encheu de água só de lembrar. A mussaca de Bapou era feita com berinjelas cortadas bem finas, cordeiro bem temperado

e um saboroso molho bechamel. Depois de um longo dia de trabalho, parecia que eu tinha morrido e ido para um paraíso com cheiro de orégano.

— Pronto para o dia da egiptologia? — perguntei.

Naquele dia, íamos filmar os meandros da teoria de que Santorini era a Atlântida do meu pai e, depois que decidi que a melhor locação seria o interior da livraria, Theo e eu viramos a noite arrumando o cenário. Tínhamos limpado a mesa e pendurado alguns dos mapas do meu pai na parede, e eu passara quase uma hora organizando livros e bugigangas para fazer parecer que estávamos no escritório de um grande especialista em Atlântida. Tive que admitir que havia ficado ótimo, e Ana concordara em fazer uma rara exceção à sua rotina de abrir a livraria logo cedo. A loja abriria ao meio-dia.

Os ombros do meu pai caíram em resignação.

— Liv, mil desculpas, mas temos um pequeno... conflito.

A palavra "conflito" interrompeu minha linha de raciocínio. Aquilo e o olhar penetrante que Ana lançou para o meu pai.

— Como assim? — perguntei.

Ele deu de ombros como quem se desculpa.

— Sinto muito, mas surgiu um imprevisto na ilha principal. Preciso pegar a próxima balsa para Atenas. Vocês vão ter que fazer a filmagem de hoje sem mim.

— Mas... — hesitei, nervosa. — Como? Hoje é sobre você e sua teoria. Não podemos filmar sem você aqui. Já montei o cenário dentro da livraria.

Seu rosto mostrava decepção.

— Sei que é inconveniente e sinto muito. Já falei com o Theo. Vocês dois farão o máximo que for possível, e eu continuo de onde pararem assim que voltar à tarde.

Eu estava muito confusa. Só nos restavam mais alguns dias, e perder um só que fosse colocava o nosso prazo em risco. Ele sabia daquilo melhor do que ninguém. Além do mais, ele ia mesmo embora no meio da minha visita? O chão sumiu sob meus pés como aconteceu no aeroporto, quando percebi que meu pai não estava lá, e de repente preendi a respiração.

Respira, Liv. Você não tem mais oito anos. Ele não pode abandonar você de novo.

Endireitei os ombros, espantando o pânico.

— Qual o imprevisto em Atenas?

Ana e meu pai trocaram outro olhar.

— Bem... — começou ele.

— Negócios, sempre negócios — suspirou Ana. — Seu pai infelizmente tem que fazer muita coisa para manter a livraria funcionando. Tivemos umas complicações com a licença comercial.

Licença comercial?

— Mas... a livraria não está aberta há mais de um ano? — perguntei, olhando em volta.

— Complicações — repetiu Ana, revirando os olhos.

Naquela manhã, ela usava um vestido longo mostarda com detalhes em renda, e seus pés, como sempre, estavam descalços. Ela devia ter pintado as unhas do pé recentemente, porque estavam num tom vivo de rosa.

Meu pai colocou a mão no meu ombro.

— Estarei de volta no fim da tarde para retomar a filmagem. Depois, você gostaria de ir comigo a um cruzeiro ao pôr do sol? Você precisa ver o sol se pondo de dentro da água antes de ir embora.

Eu ainda tentava me recompor, reconfigurar o dia na minha cabeça. Se ele tinha que ir, tinha que ir. Nós daríamos um jeito. Eu tiraria uma foto do cenário e poderíamos recriá-lo quando ele voltasse.

— Ana e Theo também vão?

Ele fez que não.

— Pensei em sairmos sozinhos hoje.

Meu estômago revirou dramaticamente. Até aquele momento, minha visita tinha sido suavizada pelo trabalho, por Ana e por Theo. Sem eles, sobre o que falaríamos?

— Vai ter um pequeno grupo no cruzeiro — disse meu pai depressa, como se pudesse ler minha mente. — Um amigo meu é dono do iate. Vamos jantar, vai ter música. Vai ser uma noite ótima.

Olhei para a água. Eu já tinha visto barcos acompanhando o pôr do sol pela caldeira à noite e, apesar do potencial constrangimento, parecia... legal.

— Tá — falei, cautelosa.

Ele pendurou a mochila nos ombros.

— Maravilha. É um evento mais arrumadinho, ainda que nada muito sofisticado. Pego você às quinze para as seis?

Eu tinha mesmo topado um evento pai e filha? Tinha, sim. Assenti, nervosa demais para falar, e ele me deu um abraço rápido, então desapareceu escada abaixo, disparando na velocidade de sempre.

É UMA MÁ IDEIA, meu cérebro prestativo me alertou. Era tarde demais para desistir, e eu passaria o dia todo preocupada com o cruzeiro.

— Desculpa por estragar seus planos de hoje — disse Ana, vendo meu pai seguir pela rua. — Nossa licença tem sido uma dor de cabeça. Com sorte, hoje ele resolve isso.

Fiz que sim, mas não conseguia conter aquela sensação. Mais uma vez, meu pai colocava suas prioridades acima dos nossos planos e me deixava sozinha para lidar com as consequências. A parte mais difícil daquilo tudo era desejar que não me afetasse tanto.

* * *

Ana me avisou que Theo tinha ido nadar, então, enquanto o esperava voltar, acampei no terraço. Eu tinha planejado aguardar completamente pronta, mas me deixei distrair pelo meu caderno, então ainda estava de pijama, tentando desenhar os domos azuis de memória enquanto ouvia Geoffrey falar com uma cliente britânica junto à entrada da loja. Ela pedira uma leitura para a praia, e ele estava exaltando *As vinhas da ira*.

— Às vezes, o desolador é o que faz o belo se destacar — explicou Geoffrey. — Sem a escuridão, poderíamos notar as estrelas? Devia ser um dia ruim com a Mathilde.

— Não acho que quero ler sobre a Grande Depressão americana nas férias. Que tal uma comédia romântica? Algo leve?

A mulher começava a soar desesperada.

— Que tal *Anna Karenina*? — sugeriu Geoffrey. — Isso é que é história de amor.

Não tinha percebido que Theo estava de volta até ouvir sua voz por cima do meu ombro.

— Está ficando ótimo — disse Theo, o cabelo molhado pingando no meu caderno. — Ah, não!

— Não tem problema — assegurei-lhe, tirando a água. — É um esboço descartável. E só está bom por causa dos pastéis a óleo que meu pai me deu. São incríveis.

Levantei o caderno ao sol para ver melhor.

— É como dizer que uma refeição está deliciosa porque foi servida num prato bonito — disse Theo, jogando-se na cadeira ao meu lado. — Você é muito modesta.

Dei de ombros, depois fechei meu caderno e me virei para ele.

— Você acredita que meu pai foi para Atenas hoje? Tivemos tanto trabalho arrumando a livraria ontem à noite.

— Ninguém morre de fome *per se* — ouvi Geoffrey dizer lá embaixo, ainda defendendo sua posição enquanto a cliente murmurava uma resposta.

O olhar de Theo tinha corrido para a caldeira.

— A licença comercial tem sido um problema sério.

Eu ainda estava lutando com meus sentimentos sobre o caso. Meu pai não havia abandonado nossos planos. Tinha surgido um problema. Minha reação era ridícula.

— Isso significa que vamos perder um dia inteiro. Você não está preocupado?

— Um pouco. Mas o que podemos fazer? Ter um negócio em Santorini definitivamente vem com suas dificuldades. Eles tiveram de

enfrentar um monte de burocracia pra manter a loja funcionando, e seu pai tem que cuidar de toda a papelada.

Ele cruzou um tornozelo sobre o joelho, e fiquei vendo Theo balançar o pé, ansioso, o olhar ainda distraído em direção à água.

Encarei seu pé em movimento, me perguntando para onde tinha ido o Theo sincero e direto ao ponto. Claro, ele estava preocupado com a mãe e a livraria. Dava para entender. Para minha sorte, eu sabia como fazê-lo parar de pensar naquilo. Olhei de volta para a direção de onde vinha a voz de Geoffrey.

— Então você não se interessa pela seca que agravou a Grande Depressão — disse Geoffrey. — Que tal *1984*, do Orwell?

A cliente bufou.

— Você está brincando? Esse livro é uma tragédia distópica. Uma leitura de praia. Eu quero uma leitura de praia.

Guardei o pastel que segurava na caixa, então bati de leve no pé do Theo com o meu.

— Como diretora de fotografia, gostaria de fazer uma sugestão. Não, na verdade, eu gostaria de tomar uma *decisão*.

Theo moveu suavemente o olhar até o meu e arqueou uma sobrancelha.

— Então, antes você não queria o cargo e agora está com sede de poder?

Acenei a mão como se não desse importância.

— Escuta. A filmagem de hoje deveria estabelecer a credibilidade da teoria do meu pai. O que me deu a ideia de contratar um narrador que pudesse ajudar com isso.

Ele franziu a testa.

— Como assim?

— *O senhor das moscas?* — ressoou a voz do Geoffrey. — *A redoma de vidro?*

— *Você já foi à praia?*

Endireitei-me, sentando mais para a frente na cadeira. A ideia só estava parcialmente formada quando comecei a falar, mas tomava corpo.

— *Você não acha que a teoria do meu pai soaria mais legítima se os fatos viessem de outra pessoa que não ele? Na maior parte do filme, ele aparece explicando e contando a história. Mas e se tivéssemos uma segunda voz, meio que dando apoio? Um narrador também poderia amarrar as cenas e explicar onde meu pai está e o que estamos filmando. Meu pai não teria que falar o tempo todo. Poderíamos mostrá-lo em ação. Vagando pelas ilhas, filosófico e melancólico.*

Os olhos de Theo se iluminaram, e ele sentou mais para a frente.

— *Kalamata, isso é brilhante!*

Vai embora, frio na barriga.

— *Você é boa nisso* — acrescentou.

Procurei me acalmar, para disfarçar as bochechas avermelhadas, e cutuquei o braço dele.

— *Não fique tão surpreso. Precisamos de alguém que tenha uma voz boa e firme para dar às ideias do meu pai mais seriedade. Alguém que pareça saber tudo. Como aquele cara que narra trailers de filme. Sabe de quem estou falando? É o que faz todas as divulgações dos filmes americanos.* — Deixei a voz o mais grave possível. — *Em um mundo...*

— *Isso. O narrador dos trailers seria perfeito. Mas você acha mesmo que ele estaria passeando numa pequena ilha grega?*

Theo olhou para a frente e para trás dramaticamente.

— Mas às vezes você não *precisa* de esperança — insistia a voz do Geoffrey.

Eu sorri.

— Vem comigo.

Theo me seguiu até a livraria, onde Geoffrey sorria, olhando para o celular. Sua cliente devia ter fugido.

— Oi, Geoffrey — falei.

Ele gesticulou com o aparelho.

— Três chamadas perdidas da Mathilde enquanto eu ajudava aquela cliente.

— Geoffreyyyyyy — gemeu Theo, mas pisei no pé dele, fazendo-o calar a boca.

Não estávamos ali para debater a existência de namoradas bailarinas. Estávamos ali para — como eu tinha lido em um dos muitos sites de cinema que andara visitando nos últimos dias — *eleva* *nosso* *filme*.

— Ei, Geoffrey, o Canadense. Tenho uma pergunta para você...

* * *

Geoffrey, o Canadense, era um excelente locutor por vários motivos: não só ele tinha uma voz inexplicavelmente perfeita, mas a tal voz era barata (só tivemos que comprar uma granita de uma barraquinha perto do ponto de ônibus), e Ana estava disposta a emprestá-lo durante o dia, com a condição de que ajudássemos na correria da tarde.

Primeiro, Theo e eu nos entocamos no quartinho para listar todas as nossas ideias, levantando o máximo de detalhes possível sobre a teoria de Atlântida do meu pai. Então, escrevemos um roteiro e pedimos a Geoffrey para praticar algumas vezes, acertando os pontos que pareciam muito cafonas ou exagerados.

Passamos quase a manhã inteira e um pouco da tarde gravando Geoffrey na caverna, em parte porque a acústica era boa, mas principalmente porque todos os outros lugares estavam lotados. Entre as tomadas, nos revezávamos ajudando na livraria e abanando uns aos outros com um grande papelão que encontramos em cima de uma caixa.

Quando terminamos, estávamos banhados de suor e eu nunca mais queria ouvir falar de *civilizações perdidas* ou *fluxos piroclásticos*. A boa notícia era que eu tinha razão. Quando Theo colocou um rápido trecho da narração sobre algumas das filmagens que já tínhamos, ficou mesmo mais profissional. *Muito* mais profissional.

A má notícia era que, apesar dos meus esforços, o projeto não tinha me feito parar de pensar no jantar com o meu pai. Era pedir muito.

Como prometido, trabalhamos durante a correria da tarde. Depois, Theo saiu depressa para fazer algumas tomadas panorâmicas enquanto eu seguia até a caverna para um segundo banho e tentar descobrir o que seria um traje apropriado para o iate. Provavelmente por conta do nervosismo em relação a passar um tempo com meu pai, eu não conseguia decidir o que vestir. Tudo o que sabia sobre iates vinha de videoclipes. Em algum momento,

começariam a jogar dinheiro para o alto enquanto mergulhávamos no oceano?

Talvez eu estivesse esquentando demais a cabeça com aquilo.

Experimentei dois vestidos diferentes, uma saia e um macacão antes de escolher o primeiro vestido: o longo com decote em V que tinha usado na formatura do Dax. Em seguida, achei um pequeno secador embaixo da pia e arrumei o cabelo, me maquiei e calcei minhas sandálias plataformas preferidas. E, porque Coco Chanel disse que “uma mulher que não usa perfume não tem futuro”, borrifei um pouco em mim e saí da caverna tossindo.

Se alguém precisava de futuro, era eu. *Para o alto e avante.* Eu não tinha a menor intenção de conversar sobre o passado com meu pai naquela noite. Na verdade, torcia para que nem falássemos muito.

Parte de mim desejava que a viagem do meu pai para tratar da licença comercial tivesse sido estendida, mas, assim que entrei na livraria, encontrei-o ajudando Ana no caixa. O cabelo dele estava molhado e recém-penteado, e ele usava uma das camisas de botão que eu aprovara para as filmagens, daquela vez abotoada direito. Estava também de bermuda e chinelo. Ele tinha seus limites.

Os dois ergueram os olhos quando entrei, e um sorriso tomou conta do rosto do meu pai.

— Liv, você está parecendo sua mãe.

— Obrigada.

Não me dei ao trabalho de lhe dizer o que nós dois sabíamos... que eu não parecia em nada com minha mãe loira de pernas compridas. Eu parecia com *ele*.

Havia um buquê de flores frescas no balcão, que ele pegou e trouxe para mim.

— Vi essas aqui na minha barraca de flores preferida em Atenas. Lembrei de você.

Era um buquê pequeno, as cores dispostas em uma combinação simples de rosa-claro e branco. Algo nelas *realmente* tinha a ver comigo, mas eu não sabia bem o quê. Além do mais, era só eu ou aquilo estava começando a parecer um estranho encontro de baile de formatura? Será que uma limusine decadente estava prestes a parar em frente à livraria?

Ana se aproximou depressa.

— Ah, que amor! Liv, você está um charme.

— Devo ir me trocar? — perguntei, apontando para os chinelos dele. — Porque pensei que você tivesse dito que era mais formal...

— Não mude nada — declarou Ana na mesma hora. — Você está linda.

— Concordo — disse meu pai.

— Está bem.

Afundi o nariz no buquê, inspirando profundamente. O cheiro era incrível, mas minha intenção era disfarçar o pânico que sem dúvida começava a transparecer no meu rosto. Iríamos sair sozinhos. Na última vez que aquilo acontecera, eu tinha *oito anos*. E se meu pai tentasse falar sobre a época antes de ele ir embora, ou como tinha sido depois que ele partira, ou...?

Respira, Liv.

Eu precisava me manter sob controle.

— Como foi em Atenas? — consegui perguntar. — Resolveu tudo com a licença comercial?

Tentei ao máximo disfarçar a decepção ou o que quer que fosse.

Ele e Ana trocaram um olhar rápido que não passou despercebido por mim. O que era aquilo? Arrependimento?

— Quase tudo — disse meu pai. — Mas soube que *você* teve um dia de trabalho e tanto aqui. A ideia da narração foi genial.

Fiz que sim, apreciando a sensação do chão sólido sob os meus pés. Desde que falássemos sobre o documentário, ficaria tudo bem.

— Geoffrey fez um ótimo trabalho.

— Fiz, não é? — Geoffrey veio da segunda sala, carregando uma grande pilha de livros e, quando me viu, mostrou surpresa. — Esse vestido! Me lembra o que Mathilde usou para fazer suas fotos profissionais. Infelizmente, ainda não colocaram no site, então não posso mostrar.

— Não é curioso? — disse Ana, abrindo um discreto sorriso para mim, e apontou para o relógio. — É melhor vocês dois irem logo. O barco vai atracar que horas? Às seis?

— Cinco e cinquenta — corrigiu meu pai.

Ele começou a mexer na manga da camisa, e uma verdade alarmante se abateu sobre mim. Meu pai estava tão nervoso e hesitante quanto eu. Como conseguiríamos fazer aquela noite dar certo?

— Bem...

Ele olhou para a sala como se também esperasse por algum tipo de emergência na livraria... um corte de papel letal? Uma avalanche de romances? Como nada aconteceu, ele finalmente se virou para mim.

— Vamos?

Meu pai estendeu o braço, e acenei para Ana e Geoffrey.

— Eu fico com as flores — disse Ana, pegando-as de mim.

Senti um ímpeto de agarrar seu braço e fazê-la ir junto, mas duvidava que fosse dar certo. Além do mais, eu precisava acabar logo com aquilo.

— *Au revoir* — cantarolou ela. — Tenham uma ótima noite.

Quem dera.

Meu pai segurou a porta da livraria para mim e saí para a noite clara e calma. Senti como se estivesse andando numa prancha. Bem, andando na prancha com sandálias plataforma e sabendo que um jantar refinado me esperava do outro lado.

Mas, de resto, exatamente igual.



Capítulo 15



#15. SUDOKU SEMIACABADO

Meu pai e eu buscávamos Atlântida em tempo integral e relaxávamos em bancos em meio período, todas as vezes que conseguíamos. Ele dizia que faltava aquilo nos Estados Unidos: as pessoas nunca tiravam um tempo para simplesmente ficarem sentadas. Havia um banco no Grant Park que provavelmente tinha nossos nomes escritos de tantas horas que passamos lá. Eu sempre levava um livro para colorir e uma caixa de giz de cera, e meu pai, o sudoku que estivesse fazendo, embora quase nunca pegasse no quebra-cabeça ali. Em vez disso, sentávamos lado a lado, em silêncio, absorvendo tudo.

Meu pai dizia que existiam dois tipos de silêncio, o silêncio que é vazio e o silêncio que é completo, e que nunca era difícil descobrir com qual se estava lidando. Ele tinha razão quanto a isso.

PEGAMOS O MESMO CAMINHO DE SEMPRE PARA O MAR. DEVERIA TER sido mais fácil descer até lá sem todas as parafernálias que normalmente carregávamos, mas a conversa pouco natural pesava quase o dobro do equipamento de filmagem, e, quando chegamos ao castelo, eu já estava sem fôlego. Também estava tendo dificuldades para me movimentar como uma pessoa normal.

Era inspirar e depois expirar? Como as pessoas balançam os braços ao caminhar? Será que era mesmo necessário trezentas pessoas virem nos cumprimentar toda vez que passávamos?

Além disso, sandálias plataforma deveriam ser proibidas na ilha. Com o que eu estava na cabeça quando as escolhi?

Enquanto descíamos as escadas, comigo agarrada ao corrimão tentando decidir se ousava seguir descalça, meu pai começou a explicar longa e detalhadamente como funcionavam os cruzeiros ao pôr do sol na ilha enquanto eu fazia *aham* como se achasse aquilo o assunto mais interessante do mundo. Quer dizer, não que fosse desinteressante. Os cruzeiros ao pôr do sol eram um grande negócio em Santorini. A maioria deles durava quatro ou cinco horas, partindo do centro de Fira e parando em vários destinos e áreas para nado antes da chegada culminante a Oia para o jantar e o pôr do sol.

Pelo menos haveria outras pessoas a bordo. Agarrei-me com força àquele fato. Precisávamos de mais alguém para aliviar o clima. Onde estava Theo com sua câmara gigante?

Com velas altas e interior de madeira polida que reluziam sob a luz cambiante da noite, o barco parecia mais um navio pirata em fuga do que o iate que eu havia imaginado. Cerca de vinte convidados já estavam a bordo, suas idades variando de velhos a mais velhos ainda. A julgar pelas expressões eufóricas e pelos copos de vinho pela metade, eles já estavam festejando havia algum tempo. Encararam nós dois com franca curiosidade, e me perguntei como nos enxergavam. Será que parecíamos um pai e uma filha normais? Ou o desconforto exalava de nós em uma nuvem grande e feia? As pessoas adoram um desastre. Não era de admirar que parecessem tão alegres.

— Nico Varanakis! — gritou o capitão, correndo para nos ajudar a subir a bordo. — Senhoras e senhores, temos um clandestino do melhor calibre. As histórias que ouviram são verdadeiras. Finalmente, posso lhes apresentar Nico, o caçador de Atlântida!

O capitão devia ter feito uma apresentação e tanto do meu pai, porque o barco inteiro irrompeu numa agitação enlouquecida, aplaudindo e gritando, alguns deles batendo colheres nos copos e gritando "OPA!". Meu pai fez uma reverência, o que foi ao mesmo tempo constrangedor e adequado. Vários outros "opa!" ecoaram sobre a água, e, quando meu pai se levantou, suas bochechas estavam vermelhas. Se eu não tivesse tanto medo do oceano, teria aproveitado a oportunidade para me atirar em suas profundezas. Estávamos mesmo prestes a entrar naquele circo?

O capitão caminhou até nós com movimentos exagerados, manejando habilmente o barco e a doca oscilantes, e estendeu os braços de forma acolhedora. Ele devia estar na casa dos vinte e tantos ou trinta e poucos anos, com a pele bem bronzeada e uma barba densa, e visivelmente se empenhava na imagem de capitão de iate. Usava uma jaqueta branca bem ajustada nos braços, óculos escuros de aviador e um pequeno quepe com um bordado dourado na aba. Parecia mais uma fantasia do que um uniforme.

Como se tivesse lido minha mente, ele piscou para mim, a voz ainda alta o suficiente para o restante do cruzeiro ouvir.

— Ah, a *filha da Atlântida*. Vamos começar com um teste sobre a cultura grega. O resto de vocês, nada de ajudar.

Ele se virou e balançou o dedo para os outros em advertência, fazendo com que comessem a aplaudir novamente. Os passageiros comiam na palma da mão dele.

— Vamos começar. Aqui na Grécia, todos os homens têm um dentre cinco nomes. — O capitão ergueu a mão e apontou para cada dedo, um a um. — É um exagero, claro, mas recebemos o nome de nossos avôs, e nossos avôs receberam o nome de seus avôs e assim por diante, para todo o sempre, amém. Só estou exagerando um pouco. Se conseguir adivinhar meu nome, você ganha meu *chapéu*.

Ele o tirou, lançou-o girando para o alto, depois o pegou com uma das mãos atrás das costas e fez uma mesura para mim com um floreio, ganhando outra salva de palmas.

Ridículo. Mas o que ele disse era verdade. O povo de Santorini adorava dar nomes em homenagem uns aos outros. Pensando em todas as pessoas a que meu pai me apresentara, eu só tinha ouvido alguns poucos nomes gregos: Marias, Anastasias e Christos, todos interligados em uma corrente. E, por mais constrangedor que aquilo fosse, eu estava aliviada. Um diretor de cruzeiro brega podia suavizar as coisas ainda melhor do que Theo. De qualquer maneira, eu topava.

Os passageiros sorriram para mim em expectativa, e o capitão do iate recolocou o chapéu.

— Bem?

— Giorgos — arrisquei, disparando o primeiro nome que me veio à mente.

O capitão do iate sorriu alegremente.

— Não! Mas é um bom palpite. Tente outra vez.

— Dimitris?

— Errado!

— Constantino?

— Errou de novo!

Minha mente vasculhou as trezentas pessoas que meu pai tinha me apresentado nos últimos dias. Uma mulher de cabelos grisalhos no barco acenou para mim, querendo me encorajar.

— Kostas?

Bingo. Kostas abriu um sorriso, e o barco todo comemorou quando o chapéu pousou em minhas mãos.

— Muito bem. Você é tão inteligente quanto bonita. Agora, por favor, fique à vontade.

— Bom trabalho — disse meu pai, me seguindo pelo barco.

Por um instante, tudo estava bem. O barco parecia rico e luxuoso, e a água de um azul profundo nos embalava numa cadência preguiçosa. Todo mundo queria apertar a mão do meu pai e me cumprimentar. Até que vi onde deveríamos nos sentar, e meu bom humor despencou. Havia dois assentos acolchoados posicionados junto à proa do iate, a uns três metros de distância dos demais passageiros, que estavam sentados ombro a ombro, sem nem um centímetro entre eles. Ou seja, eu não poderia contar com estranhos para sobreviver àquela noite. Excelente. Acomodei-me no banco, tentando não entrar em pânico.

E então... mais silêncio. Silêncio enquanto Kostas dava ordens para a tripulação e silêncio enquanto o navio avançava devagar pela água, a música ressoando nos alto-falantes. Tínhamos recebido assentos VIP, é claro. A vista dali era de tirar o fôlego, mas eu estava tão ansiosa que era fisicamente doloroso ficar parada. Eu olhava para a água, para as velas, de volta para a água, para Oia lá em cima, para os passageiros, que faziam um jogo de beber que parecia girar em torno do refrão da canção grega que tocava a todo volume. Meu pai, por outro lado, estava completamente imóvel, os ombros

tensos, olhando para o mar. Ele quase nunca ficava parado daquele jeito. Em que estaria pensando? Será que estava tão desconfortável quanto eu? Por que não podíamos ter nos atido à produção do documentário? Os minutos se passavam, até que não aguentei mais. Por fim, aponte para Kostas, falando a primeira coisa que me veio à mente.

— Pai, você tem o nome do seu pai?

Ele hesitou, e notei a inquietude que passou rapidamente por seu rosto. Eu não sabia quase nada sobre sua família, só que ele havia perdido os pais antes de ir para os Estados Unidos. Ou seja, eu tinha acabado de mexer em um vespeiro extremamente delicado na minha tentativa de manter as coisas o menos vespeiras possível.

Mandou bem, Liv.

Então, para minha surpresa, uma expressão de alívio. Talvez por eu ter demonstrado algum interesse em sua vida? Meu pai se inclinou para perto.

— Sim, recebi o nome do meu pai. E do pai dele. Se tivesse nascido menino... você se chamaria Nico. — Ele sorriu, a inquietude não mais presente em seu rosto. — Você escolheu ser chamada por um lindo nome, mas sabe a história do nome que lhe demos?

Nome que lhe demos. Era engraçado pensar assim, como se eu tivesse recebido um presente embrulhado com um laço. Olhei para os outros passageiros, desejando estar com eles.

— Olive? Não. Mamãe nunca me contou.

Foi uma cutucada não intencional, mas uma cutucada mesmo assim. Desde os meus oito anos, minha mãe era a única que poderia ter me dito de onde viera meu nome.

Ele pescou a provocação, o rosto tranquilo.

— Tínhamos uma oliveira perto de casa quando eu era criança. Era muito antiga. Devia ter uns duzentos anos. Eu costumava subir na árvore e imaginar todas as coisas que ela havia visto e todas as coisas que devia saber. — Meu pai olhou nos meus olhos. — Então, quando segurei você pela primeira vez, vi os seus olhos. Eram tão grandes e brilhantes que parecia que você também sabia das coisas, e me lembrei imediatamente daquela árvore. Eu senti sua força. Sabia que você resistiria a qualquer coisa. E aqui está. Você resistiu.

O barco passou por um trecho difícil, levando respingos e pânico ao meu rosto. A água salgada fez meus olhos arderem, e os esfreguei com força. Por que eu não conhecia aquela história sobre mim? Será que minha mãe sabia? Será que eu já tinha ouvido aquilo antes? A parte da oliveira me parecia vagamente familiar, mas meu pai nunca falara muito sobre sua infância, então... O pânico se agravava e, quando baixei o olhar, ele grudou nos números tatuados no braço do meu pai, os que significavam *família*.

Uma onda de raiva me tirou do desespero por tempo suficiente para eu recuperar o fôlego. Quem esperava um cruzeiro geriátrico para contar à filha histórias importantes assim? E por que ele estava me contando aquilo, afinal? Será que não percebia como era doloroso?

— Pai... — comecei, mas não sabia como continuar.

Não sabia como dizer a ele que nosso elo tinha se rompido havia muito tempo. Ele já devia saber, certo?

Sua voz se elevou, e logo notei que ele tinha interpretado errado minha emoção.

— Liv, tenho tanto para lhe falar e explicar que não sei bem por onde começar. Quando fui embora...

Ele respirou fundo, os olhos cheios de lágrimas de repente.

Ah, não. *AH, NÃO*. Ele planejara um cruzeiro de desculpas. Eu tinha que impedi-lo.

— *Pai*.

Daquela vez, a palavra saiu como um pedido brusco para que parasse, e ele entendeu. Então contraiu os lábios, olhando para mim.

Respirei fundo, forçando meus pulmões a se expandirem apesar de todos os sentimentos conflitantes que lutavam por espaço em meu peito.

— Estou bem. Foram anos difíceis, mas minha vida está boa agora. Mamãe e eu seguimos em frente, ela se casou de novo. Tenho um irmão mais novo, muitos amigos, um namorado e uma vida inteira. Ficou tudo *bem*.

Sem a sua ajuda. Eu não disse as palavras, mas elas se fizeram ouvir.

— Não quero que a gente perca tempo remoendo as coisas — acrescentei, rapidamente. — Quero aproveitar isso aqui.

Isso aqui. O que *isso aqui* queria dizer? O cruzeiro? O pôr do sol? Acho que estava aberto à interpretação.

Meu pai parecia um pouco atordoado. Olhos arregalados, a boca curvada para baixo. O silêncio se estendeu entre nós. Um... dois... três... e...

— Certo — disse ele por fim, acenando com a cabeça. — A escolha é sua. — Ele assentiu de novo. — Gostei muito de passar os últimos dias com você. Vamos aproveitar o pôr do sol.

— Ótima ideia — falei, mas minha voz saiu meio sufocada, e ele me lançou um olhar penetrante que fingi não notar.

Eu me virei depressa para encarar a água e, pelos quinze minutos seguintes, foi o que fiz — se *aproveitar o pôr do sol* significava observar sem jeito o grande orbe reluzente para que ninguém notasse que eu estava tentando conter as lágrimas e lutando contra um pequeno ataque de pânico, enquanto o resto do navio se acabava ao som do que parecia uma versão grega da música “My Sharona”.

Foi péssimo.

Por fim, para meu alívio absoluto, dois garçons vieram do casco da embarcação, trazendo pratos cheios de comida. Souvlaki temperado em espetinhos de madeira, arroz com aroma de limão e uma salada feita com pedaços grossos de queijo feta, tomate e pepino. Eles até montaram pequenas bandejas para nós e serviram refrigerante para mim e vinho para o meu pai.

— Aproveite — disse meu pai, encostando o copo no meu.

Seu rosto ficou sério e, por um instante, pensei que insistiria em falar sobre por que fora embora, mas ele só se inclinou em minha direção.

— Me conte sobre o Dax — pediu.

Ouvir meu pai dizer o nome dele era um choque desconcertante dos meus dois mundos. Claro que minha mãe havia lhe contado sobre o Dax. Eu me apoiei na borda do barco.

— Mamãe pediu para você me perguntar isso?

Ele inclinou a cabeça com curiosidade.

— Não. Por quê? Ela deveria?

O barco ganhava velocidade, deslizando sobre o oceano em direção ao sol poente, e o refrigerante se derramou um pouco do

copo. Eu tinha a estranha sensação de correr e estar parada ao mesmo tempo.

Balancei a cabeça.

— Não. Acho que ela não gosta muito dele.

As palavras dela ecoaram em minha mente. É fácil se perder em seu primeiro relacionamento. Não era de admirar que minha mãe fosse tão desconfiada com relação ao Dax — o primeiro relacionamento custara muito a ela.

— Não gosta? — perguntou ele.

Não havia nenhum motivo para eu entrar em detalhes sobre o estado do meu relacionamento, então claro que fiz isso.

— Dax quer que a gente vá para a mesma faculdade ou, pelo menos, para faculdades próximas. Ele está um ano à minha frente e vai para Stanford.

— Stanford — disse meu pai, e um sorriso se abriu em seu rosto. — Então Dax é um bom aluno.

Ele parecia admirado, e meu peito foi tomado por alívio. Minha mãe não parecia capaz de ver as qualidades do meu namorado. Ou talvez ela não ficasse tão impressionada com aquilo quanto as outras pessoas. Eu me animei um pouco, cravando meu garfo em um pedaço de queijo feta.

— Pois é. É um ótimo atleta. Era o capitão da equipe de polo aquático da nossa escola. É muito bom mesmo.

Meu pai colocou o guardanapo cuidadosamente no colo.

— E para qual faculdade você quer ir, Liv?

— RISD.

A resposta saiu automaticamente. Eu ainda não tinha contado para ninguém além da minha mãe. Nem tinha falado muitas vezes

para mim mesma. Na verdade, eu só dera uma espiada no site, anotara quais das minhas obras seriam melhores para usar na inscrição e fingira não me importar, mas na verdade me importava tanto que aquilo fazia com que eu me sentisse no meio de um enxame de abelhas. Respirei fundo, os olhos focados na minha salada.

— É a...

— Escola de Design de Rhode Island?

Ergui os olhos, surpresa, e vi que ele estava com as mãos em volta do copo, um sorrisinho no rosto.

— Você já ouviu falar.

Ele abriu ainda mais o sorriso.

— Um dia também sonhei em entrar lá. Mas a vida deu reviravoltas inesperadas.

— Espera... *Como assim?*

Deixei cair o garfo com um barulho alto, como se eu estivesse tropeçando, escorregando, *sei lá*. Meu pai já pensara em se inscrever para a RISD? Minha mãe sabia daquilo?

Claro que sabia. E nunca mencionara. Só ficava me incentivando e pregando os folhetos no quadro de recados da família. Aquilo era estranho demais. Era *intenso* demais. Eu tinha feito de tudo para me desvencilhar do meu pai, mas, de alguma forma, a influência dele me seguiria até a faculdade?

A RISD de repente parecia tão fora de alcance e insignificante quanto as pequenas casas-cavernas que se afastavam ao longe.

Enfiei as mãos embaixo das pernas, tentando fazer com que parassem de tremer.

— De qualquer maneira, não importa — falei. — É difícil entrar lá. Extremamente difícil.

Ele balançou a cabeça, os olhos brilhando.

— Não. Suas notas são excelentes. E seu trabalho artístico também.

Ela tinha contado minhas notas para ele? *Affe*. Minha mãe me devia uma explicação muito séria.

— Ainda assim, as chances são baixas.

— As chances de estar vivo são baixas — rebateu meu pai. — E a arte não é o seu futuro, é o seu presente. Ela está na maneira como você faz tudo.

Ele estava certo, mas eu queria muito que estivesse errado. Eu *precisava* que estivesse errado.

— Mas ser artista... — comecei, estendendo a mão e segurando meu garfo com força. — Não faz muito sentido financeiramente. Não é uma boa ideia me endividar para pagar a faculdade e...

Ele bateu na bandeja, fazendo seus talheres e eu pularmos.

— O que ganhar dinheiro tem a ver com arte? Você não faz arte para ganhar dinheiro. E não faz porque é conveniente. Faz porque é o que veio ao mundo para fazer e, se não fizer, estará fugindo de si mesma. Liv, você não está aqui para fracassar. Está aqui para *criar*.

O discurso apaixonado, estrelando Nico Varanakis. Já houvera uma época em que eu ouvia aqueles discursos quase diariamente. Tinha esquecido como eles faziam as coisas — a vida — parecer tão grandiosas. Será que era assim? A arte seria mesmo meu destino? Tá, destino era uma palavra meio exagerada, mas a arte seria mesmo quem eu era?

Suas palavras pairavam no ar e, por um instante, não pude deixar de acreditar nele. E, de um jeito ainda mais forte, acreditei que *ele* acreditava em mim. Isso deu um nó na minha mente, porque como alguém que acreditava em mim podia ter me deixado? Era uma contradição. Um enigma insolúvel. Ele não podia ser as duas coisas, mas eu sabia que, naquele segundo, ele era.

Meu pai literalmente *me dava dor de cabeça*. Minha mente fervilhava de perguntas. Será que ele estava defendendo a paixão da própria vida? Será que tentava explicar o que o levara de volta a Santorini?

Já havíamos mergulhado algumas centenas de metros. Por que não mais alguns? Respirei fundo.

— É por isso que você procura Atlântida? Se não estivesse procurando por ela, estaria fugindo de si mesmo?

Ele me encarou por um instante, então seus ombros se curvaram.

— Fugindo, sim. Atlântida sempre foi importante para mim. Às vezes mais importante do que deveria ser. — Ele olhou para o prato. — Theo me falou para perguntar o que você pensa sobre Atlântida. Disse que você tinha algumas opiniões fortes que gostaria de discutir.

Theo! Amaldiçoei-o mentalmente.

— Quando ele disse isso?

— No dia seguinte à sua chegada. Falou que você tinha algo a me dizer sobre Atlântida e que o mataria se ele me contasse.

Meu corpo ficou tenso, preparando-se para o confronto, mas meu pai não queria briga. Ele parecia concentrado e curioso. Como se quisesse mesmo ouvir o que eu tinha a dizer. Talvez Theo tivesse

razão. Talvez meu pai precisasse saber como eu me sentia de verdade.

Será que eu poderia machucá-lo assim? Ele provavelmente sabia que eu não acreditava mais em Atlântida, mas como reagiria se eu o dissesse isso com todas as letras? Àquela altura, eu não lhe devia nada, mas...

Beleza. Eu ia tentar.

— Para mim... — Minha voz vacilou. — Pai, sei que você fez todo esse trabalho e conversou com uma especialista e tudo mais...

Eu tinha pensado aquelas coisas um milhão, talvez dois milhões de vezes, mas dizê-las em voz alta para o meu pai era uma experiência completamente diferente.

— Mas acredito que Atlântida é um mito de moralidade usado para evitar que as pessoas fossem soberbas. Platão falava sobre isso porque se preocupava com o povo de Atenas. Achava que estavam ficando muito ricos e orgulhosos, e lhes contou uma história para assustá-los e fazer com que voltassem a ser bons. Não acho que seja um lugar que você... ou qualquer pessoa — acrescentei rapidamente — possa realmente encontrar.

Pronto.

As últimas palavras saíram apressadas, e eu mal conseguia olhar para ele, porque meu coração estava tendo um surto monumental.

Eu tinha falado. Tinha cruzado a linha entre motim e traição.

Preparei-me para qualquer reação que ele pudesse ter — raiva ou tristeza, talvez até uma palestra sobre a veracidade dos diálogos de Platão —, mas, quando ergui os olhos, ele não parecia arrasado. Seus olhos brilhavam, e ele exibia o sorriso torto que sempre

reservava para mim e minha mãe. Orgulho. Ele olhava para mim com *orgulho*.

Ele se inclinou para a frente, os olhos brilhantes fixos nos meus.

— Liv, você tem sua própria mente. Sua própria mente *brilhante*. Sempre soube que você seria uma pensadora.

Por aquela eu não esperava. Não passava nem perto do que eu esperava.

— Hã... — gaguejei.

Ele balançou a cabeça com entusiasmo, o prato esquecido.

— Diga mais!

Ele estava falando sério? Observei seu rosto, meu coração acalmado com o ritmo do balanço do barco. Ele estava, sim. Segui em frente com minha explicação.

— Tá... Bem, tem algumas inconsistências com a história de Platão e Santorini.

— Sim. Me fala.

Ele fez um gesto me pedindo para prosseguir, o rosto ainda iluminado.

— Platão fala que o vulcão entrou em erupção nove mil anos antes de seu tempo — falei —, mas, se fosse o vulcão de Santorini, teriam se passado apenas três mil anos. É uma grande diferença.

Eu tinha descoberto aquilo depois de parar de acreditar em Atlântida mas antes de conseguir ignorá-la, o que ficou conhecida como minha Fase da Raiva.

Ele assentia cada vez mais rápido.

— Sim. O que mais?

— Platão dizia que Atlântida era maior do que a Ásia e a Líbia juntas. Santorini não é tão grande quanto nenhuma das duas.

Eu não sabia dizer se era o pôr do sol ou orgulho, mas seu rosto conseguiu se iluminar ainda mais.

— Outro bom argumento. Liv, você andou pesquisando. Estou tão orgulhoso.

— Não pesquisei *tanto* assim — falei, mas não era verdade, e nós dois sabíamos.

Não se decoravam detalhes exatos sobre a explicação de Platão sem investigar a fundo.

— Vou pensar nessas questões — disse meu pai. — Pesquisar. Se realmente houver inconsistências, eu gostaria de saber a respeito.

Naquele momento, uma música soou tão alta perto do meu ouvido que quase joguei meu prato no mar. Era Kostas, só que, em vez de capitão de iate, ele passara ao papel de músico. Tinha substituído sua jaqueta de capitão por uma camisa reluzente de botão. Um saxofone dourado pendia pesadamente em seu pescoço, e ele estava com um pé apoiado no banco. Meu cérebro mal teve tempo de processar aqueles fatos antes de ele começar a tocar o tipo de música que se ouviria na sala de espera de um dentista.

— Ele toca saxofone também? — perguntei.

— Bem mal — disse meu pai, procurando conter o riso. — Mas ganha muitas gorjetas.

Um casal de idosos se levantou e começou a dançar abraçado, e meia dúzia de pessoas se juntou a eles. Os outros passageiros pegaram seus celulares e começaram a filmar. A coisa toda era imperdoavelmente brega, mas aquele pôr do sol esplêndido e imponente ao fundo fazia com que funcionasse.

— Então... você está bem? — perguntei. — Sabendo que eu não acredito?

Ainda estava tentando entender tudo aquilo.

— Estou mais do que bem.

Seu olhar escuro encontrou o meu, me assustando um pouco. Fora a cor, nossos olhos eram iguais. *Iguais*. Sempre que via fotos minhas, eu notava: a curiosidade, o brilho, tudo. Se não fosse pelas rugas ao redor dos olhos dele, seria como me olhar no espelho.

— Você nunca teve a obrigação de acreditar. E eu tenho respostas para essas inconsistências, mas vou deixá-las de lado por enquanto. No entanto... — disse ele, e engoliu em seco. — Você acha que consegue acreditar um pouco em *mim*? Nem que seja só por alguns dias? Sei que é pedir muito. Mas, Liv, acredito que encontrei dessa vez. Acredito mesmo.

Um nó se formou na minha garganta. A ideia de voltar a acreditar no meu pai era tão grandiosa e radiante que olhar para ela doía. Talvez fosse a combinação idiota de saxofone e pôr do sol, mas de repente eu começara a lembrar como era ser filha dele. Acreditar nele. Eu queria cantar, chorar ou algo assim, mas, ao mesmo tempo, como ele podia achar que eu seria capaz de confiar nele outra vez?

— E-eu não sei... — gaguejei.

Ele ergueu a mão de forma tranquilizadora.

— Isso também está mais do que bem — disse.

O sol já tinha se fundido em uma imensa massa dourada. Meu pai tinha razão — assistir ao pôr do sol da água com a luz se derramando por cima de tudo era incrível, como se eu estivesse me tornando parte do pôr do sol, em vez de só observando.

— E essa história de Atlântida... — disse meu pai, interrompendo meus pensamentos. — Às vezes o mais importante é a busca.

Assenti de novo, porque não tinha ideia do que mais fazer e, quando olhei para baixo, percebi que a mão dele estava pressionada à parte interna do braço, bem onde eu sabia que ficava a tatuagem com a minha localização geográfica. Acho que ele nem percebeu o que estava fazendo. Eu me perguntei quantas vezes ele tinha feito aquilo enquanto ele estava ali e eu, do outro lado do mundo.

Ele se virou para mim.

— Amanhã à noite, vou levar você a um dos meus lugares preferidos na ilha. Kamari. Liv, você vai adorar.

E, de repente, havia sido convocada para uma segunda noite a sós com meu pai. Era melhor eu esquecer aquilo de evitar o passado. Ele estava gravado em nossa pele.



Capítulo 16



#16. PEQUENO CADERNO ESPIRAL COM ANOTAÇÕES EM GREGO

Eu ficava fascinada com a habilidade do meu pai de escrever em grego. Eu o ouvia falar o idioma o tempo todo, tanto comigo quanto com seus amigos no bairro grego de Chicago. Estava acostumada. Mas escrever? Era impressionante.

Encontrei o caderno enfiado no porta-luvas do nosso carro duas semanas depois que ele foi embora e, quando vi as anotações, pensei que talvez fossem uma pista. Eu sabia que minha mãe não conseguiria entender, então certa tarde, antes de ela voltar do trabalho, levei o caderninho para Markos — o dono de nossa delicatessen grega preferida — e pedi que ele traduzisse para mim.

Markos já devia ter ficado sabendo do meu pai, porque seus olhos se voltaram para mim em tom de desculpa.

Era uma lista de compras.

MEU OTIMISMO SE PÔS COM O SOL E, QUANDO VOLTAMOS AO CAIS NA baía de Ammoudi, senti meu coração quase tão pesado quanto antes. Eu queria acreditar no meu pai, da mesma forma que queria acreditar em Atlântida, mas tudo aquilo exigiria ignorar a realidade, e eu não estava disposta a fazer isso de novo.

Os fatos eram que, mesmo que meu pai quisesse ir atrás de Atlântida ou terminar o casamento com minha mãe, ele não

precisava ter *me* deixado. Ele poderia ter visitado. Ou ligado. Eu conhecia várias pessoas com pais divorciados, até mesmo pessoas que tinham pais vivendo em cidades ou estados diferentes. Eles não sumiram da face da Terra quando partiram. Não desapareceram. Afinal, não estávamos falando de uma cidade dourada fictícia, mas sim de um *pai*.

Em todo o caminho até a livraria, era como se um balão estivesse se expandindo em meu peito, a pressão prejudicando minha capacidade de pensar ou sentir qualquer coisa. Eu queria *fugir*. Deixar toda aquela confusão para trás.

Consegui me controlar até chegarmos, mas, depois que meu pai desapareceu rua abaixo, as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, levando junto meu delineador. Eu tinha mesmo me arrumado toda só para ter meu coração partido de novo?

Eu precisava me recompor, me acalmar. Pensei no celular carregando no quartinho e senti um fio de esperança. Eu precisava falar com o Dax. Ele me ajudaria a me lembrar da minha vida real — em que eu era *eu*, Liv —, em vez daquela realidade alternativa em que meus sentimentos com relação ao meu pai ainda me controlavam.

Corri de volta para a livraria e a encontrei destrancada, mas vazia, uma única lâmpada iluminando um dos cantos. Não devia haver muitos ladrões interessados em roubar romances. Subi até o quartinho, peguei meu celular e desci de novo, já ligando para o Dax, tudo em um movimento ágil.

O telefone tocou e tocou, e a ligação caiu na caixa de mensagens. Droga.

— Atende — pedi em voz alta, então apertei de novo o botão de discagem.

Mesma coisa. Só que da segunda vez foi parar na caixa de mensagens depois de três toques. Pressionei o telefone com força contra a orelha, desejando que o som da gravação da caixa postal dele me trouxesse de volta à realidade. *Ei, aqui é o Dax. Deixe uma mensagem, que provavelmente ligo para você depois.* Eu precisava que aquele *provavelmente* fosse um *com certeza*.

Pigarreei.

— Ei, Dax. Me liga assim que puder? Foi um dia difícil, e preciso muito falar com você.

O que ele devia estar fazendo? Surfando? Relaxando na praia? Eu gostaria de estar lá também. Alguns segundos depois, me vi na seção de viagens da livraria, passando a mão pelas capas, esperando distrair a mente. *Finlândia. Japão. Turquia. Rússia.* A música idiota do saxofone não saía da minha cabeça, e eu não conseguia parar de pensar no que meu pai tinha dito. *Você acha que consegue acreditar um pouco em mim?* Como acreditar em alguém que me deixou quando eu tinha oito anos? E como lidar com o abismo imenso que existia entre o que ele *dizia* que sentia por mim e o que suas ações indicavam que ele sentia por mim?

Encarei o celular, desejando que tocasse.

— Dax, me liga de volta *agora* — exigi.

— Noite difícil?

Dei um pulo, deixando o aparelho cair ruidosamente aos meus pés.

Theo estava sentado na cadeira atrás da caixa registradora e a girou lentamente, como o vilão de um filme antigo do James Bond.

Um gato caramelo estava enroscado em seu colo, junto com um caderno vermelho e uma caneta.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Eu não conseguia decidir se estava mais constrangida ou irritada. Ele tinha ouvido minha mensagem de voz para o Dax? Observei seu olhar preocupado. Sim. Com certeza.

Ele balançou a cabeça.

— Desculpa. Isso parecia bem mais engraçado na minha cabeça. Só queria assustar você, não fazer com que derrubasse aparelhos caros.

— Missão *não* cumprida.

Peguei o celular e o guardei no bolso.

— Como foi o jantar no cruzeiro? — perguntou ele. — Você diminuiu a idade média do passeio?

— Muito.

Suspirei e atravessei a sala para fazer carinho no gato, que arqueou as costas, aborrecido. Apesar do meu interesse por eles, gatos nunca gostavam de mim.

— Quem é esse? — perguntei.

— Ernest Hemingwato. Que não deve ser confundido com a irmã, Margaret Gatwood.

Hemingwato pulou do colo de Theo e se escondeu atrás de uma pilha de livros.

— Sério?

Theo deu de ombros.

— Geoffrey é ótimo com trocadilhos para gatos de livrarias. Acho que é uma das razões para a minha mãe mantê-lo aqui. E você não

respondeu minha pergunta. Como foi o cruzeiro? Foi com o Kostas, não é? Por favor, me diz que ele tocou saxofone.

— E como! — Suspirei de novo, então me lembrei da parcela de culpa de Theo no fiasco. — E meu pai e eu conversamos sobre Atlântida, graças a você.

Theo girou calmamente na cadeira, nem um pouco preocupado com as vibrações de raiva sendo emanadas em sua direção.

— Interessante. E como você se sentiu com a conversa?

Afundi na mesa, murchando como uma das plantas que eu sempre resgatava da minha mãe.

— Não sei.

Theo ergueu a caneta.

— A paciente tem dificuldade em discernir suas emoções — disse ele, fingindo escrever no caderno.

Levantei minhas pernas, batendo nas dele.

— Você não vale nada.

Ele arregalou os olhos.

— Sério? Ninguém nunca me disse isso. E estou curioso: as pessoas costumam retornar suas ligações quando você ordena que façam isso de longe?

Chutei de leve o joelho dele.

— Às vezes. E aqui, trouxe isso para você.

Joguei para ele o chapéu do Kostas.

— Sempre quis um desses.

Theo colocou o chapéu, puxando a aba para cima dos olhos, então me encarou, pensativo.

— Minha mãe me alertou que você estava linda. E está mesmo.

Minhas bochechas ficaram ainda mais quentes, só que por um motivo completamente diferente.

— Ela alertou você? — falei, me abaixando para pegar Hemingwato na tentativa de esconder meu rubor.

— Ela sabe que tenho um fraco por garotas de vestido preto.

— *Qualquer* garota de vestido preto?

Puxei as pontas do cabelo. Eu nem precisava ver para saber que os fios tinham ficado ondulados com o ar úmido e salgado.

— Não *qualquer* garota — disse Theo, e inclinou a cabeça. — Enfim, você está bem? Parece meio irritada. E gritona.

— A palavra “gritona” não existe. Mas, sim. Estou gritona.

Ele observou meu rosto.

— Fora a conversa com o seu pai, o que há de errado?

O que *não* havia de errado?

— Sinto saudade de casa. Da minha mãe e do meu irmão, do Dax... E tem toda essa coisa com meu pai... — Fiz uma careta. — É um desastre.

Theo endireitou o corpo.

— Desastre. Um grave distúrbio na vida de um ser humano ou comunidade.

— Exatamente — falei. — Além disso, por que você sabe essa definição de cabeça?

— Está no documentário — explicou ele.

Affe. O documentário. Pelo menos proporcionava uma mudança de assunto.

— Como foi a filmagem hoje à noite?

Eu tinha sugerido que ele conseguisse algumas tomadas complementares dos muitos empreendimentos na cidade que

prestavam homenagem à cidade mítica.

— Ótima — respondeu Theo, dando de ombros. — Você tinha razão. Cerca de cem lojas de Fira têm Atlântida no nome. Até entrevistei alguns turistas e moradores sobre o que achavam de Atlântida. Todos pareciam favoráveis à ideia.

— Talvez porque isso não tenha desestabilizado suas vidas.

Eu não tive a intenção de dizer aquilo, mas acabou saindo em meio a toda a raiva que eu sentia. Theo olhou para mim, e senti sua hesitação. Eu já sabia o que viria. Estava na cara que *não* tínhamos deixado de falar sobre o meu pai.

— Ah, não... — falei, levantando a mão em advertência.

Ele ignorou o gesto.

— Como foi quando seu pai foi embora?

Quase caí da mesa. Era literalmente a primeira vez que alguém me fazia aquela pergunta.

— Eu sei. Tenho um caso sério de falta de limites — disse ele, com as mãos erguidas em sinal de rendição.

— Theo... você por acaso sabe jogar conversa fora?

— Sei. Na verdade, sou muito bom nisso. — Ele se inclinou para trás, ajeitando o chapéu de capitão. — Mas não com você — completou. — Já disse, você é a única pessoa que não consigo adivinhar o que está pensando.

Ele olhava para mim como se eu fosse um papagaio exótico ou uma nova espécie de salamandra, mas, ainda assim, me senti estranhamente lisonjeada. Parte de mim gostava de que ele não conseguisse adivinhar o que eu pensava, mas estivesse interessado o suficiente para tentar descobrir. A maioria das pessoas via a camada superficial, Liv, e se dava por satisfeita. Não o Theo.

Deixei escapar uma risadinha abafada e, por alguma razão, comecei a responder sua pergunta.

— Choramos muito. Não tínhamos mais como pagar o aluguel do apartamento em que morávamos, e minha mãe não conseguiu arrumar um segundo emprego, daí nos mudamos, mas ela perdeu aquele emprego também e tentamos morar com os pais dela por alguns meses... mas não deu certo. Então ficamos pulando de um apartamento para o outro e moramos com alguns amigos da minha mãe até ela finalmente conseguir um bom emprego e poder começar a faculdade de direito. Eu ficava sozinha a maior parte do tempo. Me lembro de pensar que o relógio andava mais devagar à tarde, depois da aula. Ainda me sinto assim às vezes.

Tudo saiu depressa, os detalhes se condensando em uma nuvem de tristeza. Eu nunca tinha contado para ninguém como aqueles anos tinham sido, tão caóticos, atordoantes e *tristes*, e ainda assim lá estava, me abrindo para alguém que era praticamente um desconhecido.

Theo se endireitou e então se inclinou para a frente, apoiando o queixo na mão.

— Você já perguntou ao seu pai por que Atlântida é tão importante para ele?

Fechei os olhos, fazendo que não com a cabeça. Perguntar a meu pai por que ele se importava tanto com Atlântida era como perguntar a um peixe por que ele se importava com a água. Era necessário para sua sobrevivência.

— Você já?

Theo fez uma pausa e piscou lentamente.

— Não. Mas acho que é algo que precisamos abordar no documentário.

Sempre o documentário. O calor explodiu em meu peito. Ele considerava minha vida apenas uma fonte de entretenimento? Com sua câmera a postos?

— Não temos como acrescentar mais nada ao documentário, principalmente depois do tanto de tempo que perdemos hoje — falei.

— Não, realmente não temos — concordou. — Mas fico pensando em seu pai no vulcão e em como todos se reuniram em volta dele. Você já percebeu como ele é magnético? É como se as pessoas estivessem mais interessadas no caçador de Atlântida do que na própria Atlântida. Então por que não incorporar mais da história do seu pai? Tenho a impressão de que Atlântida para ele é algo maior do que uma cidade ou algumas ruínas.

Theo apertou a nuca.

— O que você acha? — perguntou.

Peguei o chapéu do capitão do iate e cobri meu rosto. Investigar mais a fundo a obsessão do meu pai por Atlântida não iria melhorar nem um pouco a situação. Pensar naquilo me fazia querer alugar um barco e me afastar o máximo possível daquela ilha. Senti uma mistura de energia e ansiedade correr pelo meu corpo, e fiquei de pé num pulo.

— Podemos falar sobre outra coisa? Qualquer coisa? Melhor ainda, podemos ir a algum lugar?

Um sorriso lento se abriu em seu rosto, e Theo pegou minha mão para se levantar.

— Que tal nadar um pouco?

— Não no mar — respondi depressa.

— Não no mar — concordou.

A mão dele continuava na minha, e seu calor subiu pelo meu braço, me deixando zozza, como se eu estivesse flutuando. Era uma sensação nova, que eu não lembrava já ter sentido com o Dax. Aquilo me assustou. Em vez de me soltar, Theo se aproximou ainda mais.

— Nunca levei ninguém a esse lugar antes, mas acho que você vai gostar. Vem comigo?

— Vou — respondi, pois o que mais se pode dizer quando alguém segura sua mão e você é envolvida por uma sensação que toma conta do corpo todo?

Respira. Você tem namorado. Você e o Theo são apenas amigos.

Parecia o tipo de coisa que eu não deveria ter que ficar me lembrando, mas Theo fazia com que eu me sentisse num bote salva-vidas em meio a uma tempestade. Eu não conseguia me situar.

* * *

Lá fora, a noite era densa e aveludada, as idas e vindas suaves do mar lá embaixo e as vozes que chegavam das janelas abertas e dos pátios distantes os únicos sons. Não tinha ideia de onde Theo achava que poderíamos nadar àquela hora, mas eu evitava pensar naquilo. Precisava manter os pés no chão. Me reconcentrar. Encontrar meu equilíbrio. O fato de eu achar Theo muito atraente era irrelevante. O importante era como eu reagia àquilo.

Theo me encontrou na calçada da frente. Tinha vestido seu calção de banho e uma camiseta preta, e seus olhos escuros

brilhavam intensamente.

— Pronta?

— Pronta.

Se eu não olhasse para ele, talvez ficasse tudo bem?

Para meu absoluto choque, Theo saiu *caminhando*, e eu o segui logo atrás, desviando de um ou outro pedestre e vendo as vitrines fechadas. A princípio, atravessamos o labirinto de vielas em direção ao penhasco, mas uma hora Theo mudou de direção, levando-nos cada vez mais longe das cúpulas azuis, em direção à escuridão.

— Aonde estamos indo? — perguntei por fim.

A noite estava tão silenciosa que quase sussurrei.

Ele passou o braço pelos meus ombros e me puxou para um abraço caloroso que bagunçou minha mente e deixou meu rosto quente, antes de me soltar.

— Confie em mim, Kalamata.

Confiar nele era fácil; o complicado era confiar em mim mesma.

Quando já tínhamos descido metade do penhasco, Theo parou em frente a uma parede baixa e branca com uma porta de madeira arredondada. Ele segurou o cadeado meio sinistro que a trancava e começou a sacudir.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Theo balançou o cadeado ruidosamente mais algumas vezes até que cedeu de repente.

Ele tirou o cadeado e empurrou a porta, que se abriu com um longo rangido. Uma luz suave nos banhou, e fiquei na ponta dos pés para enxergar por cima do ombro de Theo. Pela porta, vi espreguiçadeiras com almofadas brancas e alguns vasos de plantas. Uma parede refletia a água em movimento.

— Theo, que lugar é esse? — perguntei, mais alto.

— O paraíso — respondeu ele, e passou o braço pelo meu ombro.
— Vamos.

Não sei o que me deixava mais nervosa, o toque dele ou o extremo silêncio, mas com certeza não recusaria a promessa de um paraíso. Então o segui — com cuidado — até o que descobri ser o pátio de uma pequena casa-caverna. Uma piscina com borda infinita, iluminada num tom de turquesa em meio à noite, ocupava a maior parte do espaço, estendendo-se até o limite da propriedade. A água corria sobre a borda, criando a ilusão de que a piscina se fundia com o mar. Estrelas pontilhavam a escuridão, e o reflexo da meia-lua brilhava intensamente na piscina.

Eu nunca tinha visto nada tão bonito. A quietude silenciosa que pairava sobre nós fazia meu coração quase pular do peito.

— Que tal?

Theo olhou para mim com seu ar presunçoso, mas não pude deixar de concordar com ele.

— É perfeito.

Expirei, sentindo a inquietação, a ansiedade, o pânico — todas os sentimentos que vinha enfrentando desde que chegara a Santorini — se desfazerem na escuridão.

— De nada — disse ele, abrindo um de seus sorrisos encantadores.

— Theo... eu... — comecei, mas minha voz ficou presa na garganta, e senti um arrepio. — Eu precisava disso. Obrigada.

O sorriso que iluminou seu rosto brilhava mais forte do que o reflexo da lua na água parada. Tão forte que meus joelhos bambearam.

— Eu sei. Vamos lá.

Ele me levou até a beira do pátio, de onde tínhamos uma visão panorâmica de Oia. O céu escuro fundido ao oceano ainda mais escuro, e a encosta iluminada por outras casas e piscinas reluzentes. Em geral, quando via algo tão deslumbrante assim, logo sentia vontade de pintar a cena, mas sabia que seria impossível capturar aquela vista. Era algo que precisava ser vivido com todos os sentidos.

Olhei de volta para a casa-caverna. As paredes caiadas de branco pareciam recém-pintadas, e as venezianas azul-cobalto estavam fechadas.

— Quem mora aqui?

Theo já estava tirando os sapatos e puxando a camiseta pela cabeça.

— É uma casa de aluguel que não é alugada com muita frequência. Os donos vêm para cá de tantas em tantas semanas. Dá para saber quando estão aqui porque colocam as almofadas coloridas para fora.

Olhei para a mobília toda branca do pátio.

— E eles deixam você nadar aqui?

Theo deu de ombros.

— Eu não diria que *deixam*, Kalamata, mas com certeza nunca me impediram.

O choque conseguiu roubar minha atenção daquela vista magnífica.

— Não temos permissão para estar aqui? Estamos invadindo?

Ele riu, colocando as mãos nos meus ombros.

— Relaxa. Ninguém arrombou nada. Você viu que a tranca estava aberta. E não se preocupe com sua ficha criminal. Qualquer coisa, *eu* invadi. Você é minha convidada desavisada.

Era difícil resistir àquele sorriso. E àquela *piscina*. Minha alma certinha queria que eu fugisse dali, mas tirei os chinelos e mergulhei o pé esquerdo, deixando a água tocar minha pele. A temperatura estava perfeita, e o zumbido do filtro da piscina se unia ao som das ondas quebrando lá embaixo.

Que as regras se danassem. Aquilo era perfeito.

Tirei a camiseta e o short, e entrei com cuidado na piscina. A água estava um ou dois graus abaixo da temperatura corporal, mas me resfriou de fora para dentro. Abaixei-me e girei na água com os braços estendidos, de olhos fechados. Quando os abri, Theo continuava na borda, seus olhos arregalados.

— O que foi? — perguntei.

Havia algo de diferente naquele olhar — não era o seu olhar de sempre, que dizia “Estou tentando dissecar cada movimento seu”. Estava mais para surpresa. Como o olhar que me lançara no aeroporto quando me viu pela primeira vez. Eu me levantei, ajeitando a alça do meu maiô preferido — preto com a parte de cima transpassada e um recorte na altura da cintura —, e mergulhei timidamente outra vez.

— Nada.

Ele não desviou o olhar.

— Então tá...

Boiei de costas para ver as estrelas. Eram tantas que pareciam mais uma névoa do que luzes distintas. E a *lua*. Nítida, dominante e

tão, tão luminosa. Provavelmente acabava sendo esquecida na terra do pôr do sol, mas aquela lua era especial.

Quando me virei de volta, Theo tinha abaixado e seus ombros estavam mergulhados na água. Estava encostado contra a beirada da piscina, e seu olhar continuava fixo em mim.

Ele me analisava de novo.

— Por que está me encarando assim? — perguntei, jogando um pouco de água nele.

— Não sei. Me desculpa. — Theo deu de ombros, limpando a água do rosto. Ele parecia nervoso. — Acho que o luar cai bem em você.

Também caía bem nele. Meu coração deu um pulo. Abri a boca, sem saber o que dizer.

— Namorado — lembrou ele rapidamente, antes que eu tivesse chance.

Aquilo dispersou a tensão. Eu sorri.

— Você é *tão* engraçadinho.

— Não sou?

Suas mãos subiram até a superfície, pairando à sua frente, e ele baixou os olhos para a água.

— Por que você nunca nada? — perguntou. — Está na cara que sabe nadar.

Olhei para a escuridão. Eu poderia mentir, mas parecia errado ali.

— Prefiro as piscinas ao mar. O mar é meio... assustador.

Ele assentiu e, pela primeira vez, não insistiu que eu entrasse em detalhes. Em vez disso, pigarreou sem jeito.

— Você... hã... tem um belo maiô aí.

— Theo! Namorado!

Atirei mais água para cima dele, que se abaixou, com um sorriso enorme no rosto.

— Sim, sim. Eu sei. Só estou dizendo... — Ele mergulhou e depois se levantou, a água escorrendo. — ... que *não* foi isso que você usou no barco com seu pai.

Mordi o lábio. Com sorte, a escuridão esconderia a vermelhidão do meu rosto.

— Sim, porque meu pai estava lá.

— Então essa é tipo a sua roupa oficial para invadir uma casa-caverna?

— Exatamente.

Nadei até o canto da piscina, descansando os braços sobre a borda e deixando minhas pernas flutuarem livremente atrás de mim. Sentir a atenção do Theo era... *bom? Aterrorizante?* Era como estar no alto de uma ladeira bem escorregadia. Seu charme era inconveniente ao extremo.

— Então, quantas vezes você já invadiu essa casa?

— Discordo do termo "invasão", mas... — Ele deu de ombros e olhou para o céu como se estivesse fazendo as contas. — Sei lá. Cinquenta vezes? Cem?

— Cem? Sério?

Olhei para ele, incrédula.

Ele se aproximou, enganchando os cotovelos na borda da piscina e parando bem ao meu lado.

— A mudança para cá foi muito difícil. Estou feliz de morar perto do Bapou, mas achava que terminaria o ensino médio em Londres, e senti muita raiva no início. Usar este lugar para dar uma fugida de vez em quando me ajudou muito. Além disso, nunca tem ninguém

aqui. E uma piscina foi feita para se nadar. Seu principal objetivo é ser usada pelas pessoas. Estou fazendo um favor ao dono. Você acha que esta piscina *quer* ficar sozinha?

— Você sabe que está falando de um objeto inanimado, né?

Fiquei pensando que, assim como eu, Theo não escolhera ir para Santorini. Outra coisa que tínhamos em comum. Ele também tinha razão quanto à piscina, que parecia feliz por nos ter ali.

Descansei o rosto no braço, as pernas esticadas para trás, a água batendo na minha orelha.

— Então, Theo, qual é o seu plano de vida?

Ele desviou os olhos da paisagem e se concentrou em mim.

— Nadar com uma garota em Oia?

Respinguei água nele.

— Não estamos nadando, estamos boiando. E depois disso?

Ele deu de ombros.

— Bem, amanhã quero fazer um documentário sobre a cidade perdida de Atlântida. E depois... Não tenho um plano. Só estou tentando não ser um idiota.

Eu ri antes de perceber que ele não estava brincando.

— Sério? Esse é o seu plano?

Ele deu de ombros outra vez.

— Sei que deve parecer que tenho expectativas muito baixas. Mas já vi isso acontecer muito. Tipo o meu pai... Não acho que ele sempre tenha sido um idiota. Mas ficou tão envolvido com o trabalho que de repente parecia que a gente nem importava mais. Tudo girava em torno da sua ambição.

Hã. Eu conhecia bem aquilo.

— Éramos só mais uma coisa que ele tinha de mudar de lugar — continuou Theo, os olhos voltados para o oceano. — Ele foi pego de surpresa quando minha mãe disse que ia embora, mas ela já se sentia sozinha há muito tempo. Hoje em dia, me pergunto se ele sequer repara que não estamos mais lá.

A conversa tinha ficado muito mais profunda do que eu esperava, e de repente estávamos muito próximos um do outro. Quem tinha se mexido? Ele? Eu? Nós dois? Sua testa estava coberta de gotas de água, e seu cabelo, úmido e emaranhado, a água batendo nos fios escuros e ondulados.

— Tenho certeza de que sim — falei, mas me arrependi em seguida.

Por que tinha dito aquilo? Eu não conhecia o pai do Theo. Não fazia a menor ideia. E odiava quando as pessoas me diziam como me sentir com relação aos meus próprios pais.

— Me desculpa — falei. — Temos isso em comum. Um pai ausente que coloca o trabalho acima da família.

A mão dele escorregou da beirada, e Theo afundou na água, se aproximando de mim.

— Não. Com seu pai, é diferente. Sempre me pareceu...

Ele se calou abruptamente. Gotículas de água se prendiam aos seus cílios, e seus olhos pareciam muito *sérios*. Mesmo quando ele estava se divertindo, seu olhar era sempre muito sério.

— Ah, não — disse Theo. — Estou fazendo aquilo de novo.

— Fazendo o quê?

Minha respiração ficou presa no peito, e me abaixei na água até meus olhos ficarem na mesma altura dos dele, a boca logo acima da superfície. Se eu me mexesse um milímetro, encostaria nele.

Seu olhar analisava o meu.

— Lá nos domos, prometi não falar mais sobre o seu pai. Desculpa.

Ah. *Certo*. Meu estômago relaxou.

— Você pode terminar o que ia dizer — falei, mas agarrei a beirada da piscina com mais força, me preparando para o que viria.

— Está bem. — Theo respirou fundo. — Parece que... bem, sempre senti que ele estava tentando encontrar Atlântida por você.

As palavras se derramaram, e ele me encarou com um ar melancólico.

— *O quê?*

Eu me levantei de um salto, meus pés escorregando no fundo da piscina na pressa de me afastar. O encanto se quebrara. O que quer que eu tivesse sentido um momento antes se desfizera.

— Theo, isso não faz sentido — falei, na defensiva. — Por que ele encontraria Atlântida por mim? Ele me *deixou* por Atlântida.

Theo também se levantou.

— Não sei, não leio mentes. Mas é o que sempre me pareceu.

Nós nos encaramos em silêncio, os únicos ruídos vindo do filtro da piscina e das ondas quebrando lá embaixo. Água escorria pelo peito e pelos ombros do Theo, mas ele permanecia imóvel como uma estátua. Se ele achava que eu daria o primeiro passo, tinha se enganado. Por fim, ele baixou o olhar.

— Me desculpa. Sei que provavelmente não devia ter dito isso, mas achei que era importante você saber.

— Theo... — Cerrei os punhos sob a água, frustrada. — Sei que você gosta muito do meu pai. Mas não entendo por que você...

Vive defendendo ele. Não enxerga quem ele é. Não consegue entender isso. Havia tantas formas de terminar aquela frase, mas Theo parecia tão *arrependido*, triste de verdade, o luar destacando a sinceridade dos seus olhos. Ele podia não ser capaz de ver todas as facetas da minha situação, mas não era ele quem a vivia. Eu não podia descontar meus ressentimentos nele.

Gemi, então mergulhei de volta na água, mantendo os olhos voltados para céu. As estrelas pareciam ainda mais distantes do que o normal.

— Deixa pra lá. Novo assunto? — sugeri.

Uma breve pausa, então uma pequena tsunami quando Theo se lançou para o meu lado da piscina.

— Sem problemas. Já tenho um em mente.

Ele abriu um sorriso.

Suspirei, mas de maneira bem teatral. Ele continuava se aproximando de mim, e meu coração pareceu achar que aquilo exigia um surto épico.

— Ótimo. Qual?

Seus lábios se entreabriram.

— Kalamata. Esse seu namorado, por acaso ele...

Atrás de nós, uma luz se acendeu, forte como um holofote, e nós dois estremecemos, cobrindo os olhos, enquanto o pânico tomava conta de mim.

— Theo? — finalmente consegui dizer.

Talvez fosse um detector de movimento? De um vizinho? Theo olhava para a casa com ar de preocupação.

— Theo, o que foi? — sussurrei.

— Shhhh.

— *Poios eínai ekeí?* — gritou uma voz masculina.

Ah, não.

Os olhos do Theo procuraram calmamente os meus.

— Kalamata, me escuta. Vamos ter que correr.

Meu coração foi parar na garganta.

— Correr? Mas...

— *Agora.*

— *Paravátes!* — rugiu uma voz, muito perto.

Estava surpresa demais para reagir. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, Theo me puxou para fora da água, o braço firme em volta da minha cintura, e disparamos em direção à porta, pingando e escorregando enquanto pegávamos nossas coisas e *corríamos*.

Achei que o dono da casa nos perseguiria até sairmos da propriedade e pronto, mas me enganei. Quando chegamos à rua, nossas roupas e calçados amontoados de qualquer jeito nos braços, Theo agarrou minha mão. Mas, em vez de correr em direção à livraria, ele me puxou escada abaixo, ziguezagueando na escuridão, na direção oposta à do penhasco.

— *Stamáta tóra!* — berrou o homem, sua voz reverberando no silêncio.

— Th-Theo... — gaguejei.

A adrenalina era tanta que eu sentia meu corpo derretendo, meu cérebro se tornando uma confusão inútil. Theo não estava tendo aqueles problemas. Devia ter sido um pirata em outra vida, porque saiu se enfiando em vielas estreitas, descendo escadas, pulando muros e até mesmo saltando de uma beirada de um metro de

altura, e eu simplesmente era arrastada por ele, balançando como uma pipa.

Escorreguei inúmeras vezes, mas, sempre que eu caía, Theo me segurava, às vezes jogando suas roupas para um dos lados para poder me firmar melhor. Ele tinha um plano? Ou estávamos só correndo sem rumo? Eu queria perguntar, mas estava atordoada demais para formular as palavras.

Os passos do homem ecoavam mais alto que o som das ondas martelantes do oceano. De tão curta e acelerada, minha respiração estava ofegante, e, quando pensei que meu coração fosse explodir, Theo finalmente nos levou para uma varanda fechada coberta por uma pérgula de madeira, com espreguiçadeiras em um canto e uma banheira de hidromassagem no outro.

Ele correu até a banheira e se espremeu, agachado, entre ela e a parede.

— Liv, anda!

Os passos do homem e sua voz irritada ressoaram mais perto, e me abaixei ao lado do Theo. Mal havia espaço para nós dois. Ficamos de frente um para o outro, os joelhos dobrados em direção ao peito, separados por poucos centímetros. Nós dois respirávamos com dificuldade.

Eu estava toda suada, o maiô grudando em mim de maneiras estranhas e a franja colada à testa. Theo, é claro, continuava lindo. Pele luminosa, olhos brilhantes, peito nu arfando. Ele parecia ter sido feito para ser perseguido pelos penhascos de Santorini, usando calção de banho.

Seus ombros eram bronzeados e macios e...

Deixei pra lá.

— Ladrão! — gritou o homem, com um forte sotaque.

Ele estava bem perto, a uns seis metros de distância. Em algum momento, percebera que não éramos locais e passara a gritar em inglês em vez de grego.

— Nadar na minha piscina? Americanos! Ladrão!

Será que o homem tinha visto a gente se esconder ali? Se ele nos encontrasse, o que faria?

Agarrei as mãos do Theo e as apertei com força. Mesmo que estivéssemos em um jogo angustiante de gato e rato, de repente senti uma vontade inexplicável de rir.

Theo e eu encaramos um ao outro. Seu rosto estava vermelho, e, quando seu peito e ombros roçaram minha pele, senti que ainda estavam úmidos. Meu coração batia acelerado.

— Não ria — sussurrei.

— Hã?

Mas não adiantou. Rimos em silêncio, o tipo de risada profunda que não pode ser controlada. Nossos ombros subiam e desciam, os rostos enterrados nos joelhos. Nem sei do que estávamos rindo. Da pena de morte vindo em nossa direção? Das cócegas provocadas pela respiração nos joelhos um do outro? Do fato de estarmos cheirando a duas enormes pastilhas de cloro? A certa altura, eu bufei, o que piorou muito a situação.

— Para — murmurou Theo. — Para.

Ele escondeu o rosto nos joelhos, os ombros sacudindo.

— Eu vejo. Eu vejo vocês! — gritou o homem, mas parecia bem mais distante agora. — Aí está.

Meu estômago doía de tentar conter as risadas. Lágrimas corriam pelo meu rosto.

— Eu *encontra* vocês.

A voz dele era um eco, o som desaparecendo sob o ruído do oceano.

— Ele está indo embora — sussurrei, secando os olhos.

Minhas pernas começavam a ficar com cãibra, porém as encolhi mais ainda, apoiando o queixo nos joelhos. A água fria pingava ritmicamente de nossos cabelos e roupas de banho, e, quando Theo ergueu os olhos, vi que também tinha um enorme sorriso no rosto.

— Despistamos o pirata — disse Theo, sua boca a dez centímetros da minha.

— Graças a você.

Era hora de desviar o olhar, mas nenhum de nós fez isso. Eu sentia sua respiração em meu rosto, e a água do cabelo dele escorria dos seus braços para os meus. Fosse lá o que estivesse acontecendo entre nós, parecia estar ganhando velocidade e cada vez mais impulso. Eu não conseguia parar de encarar os lábios dele, e Theo não conseguia parar de encarar os meus. Dava para sentir o hálito quente entre nós dois, e minhas pernas escorregadias junto às dele. Ele ia me beijar?

Pior. Eu ia beijá-lo.

Um fio me puxava em direção a ele. Theo estendeu a mão e tocou meu lábio inferior com o polegar, e comecei a me inclinar para a frente, com todas as células do meu corpo pegando fogo, então fechei os olhos e...

Theo se afastou de repente, batendo a cabeça na tampa da banheira com um baque alto e estragando o transe em que estávamos. Uma onda de emoções conflitantes me atingiu — confusão, decepção, alívio, pânico. Tudo o que consegui dizer foi:

— AimeuDeusvocêestábem?

— Sim. E você? Eu... Hã, me desculpa por isso...

Eu nunca tinha visto Theo se atrapalhar com as palavras daquele jeito. Tentei me levantar, mas caí arranhando os cotovelos e completamente sem jeito. O que estava acontecendo?

— Ai. A culpa foi minha.

Tentei novamente, finalmente conseguindo me pôr de pé relativamente ileso.

Estava me sentindo tão exposta e constrangida, como se estivesse completamente nua, em vez de apenas seminua. Tínhamos mesmo quase...?

Qual era o meu *problema*? Theo se levantou, com a mão na nuca.

— Acho que vou ficar com um galo na cabeça.

Fiz uma careta.

— Theo... uau. Acho que foi, sei lá, toda aquela agitação? Sabe... sermos perseguidos e depois este espaço apertado aqui, era meio inevitável.

Inevitável? Eu tinha mesmo dito aquilo? Um sorriso lento e travesso se abriu no rosto dele, o que me fez querer me atirar do penhasco.

— Quer dizer... Não inevitável, só... compreensível? Ou...

Eu me afundava cada vez mais naquele buraco. O sorriso crescente dele não ajudava em nada. Nem um pouquinho.

Minhas bochechas pareciam os portões ardentes do inferno.

— Deixa pra lá. Esquece o que eu disse.

Ele cruzou os braços, ainda com o sorriso provocador.

— Não sei se algum dia vou esquecer o que você disse, mas foi algo sem importância, Kalamata. Não se preocupe.

Sem importância? Para quem? Também cruzei os braços. O ar noturno estava quente, mas não o suficiente para me impedir de tremer em meu maiô molhado.

— Bem, foi importante para *mim* — deixei escapar.

Por que, meu Deus, por que não consigo parar de falar?

— Kalamata...

Ele estendeu a mão para me tocar, e eu desviei depressa.

Corre!, gritou meu cérebro. *Antes que você tente beijá-lo de novo.*

— Vejo você lá em cima — falei.

Corri para a beirada da varanda, mas imediatamente me deparei com três caminhos diferentes, que se ramificavam em ainda mais direções.

Aquele lugar era mesmo um labirinto. Meu plano de fuga foi por água abaixo.

— A escada à esquerda — informou Theo atrás de mim. — Depois a segunda à direita. Eu guio você.

— Obrigada.

Mantive o olhar grudado nos degraus, ignorando o olhar dele nas minhas costas. Meus lábios ainda formigavam onde ele os havia tocado.

Aquilo não ia acabar bem.



Capítulo 17



#17. GUIA DA TV, EDIÇÃO DO EMMY

Tínhamos nos mudado outra vez, para um apartamento que um dia fora alugado por uma mulher chamada Rose Walker, a julgar pelo Guia da TV que chegava em nossa caixa de correio todos os meses. Minha mãe riu quando viu a primeira edição em nossa mesinha de centro. Aquela revista ainda existia? Mas, em vez de largá-la no lixo reciclável e usar a internet como todo mundo, meu pai começou a consultá-las.

Ele não era de ver TV. Estava mais para um leitor, aventureiro e artista. Mas às vezes ligava a TV. Nunca durava mais do que alguns dias. Cinco, seis, sete, até, mas então ele se levantava do sofá e perguntava sobre meu dever de casa antes de sairmos para caminhar ao sol. Naqueles dias, sempre soube que não devia falar sobre Atlântida. É engraçado como tem coisas que a gente não conhece, mas entende intuitivamente.

EXISTE CONSTRANGIMENTO DO TIPO "PODEMOS SEGUIR EM FRENTE E fingir que isso nunca aconteceu?" e do tipo "Por acaso você conhece algum vulcão não adormecido em que eu possa me atirar, porque essa parece ser minha única opção?". A caminhada de volta para a livraria estava mais para a segunda opção. Pelo menos para mim.

Toda vez que eu olhava para o Theo, ele ainda exibia aquele sorriso terrível. Pelo menos um de nós estava achando graça de tudo aquilo.

Uma vez que ficou claro que eu não tinha como fugir, levamos cerca de vinte minutos para encontrar todos os calçados e roupas que tínhamos deixado cair pelo caminho e depois mais quinze para passarmos escondidos pela casa-caverna e voltarmos à livraria, onde enfim poderíamos fingir que estávamos dormindo enquanto ouvíamos nosso rap francês. O tempo todo eu mal conseguia olhar para ele, porque NÓS QUASE TÍNHAMOS NOS BEIJADO.

Com tempo de sobra durante nossa caminhada silenciosa de volta à livraria para analisar o que houve, disse a mim mesma que eu tinha ficado tão confusa depois do cruzeiro com meu pai que baixara a guarda e perdera a cabeça. Ou talvez aquilo tivesse acontecido porque Dax ainda não me ligara de volta, e eu estava ficando cada vez mais nervosa com a ideia de contar a ele sobre a RISD. Ou talvez fosse o fato banal de que Theo me fazia sentir como se estivesse nadando em bolhas de champanhe. Perceber aquilo era inconveniente ao extremo, mas isso não significava que não fosse *verdade*. Tudo o que eu sabia era que não precisava mesmo daquela complicação extra na minha vida. Só queria dormir.

Quando finalmente consegui acalmar meus pensamentos acelerados, que iam do Theo para o Dax e para o meu pai, foi exatamente o que fiz.

* * *

Quando acordei na manhã seguinte, a cama de Theo estava vazia, e fiquei aliviada ao ver a ficha de produção presa à minha. Nela, eu

era instruída a encontrá-los no ponto de ônibus. Naquele dia, íamos filmar Acrotíri, o sítio arqueológico das ruínas minoicas. Eu andava animada para ver as ruínas, mas não podia mais contar com Theo para que as interações sociais do dia corresse bem. Precisava de alguém para suavizar o clima com a pessoa que normalmente suavizava o clima. Foi então que uma luz se acendeu na minha mente.

Dei mais uma olhada no papel. *Sítio arqueológico*. Henrik! Seria possível...? Peguei minha mochila e despejei tudo, canetas e blocos caindo para todos os lados, enquanto procurava a folha de revista em que Henrik anotara seu número, e então peguei meu celular.

Depois de tomar banho e fugir de Geoffrey, que queria conversar sobre Mathilde ter pedido "mais espaço emocional", saí para o sol quente e forte, a mochila pesada em meus ombros.

Eu não ia ao ponto de ônibus desde meu primeiro dia em Santorini, e fiquei surpresa ao notar que consegui chegar lá facilmente. Era engraçado como me familiarizara rápido com o vilarejo, como quando precisamos usar bastante um sapato até o pé se acostumar. Menos de uma semana antes, o lugar parecia uma tela em branco, um labirinto infinito, mas eu passara a identificar as nuances. Oia tinha suas peculiaridades e seus encantos: portas tortas, plantas crescendo de latas de tomate no peitoril das janelas, montes de globos de neve baratos e burros de pelúcia nas vitrines das lojas. Eu já até começava a distinguir os diferentes tons de branco e a reconhecer alguns dos cães residentes.

Aquilo fez meu coração doer um pouco. Santorini tinha uma carga emocional tão pesada para mim que nunca considerei que pudesse amá-la. Afastei rapidamente aquele pensamento e as emoções que o

acompanhavam, bem a tempo de ver Theo, meu pai e sua montanha de equipamentos à minha espera. Eles falavam rapidamente em grego e, quando se viraram em minha direção, me preparei para lidar com a situação constrangedora com Theo. Para minha surpresa, foi meu pai que chamou a minha atenção.

— Liv!

Ele correu para pegar minha mochila, uma atitude ao mesmo tempo gentil e otimista. Meu pai já estava tão sobrecarregado de equipamentos que equivalia a um dos burros locais.

Estreitei os olhos para ele.

— Pai, você está bem?

Ele estava bem-vestido, com o chapéu alto na testa, mas tinha olheiras profundas e sua pele parecia pálida. Mas o principal era que, para quem sempre irradiava energia, ele estava visivelmente abatido.

— Não dormi direito — admitiu. — Acho que a comida do cruzeiro não caiu bem. — Então acenou com a cabeça em direção à minha mochila. — Espero que você tenha trazido a maquiagem de velho. Hoje, vou precisar.

— Você está bem, chefe? — perguntou Theo, seus olhos passando direto por mim. — É melhor não filmar se estiver com intoxicação alimentar.

— Estou ótimo — insistiu meu pai, piscando para mim. — Com um pouco de maquiagem e café, vai dar tudo certo. Por favor, não se preocupem tanto.

Ele não parecia bem. Theo olhou para mim, preocupado, e tivemos uma rápida conversa não verbal. *Devemos adiar a gravação mais um dia? Podemos adiar a gravação mais um dia?* A resposta

era não, mas Theo deu de ombros, como se perguntasse: *Acha que a gente consegue convencê-lo a não filmar hoje?* A resposta para aquilo era: *Definitivamente não.* Além do mais, me comunicar com o Theo fez com que eu me sentisse melhor. A tensão se desfez dentro de mim. Sim, quase tínhamos nos beijado, mas Theo tinha razão. Um lapso momentâneo de bom senso era algo sem importância. As coisas não precisavam ficar estranhas entre nós.

— Faça sua maquiagem no caminho — falei, me virando para o meu pai.

— E, Nico, vê se descansa durante a viagem — ordenou Theo. — Acrotíri fica a pelo menos uma hora de distância.

— Por favor, não se *preocupem* — repetiu meu pai, erguendo os braços em protesto.

Acabou que não íamos pegar o ônibus. Yiannis, a Morsa, ia nos levar em seu táxi, o que ficou claro quando ele veio correndo a toda velocidade até nós, charuto em uma das mãos e café na outra.

— Nico!

Depois dos tapinhas nas costas e dos cumprimentos animados habituais dos gregos, guardamos nosso equipamento no portamalas. Então, nós quatro, acompanhados do charuto de Yiannis, entramos no táxi. Para chegar a Acrotíri, tínhamos de seguir literalmente até a outra ponta da ilha, o que seria simples se não estivéssemos em *Santorini*, onde precisávamos enfrentar o trânsito, burros usando arreios coloridos, turistas dirigindo quadriciclos e ônibus sacolejando imprudentemente pelas estradas estreitas.

Nunca fico enjoada andando de carro, mas aquela viagem estava me levando ao limite. Dentro do táxi, as condições eram ainda piores. Yiannis fumou por todo o caminho, Theo toda hora sacava

sua câmera, e eu tentava maquiar meu pai apesar do balanço do carro. Quando paramos no estacionamento em Acrotíri, parecia que eu ia vomitar o equivalente a três dias de comida. Meu pai estava ainda pior. Talvez tivéssemos tido mesmo uma intoxicação alimentar.

— Que tal nunca fazermos isso de novo? — falei, saindo trêmula do táxi.

Verifiquei meu celular. Ainda sem resposta do meu contato ultrassecreto na ilha. Eu precisava que ele aparecesse.

— Acrotíri — anunciou meu pai, parando um instante para se recompor. — É aqui que vivia a antiga civilização de Minoa. Ou, como gosto de chamá-los, os atlantes originais.

— Isso foi bom. Você filmou? — perguntei ao Theo.

— Claro que sim.

Ele hesitou e deu uma olhada rápida para o meu pai, que descarregava nosso equipamento com Yiannis.

Theo mexia no cabelo, sem graça, e senti o muro metafórico que construía entre nós. Sim, claro. Nada de constrangimento por ali. O ar úmido parecia completamente saturado, e meu coração martelava no peito.

— Podemos conversar um minuto? — disse ele baixinho.

— Claro. O que foi? — perguntei, em uma voz ridiculamente animada.

Por que sempre faço isso quando estou nervosa?

Seu olhar finalmente encontrou o meu.

— Eu queria me desculpar pela noite passada, a coisa toda da piscina e... hã, da banheira. Pensei um pouco mais sobre isso e você tem razão, é importante, sim. Você tem namorado e, além disso, gosto muito de trabalhar com você. Foi meio errado.

Meio? Seus olhos pareciam líquidos e, ah, tão sinceros que eu fiquei vermelha de novo.

— Foi culpa minha também. Podemos ser profissionais. E amigos — acrescentei rapidamente. — Além disso, não é só porque tenho namorado. Existe a regra contra relacionamentos a distância, certo?

Não sei por que disse aquilo. Dava a impressão de que eu estava interessada, o que definitivamente não era verdade. *Não podia ser.* O olhar de Theo correu de maneira inquisitiva até o meu. Permaneceram assim por um instante, até que ele deu um pequeno passo para trás.

— Certo. Então... estamos bem?

— *Muito* bem.

Eu me odiava.

* * *

Infelizmente, não éramos os únicos interessados na civilização minoica. Havia cerca de dez ônibus de excursão lotados de turistas com protetor solar, todos esperando na fila do balcão de ingressos.

— Isso vai ser complicado — comentei com meu pai, que ainda parecia estar passando mal.

Seus olhos brilharam com entusiasmo no rosto pálido.

— Mas vale a pena. Vai ser importante para o filme. Dá para acreditar que poderemos ver o marco zero de Atlântida? Ou, como um cético diria, a civilização do Egeu da Idade do Bronze?

Meu pai ergueu as sobrancelhas para mim, e não contive um sorriso. Ele se referia à nossa conversa da noite anterior, colocando

minha dúvida ao lado das suas crenças. As duas coisas se complementavam melhor do que eu imaginava.

— Algum progresso na questão da Ásia e da Líbia?

— Estou trabalhando nisso — respondeu ele.

— Ah, *não* — exclamou Theo.

Ao virarmos, vimos que ele olhava para a placa na entrada.

— Vejam só.

Fiquei na ponta dos pés. Uma grande placa na entrada do sítio arqueológico dizia FILMAGEM COMERCIAL PROIBIDA.

— Mas... nós somos amadores. Não vão nos deixar entrar com a câmera? Ou será que a gente não consegue entrar com ela disfarçada?

Todos nós encaramos a câmera do Theo, que parecia aumentar na proporção do nosso estresse.

— Não sei — disse meu pai.

Seu rosto mostrava decepção, fazendo-o parecer ainda mais abatido.

— Quanto tempo você acha que demoraria para conseguirmos uma licença?

Theo fez uma careta.

— Na Grécia? Noventa anos. Oitenta, se tivermos sorte.

Senti um aperto no peito. Era verdade. Meu pai e Ana ainda não tinham nem conseguido a licença comercial para a livraria, que já existia há um ano.

— E agora? — perguntei.

Se eu não tinha certeza antes, meus sentimentos finalmente deixavam bem claro: para o bem ou para o mal, eu me importava com o filme.

— Liv? É você?

A voz veio de trás de mim, interrompendo meu desespero, e, ao me virar, encontrei um rosto conhecido abrindo caminho pela multidão.

— Henrik! Você recebeu minha mensagem.

Corri até ele.

— Sim, sim. — Ele tirou os óculos escuros, um largo sorriso se espalhando pelo rosto. — Olha só para você. Esses dias em Santorini lhe fizeram bem.

— A você também.

Henrik estava de bermuda e chinelo, e parecia feliz e relaxado. Exatamente como pessoas de férias na Grécia deveriam estar. O oposto de como eu me sentia: um grande emaranhado de estresse.

— Como está seu namorado? — perguntei.

— Ah, ele. — Henrik balançou a cabeça, mas seu sorriso aumentou. — O máximo. Está no sítio desde as cinco da manhã. Fiquei me perguntando se você entraria em contato, Liv. E você escolheu um bom dia para isso. Eu já planejava trazer café da manhã para ele.

— Então este é o sítio? É aqui que o seu namorado trabalha?

De acordo com meus poucos minutos de pesquisa no celular, havia apenas uma grande área de escavação minoica. Ainda assim, parecia bom demais para ser verdade.

— O próprio.

Dei um soquinho triunfante no ar. *Aleluia.*

— Oi — cumprimentou meu pai, vindo em nossa direção com cerca de noventa bolsas presas às costas. — Meu nome é Nico Varanakis.

Ah. Claro. Hora das apresentações.

— Henrik, este é o meu pai, Nico. Pai, este é o Henrik. A gente se conheceu no avião. Ele, hã... me deu apoio moral. E o namorado dele trabalha aqui na escavação. Mandeí uma mensagem para ele hoje de manhã para ver se conseguia nos ajudar a entrar.

E para me distrair de todo o constrangimento por aqui.

Aquela interação aleatória pegaria a maioria das pessoas de surpresa, mas não o meu pai.

— Henrik! — saudou ele. — É um prazer conhecê-lo. Qualquer amigo da Liv é meu amigo.

Ele estendeu a mão para cumprimentar Henrik conseguindo derrubar um mapa enrolado e seu chapéu de Indiana Jones no processo. Fiquei feliz por ter contado a Henrik a história de Atlântida e do meu pai. Tornava tudo aquilo menos estranho.

Henrik pegou o mapa e apertou a mão dele.

— É muito bom conhecê-lo também. Seu trabalho parece... fascinante. — Henrik piscou para mim e então se virou para o Theo. — E você deve ser o aspirante a documentarista. Liv me contou tudo sobre você.

— Nem *tudo* — rebati depressa.

Eu só tinha feito um resumo rápido por mensagem do projeto e da nossa situação de colegas de quarto. Por que Henrik estava dando a entender que aquilo tinha importância?

— Theo — disse Theo, saindo de trás da câmera para cumprimentar Henrik.

Então ele apontou para a placa.

— Você por acaso sabe alguma coisa sobre a regra de filmagem? Não temos tempo para obter uma licença.

Henrik estudou a placa, pensativo.

— Humm. Acredito que não deva ser um problema. Vou só ligar para o Hye.

Ele se afastou, e nós três ficamos observando a multidão cada vez maior na entrada do sítio. Passado um instante, Henrik acenou para nós.

— Hye disse que consegue deixar vocês entrarem mais cedo e para não se preocuparem com a câmera. Temos cerca de meia hora antes de as portas se abrirem, e ele quer fazer uma excursão guiada com vocês. Mas teremos que ser rápidos. Bem rápidos.

— Uma excursão expressa — disse Theo. — A gente consegue.

— Muito bem, Liv — elogiou meu pai.

Eu e ele trocamos um olhar animado, tão natural e espontâneo que me assustou.

Tínhamos deixado de lado o filtro que costumávamos usar um com o outro? Ele estava orgulhoso de mim? Mais importante, eu estava *feliz* por ele estar orgulhoso de mim?

Eu teria que refletir sobre aquilo mais tarde, porque começamos a correr para a entrada dos fundos do sítio arqueológico. Pouco depois, um homem americano de ascendência coreana, com um sorriso enorme e o que devia ser a calça jeans mais empoeirada do mundo, abriu a porta dos fundos. Gostei dele na hora.

— Hye — apresentou-se, estendendo a mão para nos cumprimentar.

Seus olhos se iluminaram ao ver meu pai.

— Você é o caçador de Atlântida?

Meu pai sorriu com confiança.

— Nico Varanakis, é um prazer conhecê-lo.

Hye o encarou com um olhar avaliador, e senti uma pontada de pânico. Será que ele pensava que meu pai era um louco? Hye assentiu, parando por um instante antes de apontar para o sítio.

— Se você está atrás de provas da existência de Atlântida, meu palpite é que vai querer ver o que tornava os minoicos tecnologicamente avançados. Acho que podemos começar pelos níveis superiores, ver a estrutura das construções e, em seguida, passar para alguns dos detalhes que fizeram os minoicos se destacarem. O que acha?

— Perfeito — disse meu pai.

Eu seria capaz de dar um beijo em Hye naquele momento. Então o seguimos, entrando no sítio silencioso e deixando o som da multidão para trás.

Eu andara tão preocupada com aquele dia que nem tinha cogitado que a área de escavação de Acrotíri poderia ser extremamente interessante. Lá dentro, um telhado rústico feito de ripas de madeira se erguia, nos protegendo do sol, mas trazendo de fora os sons dos pássaros e insetos. Havia poeira, andaimes e ferramentas de aparência complexa por toda parte. À primeira vista, a área de escavação parecia um monte de entulho moderadamente contido, mas, quando seguimos Hye até o alto de uma passarela, as ruínas lá embaixo começaram a tomar forma.

— Acho que esta é a nossa melhor vista. Eu recomendaria fazer umas tomadas daqui — sugeriu Hye, mas Theo já estava filmando.

— Me dá dois minutos — pediu ele.

Caminhei até a beira da grade e recuperei o fôlego, meus olhos assimilando aos poucos o que eu estava vendo. Para além dos detritos, Acrotíri era um vilarejo — uma cidade, na verdade — com

ruas definidas e prédios altos, sem telhados e com paredes de pedra, de dois, às vezes três andares. Havia artefatos como bancos e grandes potes de cerâmica em algumas das estruturas, e suportes de madeira tinham sido construídos nas janelas de pedra. Se estreitasse os olhos, era fácil imaginar uma cidade movimentada... que não suspeitava de sua destruição iminente.

Hye apontou para uma casa próxima.

— Essa dezena de casas é uma pequena parcela do que acreditamos que Acrotíri tenha sido, provavelmente apenas três por cento do que permanece enterrado. A julgar pela qualidade da arquitetura, bem como pelos itens encontrados em seu interior, acreditamos que essas casas pertenciam a comerciantes ricos. Os andares inferiores eram usados como depósito, e nos superiores era onde ocorria a vida diária.

Theo virou a câmera para Hye.

— Conte a eles sobre a arte — disse Henrik. — Liv vai gostar.

Hye sorriu, então fez sinal para que eu o seguisse alguns metros adiante na passarela.

— Um dos maiores indícios da riqueza de Acrotíri é a arte abundante. A maioria das estruturas contém afrescos coloridos com cenas de grandes cidades e portos cheios de barcos. Os temas das pinturas nos dão uma ideia de como as pessoas viviam, e a atenção aos detalhes mostra que se preocupavam em embelezar suas vidas.

Ele apontou para um afresco fortemente pigmentado. Todos nos inclinamos sobre a lateral da passarela para ver melhor.

— Este é o afresco Primavera, que retrata a ilha vulcânica, com flores e andorinhas. O artista usou minerais locais, o que explica a

pintura ter sobrevivido por tanto tempo. Isso e a camada de pedras-pomes que revestiu a cidade.

O afresco cobria três paredes que permaneciam intactas no prédio, e um toque de cor decorava a quarta. O fato de o cômodo estar decorado o tornava muito mais concreto para mim. Será que tinha sido uma sala de estar? Uma sala de jantar? Que tipo de vida se levava ali?

De repente, comecei a pensar no último apartamento em que minha família tinha morado quando ainda estávamos todos juntos. Aquele com a pia que sempre vazava e as portas estufadas para fora dos batentes. Em um minuto, os minoicos viviam seu dia a dia, cozinhando e fazendo cerâmica, abrindo as janelas, e, no seguinte, um vulcão explodira, deixando seu mundo na mais completa escuridão. Minha família também não tivera ideia do que estava por vir. Pelo menos, eu não tivera.

— Eles existiram de verdade — disse meu pai, aparecendo ao meu lado.

Apesar da nossa correria até o sítio arqueológico, ele parecia relaxado.

— Os minoicos, quer dizer — explicou. — Não é incrível pensar nisso?

Senti um nó na garganta, então só fiz que sim. Nós também já fôramos de verdade, mesmo que fosse mais difícil de perceber naquele momento. Será que ele notara no que eu estava pensando?

— Vamos seguir em frente, pessoal — disse Theo, enxotando todo mundo por trás da câmera. — Só temos mais vinte e seis minutos até abrirem para o público.

* * *

Você já viu um daqueles programas em que as pessoas correm pelos supermercados enchendo os carrinhos com tudo o que conseguirem? Assim foram os vinte e seis minutos seguintes. Hye e meu pai se deram muito bem e, em pouco tempo, conversavam animadamente, caminhando em disparada pelo térreo enquanto o restante de nós fazia o máximo para acompanhar.

Theo se revezava filmando o sítio e dirigindo entrevistas improvisadas com Hye, que, apesar de não ter sido avisado com muita antecedência sobre nossa visita, estava levando tudo com tranquilidade. Henrik e eu toda hora ficávamos para trás porque eu acabava me distraíndo com os detalhes interessantes da escavação. O assentamento parecia rústico, mas, como meu pai dissera, na verdade era muito avançado, com casas à prova de terremotos e encanamento interno.

Quando chegamos ao centro do sítio arqueológico, eu estava sem fôlego e tinha manchas de terra no macacão preto e nas pernas. Era inevitável.

Henrik, que caminhava ao meu lado, apontou para Theo, que encurralara um dos alunos de Hye, uma universitária baixinha e de óculos grossos, carregando um monte de sedimentos. Henrik assobiou baixinho.

— Theo é sempre assim tão...?

— Agressivo? Invasivo?

A pobre aluna parecia completamente aterrorizada diante da câmera. *Eu devia ir salvá-la?*

Ele ergueu uma sobrancelha para mim.

— Eu ia dizer *curioso*.

— Ah, sim. Sempre.

— E aqueles dois... — comentou Henrik, apontando para meu pai e Hye, que olhavam por uma porta aberta. — Devo admitir que é bom ver Hye se comunicando com alguém que fala a língua dele.

— ... o encanamento interno é o que mais me impressiona. Esse tipo de tecnologia só reapareceu depois com os romanos — ouvi meu pai explicar.

Todos os vestígios de mal-estar tinham desaparecido de seu rosto. Parecia que o prazer de ver aquelas ruínas antigas era o antídoto para o que quer que o tivesse acometido. Ele parecia um fogo de artifício aceso, ou seja, normal.

— Quinhentos anos depois — acrescentou Hye. — Incrível, não é? O que realmente me interessa é o planejamento da cidade. Você reparou como...?

Eles dobraram a esquina, e suas vozes foram sumindo a distância.

— Deus abençoe os exploradores — repetiu Henrik. — Ele é maravilhoso, não é?

— Hye? É mesmo.

— Estou falando do seu pai. Tenho que admitir que ele não é bem como eu imaginava. Como vão as coisas entre vocês?

— Hã...

Refleti um pouco sobre meu estado e fiquei surpresa ao encontrar alívio em vez do estresse habitual.

— Acho que vão bem — falei. — Ter um projeto tem ajudado.

— Que ótimo. — Ele limpou um pouco de poeira do queixo, abrindo um sorriso. — E o seu namorado? Você não me disse que ele viria junto.

— O quê?

Ergui os olhos e vi que ele apontava para Theo.

Meu equilíbrio foi para o espaço.

— Ele não é meu namorado. Nossos pais são sócios, e Theo é o cinegrafista do projeto e...

Minhas palavras saíram aos tropeços, o que só piorava a situação. Henrik riu.

— Relaxa. Eu sei que ele não é seu namorado. Mas talvez você devesse repensar isso. Porque, além de ser fofo, ele olha para você como se fosse a melhor coisa que já lhe aconteceu. — Henrik olhou para mim. — Meu Deus, nunca vi ninguém ficar vermelha que nem você. Seu rosto todo está da cor de uma lagosta.

Cobri o rosto.

— Por favor, para.

— Não estou fazendo nada — comentou Henrik. — É tudo coisa sua.

Acabamos ultrapassando em várias horas nossa meta de trinta minutos, com meu pai se reunindo e conversando com quase todos os funcionários da escavação, e até mesmo fazendo um breve discurso sobre as semelhanças entre Acrotíri e Atlântida para um grupo entusiasmado de espectadores antes de completar suas próprias gravações. Quando terminamos, meu pai já havia passado várias horas diante da câmera e estava cansado em um nível que nem mesmo o corretivo poderia disfarçar. As filmagens realmente o esgotaram.

— De volta para Oia, chefe? — perguntou Theo, olhando para ele, preocupado.

Theo estava tomando cuidado para não ficar muito perto de mim. Eu já esperava aquilo, mesmo depois da conversa que tivemos pela manhã, mas o estranho era que meu pai parecia estar fazendo a mesma coisa. Levei um tempo para perceber, porque ele continuava falando comigo como se tudo estivesse normal, mas, depois de algumas horas, notei que estávamos presos em uma espécie de dança. Quando eu dava um passo em sua direção, ele recuava. Se eu tentasse retocar sua maquiagem ou ajudar a redirecioná-lo enquanto estava filmando, meu pai nunca me olhava nos olhos.

Por quê? Sabia que nosso jantar no cruzeiro não tinha sido o melhor do mundo, mas eu não tinha percebido que o muro entre nós poderia ficar ainda mais alto. Será que aquela viagem acabaria piorando as coisas?

* * *

Depois de agradecer a Hye várias e várias vezes pela experiência VIP, prometer manter contato com Henrik e fazer algumas últimas tomadas da entrada de Acrotíri, finalmente demos o dia por encerrado. Na saída, encontramos Yiannis dormindo no banco da frente do táxi. Meu pai e Theo cochilaram no caminho de volta a Oia, e, quando chegamos à livraria, estávamos cem por cento exaustos.

Sem se importar com o nosso cansaço, a livraria estava lotada, como sempre. Até Bapou parecia estar tentando ajudar, embora isso basicamente envolvesse falar em grego com clientes que não falavam grego e cutucar livros com a bengala.

Quando Ana nos viu, foi correndo até o meu pai.

— Nico, você exagerou.

Ela mudou para o grego, repreendendo-o antes de se virar para Theo e para mim.

— Vocês dois também estão com uma cara horrível, mas preciso de ajuda. O povo está mal-humorado hoje. Um dos cruzeiros está com problemas de eletricidade, e todos estão rabugentos, incluindo nosso padeiro. — Ela apontou para Bapou por cima do ombro. — Ele fica tentando empurrar os livros de turismo para os clientes.

— Bela! Bem-vinda a Santorini! — bradou Bapou para um cliente que fugia.

— Vou cuidar dos clientes — disse Theo. — Bapou! *Kse-xna to!*

Trabalhamos como formigas, como diria Geoffrey, até o costumeiro horário de fechar, e então Theo, Ana e eu nos arrastamos até o terraço, onde desabamos e assistimos ao sol se pôr no horizonte. Meu pai nem aguentou até lá. Depois de duas horas na loja, voltara ao apartamento sem falar nada sobre nossos planos noturnos de ir a Kamari. Eu esperava que ele fosse aparecer a qualquer momento, mas até então não havia sinal dele.

Interagir com Theo ainda era meio como andar na corda bamba, e eu estava grata pela falta de tempo a sós com ele. Olhei para Ana. Seu cabelo estava preso em um coque alto, que havia ficado mais bagunçado a cada minuto que passáramos na livraria. Pela primeira vez, ela parecia esgotada.

— Cadê o Geoffrey? — perguntei.

— Vagando pelas ruas. Geoffrey e Mathilde andaram discutindo, e ele precisava de um tempo para pensar — disse Ana, deixando escapar um suspiro profundo. — Aquele homem. Seu coração é puro, mas o que faremos quanto isso?

— Encontrar uma bailarina de verdade para ele amar? — sugeri.

— Dizer que, se ele não apresentar uma prova concreta da existência de Mathilde em vinte e quatro horas, será forçado a ler *Orgulho e preconceito*? — acrescentou Theo.

Tirei os chinelos e apoiei os pés na beirada do terraço. Tinha deixado o celular no colo, a tela cheia de mensagens não lidas do Dax. Ele estava me mandando fotos da fogueira que tinham feito na praia na noite anterior, mas eu estava cansada demais até para abri-las.

— Geoffrey não gosta de *Orgulho e preconceito*?

Theo falou com a voz mais grave, imitando Geoffrey:

— Muito preconceito e pouco orgulho. Além disso, aquele sr. Darcy é um idiota pomposo e Elizabeth poderia ter arrumado coisa melhor.

— Heresia! — exclamou Ana, sua energia retornando no mesmo instante. — Nunca mais quero ouvir essas palavras de novo. Olha, vocês dois têm trabalhado tanto, deveriam tirar a noite de folga.

— Na verdade, tenho planos com meu pai — falei rapidamente. — Ele quer me levar a um lugar. Acho que Kamari?

Embora eu estivesse nervosa com outra noite de pai e filha, fiquei feliz por ter uma boa desculpa para me manter longe de Theo e do luar de Santorini. O constrangimento que concordáramos que não existiria entre nós continuava lá, tão grande e inconveniente quanto um vulcão.

— Kamari? — perguntou Ana. Tentou prender algumas mechas errantes de cabelo de volta no coque, mas só piorou as coisas, e acabou desistindo. — Ah, sim, que ótimo. É um vilarejo único e encantador. Mas recebi uma mensagem dizendo que ele não está se

sentindo bem — disse, evitando meu olhar. — Então, acho que seria melhor se ele descansasse esta noite.

Eu me virei para Ana.

— Ele mandou mensagem para você? Quando?

Até onde eu sabia, ela não estava com nenhum celular ali. Além do mais, por que ele mandaria uma mensagem para Ana e não para mim?

— Mais cedo — disse ela, tirando um grampo do bolso e enfiando no cabelo.

Será que era aquele o motivo por trás da energia estranha no sítio arqueológico? Ele estava tentando descobrir uma maneira de me dizer que não ia sair comigo? Se fosse o caso, ele poderia simplesmente ter me falado. Senti amargura, tristeza e outras coisas desagradáveis oprimirem meu peito. Ele ia mesmo me dar um bolo sem falar nada? Quer dizer, se ele estava se sentindo mal, tudo bem, mas por que ele mesmo não podia me dizer isso?

Ana, claramente alheia ao que se passava na minha mente, se iluminou de repente.

— Theo, você pode levar a Liv a Kamari!

— Hã... não precisa — cortei rapidamente, e Theo deixou escapar um sonoro "*Maman!*" antes de protestar em francês.

Sua voz soava um pouco mais grave em francês do que em inglês ou grego, e eu me odiava por ter percebido aquilo. Além do mais, ele poderia pelo menos fingir que sair comigo não era a pior coisa do mundo.

Ana não quis nem saber.

— Está decidido. Os dois vão a Kamari e vão se divertir *muito*. Vou arrumar o jantar de vocês para viagem.

Ela ficou de pé em um salto e saiu, deixando para trás um rastro de perfume, além de mim e Theo, atordoados e em silêncio.

— Sua mãe está armando um encontro para a gente? — perguntei, pressionando meus dedos à clavícula.

Theo suspirou, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Está. Foi mal. Mas, se estivermos aqui quando Geoffrey voltar, teremos que passar o resto da noite dando conselhos sobre seu namoro falso enquanto você ignora todas as mensagens que recebe.

Meu rosto ficou vermelho e peguei rapidamente o celular, que não parava de apitar. Mais mensagens do Dax. Por que eu não conseguia me forçar a abri-las?

Theo tinha razão. Qualquer que fosse o constrangimento que eu tivesse de suportar em um encontro forçado com ele, deveria ser melhor do que ficar ali sentada, me perguntando por que meu pai tinha me chamado até Santorini só para me deixar sozinha ali.

* * *

Eu ainda não tinha ideia do que era Kamari, mas parecia exigir sanduíches, refrigerantes e muitos moletos, e Ana não economizara em nada disso. Acho que estava com certo receio de não irmos, porque insistiu em nos acompanhar até o ponto de ônibus e acenou quando já estávamos a bordo.

O trajeto não foi *terrível*. O céu tinha desbotado para um tom escuro de roxo, e o ônibus estava cheio de turistas cansados mas satisfeitos, conversando baixinho entre si. Antes que eu me desse conta, estávamos tendo uma conversa quase normal enquanto

devorávamos a comida que Ana mandara. Foi uma bela distração. Em pouco tempo, Kamari foi anunciada como a parada seguinte.

Era uma cidade litorânea agradavelmente bagunçada, com um monte de restaurantes e lojas ao ar livre, que exibiam uma variedade eclética de maiôs, equipamentos para mergulho e brinquedos infláveis de piscina. Também dava para ver uma longa extensão de mar entre os prédios, com fileiras de guarda-sóis de palha e espreguiçadeiras brancas.

— Vamos dar uma olhada na praia primeiro — disse Theo quando descemos do ônibus.

Eu o segui até o calçadão, e paramos na beirada, vendo as ondas quebrarem. Em vez de areia, havia seixinhos pretos. À nossa direita, um par de penhascos altos e claros de frente para o oceano.

— E aí? — perguntou ele, gesticulando para a praia.

— E aí o quê?

Olhei para todas as pequenas rochas vulcânicas, e de repente as palavras de Platão vieram à minha mente. *Um tipo de rocha era branco, outro preto e um terceiro, vermelho...*

— Praia Preta! É essa?

Ele já estava com a câmera na mão.

— Dois coelhos com uma pedrada só, ou seja lá como for o ditado. Não era o que estava planejado para esta noite, mas preciso da filmagem.

Eu me afastei e o deixei trabalhar, mas a praia me fez pensar no meu pai e, de repente, a sensação incômoda em meu peito aumentou. *Por que ele mesmo não cancelara nossos planos?*

Depois que Theo terminou de filmar, demos as costas para a água, e ele me guiou colina acima pela cidade, ao longo de uma

estrada movimentada que passava por edifícios e terrenos, até chegarmos a um prédio de estuque vermelho sem telhado. Dava para ouvir a música alta que vinha lá de dentro, e uma longa fila de pessoas se formara ao lado de uma fileira de vasos de planta. Fios de lâmpadas iluminavam uma área ao ar livre, e um cartaz que imitava o símbolo com o leão da MGM — só que com um burro — pendia da entrada.

Olhei para os pôsteres na parede.

— É um cinema?

— Melhor ainda.

Depois da bilheteria, seguimos por um pequeno corredor iluminado por lanternas de papel antes de entrarmos em um grande espaço ao ar livre. Fiquei sem ar. Não era um cinema normal — era o *paraíso* dos cinemas. Uma tela gigante pairava no ar perfumado, cercada por plantas exóticas, esculturas de arame, iluminação colorida, um jardim inteiro de suculentas e fileiras de redes-cadeiras independentes.

Dei meia-volta, meu coração explodindo de emoção. Parecia uma mistura de Hollywood antiga com ilha tropical. Uma música estilo *big band* tocava nos alto-falantes na parte da frente, e trepadeiras com flores fúcsia subiam pelas paredes. Para completar, o céu tinha adquirido um tom profundo de azul-escuro, e fragmentos de conversas, a maioria em inglês com vários sotaques, preenchem o ar. Tinha até uma lanchonete com o que pareciam chocolates suíços e montanhas de pipoca fresquinha. Minha boca começou a salivar com o cheiro.

— Adorei — disse, e me virei para ele. — Theo, eu *adorei*.

Ele retribuiu meu sorriso, sua mandíbula se contraindo um pouco.

— Isso é coisa do seu pai. Era um dos cinco lugares que ele queria mostrar para você enquanto estivesse aqui. Arruma uns lugares para a gente, que vou pegar os lanches.

— Combinado.

Escolhi os lugares com calma, por fim me decidindo por duas espreguiçadeiras ao lado de uma pequena fonte de água borbulhante com um Buda de pernas cruzadas. Desde que chegara a Oia, eu estava em constante movimento, e era bom poder sentar sossegada e me misturar à multidão por um tempo.

Meu celular apitou e olhei para a tela. Era o Dax. Você está recebendo essas mensagens? Queria que estivesse aqui.

Senti o estômago revirar de culpa. Eu tinha planejado ligar para ele de manhã, mas ficara meio tensa em ouvir sua voz por causa do incidente com o Theo. Depois o dia passara voando com Henrik, a área de escavação do sítio arqueológico, meu pai me evitando, meu pai se sentindo mal, meu pai cancelando nossos planos. *Pai. Pai. Pai.* Affe. Meu dedo pairou sobre a tela. Eu não tinha ideia do que responder. *Queria que você estivesse aqui? Divirta-se? Tire muitas fotos? Também estou com saudade...?*

Aquele último pensamento me fez parar. Eu não vinha mais pensando tanto nele quanto no início da viagem. *Isso é normal?*

— Kalamata?

Levei um susto, e vi Theo procurando por mim, cambaleando atrapalhado com um balde gigante de pipoca, duas casquinhas de sorvete e meia dúzia de barras de chocolate.

— Aqui! Para que tanta comida? — perguntei, pegando os chocolates.

— Esqueci de perguntar do que você gostava, então trouxe um de cada.

Abri um sorriso.

— Adoro *um de cada*. Como você acertou?

— Dei sorte.

Ele sorriu para mim, e na mesma hora o desconforto entre nós evaporou. *Puf*.

— Chocolate amargo ou limão? — perguntou. — Ou os dois?

O sorvete já escorria pela sua mão. Peguei o de limão.

— Qual é o filme de hoje?

Ele ajustou a casquinha na mão da pipoca, procurando o ingresso no bolso de trás.

— Alguma coisa em preto e branco. Vi o título em grego, mas não sei como é em inglês. Tem a ver com uma coisa quente e boa?

— Humm.

Peguei um punhado de pipoca quente e amanteigada. Ainda doía estar ali sem o meu pai, mas Theo fazia com que eu me sentisse bem melhor. Ele costumava ter aquele efeito sobre mim.

— Sinto muito por seu pai não poder vir — disse Theo, como se tivesse lido minha mente.

Então hesitou.

— Não é a mesma coisa, mas... sei qual é a sensação de seu pai furar com você. Acontecia comigo o tempo todo. Até que eu desisti.

— Ah. — A pipoca ficou presa na minha garganta. — Você ainda vê seu pai com frequência?

Theo balançou a cabeça.

— Só quando não consigo evitar. O plano seria eu passar o Natal com ele, mas estou fazendo a maior pressão para isso não

acontecer. Ei, olha.

Ele acenou a cabeça em direção à tela, onde o mesmo símbolo da MGM com um burro aparecera. As outras pessoas também notaram e começaram a aplaudir, e então as luzes piscaram uma, duas vezes e depois diminuíram.

— O aviso de cinco minutos. Vamos sentar.

A empolgação tomou conta de mim. Não conseguia pensar em nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar naquele momento.

— Obrigada por me trazer aqui.

Bati com meu ombro no do Theo.

— De nada — disse ele.

Ele hesitou, segurando a casquinha que ainda pingava. Em vez de comer, me encarou com olhos grandes e preocupados. Ah, não. O que era?

— Você está preocupada com seu pai? — perguntou.

Endireitei-me na cadeira. Não era o que eu esperava.

— Porque ele se sentiu mal hoje? — falei.

Theo pegou um punhado de pipoca.

— Não, estou falando do documentário. Hoje de manhã ele me disse que acha que está faltando alguma coisa. Está preocupado que as provas que temos não sejam suficientes para a National Geographic. Mandaram um e-mail dizendo que esperam que ele encontre alguma novidade para a história de Atlântida.

Então era com aquilo que ele estava preocupado. *Atlântida*. Sempre com Atlântida. As coisas começavam a fazer sentido. Sua aparência abatida e pálida. Por que tinha cancelado comigo? Por que Atlântida sempre nos separava? Senti uma pontada de dor no peito, mas me forcei a ignorá-la.

— Como ele vai encontrar alguma novidade em uma história de onze mil anos?

Theo deu de ombros.

— Eu sei, não faz sentido. Mas achei melhor contar para você, caso tenha alguma ideia. Isso é muito importante para o seu pai.

Para Theo também, claramente. Fui atingida por uma onda de ciúme. Theo e o meu pai tinham o que eu tivera com ele quando era mais nova: ver nosso mapa juntos, alinhar pistas, ir a fundo nas ideias de Platão. Talvez não fosse tão ruim querer aquilo de volta.

Quebrei a cabeça, mas nada me veio à mente.

— Vou pensar — falei.

Não tinha esperança de que realmente fosse pensar em algo, mas sabia como o documentário importava para meu pai e para Theo. Eu me virei para ele.

— Nós três vamos acabar tendo alguma ideia. Certo?

Eu não tinha certeza daquilo, mas as rugas de preocupação na testa do Theo desapareceram.

— Certo. Agora chega de falar sobre Atlântida. Precisamos de uma noite de folga.

O filme era antigo, e Theo tinha quase acertado o título. Era uma velha comédia em preto e branco chamada *Quanto mais quente melhor*. O cinema o exibia em inglês com legendas em grego e, em pouco tempo, eu estava envolvida. O filme era sobre dois músicos que testemunham um crime e têm que se esconder, então se juntam a uma banda feminina itinerante que inclui Marilyn Monroe, por quem os dois se apaixonam (óbvio) e disputam, enquanto tentam manter seu disfarce e enganar a máfia.

Acabei me distraíndo um pouco, em parte porque toda hora Theo e eu tentávamos pegar pipoca ao mesmo tempo e acabávamos roçando acidentalmente nossas mãos. Cada vez que aquilo acontecia, uma pequena luz acendia dentro de mim. Se eu tivesse que explicar o que achava tão atraente no Theo, diria que era o fato de ele ser tão completamente Theo. Eu nunca tinha conhecido ninguém como ele e duvidava que conheceria um dia. Se aquela fosse uma noite diferente sob circunstâncias diferentes...

Para.

Segurei meu celular com força, como um lembrete. Quanto antes eu voltasse para Dax, melhor. Porque, o que quer que estivesse acontecendo entre Theo e mim, não ia desaparecer.



Capítulo 18



#18. FOLHAS SECAS DE ORÉGANO E ALECRIM

Depois que meu pai foi embora, não podíamos mais pagar o aluguel e tivemos que deixar nosso apartamento. Ele não tinha um emprego fixo havia quase seis meses, mas fizera vários bicos para o proprietário em troca de um aluguel mais baixo. Nos dias bons, meu pai podia ser encontrado ajustando um dos corrimões ou pescando um garfo do triturador de lixo da sra. Davis (outra vez). Nos dias ruins, ele ficava com seus programas de TV.

Mamãe disse que não podíamos levar as plantas conosco. Estávamos nos mudando para um apartamento no porão com uma antiga colega de turma dela. As plantas precisavam de luz e seria melhor se as deixássemos para o novo inquilino do apartamento.

Eu sabia que era bobagem, mas chorei ao me despedir do orégano e do alecrim e, em seguida, escrevi um bilhete para os novos moradores contando o segredo do meu pai para as plantas crescerem: "AS PLANTAS CRESCEM MAIS RÁPIDO SE VOCÊ CONVERSAR COM ELAS. ESSAS ADORAM TROCADILHOS." Isso de conversar com a plantas é verdade. Li sobre o assunto em um artigo acadêmico na internet, porque já não confiava que meu pai estivesse certo.

QUANDO VOLTAMOS À LIVRARIA, ANA ESTAVA ENCOLHIDA EM UMA DAS cadeiras, lendo um livro com as pernas dobradas para o lado.

— Ah, e aqui temos uma dona de livraria selvagem em seu habitat natural — disse Theo, fazendo seu melhor sotaque australiano.

— Como foi? — perguntou Ana, olhando para nós por cima dos óculos de leitura, com ar convencido.

A capa de seu livro mostrava um homem forte de cabelo comprido e camisa aberta, segurando uma donzela caída em seus braços. *Amor proibido do deserto*. Ana realmente lia os livros que vendia.

— Foi ótimo. Passaram um filme antigo da Marilyn Monroe — disse Theo.

Ela suspirou, satisfeita.

— Aquela mulher era magnífica. Talvez não *feliz*, mas magnífica.

— Como está o Nico? — perguntou Theo.

— Está bem. Ele vive dizendo que fazer filme é coisa para jovens.

— Não é nada — disse Theo. Ele atravessou a sala e pegou Margaret Gatwood, que estava com cara de mal-humorada, do alto da seção de mistério. — Teve um cineasta português que fez seu último filme com cento e seis anos.

— Impressionante — comentou Ana, deixando o livro de lado. — Você perdeu uma longa conversa com o Geoffrey. Ele e Mathilde têm discutido muito, e ele está com medo de que o relacionamento dos dois não resista.

— O relacionamento falso dele com certeza não vai resistir a essa briga falsa — disse Theo, apertando Margaret contra o peito. — Por favor, me diga que não o encorajou.

— Ele parecia uma nuvenzinha tristonha com braços. Não tive escolha a não ser levá-lo a sério. Falei que todos os relacionamentos

têm altos e baixos, e que, se estiverem realmente comprometidos um com o outro, eles darão um jeito de se entender. — Ana deu um sorriso melancólico e deslizou os óculos para o alto da cabeça. — Vejo vocês dois amanhã. Bons sonhos.

Ela nos soprou um beijo e saiu, fechando a porta.

— Sua mãe é incrível — falei.

— *Ouf!* — Theo se virou para mim. — Tive uma ideia. Para o documentário. Vem comigo!

— Não, Theo, não vou invadir uma casa-caverna. *Outra vez.*

Eu estava brincando, mas não ia mesmo a lugar nenhum. Estava exausta.

— Relaxa, é aqui.

Theo atravessou a sala principal em direção à menor — onde ficavam todos os livros infantis —, e o vi tirar os sapatos e subir descalço na mesa. Ele passou cuidadosamente por cima de uma placa em um cavalete que dizia POR MUITO TEMPO NA HISTÓRIA, “ANÔNIMO” ERA UMA MULHER — VIRGINIA WOOLF e estendeu a mão, abrindo uma pequena porta que até então parecia uma parte normal da parede.

Quaisquer que fossem os defeitos da livraria, entediante nunca seria um deles.

— Outra sala secreta? — perguntei.

Theo enfiou a mão lá dentro, na ponta dos pés, a voz abafada.

— Está mais para um armário. Agora... cadê?

— Quantos compartimentos secretos existem aqui?

Nem tentei disfarçar a exploradora feliz dentro de mim. Tem algo de muito intrigante em salas secretas. Ou armários secretos. Bati na parede mais perto de mim.

— Quantos desses painéis se abrem?

— Nove? Dez? Por aí. Seu pai queria que esse lugar fosse mágico.

Missão cumprida. Olhei para o teto. Meu pai o cobrira de constelações pintadas, as estrelas um pouco maiores do que as que ele cortara para a minha festa de aniversário ao pôr do sol. Cada detalhe daquele lugar — das paredes aos tapetes macios e coloridos — gritava magia, crepúsculo e a promessa de coisas extraordinárias.

— Achei.

Theo pulou da mesa e se endireitou.

Quando estendeu o item para mim, toda a leveza entre nós se evaporou. Não só reconheci o objeto, como eu sabia *bem* o que era. Sabia qual seria a sensação do papel sob a ponta dos meus dedos, seu peso. Sabia até qual seria seu cheiro.

Um nó se formou na minha garganta.

— É um mapa, não é?

O olhar intrigado de Theo encontrou o meu.

— Como você sabia?

— Sou boa com palpites — respondi, com voz fraca.

Theo o colocou em minhas mãos, e eu removi o plástico com cuidado, depois o desdobrei, desamassando-o sem pressa. À medida que eu o alisava, meu coração apertava cada vez mais. Fora a falta de giz de cera e os desenhos, era quase uma réplica exata do que ele havia deixado para trás.

Por um instante, não consegui fazer nada além de encarar o mapa. Por fim, me virei para Theo.

— O que você sabe sobre este mapa?

— Este é o primeiro mapa em que seu pai trabalhou quando chegou a Oia. Nico trabalhou nele por cerca de cinco anos e o levava

para todos os lugares. Foi a partir daí que desenvolveu a teoria em que ele e a egiptóloga têm trabalhado. — Theo deslizou o mapa para mim com entusiasmo. — Olha só como está desgastado. Ele o carregou por anos.

Engoli em seco. Porque eu também carregara o mapa original, enfiado na minha mochila ou nos bolsos do casaco, durante um bom tempo — era a metade de uma pulseira da amizade que eu pensara ser importante. No entanto, nosso mapa tinha sido substituído. Era como sentir uma fisgada em um machucado esquecido.

Theo, confundindo meu silêncio com interesse, cutucou meu ombro com entusiasmo.

— É *isso* que estava faltando. O documentário não é sobre Atlântida. É sobre a vida do seu pai. É sobre por que ele se importa tanto com encontrar Atlântida. É a história dele. Precisa ser pessoal. — Theo apontou para o mapa. — Foi *aqui* que tudo começou. Talvez ele não consiga encontrar novas provas da existência de Atlântida, mas pode mostrar como a busca afetou sua vida. Podemos deixar o documentário mais pessoal.

Esperei que a ideia se assentasse, tomasse forma. Quase de imediato, percebi que Theo tinha razão. Precisávamos trazer um elemento pessoal para o filme — eu sentia aquilo da mesma forma que sentia que cor de tinta deveria usar. O único problema era que aquele mapa *não era* o começo.

— Espera aqui.

Passei por cima de Ernest Hemingway, que dormia no meio do caminho, fui até a caverna e vasculhei minha mala até encontrar o caderno de desenho dentro do qual guardara o mapa do meu pai. Já fazia muito tempo que eu não olhava para ele fora do meu quarto, e

hesitei por um instante antes de me forçar a levá-lo para Theo, que aguardava ansiosamente.

— *Este* foi o primeiro mapa dele — anunciei.

Eu o abri, vendo-o brilhar sob a luz da lâmpada.

— *Uau*.

Theo estendeu a mão para tocá-lo, mas se conteve.

— *É*, este aqui é bem antigo — comentou. — E muito mais interessante. Esta parte... é coisa sua?

Ele apontou para os rabiscos de giz de cera marcando diferentes seções de Santorini. Eu costumava ficar muito orgulhosa das minhas contribuições, certa de estar ajudando meu pai em sua missão de encontrar Atlântida.

— Tem meu nome, não tem?

OLIVE aparecia escrito no alto, com o *L* e o *E* espelhados.

— Eu o encontrei depois que meu pai foi embora.

Uma parte de mim queria desabafar sobre o resto — *era um dos vinte e seis itens* —, mas não consegui dizer aquilo em voz alta. Além do mais, eu também tinha tido uma ideia.

— Você tem razão, precisamos tornar o documentário mais pessoal. Meu pai alguma vez contou para você sobre o faroleiro?

Eu soube que sim pela forma como os olhos do Theo se iluminaram. De acordo com as histórias do meu pai, tinha sido um faroleiro local que despertara seu interesse por Atlântida. O homem lhe emprestara seu primeiro exemplar de *Timeu e Crítias* e lhe ajudara a desenhar seu primeiro mapa de Santorini.

Theo colocou as mãos nos meus ombros, me virando em sua direção.

— Kalamata, você é *brilhante*. É exatamente disso que precisamos para o documentário. Aposto que o faroleiro já se foi há algum tempo, mas podemos ir ao farol amanhã, depois das praias, e pedir ao seu pai para contar a história de como se interessou por Atlântida. Como eu estava fazendo tudo isso sem você?

Ele me envolveu em um abraço tão apertado que quase me derrubou. Theo era tão *físico*. Seus braços eram quentes e reconfortantes. Por algum motivo, me senti segura e relaxada, e talvez tenha sido por isso que um pequeno detalhe do meu passado escapou das minhas barreiras protetoras.

Enquanto o restante dos itens que meu pai deixara para trás tinha ficado espalhado pela casa, em gavetas e bancadas, o mapa havia sido deixado de propósito. Eu o encontrara dobrado e cuidadosamente colocado na minha mesa de cabeceira.

Eu não tinha encontrado o mapa. Tinha sido *presenteada* com ele. Era uma grande diferença, não era? Uma pequena janela se abriu em meu peito. Não estava escancarada, mas entreaberta o suficiente para deixar um pouco de luz do sol entrar.

* * *

Mesmo com todo o efeito relaxante que o rap francês tinha a oferecer, passei a noite me revirando e acordei me sentindo grogue, as pernas nuas emaranhadas nos lençóis. Já nem me preocupei em olhar para a cama do Theo. Sabia exatamente como estaria: lençóis arrumados, travesseiros afofados, as roupas da noite anterior dobradas ao pé dela. Procurei, então, minha ficha de produção na parede, mas não havia nenhuma.

Esfreguei os olhos com calma e abri cuidadosamente a porta do quartinho. Lá embaixo, vi Geoffrey, com ar abatido, segurando um exemplar de *A estrada*, de Cormac McCarthy. Ele parecia mesmo uma nuvenzinha tristonha com braços. Quando me viu, deu um aceno desanimado.

— Ah, Liv...

— Problemas com a Mathilde?

— Como você sabia?

— Um bom palpite. Cadê os clientes?

Ele balançou a cabeça com tristeza.

— A loja está fechada hoje. Ana e seu pai tiveram que ir para Atenas.

— Espera, o quê? — gaguejei, o pânico tomando conta de mim.

Pulei os últimos degraus, meus tornozelos formigando quando alcancei o chão.

— Mas só temos mais alguns dias para terminar o documentário — falei. — Não podemos deixar de gravar hoje.

— Mais negócios, mais problemas — respondeu Geoffrey, cabisbaixo.

Corri direto para o terraço, de pijama e tudo, e encontrei Theo sentado com o laptop apoiado nos joelhos.

— Theo, o que está acontecendo?

Cheguei apressada, derrapando até parar perto dele, meus pés descalços.

— Geoffrey disse que nossos pais foram para Atenas.

Ele tirou os fones do ouvido. Seu rosto parecia triste e conformado.

— Hoje de manhã cedo. Foi uma surpresa para mim também.

— Mas...

Eu me virei em direção à água, tentando domar os sentimentos em meu peito. Decepção? Frustração? Mágoa?

Não, era mais forte. *Raiva*. Finalmente tínhamos entendido de qual ângulo o filme precisava, mas talvez não tivéssemos tempo de realizar nossos planos.

— E agora? — falei. — Vamos perder o prazo.

Theo encostou a cabeça na cadeira.

— Estava sentado aqui, pensando nisso. Devemos pedir uma extensão de prazo? Ou filmar o resto sem ele? Não sei o que fazer. Minha mãe disse que era uma emergência. Eles podem ter sérios problemas se não resolverem a questão da licença comercial.

O vento soprou do mar, bagunçando meu cabelo, e joguei minha franja para trás com raiva.

— Quando eles vão voltar?

Theo curvou os ombros.

— Se pegarem as balsas mais rápidas, podem estar em casa às sete da noite.

— Sete?

Caí na cadeira ao seu lado. Como aquilo era possível? Não podíamos perder um dia inteiro. Não quando tínhamos um prazo final implacável se aproximando. E aí? Eu também não conseguia ignorar o outro pensamento que me incomodava.

— Isso não está estranho?

Theo se virou para mim.

— Isso o quê?

— Meu pai costuma ir tanto assim a Atenas? E vocês normalmente têm tantos problemas assim com os negócios? Me

parece que uma licença deveria ser algo mais fácil de resolver.

Ele se inclinou na minha direção.

— Só sei que tem sido uma confusão tentar manter um negócio funcionando aqui. Quando eles começaram, todos disseram que seria fácil abrir uma loja, mas tem sido problema atrás de problema.

Tentei prender meu cabelo em um rabo de cavalo.

— Parece tão repentino. Por que sua mãe não comentou nada sobre isso ontem à noite? Nós a vimos pouco antes da meia-noite.

Ele mordeu o lábio, pensativo.

— Ela ainda não devia saber naquela hora. De qualquer forma, não temos muitas opções. Acho melhor passarmos o dia trabalhando na edição. Tudo bem?

Por que Theo estava tão calmo? *Não* estava tudo bem. As perguntas não paravam de passar pela minha cabeça: por que meu pai se daria ao trabalho de me chamar até a Grécia só para me evitar? Nossa conversa no cruzeiro tinha sido tão ruim assim? Porque foi a partir dali que as coisas começaram a mudar — que ele começara a se esquivar de mim.

Ele ia mesmo me abandonar pelo resto da viagem? Meu tempo em Santorini não era ilimitado. Eu nem sequer tinha *muito* tempo ali.

Além disso, o tempo para terminar aquele documentário estava chegando ao fim.

Uma das frases favoritas da minha mãe me veio à mente: *Controle o que você pode controlar*. Theo tinha razão. O fato de meu pai ter saído estava fora do nosso controle. Tínhamos de terminar o documentário da melhor maneira possível.

Minha mente se voltou para a programação no meu fichário de filmagem.

— Precisamos cumprir o cronograma. Vamos fazer o que você tinha planejado para hoje e, depois, vamos ao farol e filmamos sem ele.

Minha voz saiu segura e decidida, e Theo olhou confuso para mim.

— Filmar sem o seu pai?

Dei de ombros de maneira um pouco exagerada.

— Bem, como não podemos filmar com ele... É isso.

Theo hesitou, mas depois me lançou um olhar que eu sempre lançava para minha mãe. Um olhar que diz *Então tá, acho que não tenho como deter você*.

— Hoje é o dia da Praia Vermelha. Não é muito longe do farol — disse ele, e olhou incisivamente para o meu pijama. — Encontro você aqui em vinte minutos?

— Dez.

Segui direto para a caverna em busca da minha camisa de EQUIPE.

* * *

A manhã estava mais quente que o normal e, após uma hora viajando em ônibus superlotados com pessoas suadas se acotovelando — e que pareciam ter esquecido de passar desodorante —, eu começava a me arrepender da decisão de continuar com a filmagem. Não teria sido melhor passar um dia relaxando na baía de Ammoudi com meu caderno de desenho?

Dax mandou uma mensagem. Como vão as coisas?

Se eu fosse sincera, teria escrito algo como “Estou com calor, mal-humorada e meu pai não para de me dar bolo”, mas, em vez disso,

corri a tela pelas fotos e enviei uma que tinha tirado da caldeira alguns dias antes. Mais um dia no paraíso! Logo depois de apertar enviar, o ônibus freou de repente, e uma mulher acabou enfiando o cotovelo no meu olho esquerdo. Theo me encarou com solidariedade.

Assim que nosso ônibus parou, guinchando, em nosso destino, Theo e eu dividimos o equipamento, o que não foi nada fácil, depois passamos por várias barracas vendendo bebidas geladas e brinquedos de piscina. Notei que seus donos pareciam bem desanimados. Se os moradores dali estavam sofrendo com o calor, como eu iria aguentar?

Depois de atravessarmos o estacionamento, tivemos que escalar algumas rochas caídas, minhas sandálias escorregando na terra quente e macia, o suor escorrendo pelas minhas costas.

— O que tem de tão especial na Praia Vermelha mesmo? — perguntei, gemendo depois de escorregar em uma rocha e quase perder o equilíbrio.

Theo me estendeu a mão.

— Bem, é vermelha. E é uma praia.

— Ah, muito obrigada — murmurei, reposicionando minha mochila superlotada nos ombros.

— Você nunca viu nada parecido — assegurou Theo.

— Como você sabe?

Ele deu de ombros com seu jeito confiante.

— Kalamata, eu sei de *tudo*.

— Aham — murmurei, mas estava feliz de ter o velho Theo de volta.

Finalmente, *finalmente*, dobramos uma curva e avistei a praia ao longe... e, bem, eu odiava admitir, mas Theo estava certo, como sempre. Eu nunca tinha visto *nada* parecido.

A Praia Vermelha era — uma informação *chocante* — muito, muito vermelha. Também era ainda mais impressionante do que eu imaginara. Os penhascos laranja-avermelhados assomavam altos e dominantes, então terminavam abruptamente em uma estreita faixa de praia que desaparecia quase imediatamente sob as ondas turquesa impecáveis, o contraste das cores tão forte e surpreendente que fez meus olhos lacrimejarem. Guarda-sóis listrados de amarelo pontilhavam a praia, e barcos brancos reluzentes avançavam tranquilamente pela enseada.

Fixada à beira de um caminho íngreme e sinuoso que levava à praia, havia uma grande placa desgastada pelo tempo, traduzida em vários idiomas.

PERIGO — NÃO ENTRE
QUEDA DE ROCHAS, RISCO GRAVE DE LESÕES

Ou as pessoas não tinham lido a placa, ou não ligavam, porque a praia estava lotada. Havia até uma pequena loja na outra ponta, com um freezer de sorvete na frente.

Apontei para a placa.

— Devemos continuar?

O cabelo de Theo estava úmido de suor, e ele tinha um pouco de terra no rosto.

— Kalamata, Santorini é um vulcão ativo. Vamos mesmo deixar que a ameaça de umas meras rochas nos detenha?

Dei uma banana para o penhasco, quase deixando cair minhas bolsas.

— Podem vir, rochas.

Theo assentiu em aprovação.

— A propósito, você sabia que as oliveiras podem ser classificadas como sensíveis, moderadas ou resistentes?

Queria perguntar em qual categoria ele achava que eu me encaixava, mas seria admitir derrota naquela questão de eu ser ou não Olive, então revirei os olhos e segui em frente.

Foram necessários vários minutos de caminhada para alcançarmos a praia em si e, quando chegamos, tive que parar um pouco para assimilar a vista. A Praia Vermelha era toda de rocha, sem nenhuma areia — uma verdadeira praia vulcânica —, com o tamanho das rochas variando de grandes a médias e pequenas à medida que avançávamos em direção à água, mas o que realmente me interessou foi o clima do lugar. Dois tipos diferentes de música saíam de alto-falantes trazidos pelos banhistas, e as toalhas se alinhavam quase de ponta a ponta, acomodando todas as pessoas que pretendiam desfrutar de um dia na praia. Na água, crianças tentavam derrubar umas às outras de boias no formato de fatias de pizza.

Aquelas pessoas estavam de férias, curtindo um dia único, embora perigoso, no mar. Eu queria me sentir como elas, mas não conseguia. Eu estava angustiada, e não por causa das placas sobre rochas caindo. Sem meu pai ali, fui tomada pela decepção.

Quando estava criando coragem para tirar as sandálias, enfrentar as pedras e entrar na água, Theo me agarrou pela manga.

— Olhe aquilo.

Eu me virei e vi que ele apontava para um penhasco com o que parecia uma porta — por mais estranho que fosse — construída em sua superfície. Era de um tom suave de rosa, com um visor coberto por tábuas e um cadeado pesado.

— Hã, por que tem uma porta no penhasco?

— É a Porta para Lugar Nenhum. Tinha me esquecido dela, mas vai ser perfeita para o filme. Vamos.

— Porta para *onde*?

Theo já havia saído pela praia, costurando por entre as pessoas seminuas nas toalhas, e não tive escolha a não ser segui-lo. Quando o alcancei, ele estava agachado para obter uma visão angular da porta.

— Há duas histórias sobre a porta: a versão turística e a versão local — começou. — Os moradores dizem aos turistas que é como uma porta para Nárnia, um portal mágico para outros mundos, mas na verdade é um espaço de armazenamento. Os pescadores costumavam usá-la para guardar suas redes, e agora os donos da praia usam para armazenar guarda-sóis entre as temporadas de turistas. É um exemplo perfeito das lendas locais. Vai ficar ótima no documentário.

— Duas histórias — repeti, encostando a palma da mão na pintura descascada.

Será que alguém realmente acreditava na história de Nárnia? Se sim, por quê, quando quase sempre havia uma explicação chata pronta para acabar com a magia?

Senti o pensamento chegando antes que se formasse. *Meu pai acreditaria em Nárnia*. Ele sempre enxergara a magia no mundano.

Será que minha mãe e eu éramos o mundano? Seria esse o motivo de ele ter ido embora e estar me evitando?

Eu queria sentir raiva, deixar um maremoto destruir as emoções mais complexas, mas a tristeza era grande demais. Estar em Santorini com meu pai só para ele *não* estar ao meu lado outra vez... era pesado. Ele partira para Nárnica, enquanto minha mãe e eu tínhamos ficado presas em um emaranhado de guarda-sóis e redes de pesca, fora de temporada. Meu pai ter me trazido até ali só ressaltava aquilo.

Quando me virei, encontrei Theo me filmando de novo, mas não consegui disfarçar minha expressão cabisbaixa.

— Filmou? — perguntei.

— Filmei. — Ele baixou a câmera solenemente. — Avante, Nuvenzinha Tristonha.

A única maneira de chegar à Praia Branca era pela Praia Vermelha, então esperamos um táxi aquático no cais, depois passamos uma hora filmando seus penhascos esbranquiçados e águas cristalinas.

Theo insistiu em uma pausa para nadar, e me sentei na areia fria, tentando ao máximo me livrar do peso no meu peito, mas não tive sorte. É possível estar em um dos lugares mais bonitos do mundo e ainda se sentir um lixo. Imagino que o oposto também seja verdade.

Quando por fim seguimos para o farol, eu estava mais me arrastando do que andando, e Theo toda hora passava o braço em volta dos meus ombros para me contar fatos interessantes sobre nosso fruto preferido. *Você sabia que noventa por cento de todas as azeitonas colhidas são usadas para fazer azeite de oliva? Você sabia*

que a primeira sombra de olhos do mundo foi criada na Grécia Antiga e era feita de azeite de oliva misturado com carvão vegetal?

Não, Theo. Eu não sabia.

O almoço também não melhorou as coisas. Paramos em um pequeno restaurante para comer sanduíches quentes de souvlaki, mas nem mesmo toda aquela delícia macia conseguiu me animar. Como era possível que justo eu estivesse com medo de ir a um farol? Para meu último projeto de arte no ano anterior, eu tinha viajado de carro com minha mãe para fazer uma série de desenhos de vários faróis de Seattle. No entanto, estava claro que eu deveria visitar aquele farol específico com meu pai. Aquela viagem tivera alguns pontos altos, mas, no todo, confirmara o que eu já sabia sobre meu pai: eu não podia contar com ele.

Chegar ao farol não só exigia uma viagem de táxi, mas também andar por outra trilha repleta de rochas e arbustos até adentrarmos a península cor de caramelo que se projetava para o oceano. Aquele era o último trecho de Santorini — estávamos o mais distante possível de Oia.

Ficamos ao ar livre por um tempo, o vento nos atingindo de toda parte, Theo filmando como sempre. O farol era pequeno e simples, feito de pedra branca com tijolos marrons delineando as bordas. Havia um cata-vento no alto de um domo verde, e uma bandeira grega azul-cobalto balançava ao sabor do vento implacável. A península em si era um amontoado de rochas, o que fazia o robusto farol se sobressair ainda mais. A construção parecia deslocada em sua absoluta praticidade. Para além do farol, a caldeira cintilava ao sol, destacando as cinco ilhas de Santorini.

— Deixa eu filmar você andando aí toda triste e abatida — instruiu Theo. — Eu faço umas imagens, e depois acrescentamos uma trilha sonora dramática. Podemos falar sobre todas as pobres almas forçadas a passar o dia explorando uma das ilhas mais bonitas da Terra.

— Theo... — resmunguei, jogando os braços para o ar, mas acabei andando exatamente como uma pobre alma forçada a explorar uma ilha bonita, e Theo comemorou atrás de mim.

— Isso, assim. *Perfeito*.

Como ele sabia me fazer sorrir assim?

Enquanto seguia até o penhasco, percebi que não estávamos sozinhos. Grupos de pessoas fazendo piqueniques haviam se espalhado nas rochas e, ao ver um pai com a filha pequena, fui invadida por uma onda de inveja que substituí rapidamente pela autocrítica. Eu não tinha me treinado para *não* sentir falta do meu pai? Ainda por cima, já era adolescente. Eu deveria estar levando bronca por não largar o celular e deixando-o apavorado no banco do carona do meu primeiro carro, e não tentando me *reconectar* com ele. Estava tudo errado.

Depois de um tempo, Theo me alcançou, o celular na mão.

— Nuvenzinha, ouve só. O Farol de Acrotíri foi construído por uma empresa francesa no final dos anos 1800 e foi um dos primeiros em toda a Grécia. Parou de funcionar durante a Segunda Guerra Mundial, mas a Marinha grega o recolocou em uso na década de quarenta. Está vendo o formato dele?

Fiquei na ponta dos pés para ver por cima da cerca ao redor da estrutura. Junto à torre do farol, havia um edifício completo, a parte de trás na forma de um retângulo.

— Hoje o farol é administrado a distância, mas antigamente era aqui que o faroleiro e sua família moravam. Foi quem seu pai conheceu. Não dá para imaginá-lo aqui quando era criança?

Suspirei, apoiando o queixo na cerca. Porque, sim, eu conseguia imaginar. Já tinha visto fotos dele pequeno. Meu pai parecia travesso e cheio de energia, e era fácil vê-lo correndo sobre aquelas rochas, aproximando-se destemidamente da beirada, formulando suas primeiras teorias sobre Atlântida. Ele sempre fora quem era, e eu gostaria que aquela pessoa tivesse deixado espaço para mim. Será que ele sequer era capaz daquilo?

— Por que não filmo você contando o que sabe sobre o faroleiro?
— sugeri Theo. — Não vai ser tão bom quanto ter seu pai aqui, mas vai dar um toque pessoal ao documentário mesmo assim.

Como de costume, a câmera de Theo atraía muitos olhares interessados, e o peso de toda aquela atenção me deixou ainda mais deprimida.

— Ei, Theo, já volto.

Seu olhar escuro e compreensivo encontrou o meu.

— Claro, Kalamata. Fique à vontade.

Passei os minutos seguintes explorando a pequena península. A água quebrava por toda a minha volta, e fiquei bem na beirada, de frente para a água, desejando que o oceano, os respingos e todo aquele céu azul me fizessem esquecer — mesmo que só por um instante — meu pai, Dax, a faculdade e tudo mais.

Não funcionou. Eu me sentia sozinha e exposta, exatamente como aquele farol.

Minha mãe estava errada. Ir à Grécia não tinha mudado nada. Aquela viagem era mais uma promessa quebrada. Encontrei um

lugar para me sentar numa rocha mais lisa, tirei meu caderno da mochila e comecei a desenhar.

Meus sentimentos clareavam à medida que o esboço tomava forma. A questão principal era que, apesar dos muitos pesares, eu ainda queria ter um relacionamento mais próximo com meu pai. Queria que ele fosse às minhas exposições de arte e jogos, pegasse no pé do meu namorado e me mandasse terminar meu dever de casa. Eu não queria qualquer pai. Queria o *meu* pai. Queria nossa velha amizade, a conversa fácil, todas as nossas aventuras e a maneira como ele tornava as coisas chatas — fazer compras, caminhar até a escola — interessantes. Queria tanto tudo aquilo que me sentia zozza, insegura e triste ao mesmo tempo. Sentir falta do meu pai *doía*.

Será que aquilo seria possível um dia? Por mais que tivesse lutado contra a enxurrada de cartões-postais tentando entrar em minha vida, eu sempre havia torcido para que fossem um sinal. De que ele sentia o mesmo, e que talvez conseguíssemos encontrar uma ponte ou algum ponto em comum, algo que nos reunisse. Por um instante, em nosso cruzeiro ao pôr do sol, acreditei que ele estivesse pensando a mesma coisa. Achei que ele seria capaz de voltar para a minha vida. Meu pai me pedira para acreditar nele, não pedira? Será que minha hesitação tinha fechado aquela porta? Em caso afirmativo, aquilo poderia mesmo ser considerado um convite?

Ergui os olhos em direção ao contorno nebuloso de Oia e senti a verdade se solidificar. Independentemente do que eu tivesse dito ou não no cruzeiro, uma reconciliação verdadeira nunca aconteceria. Aquela viagem tinha provado que meu pai não conseguia ser — ou talvez simplesmente não quisesse ser — alguém com quem eu

pudesse contar. Nosso relacionamento era coisa do passado, e, quanto antes eu aceitasse aquilo, melhor.

As coisas em Seattle podiam não ser perfeitas, mas pelo menos eu sabia como funcionavam e como me encaixar. Pelo menos não ficava na expectativa de coisas que nunca iriam acontecer.

Agarrei meu lápis com força. Eu tinha desenhado um farol. Firme, funcional, mas solitário.



Capítulo 19



#19. DESENHO DO NOSSO SENHORIO, MACK

Este eu levei um tempo para encontrar. Estava escondido sob uma pilha de contas no que meu pai chamava de "gaveta precisa". Apesar da alusão a Harry Potter, era só uma gaveta de contas. Muitas e muitas contas. A gaveta vivia cheia, mas meu pai mantinha tudo arrumadinho, com elásticos prendendo as diferentes pilhas. Vermelho significava pagar imediatamente. Amarelo, pagar assim que possível. E verde, sem pressa, cuidamos disso depois. Nos meses anteriores à sua partida, ele parara de usar o sistema de elásticos e a gaveta transbordara.

Encontrei o desenho no verso de uma despesa médica e soube imediatamente quem era: nosso senhorio, Mack. Na imagem, ele está sentado em sua poltrona reclinável, os olhos grandes por trás dos óculos grossos, as mãos descansando sobre o peito. Aquele desenho parecia mais real do que se Mack estivesse parado bem na minha frente. O que realmente mexia comigo era a expressão em seu rosto. Dava para ver que as coisas não tinham dado certo para Mack da maneira que ele esperava, e você desejava que ele tivesse tido mais sorte.

QUANDO VOLTEI ATÉ THEO, VI QUE ELE ESTAVA COMPLETAMENTE envolvido numa conversa com um homem calvo de barba escura,

usando calça esportiva e camisa cinza. Eu não estava com disposição para interagir, então fiquei perto da cerca do farol, cuidadosamente fora de vista, até ouvir Theo gritando por mim.

— Kalamata? Cadê você? Por favor, me diga que não se atirou melancólica nas profundezas do oceano.

Meu suspiro foi engolido pelo vento. Aquele drama já estava ficando cansativo, até mesmo para mim.

— Aqui, Theo.

Ele veio correndo com a mochila batendo nas costas, pulando todos os pedaços irregulares de rocha. O homem estava fora de vista.

— Kalamata! Você não vai acreditar nisso!

De todos os momentos de empolgação de Theo, aquele era o maior que eu já tinha visto. Se eu o cutucasse com um alfinete, ele provavelmente explodiria.

— Outra porta para lugar nenhum? — perguntei, inclinando-me para alongar as costas.

Talvez eu pudesse convencer Theo a me levar de novo ao Cinekamari naquela noite. Outro filme melhoraria muito meu mau humor.

— Aquele homem me perguntou o que estávamos filmando, e, quando contei sobre o documentário, ele disse que preciso ir a um restaurante chamado Vasilios. O proprietário afirma ter encontrado um pedaço de Atlântida.

Ele despejou as palavras num fluxo tão frenético que levei um instante para compreendê-las. Quando consegui, meu entusiasmo definitivamente não estava à altura do de Theo.

Endireitei o corpo.

— Um pedaço da Atlântida? O que isso quer dizer?

Fiz questão de usar um tom de voz com uma dose saudável de desdém. Por acaso aquela ilha estava repleta de pessoas delirantes?

Ele não se intimidou. Theo se balançava para a frente e para trás, entusiasmado.

— Ele disse que, na década de 1980, um pescador que mora nas proximidades mergulhou e encontrou alguns vestígios de uma cidade dourada. E que esse cara vem tentando fazer as pessoas o levarem a sério desde então.

Quem aquilo lembrava? Mordi o lábio, impaciente.

— E deixe-me adivinhar: você quer falar com ele?

Theo agarrou meus ombros, me sacudindo como se eu fosse um presente de Natal.

— Claro que quero. Na melhor das hipóteses, ele realmente tem algo para nós. Na pior, temos uma boa história e algumas imagens de um morador falando sobre sua própria caçada a Atlântida. Kalamata, é isso!

Eu estava um pouco de saco cheio de Atlântida no momento, mas voltar aborrecida para a livraria vazia não me parecia muito melhor.

Que mal faria, além de machucar meu já maltratado coração?

Rá.

— Onde fica o restaurante? — perguntei, tirando cuidadosamente as mãos do Theo dos meus ombros.

Ele cheirava a água salgada. Por que eu nunca tinha percebido como aquele cheiro era bom?

— É uma taverna numa praia chamada Kambia. Ele diz que é um dos lugares mais procurados da região. Vai ser fácil de achar. A gente pega um ônibus. Vamos!

E lá se foi ele correndo novamente.

* * *

Kambia era uma praia tranquila e escondida que, de alguma forma, conseguira evitar as multidões da Praia Vermelha e de Acrotíri. Acabamos fazendo a maior parte do caminho a pé. Não era tão fácil de encontrar como o informante do Theo havia afirmado, mas, depois de encurralar várias pessoas inocentes para pedir informação, Theo encontrou alguém que nos indicou a praia correta, e deixamos a estrada, pegando uma escadaria meio torta até uma pequena enseada. Uma estreita doca de madeira passava pela praia rochosa, chegando à água límpida.

O calor do fim de tarde finalmente começava a diminuir, e havia apenas duas pessoas largadas nas rochas, completamente bronzeadas. *É isso o que você estaria fazendo na viagem de formatura do Dax*, minha mente me lembrou. Estaria relaxando. Não correndo atrás de pistas com centenas de quilos de equipamento nas costas e o coração partido.

—Então, *Kambia* significa lagarta — explicou Theo, no que eu passara a reconhecer como sendo sua voz de Transmitir Fatos Inúteis.

Ele apontou para as árvores e os arbustos atrás de nós.

— Interessante — respondi.

Ele ignorou minha falta de entusiasmo.

— Na primavera, milhares de borboletas eclodem de seus casulos nos pinheiros. É um desfile de borboletas.

Coloquei as mãos na cintura e olhei em volta, curtindo a brisa quente. Parecia que a enseada estava prendendo a respiração. Como se guardasse um segredo.

— Santorini sem multidões... Quem diria?

— Espere até o inverno — disse Theo. — Na minha primeira manhã de dezembro aqui, pensei que estivesse no set de um filme de apocalipse zumbi. O lugar todo esvazia.

Ele apontou para um ponto atrás de mim.

— Taverna.

— Hã?

Eu me virei e vi a pequena construção camuflada na rocha. Eu poderia facilmente ter passado direto por ela. As paredes da taverna eram incrustadas com rochas diferentes, mas da cor exata dos penhascos, e pelo menos metade da estrutura consistia em um pátio aberto. A grade era coberta por suculentas que se derramavam por cima dos vasos, e havia várias mesinhas vazias. Uma placa pendurada na entrada balançava suavemente com a brisa e dizia: VASILIOS.

Se eu tinha minhas dúvidas antes, naquele momento tive certeza do meu ceticismo. Não encontraríamos provas importantes em um cabana de pesca minúscula. Balancei o corpo para trás, me apoiando em meus calcanhares doloridos. Sandálias não tinham sido um bom calçado para o percurso do dia.

— E agora? A gente pergunta pelo Vasilios, o homem que afirma ter um pedaço de Atlântida?

— Ótimo plano — disse Theo por trás da câmera.

Se ele não desse certo como cineasta, deveria tentar a carreira de mágico. Ele conseguia fazer a câmera aparecer do nada.

Maravilha. Fiz uma careta para a câmera, desci o resto dos degraus e cruzei a areia até a varanda da taverna. Ao nos aproximarmos, uma mulher rechonchuda de bochechas rosadas apareceu na entrada aberta, um lápis atrás da orelha.

— Vocês estão aqui para jantar?

Sua voz era amigável, com um discreto sotaque grego, mas, quando viu a câmera do Theo, seu sorriso desapareceu.

— Como posso ajudar? — perguntou.

Theo me cutucou, e fiz o possível para demonstrar alguma empolgação.

— Oi. Somos documentaristas e gostaríamos de falar com o Vasilios. Ele está?

Ela ficou sem reação, e eu percebi que estava na defensiva.

— Meu pai está descansando. Do que se trata?

— Alguém nos disse que ele...

Parei, desejando de todo o coração não ter que falar o que estava prestes a falar para aquela mulher que parecia não ter tempo a perder.

— Alguém nos disse que ele tem informações sobre a cidade perdida de Atlântida. Adoraríamos conversar com ele sobre isso.

— Atlântida? — perguntou a mulher, e sua expressão se aguçou imediatamente. — Quem falou isso para vocês?

— Hã...

Um homem qualquer no farol não tinha o peso que aquele cenário exigia.

— Alguém que conhecemos mais cedo — respondi, enfim.

— Além disso, também gostaríamos de comer — acrescentou Theo, olhando para o polvo cor de coral pendurado nas vigas.

A mulher cruzou os braços.

— Vocês não podem falar com meu pai hoje. Ele não está se sentindo bem.

Eu sentia a animosidade emanando dela. Então minha ficha caiu. Sabia exatamente o que estava acontecendo ali.

— Meu pai também é um caçador de Atlântida e passou muito tempo desenvolvendo a teoria dele. Não estamos aqui para zombar do seu pai. Ou de você — acrescentei rapidamente. — Se ele não puder falar com a gente, tudo bem. Mas gostaríamos mesmo de falar com ele.

Foi um discurso e tanto. Theo me encarou com os olhos arregalados, depois também se pronunciou.

— É verdade. Somos colegas exploradores.

Ele devia ter ouvido Henrik usar aquela palavra.

A mulher suspirou, estudando-nos por um instante, mas, em vez de nos mandar embora como pensei que faria, apontou para uma das mesas.

— Sentem-se, por favor.

Atravessamos o deque, que rangia, e me sentei numa cadeira cinza-prateada já meio gasta, observando a toalha de mesa de crochê e o vaso de flores cuidadosamente arrumado. O cheiro de carne temperada que saía pela porta aberta do restaurante fez minha boca salivar. Theo se sentou à minha frente e se inclinou para perto, erguendo a mão.

— E aí, Kalamata?

Encostei minha mão na dele, juntando nossos dedos. Senti alguns calos em suas palmas, e os dedos dele eram pelo menos uns dois centímetros mais compridos que os meus.

— Acho que nunca vamos conhecer Vasilios, muito menos ver qualquer prova que ele tenha.

— Não, perguntei o que você quer *pedir*.

Ele pegou os cardápios do suporte ao lado da mesa e empurrou um para mim. Estava todo escrito em grego, sem nenhuma imagem para me ajudar.

— Pede alguma coisa para mim?

— Lula recheada com queijo feta? Ceviche de robalo?

Não fazia muito tempo que tínhamos comido os sanduíches, mas de repente eu estava morrendo de fome.

— Tudo isso — respondi.

Dei uma olhada no meu celular, meio na esperança de ver alguma mensagem do meu pai. Será que ele ao menos tinha meu número?

Theo ergueu as sobrancelhas.

— Você morre de medo do oceano, mas adora comer tudo o que vem dele.

— Essas duas coisas não têm a menor correlação.

Ouvi o som de passos em staccato vindo de dentro do restaurante e, quando levantei a cabeça, vi que um idoso com cabelos brancos esvoaçantes se aproximava de nós. Era baixo e encorpado, com óculos de armação de metal e um grande sorriso no rosto.

— Oi! — exclamou ele. — Olá, americanos! Adolescentes americanos!

A filha havia mentido sobre a saúde dele. Aquele homem parecia capaz de vencer o Theo em uma corrida.

Theo e eu nos levantamos rapidamente, trocando um olhar.

— Sou americana, mas ele é grego — falei, apontando para o Theo. — Você é o Vasilios?

O homem bateu no peito.

— Sim, sou Vasilios. Meu restaurante!

Ele sorriu para nós, depois apontou para o equipamento do Theo.

— Hollywood! Sim? Hollywood!

— Bem... — comecei.

Seu olhar curioso pousou em mim.

— Hein?

Theo disparou uma série de frases em grego, e o rosto de Vasilios se iluminou como uma luz estroboscópica.

— Atlântida! Sim, eu mostrar — disse, e apontou para mim. — *Você.*

Senti meu rosto ficar quente. Vasilios me encarava de forma muito intensa.

— Hã... você vai me mostrar?

— Sim. Você. Você espera!

Vasilios desceu depressa a varanda e seguiu em direção às escadas como um atleta em busca da medalha de ouro. Não era bem o velhinho sonolento que eu tinha imaginado pela descrição da filha. Ele parecia ser mais rápido do que Julius. Mais rápido do que *Dax*. E afiado. A questão com Santorini é que, depois de um tempo, não me surpreendia com mais nada.

— Quantos anos você acha que ele tem?

— No mínimo cento e sete — respondeu Theo. — É o ácido oleico derivado de todo o azeite de oliva que comemos aqui. Reduz a pressão arterial e nos mantém jovens. Você sabia que os gregos usam em média vinte e três litros de azeite por ano?

— Você não se cansa? — comentei, acompanhando Vasilios sumir de vista. — Todo mundo anda tão rápido assim na Grécia? Achei que

o estilo de vida de vocês fosse mais relaxado.

Theo se inclinou para trás na cadeira.

— Relaxado? Quem falou isso? Por acaso você já conheceu um grego?

— Eu *sou* grega, lembra?

— Mais ou menos — disse Theo. — Você nem consegue tomar nosso café. Não vou nem comentar a meia xícara de açúcar que despejou no seu copo no ponto de ônibus hoje de manhã. Você quase teve que mastigar.

— Eu estava cansada. E deixa meu café com açúcar em paz.

Recostei na cadeira, sentindo uma pequena pontada de alívio. O barulho das ondas era relaxante, e minha mente precisava desesperadamente de umas férias de tudo relacionado ao meu pai.

Trinta minutos depois, Theo tentava roubar um pedaço de polvo na chapa do meu prato, e ouvimos os passos em staccato de novo, anunciando o retorno de Vasilios. Seu rosto estava vermelho-vivo, e sua camisa, ensopada.

— Hora da câmara — disse Theo, largando o garfo e tirando o aparelho da mochila.

Eu me levantei.

— Vasilios — chamei.

Ele respirava com dificuldade e, pelo rosto vermelho, parecia prestes a sofrer um infarte. Senti meus batimentos acelerarem também.

— Está tudo bem? — perguntei. — Você correu esse tempo todo?

Vasilios demorou um instante para recuperar o fôlego, curvado, as mãos nos joelhos. Então se ergueu rápido como um pão numa torradeira.

— Sou pescador. Eu pesco. Para taverna. Para família. Um dia na rede, eu ver. Encontrar...

Ele disse uma palavra em grego, olhando para Theo em busca de ajuda.

Theo arregalou os olhos e repetiu a palavra, e os dois conversaram pelo que pareceu uma eternidade, Theo disparando uma série de perguntas e Vasilios respondendo quase com a mesma rapidez. O rosto de Theo se iluminava mais a cada palavra e, contra a minha vontade, a expectativa formava um maremoto no meu peito. Quando não aguentei mais, agarrei o braço de Theo.

— O que foi? O que ele encontrou?

O rosto de Theo era uma mistura cautelosa de descrença e espanto.

— Kalamata, como era Atlântida?

Ele queria que eu explicasse tim-tim por tim-tim?

— Hã... Bem, era uma ilha, feita de anéis concêntricos. Terra e oceano alternados. E no meio havia uma estátua dourada de Poseidon. Tudo era coberto de ouro e havia centenas de estátuas.

— Coberto de *ouro*? — perguntou Theo. — Ou de outra coisa?

— Não.

Procurei lembrar, folheando mentalmente meu conhecimento sobre Atlântida. Eles tinham seu próprio metal precioso. Como era chamado? Oro alguma coisa? A palavra veio à minha mente.

— Oricalco!

— Sim, oricalco! — disse Vasilios, antes de começar a despejar palavras outra vez.

Theo traduzia, mantendo o olhar fixo em Vasilios.

— Oricalco é uma mistura de cobre, zinco, níquel, chumbo e ferro. Platão escreveu sobre isso nos seus textos antigos. Era a moeda da Atlântida. E as três paredes externas do Templo de Poseidon eram revestidas com ele.

Todos aqueles fatos se alinhavam com o que eu já sabia. Notei que me remexia, impaciente, as mãos agarrando a mesa.

— Foi isso que você encontrou? Theo, foi isso que ele encontrou?

Outra sequência agitada de palavras em grego. Theo traduziu de novo.

— Sim, foi isso que ele encontrou na rede. Um pedaço de oricalco.

Meu coração começou a bater tão forte que eu não conseguia ouvir as instruções do meu cérebro para *me acalmar*. Ponderar os fatos. A probabilidade de que Vasilios tivesse encontrado oricalco ia de quase impossível a completamente impossível. Podia ser apenas uma lata enferrujada ou o pedaço de um navio antigo. Podia ser qualquer coisa.

Como se respondendo à dúvida, Vasilios enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno volume embrulhado em tecido vermelho. Então o estendeu para mim, receoso, e eu congelei.

— Kalamata — instigou Theo, mas eu não conseguia fazer nada além de olhar.

Minhas mãos tremiam. Ou seria a mesa que balançava? *Alguma coisa* estava tremendo.

— Hã... Ele está...? Isso é...?

— *Koitázo* — insistiu Vasilios.

— Abre. Espera! — Theo levou a câmera ao olho, firmando-a no ombro. — Agora abre.

Peguei o objeto da mão de Vasilios. Senti seu peso. Senti a importância daquilo focar minha visão e acalmar minha respiração. *Não é oricalco. Não pode ser, me convenci, mas talvez...*

Não me contive. Desembrulhei o tecido com pressa, quase deixando o objeto cair, e ali estava, livre, o tecido amontoado em minhas mãos trêmulas...

Pronto.

Aninhado no guardanapo xadrez vermelho e branco do Vasilios, havia um pedaço de metal retangular, do tamanho de um celular, arranhado e meio irregular, com um brilho metálico dourado e bordas arredondadas. Em uma das extremidades, havia várias linhas finas, restos de uma gravura desgastada pelo mar, e a outra ponta era denteada, como se tivesse se partido de algo maior. Algo *régio*.

Tudo pareceu se reduzir a um pequeno quadro, o restante do mundo desaparecendo, como o zoom da câmera de Theo.

— O que...? Como...? — comecei, mas não tinha ideia de onde queria chegar com aquela frase. — O que... Você tem certeza? Tem certeza que é de oricalco?

É, sim, meu coração insistia, mas o coração não entendia dessas coisas, não é mesmo?

— Sim, sim, sim! — exclamou Vasilios, animado.

Era mais pesado do que parecia e quente, como se estivesse vivo.

Um pedaço de Atlântida.

Liv, não se precipite. Eu precisava fazer perguntas. As perguntas certas. Aquelas que um verdadeiro arqueólogo, cientista, mitólogo ou seja lá quem fosse faria. As que Indiana Olive faria.

— Vasilios, como você sabe que isso é mesmo oricalco?

Minha voz soou calma, mas eu segurava o oricalco com tanta força que meus dedos doíam.

Vasilios lançou-se à explicação, e eu esperei pela tradução do Theo o mais pacientemente possível, meu olhar grudado ao metal.

— Ele mandou testar com um amigo que é cientista em Thessaloniki. Não quis levar para as autoridades porque pensou que a tirariam dele. Mas seu amigo confirmou que tem as porcentagens corretas de metal para que seja oricalco.

Afundi na cadeira, meu coração em chamas. Como? Por quê? Poderia mesmo ser real?

— Onde você achou isso? — perguntei.

Vasilios derramou outra erupção de palavras. Só que daquela vez reconheci uma palavra. *Aspronisi*. A ilha vulcânica que meu pai tinha citado naquele primeiro dia na padaria. A que ele dizia ser o marco mais próximo do templo de Poseidon. O local que meu pai e a dra. Bilder haviam apontado como o centro mais provável de Atlântida. *Aquela Aspronisi*.

Na mesma hora, Theo e eu nos entreolhamos. Não sei quem parecia mais chocado.

— Ele disse *Aspronisi*? — perguntei.

Minha voz saiu num sussurro. Até mesmo Theo parecia abalado. Ele baixou a câmera, os olhos arregalados.

— Sim! — exclamou Vasilios, entusiasmado. — *Aspronisi*.

Vasilios falava e Theo traduzia.

— Ele o encontrou trinta metros a leste da ilha. Diz que lembra como se fosse ontem.

Senti uma explosão de confete no peito. Fogos de artifício. *Lava*. Todos os meus sonhos de criança estavam estourando dentro em

mim, clamando por uma reviravolta, saltitando.

Eu estava segurando um pedaço de Atlântida. Da verdadeira Atlântida. Eu tinha certeza disso da mesma forma que tinha certeza de que a maré subiria e o sol se poria. *Prova concreta*, sussurravam as ondas.

— Liga para o meu pai — falei para Theo. — Liga para ele agora mesmo.



Capítulo 20



#20. CAIXA DE PARTITURAS, TÍTULOS EM GREGO

Nenhum de nós tocava piano ou qualquer instrumento, então, quando encontrei as partituras no armário dele, fiquei confusa. Será que pertencia a outra pessoa? Até que vi as anotações a lápis em grego bem fraquinhas nas margens e suspeitei que deviam ter a ver conosco.

Achei que minha mãe notaria se eu pegasse tudo, então dei uma olhada nas páginas amareladas e frágeis até encontrar uma com título em grego e em inglês — “Sonata ao luar” (Sonata para piano nº 14, Primeiro movimento) — e acrescentei à minha pilha crescente. A página era tão fina e quebradiça quanto uma folha no outono, e algo naquilo me deixou melancólica.

NÃO CONSEGUIMOS LIGAR PARA MEU PAI NEM PARA ANA, ENTÃO acabamos mandando uma série de mensagens, de dez em dez minutos, até Ana responder avisando que eles estavam na balsa e que era para a gente esperar. Eles ainda levaram mais de quatro horas para chegar em casa e, àquela altura, eu estava com os nervos à flor da pele.

Aquilo tudo era tão implausível que me sentia tragada por um redemoinho. Quais eram as chances de alguém que já tivesse ouvido a história de Vasilios (a) ver o Theo filmando, (b) perguntar a ele o

que estávamos gravando e então (c) nos indicar o único homem que tinha a mesma teoria que o meu pai? Nem mesmo a parte mais racional do meu cérebro conseguia dar uma explicação para aquela sequência de eventos. Acrescente a isso o fato de o encontro ter acontecido bem no lugar onde meu pai ouvira falar em Atlântida pela primeira vez.

O meu cérebro havia explodido.

Theo e eu ficamos esperando no terraço, de olho para ver se nossos pais se aproximavam, enquanto ele tentava editar a gravação daquele dia e eu rolava obsessivamente a tela do meu celular, pulando entre artigos e sites dedicados a Atlântida. Já fazia muito tempo que eu não lia sobre o assunto, e estava surpresa ao ver todas as novas teorias e especulações que surgiram ao longo dos anos. Fiquei particularmente interessada nos novos questionamentos sobre algumas das escolhas de palavras de Platão, e fiz uma série de anotações no meu fichário.

Depois de um tempo, Theo se deu por vencido e desistiu. Ele disse que era impossível se concentrar em reprodução e gradação de cor quando havia um pedaço de Atlântida bem ali nos quinze centímetros entre nós. Era difícil se concentrar em qualquer coisa.

Dax começou a me ligar antes do pôr do sol, mas ignorei as três chamadas. Eu não conseguia nem cogitar atender uma ligação dele naquele momento. Se eu atendesse, ele notaria minha empolgação, e que explicação eu daria?

O sol tinha começado a se pôr quando Theo se levantou, protegendo os olhos com a mão para dar uma olhada na rua principal.

— Eles chegaram!

Theo pendurou a câmera no ombro e puxou meu braço para eu me levantar, e corremos pela rua para encontrá-los. Ana estava esgotada, o cabelo uma nuvem arrepiada em volta do rosto, os olhos cansados. Meu pai parecia ainda pior. Suas roupas estavam amarrotadas, e as olheiras tinham voltado, mas ele se mexia rápido, a energia emanando dele em ondas que eu conseguia sentir a vários metros de distância.

Quando nos viu, ele ultrapassou uma multidão que andava lentamente, o olhar concentrado em mim. O pôr do sol refletia em seu rosto, e ele parecia em chamas.

— Liv! Liv, é verdade?

— Pai!

Corri o último trecho até encontrá-lo. Eu tinha deixado meus calçados, caderno de desenho e pastéis a óleo todos jogados, mas segurava o oricalco com firmeza, andando descalça no pavimento de pedra quente e lisa. Meu coração estava errático como uma mariposa.

Theo havia dito que eu é quem deveria mostrá-la ao meu pai. Eu ainda não conseguia acreditar que Vasilios tinha nos deixado levar o oricalco para casa. É verdade que tinha sido fisicamente difícil para mim soltá-lo, e eu tinha *jurado por tudo o que era mais sagrado* que o devolveria em perfeitas condições, mas Vasilios não parecera preocupado. Parecera quase aliviado, grato por alguém estar tirando aquilo dele.

Era eu quem entregaria a prova ao meu pai. Não desperdicei um segundo. Peguei o guardanapo de pano e coloquei tudo junto em suas mãos estendidas. A rua estava lotada, e as pessoas não paravam de esbarrar na gente, mas nenhum de nós se mexeu. Só

ficamos observando-o desdobrar o tecido. Eu, Ana e a câmera. Eu mal conseguia respirar. Não conseguia fazer nada além de ver como o rosto dele se transformava. Meu pai parecia ter nove anos. Depois, vinte. Depois, quarenta. Ele se parecia mais com o meu pai do que nunca.

— Liv...

Meu coração parecia que ia explodir do peito. Eu não conseguia parar de pensar em quantas vezes ele tinha desenhado Atlântida. Que memorizara os anéis. Que sabia exatamente quantos traçar a partir do centro. Lembrei-me de todo aquele tempo que eu passara sentada ao seu lado, desenhando mapas... de todas as suas pilhas de livros. Tínhamos lido todos os livros sobre o assunto, e a bibliotecária nos deixara ficar com alguns dos antigos de tanto que os retirávamos.

Todas as horas que tínhamos passado lendo, pensando e pesquisando sobre Atlântida, tudo culminara naquele momento, uma pequena ilha de pessoas reunidas em torno de algo que eu nunca acreditei que aconteceria. De algo em que ninguém, além do meu pai, acreditava totalmente. Eu me sentia envergonhada. Grata, também.

Uma prova.

Uma prova concreta.

— Liv, como você...? Como?

Fiz um resumo rápido da história, sem me importar com a comoção ao nosso redor, nem mesmo com a câmera. Quando terminei, não olhava mais para o oricalco. Olhava para mim, as lágrimas brotando dos olhos.

— Isso é mais do que eu poderia pedir. Liv, isso é por sua causa. E, Theo, obrigado.

— Não foi nada, chefe — disse Theo, a voz um pouco embargada por trás da câmera.

Até Ana parou de torcer as mãos por um instante, apoiando-as nas costas do meu pai, o rosto iluminado. Independentemente do que aconteceria a seguir, aquele momento era especial.

Eu não queria quebrar o encanto, mas havia outro detalhe que eu precisava contar ao meu pai.

— Vasilios, o homem que encontrou isso, disse que nos levará ao local exato amanhã. Theo e eu conversamos e achamos que pode ser a cena final do documentário.

— Amanhã eu vou mergulhar — afirmou, quase para si mesmo, e Ana e eu trocamos um olhar antes de entender o que ele quis dizer.

— Você vai mergulhar no local? — perguntei. — Mas... Achei que você tivesse dito que precisaria de um equipamento melhor para isso.

— Se eu souber a localização exata, *exata mesmo*, então vale a pena tentar — insistiu. — E, se fizermos isso amanhã, teremos tempo de incluir a gravação no documentário. Certo, Theo?

Theo baixou a câmera lentamente, mas, em vez da empolgação que eu esperava, suas feições estavam marcadas pela preocupação.

— Certo. Mas não sou certificado, então não posso ir. Você vai ter que aprender a usar a GoPro e...

— Nico, *não* — interrompeu Ana. — É muito perigoso. Você não pode fazer isso sozinho. Sozinho não vai dar certo.

— Vai ser só uma olhada rápida — insistiu meu pai. — Não posso perder essa oportunidade. Já imaginou se eu encontrar alguma

coisa? O que isso significaria para o documentário, o que significaria para *nós*?

Ele olhava para mim ao dizer isso.

— Não é uma boa ideia — repetiu Ana.

— Liv, você vai comigo!

Theo quase deixou a câmera cair e teve que se esforçar para segurá-la.

Toda a emoção, o nervosismo e a adrenalina que corriam pelas minhas veias se interromperam repentina e dolorosamente.

— *O quê?*

Desviei o olhar do meu pai.

— Você tem certificado de mergulho... — continuou ele. — Sua mãe me contou! E você passou tanto tempo filmando com a gente que pode cuidar da câmera sem problema.

Minha mãe, outra vez. Ela tinha lhe contado? Será que tinha falado sobre os pesadelos também? Fiquei desnorteada.

— Não é uma boa ideia — reiterou Ana.

Theo interrompeu, hesitante.

— *Maman*, se um pescador pegou isso, então está dentro dos limites do mergulho recreativo. Desde que seja um dia ensolarado, a filmagem vai ficar ótima.

Eu precisava superar minha confusão mental e frear aquele trem antes que ganhasse mais velocidade.

— Pai... Eu não posso... — comecei.

Ana falou rapidamente em grego, sua voz se sobrepondo à minha.

Meu pai segurou o braço dela, começando a falar em grego e depois mudando para inglês:

— Sim, eu sei. Mas você entende? É isso. É *isso*. Esperei minha vida inteira por este momento, e agora minha filha está aqui para compartilhá-lo comigo. É um presente. Um presente de Poseidon, digamos assim. Ana, nós temos que mergulhar. — Ele se virou para mim. — Liv, vamos fazer isso juntos!

Foi como se ele tivesse apontado um holofote na minha direção. Por um instante, meu coração parecia cheio, transbordando. Como quando eu era pequena e tinha certeza do que Indiana Olive era capaz. Quando tinha certeza de que seria eu quem encontraria Atlântida. Mas então a luz ficou quente demais.

— N-não — gaguejei. — Não, não posso mergulhar. Aqui não. Balancei a cabeça.

— Sou certificada, mas não mergulho mais.

Não aqui e, definitivamente, não com você.

Meu pai insistiu.

— Mas... você é certificada? Você tem experiência?

— Sim, mas...

Seu rosto parecia tão esperançoso que o pânico cresceu dentro de mim, tão frio e denso quanto a água do mar. Mergulhar em um resort com minha mãe e James era uma coisa. Mergulhar com meu pai... ali... bem, não iria rolar.

— Estou enferrujada — disparei.

Seu rosto se abriu em um sorriso aliviado.

— Santorini é um lugar fácil de mergulhar, e sou certificado como instrutor de mergulho, liberado até para levar iniciantes. Você pode confiar totalmente em mim lá embaixo.

— Pai, eu *não* vou.

Minha voz saiu alta demais, colocando um ponto final na conversa. Todos olharam para mim, surpresos. Parecia a cena do choro na festa de aniversário outra vez. Se eu quisesse justificar minha decisão, teria que contar a eles sobre os meus pesadelos.

— Eu não vou entrar na água — insisti. — Aqui não.

Theo fez um pequeno barulho com a garganta, mas, seja lá o que quisesse dizer, guardou para si mesmo.

— A decisão é sua — assegurou Ana, de maneira tranquilizadora.

— Mas... — começou meu pai, então se interrompeu rapidamente. — Claro, Liv. Não quero que você faça nada que não queira. Posso mergulhar sozinho. Você fica na superfície com o Theo. Até um burro velho como eu pode aprender a usar uma câmera subaquática.

Meu rosto ainda estava quente, mas assenti, baixando o olhar.

— Mas, Nico, e quanto à *asma*? — disse Ana, enfatizando a última palavra.

— Vou ligar para o meu médico. Ele tinha me dito que, desde que eu tomasse as precauções necessárias, poderia mergulhar.

— Mas...

Ana não parecia ter mais argumentos, então balançou a cabeça. Meu pai pousou a mão no ombro dela.

— Chega de discutir. Temos muito o que fazer esta noite e já está tarde — disse ele, então olhou para Theo. — Precisamos de um plano.

* * *

Ainda bem que meu pai tinha tantos favores acumulados pela ilha, porque precisaríamos de todos eles. O dono de uma loja de mergulho próxima reabriu para o meu pai conseguir o equipamento de que precisava. Theo localizou um fotógrafo local que era amigo do meu pai que concordou em nos emprestar uma câmera subaquática. Ana retorcia as mãos e descarregava em todo mundo em grego. Eu tinha sido encarregada de traçar o planejamento para o dia seguinte: onde e quando encontraríamos Vasilios? Que perguntas precisávamos fazer a ele durante a filmagem? O que meu pai diria e faria antes de mergulhar? Iríamos filmá-lo de cima ou deixaríamos que ele cuidasse disso? Como garantiríamos que ele conseguiria boas imagens enquanto estivesse lá embaixo?

Quando nos reunimos novamente na loja, já passava das onze horas, e eu estava tão cansada que me sentia elétrica. Havia uma carga no ar, nossa energia coletiva fazendo a livraria parecer os instantes que antecederiam uma tempestade.

Meu pai já havia passado quase uma hora ao telefone com Vasilios. Ele pegou seus mapas e, em seguida, ligou no viva-voz para a egiptóloga com quem vinha trabalhando, para discutirmos a localização exata do mergulho. Eu tinha razão. O local que Vasilios nos falara ficava a cinco metros do que meu pai e a dra. Bilder haviam apontado. Meu pai insistira para que eu ficasse com o oricalco, e, enquanto ele falava, coloquei o metal sobre o mapa, onde ficava a ilha de Aspronisi. Ilha Branca. Entre as ligações, eu tinha pesquisado sobre ela e sabia que tinha oitocentos metros de comprimento, um pequeno cais, uma praia rochosa e pouquíssimos visitantes. De acordo com o que se dizia na internet, pertencia à

mesma família havia sete gerações, mas ninguém parecia saber quem era a família ou mesmo por que tinham aquela ilha.

— As possibilidades de encontrarmos algo são obviamente muito tênues — disse a dra. Bilder, sem conseguir disfarçar a emoção na voz, por mais que tentasse. — Mesmo se acertarmos a localização, as chances ainda são pequenas. Mas devo dizer que a possibilidade é bastante empolgante.

— Concordo — falei, e meu pai olhou para mim e sorriu.

Foi como o sorriso na área de escavação. Espontâneo. *Natural*. Como poderia ser diferente? Sempre disséramos que faríamos aquilo.

— Lembrem-se de que a natureza é irregular — continuou a dra. Bilder. — O objetivo é procurar qualquer coisa que não pareça irregular. Linhas retas, formações circulares, esse tipo de coisa.

Minha imaginação produziu imediatamente uma variedade de imagens em água-tinta para eu explorar. A beira de uma estrada circular. O canto de uma porta dourada. Coisas que olhos destreinados deixariam passar, mas que talvez pudéssemos identificar...

Pois é. Eu também estava delirando. Por outro lado: *e se?*

Meu pai parecia estar imaginando a mesma coisa, e, quando desligou, seus olhos brilhavam.

— Agora precisamos dormir. Amanhã será um grande dia.

— Só mais uma coisa — disse Theo, que estava surpreendentemente quieto naquela noite, fazendo seu trabalho sem as brincadeiras de sempre. — Nico, todo herói precisa de uma história de origem. E precisamos filmar sua história pessoal, como havíamos planejado.

— Agora? — perguntou meu pai.

Eu estava tão incrédula quanto a voz dele deixou transparecer. Apesar de toda a minha animação, cada célula do meu corpo queria *dormir*.

— Theo, já está de noite. Onde filmaríamos isso?

— Exatamente — disse Theo. — Existe momento melhor para capturar o começo do amor de Nico por Atlântida do que na véspera de sua grande descoberta? Pensem no efeito dramático.

Theo falou “descoberta” como se fosse algo garantido — o que, claro, não era. Ainda assim, ele tinha razão.

— Poderíamos filmar aqui mesmo na livraria. Kalamata pode me ajudar a recriar o cenário que montamos da última vez que tentamos gravar. Nico, você topa?

— *Fysiká* — disse meu pai, assentindo.

Se ele topava, eu topava também.

Uma explosão de energia me fez levantar, e me virei, observando as sombras compridas dançando pelas paredes da livraria.

— Pai, vá trocar de roupa e se preparar. Pegue uma das suas camisas de cores mais vivas, algo que faça você se destacar. Theo, reúna todas as luzes. Vamos precisar do máximo que conseguirmos. Vou preparar o cenário. Queremos que fique perfeito.

— É pra já, capitã — respondeu meu pai, com uma pequena saudação.

— Você sabia que as azeitonas são os frutos mais mandões de todos? — disse Theo por cima do ombro, mas minha mente já estava concentrada no trabalho.

Precisávamos montar o cenário.

Primeiro, arrastei a escrivaninha antiga para a frente das estantes da minha seção favorita; depois, preendi alguns dos mapas antigos do meu pai na parede, arrumei uma pilha de livros antigos com capa de couro na mesa, posicionei algumas lâmpadas e enxotei alguns gatos. Quando terminei, recuei para ver tudo, satisfeita. Parecia o lugar em que alguém prestes a realizar a maior conquista de sua carreira se sentaria para refletir. O cenário adequado para um caçador de Atlântida. Perfeito.

Theo ajustava o tripé quando meu pai voltou, muito mais apresentável com uma camisa limpa e o cabelo penteado.

— Maquiagem? — perguntei.

Ele fez que não e seguiu até a mesa.

— Vamos contar a história real, não precisamos esconder nada.

Theo assentiu.

— Exatamente.

Meu pai se sentou, apoiando os cotovelos na mesa, enquanto Theo e eu olhávamos a cena através da lente da câmera.

— Perfeito — disse Theo.

— Não. Tem alguma coisa faltando. Espera aí.

Antes que eu me convencesse do contrário, corri até o quartinho onde havia escondido nosso mapa original na noite anterior.

— Você precisa usar isso — falei.

O mapa estava enrolado, e, quando meu pai o abriu sobre a mesa, vi o momento em que o reconheceu. Ele congelou e, por um segundo, pensei ter cometido um erro. Será que eu não devia ter lhe dado o mapa? Por fim, ele ergueu os olhos devagar.

— Você ainda tem isso.

Não era uma pergunta, mas ele queria saber mais. Dava para sentir. Aquela não era a hora de amenizar as coisas.

— Eu... — Cerrei os punhos, pressionando as unhas nas palmas das mãos. — Eu o guardei caso você precisasse dele de volta.

Os olhos dele brilharam.

— Não acredito que você o guardou por todos esses anos.

A câmera do Theo estava ligada, é claro. Ele farejava emoção como os tubarões farejavam sangue na água, mas sem metade do tato. No entanto, para minha surpresa, ele baixou a câmera de repente, desviando os olhos, respeitando o momento.

Mesmo desejando esconder o que sentia, eu me forcei a continuar presente, porque aquele momento, o que quer que representasse, precisaria acontecer alguma hora. Melhor então que fosse logo, quando a possibilidade de encontrarmos algo ainda pairava no ar. O que será que o amanhã traria?

Encarei o mapa, me incentivando a criar coragem, a me tornar Indiana Olive, a garota que tinha tanta certeza das coisas. Fechei os olhos, e lá estava ela. Giz de cera na mão, o pai ao seu lado, ligando pontos e examinando pistas. Ela conseguiria lidar com aquilo.

Respirei fundo, abrindo os olhos.

— Pai... hoje mais cedo, pesquisei sobre aquilo que conversamos no cruzeiro ao pôr do sol. Sobre as inconsistências no relato de Platão. Li uns vinte artigos e acho que entendi.

Notei suas sobrancelhas erguidas e tive que desviar o olhar rapidamente para não perder a coragem.

— Antes de Platão, a história de Atlântida só havia sido transmitida oralmente, então é bastante provável que tenham acontecido muitos erros humanos antes mesmo de chegar a ele.

Ele parecia intrigado, então continuei.

— Platão disse que Santorini era maior do que a Líbia e a Ásia, o que obviamente não é verdade. Mas a palavra grega para “maior que” era “*mezon*”, com Z, e a palavra para “entre” era “*meson*”, com S. Santorini não é maior que a Líbia e a Ásia, mas fica *entre* elas.

O sorriso dele tomava conta da sala. Segui em frente.

— E, no que diz respeito ao período, Platão disse que Atlântida havia afundado nove mil anos antes, quando na verdade o vulcão de Santorini entrou em erupção cerca de novecentos anos antes. Mas os símbolos gregos para novecentos e nove mil são quase idênticos. Ele poderia facilmente ter recebido informações equivocadas.

Fiz o possível para ignorar Theo e seu olhar, que parecia queimar um buraco na parte de trás da minha camisa, e procurei me concentrar apenas no meu pai. Eu nunca me sentira tão vulnerável daquela forma. Estava prestes a dizer o oposto do que eu dissera no cruzeiro.

— Pai, por que Atlântida é tão importante para você?

Senti o olhar assustado de Theo. Ele vinha tentando me fazer perguntar aquilo desde o começo.

Se eu aprendera uma coisa com a lenda de Atlântida, era que histórias evoluíam. Elas eram transmitidas e distorcidas, às vezes seguiam fidedignas, e outras vezes o tamanho dos continentes quadruplicava ou linhas do tempo eram transportadas para séculos completamente diferentes. Se Platão tinha se enganado tanto, seria possível que eu também tivesse me enganado? Será que eu poderia descobrir algo que, mesmo não mudando toda a situação, poderia ao menos devolver suas nuances?

Talvez.

Os olhos do meu pai estavam reflexivos; o rosto, determinado.

— Vou contar o começo. — Ele olhou para Theo. — Gravando? — perguntou.

Theo pegou a câmera meio atrapalhado, o rosto ainda surpreso.

— Como quiser, chefe.

Meu pai se sentou e, com cuidado, abriu o mapa à sua frente. Sua linguagem corporal era calma e segura de si, mas ele esticou os dedos algumas vezes, um sinal que reconheci de todos aqueles anos antes. Estava nervoso.

— Pronto.

Theo fez um sinal de positivo para mim, e preendi a respiração.

Meu pai olhava direto para a câmera.

— Meu nome é Nico Varanakis e cresci em Santorini. Sou filho do meu pai, Nico, e da minha mãe, Madalena. Morávamos em uma linda casa com vista para o mar, e ela era cheia de pessoas e coisas maravilhosas. Meu pai era inteligente e adorava literatura e filosofia. Minha mãe era gentil e uma pianista de formação clássica. Ela organizava muitos recitais lá em casa.

Ele parou por um instante, e esperei em silêncio, meu coração batendo como se tentasse compensar a quietude. Eu nunca soube nada sobre aquelas pessoas, nem mesmo seus nomes.

— Em vários aspectos, minha infância foi mágica. Tive muita liberdade e passava a maior parte do tempo remando em meu próprio barquinho, explorando cavernas e caçando tesouros nas praias. Mas, quando tinha dez anos, a vida mudou de repente.

Dez. Eu me imaginei aos dez anos. Parecia que já havia se passado uma vida inteira e, ao mesmo tempo, que só havia se

passado um instante. Com aquela idade, eu já não via meu pai havia dois anos.

Ele continuou.

— Meu pai era dono de uma vinícola chamada Meraki, uma das mais conhecidas na história desta ilha. As vinícolas de Santorini são famosas por várias coisas. As cinzas vulcânicas e a lava formaram um tipo distinto de solo e, portanto, um sabor distinto de uva. E, por causa dos ventos fortes, as videiras crescem enroscadas perto da terra, e não em treliças. Além disso, como não chove muito, o solo vulcânico é mantido úmido pela brisa do mar. O trabalho na vinícola era todo manual e empregava muitas, muitas pessoas. Às vezes parecia que tínhamos um pequeno exército trabalhando para nós. Meu pai fornecia vinho para a maioria dos restaurantes e hotéis da ilha. Ele também tinha muitos investidores, todos moradores de Santorini. E estava constantemente aprimorando seu processo, ultrapassando os limites do que era capaz de criar. Mas então vieram as alegações.

Meu pai hesitou um pouco, mas ergueu o queixo, determinado a prosseguir.

— Ele foi acusado de cometer fraude de investimento e dever dezenas de milhares de dólares aos funcionários. No início, todos nós acreditávamos que ele era inocente, mas, com o passar do tempo, descobrimos que não era. Para evitar ser processado, meu pai saiu do país e nos abandonou. Perdemos tudo. Minha mãe perdeu a vida inteira. A família a deserdou, e ela não tinha dinheiro nem conexões para nos levar para outro lugar. Mesmo que tivesse, nosso sobrenome seria reconhecido. Estávamos encurralados. Ela vendeu tudo o que podia e tentou ganhar a vida dando aulas de

piano. Mas Santorini é um lugar pequeno, e as pessoas acreditavam que ela estava envolvida no golpe. Ex-funcionários tinham perdido suas casas e as economias de uma vida por causa do meu pai. Ninguém queria se associar a nós.

A dor em sua voz era quase tangível.

— Por fim, ela arrumou trabalho como governanta para o faroleiro de Acrotíri, um homem chamado Giorgos que não tinha nenhuma ligação com a vinícola e era prático o suficiente para não se importar. Ela cozinhava e limpava para ele, e lavava a roupa de outras pessoas sempre que podia. Minha mãe trabalhava muito e estava profundamente infeliz. Não era o trabalho ou a perda de todas as coisas chiques que a incomodavam; mas o fato de ter vivido uma mentira.

Ele baixou o olhar para o nosso mapa, a voz mais fraca de repente.

— Se estivesse se sentindo generoso, Giorgos, o faroleiro, me deixava acompanhá-lo enquanto trabalhava. Um dia, ele me contou uma história. Platão, um homem inteligente e importante de quem eu nunca tinha ouvido falar, certa vez escrevera um relato sobre uma ilha bela e idílica que afundara no mar depois de irritar os deuses. Um paraíso perdido. O povo de lá tivera tudo um dia, mas o orgulho lhes custara caro. Fora a sua ruína.

Seu olhar correu até o meu.

— Reconheci a história na minha alma. Era a minha história. Eu também havia perdido um paraíso. Em algumas semanas, minha mãe e eu tínhamos perdido a segurança e a alegria em troca de uma vida de instabilidade e medo.

Seu olhar voltou para a câmera, e eu não conseguia desviar o meu.

— Fiquei obcecado com a história. Se eu encontrasse Atlântida, tudo se resolveria. Minha mãe pararia de chorar. Não sofreria mais com a dor. Durante anos, esperei meu pai voltar. Esperei que alguém viesse nos salvar. Mas ninguém nunca apareceu, e logo a tristeza da minha mãe se tornou algo maior. Quando descobrimos o problema, era tarde demais. A doença havia avançado muito. Abandonei a escola, tentei arranjar emprego e um médico para nos ajudar. Mas havíamos nos tornado párias na ilha. Eu só tinha dezesseis anos. Na época, já sabia onde meu pai estava e escrevi para ele pedindo ajuda, mas não consegui nada.

A voz do meu pai falhou.

— Minha mãe morreu alguns meses depois. Foi então que meu amor por Atlântida se tornou uma missão. Eu a encontraria e faria uma contribuição para o mundo. Jurei à minha mãe que encontraria a cidade. O paraíso seria restaurado. O que estava perdido seria encontrado. E agora acredito que foi.

Ele desviou o olhar da câmera para mim. Eu não conseguia me mexer. Mal conseguia respirar. Tinha esquecido que estávamos filmando. Tinha esquecido tudo, a não ser que meu pai um dia já fora uma criança que tinha sido magoada, assim como eu. Uma criança que esperara e esperara que seu pai voltasse para casa. Uma criança que quisera *consertar* as coisas.

Theo passou o braço pelos meus ombros, e me senti grata pelo peso, pela maneira como me manteve colada à Terra.

— Terminei — anunciou meu pai, então olhou para baixo, como se não suportasse ver minha reação.

Eu via um garotinho no farol. Depois que sua família se desintegrou, ele precisou de algo a que se agarrar, algo para ajudá-lo a enfrentar aqueles anos difíceis. Uma cidade mágica e pacífica com cem estátuas douradas e um deus que mantinha todos seguros lhe pareceu uma boa opção. Eu compreendia aquilo. Havia feito exatamente a mesma coisa.

A solidão do meu pai era um oceano. Uma vasta massa de água, tão pesada quanto assustadora. Quando ele foi embora, eu tive minha mãe e meus avós, e depois James e Julius, além de incontáveis amigos e vizinhos ao longo dos anos. Quando o pai dele foi embora, ele tivera a mãe, e depois mais ninguém. Apesar de ter me colocado em uma situação semelhante, ele não merecia passar por aquilo. Nenhum de nós merecia.

Eu soube, com uma ferocidade que me surpreendeu, que ele não daria o próximo passo sozinho. Não enquanto eu estivesse ali.

As palavras saíram sozinhas:

— Pai, vou mergulhar com você.



Capítulo 21



#21. CACHECOL ARTESANAL AZUL E DESENGONÇADO

Certa época, meu pai passou muito tempo na cama, e minha mãe me disse que, depois da escola, eu deveria ficar com a sra. Douglas, que morava no andar de cima. A sra. Douglas dizia ter sido professora da terceira série um dia, mas eu achava difícil de acreditar, porque ela não fazia ideia de como lidar com crianças. Depois de muita tentativa e erro, finalmente criamos uma rotina. Era a seguinte: comer biscoitinhos, assistir Jeopardy! e usar meu kit de tricô.

Ela encontrou o kit em um de seus armários abarrotados, e, quando vi a cor do fio enrolado lá dentro, me senti nas nuvens. Tricotar não era fácil, e a sra. Douglas não era lá muito paciente, mas depois de três semanas eu tinha uma criação que lembrava vagamente um cachecol.

Consegui esperar duas semanas até o aniversário do meu pai, e, quando lhe dei o presente, fiquei tão animada que tive que rasgar o papel junto com ele. Assim que meu pai o ergueu, eu disse:

— É para manter seu pescoço aquecido! Assim você não vai mais ficar doente e eu não vou ter que ir para o apartamento da sra. Douglas!

Houve um longo silêncio depois daquilo. Eu sabia que tinha entendido errado, mas não sabia como.

NÃO DEVO TER DORMIDO MAIS DO QUE DUAS HORAS. TODA VEZ QUE fechava os olhos, a água subia ao meu encontro e eu lutava para voltar à superfície, meu corpo agitado pela adrenalina. Por fim, desisti de dormir e fiquei encarando o teto escuro, minha mente zumbindo.

Minha mãe me dissera certa vez que é difícil para os filhos enxergarem seus pais como algo além de coadjuvantes em seus próprios filmes, e no meu caso era verdade. Eu ficara tão envolvida em minha história com meu pai que não parara para pensar em qual seria a história dele. Tantas coisas se encaixavam — tudo, desde os serviços constantes que meu pai fazia para os vizinhos na ilha (como forma de compensar as pessoas que seu pai tinha prejudicado?) até o motivo para ele ter deixado Santorini tão abruptamente.

Mas para cada momento *a-há*, havia também um *como assim?!*. Porque, se meu pai sabia o que era sofrer com o abandono de um pai, como podia ter feito a mesma coisa comigo? Se Santorini tinha sido tão terrível a ponto de fazê-lo fugir, o que o convencera a voltar?

Uma coisa não parava de me perturbar. Sua história explicava por que ele amava tanto Atlântida, mas não por que construía e depois abandonara uma família em outro continente.

Suas palavras antes da filmagem voltaram à minha mente. *Vou contar o começo*. O começo não era a história completa. O começo era só... o começo. A infância do meu pai não era tudo. Eu tinha quase certeza.

Liguei para minha mãe outra vez, mas a ligação foi direto para a caixa postal, então deixei uma mensagem vaga. *Mãe, tenho uma coisa importante para te contar; me liga de volta*.

O que eu realmente tinha eram perguntas. Algo continuava enterrado.

* * *

Theo desceu cambaleando do quartinho por volta das seis da manhã e deu um tapinha desajeitado no meu rosto antes de ir para a caverna. Nós dois nos preparamos em silêncio, e meu pai e Ana apareceram logo depois, com tudo arrumado, seguidos por Geoffrey, que estava com os olhos inchados após ter passado a noite discutindo com Mathilde por telefone. Emocionalmente perturbado ou não, ele cuidaria da loja sozinho naquele dia.

Enquanto Ana dava as instruções do dia para Geoffrey, Theo foi implorar por café na padaria da Maria, deixando meu pai e eu sozinhos no terraço, uma pilha de bolsas aos nossos pés. Depois da filmagem da noite anterior, eu não soubera o que dizer, nem ele, e no momento parecia que tudo estava ali amontoado entre nós.

— O dia da Indiana Olive finalmente chegou — disse ele, abrindo um sorriso.

De acordo com seu rosto, ele tinha dormido tão pouco quanto eu.

— Pai, noite passada... — comecei, mas ele colocou a mão de maneira reconfortante no meu ombro.

— Conversaremos mais tarde. Hoje vamos nos concentrar na missão.

Fiz que sim, um nó se formando na minha garganta.

Theo apareceu com um café que era duas vezes pior do que de costume, e depois era mesmo hora de ir.

Yiannis nos levou até lá, e, após algumas tentativas malsucedidas de entender suas conversas em grego, me virei para a janela, observando a ilha acordar, o sol se derramando na água antes de chegar à terra.

Eu não conseguia parar de olhar para o meu pai. Aquele devia ser o dia mais importante da sua vida. Como ele parecia tão calmo? Às vezes ele me pegava olhando e dava uma piscadela. O dia também importava para mim.

O plano era encontrar Vasilios no cais em frente à taverna. Usaríamos seu barco, e ele nos conduziria ao local exato. Eu estava um pouco receosa de que ele não aparecesse, mas, quando chegamos à escada que descia à enseada da taverna, Vasilios estava no cais com um suéter grosso, chapéu flexível de pescador e um sorriso capaz de iluminar toda a caldeira.

— Nico! — berrou no ar silencioso da manhã.

Meu pai desceu correndo, e os dois apertaram as mãos, depois se abraçaram e deram tapinhas nas costas um do outro, tornando-se imediatamente amigos, porque é isso que buscar por Atlântida faz com as pessoas, imagino.

A praia estava vazia, e, além da água, os únicos sons vinham de nós. Ana decidiu ficar no cais em vez de passar as horas seguintes “enjoada e inútil”, como ela mesma disse, e, enquanto colocávamos o equipamento no barco do Vasilios, segurou minha mão com força.

— Tome cuidado, Liv. Vocês são muito especiais para mim.

Fiz que sim, mas seu olhar gentil fez minha visão se turvar nos cantos. Eu estava com tanta saudade da minha mãe que me sentia meio sem chão. Não tinha prática em sentir saudade da minha mãe — ela sempre estivera ao meu lado. Fazer aquele mergulho sem que

ela ao menos soubesse parecia muito errado. Eu teria tanta coisa para lhe contar, incluindo o fato de que ela estava certa sobre a certificação de mergulho — era mesmo útil.

No cais, vesti a roupa de mergulho que meu pai havia conseguido e subi meio trêmula no barco, Theo e meu pai logo atrás.

Se eu estava pronta? Definitivamente não.

Ana acenou, nós acenamos, o motor ligou, e fomos embora.

Se eu acreditasse em um deus dos mares capaz de arruinar planos e agitar o oceano com um enorme tridente, seria exatamente o que pensaria que tinha acontecido ali. Em vez do esmeralda luminoso e gratificante com o qual me acostumara, a água tinha uma coloração mais escura e sombria, e a superfície estava agitada. Revolta.

Furiosa.

Meu estômago era um imenso nó. Não estava tão frio, mas eu não conseguia fazer meus dentes pararem de bater. Eu estava animada, sim, mas a sensação vinha misturada ao medo. Sabia que podia desistir a qualquer momento, mas também sabia que não me permitiria fazer isso.

Enquanto Vasilios e meu pai passaram o trajeto envolvidos em uma conversa ruidosa, fiquei o tempo todo repetindo tudo o que eu sabia ser verdade. *Meu pai é um mergulhador experiente. Vasilios é um pescador de longa data. O mergulho não é muito profundo.* Theo parecia saber exatamente o que se passava na minha cabeça, porque se sentou ao meu lado e me presenteou com fatos ainda menos relevantes do que o normal. *Uma oliveira leva de três a doze anos para produzir azeitonas. Na Roma Antiga, as mulheres usavam*

azeite de oliva como protetor solar e perfume. As azeitonas têm de ser curadas em salmoura ou sal para se tornarem comestíveis.

Eu me aproximei dele, afastando todos os pensamentos sobre o Dax. Minha vida normal parecia tão enevoada e distante quanto uma cidade dourada.

Santorini encolhia cada vez mais a distância, o oceano agitado sob o barco, e, quando chegamos a Aspronisi, fiquei surpresa em ver como era pequena. Parecia mais um acidente do que uma ilha: uma rocha caída no centro de um vasto oceano, o topo nivelado formando um planalto. O local contava claramente a história do vulcão de Santorini, como um bolo de camadas geológicas, cinza-escuro no fundo, cortesia da lava, e branco como giz no alto, graças à pedra-pomes. Meu pai tinha razão. Havia evidências de Atlântida por toda parte.

Vasilios nos conduziu habilmente até o lado leste da ilha, então desligou o motor, levando-nos até um cais improvisado.

Estava acontecendo.

Eu me sentia tão nervosa que minha cabeça parecia separada do corpo. Precisávamos ir logo. Imediatamente. Comecei a reunir meu equipamento. *Pés de pato, máscara, regulador, colete equilibrador.* Minhas mãos tremiam tanto que era difícil segurar qualquer coisa.

— Liv, tudo bem? — chamou meu pai, a preocupação enevoando seu rosto.

— Estou com frio, mas vou me aquecer.

Sustentei seu olhar por alguns segundos, e ele acreditou em mim, ou viu minha determinação. Tremendo ou não, nós iríamos mergulhar.

Calcei os pés de pato, depois meu pai me ajudou a vestir o colete com o dispositivo de controle de flutuabilidade e prendeu meu cilindro de ar enquanto Theo nos filmava. Eu já tinha feito aquilo muitas vezes, mas começava a me sentir zozona, e meu pai teve que ficar me lembrando como fazer tudo. Finalmente, eu estava pronta. Endireitei o corpo, jogando os ombros para trás, e olhei para o meu pai. Ele estava sorrindo.

— Você nasceu para isso, Liv. Tem um talento nato.

Ele sorria, mas não parava de flexionar os dedos.

— Você também — respondi baixinho.

— Pronta? — perguntou Theo, me passando a GoPro.

Na noite anterior, ele fizera um rápido tutorial sobre filmagem subaquática. Era tudo uma questão de luz. Quanto mais luz tivéssemos, mais cor. Olhando para aquele denso turbilhão cinza, eu achava difícil conseguir imagens que valessem a pena usar.

— Faça o seu melhor — disse Theo, lendo minha mente. — A filmagem não vai ficar ótima, mas tenta conseguir umas boas imagens do seu pai. Na pior das hipóteses, a gente volta outro dia.

Nós dois sabíamos muito bem que não tínhamos outro dia. Não se quiséssemos enviar a filmagem para a National Geographic a tempo.

Theo foi até a frente do barco falar com Vasilios, e, assim que ficamos sozinhos, meu pai se inclinou em minha direção, o rosto sério.

— Liv, quero que você fique perto do barco. Sei que já mergulhou antes, mas a visibilidade não está boa hoje. Muito sedimento.

— Mas, pai... você não deveria ficar junto de seu colega de mergulho?

“Colega de mergulho” parecia fofo, mas era a primeira regra que nosso instrutor nos ensinara. *Nunca mergulhe sozinho.*

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Normalmente, sim. Mas pretendo ficar lá embaixo o máximo possível e não quero colocá-la em risco. Fique perto da superfície, e, se eu quiser que você desça, vou acender minha lanterna. Fique de olho. Está bem?

Eu queria protestar. Reagir. Dizer a ele que eu daria conta daquilo. Deixá-lo orgulhoso, mas... minhas mãos. *Por que não paravam de tremer?* A segunda regra mais importante do meu instrutor de mergulho me veio à mente. *Um mergulhador nervoso é um mergulhador em risco.* E se eu o colocasse mesmo em perigo?

— Pode ser — falei.

— Vamos — chamou meu pai.

Em seguida, sentou-se na beira do barco, ajustando o equipamento até ficar pronto. Então, depois de apertar minha mão com entusiasmo, rolou para trás. O que significava... minha vez.

Por um instante, achei que minhas pernas não fossem se mexer. Theo se aproximou de mim, sua câmera pousada no ombro do Vasilios.

— Você é a próxima, Kalamata.

Sua voz foi como um tiro de largada. *Eu consigo.* Segui desajeitadamente até a beira do barco e me sentei, tentando ajeitar a máscara. Eu já estava um pouco zonza, mas precisava me acalmar. Pelo meu pai. Theo me entregou o regulador de ar e me ajudou a ajustar os óculos.

Ele estava com um casaco de moletom grosso por cima do calção de banho, o boné virado para trás sobre o cabelo emaranhado.

Estava tão perto que eu poderia ter contado cada um de seus longos cílios se quisesse.

Parte de mim queria.

Quando eu estava pronta, ele segurou minha mão direita, esfregando-a entre as dele.

— Você está tremendo. Está se sentindo bem?

— Só estou com frio. E nervosa. E... — Abaixei a cabeça, forçando minha respiração a se acalmar. — Isso é muito importante.

Ele se aproximou, suas pernas nuas roçando as minhas.

— Não, Kalamata. Muito importante seria vir a uma ilha em que você nunca esteve para encontrar alguém que não via há nove anos. Isso? — Ele apontou o queixo para a água. — Isso não é *nada*.

Consegui abrir um sorriso agradecido em meio ao pânico.

— Você tem razão.

— É claro que tenho — disse Theo, segurando minha outra mão. — Lembre-se de se mexer quando estiver na água. Se ficar encolhida, vai sentir cada vez mais frio. E essa é literalmente a única dica de mergulho que conheço.

Ele levou as mãos à minha cintura, me ajudando a ficar de pé. Mesmo nervosa, senti o calor se espalhar pelo meu corpo e, quando olhei para ele, vi como seu rosto estava perto do meu — tão perto que eu poderia beijá-lo.

Não era hora de pensar naquilo.

— Ei, Kalamata, vai ficar tudo bem. Se precisar de alguma coisa, é só subir que eu ajudo. E lembre: seu pai sabe o que está fazendo. Ele já mergulhou várias vezes, isso não é *nada*.

Theo estava basicamente me falando o oposto do que Ana dissera. Eu queria agradecer, abraçá-lo, dizer que ele me dava

segurança — mais do que qualquer equipamento de emergência ou protocolo de mergulho seria capaz —, mas não sabia nem por onde começar.

Uma hora eu teria que lidar com aquela situação com o Theo. Mas, primeiro, Atlântida.

Ele hesitou.

— Depois disso... depois de hoje. Nós devíamos conversar.

Seu olhar encontrou o meu, e fiquei completamente vermelha. Ele estava se referindo ao que eu achava que estava se referindo?

— Seria bom.

Ele olhou para o meu traje de mergulho, abrindo um sorriso.

— Qual é a graça? — perguntei.

— Não vi você entrar no mar nenhuma vez, e agora você vai mergulhar. É meio extremo. Além disso, você parece uma sereia.

— Não pareço, não.

Fiz um gesto indicando onde meu pai havia pulado.

— E de onde você acha que vem meu lado extremo? — perguntei.

— Bem observado. Está pronta?

— Pronta.

Cheguei para trás na beira do barco e coloquei o regulador na boca. Theo apertou minha mão uma última vez, e olhei para cima, vislumbrando brevemente as nuvens pesadas e cinzentas enquanto rolava para trás, o oceano me envolvendo em um abraço gelado.

Olá, Poseidon.



Capítulo 22



#22. RECIBO DO PEDÁGIO DO MEMORIAL JANE ADDAMS

Eu achava que todos os pais viajavam. De tantos em tantos meses, meu pai me sentava para dizer que precisava pegar a estrada para fazer algumas pesquisas e me pedia para ajudar a mamãe até ele voltar. Então ele saía de carro e não o víamos por um tempo. Normalmente eram alguns dias, mas uma vez foram duas semanas. Minha mãe também nunca sabia quando ele ia voltar; toda vez que eu perguntava, ela só respondia que seria em breve. Nunca era em breve o suficiente.

Uma vez, eu estava brincando na casa de uma vizinha e perguntei aonde o pai dela ia quando viajava. Ela não tinha ideia do que eu estava falando. Essa foi a primeira vez que percebi que nem todos os pais sumiam assim. Então, por que o meu fazia isso?

A PRINCÍPIO, ME SENTI COMO SEMPRE ME SENTIA QUANDO ESTAVA COM equipamento de mergulho — tão tranquila e graciosa quanto um elefante de patins. Minha máscara parecia apertada demais, e os pés de pato, muito frouxos. Tentei ajustar a máscara e as tiras do calcanhar. Seria de imaginar que o mar fosse um lugar silencioso, mas não é. Quando eu estava tirando meu certificado, James me explicara que as ondas sonoras viajam muito mais rápido debaixo d'água do que no ar, e isso ficava ainda mais claro para mim ali em

Santorini do que no México. Ruídos crepitantes, estalos e rangidos vinham de todas as direções e, para combatê-los, concentrei-me no som da minha respiração movendo-se pelo regulador. O som sibilante contínuo, por fim, colocou os outros sons em seus devidos lugares.

Respirar fundo não ajudou apenas meus ouvidos. Depois de alguns minutos, meu corpo se ajustou, dando-me a sensação de apoio e movimentação sem esforço que os mergulhadores adoram. Meu pai apareceu ao meu lado, uma nuvem de bolhas sobre sua cabeça, e fez sinal de *OK*. Retribuí o sinal, e ele apontou com os dedos, um na frente do outro. *Você vai na frente, eu sigo.*

Ficamos ali sem pressa por alguns minutos, filmando a área enquanto eu me acostumava, chutando com movimentos longos e firmes, os dedos dos pés apontados para trás. Eu tinha esquecido que estar debaixo d'água era como estar em outro planeta. A água curvava a luz, colorindo tudo em tons intensos de azul-esverdeado, que eu sabia que ficariam mais escuros à medida que fôssemos mais para o fundo. Pequenos pedaços de alga marinha e resíduos oceânicos se espalhavam ao nosso redor como confetes. Os peixes ficavam tímidos com a câmera, fugindo das nossas luzes. A visibilidade não era ótima, mas não era tão ruim quanto a superfície sugeria, e, além das criaturas marinhas desinteressadas, tudo era frio, azul, parado e — a melhor parte — bem menos tumultuado do que quando visto lá de cima. Se eu não me conhecesse, poderia até pensar que estava *curtindo* o oceano.

Meu pai nadou até mim, e olhamos nos olhos um do outro através das máscaras. Dava para ver que ele estava sorrindo. Ele acendeu sua luz de mergulho, apontando-a para baixo, então fez

sinal de *descer* com o polegar para baixo e outro OK. Fiz OK de volta. Em seguida, ele fez um V de cabeça para baixo com a mão, apoiando as pontas dos dedos na palma da mão oposta. Levei um segundo para perceber o que ele queria dizer. Não era um sinal de mergulho. Era o *nosso* sinal. Era um vulcão, código para "I lava you". Ele tinha inventado aquilo quando eu entrara para o ensino fundamental e passara a ser muito constrangedor ele dizer que me amava na frente dos meus amigos.

Minhas mãos imediatamente fizeram o sinal de volta, e senti um nó na garganta. Meu pai, então, bateu com as pontas dos dedos nos meus. Virei a GoPro para ele, que acenou algumas vezes antes de mergulhar na escuridão.

Pai. Tantas coisas tinham mudado, mas tantas outras, não.

Não demorou muito para a figura dele desaparecer de vista, e pouco depois eu já não conseguia ver sua luz. Desliguei a GoPro e me concentrei em manter a calma. O barco era uma presença reconfortante lá em cima, e eu fazia questão de vê-lo pelo canto do olho.

Esvaziei um pouco meu dispositivo de controle de flutuação, baixando uns dois metros, mas mantive o barco na minha linha de visão enquanto nadava em pequenos círculos cautelosos, aproveitando a sensação do meu corpo se movendo pela água. Não era tão ruim, afinal.

Depois de um tempo, desejei ter um relógio. De acordo com os cálculos do meu pai, ele levaria menos de dez minutos para se deslocar lentamente até o fundo e, uma vez lá embaixo, poderia ficar o tempo que seu ar permitisse, o que provavelmente seriam

mais trinta ou quarenta minutos. Isso significava cerca de cem círculos antes de ele voltar à superfície.

Será que retornaria com uma prova? Meu coração disparou ao pensar nisso. Será que, mesmo que houvesse algo, ele conseguiria enxergá-lo? Por alguns segundos felizes, me permiti imaginar como seria se ele encontrasse uma prova. Eu duvidava que fossem ter homenagens na Casa Branca e nossos nomes escritos no céu, mas e se realmente encontrássemos algo sólido o suficiente para ligar Atlântida a Santorini de uma vez por todas? Um pedaço de oricalco podia não ser suficiente, mas se houvesse mais?

Verifiquei meu tanque de oxigênio. Ainda tinha bastante. Poderia ficar ali o dia todo se quisesse. Virei o corpo para cima, voltando minha atenção para o barco. Vasilios instalara uma luz de mergulho, ou seja, uma luz estroboscópica presa ao fundo que me passava mais segurança. Era só eu nadar alguns metros para cima e estaria com Theo.

Theo... Aquela pausa subaquática estava sendo ótima para deixar de pensar nele. Ignorei o friozinho na barriga, mesmo ali embaixo. Sobre o que ele queria conversar? Seus olhos tinham parecido tão sérios quando ele falara aquilo. Só de pensar, senti um arrepio correndo pelo meu corpo.

Como sempre, pensar nele me desconcertava.

Eu me virei para baixo de novo, o olhar concentrado no espaço para onde meu pai tinha ido. A luz dele piscava na escuridão, um vaga-lume reconfortante me informando que estava tudo bem. Mais do que bem. Mergulhei um pouco mais fundo, deixando a água me levar, me apoiar naquele momento. Eu estava em Santorini com meu

pai. Estávamos procurando por Atlântida. As coisas não estavam só bem. Estavam boas.

Esse foi o último pensamento que tive antes de, assim como nos meus pesadelos, o oceano escurecer.

Por um instante, congelei, meu corpo instintivamente se enroscando numa bola, o coração disparado enquanto minha mente tentava acompanhar. *A luz de mergulho.* O oceano não tinha escurecido. Só não estava mais iluminado pelo barco. Vasilios tinha acabado de desligar a luz de mergulho ou talvez ela tivesse desligado sozinha. Sem ela, a água parecia muito mais turva do que antes. Ajustei minha máscara, estreitando os olhos. Senti a água mais densa. Era como dirigir num nevoeiro. Tinha sido mesmo apenas a luz de mergulho? Ou algo mais mudara? Será que meu pai tinha uma visibilidade boa?

Examinei o chão lá embaixo, procurando a luz do meu pai, mas... nada. Onde eu o tinha visto pela última vez? Girei, olhando de um lado para outro, minha preocupação aumentando cada vez mais. Ele não teria desligado sua luz, certo?

Cadê ele? Um pânico terrível tomou conta do meu peito, mesmo que eu tentasse me convencer a relaxar. Tudo lá embaixo estava tão escuro. Escuro *demais*. O que poderia ter feito meu pai desligar a luz, ainda mais com a água ficando mais densa a cada segundo?

Talvez eu devesse procurá-lo. Ou pedir ajuda? Todos aqueles meu giros tinham me deixado desorientada, a água salpicando o interior da minha máscara, e, quando olhei para cima, um pensamento se cristalizou. *Cadê o barco?*

Foi então que perdi o controle. Eu me debatia. Girava. O desespero se apossou de mim na escuridão. Meu corpo não parava

de se mexer, e eu não sabia para onde ir. *Em que direção é para cima?* Bolhas. Eu devia observar a direção das bolhas, mas não conseguia ver nada nem desacelerar minha mente o bastante para procurá-las. Meu traje de mergulho parecia apertado demais em volta do pescoço. Estava me comprimindo, me apertando. Minha cabeça estava tão confusa que eu não conseguia pensar. Apenas *sentir*.

Cadê o meu pai? Eu tinha perdido o meu *pai*. Cadê o barco?

Eu tinha que sair dali. Subir. Mas a superfície estava tão distante... Eu me debatia, agitada, soluçando por trás da máscara. Então meu regulador soltou. Inalei água salgada, minhas mãos tentando desesperadamente encontrar o bocal, mas só havia água. Cada momento daquela viagem, cada momento da minha vida tinha culminado naquilo. Eu me afogando, tão perto de Atlântida. Tão perto do meu *pai*. Tentei gritar, mas não adiantava.

Fechei os olhos e deixei o oceano me engolir.



Capítulo 23



#23. MAÇO DE CIGARROS MARLBORO SMOOTH

Sei que cigarros são bastões mortais que fazem coisas horríveis aos pulmões, matam unicórnios e tudo mais, mas eu adoro o cheiro de Marlboro Smooth. Logo depois que minha mãe e eu nos mudamos para Seattle — o que pareceu um milênio depois que meu pai foi embora —, estávamos descendo a rua Pike quando alguém passou fumando um. Na mesma hora, fui transportada para nosso minúsculo apartamento em Chicago, e meu coração doeu tanto que tive que parar para recuperar o fôlego.

Papai tinha trabalhado em um bar naquele verão e, na maioria das noites, só chegava em casa entre uma e duas da manhã. Minha mãe me colocava na cama às nove, mas todas as noites eu ficava acordada até a porta da frente se abrir e eu sentir o cheiro da fumaça do cigarro dele vindo do pátio. Só então eu conseguia pegar no sono.

Na época, eu precisava de tão pouco para me sentir segura.

OLIVE. OLIVE.

Minha cabeça doía tanto que parecia que estava sendo passada numa peneira. Onde eu estava? Por que eu sentia meu peito tão pesado?

OLIVE.

Abri os olhos. Eu estava deitada no fundo do barco. Theo estava agachado sobre mim, sem camisa, o cabelo pingando água, o rosto em pânico. Eu me sentei, e o que parecia um barril de água salgada saiu do meu estômago, e vomitei no barco todo, meu corpo arfando. Eu não conseguia respirar.

— Tira isso de mim! Tira! — gritei, lutando com meu traje de mergulho.

Tentei me desvencilhar do Theo, a cabeça muito confusa. Ele estava me ajudando ou me machucando?

— Cadê o meu pai? Theo, cadê o meu pai?

— Olive, presta atenção em mim!

Ele segurou meus ombros, me forçando a olhar em seus olhos.

— Respira, tá? — pediu. — Olive, só respira. Acho que você teve um ataque de pânico. Houve um problema com a luz de mergulho do barco, e aí parte do seu traje subiu até a superfície. Então eu mergulhei. Olive, você está bem. Você está bem agora.

Lágrimas brotavam de seus olhos, fazendo seus cílios brilharem.

— Eu não sabia se você iria acordar. Mas agora preciso falar com você sobre o seu pai, tudo bem? Porque temos que decidir o que fazer. Vocês dois se separaram?

Balancei a cabeça, me esforçando para pensar, o cérebro ainda enevoado. Se nos separamos? Não tínhamos ficado juntos, não é? Vasilios também estava agachado ao meu lado, falando rapidamente ao telefone. Finalmente, comecei a lembrar.

— Ele desceu sem mim. Queria que eu ficasse perto do barco e me faria um sinal se quisesse que eu descesse.

— O quê? — perguntou Theo, e o tom agudo de sua voz fez meu coração subir à garganta. — Como assim? Achei que vocês dois

fossem ficar juntos.

Fiz que não.

— Antes de mergulhar, ele me disse para ficar perto do barco. Você não ouviu?

A expressão do Theo mudou na mesma hora. Ele parecia tão apavorado que achei que meu coração fosse explodir.

— Theo, o que houve? Qual é o problema?

— Olive, ele não devia estar lá. Não devia estar mergulhando. Seu pai teve alguns problemas de saúde. Os rins dele...

Theo expirou, o olhar fixo no meu.

— É por isso que minha mãe não queria que ele mergulhasse — explicou. — Ele está com insuficiência renal.

— *Insuficiência renal?*

Fiquei de joelhos na mesma hora, tentando me levantar, mas pontos pretos obscureceram minha visão, me deixando tonta, e Theo me segurou depressa pelos ombros, gentilmente me fazendo sentar de novo.

— Do que você está falando? — exigi saber.

— É por isso que ele tem ido tanto ao continente. No início do verão, ele se preparou para fazer diálise em casa com a minha mãe para poder estar pronto quando você chegasse aqui. Tudo estava correndo bem, mas esta semana os números dele pioraram. Ele precisou ir à clínica várias vezes. Seu pai me fez prometer não contar para você. Eu só descobri o quanto era sério ontem à noite, e agora...

Meus ombros tremiam violentamente.

— Theo, a luz dele apagou.

Ele se concentrou no que eu falava.

— Apagou? Ou você a perdeu de vista?

Eles mentiram para mim. Todos eles. Até *Theo*. O peso daquilo me atingiu quase com a mesma força do pânico quando a luz de mergulho do meu pai desapareceu.

— Por que você não me contou? — gritei, me afastando.

Se meu pai estava tão mal assim e algo deu errado durante o mergulho...

— *Theo*, eu tenho que voltar para a água. Preciso checar se ele está bem.

— Olive, não — disse *Theo*, os olhos arregalados. — Você acha mesmo que conseguiria manter a calma para procurar por ele? E se acontecer de novo? *Kalamata*, você está tremendo.

Ele tinha razão. Infelizmente. Eu tremia tanto que mal conseguia formar palavras. *Vasilios* disse algo em grego, e *Theo* rapidamente traduziu.

— A ambulância aquática está a caminho. Só por precaução. Aposto que ele está bem, mas...

Theo estendeu a mão como se quisesse me tocar, e eu me encolhi, a adrenalina me fazendo recuar.

Nós devíamos conversar.

— *Theo*, era isso que você precisava me falar? Que meu pai está doente? — perguntei.

Ele hesitou, mas, quando me encarou, a culpa em seus olhos disse tudo. Não era sobre nós dois. Era sobre o meu *pai*. Expirei bruscamente. Se alguém tivesse me contado antes, não estaríamos naquela confusão. Eu não teria colocado o meu pai em perigo.

Theo se aproximou de mim, as mãos para o alto em sinal de rendição.

— Olive, aposto que ele está bem. Seu pai é um ótimo mergulhador. Ele provavelmente só desligou a luz para explorar algo. E, talvez, quando a luz do barco apagou, você tenha entrado em pânico e o perdeu de vista e...

— A luz dele estava *apagada*.

Eu estava tendo dificuldade em controlar o volume da voz. Como eles tiveram coragem de fazer aquilo comigo? Eu teria convencido meu pai a desistir, pensado em outra coisa. Como eles tiveram coragem de mentir assim?

— A ambulância aquática vai chegar já, já — repetiu Theo, e Vasilios assentiu nervosamente atrás dele.

Achei que eu soubesse o que era uma longa espera. Eu já passara por exames e más notícias. Esperara por anos que meu pai ligasse ou aparecesse. Mas nenhuma experiência se comparava com o que eu sentia naquele momento. Vasilios não parava de bater nas minhas costas, sem jeito, e murmurar coisas em grego que tenho certeza de que seriam reconfortantes, mas eu não conseguia nem tentar entendê-las.

Não sabia ao certo se eu estava chorando copiosamente ou se era água salgada escorrendo do meu cabelo no meu rosto. Seja lá o que fosse, não parava de jeito nenhum. Se meu pai estava tendo problemas lá embaixo, cada segundo era crucial. Eu me sentia completamente entorpecida. Como era possível sentir tanto medo de perder algo que eu já havia perdido anos antes?

Theo permaneceu perto de mim, mas sem me tocar. Eu não conseguia nem olhar para ele. *Ele sabia o tempo todo*.

Depois do que pareceu um milhão de anos, a ambulância aquática apareceu, sua frente larga e pontuda movendo-se

rapidamente em nossa direção, um homem de pé na frente. Vasilios gritou para eles, e em pouco tempo um homem de bermuda vermelha e chapéu subiu em nosso barco e começou a nos fazer perguntas em grego, depois em inglês, quando percebeu que eu não conseguia entendê-lo. Respondi da melhor forma que pude, mas tudo o que eu sabia informar era que meu pai estava mergulhando, sofria de insuficiência renal e podia estar em apuros.

— Há quanto tempo ele está lá embaixo? — perguntou o homem.

Ele devia ser da idade do Geoffrey, tinha a pele marrom-escura e a voz calma.

Dias? Décadas?

— Quanto tempo? — perguntei ao Theo.

Ele olhou no relógio.

— Cerca de trinta e cinco minutos.

— Tudo bem — disse o homem. — Um mergulhador normal com um tanque padrão consegue nadar por quarenta e cinco minutos. Não há com o que se preocupar. Ele estava bem de manhã?

Theo e eu nos entreolhamos, pensando nas olheiras profundas do meu pai, no rosto inchado. Os sinais estiveram evidentes desde o início; eu que andara preocupada demais com minhas próprias questões para notá-los. O pouco autocontrole que restava me abandonou, e as lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— Acho que não.

O homem colocou uma das mãos gentilmente em meu braço.

— Chamei um mergulhador profissional. Ele está a caminho. Vamos nos preparar para um mergulho de resgate, está bem? Não precisa se preocupar. É só por precaução.

Eu já estava mais do que preocupada. Estava atônita. Só conseguia sentir o braço do Theo em volta do meu ombro. Quando aquilo tinha acontecido?

— Por favor, encontre meu pai — implorei.

— Aqui! — gritou Vasilios de repente. — Estar aqui!

O alívio me lançou para a frente, e todos corremos para a lateral do barco. Lá embaixo, enxerguei um orbe de luz. Meu pai estava subindo.

— Ajudem ele, ajudem ele! — gritei.

Theo e o socorrista o puxaram a bordo. Meu pai parecia um pouco zozzo, porém mais preocupado do que qualquer coisa, e passou direto pelos outros para chegar até mim.

— Olive, você está bem? Vi a GoPro cair. Eu pensei que...

Ele segurou meu rosto com força, como se tentasse se convencer de que eu estava mesmo ali.

Eu nem tinha percebido que havia deixado a câmera cair.

— Pai, estou bem. Tive um ataque de pânico, mas o Theo me pegou. Sua luz se apagou... — Balancei a cabeça, tentando enxergar em meio às lágrimas. — Pai, por que você não me contou que estava com problemas de saúde? Por que não...

As bordas da minha visão se fecharam. Theo tentou me ajudar a sentar, então senti calor, depois frio, depois calor de novo. Braços me pegaram, e eu tive um último vislumbre do céu antes de não conseguir ver mais nada.

* * *

As duas horas seguintes se passaram em um borrão.

A ambulância não conseguia decidir quem precisava mais de ajuda: meu pai, que estava com a pressão baixa e começou a vomitar logo depois que subiu no barco, ou sua filha, que desmaiava toda vez que tentava se levantar. Nós dois fomos levados para o hospital em Fira, onde ficamos em quartos separados para observação — meu pai no andar superior, onde checariam seus níveis sanguíneos após o mergulho, e eu no andar principal em um quartinho inócuo, onde monitoraram minha pressão e níveis de oxigênio me dizendo várias vezes que eu ficaria bem. Era só a reação do meu corpo ao *estresse*.

Estresse não era a palavra certa. Traição? Abandono? Culpa? Essas chegavam um pouco mais perto.

Após o mergulho, meus pensamentos eram tão coesos e concentrados quanto um punhado de confetes, mas consegui pescar a maior parte da história no caminho para o hospital. Pelo que pude entender da conversa em grego que Theo tivera com os profissionais de saúde, meu pai estava com insuficiência renal havia quase cinco anos. Embora ele viesse tratando a doença ativamente com diálise, no ano anterior sua saúde sofrera um declínio considerável. Ele tivera de fazer várias viagens de emergência a um hospital em Atenas na semana anterior, o que tornava sua decisão de mergulhar ainda mais perigosa.

Enquanto ouvia, senti meu corpo ficar cada vez mais tenso. Eu tinha o direito de saber todas aquelas informações, não só como sua visitante e colaboradora em Santorini, mas como sua filha. E não fora só meu pai quem me decepcionara, mas também Ana e Theo. Talvez até Geoffrey, o Canadense. Durante todas as conversas que tivéramos, todos aqueles dias na água, eles sabiam. A raiva tomou

conta, até que se voltou contra mim. Se não estivesse tão distraída com Theo e meu desejo de fugir dali, teria notado que meu pai estava doente?

Talvez.

Além disso, havia o luto. Ele cercava a minha raiva, trazendo à tona o peso que eu carregara comigo durante a infância. Foi por isso que eu me empenhara tanto em manter meu pai afastado. Perder alguém uma vez é terrível. Perder a mesma pessoa duas vezes é cruel.

Enquanto prendiam uma braçadeira de pressão arterial em mim, uma dúvida horrível me ocorreu. Será que minha mãe sabia? Seria esse o motivo de ela ter sido tão inflexível com relação à minha vinda para cá? *Não*. Ela não faria aquilo comigo, faria? Meus pensamentos mergulharam na escuridão. Alguém teve o cuidado de deixar meu celular comigo e, assim que fiquei sozinha, tentei ligar para ela, mas caiu direto na caixa postal. Outra vez. Por que ela não atendia minhas ligações? Por que não as retornava? Liguei para James. Nada.

Éramos só eu, um rodízio de enfermeiras tentando se comunicar comigo em uma mistura de grego e inglês, e o ninho de vespas furiosas que tomara conta do meu corpo.

Eu já enfrentara luto, tristeza e solidão. Conseguira lidar com a raiva. Mas não havia precedentes para o que eu sentia naquele momento.

Horas depois, quando as enfermeiras decidiram que eu estava estável o bastante para receber uma visita, Theo entrou no quarto minúsculo, sem se dar ao trabalho de bater à porta. Minha

expressão o deteve, e ele congelou no meio do caminho, com uma expressão preocupada.

— Você está bem, Kalamata?

Sua voz soou arrependida, o que só me deixou com mais raiva. Ele tinha passado a semana tentando me convencer a dar uma segunda chance ao meu pai, mas soubera o tempo todo que meu pai estava mentindo para mim. Isso sem falar que *ele* também havia mentido para mim. Deve ter rendido ótimas filmagens.

Fechei a cara.

— Cadê sua câmera? — perguntei.

Meu tom não foi nada amigável, mas ele interpretou a pergunta como um convite, fechando a porta e vindo em minha direção.

— Confiscada. Não posso filmar aqui. — Theo arrastou ruidosamente uma cadeira para perto de mim e se sentou. — Não que eu fosse fazer isso. Então...

Cruzei os braços. Não estava nem um pouco a fim de facilitar as coisas para ele.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor, a máquina ao meu lado apitando de vez em quando. Tinham me feito vestir uma bata hospitalar azul-clara que deixava minhas pernas nuas. Minhas unhas do pé estavam lascadas, com o esmalte desbotado, e só Deus sabia como estavam meu cabelo e meu rosto, mas pela primeira vez eu não me importei. Minha respiração continuava ofegante. O ar parecia pesado.

Theo cruzou o tornozelo sobre o joelho, balançando o pé, aflito.

— Imagino que você tenha algumas perguntas para mim?

Senti a tensão entre as minhas sobrancelhas, e minhas palavras dispararam como flechas.

— Tipo, como você se sentiu mentindo para mim esse tempo todo?

Seu queixo caiu em uma expressão que parecia ser de genuína surpresa.

— O quê? Eu não menti para você. Seu pai me pediu para não contar. Eu precisava respeitar os desejos dele.

Respeitar os desejos dele? Senti meu coração disparar, e a máquina a que eu estava ligada nos alertou disso na mesma hora.

— Isso é normal? — perguntou ele, apontando para a tela.

— Só ignore.

Lutei com os fios para me sentar, olhando bem nos olhos dele.

— Theo, você passou todos esses dias tentando me convencer de que meu pai é um cara incrível e que ele mudou. Mas ele estava mentindo o tempo todo, e você também. Ele só me trouxe aqui porque está morrendo, não é?

Aquela suspeita estava à espreita já havia algum tempo, turva e sombria. Meu pai quis se reconectar comigo porque seria sua última oportunidade. Se ele não estivesse doente, será que teria entrado em contato? Cogitar aquilo fazia meu corpo doer da cabeça aos pés.

Para variar, Theo ficou em silêncio, seus olhos escuros me observando.

— Ele não está morrendo — disse, mas faltava firmeza em sua voz.

Parte dele já estava de luto. Eu sabia disso porque também estava.

Levantei meu celular.

— Mas as pessoas só costumam viver de cinco a dez anos em diálise. E na ambulância você disse que já se passaram cinco anos.

— Tem pessoas que vivem muito mais tempo, quando as coisas vão bem — respondeu Theo.

Minha respiração saía quente e rápida, meus punhos estavam cerrados. Por que ele não conseguia apenas dizer a verdade?

— Mas, Theo, as coisas *não* estão indo bem.

Foi como se eu tivesse dado um tapa em seu rosto, e, ao observar sua expressão indignada, entendi o que se passava. Theo estava em negação. Ele nunca tinha vivenciado a perda de Nico Varanakis. Eu já. Senti um novo aperto no peito, por ele.

Ele estendeu a mão para pegar a minha, mas se conteve, agarrando a grade da cama.

— Kalamata, você *pode* confiar em mim. Não contei sobre a doença do seu pai porque ele me pediu para não contar. Ele não queria que sua viagem fosse ofuscada por isso ou que você sentisse qualquer pressão extra porque ele não está bem. — Theo me estudou novamente, a boca contraída. — Você está com raiva dele por estar doente? — perguntou.

Todo o meu sentimento de solidariedade desapareceu em uma nuvem de fumaça. Se eu estava com raiva do meu pai por ele estar doente? Quem Theo pensava que era? Agarrei os lençóis com força, meu estômago revirando.

— Não, Theo. Estou com raiva por ele não ter me contado nada disso esse tempo todo. Estou com raiva por ele ter colocado nós dois em perigo por causa de uma pista idiota sobre Atlântida. Estou com raiva do meu pai por ter escolhido me manter fora da sua vida até o último segundo.

Theo estendeu a mão para mim outra vez, mas logo mudou de ideia.

— Mas esse era o objetivo da viagem. Ele queria ter você aqui antes que fosse tarde, antes que ele estivesse doente demais para passar esse tempo com você.

A lava se acumulava em meu peito, meu coração martelando enquanto eu olhava para ele. Sim, a situação era complicada em certos aspectos, mas em outros era bem simples. Meu pai me trouxera de volta bem a tempo de perdê-lo outra vez. Seria engraçado se não fosse horrível.

— Theo, já era tarde demais.

Minha voz saiu aguda e falhada, mas eu não pude me conter. Como ninguém enxergava aquilo? Como ninguém entendia que *meu pai*, o Sol em torno do qual eu orbitara, havia me deixado em uma escuridão que nenhum ser humano deveria ser forçado a suportar? Eles realmente esperavam que eu o recebesse de braços abertos em minha vida, só porque aquela poderia ser minha última chance de fazê-lo? O período em que meu pai e eu poderíamos ter nos reconciliado e tentado nos reaproximar havia passado. O trem não tinha acabado de partir da estação. Tinha saltado dos trilhos e ido para o outro lado do mundo.

Eu queria explicar tudo aquilo, mas de que adiantaria? Sim, parte de mim um dia acreditara — desejara — que Theo entendesse como era a experiência de perder meu pai. Como era ser deixado com pedaços de algo que nunca formariam um todo. Mas ele não entendia. Ninguém nunca entendia, e eu precisava aceitar isso.

— Theo, eu...

Não consegui terminar a frase. Estava com tanta raiva que sabia que diria coisas que não poderia apagar. Talvez eu não quisesse apagá-las. Mas o olhar escuro dele encontrou o meu, e senti uma

pontada no peito. Eu gostara tanto daqueles olhos. Confiara neles. Já que estava tudo às claras: sim, eu me *apaixonara* por aqueles olhos, apesar das várias razões pelas quais não deveria ter feito isso. E foi tudo mentira.

Ele baixou o olhar.

— A National Geographic não quer mais o documentário. Disseram que não temos material original suficiente.

Senti um peso ao ouvir aquelas palavras. Eu não queria me sentir assim, mas havia me envolvido. Estava na hora de deixar tudo aquilo para trás.

— Bem, o que esperávamos? A gente não tinha a menor chance de encontrar nada.

O rosto dele foi dominado pela tristeza, e tive que lutar contra o arrependimento. Era verdade, não era?

— Sinto muito mesmo — disse Theo em voz baixa. — Nunca quis magoar você. Eu nunca magoaria você. Eu... eu...

Seu olhar encontrou o meu, à procura de algo. Na expectativa de algo. Eu sabia o que ele queria, porque eu já quisera a mesma coisa. E ali estávamos.

— Se tudo isso não tivesse acontecido... — disse ele, acenando a mão vagamente em direção ao quarto do meu pai. — Talvez...

Uma onda de raiva invadiu meu peito.

— Mas *aconteceu*.

Ele desviou o olhar. Dançávamos em torno daquele assunto havia uma semana, mas a segurança que eu sentira com Theo começava a diminuir aos poucos. Ele vinha mentindo, assim como o meu pai.

— Acho melhor você ir embora.

Dava para ver que a dor o dilacerava por dentro, e logo baixei o olhar para os seus ombros, tentando ignorar a mesma sensação em mim.

Theo aguardou um instante com a expressão de quem me implorava para voltar atrás. Para pedir para ele ficar. Não pedi.

— Tchau, Liv — disse ele baixinho.

Liv.

Aquilo me atingiu como uma bomba. Ele atravessou o quarto e desapareceu porta afora. Enquanto via Theo sair e me deixar ali sozinha, percebi a verdade. Nem sempre podemos confiar nas pessoas em que gostaríamos de confiar: elas acabam nos decepcionando.



Capítulo 24



#24. CD DEMO DE UMA BANDA CHAMADA CAVALO DADO AINDA NO PLÁSTICO

O dinheiro deveria ser usado para comprar comida.

Os armários da nossa cozinha estavam quase vazios. Meu pai passava várias horas à procura de emprego e não tinha tempo de fazer compras, então estávamos sobrevivendo à base de sanduíches de manteiga de amendoim com geleia. Naquela noite, ele me prometera fazer espaguete com pão de alho.

Quando chegamos à rua, meu pai parou para ouvir um trio de artistas que havia colocado uma plaquinha escrito CAVALO DADO. Ninguém mais prestava atenção neles, mas meu pai disse que eram ótimos e comprou vários CDs para distribuir para as pessoas que passavam. Em seguida, me levou ao Píer da Marinha e me deixou andar no carrossel três vezes seguidas.

Eu vivia implorando para ir ao carrossel, mas aquele dia não foi como os outros. Os olhos do meu pai brilhavam muito, e ele falava alto demais com o funcionário, e eu soube que não haveria pão de alho à noite.

CHOREI PELO QUE PARECIA SER A BILIONÉSIMA VEZ DESDE QUE RECEBERA o cartão-postal do meu pai e me enrosquei na cama com o celular na mão, passando os dedos pela tela. Recebi uma mensagem do

Dax: Tá viva? Se eu não estivesse tão infeliz, teria rido. Eu me forcei a responder. Superocupada. Te ligo de noite?

O hospital insistiu que eu passasse a noite lá, o que achei ridículo, mas era melhor do que ficava num quartinho com Theo. Assim que conseguisse falar com minha mãe, eu iria acertar tudo para voltar para casa. Só precisava que ela atendesse. Tentei ligar para ela de novo, depois para James, deixando provavelmente minha centésima mensagem de voz. Por fim, desisti e tentei dormir.

Fiquei me revirando na cama dura, ouvindo bipes e negando visitas. Perto da hora do jantar, Ana quis me ver, mas eu disse às enfermeiras que precisava descansar. Elas me falaram que meu pai tinha perguntado se poderia descer ao meu quarto para conversar, mas eu não estava nem um pouco disposta. Theo não tentou me visitar de novo, mas não senti nenhum alívio. Eu sentia saudade dele. Muita mesmo. O que não fazia o menor sentido, dado o fato de que ele esteve na minha vida por um tempo tão curto... e doloroso.

Foi quase impossível dormir, e acordei muito cedo. Uma luz cinza e pálida entrava por baixo das cortinas da minha janela minúscula, e o murmúrio de várias vozes em frente à porta do quarto chegava até a cama...

Os músculos dos meus braços e costas estavam doloridos de toda a agitação do dia anterior, e eu cheirava a oceano. Será que me deixariam tomar um banho?

— Olá? — chamei, e a conversa parou.

Minha voz saiu meio rouca, e levei a mão à garganta.

Eu me sentei enquanto a porta se abria.

— Bom dia — disse uma nova enfermeira, que eu ainda não tinha visto. — Estamos prontos para te dar alta do hospital. Mas

primeiro...

— Liv?

A voz que interrompeu a enfermeira me fez congelar. Será que eu estava delirando? Confusa? Então ela entrou, parecendo cansada e muito, muito grávida. *Mãe.*

Quase desmaiei de novo, só que de alívio. Ela chegou até mim em três passos gigantes, e eu logo estava agarrada com ela, seu cabelo no meu rosto, seus longos braços em volta de mim. O alívio me inundou e me levou às nuvens. Voltei a chorar, abraçando-a com a mesma força com que ela me abraçava.

— Conta tudo — pediu minha mãe.

Eu contei. Contei sobre o documentário, Theo, a livraria, o oricalco de Vasílios, e como mergulhamos, embora as condições estivessem terríveis. Ela mal conseguiu me deixar terminar quando cheguei à parte em que tive um ataque de pânico debaixo d'água e Theo me salvou.

— Pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus, Liv — disse ela, várias e várias vezes. — E se Theo não estivesse lá? E se...

— Ele estava lá — interrompi. — E papai não me deixou ir muito fundo, então eu com certeza teria conseguido subir e voltar à superfície.

Eu não tinha tanta certeza assim, mas não adiantava assustá-la. Não quando tudo já havia se resolvido.

— Você está respirando? — perguntei.

Ela pareceu atordoada. Depois enfurecida. Depois atordoada de novo.

— Não é com a *minha* respiração que estou preocupada. Acho que preciso me sentar...

Ela procurou uma cadeira em volta, mas aparentemente decidiu que estava muito longe e subiu na minha cama.

Eu precisava fazer A Pergunta. Cujas resposta eu não tinha certeza se queria saber. Eu me agarrei aos cobertores.

— Mãe, você não sabia que o papai estava doente, sabia? Porque, se você sabia e não me contou...

— Eu não fazia ideia da insuficiência renal — disse ela rapidamente, e meu coração desacelerou. — Teria contado para você se soubesse. Mas eu sabia que havia algo errado. Quando você me falou que ele andava saindo quase todo dia... alguma coisa não bateu. Liguei para a Ana, e ela não quis me contar, mas, bem... — Ela passou a mão pelo rosto cansado. — Digamos que foi minha intuição materna, mas senti que precisava estar aqui para o caso de estar certa. Não contei que estava vindo porque não queria preocupar você. Mas eu conheço seu pai. Ele não ia deixar você assim, a menos que houvesse algo de errado.

Senti um zumbido nos ouvidos, um peso que nem minha mãe podia fazer desaparecer.

— Ele já fez isso antes — disparei.

Na mesma hora, me senti vulnerável, exposta. Ela ficou séria.

— Você já conversou com ele sobre isso?

— Bem...

Minha mente retomou os últimos oito dias, e preendi a respiração ao lembrar do cruzeiro. Ele tinha tentado, mas eu não deixara.

— Não. Não conversei.

Ela pousou a mão na minha, séria, me encarando.

— Liv, vou contar uma coisa e preciso que escute, porque acho que vai mudar algumas coisas para você. Depois, quero que vá falar

com seu pai, está bem?

Fiz que sim, mas senti um nó tão grande na garganta que coloquei a mão no pescoço, para garantir que ainda estava ali. Meu coração estava disparado. O que ela poderia me contar que mudaria as coisas?

Minha mãe afastou meu cabelo do rosto, seus olhos azuis cintilando.

— Seu pai não foi embora para procurar Atlântida.

Esperei que todo o ar sumisse do quarto, que a descrença me tomasse, mas nada disso aconteceu. O que senti foi... alívio? Por quê? *Por reconhecer*, meu cérebro completou. *Você sabe disso*. Eu não sabia. Como meu cérebro podia saber algo que minha memória não lembrava?

— Como assim?

Meu coração parecia um tambor, marchando constante para a frente.

Minha mãe inspirou, depois expirou devagar, levando a mão à barriga.

— Você se lembra de quando ele foi parar no hospital? Você estava no primeiro ano do fundamental.

Fiz que não, mas na mesma hora uma série de imagens emergiu em meu cérebro: um longo corredor brilhante cheio de portas, um carpete com hexágonos interconectados, minha mãe segurando minha mão com força. Meu pai estava atrás de uma daquelas portas. Eu só não sabia qual. Ou por quê.

Ela observava meu rosto com atenção.

— Ele foi parar lá duas vezes, a primeira por duas semanas, a segunda, por quase um mês. Você lembra?

Eu não lembrava, mas meu corpo, sim. Havia um hematoma sensível, e um emaranhado de emoções floresceu e cresceu no instante em que o encarei. Por que meu pai tinha ido parar no hospital?

— Ele já estava tendo problemas renais na época? — perguntei.

Minha mãe apertou minha mão, e o movimento fez a cama ranger.

— Não. Lembra como o papai estava sempre muito pra cima ou pra baixo? Nunca havia um meio-termo. Havia dias em que ele estava no topo do mundo, e outros em que mal conseguia sair da cama. Ele foi diagnosticado com transtorno bipolar durante essa primeira internação. Ele tinha tido... — Minha mãe hesitou. — Uma crise. Ele perdeu o emprego e gastou a maior parte do nosso dinheiro comprando um carro, que acabou batendo. Ele foi preso e hospitalizado. Você lembra?

Uma onda de frio subia pelo meu corpo, uma maré bem lenta. Minhas mãos tremiam, o sangue correndo em meus ouvidos.

— Não me lembro disso — falei, mas minha voz tremia e, enquanto as palavras saíam da minha boca, eu já sabia que aquilo não era verdade.

Parte de mim lembrava. Eu podia não ter a lembrança acessível em meu cérebro consciente, mas a experiência tinha ficado gravada no meu DNA. Eu podia sentir a instabilidade, a confusão. O medo. *Ele já tinha ido embora antes. Várias vezes. Mas estava sempre em busca de Atlântida, não estava?*

Minha mãe me observava com atenção.

— Muitas pessoas só começam a apresentar sintomas aos vinte e poucos anos. Seu pai foi uma delas. No início, ele só sentiu o que é

chamado de hipomania... tinha vezes que passava a noite toda acordado trabalhando em projetos, pinturas ou marcenaria. Mas então as crises começaram a ficar mais graves. Ele passava dias seguidos sem dormir, e seus projetos se tornaram cada vez mais extremos. Você se lembra de quando ele tentou reconstruir os armários da cozinha?

A lembrança me veio à mente, imagens soltas que iam se encadeando. Um dia, cheguei em casa da escola e encontrei meu pai discutindo com o proprietário. Meu pai insistia que poderia construir armários melhores do que os que estavam no apartamento, mas, depois que os tirou, nunca instalou novos.

Minha mãe me deixou ficar em silêncio, sem me apressar.

— Lembro — respondi finalmente.

Outra lembrança me puxou, insistindo para que eu desse uma olhada nela. Algo com relação ao carro também. Ergui o queixo.

— Ele costumava sair em... explorações — falei.

A palavra *explorações* surgiu espontaneamente na minha língua. Era a palavra que meu pai usava para aqueles dias e semanas em que desaparecia. Durante um momento de descuido, pude ver a dor nos olhos da minha mãe, vi como a experiência devia ter sido para ela.

— Isso. Era o que ele dizia quando estava numa fase ruim. Ele saía com o carro e morava nele por alguns dias. Dirigia até o oceano, e eu nunca sabia onde ele estava ou quando voltaria — contou, e sua voz falhou. — Você ficava sentada perto da janela por horas, esperando ele chegar.

Ela fechou os olhos por um instante.

— A situação foi piorando, e ele passou a ter problemas em público, brigas com balconistas, coisas assim. Comecei a me preocupar em deixar você sozinha com ele. Após o diagnóstico, ele pôde se medicar e ficou estável por um tempo, mas era difícil se manter assim. Na época, notei um padrão: sempre que ele ficava obcecado por Atlântida, eu sabia que outra crise de mania se encaminhava.

As lembranças me invadiam, preenchendo-me e esvaziando-me. Meu pai falando rápido demais. Pessoas gritando com a gente na rua. As mãos dele tremendo. Pacotes cheios de mapas de Atlântida e suprimentos que se acumulavam na varanda, comprados com dinheiro que não tínhamos.

Minha mãe soltou o ar, deslizando os dedos entre os meus, o olhar sério.

— E então houve o incidente do vestido de Páscoa.

O pânico crescia lentamente em meu peito, faíscas de lembranças passando pela minha mente. Pessoas gritando... comigo? Com meu pai? Buzinas soando e, acima de tudo, os *olhares*.

— Eu me lembro um pouco dessa história.

Para, para, PARA, ordenava meu cérebro. Mas eu precisava rever aquilo, precisava lembrar.

— O que...?

Foi só o que consegui dizer, mas ela entendeu e prosseguiu.

— Era véspera de Páscoa, e ele a levou para comprar um vestido. Vocês dois estavam atravessando a rua, quando um táxi quase os atingiu na faixa de pedestres — falou devagar, o olhar cuidadosamente focado no meu. — O carro parou a tempo, mas assustou seu pai, e ele perdeu a cabeça. Ele vinha tendo altos e

baixos há semanas, e o estresse fez com que explodisse. Seu pai começou a gritar e chutou o carro várias vezes até amassar a porta. Uma multidão se formou, e alguém chamou a polícia. Seu pai foi preso.

Eu estava respirando, mas nenhum oxigênio parecia chegar ao meu cérebro. Eu me sentia tão zozna quanto estivera debaixo d'água, e igualmente sem chão. Lembrei-me do vestido, que era amarelo, quando na verdade eu queria um rosa, e com babados demais para qualquer ocasião. O que tinha acontecido com aquele vestido? Será que eu o deixara cair na rua? Acima de tudo, me lembrei da confusão que senti. Meu pai estava cuidando de mim, mas eu sabia que havia algo de errado na maneira como ele o fazia. Eu percebia pelos olhares que as pessoas lançavam para nós.

— O que aconteceu depois? — perguntei, ainda desconcertada.

Ela apertou minha mão.

— Dessa vez, ele passou várias semanas no hospital. Tentei explicar por quê, mas você disse que eu estava errada. Então levou todos os mapas dele para a escola no dia da novidade e disse a todos que seu pai tinha ido ao deserto do Saara procurar Atlântida.

Senti um nó na garganta. Eu tinha levado um mapa-múndi, que passara a noite toda desenhando com canetinhas em uma cartolina. A professora interrompera minha apresentação, e eu ficara tão chateada que atirara o cartaz no chão. Ela tinha dado a entender que não acreditava em mim. Porque não acreditava. Obviamente.

Percebi que estava trincando os dentes, mas não parei, porque a pressão na minha mandíbula diminuía um pouco a dor no peito. Eu havia sido uma criança tentando dar sentido ao mundo, e minha mente criou explicações que doíam menos do que as que me foram

apresentadas. Por mais dolorosa que tivesse sido a ideia de ele partir para procurar Atlântida, tinha sido menos sofrido para mim quando criança do que aquilo que acontecera de fato — meu pai, a pessoa em quem eu mais confiava no mundo, vinha lutando com algo dentro dele. Algo que eu não entendia.

Você já sabia o tempo todo.

O pensamento surgiu silenciosamente, e o encarei por um longo tempo. *Verdade.* Porque eu não estava descobrindo tudo aquilo. Eu estava *aceitando*. Talvez eu não soubesse de todos os detalhes do transtorno mental do meu pai, mas lá no fundo uma parte de mim sabia que ele não tinha partido para encontrar Atlântida.

Baixei a cabeça, pressionando as têmporas com os dedos. Minha mente estava girando, momentos e lembranças se encaixando. Então pensei na minha mãe. Uma pergunta me perturbava, pressionando meu peito. Levantei a cabeça e olhei para ela.

— Por que você não me contou a verdade? Por que me deixou acreditar nisso?

Eu não queria sentir raiva dela, mas sentia. Eu era criança na época; ela, adulta. Era função da minha mãe me ajudar a navegar por aquela experiência.

Seus lábios se contraíram com pesar.

— Não lidei bem com nada disso, Liv. Você estava tão convencida sobre o que queria acreditar. E, depois de um tempo, comecei a pensar que talvez fosse melhor você ter sua história para ajudá-la a enfrentar aquela situação. Quando foi ficando mais velha, achei que seria importante saber a verdade. Mas então você começou a ter os pesadelos...

Ela suspirou.

— Para ser sincera, tive dificuldade com o estigma de um transtorno mental. Eu não queria que você o visse de maneira diferente ou que os outros nos vissem de maneira diferente. Hoje eu sei que estava errada. Transtornos mentais não têm nada a ver com o tipo de pessoa que alguém é. Não ser aberta sobre as dificuldades do seu pai foi um erro e lhe causou dor, e eu sinto muito mesmo por isso.

Os olhos dela transbordavam de lágrimas, e os meus também. Era muita coisa para digerir e assimilar. Mas sabia que ela estava sendo sincera.

— Não sei o que dizer — falei.

— E como saberia?

Ela enxugou meu rosto com a palma da mão, o que só fez mais lágrimas se derramarem. Um pensamento terrível me ocorreu. Eu passara anos obcecada por Atlântida, assim como meu pai. Sempre que um artigo ou filme aparecia na internet, eu ia correndo ver.

— Mãe, isso é hereditário? Você disse que Atlântida era o gatilho do meu pai. Eu também tenho transtorno bipolar?

Ela balançou a cabeça.

— Segundo Ali, você nunca teve nenhum dos sintomas iniciais. Sua obsessão por Atlântida... era só saudade do seu pai.

Assenti, deixando a informação assentar no meu peito. Levantei os joelhos, abraçando-os com força. Era como se minha mãe tivesse virado um holofote para o meu pai, fazendo-o entrar em foco. Eu me sentia desorientada, aliviada e culpada ao mesmo tempo, as emoções se chocando e competindo umas com as outras no meu coração. Eu havia interpretado tudo errado.

— Ele sabe que eu não sabia? — perguntei.

— Sabe — respondeu minha mãe com firmeza, então chegou mais para dentro da cama, me pressionando com sua barriga. — E ele entende. Esse era parte do motivo para esta viagem. Ele queria cumprir algumas promessas antigas e mostrar que era alguém em quem você podia voltar a confiar. E quanto a não contar para você sobre a insuficiência renal... — Ela suspirou. — Meu palpite é que ele não queria decepcionar você de novo.

Era terrível, mas fazia muito sentido. Mesmo assim, confiar no meu pai outra vez... Será que isso aconteceria um dia? *Poderia* acontecer?

Olhei para a aliança da minha mãe. Era bem maior do que a que ela usava quando era casada com meu pai, mas eu sabia que ela guardava a primeira em seu porta-joias. Eu tinha conferido várias vezes ao longo dos anos.

— Você se arrepende de ter se casado com o papai? — perguntei, cerrando os dedos.

Ela não hesitou nem por um segundo.

— Nunca. Lamento muitas coisas que fiz depois, mas nunca vou me arrepender do seu pai e, claro, nunca me arrependi de você. — Ela fez uma pausa, reflexiva. — Eu amo o James e sinto muito pela dor que você passou. Mas se eu tivesse que fazer tudo de novo... me casar com um grego inteligente e peculiar poucos meses depois de conhecê-lo? Eu faria tudo em um piscar de olhos.

Deixei-me impregnar pelas palavras dela, as lágrimas inundando meus olhos. Eu precisava ouvir aquilo, que ela não considerava nossa vida juntos um erro. Eu tinha um milhão de perguntas, mas uma específica não parava de vir à minha mente.

— Mãe, se ele não foi embora para procurar Atlântida, então por que estamos procurando Atlântida agora?

— Essa é uma pergunta para ele. Acho que está na hora de você conversar com seu pai.

— Agora?

Pensar naquilo já deixou meu peito em chamas. Olhei em pânico para a fraca luz da manhã.

— Talvez ele nem esteja acordado ainda. E se...

— Agora — cortou ela com firmeza.

Não havia discussão com minha mãe. Foi exatamente como quando recebi o convite para vir para a Grécia. Além do mais, eu sabia que podia ser corajosa. Já vinha sendo havia muito tempo.

Respirei fundo.

— Em qual quarto ele está?

* * *

O quarto de hospital do meu pai era ainda menor do que o meu — nada além de uma cama, uma cadeira de balanço velha e um monte de máquinas. Encontrei-o deitado, de olhos fechados, mas não estava ligado a nenhuma das máquinas, o que me assustou. Não deveriam estar monitorando seu coração e oxigênio? E os rins dele? Como mediam aquilo?

Meu pai provavelmente sentiu meu olhar, porque seus olhos se abriram de repente e ele se sentou depressa.

— Liv! Como você está se sentindo?

Ele tinha passado de um sono profundo direto para querer saber como eu estava. Eu não conseguia decidir se era para rir ou chorar,

e o que saiu foi uma mistura dos dois. Seu rosto estava mais corado do que no dia anterior, mas continuava inchado, assim como suas pernas e seus tornozelos. O que mais notei, entretanto, foi como ele parecia cansado. Visto que meu pai não estava mais tentando escondê-la, eu notei a profunda exaustão em seu rosto, as luzes fluorescentes do hospital destacando cada linha de expressão. Durante minha viagem, ele passara incontáveis horas filmando ao sol. Será que cada minuto tinha sido um sacrifício?

Enquanto o observava, notei que sua expressão mudou para preocupação.

— Liv? Você está bem? Parece nervosa.

Correto. Ele tentou sair da cama, mas estendi a mão para detê-lo.

— Estou bem. Posso me sentar?

— Claro.

Ele apontou para a cadeira, caindo pesadamente na cama. Por um instante, fiquei olhando para baixo, tentando descobrir que perguntas precisavam ser feitas, mas eram tantas, e por onde começar?

— Pai... Queria perguntar umas coisas.

— Sim — respondeu, sua voz aliviada.

Ele abriu um sorriso discreto, apontando para a cama do hospital.

— Pode ir com calma. Não vou para lugar nenhum.

Retribuí o sorriso, mas estava nervosa demais para olhar para ele por muito tempo. Eu precisava ser forte. Minha mãe tinha me dado um bom empurrão, mas eu precisava de uma ajudinha a mais para subir e chegar do outro lado daquela montanha. Talvez não houvesse uma maneira certa de fazer aquilo. Talvez eu só precisasse começar.

— Pai... — *Respire fundo.* — Você não... Você não foi embora para encontrar Atlântida.

Pronto.

— Não. — Ele balançou a cabeça, seu olhar procurando o meu. — Sempre adorei lhe contar histórias.

Meu pai torceu os dedos, a hesitação pairando em torno dele, estabelecendo-se entre nós e pesando o ambiente.

— E... gostaria de lhe contar o resto da minha — completou.

— Por favor.

Arrastei a cadeira de balanço um pouco para a frente, sentando-me ao alcance do braço. Era difícil olhar para ele, mas olhei mesmo assim, me preparando para o que estava por vir.

Ele cruzou as mãos no colo, o rosto tranquilo.

— Depois que minha mãe morreu, passei vários anos sozinho em Santorini, trabalhando e estudando. Era solitário, e nada me alegrava, a não ser meus estudos sobre Atlântida, mas isso parecia um beco sem saída. Então, no verão em que fiz vinte anos, decidi que era hora de deixar a ilha. Eu não tinha futuro aqui, então fui para os Estados Unidos só porque ouvira que era um bom lugar para se começar a vida.

Seus olhos franziram nos cantos.

— Quando conheci sua mãe, acreditei que era verdade.

A fotografia deles naquele primeiro verão me veio à mente, e senti uma leveza e um peso ao mesmo tempo.

— Eu nunca acreditara em amor à primeira vista, mas foi exatamente o que aconteceu. Nós nos casamos, e aqueles primeiros anos foram melhores do que eu imaginara. Claro que tivemos nossos problemas. Como imigrante, era sempre difícil arrumar trabalho, e a

família dela não gostou de me conhecer. Esperavam alguém mais parecido com eles. E comecei a ter problemas de estabilidade.

Ele estendeu os braços, como se tentasse se equilibrar.

— Eu era aquele homem andando em uma corda, sabe, no circo?

— O equilibrista na corda bamba. — Assenti, com um nó na garganta.

Suas dificuldades tinham começado muito antes do que eu imaginara.

— Durante anos tive problemas para dormir e para manter um emprego. Mas eu conseguia dar conta das coisas. E então você chegou.

Sua mão foi até a tatuagem em seu braço. Minhas coordenadas.

— Eu amava muito sua mãe, mas nada nunca importara tanto quanto você. Você era tão perfeita. Prometi a mim mesmo que faria de tudo para me manter estável. Eu ainda não sabia o nome para isso, só sabia que precisava me manter estável. Mas, por mais que eu tentasse, foi ficando cada vez mais difícil. Eu não conseguia dormir. Não conseguia ficar muito tempo em um emprego. Havia dias em que, por mais que quisesse, eu nem conseguia sair da cama. E então, quando você tinha apenas seis anos, sua mãe perdeu um neném. Lembra?

Fiz que sim. Eu me lembrava dela no hospital, do meu pai ao meu lado e das suas lágrimas que não paravam de cair. Eu não pensava naquilo havia muito tempo.

— As coisas ficaram extremamente difíceis depois disso. Comecei a ter crises, a fazer coisas que eu acreditava estarem certas no momento. Em um segundo, parecia que eu estava no céu. Nada me

abalava. E, no seguinte, via o que tinha feito, como magoara você e sua mãe, e achava que não conseguiria seguir em frente.

As lágrimas enfraqueceram sua voz.

— Sua mãe não conseguia estudar. Nossas contas começaram a se acumular. Eu não conseguia enxergar uma saída. Só conseguia sonhar, e esses sonhos eram sempre sobre Atlântida. Escapei para Atlântida na minha mente e levei você comigo. Nosso futuro juntos, o que faríamos depois que encontrássemos a cidade perdida... Era o único lugar que ainda parecia real para mim.

Sua voz falhou outra vez, mas ele esfregou os olhos, determinado a continuar.

— Depois, comecei a ouvir mentiras na minha mente e passei a acreditar que vocês duas ficariam melhores se eu não estivesse por perto e que precisavam se libertar de mim.

A lógica daquilo feriu meu cérebro. Meu pai acreditara mesmo que ficaríamos melhores se ele fosse embora? Senti um calor correr pelo meu pescoço e meu rosto ficar vermelho.

— Pai... — comecei, e ele assentiu, prevendo minha objeção.

— Não era verdade, eu sei. Esse é o problema dos transtornos mentais. É como se olhar em um espelho embaçado. Não se vê claramente. Liv, você se lembra dos anos antes de eu partir?

A dor se movia em ondas pelo meu corpo, e em pouco tempo eu me tornara um navio se enchendo de água, as lembranças me inundando tão rápido que eu mal podia suportar.

Eu me lembrei de acordar no meio da noite e encontrá-lo preparando refeições de três pratos ou tocando música alto demais. Eu me lembrei de um vizinho à minha espera na saída da escola, porque minha mãe não sabia onde meu pai estava e tinha medo de

que ele não fosse aparecer para me buscar. Também tinham as outras histórias que eu recordara ao conversar com a mamãe — ele discutindo com desconhecidos ou vizinhos por pequenas coisas. Coisas que eu não tinha entendido, que tentara esquecer porque não combinavam com o outro lado do meu pai — o que me levava ao parquinho e entrara em uma aula de trança para aprender a arrumar meu cabelo. Como ele podia ser as duas pessoas ao mesmo tempo?

— Eu...

Respirei fundo. Eu queria lhe dizer para parar, que não precisávamos reviver os momentos difíceis, mas eu vinha carregando tudo aquilo por muito tempo. Precisava saber o que tinha acontecido.

— Eu lembro. Pelo menos um pouco.

Ele assentiu, curvando os ombros.

— Eu não aguentava mais ver o que estava fazendo a você e sua mãe. Achei que deveria recomeçar no lugar onde tudo se iniciara. Se eu voltasse ao começo, talvez pudesse consertar as coisas. No início, foi tudo igual. Eu perdia empregos. Tinha dificuldade em me manter bem. Mas todos os dias prometia a mim mesmo que resolveria aquilo. Por fim, conheci uma médica em Atenas, que me ajudou a encontrar o equilíbrio certo de medicamentos. Então, pouco a pouco, encontrei minha estabilidade. *Paz*. Mas nunca me pareceu completo, não sem você.

Minha garganta estava se fechando, como sempre, e meus olhos ardiam com as lágrimas.

— Pensei em voltar. Mas sempre que tentava, me lembrava de você sentada comigo, vendo nossos mapas. Pensava em como você

confiava em mim e em como eu não tinha sido quem você precisava que eu fosse. Sempre que eu sentia saudade, lia sobre Atlântida. E então, no início do ano, encontrei um artigo escrito por uma egiptóloga chamada dra. Bilder, que compartilhava muitas das minhas ideias. E pensei que *talvez*, talvez eu finalmente pudesse dar Atlântida para você. Mas, Liv...

Sua voz estava embargada, e ele esperou que eu olhasse em seus olhos.

— Esse tempo que passamos juntos... Sei que tem sido difícil, mas muito obrigado. Não estou pedindo que me perdoe, mas preciso dizer que te amo. E gostaria de poder voltar ao início.

Baixei a cabeça nas mãos, meu hálito quente nos pulsos.

Eu precisara acreditar que meu pai me trocara por uma cidade dourada perfeita que só ele poderia encontrar porque a alternativa — que ele estava enfrentando momentos difíceis e se sentindo inseguro — era assustadora demais para minha mente infantil dar conta. Mas eu não era mais uma criança. Ele não precisava ser perfeito para que eu estivesse segura.

— Eu também — falei, por fim. — Quer dizer, também gostaria que pudéssemos voltar ao início. Esta viagem tem sido...

— Difícil — completou ele.

— Bem, sim — admiti.

Era verdade, estava sendo difícil, mas outras lembranças inundavam minha mente. Os pores do sol, a festa de aniversário, a Livraria Perdida de Atlântida, todas aquelas horas suando enquanto ouvia suas histórias. Algo que minha mãe me disse uma vez me veio à mente.

— Difícil não é o oposto de bom.

— Não, não é — concordou.

Seus olhos estavam marejados.

— Pai, tinha alguma coisa lá embaixo? — A pergunta abriu um buraco no meu peito. — Na água. Você viu alguma coisa?

Ele baixou a cabeça, parecendo mais triste com aquilo do que com todo o resto.

— Nada, Liv. Eu sinto muito.

Esperei que a notícia se infiltrasse em meu subconsciente, que a imagem passasse de distorcida a nítida. *Não a encontramos*. Levou apenas alguns segundos. Abri as mãos, e a cidade reluzente — seus anéis concêntricos, suas estátuas e paredes douradas — caiu delas. Caiu tranquilamente, afundando na escuridão como se nunca tivesse existido.

— Tudo bem — falei.

Quando olhei para ele, meus pesadelos saltaram à mente, as imagens formando algo que nunca tinham formado antes. Em todos aqueles sonhos, eu não estava procurando por Atlântida. Estava procurando pelo meu pai. E ali estava ele. Não era dourado ou impermeável, mas estava *ali*.

Eu não sabia o que dizer, então peguei suas mãos — frias e ásperas — e apertei-as com força. Ele apertou de volta. Foi o suficiente.

* * *

Uma leve batida ecoou na porta, desviando nosso olhar, e, quando minha mãe entrou no quarto, meu pai respirou fundo.

— Ellen.

Foi um momento longo e tenso enquanto os dois se encaravam. Minha mãe parecia triste, mas esperançosa, e meu pai... Se eu já me perguntara se ele sentia saudade dela, bem, tive minha resposta. Ele parecia ter levado um soco. Estava destroçado.

— Oi, Nico — cumprimentou minha mãe calmamente, com lágrimas começando a se formar nos olhos.

O ar entre eles parecia carregado, elétrico, e por um terrível segundo me perguntei se aquilo terminaria mal. Até que meu pai se levantou e foi depressa até ela, e os dois se abraçaram, chorando, com a cabeça loira da minha mãe pressionada ao ombro dele, sua barriga grávida fazendo tudo parecer estranho e desconjuntado. Mesmo assim, duas vidas inteiras se reuniram naquele abraço. Eu tinha esquecido como eles ficavam juntos. Como ela era ligeiramente mais alta do que ele, como os ombros dele relaxavam na presença dela.

Parecia que meu coração ia explodir. Aquelas duas pessoas tinham realmente, verdadeiramente se amado — ainda se amavam. A vida e todas as suas armadilhas se intrometeram. Isso acontecia às vezes.

Eu parecia estar na disputa pelo primeiro lugar na história das velas. Limpei a garganta, mas nenhum dos dois pareceu notar.

— Ela é incrível. É tão incrível. Você fez um ótimo trabalho. Obrigado, Ellen — disse ele, várias e várias vezes.

— De nada — respondeu ela, os olhos fechados com força.

Os dois se soltaram, mas não desviaram o olhar. Minha mãe enxugou os olhos, rímel e lágrimas se espalhando pelo seu rosto em um arco-íris cinza.

— Você continua igualzinho.

— E você está... completamente diferente — disse meu pai, pegando uma mecha do cabelo curto da minha mãe, e os dois começaram a rir e se abraçaram de novo.

Vê-los juntos era tão estranho e, ao mesmo tempo, tão *normal*. Como minha mãe podia estar ali, casada com outra pessoa e grávida, e ainda o amá-lo tanto? Era a colisão de duas dimensões completamente diferentes. Eu me lembrei das palavras dela. *Quando se ama alguém de verdade, você nunca deixa de amar.*

— Quando o bebê chega? — perguntou meu pai, olhando para a barriga dela.

Minha mãe apoiou a mão na lombar.

— Daqui a dois meses. Fiquei com medo de que não me deixassem entrar no avião. James veio comigo. E Julius. O voo foi um pesadelo. — Ela sorriu para mim. — De vez em quando, tínhamos que dar intervalos-ninja para Julius nos corredores.

Meu coração deu um pulo.

— Julius está aqui?

— James se hospedou em um hotel em Fira para Julius poder dormir um pouco. Eles vão nos ligar assim que acordarem.

O olhar dela pousou em mim por um único instante antes de voltar ao meu pai.

— Nico, quero ouvir tudo.

— Olha, passou muito tempo — disse ele, sorrindo.

O quarto pareceu apertado, abarrotado com todas as coisas que eles precisavam se dizer para se reconciliarem. O momento já não era mais meu. Era deles.

— Hã, eu vou só... — falei, e saí do quarto em tempo recorde.

* * *

Depois que falei com a enfermeira e vesti minhas roupas normais, encontrei Ana acampada no saguão com uma pilha de romances de aparência tórrida e um copo de café ainda mais tórrido. Ela quase derrubou os dois quando me viu.

— Sua mãe encontrou você? Ela está com o seu pai?

Fiz que sim, ainda atordoada com todos os acontecimentos das últimas horas.

— Acho que eles dois precisam de um tempo para conversar.

— É claro. Ah, Liv.

Ela se inclinou para a frente como se estivesse se preparando para me envolver em um dos seus fortes abraços, mas, se ela fizesse aquilo, eu tinha certeza de que iria me desmanchar novamente e não sabia se meus dutos lacrimais aguentariam outra sessão de choro. Além do mais, vê-la ali me lembrou da minha última conversa com Theo, e eu não estava nem um pouco preparada para acrescentar aquilo à pilha de preocupações em minha mente.

Segui em direção à porta.

— Acho que preciso de um tempo sozinha.

— É *claro* — disse Ana novamente. — Vou ficar aqui com seu pai e sua mãe. Os níveis dele estão melhores, mas a equipe disse que seria bom ele passar mais um dia em observação. Theo foi buscar um café da manhã decente para nós e volta logo.

Meu coração disparou.

— Acho que vou... voltar para a livraria. Posso pegar o ônibus.

— Theo acompanha você! — sugeriu Ana.

Precisei de muito autocontrole para não correr em direção à porta.

— Obrigada, mas não precisa, consigo encontrar o caminho sozinha.

— Vou pedir para o Theo ir ver como você está mais tarde — disse ela.

— Não precisa — repeti.

A caminhada até o ponto de ônibus foi longa. Eu estava exausta e grudenta, ainda com a bermuda e a camisa que tinha vestido para ir a Acrotíri. Precisava com urgência tomar um banho e dormir de verdade, mas minha mente estava agitada demais. Eu não parava de pensar na história da minha família e em como eu tinha distorcido as coisas para incluir a cidade perdida de Atlântida, quando, na verdade, a questão nunca tinha sido Atlântida.

O que eu realmente não conseguia superar era o quanto meu pai se esforçara. Lutara por sua vida. Para ficar saudável. Construíra uma livraria para mim na ilha mais mágica que eu já tinha visto e pensara em uma maneira de me compensar por todas as aventuras que planejáramos. Acima de tudo, ele havia *tentado*. Mesmo quando a possibilidade de rejeição era incrivelmente alta.

Será que conseguiríamos encontrar o que tínhamos perdido?

Eu precisava pensar. *Desenredar*. Tinha tantas peças para juntar e ideias para elaborar, mas o que eu tinha acima de tudo era uma história. A minha história.

Era uma vez uma ilha tão perfeita e bela que despertou a ira dos deuses.

Era uma vez uma ilha.

Era uma vez.

Eu precisava arranjar uma forma de processar aquilo. De registrar. Talvez eu precisasse contar ao meu pai meu lado da história, da mesma forma que ele me contara o seu. *O que estava perdido foi encontrado*. Meus pensamentos correram para a caixa de sapatos, todos aqueles itens montando uma narrativa.

Foi então que tive a ideia.



Capítulo 25



#25. A ÚLTIMA PÁGINA DE TIMEU E CRÍTIAS, DE PLATÃO, ARRANCADA DO LIVRO, COM O TRECHO FINAL DESTACADO

"Zeus, o deus dos deuses, que governa de acordo com a lei e é capaz de ver além, percebendo que determinada raça honrada estava em uma situação lamentável e querendo infligir-lhes punição, para que pudessem ser castigados e evoluir, reuniu todos os deuses em sua moradia mais sagrada, de onde, por ficar no centro do mundo, contemplava-se todas as coisas criadas. E, quando os chamou, ele disse o seguinte..."

O texto é interrompido em seguida; o restante das palavras de Platão se perdeu. Nunca saberemos o que Zeus disse a todos aqueles deuses. Acho que o resto cabe a nós.

CORRI DE VOLTA A ANA E FALEI QUE, PENSANDO BEM, IRIA PRECISAR, sim, da ajuda de Theo, e pedi que ele me encontrasse na livraria. Então corri para o ponto de ônibus e fiz o que deve ter sido minha viagem mais longa e atribulada em Santorini até então. Minha cabeça estava cheia de ideias. Quanto tempo eu teria para executá-las? Um dia? Dois? A limitação de tempo era absurda, mas, se eu convencesse Theo a me ajudar, talvez funcionasse.

A livraria estava fechada e passava uma sensação de solidão, mas, quando entrei, ignorei aquilo, peguei meu caderno de desenho,

os pastéis a óleo e me instalei bem no meio da loja. Prendi uma fileira de papéis na parede principal da livraria, dividi todos eles em pequenos quadrados e me dediquei a preenchê-los, desenhando, depois escrevendo, então desenhando um pouco mais, até que finalmente minha ideia começou a tomar forma. Ao terminar, cerca de duas horas depois, meu braço inteiro ardia e minha cabeça zumbia de exaustão, mas eu podia ver a luz no fim do túnel.

Quando ouvi Theo à porta, meu coração disparou em um misto de empolgação e pânico. Talvez ele dissesse não, e eu teria que aceitar, mas, se ele dissesse sim...

Eu estava verificando meu celular no quartinho e desci rapidamente, no estilo macaco-aranha.

— Theo?

— AAAH!

Ele tropeçou para trás, levando a mão ao peito.

— Desculpa, desculpa, desculpa — falei depressa. — Não queria assustar você. Embora eu ache que agora estamos quites?

— Minha mãe disse que você precisava de ajuda.

Seu cabelo estava todo arrumado. Ele enfiou as mãos nos bolsos, um movimento projetado para parecer casual, mas que, em todo o tempo que passáramos juntos, eu não tinha visto ele fazer nenhuma vez. Theo não estava olhando diretamente para mim, mas falava comigo, o que eu contaria como uma vitória.

— Theo...

Respirei fundo.

Para aquilo dar certo, teríamos que começar imediatamente. Não tínhamos tempo de lidar com o enorme desconforto entre nós dois. Com sorte, haveria tempo depois.

— Theo, tive uma ideia. É para o meu pai, e preciso fazer tudo bem rápido. Você me ajuda?

Apontei para os meus desenhos, e ele se aproximou para inspecioná-los. Theo os encarou pelo que pareceu uma eternidade, seguindo de peça em peça pelo projeto. Quando se virou, ainda parecia distante, mas também impressionado.

— Estou dentro — anunciou.

Revisamos o que pareceram noventa horas de filmagem. Talvez cem? Era difícil assistir às minhas interações com meu pai, porque ressaltavam como eu o julgara errado. Entretanto, eu não estava nem um pouco preparada para me ver através da câmera do Theo — através do olhos dele.

Desde o momento em que começara seu interrogatório no aeroporto, Theo realmente me enxergara, me capturando de uma forma tão crua e sem filtros que era doloroso de assistir. Eu me achava tão invencível, com minha franja lisa e meu delineador habilmente aplicado, mas dava para ver meu medo e minha preocupação, toda a vulnerabilidade que eu arrastava junto com minha mala abarrotada. Foi ainda mais surpreendente assistir à forma como as minhas imagens evoluíram. Era como testemunhar uma borboleta se transformando ao contrário. Aos poucos, fui deixando de lado minha persona perfeitamente construída, tanto física quanto emocionalmente. Com o passar dos dias, fui deixando de parecer tão perfeitinha e comecei a parecer mais comigo mesma. Era como se eu enfim tivesse me dado permissão para ser quem era.

Na hora do jantar, Bapou nos trouxe um prato coberto de spanakopita e dois kataïfi doces feitos com massa filo desfiada. Ele e

Theo trocaram algumas palavras, e, em seguida, Bapou afagou minha cabeça.

— Bela. Bem-vinda a Santorini.

A voz de Bapou estava surpreendentemente moderada, e entendi o significado em seus olhos. *Lamento que seu pai esteja doente.*

— Obrigada, Bapou — falei, e ele segurou meu rosto com a mão antes de seguir para a porta.

Trabalhamos durante o pôr do sol, a luz que entrava pelas janelas passando de dourada por várias gradações rosadas até ficar tudo preto, e, por fim, só restava uma última coisa a ser feita. A mais importante. Àquela altura já estava de madrugada, então fui à caverna jogar um pouco de água no rosto para parecer mais desperta. Em seguida, acendemos todas as luzes possíveis e carreguei minha caixa de sapatos até a mesa que havia arrumado para o meu pai uma eternidade antes. Minhas mãos tremiam um pouco. Se eu não fizesse aquilo direito, então o resto não adiantaria de nada.

Theo apontou a câmera para mim, pelo que provavelmente seria a última vez.

— Pronta?

— Quase — respondi.

Fechei os olhos e pensei na minha lista: *26 Coisas que Meu Pai Deixou para Trás, por Indiana Olive*. Pensei nos meus mapas e em todos os pesadelos. Pensei em *o que estava perdido foi encontrado*. Por fim, abri os olhos, olhei para a luz piscando e comecei a falar.

Quando terminamos, eu estava acordada havia uma quantidade alarmante de tempo. Meus globos oculares pareciam enrugados, e, se eu tivesse de encarar a tela de um computador por mais um

minuto, me desintegraria em uma pilha de poeira. O produto final tinha ficado bom. Não perfeito, mas *bom*, e em certo momento soube que estava finalizado.

— Pré-estreia? — perguntou Theo.

Assistimos a tudo em silêncio: eu, Theo e Gatticus Finch. Ou seria David Focinhoster Wallace? Eu não tinha certeza. Havia cerca de um milhão de coisas que queria corrigir no vídeo, mas também sabia a mensagem que eu estava tentando passar. Eu tinha conseguido. E não poderia ter feito aquilo sem o Theo.

— *Obrigada* — falei.

Minhas palavras eram insignificantes em comparação com o que ele fizera por mim, mas eram tudo o que eu tinha para dar.

— Não foi nada. — Theo apontou para a tela, onde uma imagem do meu pai estava congelada. — Você é que nem ele. Um talento nato.

Ele se virou para mim, e meu olhar se fixou em seus lábios grossos, seus olhos escuros... Desde que eu me permitira ver como Theo era lindo, quase doía olhar para ele.

Theo bocejou, estendendo os braços sobre a cabeça. Não parecia nada exausto, só um pouquinho cansado, mas ainda assim era novidade para mim. Eu queria desabar em cima dele ou pelo menos deitar minha cabeça em seu ombro, mas sabia que não podia.

De acordo com as dezenas de mensagens de texto trocadas com a minha mãe, meu pai estava muito, muito melhor, e o alívio combinado com a exaustão deixava meu corpo inteiro pesado e entorpecido. Mas a noite ainda não havia acabado para mim.

Apontei para o quartinho.

— Vai lá dormir um pouco. Vejo você lá em cima?

Theo balançou a cabeça de leve, então se levantou devagar.

— Vou dormir na casa da minha mãe. Talvez trabalhe um pouco mais. Quero rever a abertura mais uma vez.

— Certo. Claro.

Fiquei muito decepcionada por não ter uma última festa do pijama no quartinho, mas provavelmente era melhor assim. Eu me levantei depressa.

— Você liga para sua mãe? — pedi. — Para ela acertar os detalhes?

— Ela já começou. Minha mãe ama um evento. Não sei quem vai gostar mais disso, ela ou seu pai.

— Os dois?

Ele juntou o restante das coisas, então caminhou até a porta e eu o segui, avistando meu reflexo na janela de vidro. Meu cabelo estava meio preso para cima, expondo minhas orelhas em toda a sua glória saliente, e minha pele parecia seca e esticada por causa da água salgada. Não havia um pingo de maquiagem em meu rosto. Mesmo assim, meus olhos estavam claros. Focados. Como a garota que eu tinha visto na filmagem.

— Theo, mais uma vez, muito obrigada.

Daquela vez, ele olhou nos meus olhos e sorriu. Era como o sol reaparecendo por trás das nuvens. Eu não tinha percebido o quanto era quente até ter sumido.

Theo sustentou meu olhar por um instante, e senti uma faísca muito parecida com esperança se agitar dentro de mim, acelerando minha pulsação e me fazendo endireitar o corpo.

— Fico feliz em ajudar — respondeu ele com cautela. — Qualquer coisa pelo seu pai.

A faísca se apagou na hora. Entendido. *Não fiz isso por você. Fiz pelo seu pai.* Engoli em seco minha decepção.

— Vejo você amanhã?

— Eu não perderia por nada. Boa noite, Kalamata.

Então ele foi embora.

Sua ausência deixou o ar pesado. Eu queria muito subir para o quartinho e dormir, mas havia mais um obstáculo que eu tinha de transpor. Peguei meu celular e fui até a poltrona da livraria. Aquela ligação não seria fácil, mas precisava acontecer. Para ser sincera, eu sabia, mesmo antes de vir para Santorini — antes de escalar um vulcão, invadir uma piscina, assistir a um filme ao ar livre em Kamari, mergulhar em busca de um pedaço de Atlântida —, que aquela decisão era inevitável. Às vezes, seguir adiante é tão simples quanto admitir o que já sabe.

Reuni o que ainda me restava de determinação, fui até o número de Dax e apertei o botão de ligar.

* * *

Quando finalmente acordei, não tinha ideia de que horas eram. Olhei meu celular e vi mais de vinte chamadas perdidas e mais ou menos o mesmo número de mensagens, quase todas da minha mãe. Cinco da tarde. AI, MEU DEUS. Eram cinco horas mesmo? Eu tinha dormido quase um dia inteiro.

Saí da cama aos tropeços, quase caindo em cima do Theo, que estava lá embaixo vestindo... aquilo era um terno? Seu cabelo estava penteado, ele usava sapatos chiques e estava tão dolorosamente bonito que eu queria me atirar nas profundezas do oceano.

— Theo! Uau, você está...

Incrível. Devastador.

— ... ótimo — concluí, meio sem jeito.

— Obrigado.

Ele arqueou as sobrancelhas, e jurei ter visto um vislumbre do velho Theo, aquele que eu não tinha *magado*.

— Eu já ia te acordar. Yiannis vai buscar seu pai no hospital, e eles vão nos encontrar em Kamari. Falei com ele que a gente ia de ônibus, mas isso significa que temos que sair daqui a uma hora. Tudo bem por você?

— Uma hora? Isso não é nada.

Ele abriu um sorriso bem discreto, mas ainda assim era um sorriso.

Antes que eu passasse ainda mais vergonha na frente dele, disse que voltaria logo e corri para a caverna. *E agora o meu próximo truque: ficar apresentável!*

Lavei meu cabelo três vezes, desenterrei todos os produtos de beleza que tinha trazido e comecei a trabalhar. Quando enfim saí da caverna, Theo estava sentado sob um círculo de luz no canto, um livro aberto na mão. Ao me ver, ele se levantou todo atrapalhado, um pouco boquiaberto. Eu não conseguia entender o que sua expressão significava.

— Estou bem? — perguntei, acanhada de repente.

Será que eu tinha exagerado? Estava usando o único traje mais elegante que trouxera, um minivestido floral preto com decote quadrado e corpete franzido, sandálias de tiras douradas e meu batom vermelho preferido. Até tinha experimentado um penteado

novo, deixando o ondulado natural aparecer e prendendo um dos lados para expor — uau! — minha orelha esquerda.

— Mais do que bem.

Parecia que ele ia dizer mais alguma coisa, mas mudou rapidamente de assunto.

— Minha mãe cuidou dos convites. Quase todo mundo confirmou presença, o que é bem impressionante, já que só avisamos com um dia de antecedência. Devemos ter uma boa plateia hoje.

Ele tropeçava nas palavras, e senti a esperança ricochetear dentro de mim. Talvez também pudéssemos ter uma chance de começar de novo?

— Então acho que estamos prontos — falei.

Seu olhar estava fixo no meu. Seria pedir demais que continuassem assim para sempre? Mas eles desviaram.

Atrás de mim, o sino da porta da livraria tocou.

— Olá? — chamou uma voz feminina.

— Me desculpa, estamos fechados — disse Theo.

— Na verdade, estou procurando uma pessoa. Um funcionário.

Nós dois nos viramos, e fiquei surpresa ao ver uma mulher de quase um metro e oitenta de altura, com um pescoço elegante, pernas longas e volumosos cabelos pretos presos em um rabo de cavalo alto. Ela sorriu, exibindo maçãs do rosto perfeitamente esculpidas.

— Olá, meu nome é Phaedra.

Theo e eu trocamos um olhar rápido. A livraria não tinha tantos funcionários assim.

— Você é amiga da Ana? — chutei.

Ela abriu ainda mais o sorriso e endireitou os ombros, enfatizando sua postura perfeita.

— Não, estou procurando o Geoffrey. Sou a namorada dele. Ou...
— hesitou ela, franzindo a testa. — Ou pelo menos espero que ainda seja. Andamos discutindo um pouco.

Discutindo? Theo e eu nos entreolhamos outra vez, e dei um passo à frente, a cabeça a mil.

— Mas... você disse que seu nome é Phaedra?

Ela deu uma risadinha.

— Ah, ele me chama de Mathilde. Por causa de um personagem do meu conto favorito.

— *Souvlaki. Que. Caiu!* — exclamou Theo.

Só que não foi exatamente isso o que ele disse.

Assim que levantamos nossos queixos do chão, era hora de ir. Geoffrey já estava no Cinekamari, ajudando a arrumar as coisas, enquanto Ana buscava meu pai no hospital. Então, Phaedra foi com a gente de ônibus, respondendo às nove mil perguntas que tínhamos, principalmente relacionadas ao fato de que sim, ela realmente existia, e sim, ela estava ali para tentar reconquistar Geoffrey (Ela! Tentando reconquistá-lo!) porque ele era o amor da sua vida e ela não suportava pensar em viver sem ele.

Eu não devia ter ficado tão surpresa. Geoffrey era mesmo um bom partido. E sim, Phaedra estava no site da Ópera Nacional da Grécia. Ela era a primeira bailarina e se preparava para o papel principal na apresentação de *Coppelia* da companhia.

Theo e eu trocávamos olhares surpresos toda hora, e foi... legal. Contato visual e tudo mais. Pareceu familiar, um pouco como éramos antes. Mathilde disse que sabia quem eu era e por que estava em

Santorini, mas precisamos lhe explicar o restante, incluindo o evento para o qual seguíamos em disparada. Por disparada, quero dizer rastejando, enquanto cada burro de Santorini nos ultrapassava vagarosamente.

Nos arredores de Fira, ficamos presos no trânsito, e depois houve uma grande agitação quando o motorista do ônibus repreendeu um grupo de turistas que vinha da praia e tentava embarcar com roupas molhadas. Quando finalmente chegamos a Kamari, eu sentia um nó no estômago, mas já era quase hora do show.

Enquanto o ônibus entrava na cidade, eu começara a ter medo de que ninguém fosse aparecer, mas, ao chegarmos, o Cinekamari estava lotado. Reconheci muitos dos rostos: Maria, a dona da padaria; Hugo, o artista; Kostas, o capitão de iate tocador de saxofone; Vasilios — parecendo consideravelmente menos debilitado — e sua filha; até mesmo Henrik e Hye estavam lá, e mais umas cem pessoas. Até os convidados que eu não reconhecia pareciam me reconhecer. As pessoas davam tapinhas em meu braço e diziam coisas em grego que eu não entendia, e eu sorria e respondia coisas em inglês que elas não entendiam. O clima era ainda melhor do que eu imaginara — festivo e comemorativo, uma noite que gritava “Nós fizemos alguma coisa!”. A tela estava iluminada pelo título simples que Theo e eu déramos ao documentário: ENCONTRANDO ATLÂNTIDA.

— Eles já chegaram? — perguntei a Theo, que olhava o celular.

— Em três minutos.

Ele inclinou a cabeça em direção ao bar, lançando um sorriso travesso para mim.

— Quer um lanche? Posso trazer um de cada — ofereceu.

Fiz que não.

— Estou nervosa demais para isso.

De repente, uma coisa pequena e quente pulou nas minhas costas, bagunçando meu cabelo e quase me derrubando no chão.

— Eu sou o ninja sobre o qual te alertaram!

— Julius!

Segurei seus braços e o puxei para a frente, apertando-o com força. Ele estava de tênis e camiseta com gravata, e, quando o vi, meu coração transbordou. Eu estava louca de saudades de casa. Estava louca de saudades do Julius.

— Julius, estou tão feliz por você estar aqui! Senti tanta saudade.

— Você está ME ESMAGANDO — gritou ele, escapando dos meus braços. — Sabia que eu vi um burro e um montão de barcos hoje? E preciso te contar uma coisa importante.

Eu o coloquei no chão, e ele olhou para mim com ar sério.

— Liv, acho que um cara mau entrou no seu quarto, derrubou sua sombra brilhante, e ela quebrou. Não sei quem foi!

Segurei o riso.

— Obrigada por me contar. Podemos descobrir isso mais tarde. Estou muito feliz em ver você.

— Eu também — disse ele, com alívio. — Mamãe falou que seu pai mora aqui. Ela foi buscar umas flores para você, mas é surpresa, então não diz para ela que eu te contei.

— Pode deixar, eu prometo — falei.

— Você deve ser o Julius — disse Theo, e se aproximou de mim, seu braço roçando no meu.

Julius olhou para ele com desconfiança, observando o terno de Theo e seus sapatos reluzentes.

— Quem é você?

— Sou amigo da sua irmã. Meu nome é Theo. — Ele se agachou para ficar da altura de Julius. — Ei, Julius, do que você chama um ninja zangado?

Julius franziu o rosto, concentrado.

— Do quê?

— De nada. Você sai correndo.

O rosto de Julius se iluminou como uma árvore de Natal.

— Vamos lutar, Theo. Tá bem? Você contra mim. Eu vou ser o mocinho. Você pode ser o vilão. Agora *luta*.

Na mesma hora, ele começou a dar golpes e chutes de caratê com seus sapatos cheios de terra, e eu o levantei depressa antes que ele sujasse o terno do Theo.

— Vamos fazer isso depois do filme, está bem? Que tal você encontrar seu pai e pedir pipoca? — sugeri.

— Prepare-se para uma batalha épica — disse Theo.

— Sim!

Julius deu mais um chute giratório na direção de Theo, então saiu para encontrar James.

— Obrigada. Eu tinha esquecido *como* ele é agitado.

Vi a cabeça do Julius desaparecer na multidão.

— Ele é exatamente como prometido. Aposto que vai me achar um oponente digno — disse Theo, e então olhou por cima da minha cabeça. — E veja só quem chegou. O homem do momento. Está pronta?

— Pronta.

Quando me virei, meu coração começou a bater acelerado. Lá estava ele. Meu pai 2.0. Ana fizera um belo trabalho. Meu pai tinha cortado o cabelo e usava um terno azul-marinho que combinava

perfeitamente com ele. Sem as roupas largas de costume, ele parecia magro e forte, e por um instante me esqueci que estava doente. As pessoas já começavam a se agrupar à sua volta. Senti meu coração doer.

— Você disse mais de dez anos?

Não tive que explicar ao Theo a que estava me referindo.

— Tem pessoas que vivem de vinte a trinta anos em diálise. E, conhecendo seu pai, ele vai dar um jeito de viver o equivalente a vinte ou trinta mil anos nesse tempo.

— É — sussurrei.

Meu peito estava pesado, mas eu precisava me mexer. Já era hora de começar aquele espetáculo. Levei um tempo para conseguir passar pelas pessoas, mas, assim que meu pai me viu, seu rosto se iluminou.

— Liv! — falou, e apontou para a tela. — É verdade? Vocês terminaram mesmo o documentário?

— Bem... — falei.

— Querida, você está linda. Tão linda.

As lágrimas começaram a brotar de seus olhos, e dos meus também. Se não tomássemos cuidado, acabaríamos inundando aquela ilha inteira.

— Boa noite a todos os nossos ilustres convidados — ressoou a voz grave de Geoffrey ao microfone. — Gostaríamos de pedir que se sentassem, para que a nossa apresentação possa começar.

— Vamos levá-los aos seus lugares — disse Theo, aparecendo ao meu lado. — Prontos?

As luzes do jardim piscaram uma vez, depois duas. Eu sentia a agitação em meu interior.

— Venha, pai. Vamos.

Levamos meu pai depressa aos assentos centrais da primeira fileira marcados com uma corda que dizia RESERVADO. Atrás de nós, havia um zum-zum-zum de empolgação. Então vislumbrei James, que estava com Julius nos ombros, e ele acenou para mim, fazendo um sinal de positivo. Acenei de volta.

— Liv! — chamou minha mãe da entrada do cinema.

Ela segurava um enorme buquê de flores rosa e apontou para Julius e James.

— Vou me sentar com os meninos — falou. — Boa sorte!

Joguei um beijo para ela, que o pegou com uma das mãos.

Eu me sentei ao lado do meu pai, ajeitando o vestido e cruzando as pernas com cuidado, e meu pé ficou a centímetros do pé de Theo. Eu e ele trocamos sorrisos nervosos. Eu estava tão animada que parecia que fogos de artifício explodiam dentro de mim.

— Você conseguiu enviar o documentário para a National Geographic? — perguntou meu pai.

— Você vai ver — respondeu Theo.

Assim que a plateia estava mais ou menos acomodada, Geoffrey prosseguiu com a apresentação, segurando o papel que havíamos imprimido para ele.

— Bem-vindos, amigos e família, inimigos e amigos, a uma noite muito especial em homenagem a um homem muito especial. Como muitos de vocês sabem, Nico Varanakis é um ardoroso caçador de Atlântida há vários anos. Ele superou diversos obstáculos, e esta noite queremos celebrá-lo. Então, sem mais delongas, por favor apreciem *Encontrando Atlântida*, uma produção Kalamata.

— Pronta? — perguntou Theo em meu ouvido.

— Pronta.

Ele olhou nos meus olhos por alguns segundos, fazendo meu coração acelerar e meu corpo se arrepiar. *Depois, Liv*, procurei me lembrar. Depois parecia um tempo terrivelmente longo e terrivelmente curto.

As luzes se apagaram, e a tela se iluminou. Theo tinha feito uma segunda tela de título com as palavras ENCONTRANDO ATLÂNTIDA, ESTRELANDO NICO VARANAKIS sobreposta ao meu mapa e ao do meu pai. Tinha ficado incrível, e todo mundo parecia concordar, porque vários gritos de *uau!* se misturaram aos aplausos.

— Perfeito — falei, com um arrepio.

— Obrigado — disse Theo.

O volume começou alto demais. Tínhamos escolhido uma música instrumental impactante para começar o filme, e quem quer que estivesse controlando a exibição levou um tempo para acertar o som, mas por fim todos ficaram quietos.

A primeira cena abria com meu pai, na véspera da minha chegada a Santorini. Ele estava em seu barco, atracado na baía de Ammoudi, e seu cabelo balançava ao vento. Eu já tinha visto aquilo, claro, mas vê-lo em seu barco parecendo tão esperançoso e tão *e/e* me comoveu mesmo assim.

“O que tem amanhã?”, perguntou a voz do Theo, atrás da câmera.

“É o dia em que a Olive chega”, respondeu meu pai, com um sorriso tão grande que mal dava para ver seus olhos. “E então vou poder levá-la em uma aventura.”

Ouvi meu pai suspirar.

— Mas, Liv, esse não é o documentário para a National Geographic...

— Só assiste — sussurrei de volta.

Tínhamos usado muitas filmagens que Theo fizera do meu pai que não tinham nada a ver com Atlântida, como ele e Ana na cerimônia de inauguração da Livraria Perdida de Atlântida, e ele e Bapou tomando café na padaria da Maria. Havia até algumas entrevistas improvisadas do Theo perguntando ao meu pai sobre o lugar em que ele crescera e o tempo que vivera nos Estados Unidos. Se eu não tivesse acompanhado o processo, suspeitaria que Theo na verdade vinha planejando aquele filme o tempo todo.

O documentário também mostrava os meses que antecederam à minha chegada. Theo tinha razão. Meu pai havia mesmo se dedicado muito à pesquisa e ao trabalho, investindo toda a energia para encontrar uma maneira de tornar Atlântida real para mim. Theo tinha filmagens desde o dia em que meu pai me mandara o primeiro cartão-postal até quando receberam a notícia de que a National Geographic tinha aceitado a proposta do documentário. Naquela hora, meu pai na tela chorava e dizia a Theo que precisava ir escrever um cartão-postal. Em quase todas as cenas, independentemente do que estivesse fazendo — passeando de barco pela baía, estudando outra tradução do *Livro dos mortos egípcio* —, meu pai explicava por que o fazia: *para dar Atlântida a Olive*.

Eu já tinha assistido àquilo tudo umas dez vezes, mas não conseguia segurar as lágrimas.

Com cerca de dez minutos de filme, eu aparecia, confusa e irritada, no aeroporto. Minha clara desconfiança do Theo rendeu

boas risadas. Em certo momento, o verdadeiro Theo estendeu a mão e apertou meu braço, o que aliviou um pouco a tensão em meu peito.

Foi muito doloroso reassistir a várias partes do filme: o quanto eu estava apavorada de rever meu pai, e todo o constrangimento daquele reencontro, nós dois congelados no terraço. Também a parte em que eu chorava na minha festa de aniversário, a dor e a impotência do meu pai tão evidentes em retrospecto.

De lá, passamos à procura por Atlântida. Na nova versão do nosso documentário, cortáramos a maior parte das filmagens que tínhamos nos empenhado tanto em conseguir. Em vez das explicações do meu pai sobre Platão ou a civilização minoica, preferimos nos concentrar nas tomadas periféricas: eu maquiando meu pai, ele olhando para a água, nós dois admirando o quadro de Hugo na torre veneziana.

Isso me lembrou de quando eu fazia biscoitos com Julius — era como se, em vez de usarmos as formas cortadas da massa, usássemos as sobras e, assim, mostrássemos a história real. O documentário não era sobre encontrar uma cidade dourada. Era sobre *nós*.

Eu olhava furtivamente para o meu pai o tempo todo. Ele estava com o olhar fixo na tela, o corpo inteiro focado e alerta.

Por fim, a última cena, filmada na noite anterior. Começava comigo sentada à mesa da livraria, os mapas do meu pai abertos à minha frente, minha caixa de sapatos em destaque. Eu parecia nervosa e cansada, e claramente não tinha me ocorrido pentear o cabelo ou vestir algo que não parecesse ter saído do fundo de uma

mala, mas meus olhos estavam concentrados, como os do meu pai sempre estavam em cena.

Minha voz ressoou pelo cinema.

“Quando meu pai foi embora, deixou vinte e seis coisas para trás. Muitas eram lixo, mas guardei tudo mesmo assim.”

Minha voz soou estranha para mim, e, ao me ver em cena, me senti mais vulnerável do que nunca. Era um espelho sobre o qual eu não tinha o menor controle, todos os meus movimentos ampliados. Notei a maneira como eu mexia no cabelo sempre que estava constrangida ou como mordida o lábio inferior quando tentava não chorar.

No filme, mostrei nossos mapas, todos os cantos em que eu tinha desenhado, todas as coisas com que eu me importava porque meu pai tinha se importado com elas primeiro. Falei sobre como tinha sido quando ele foi embora, como eu tinha ficado confusa e magoada, e sobre as vinte e seis coisas que meu pai havia deixado para trás, cada uma documentando um pedaço da nossa história.

Quando cheguei ao item número vinte e seis, as palavras ficaram mais difíceis. Todos os vinte e seis estavam dispostos na mesa à minha frente e, quando olhei para a câmera, me esforçava para conter as lágrimas.

“O último item da lista sempre foi o mais difícil de aceitar, porque era pessoal e era algo que eu sabia que importava para ele, talvez mais do que qualquer outra coisa. Era fácil identificar os defeitos nos outros itens. Eu entendia por que ele os deixara para trás. Mas este era diferente.”

Então eu levantava minha lista, e Theo dava um zoom para que pudessem ler o que estava escrito. #26. EU.

Eu continuei a falar na tela.

“O número vinte e seis era eu. Eu não entendia por que ele havia me deixado para trás com todas as outras coisas. Ele achou que precisava se afastar. E eu entendo isso agora. Achei que tivéssemos perdido um ao outro. Mas às vezes coisas perdidas podem ser encontradas.”

Então, inesperadamente, o filme cortava para o meu pai. Ele estava em pé à beira-mar, as mãos nos bolsos, como se não tivesse percebido que Theo o espiava.

Eu me virei para Theo, intrigada.

— Você acrescentou uma cena?

Ele deu de ombros, um sorriso travesso se formando em seus lábios.

— Estava faltando alguma coisa.

“Nico”, chamou Theo em cena. “Você procurou a cidade perdida durante toda a sua vida. Em um artigo recente, você disse: ‘Atlântida significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Ilha ou não, é um símbolo das coisas que mais importam para nós.’ Então me diga uma coisa, Nico. Qual é a *sua* Atlântida?”

Na tela, meu pai se virava e sorria, o braço estendido mostrando sua tatuagem.

— Olive. Ela é minha Atlântida.

Eu não conseguia mais enxergar a tela, meus olhos estavam embaçados. A mão do meu pai estava na minha, e eu nem tinha notado quando ele fizera isso.

E então a última fala do filme, a que eu tinha escolhido. Eu olhava para a frente, como se pudesse ver a plateia, como se pudesse ver o meu pai.

“Nós encontramos, pai. Finalmente encontramos Atlântida.”



Capítulo 26



#26. EU

QUANDO A TELA ESCURECEU, MEU PAI ME ENVOLVEU EM UM ABRAÇO esmagador, com o braço da cadeira me machucando, e ficamos assim por um bom tempo, encharcando o ombro um do outro de lágrimas.

— Uau — disse ele.

— É verdade? — perguntei. — O que você disse ali?

— Sempre foi verdade. — Ele se afastou, enxugando os olhos. — Bem, nós encontramos Atlântida. E agora, o que vamos fazer?

Eu ri, limpando as lágrimas e a maquiagem que escorriam pelo meu rosto.

— Agora acho que você deveria cumprimentar seus fãs. É o seu grande momento.

Apontei para a parte de trás do cinema. O pessoal do bufê arrumava pratos elaborados, supervisionados por Bapou — todo mandão e elegante em seu terno de três peças — e Geoffrey, que tinha uma certa bailarina agarrada ao braço. Os alto-falantes do cinema crepitaram, e luzes coloridas iluminaram o jardim enquanto uma música estilo *big band* começava a tocar. O momento perfeito.

— Uau — repetiu meu pai.

Seus olhos brilhavam e, enquanto eu o observava absorver aquilo, as emoções me invadiram, todas misturadas. Eu estava feliz, mas também era muito avassalador. A energia das pessoas era palpável. Todos não viam a hora de nos cumprimentar e mostrar seu carinho e admiração. Eu me sentia grata por isso, mas já estava no limite. Uma gota a mais, e transbordaria. Eu precisava de ar. Ou de água. De algo.

Também havia mais uma coisa na minha agenda para aquela noite. Uma coisa importante. Antes que eu perdesse a coragem, segurei a manga do terno de Theo.

— Podemos ir a algum lugar? Eu e você?

Seu olhar encontrou o meu, e estremei ao perceber a surpresa nele.

— Aonde?

Apontei para a saída do cinema.

— Lá fora?

Ele hesitou, dando uma olhada ao redor. As pessoas começavam a vir em nossa direção. Mais dez segundos, e estaríamos em suas garras, e nunca conseguiríamos escapar. Então reparei na bolsa de sua câmera e tive uma ideia brilhante.

— Quero gravar uma última entrevista.

— Está bem — concordou Theo, a voz demonstrando interesse.

Eu sabia que ele não recusaria uma entrevista. Fui inundada de alívio e suspirei, prendendo os dedos na saia do vestido.

— Vamos.

Sáímos pela entrada lateral, escapando de toda aquela luz e caos em direção à quietude fria da noite de Kamari.

Achei que saberia exatamente o que dizer no segundo em que deixássemos a comoção para trás, mas eu não fazia ideia. O clima ficou silencioso e constrangedor, e Theo me encarava ansioso.

— Onde você quer gravar a entrevista?

— Que tal perto da água? — sugeri.

Saí depressa pela rua escura, sem olhar para trás, porque não sabia como reagiria se Theo não viesse comigo.

Felizmente, ele me seguiu.

Foi uma caminhada longa e silenciosa, e eu estava nervosa demais para tentar puxar conversa. Kamari não tinha muita iluminação pública e, quando chegamos à praia, o céu escuro se mesclava perfeitamente ao roxo do oceano, as estrelas firmando o céu. Os restaurantes à beira-mar estavam movimentados, mas tudo além do calçadão estava escuro e quieto. Minhas mãos tremiam.

— Quer continuar? — perguntou ele, olhando para a minha roupa.

— Sim.

Tirei as sandálias, enrolei a ponta do vestido na mão e pisei na areia fria. Eu precisaria do oceano.

Enquanto caminhávamos até a água, olhei para as estrelas. Cada uma delas parecia minúscula, mas essencial em seu próprio trabalho. Aquela noite seria importante. Eu sabia que sim. Era bem provável que eu me arrependesse do que estava prestes a fazer, mas também sabia que com certeza me arrependeria se *não* fizesse. Eu não aguentaria levar aquelas palavras de volta para Seattle comigo. Tinha que arriscar.

Quando finalmente cheguei à beira d'água, joguei minhas sandálias para o lado e me virei para ele. Theo também tinha tirado

os sapatos e enrolado as pernas das calças. Como sempre, o luar lhe favorecia. Se olhasse para ele por muito tempo, acabaria perdendo a coragem. Portanto, encarei a água borbulhando ao redor dos meus pés descalços e me lembrei de respirar.

— Tem certeza de que quer filmar aqui? — perguntou Theo, abrindo o zíper da bolsa da câmera. — Está muito escuro.

Minhas mãos tremiam, mas eu assenti.

— Acho que vai ser perfeito. Quando você quiser.

— Está bem.

Ele ajoelhou e pegou a câmera, ligando-a antes de colocá-la no ombro.

Vou mesmo fazer isso? Posso mesmo pedir por uma única noite?

Mas eu só tinha aquela noite. Depois, voltaria para o hotel com minha mãe e, no dia seguinte, iria embora, e aí qualquer chance que eu tinha com Theo evaporaria. Precisava ser *ali*. Eu tinha de agir.

— Três... dois... um — disse Theo, e o tempo para decisões acabou.

Uma onda fria atingiu minhas panturrilhas, e respirei fundo o ar salgado. Eu não tinha planejado fazer aquilo diante da câmera, e só me restava ir no improviso mesmo. Eu precisava começar a falar. Então começaria com... azeitonas. Por que não?

Limpei a garganta, meu coração martelando no peito, e encarei a lente da câmera.

— Existe uma história sobre como as oliveiras chegaram à Grécia. Faz parte de uma lenda. Quando a cidade de Atenas se formou, houve uma competição entre os deuses. Quem desse ao povo o melhor presente teria a honra de ser o protetor da cidade. Poseidon

foi o primeiro. Ele bateu em uma rocha com seu tridente, e a água jorrou. Se o escolhessem, eles teriam o poder do mar.

Eu tinha afundado até os tornozelos na areia, a água batia nas minhas pernas, mas estava nervosa demais para me mover. Theo alternava o peso do corpo de um pé para o outro, visivelmente intrigado. *Por que estamos aqui fazendo isso?*

Porque eu precisava. *Me acompanha, Theo.*

— Atena, a deusa da sabedoria, foi a próxima. Ela bateu em uma rocha com sua lança, e uma oliveira apareceu. Era um símbolo de paz e riqueza. Os cidadãos escolheram o presente dela e nomearam a cidade em sua homenagem. Reza a lenda que todas as oliveiras na Grécia são descendentes dessa primeira árvore.

— Que informação interessante — comentou Theo por trás da câmera.

Eu estava nervosa demais para sorrir. A parte difícil vinha a seguir. Bem naquele momento, a lua saiu de trás das nuvens e brilhou na água como um holofote.

Não estava ajudando.

Tirei um pé da areia, segurando as pontas do meu vestido.

— Esta é a parte mais importante. Vou me apresentar de novo, está bem?

Theo tirou o rosto de trás da câmera.

— Eu sei quem você é, Kalamata.

— Eu sei. Isso é para mim.

A água estava tão fria que meus tornozelos começaram a ficar dormentes, mas procurei me controlar, e fiz minha voz soar alta e clara.

— Meu pai se chama Nico Varanakis. Ele é grego e estuda a cidade perdida de Atlântida. Ele também enfrenta dificuldades por conta de um transtorno mental. Quando eu tinha oito anos, ele deixou minha mãe e a mim e voltou para a Grécia. Depois disso, minha mãe e eu penamos um pouco. Tínhamos que nos mudar constantemente, e eu me sentia tão sozinha e desolada que decidi que a única maneira de sobreviver era me tornar outra pessoa.

Fui tomada por um afeto avassalador ao pensar naquela garota. Ela fizera o necessário para sobreviver.

— Mas eu estava fingindo, às vezes até me esquecendo das coisas que realmente importavam para mim. Gosto de desenhar, de filmes antigos e de maquiagem. Odeio correr. *Odeio*. Quero cursar faculdade de arte. E aprendi a gostar de rap francês.

Ouvi um risinho por trás da câmera.

— O que quero dizer é: oi, meu nome é Olive. Você pode me chamar assim de agora em diante. Além disso...

Enfiei os dedos dos pés na areia, desejando que as palavras certas saíssem.

— Conheci alguém aqui em Santorini. Alguém que sabe muitos fatos sobre azeitonas e sempre encontra os piores momentos para enfiar uma câmera no rosto de uma pessoa. Mas eu gosto desse alguém. Muito. Ele não acredita em relacionamentos a distância, o que significa que seria só por esta noite, mas tenho que dizer isso para ele mesmo assim. Gosto muito desse alguém e quero ficar com ele.

Pronto, eu tinha falado. Mais ou menos. Uma onda me atingiu na altura da canela, me parabenizando, mas me mantive firme mesmo durante uma...

Longa.

Longa.

Longa.

Pausa.

A câmera baixou devagar, e nós dois nos encaramos. O calçadão iluminado era o cenário perfeito para ele, o luar suavizando suas feições. Pela primeira vez, não consegui ler sua expressão. Theo estava surpreso? Chateado? Tentando descobrir como me rejeitar? Meu coração parecia prestes a sair do peito.

— Eu meio que já estava chamando você de Olive, considerando que Kalamata é uma azeitona e tudo o mais — respondeu ele, por fim.

Não era bem o que eu tinha em mente.

— Theo — falei, com um gemido. — Você não vai comentar a outra parte do que eu disse?

— Vou chegar lá — garantiu ele.

Cobri meu rosto com as mãos. Aquilo era um desastre. Talvez uma confissão não tivesse sido uma boa ideia, mas já era tarde. Eu precisava continuar. *Não pensa, só fala.*

Baixei as mãos, me forçando a encarar seu rosto perfeito. Havia uma dúvida ali. Qual era?

— Dax e eu terminamos — disparei.

Ele se encolheu. Ai, talvez eu devesse ter contado aquilo de forma um pouco mais delicada.

— Ontem à noite — continuei. — Nós terminamos ontem à noite depois que você foi embora.

— Ah — disse ele, relaxando os ombros ligeiramente. — Sinto muito.

Mais uma vez, nenhum incentivo. *Continue.*

— Fui eu que terminei com ele — anunciei, mudando o peso para a ponta dos pés e me recompondo. — Ele não me conhecia de verdade. E, sinceramente, não era culpa dele. Eu tinha criado uma nova versão de mim mesma para me encaixar. Como uma tática de sobrevivência.

— Às vezes isso ajuda.

Seu olhar finalmente encontrou o meu, e senti um calafrio. Eu não aguentava mais.

— Theo! No que você está pensando?

Ele avançou um pouco, um movimento que mais senti do que vi.

— É normal gritar com as pessoas durante esse tipo de coisa? — perguntou ele.

Grunhi.

— Não. Talvez. Nunca fiz isso antes.

— Hum — disse ele.

Duas ondas vieram e se foram. Mais dez segundos daquele silêncio, e eu seria obrigada a me jogar na água e deixar que ela me levasse embora. Eu precisava que ele me desse *qualquer coisa*.

— Theo? — chamei.

— Me conta mais sobre esse outro cara — pediu ele por fim.

Uma grande onda avançou ao meu redor, e quase caí de alívio.

— Nunca conheci ninguém como ele. Eu estranhei no começo. Ele era meio intrometido e persistente de um jeito irritante. Mas ele também é muito inteligente e corajoso e muito, muito leal. Além de ser bem engraçado.

Aquilo foi um sorriso? Eu não tinha certeza. Theo enfiou no bolso a mão livre.

— *Muito* engraçado?

— Não tanto quanto ele pensa que é — falei depressa.

— Hum. E a aparência física? Ele é bonito?

— *Irritantemente* bonito.

— Ele parece... irritante.

Theo mordeu o lábio inferior, e agarrei meu vestido com mais força.

— Às vezes — falei. — Mas em geral de um jeito bom. Ele não me deixa evitar as coisas, e, por mais que eu odeie isso, acho que precisava de alguém assim na minha vida.

— Hum — disse ele outra vez. — Você não está me convencendo muito sobre esse cara. E o cabelo dele? É bonito?

— Precisa de um trato.

— Abdômen? Físico geral? — Theo estendeu o braço. — Ele é estiloso?

— Não força a barra.

Eu sorri, e meu pânico se transformou em outra coisa. Esperança? Nós nos olhávamos fixamente. Como se desafiássemos um ao outro. Expirei devagar.

— Mas tem um grande problema. Esse cara mora na Grécia, e eu, nos Estados Unidos, e ele tem umas regras bem rígidas sobre como viver a vida, e definitivamente não namora a distância, o que significa que, para rolar alguma coisa entre nós, ou ele vai ter que abrir uma exceção, ou eu terei que me contentar com...

Fiz questão de fingir que consultava meu celular.

—... as quarenta e oito horas que me restam.

— Quarenta e oito horas é bem pouco tempo. — Theo me olhou, pensativo. — Obviamente estou só especulando, mas é possível que

esse cara tenha criado essas regras antes de conhecer você. E não importa o quanto pense que sabe de tudo, ele não sabe. Estamos na *era da internet*, Olive. Ele pode pegar um avião. Ou visitar você nas férias. Talvez você até comece a passar mais tempo em Santorini com seu pai, embora eu duvide que seus pais voltem a deixar você ficar no quatinho. Na pior das hipóteses, vocês podem escrever cartas um para o outro e definhar de tristeza como todos os outros casais em um relacionamento a distância. Não é *tão* ruim assim.

Minha risada ficou presa na garganta. Ele estava dizendo tudo o que eu queria ouvir, mas ainda não tinha se mexido. Por que estava *tão* distante?

— Então... — instiguei.

Ele pegou a câmera.

— Tudo bem se fizermos mais uma entrevista?

Meu queixo caiu.

— *Agora?*

— A última.

Ele apontou a câmera para o meu rosto.

— Olive. Como é ser filha de um caçador de Atlântida e namorada de um famoso cineasta da National Geographic?

Desde a última vez que Theo me fizera uma pergunta semelhante, parecia que uma vida inteira tinha se passado. O alívio tomou conta de mim, eliminando todo o medo que restara. Aquilo estava acontecendo de verdade.

— É...

Eu me esforcei para manter meu rosto sério, mas, mesmo mordendo o lábio, não consegui conter meu sorriso. O oceano suspirava profundamente atrás de mim, e eu ali, bem na beirada.

Ainda demoraria para chegar ao fundo, mas eu tinha tempo. Tempo merecido.

A brisa aumentou, soprando as pontas do meu cabelo no meu rosto. Olhei para Theo.

— É bom. Agora, por favor, desliga esse troço.

Ele veio ao meu encontro na água. E de repente minha boca estava na dele, e eu senti seu sorriso enquanto me beijava, e eu sorri também, porque nunca tive ideia de como seria beijar alguém sendo Olive, muito menos como seria beijar *Theo* sendo Olive. Ele passou os braços pela minha cintura e me levantou até as pontas dos meus pés saírem do mar. Eu queria beijá-lo pelos próximos onze mil anos, até um vulcão entrar em erupção e uma civilização inteira afundar no mar.

Minha mão encontrou a dele, e nossos dedos se entrelaçaram — e se encaixaram. Nós não nos soltamos nem quando arrastamos espreguiçadeiras até o mar para ficar vendo a lua, ou quando a maior onda da noite tentou nos arrastar, nem quando subimos, pingando, de volta à festa para nos juntarmos à minha família recém-reunida.

Eu ainda tinha muitas descobertas a fazer. Nem tudo o que estava perdido fora encontrado, mas de uma coisa eu tinha absoluta certeza: eu continuaria procurando. O que quer que acontecesse, eu continuaria procurando até que todas as partes fossem encontradas.

Olive sempre foi boa nisso.

Nota da autora

POSSO DIZER COM SEGURANÇA QUE PASSEI MUITO MAIS TEMPO pesquisando Atlântida do que era necessário, e com isso quero dizer que fiquei completamente obcecada durante uns três meses e até passei um breve período dizendo a todos ao meu redor que não só a cidade perdida existia, como também eu tinha quase certeza de que sabia onde ficava.

Tenho amigos muito amáveis e muito pacientes. Além dos balconistas do Trader Joe's.

Embora eu tenha consultado uma quantidade realmente chocante de informações (obrigada, internet!), havia algumas fontes às quais eu voltava quase diariamente, e eu seria negligente se não as listasse aqui para expressar minha eterna gratidão e afeição. Eu não poderia ter lançado meus personagens em sua caçada a Atlântida sem o seguinte material:

"Can Santorini Be Atlantis?" é um vídeo postado no YouTube por Harry Coote, em 2015. Se você verificasse em meu computador o número de vezes que assisti a esse vídeo charmoso e informativo, se preocuparia comigo. Assista aqui e perceba que Nico Varanakis realmente sabia do que estava falando:
<https://www.youtube.com/watch?v=vbuHQR7URe0>

"Lost City of Atlantis" é um documentário da série *World of Mysteries* e o único programa a que assisti duas vezes seguidas (em uma cafeteria) enquanto fazia anotações frenéticas em um caderno. Tenho um amor profundo por esse documentário. (A geologia! A

arqueologia! A moda do final dos anos 1990!) Adorei em especial as contribuições de Don Pastras. Não consegui localizá-lo, mas, se alguém conhecer o Don, pode, por favor, me falar, para que eu possa lhe enviar meu livro e talvez um buquê de ramos de oliveira? Obrigada. Se quiser assistir ao documentário, você pode encontrá-lo aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=MScbhEYUgB0>.

Meet Me in Atlantis: Across Three Continents in Search of the Legendary Sunken City, um livro de Mark Adams. O sr. Adams estava claramente sofrendo da mesma febre por Atlântida que eu, e seu livro foi não só extremamente educativo, como muito divertido. Leitores, vocês deveriam ler o livro dele em seguida.

Claro, se quiser ir direto à fonte, você deve ler Platão. Em inglês, sugiro *Timaeus and Critias* (Oxford World's Classics), com uma nova tradução de Robin Waterfield, e posso sugerir que o acompanhe com uma xícara bem grande de café e seus moletons mais confortáveis?

Às várias outras pessoas que escreveram em blogs, postaram em fóruns e publicaram artigos sobre Atlântida, meu muito obrigada. Fiquei completamente encantada e intrigada com a sua comunidade, e fico muito feliz que estejam à procura de magia. Espero que encontrem suas cidades douradas, mas, se não, espero que se divirtam muito procurando.

Agradecimentos

SE VOCÊ ESTEVE A UM RAIOS DE QUINZE QUILOMETROS DE MIM AO LONGO de 2019, então sabe que o fato de este livro existir é um milagre pessoal. Obrigada por testemunhá-lo.

Um agradecimento do tamanho de um vulcão ao meu pai, Richard Paul Evans, pela hora que passamos em minha cafeteria conversando sobre aonde essa história estava tentando chegar — eu não poderia ter escrito isso sem você. Obrigada por sempre acreditar que eu conseguiria.

Meu muito obrigada também a:

Atlantis Books, em Oia, por ser tão absolutamente mágica e por me mostrar seu quarto escondido.

Nicole Ellul, por todo o entusiasmo e sugestões incríveis, e por me impedir de usar a palavra “apenas” quinhentas vezes no rascunho final.

Equipe da Simon Pulse, por ser minha primeira casa editorial e por todo o trabalho e cuidado que dedicou aos meus livros. Isso inclui Rebecca Vitkus, Nicole Russo, Caitlin Sweeny, Alissa Nigro, Jessi Smith, Sarah Creech, Tom Daly, Thandi Jackson, Savannah Breckenridge, Elizabeth Mims, Penina Lopez, Sara Berko e Karina Granda, pela arte de capa.

Mara Anastas, por ser adorável e dedicada e alguém com quem adoro conversar. Há cinco anos, você apostou em mim e nunca vou me esquecer disso.

Laurie Liss, pelas centenas de ligações e secagem de lágrimas a distância.

Garrett Despain, por me ajudar a entrar de penetra em um set de filmagem.

Anastasia Berco, por me dar um vislumbre de como é a vida de um adolescente grego.

Chrystal Checketts, por toda a sabedoria e amor e aquele charuto fedorento, e especialmente pela noite da nossa cerimônia da lua no quintal onde tudo ficou muito claro.

Amanda Davis, por me contar a história perfeita e por amar nosso amigo.

Dra. Bilder, por ver o que ninguém mais viu.

Rachelle, do Scuba Utah, por responder a várias perguntas intensas quando provavelmente só queria que eu me concentrasse em respirar pelo meu regulador.

A comunidade fabulosamente interessante de pessoas que escrevem artigos e livros sobre como encontrar Atlântida.

Os amigos e familiares que formaram a rede que tornou este livro possível durante um momento extremamente difícil. Vou tentar mandar menos memes do sapo Caco desesperado para vocês no futuro. (Não prometo nada.)

David. Sei que isso não foi, de forma alguma, nem um pouquinho fácil para você. Obrigada por cada sacrifício que fez para me ajudar a criar este livro. Quando estiver lendo isto, teremos oficialmente cruzado a marca de ter passado mais tempo da nossa vida juntos do que separados. Uau!

Sam e Nora, cidades douradas por si só.

Meus leitores, sua existência é outro milagre pessoal. Dei mais do que tinha para dar neste livro e espero que ele os anime e lhes traga alegria.

O Universo, por me mandar um mapa e vinte e seis coisas. Obrigada e, por favor, me mande outra história!

E, por fim, obrigada a mim, por ser a única pessoa que sabe o que foi preciso para não desistir.

Sobre a autora



© Maggie Herbst/Echo Photography

JENNA EVANS WELCH é uma leitora voraz desde criança, então não teve escolha a não ser virar escritora. Seus livros *Amor & gelato* e *Amor & sorte* se tornaram best-sellers e foram publicado em cerca de vinte países. Ela mora em Salt Lake City, nos Estados Unidos, com o marido e os dois filhos.

Siga Jenna no Instagram

[@jennaevanswelch](https://www.instagram.com/jennaevanswelch)

Leia também



As férias da minha vida
Clara Savelli



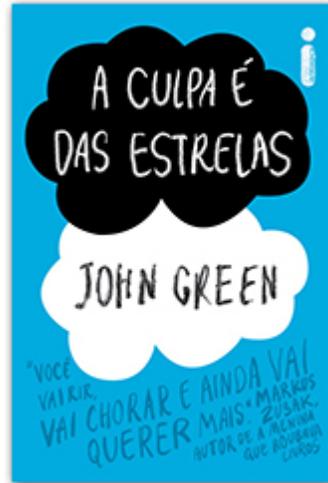
Teto para dois
Beth O'Leary



Contato de emergência
Mary H. K. Choi



Série Para todos os garotos que já amei – Box digital
Jenny Han



A culpa é das estrelas
John Green